Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by

Dr. Antonio Gomes

Da Rocha Madahil

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/chronicadomuitoa00galv

CHRONICA
DELREY
D. AFFONSO
HENRIQUES
POR
DUARTE GALVAÕ

CARLOTTA

DE

D'ALTOCHIO

HERMOSILLOS

POR

DUARTE GALVAO

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO HENRIQUES

PRIMEIRO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR DUARTE GALVAÕ,

Fidalgo da Caſa Real, e Chroniſta Mor do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL, QUE

ſe conſerva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVI.

Com todas as licenças neceſſarias.

SENHOR.

DROSTRADO AOS Reays pés de V. Mageſtade, lhe offereço a Chronica do Fundador da ſua glorioſa Monarchia o Santo Rey D. Affonſo Henriques decimo quinto Avo de V. Mageſtade, que ha mais de dous ſeculos

ſeculos eſcreveo Duarte Gualvaõ, taõ eſtimado do Senhores Reys de Portugal, como o dizem os grandes lugares, em que o occupáraõ, eſpecialmente o Senhor Rey D. Manoel quinto Avo de V. Mageſtade, em cujo Reynado ſe vio com mayor admiraçaõ a grande capacidade deſte Chroniſta. Aceite V. Mageſtade com a ſua Real, e coſtumada benignidade eſte meu pequeno obſequio, para que deſta ſórte animado poſſa continuar com a impreſſaõ das outras Chronicas dos Sereniſſimos Predeceſſores de V. Mageſtade. Deos guarde a V. Mageſtade muitos annos como deſejamos, e havemos de miſter.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNAÕ TELLES DA SYLVA

MARQUES DE ALEGRETE DOS CONSELHOS DE ESTADO, e Guerra del-Rey Noſſo Senhor, Gentil-homem de ſua Camara, Vèdor de ſua fazenda, Embayxador extraordinario à Corte de Vienna, ao Sereniſſimo Emperador Joſeph, e Condutor da Sereniſſima Rainha Noſſa Senhora a eſtes Reynos, Academico, e Cenſor da Academia Real da Hiſtoria Portugueſa, &c.

DEPOIS de ter reſoluto dedicar eſta Chronica del-Rey D. Affonſo Henriques a ElRey Noſſo Senhor, naõ podia ter duvida em que foſſe Voſſa Excellencia quem lha offereceſſe em meu nome. Se para ſe conſultarem os Oraculos, ſe procuravaõ aquellas peſſoas, que eraõ dedicadas aos Templos

Templos em que elles reſpondiaõ, juſtamente dezejo a protecçaõ de Voſſa Excellencia para hum Oraculo taõ Soberano, que o merece ſer de todo o mundo. A proporçaõ he o que mais ſe deve de procurar, e ſendo aſſim, naõ póde Voſſa Excellencia accuzar a confiança, com que lhe peço, offereça eſte livro a S. Mageſtade que Deos guarde, pois he para eſte fim hum meyo taõ proporcinado, que o meſmo Principe elegeo a Voſſa Excellencia para lhe aſſiſtir com a peſſoa no ſeu Palacio, e com as prudentes experiencias do ſeu grande entendimento aos negocios mais importãtes de toda a Monarchia. Deos guarde à Voſſa Excellencia muitos annos como dezejo.

Criado de Voſſa Excellencia

MIGUEL LOPES FERREYRA.

MIGUEL LOPES FERREIRA

AO LEITOR.

PELA Chronica do primeiro Rey de Portugal começo a satisfazer a promessa de dar ao Prelo todas as Chronicas dos nossos Reys, que até agora se conservavaõ manuscritas. Esta do fundador glorioso do Imperio Portuguez tem mais de dous seculos de antiguidade, porque seu Author Duarte Galvaõ falleceu na Ilha de Camaraõ a 9. de Junho do anno de mil e quinhentos e dezasete. A authoridade de quem a escreveu naõ he menor, porque o Pay deste Chronista foy Ruy Galvaõ Secretario, e Escrivaõ da Puridade de ElRey D. Affonso V. de Portugal, lugares taõ grandes, e taõ immediatos á Magestade, que suppõem illustre a quem os exercita. Duarte Galvaõ seu filho foy do Conselho dos Reys D. Joaõ o II. e D. Manoel, Chronista Mór do Reyno, Alcaide Mòr de Leiria, doutissimo nas Letras humanas, e Embaixador a França, e Alemanha, e ultimamente ao Preste Joaõ, levando em sua companhia ao Embaixador Mattheus, que da Corte do Abexim tinha passado à de Portugal, vencidas, e compostas as injustissimas duvidas da sua verdade. O irmaõ deste Chronista foy D. Joaõ Galvaõ, que depois dos mayores lugares da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, sendo Bispo da mesma Cidade, lhe fez mercê ElRey D. Affonso V. do Titulo de Conde de Arganil, que até agora se conserva nos seus Successores, e desta Mitra passou para a de Braga. Nesta Historia se achaõ alguns pontos encontrados com a verdade, o que de nenhum modo se deve de attribuir a malicia do Author senaõ a que naquelle tempo devia de ser esta a tradiçaõ, que havia entre nós mal fundada no principio, e peyor continuada na boca dos que a passavaõ a outros, em que como he natural; cada dia se vay de figurando, e perdendo a sua fórma verdadeira. Estes descuidos emendou doutissimamente o Doutor Fr. Antonio Brandaõ na Terceira Parte da Monarchia Lusitana, porque examinou a verdade no segredo dos Cartorios,

em que eſtava ſepultada. Algumas peſſoas me aconſelhavaõ, que lhe fizeſſe notas, porèm ſegui o parecer de outras, que aſſentáraõ, que como eſta Chronica ſe imprimia para os que ſabem, elles naõ ignoraõ pela liçaõ de Fr. Antonio Brandaõ, o que he tradiçaõ errada. Sahe pois a Chronica de El Rey D. Affonſo Henriques da ſórte que a eſcreveu Duarte Galvaõ, e lhe fiz o beneficio de lhe ordenar hum Index para utilidade de todos. Agradeça o Leitor o meu cuidado, que brevemente lhe darey impreſſas todas as mais Chronicas manuſcritas dos noſſos Reys, e entre ellas a de El Rey D. Joaõ o II. que eſcreveu Ruy de Pina, taõ rara como deſejada.

VALE.

PROLOGUO

DO AUTHOR.

DEREGIDO AHO SERENISSIMO, E MUITO Poderoſo Principe ElRey D. Manoel noſſo Senhor, ſobre has vidas, e excellentes feytos dos Reys de Portugual, ſeus Anteceſſores, ordenados, e eſcritos por ſeu mandado, por Duarte Gualvaõ Fidalguo da ſua Caſa, e do ſeu Conſelho, no quoal falla do grande louvor deſtos meſmos Reys de Portugual.

MUITO devem, Sereniſſimo Senhor, trabalhar hos homens, por em ſua vida obrarem vertudes, paraque mereçaõ ha Deos no outro mũdo, e neſte leyxem de ſeu tempo memoria, nom ſóomente, que viveraõ, ho que has animalias tem por iguoal comnoſquo; mas que bem, e louvadamente paſſaraõ ſua vida, que hee proprio do homem, ho qual tendo ha vida, em dias breve, com ha virtude que obra, ha faz longua, e durar mais des que morre, vivendo depois de morto no outro mundo, por gloria, e neſte por exemplo aſſi, que para nós neceſſario nos hee noſſa virtuoſa vida, e para hos outros noſſa virtuoſa fama; eſto como quer que convem ha todos, muito mais cabe em hos Principes, e Reys fazelo, cuja mayor excellencia de ſeu nome traz loguo mayor obriguaçaõ de ſeu carreguo, que hee ſerem Reys poſtos por Deos, para regedores principaes na terra ſobre hos outros homens para execuçaõ, e exemplo de toda perfeyta virtude, mas pois que toda deſpoſiçaõ para obrar virtudes por muito que naça com ha peſſoa nom póde ſer comprida, nem aver perfeyçaõ ſe nom por ajuda, e graça Divinal. Grandes, e perpetus louvores devem ſer dados ha noſſo Senhor, por todos hos naturaes do Reyno de Portugual, por tanto participar de ſua graça, com hos Reys voſſos Anteceſſores, e com voſſa Real peſſoa, com tam clara moſtrança de hos querer honrar, e eſcolher para ſeu ſanto ſerviço, exalçamento da ſua Santa Fèe, de maneyra, que para ſe mais moſtrar que vinha delle, e por elle, ſegundo em ſeus grandes myſterios ſempre neſte mundo, atée em ſy meſmo eſcolheo ho menos, para fazer, ou desfazer ho mais, e ho bayxo para ſe fazer conhecer por mais alto, lhe aprouve dar graça, e poder ha voſſos Anteceſſores por onde no Reyno, e ſenhorio menos de outros que vemos na Chriſtandade, alcançáram por ſuas louvadas famas, e obras, em todo genero

de louvor, e virtudes grande, e aſſinado merecimento para ho outro mundo, e neſte muita honra, fama, e proveyto, para ſua Real Coroa, e de ſeus Reynos, e eſto entam poucas idades, que ſe has contarmos parece muy pouquo tempo, e ſegundo ha grandeza de ſuas obras julguarſeà por infindo, querendo noſſo Senhor, que aſſi como no deſejo, e fervor de ſerviço em eſpecial de punhar pela Fée voſſos Anteceſſores foſſem ſempre muy ſingulares; aſſi foſſe ſingular antre hos outros Principes neſſa parte, e em outra ſeu louvor, remunerando-lhes noſſo Senhor niſſo ſeus grandes merecimentos como hoje em dia faz ha voſſa Real Alteza, ſegundo ſe grandemente manifeſta no grande louvor, e nom menos myſterio de voſſas muy louvadas, e excellentes obras; has quais bem cõdradas concludem, e claramente moſtram nom menos, que voſſo Divino nome ſer Deos comnoſquo, e cõ ho bem deſtes Reynos mais que de antes; dando-vos nellos para hodiante como fruito moſtrado, e prometido, no grande em florecer de voſſos Anteceſſores, eſcuzame, Senhor, de ſer, nem parecer adulaçam; ho que diguo.

Primeyramente voſſa ſucceſſam neſtos Reynos por noſſo Senhor tam claramente querida, e ordenada levando para ſy tantos; que vos nela precediam, ſegundo ſeus ocultos Juizos, porém ſempre juſtos, e eſcuzame ho grande fervor, que loguo poz em voſſo virtuoſo coraçam para ſeu ſerviço, em tirar Judeus, e Mouros deſtos Reynos por tal, que lançado fóra todo Judayco; e Moſometico culto, ficaſſe ſóo ho verdadeyro de ſua Chriſtãa Religiaõ; e eſcuzame eſſo meſmo voſſa perſeverante devaçam, e cuydado; em proſeguir; e obrar por maar, e terra, guerra contra Mouros; em as partes Dafrica, do que nom ſatisfeito voſſo manhanimo coraçam, e deſejo, que ſempre hàa por menos ho muito de tam ſantas emprezas, nom leyxou de mãdar ha Levãte por maar Armada de muy nobre gente; mayor do que des memoria de homens, ſem Rey ſayo deſtos Reynos em ſoccorro da Chriſtandade contra hos Turcos, e por Capitam della D. Johão de Menezes Conde de Tarouca voſſo Moordomo Mor, e Capitaõ da Cidade de Tanger, muy dino de ſemelhantes, e mayores encarguos por ſua ſingular cavalaria, e prudencia. Eſcuzome finalmente antes, e deſpois deſto, ha grande maravilha, e myſterio, do achamento, ou mais com verdade conquiſta das Indias, nunqua eſperado, nem cuydado pelas gentes, atée que ſe vio feyto por voſſo mandado, e poſto por obra, e aſſi deſcobrimento de minas, terras outras, maares, climas poolos, e gentes inconhitas, nunqua de antes ſabidas, nem de nós converſſadas, ho que nem aquelle grão Rey Alexandre Conquiſtador do mundo, nem Carthaginenſes Senhores Dafrica, e grande parte Deuropa, nem Romãos,

mãos, que todos hos outros paſſaram em ſenhorio, poderam alcançar trabalhando-ſe deſſo, como ſe lée, nem eſſo meſmo fazer voſſos Anteceſſores em ſeſſenta annos com muitas mortes de gentes, grandes deſpezas, e continuadas diligencias, ho que ſe fez, e comprio nos primeyros dous, e tres annos de voſſo Reynado triguando-ſe (ſegundo parece) ha Divina Clemencia ha manifeſtar eſte grande myſterio, por elle em voſſo tempo predeſtinado; pelo qual quiz que em tam breve eſpaço, ſe fizeſſe de huma ſóo viagem, e por hos primeyros, que ha eſſo mandaſtes, outro tanto caminho, para achar ha India, como em ſeſſenta annos eſtava feito, no q, Senhor, grandemente ſerviſtes ha Deos, guanhaſtes perpetua honra, nobreceſtes voſſo Reyno, obriguaſtes ho mundo, fazendo que em muita parte nom ſabida, ho mundo ſoubeſſe parte de ſy meſmo, e por conſeguinte de ſeu Creador, e Redemptor, ho qual por ſua infinda piedade, e amor que ſempre moſtrou aho bem, e honra deſtos Reynos, ordenou, que por voſſas mãos ſe ſuppriſſe pelo mundo outra quaſi ſegunda Prẽgaçam dos Apoſtolos, para notificaçam de noſſa Fée, renovada às gentes, que apoz ſeus peccados depois de recebida perderaõ, e neceſſaria para outra, que ha nunqua ouveram, e de neceſſidade hão de aver, ſegundo affirma Santo Agoſtinho, que em tempo dos Apoſtolos nom foy prégada ha Fée de Chriſto por todo ho mundo, nem atée ſeu tempo, quatro centos annos deſpois, dando loguo em prova deſſo muitas gentes em Africa donde elle era, como pelos Cativos, que ſe de lãa traziam era manifeſto, e que em todo caſo ha dita univerſal manifeſtaçam avia de ſer, para ſe comprir, ho que noſſo Senhor diſſe, q ſeu Evangelho avia de ſer notifiquado por ho mundo univerſo ante do fim, em teſtemunho ha todalas gentes, ſegundo ſe ora aſsàs confirma por voſſa naveguação, e conquiſta ho qual myſterio traz conſiguo grande moſtra, e pronoſtico de ſeer, nom ſómente para convertimento de muitos infieis, mas ainda para deſtazimento, e deſtruimento da Mahometica ſecta conſirado bem, Deos ſeja louvado, hos começos, e proſeguimentos de ſeus maravilhoſos effectos.

Muitos outros louvores, Sereniſſimo Rey, apontaria de voſſas muy ſingulares obras, e virtudes muy compridas, ſe tam facil me foſſe poderlhe dar cabo, quam facil me hee acharlhe começo, e ſe ha elle nom aprouvera fazellos mais ſobidos, e manifeſtos por voſſas obras, do que poderiam ſeer por minhas palavras, mas hy ſiquará tempo, e luguar para com ſua graça ſe poderem dizer em voſſa Cotonica mais compridamente com todo, Senhor, heme forçado dizer ainda de voſſas virtuoſas obras huma neceſſaria à preſente materia, ha qual hee, mandarme V. A. muy afficadamente, que hos notaveis feytos dos muy eſ-

cla-

clarecidos Reys voſſos Anteceſſores, eſcritos, e poſtos por negligencia de Eſcritores,ou culpa dos tempos, nom ſóo em menos polida, mas ainda emdeſordenada,e acerqua nam achada memoria,hos quizeſſe ordenar, e eſcrever, e quaſi treſpaſſar, e ha mais honrados Jaziguos, e ſepulturas, como hee meu deſejo para voſſo ſerviço, e na confiança que me neſſo V.A. moſtra muito para folguar, mas para nella preſumir ſufficiencia nom mais de atrever, que quanto eſtá conhecido, que tam grandes, e verdadeyros louvores participados de tanta graça Divinal, nom pode nhum humano falecimento apouquentallos, nem fazellos menos da verdade ante toda humana eloquencia, ſem receo de nhum praſmo deve de folguar acharſe vencida de tam excellente materia,cujo muy eſtimado pezo mais hee de culpar quem nom queyra,q̃ quem nom poſſa levalo; porque ainda nom leyxarà de precalçar muito louvor, e contentamento quem de tam nobres,e louvados feytos fizer lembrãça, que foraõ, poſto que nom abaſte dinamente fazella de quam louvados foram, pois ha grandeza de ſeu louvor por elles meſmos milhor ſe póde eſtimar, que dizer. Eſcuzo aqui poder pela ventura parecer eſte carreguo, e ſerviço menos da maneyra, e eſtimaçaõ de meus ſerviços; porque certo amor, e vontade, ſobeja nom acha ſerviço minguado, nem devem de mais para hos Princepes,cujas couſas por grandes que ſejam, nom devem tolher atrevimento, mayormente quando por algumas rezões neceſſarias ha ſeu mais ſerviço ſe mandaõ, ha quem ſem ellas poderiaõ ſer eſcuſado mandarſe, aſſi que, Senhor, eſto que me V. A. manda fazer ſe deve ha meu juizo antre outras voſſas louvadas obras muito eſtimar, e aver por outro quaſi novo deſcobrimento, e renovaçam de couſa ácerqua perdida, que tanto devia eſtar lãa, e alumeada como couſa principal do muy devulguado bem, e honra q̃ voſſes Reynos tem, e logram, no que nom menos, que em todas outras couſas eſclarece voſſo grande louvor, porque bem ſe moſtra povoado de muitas virtudes, e nom emvejar has alheas, quem has dos outros muito ama, e aſſi has manda renovar, e apreguoar, pelo qual, Sereniſſimo Senhor, como quer que álem da grandeza da materia, me àja de ſer trabalho, e defficuldade ajuntar, e ſupprir couſa de tantos tempos, deſordenada, e falecida, e para aver de emendar eſcritos alheos, vejo que armo ſobre mim juizos de muitos; porem pois V. A. ho à tanto por bem, e ſerviço ſeu, e de ſeus Anteceſſores, muy de vontade me puz ha fazello, ſendo certo, que averey ante elle grado ſe nom de ſufficiencia, aho menos de obediencia, pois por comprir ſeu mandado, no que muito me nom atrevo fazer, me nom pude, nem ſoube neguar.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

VIſtas as informações, pode-ſe imprimir (menos o riſcado) a Chronica do Senhor Rey D. Affonſo Henriques, que compoz Duarte Galvaõ, e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 23. de Julho de 2726.

Rocha. Fr. R. de Allencaſtre. Cunha. Teixeyra. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo P. Meſtre Fr. Joſeph de Souſa, Religioſo da Ordem de noſſa Senhora do Carmo, Lente Jubillado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Prior que foy do Real Convento do Carmo de Lisboa Occidental, Vigario Provincial Apoſtolico, que foy da dita Provincia, Provincial, Commiſſario, Viſitador Geral que foy da meſma Ordem neſtes Reynos, &c.

ILLUSTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

LI a Chronica do Invictiſſimo Monarca o Sereniſſimo Senhor D. Affonſo Henriques de ſanta, e eterna memoria, famoſo Conquiſtador, e primeiro Rey de Portugal, a qual quer dar á eſtampa Miguel Lopes Ferreira, digniſſimo do titulo de Vivicador das glorias de Portugal, pois que zeloſo da fama Regia, por meyo do Prelo intenta reſuſcitar as memorias daquelle ſeculo dourado, em que Portugal no berço da ſua infancia, com mayor fortuna, que a do valeroſo Alcides no da ſua mininiſſe, ſoube deſpedaçar innumeraveis Hydras Africanas, que em varios recontros, capitaneadas por dezouto Reys, e hum Emperador de Marrocos Almiramolim, em formidoloſos exercitos intentáraõ cortar os venturoſos progreſſos, com que hia ſacudindo o torpe jugo do perfido Mauritano. Mas a pezar ſentidiſſimo de Maſoma, em taõ perfiados recontros, e em taõ renhidas batalhas, havendo

vendo em algumas quaſi cem Mouros contra cada hum ſó Portuguez, ficaraõ ſempre os Mouros inteiramente deſtroçados, os ſeus Reys vergonhoſamente vencidos, e ſó Portugal glorioſamente triunfante, e Senhor pacifico naõ ſó das terras, que pela repartiçaõ dos Eſtados tocavaõ à ſua Monarchia, mas de muitas, que pertenciaõ á de Heſpanha, porque de humas, e outras, á força de forte braço, e duro ferro fez largar a iniqua, e injuſta poſſe, que havia muitos ſeculos, deſde a ſempre lacrymoſa perda de Heſpanha, logravaõ os Agarenos: protegido ſempre daquelle deſtemido Capitaõ, e valeroſiſſimo Heroe D. Affonſo Henriques, que efficazmente ſoccorrido da maõ Omnipotente do Senhor dos exercitos, na miraculoſa appariçaõ do Campo de Ourique quando batalhou com finco Reys Africanos, ficou ſeu valente braço reveſtido de huma fortaleza taõ deſmedidamente grande, que já vibrando a lança, nunca tirou bote, que naõ foſſe inexoravel, deſizivo da morte, já empunhando a eſpada naõ deſcarregou golpe, que naõ foſſe infeliz Parca da vida. E ſendo tal o eſforço de ſeu braço, que o manejo das Armas; naõ era menos o valor do ſeu coração para o exercicio das virtudes: porque foy conſtantiſſimo no da Juſtiça adminiſtrando-a, e fazendo a guardar rigoroſamente aos ſeus povos, ſem que o continuo exercicio de Marte, lhe embaraçaſſem as execuções de Nemeſis, mas antes, que com a eſpada ſempre empunhada repreſentava hum vivo ſimulacro da Juſtiça No da Humildade foy ſingular, porque ſem reſpeito aos ſacros decoros da Mageſtade, familiar, e urbaniſſimamente com palavras, e obras, como a companheiros, e amigos a todos os ſeus vaſſallos, tratava carinhoſo, e cariciava benigno. No da Liberalidade foy magnifico, porque quando nas campanhas, os ricos deſpojos das batalhas (e naõ foraõ poucos) primeiro os enfardelavaõ os Soldados, do que elle ſe re limiſſe com parte das coroas dos triunfos, porque até deſtas repartia ſeu nobre coraçaõ com os que o ajudavaõ a vencer; e quando na Corte dos ſeus Frarios eraõ chaves meſtras os merecimentos de ſeus vaſſallos. No da Miſericordia foy inſigne, porque naõ cabendo já nos limites de ſeu eſtado, la ſe dilatou para o Hoſpital de Jeruſalem com oytenta mil dinheiros de ouro [que nem tudo lhe conſumiaõ as guerras, conſumindo-lhe as guerras muito) para emprego de que annual, e perpetuamente rendeſſem para ſuſtento dos pobres, que nelle ſe alvergaſſem. No da Piedade foy magnanimo, como teſtemunhaõ entre muitas Igrejas que fundou os Reays Moſteiros de S. Vicẽte de Fóra em Lisboa, o de Santa Cruz em Coimbra, e o de Alcobaca, aos quaes dotou de amplos Senhorios, e copioſiſſimos patrimonios. No da Religiaõ, todo eſte Livro he breve compendio dos vaſtos dominios

que

que conquistou para as cearas da Igreja; instituindo de muitos delles o nobilissimo Bispado de Coimbra, e o Illustrissimo de Lisboa, que offereceu ao Romano Pontifice adiantando-se este tanto nos seus augmentos que naõ cabendo na esfera de sua propria grandeza se multiplicou em duas Sagradas Sedes, nas quaes, huma conservando o titulo de Archyepiscopal, que ja tinha, se separou com a differença de Oriental por respeito do sitio que tem na Corte, e a outra com o distintivo de Occidental, que he o sitio deste Reyno a respeito do Mundo, se exalta com o especioso titulo de Patriarcal sendo a primeira que o logra em todo elle. Por ventura que tanta gloria la tenha o seu proporcionado auspicio, no seu glorioso fundador, que tambem foy o primeiro em Portugal; mas sem questaõ, deve o seu glorioso augmento à Sereníssima, Augustissima, Felicissima, e sempre Magnifica Magestade do Senhor Rey D. Joaõ o V. no nome que tomando na linha de todas suas acções sempre em tudo heroicas, em tudo excellentes, e magnanimas em tudo, o numero admiravel de todas as de seus glorioſissimos Progenitores se dignou de illustrallas com a Real preheminencia de engtandecer a sua Corte com huma Sancta Sé Patriarcal, realçando seus lustres com o feliz, e premeditado acerto de instituir por seu primeiro Patriarca ao Meritissimo, Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomàs de Almeida da Nobilissima Casa de Avintes, Bispo que foy de Lamego, e Porto; e para que finalmente na sua Corte pela destas Igrejas Occidental, e Oriental constasse notoriamente o ardentissimo desejo, que reside no seu religioso coraçaõ de que o nome da Divina Magestade, o Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores seja sempre louvado desde o Oriente onde o Sol nasce, tè o Occaso onde fenece: *A Solis ortu usque ad Occasum laudabile nomen Domini.*

Tam glorioſos progressos, tiveraõ o seu feliz principio nas acções do Sereníssimo Senhor D. Affonso Henriques, que esta Chronica descreve, e he mais que justo, sayaõ a luz do mundo, que pertende darlhe este Restaurador das primittivas, e estupendas memorias de Portugal, para que por beneficio da estampa resuscite no mundo hum vivo modelo da Magestade, hum elegante exemplo do valor, e hum famoso trofeo da admiraçaõ. Este o meu parecer salv. semp. mel. Carmo de Lisboa Occidental 1. de Agosto de 1726.

Fr. Joseè de Sousa.

LICENÇAS.

VIſta a informaçaõ, pòde-ſe imprimir a Chronica de que ſe trata, e deſpois de impreſſa tornarà para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 3. de Agoſto de 1726.

D. J. Arcebiſpo de Lacedemonia.

DO PAÇO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo P. Meſtre D. Joſé Barboſa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Choroniſta da Sereniſſima Caſa de Bragança, e Academico do Numero da Real Academia da Hiſtoria Portugueza, &c.

SENHOR.

POr Ordem de V. Mageſtade vi a Chronica d'El-Rey D. Affonſo Henriques, que compoz Duarte Galvaõ, e que quer mandar imprimir Miguel Lopes Ferreira. De hum louvo o zelo em fazer publicar as Chronicas dos noſſos Reys, que tantos tempos ha que ſe conſervaõ manuſcritas, e do outro naõ poſſo deixar de lhe naõ acculár a negligencia com que ſe houve na compoſiçaõ deſta Chronica, porque parece que naõ fez exame algum para o que havia de eſcrever. Mas como vejo riſcados nella alguns Capitulos, e tudo vejo reformado pelo Doutor Frey Antonio Brandaõ Choniſta mòr deſte Reyno no 3. tomo da Monarchia Luſitana, bem ſe pòde imprimir ſem eſcrupulo. V. Mageſtade ordenarà o que for ſervido. Neſta Caſa de N. Senhora da Divina Providencia 12. de Agoſto de 1726.

D. Joſé Barboſa C. R.

QUe ſe poſſa im pri mir viſtas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e deſpois de impreſſo tornarà á Meſa para ſe conferir, e taxar, que ſem iſſo naõ correrà. Lisboa Occidental 22. de Agoſto de 1726.

Pereira. Galvaõ. Teixeyra. Bonicho.

INDEX

DOS CAPITULOS QUE CONTEM esta Chronica.

CAP. I. Como ElRey D. Affonſo de Caſtella, chamado Emperador, caſou ſua filha Dona Tareja com ho Conde D. Anrique, dando lhe em Caſamento Portugual, para Condado com certas condições, pag. 1.

CAP. II. Do Tronco, e linhage Real, de que decendem hos Reys de Portugual, e donde ſe chamou Portugual, pag. 3.

CAP. III. Como D. Eguas Moniz creou ha D. Affonſo filho do Conde D. Anrique, que foy ſaõ por milagre de noſſa Senhora, da aleijaõ com que naſceu, pag. 4.

CAP. IV. Como ho Conde D. Anrique adoeceu a morte, e das palavras que diſſe ha ſeu filho, antes que faleceſſe, pag. 5.

CAP. V. Como D. Affonſo Anriques, tanto que ſeu pay faleceu ſe fez chamar Principe, e levando-o ha enterrar ſe alçou em tanto ha terra com ſua mãy Dona Tareja, pag. 7.

CAP. VI. Como ho Principe D. Affonſo Anriques pelejou cõ ſeu padraſto, e foy vencido, e como tornãdo outra vez ha batalha ho venceo, e prendeu, e ſua mãy cõ elle, pag. 8.

CAP. VII. Como ho Principe D. Affonſo Anriques pelejou cõ ElRey D. Affonſo de Caſtella, chamado Emperador, como ſeu Avoo ho venceu, e tomou has Fortalezas, que eſtavam alçadas por ſua mãy, e como andando neſto veyo hum Rey Mouro cercquar Coimbra, pag. 10.

CAP. VIII. Como ElRey D. Affonſo de Caſtella, chamado Emperador, veyo cercquar ho Principe D. Affonſo Anriques ſeu primo la Guimarães, e como D. Eguas Moniz lhe failou, ao modo que lhe fez levantar ho cercquo, pag. 11.

CAP. IX. Como ElRey D. Affonſo de Caſtella levantou ho cerquo de ſobre Guimarães, e do deſprazer, que ho Principe D. Affonſo teve, do que neſſo fez D. Egas Moniz, pag. 13.

CAP. X. Como D. Egas Moniz ſe foy aprezentar com ſua mulher, & filhos ha ElRey D. Affonſo de Caſtella, pela menagem, que lhe feito tinha, em ho cerquo de Guimarães, pag. ibi.

CAP. XI. Como D. Egas Moniz livremente deſpedido delRey D. Affonſo de Caſtella, ſe tornou ha Portugual, e ſahio ha receber ho Principe, ho qual apoz eſto ajuntou gente, e foy tomar Leiria, pag. 14.

CAP. XII. Como ho Principe D. Affonſo Anriques abalou com gente ha guerrear aos Mouros ha terras de Alentejo, e como no caminho adoeceu, e morreu D. Egas Moniz, e do ſeu enterramento, e da muita devaçam dos Cavalleiros daquelle tempo, pag. 15.

CAP. XIII. Como ho Principe D. Affonſo paſſado ho Tejo foy buſquar ElRey Iſmar, que com quatro Reys outros, e infinda Mourama vinha contra elle, e como ſentàram ſeus arrayaes à viſta do outro, pag. 17.

CAP. XIV. Como hos Portuguezes viſta ha multidam dos Mouros, requereram ao Principe D. Affonſo, que eſcuzaſſe ha batalha, e da falla que lhes ho Principe fez ſobre eſſo, pag. 18.

CAP. XV. Como noſſo Senhor apparceu aquella noute ao Principe D. Affonſo Anriques poſto na Cruz, como padeceu por nós, pag. 20.

CAP. XVI. Como ho Principe D. Affonſo Anriques, depois de ordenar ſuas azes para pelejar com hos Mouros no campo Dourique foy levantado por Rey, pag. 22.

CAP. XVII. Como ho Principe D. Affonſo depois de alevantado por Rey de Portugual deu batalha ha cinquo Reys Mouros no Campo Dourique, e do grande vencimento della, pag. 23.

CAP. XVIII. Como ElRey D. Affonſo Anriques depois da batalha vencida acreſcentou em ſuas Armas finaes, que moſtraſſem, ho que lhe alli hacontecera, e da nova que ouve do corpo de S. Vicente por alguns que ahi foraõ tomados, pag. 25.

CAP. XIX. Como Daciano veyo ha Eſpanha por mandado do Emperador de Roma, e mandou matar ha Saõ Vicente depois de muyto atormentado, por prègar ha Fee de Chriſto, pag. 26.

CAP. XX. Como ho Corpo de S. Vicente foy trazido ao Cabo, que ſe cra chama de S. Vicente, e como ElRey D. Affonſo ho foy ha buſquar, e nam ho podendo auer ſe tornou para Coimbra, pag. 27.

CAP. XXI. Como depois deſto ElRey Iſmar, que foy vencido no cam-

Campo Dourique veyo tomar Leiria,e ho Prior de Santa Cruz de Coimbra foy ha Alentejo, e tomou Arronches, e como El. Rey D. Affonſo tornou outra vez ha tomar Leiria abos Mouros, pag. 28.

CAP. XXII. Como ElRey D. Affonſo tornou ha dar Leiria abo Prior de Santa Cruz, e aſſi tambem Arronches em todo ho Eſpiritual ſiquando ho temporal com hos Reys de Portugual, e como ElRey cazou cõ Dona Moſalda filha do Conde D. Anrique de Lara, pag 29.

CAP. XXIII. Das bondades da Villa de Santarem, e ſeu termo, e como ElRey D. Affonſo propoz, e ordenou em ſua vontade de ha tomar, e ha tomou, p. 30.

CAP. XXIV. Como ElRey D. Affonſo Anriques fazendo treguoa com hos Mouros de Santarem, mandou laa D Mem Moniz ha eſpiar ha Villa, e do conſelho que teve com hos ſeus para ir ſobre ella, pag. 32.

CAP. XXV. Como ElRey D. Affonſo Anriques partio com ſua gente para ir tomar Santarem, e do voto, que fez no caminho ha S Bernardo, ho que naquella ora lhe foy revelado laa em França onde eſtava, pag. 33.

CAP. XXVI. Como ElRey D. Affonſo deſcobrio abos ſeus que hiam ſobre Santarem, e das rezões, que diſſe ha todos, p. 34.

CAP. XXVII. Como ElRey D. Affonſo Anriques chegou de noite abos olivaes de Santarem, e dos ſinaes, que pareceram, p. 36.

CAP. XXVIII. Como ElRey D. Affonſo Anriques, e hos ſeus eſcalaram ha Villa de Santarem, e foy entrada, e tomada, p. 37.

CAP. XXIX. Como Auzery Alcaide de Santarem tomada ha Villa fugio, para Sevilha, e ElRey ſe tornou ha Coimbra, e donde ſe chamou ha Villa Santarem, pag. 39.

CAP. XXX. Como ElRey D. Affonſo Anriques ordenou de hir cerquar Lisboa, e ha tomou, e das gentes eſtrangeiras, que para eſſo ouve em ſua ajuda, pag. 40.

CAP. XXXI. Do que ElRey D. Affonſo Anriques fez depois de entrada ha Cidade de Lisboa, e tomada, e do que fallou, e paſſou com has gentes eſtrangeiras, pag. 43.

CAP. XXXII. Dos Milagres, q̃ Deos moſtrou pelo Cavalleiro Anrique Alemam, que morreu quando ha Cidade de Lisboa foy entrada, pag. 45.

CAP. XXXIII. Como ho Cavalleiro Anrique appareceu em ſonhos ha hum homem bom mandado-lhe, que ſoterraſſe hum ſeu Eſcudeiro ha par delle, que na entrada de Lisboa muyto ferido morrera, pag. 46.

CAP. XXXIV. Da Palmeira, que naſceu na cova do Cavaleiro Anrique, e dos milagres, que Deos por elle fazia, pag. ibi.

CAP.

CAP. XXXV. De como ElRey D. Affonſo Anriques ordenou de fazer Lisboa Biſpado, e quem foy ho primeiro Biſpo della, pag. 47.

CAP. XXXVI. De como ElRey D. Affonſo Anriques ordenou Prior no Moſteiro de S. Vicente de Fóra, e quem foy ho primeiro Prior delle, e de que Ordem, p. 48.

CAP. XXXVII. Dos Luguares, que ElRey D. Affonſo Anriques depois tomou nà Eſtremadura, e Alem do Tejo, pag. 49.

CAP. XXXVIII. Dos filhos, que ElRey D. Affonſo ouve, e como caſou ſua filha Dona Moſalda, pag. 50.

CAP. XXXIX. Como ElRey D. Affonſo tomou Cezimbra, e Palmella, e peleijou, e venceu ElRey Mouro de Badalhouſe com muita Mourama, pag. 51.

CAP. XL. Do deſvairo, que ſobreveyo antre ElRey D. Affonſo Anriques, e ElRey D. Fernando de Liam ſeu genro, e como ſe quebrou ha perna ha ElRey D. Affonſo, e foy prezo delRey D. Fernando por cazo da perna, quebrada, pag. 54.

CAP. XLI. Em que falla, e amoeſta Duarte Gualvam Autor, quanto ſe devem eſcuzar has maldições dos pays, e mãys ahos filhos, pag. 56.

CAP. XLII. Como hos Mouros vieram com Albojame Rey de Sevilha cerquar ElRey D. Affonſo Anriques em Santarem, e como ElRey ſayo ha pelejar com elles, e hos desbaratou, e venceo, pag. 57.

CAP. XLIII. Como ho corpo de S. Vicente foy achado por huns devotos homens, que ho foram buſquar, pag. 59.

CAP. XLIV. Como o corpo de S. Vicente foy poſto na Sée de Liſboa, pag. 60.

CAP. XLV. Como ElRey D. Affonſo Anriques ordenou de mandar ho Infante D. Sancho ſeu filho ha Alem-Tejo ha guerrear hos Mouros, e das rezões q̃ ſobre ello dice, pag. 61.

CAP. XLVI. Do Alardo, que ElRey D. Affonſo Anriques mandou fazer em Coimbra, da gente q̃ mandava com ho Iſante D. Sancho ſeu filho, e como em partindo no meyo da ponte ſe deſpediram todos delRey, p. 62.

CAP. XLVII. Das Jornadas, que o Iſante D. Sancho fez, e como partio de Evora guerreando hos Mouros atèe Sevilha onde fez falla ahos ſeus, ante que com hos Mouros pelejaſſe, p. 63.

CAP. XLVIII. Como ho Iſante D. Sancho pelejou cõ hos Mouros de Sevilha, e ho eſperaraõ ante ha Cidade, e do grande vencimento, que ouve, pag. 65.

CAP. XLIX. Como hos Mouros foram cerquar Beja, e ho Iſante D. Sancho ho ſoube, e foy ſobre elles ha ſoccorrella, e da batalha, que com elles ouve ſobre ella, pag. 67.

CAP.

CAP. L. Como hos Mouros cerquaraõ Porto de Mooz, e foraõ desbaratados por D. Fuaz Roupinho Alcaide do Caſtello, p. 70.

CAP. LI. Como D. Fuas Roupinho peleijou no mar com hos Mouros, e hos venceu, e tomou delles nove Gualés, pag. 71.

CAP. LII. Como D. Fuas Roupinho tornou outra vez ſobre mar por mandado delRey D. Affonſo contra Mouros, e foy desbaratado, e morto elle, e hos ſeus, pag. 72.

CAP. LIII. Como Almiramolim q̃ Emperador de Marroquos, ſe dizia entrou em Portugual com muitas, e innumeraveis gentes, e cerquou ho Iſante D. Sancho em Santarem, e em fim foy vencido, e desbaratado por ElRey D. Affonſo, que veyo ha ſocorrer ſeu filho, pag. 73.

CAP. LIV. Como casou Dona Tareja filha delRey D. Affonſo Anriques, ha derradeira com D. Filippe Cõde de Frandez. p. 76.

CAP. LV. De como veyo hadoecer ElRey D. Affonſo Anriques e de ſeus grandes louvores, e cavallarias em ſoma brevemente toquados mais, que diuamente eſcritas, pag. 77.

CAP. LVI. Dos annos, que ElRey D. Affonſo Anriques viveu, e do dia, mez, e era, em que ſe finou, e onde joy ſepultado, pag. 78.

CORONICA

DO MUYTO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCEPE

D. AFFONSO ANRIQUES

PRIMEYRO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Affonſo de Caſtella chamado Emperador, caſou ſua filha Dona Tareja com ho Conde D. Anrique, dandolhe em caſamento Portugual por Condado com certas condições.

COMEC,ANDO de eſcrever das vidas,e muy excellentes feitos dinos de eterna memoria, dos muy eſclarecidos Reys de Portugual,encomendome àquelle guiador de ſeus nobres, e virtuoſos corações Eſpiritu Santo, que aſſi como participou com elles de ſua infinda graça para has obrar, me queira dar alguma para hos eſcrever, e aſſentar em devida lembrança,por tal que nom pareçaõ falecidas minhas palavras na grande excellencia de tam louvadas obras, de cujo louvor ha primeyra prova, e teſtemunho ſerâ ho muy eſforçado, e manifico Rey D. Affonſo Anriques, primeyro Rey de Portugual, fundamento loguo proprio, e neceſſario, por Deos ordenado para tam alto cume da gloria deſtes Reynos, como nelle edeficou, ſegundo q̃ ſeu immẽſo louvor nom menos ſe verà aho diante accreſcẽrado,e cõformado pelos Reys ſeus ſucceſſores, hos quaes, contãdo deſte primeyro Rey, ſaõ por todos quatorze cõ ho Sereniſſimo de todo louvor illuſtrado ElRey D. Manuel N. Se-

nhor ho qual vay em déez annos, q aho preſente Reina, anno do Se-
No anno de 1505. ſe eſcreveo eſta Chronica. nhor de mil e quinhẽtos e ſinquo. Mas porq melhor ſe ſaiba ho procedimẽto deſte muy virtuoſo Rey D. Affonſo Anriques, he forçado recorrer algum tanto pelas Coronicas atraz, ha ElRey D. Affonſo de Caſtella ho Sexto, chamado Emparador, que tomou Toledo ahos Mouros, dino de muyto louvor em todo principalmente em guerrear hos imigos da noſſa Santa Fèe Catolica, de que entaõ ha Eſpanha eſtava occupada, ha cuja muy devulgada fama, movidos com muy devota cavalaria, grandes ſenhores, e outras gentes Eſtrangeyras vinhaõ buſcallo, para em ſua cõpanhia, por ſer ſerviço de Deos, e ſalvaçaõ de ſuas almas, participarem de ſuas ſantas empreſas, e trabalhos, antre hos quaes vieraõ trez muy principaes ſenhores, ha ſaber, ho Conde D. Reymaõ de Toloſa, grande ſenhor em França, e ho Conde D. Reymaõ de S. Gil, de Proença, e D. Anrique ſobrinho deſte Conde de Toloſa, filho ſegundo genito de huma ſua irmãa, e DelRey Dungria, com quem era cazada, hos quaes trez foraõ muy honradamente por ElRey D. Affonſo recebidos.

Era eſte Conde D. Anrique muy diſcreto, e esforçado Cavaleyro, e nom menos de todas outras bondades cõprido, trazia em ſeu Eſcudo de Armas campo branquo ſem outro nhum ſinal, e andando ſempre depois, nà guerra dos Mouros com ElRey D. Affonſo, fez muitas, e aſſinadas cavalarias, por onde DelRey, e de todos hos da terra era muy eſtimado, e querido, e aſſi ho Conde de Toloſa ſeu tio, e ho Conde de S. Gil de Proença, e tendo ElRey aſſi delles contentamento querendo honralos, e remunerar ſeus nobres feitos, e trabalhos, que em ſua cõpanhia paſſaraõ na guerra contra hos infieis, determinou de cazar trez filhas ſuas com elles, huma chamada Dona Urraqua, cazou com ho Conde D. Reymaõ de Toloſa, de que depois naceo ElRey D. Affonſo de Caſtella chamado tambem Emperador, donde decendem tambem todos hos Reys de Caſtella, outra Dona Elvira, cazou com ho Conde D. Reymaõ de S. Gil, de Proença; outra chamada Dona Tareja deu por molher ha D. Anrique ſobrinho do Conde de Toloſa, dandolhe com ella em cazamento Coimbra, com toda ha terra atèe ho Caſtello de Lobeyra, que hee hũa leguoa alèm de ponte Vedra, em Gualiza, e com toda ha terra de Vizeu, e Lameguo, q ſeu pay ElRey D. Fernando, e elle guanharaõ nas Comarquas da Beyra. De todo ho que lhe aſſi deu, fez Condado chamado ho Condado de Portugual, com tal condiçaõ, q ho Conde D. Anrique ho ſerviſſe, e foſſe às ſuas Cortes, e chamados, e ſendo caſo que foſſe doente, ou tiveſſe legitimo impedimento a

nom

nom poder là hir, lhe mandaſſe hum dos mais principaes de ſua terra ha ſeu ſerviço com trezentos de cavalo, nom avendo naquelle tempo mais naquella terra de Portugual. E ainda lhe aſſinou mais terra da q̃ hos Mouros poſſoyam, que ha conquiſtaſſe, e tomandoa, à creſcentaſſe em ſeu Condado, ho que elle, e ſeus ſucceſſores com muito esforço, e valentia por muito arriſcados perigos, e trabalhos depois fizeraõ, como aho diante ſe verà, e q̃ nom querendo ho Conde D. Anrique cumprir aſſi eſto, qualquer que foſſe Rey de Caſtella pudeſſe tomar ha terra aho dito Conde, e mais toda ha outra q̃ ho dito Conde, e ſeus ſucceſſores guanhaſſem, e fazer della ho que lhe aprouveſſe, como de couſa ſua propria.

CAPITULO II.

Do Tronco, e linhagem Real de que deſcendem hos Reys de Portugual, e donde ſe chamou Portugual.

DEſte Conde D. Anrique, e Dona Tareja ſua molher deſcendem todolos Reys de Portugual, que atee aguora foraõ, e ha cauſa porque ha terra ſe chamou Portugual, foy que antiguamente ſobre ho Douro foy povoado ho Caſtello de Guaya, e por aportarẽ ahi mercadores, e navios, e aſſi peſcadores pelo Rio dentro ancorarem, e eſtenderem ſuas redes da outra parte para iſſo mais conveniente, ſe povoou outro luguar, que ſe chamou ho Porto, que era hee Cidade muy principal, donde ajuntando eſtes dous nomes, foy chamado Portugual. E era entaõ naquelle tempo coſtume, que todos hos filhos dos Reys ſe chamavão Reys, e has filhas Rainhas, poſto que foſſem baſtardos, e como quer que ElRey D. Affonſo de Caſtella, deſſe eſte Condado de Portugual, aho Cõde D. Anrique, e ha ſua filha, e ella ſe chamaſſe Rainha; porém elle nunca ſe chamou Rey em ſua vida, nem ſeu filho ho Principe D. Affonſo, atee que houve huma grande batalha, e vencimento no Campo Dourique, contra ſinco Reys Mouros, onde foy alevantado por Rey de Portugual, cuja geraçaõ veyo de Reys, aſſi da parte do pay, como da mãy, que ſegundo jà dicemos eſte Rey D. Affonſo Anriques primeiro Rey que foy de Portugual, era neto de ElRey Dungria da parte do pay ho Conde D. Anrique, q̃ foy filho legitimo delRey Dungria, e da parte de ſua mãy, era neto delRey D. Affonſo acima dito, filho de ſua filha Dona Tareja, por onde ſe mais manifeſta ha eſclarecida gloria dos Reys de Portugual, pela noſſo Senhor de todolos cabos tanto ha exalçar, que de Nobreza, e Realeza de ſangue nom menos, que de excellentes

virtudes, foſſem em tanto grão illuſtrados.

CAPITULO III.

Como D. Eguas Moniz criou a D. Affonſo filho do Conde D. Anrique, que foy ſaõ por milagre de N. Senhora da aleijaõ com que naceo.

DEpois que ho Cõde D. Anrique foy cazado com ha Rainha Dona Tareja, filha delRey de Caſtella como dito hee, vindo ella a emprenhar, D. Eguas Moniz muy esforçado, e nobre Fidalguo, grande ſeu privado, que com elle viera da ſua terra, e ha quem tinha feyto muyta merce, cheguou aho Conde pedindolhe que qualquer filho, ou filha, que ha Rainha pariſſe lho quizeſſe dar para ho elle criar, e ho Conde lho outroguou. Veyo ha Rainha ha parir hũ filho grande, e fermoſo, que nom podia mais ſer huma creatura, ſalvo, que naceo com has pernas tam encolheytas, que ha parecer de Meſtres, todos julguavaõ q̃ nunqua poderia ſer ſaõ dellas. O ſeu nacimento foy no anno de noſſo Senhor de mil noventa e quatro. 1094

Tanto que D. Eguas Moniz ſoube que ha Rainha parira, cavalguou à preſſa, e veyo-ſe ha Guimarães onde ho Conde eſtava, e pediolhe por merce que lhe dêſſe ho filho que lhe nacera para ho haver de criar, como lhe tinha prometido. Ho Conde lhe reſpondeo que nom quizeſſe tomar tal carreguo; porq̃ ho filho, que lhe Deos dera, nacera por ſeus peccados tolheyto de modo, que todos tinhaõ, que nunca guareceria, nem ſeria para homem. D. Eguas quando eſto ouvio peſoulhe muyto, e diſſe: *Senhor, antes cuido eu que por meus peccados aconteceo; mas pois ha Deos aprouve de tal ſer minha ventura, dayme toda via voſſo filho, quejando quer que ſeja*: E ho Conde poſto que tiveſſe grande pejo polo bem q̃ ha D. Eguas Moniz queria, de ho encarreguar em ſemelhãte criaçaõ, por cauſa da aleijaõ da criança, com tudo lha deu por lhe comprazer, e quando D. Eguas vio a criança taõ fermoſa, e com tal aleijaõ, ouve muy graõ dòo della, e confiando em Deos, que lhe poderia dãr ſaudẽ, ha tomou, e fez criar, nom com menos amor, e cuydado como ſe fora ſam.

E jazendo D. Eguas hũa noyte dormindo, ſendo jà ho Menino de ſinquo annos, lhe appareceo noſſa Senhora, e dice: *D. Eguas dormes.* Elle ha eſta vòz, e viſaõ acordando reſpondeo. *Senhora quem ſões vós.* Ella dice: *Eu ſam ha Virgem Maria, que te mando q̃ vas ha hum tal luguar*, dandolhe loguo hos ſinaes delle, *e faze hi cavar, e acharàs hi huma Egreja que em outro tempo foy começada em meu nome, e hũa Imagem minha; faze correger a Imagem, e ha Egreja feita à minha homra; e*

eſto

eſto feyto farás hi vigilia poendo ho Menino q̃ crias ſobre ho Altar, e ſabe que guarecerá, e ſerá ſam de todo, e nom menos te trabalha da hi avante de ho bẽ guardar, e criar como fazes; porque meu filho quer por elle deſtrour muitos imiguos da Fée.

Deſaparecida eſta vizaõ ficou muy conſolado D. Eguas Moniz, e alegre, como vaſſallo q̃ com ſam, e verdadeiro amor amava ſeu Senhor, e ſuas couſas, e tanto que foy manhãa levantouſe loguo, e foiſe com gente àquelle luguar, que lhe fora dito, e mandando hi cavar achou aquella Egreja, e Imagem poẽdo em obra todas has couſas que lhe N. Senhora mandàra. Hà qual aprouve pela ſua ſanta piedade, tanto q̃ ho Menino foy poſto ſobre ho ſeu Altar, ſer loguo guarecido, e ſam das pernas de toda àleijaõ, como ſe nunqua tivera nada della.

Vendo D. Eguas eſte tam grãde milagre, foy muito ho ſeu prazer, deu muitas graças, e louvores ha Deos, e ha Noſſa Senhora ſua Madre, criando, e guardando dahi avante cõ muito mayor cuydado ho Menino, cujo Ayo foy ſempre, atee que ſeu pay morreo em Eſtorgua, ſendo elle jà de tal idade, q̃ nas guerras, e fadiguas ſupria hos carreguos de ſeu pay. E por cauſa deſte milagre foy depois feyto em eſta Egreja com muita devaçaõ ho Moeſteiro de Carquare; e como quer q̃ algũs contem ſeu nacimento ſer ultra maar, e bautizado no Rio do Jordaõ, porẽm por mais verdade achey ſer ſeu nacimento como dice.

CAPITULO IV.

Como ho Conde D. Anrique adoeceo àmorte, e das palavras que dice ha ſeu filho ante que faleceſſe.

ERa eſte Conde D. Anrique muy nobre, e esforçado cavaleiro, muito amador da Juſtiça, e a temor de Deos muy cheguado, e elle com grãde devaçaõ fez ha See de Coimbra, e de Bragua, e do Porto, e de Vizeu, e Lameguo, e pôz em ellas Biſpos, q̃ has houveſſem de reger por mandado, e licença do Santo Padre. Em eſte tempo andãdo ha era de Noſſo Senhor de mil cento e trez, foy eſte Conde 1103.
D. Anrique ha ultra maar à Caza Santa de Jeruſalem, conquiſtada avia quatro annos de Chriſtãos, novamente pelo Duque Gudufre de Bulhaõ, quatro centos e noventa annos depois que em tempo de Mafamede, e do Araclio Emperador foy tomada ha Chriſtãos, e poſſuida de Mouros, e quando de làa veyo trouxe eſte Cõde muitas Reliquias de Santos, entre has quaes foy hum braço de S. Lucas Evangeliſta, que por filho del Rey Dungria, e fama de ſua grande bondade, e cavalarias lhe foy dado em Conſtantinopla, e ha roguo de S.

Giraldo

Giraldo q̄ entaõ era Biſpo de Bragua, deu parte delle à See da dita Cidade, ho qual elle recebeo em muy grande dom, e hoo pôz cõ outras Reliquias da Egreja, e depois que aſſi ho Cõde D. Anrique veyo de Jeruſalem nom lhe ceſſaraõ guerras com hos Liunezes, e guanhoulhes muyta terra atee chegar ha Eſtorgua, ha qual tendo tomada, e metida ſob ſeu ſenhorio, da ly hos guerreou fazendo continuamẽte muitas cavalguadas pela terra eſtraguãdolhes pães, e vinhas, matando, e prendendo muita gente delles, com q̄ hos pôz em tanto aperto, que ſe lhe nom podiaõ defender, e lhes foy forçado preytejarenſe por eſta guiza, que ſe ElRey D. Affonſo de Caſtella ſeu primo chamado Emparador, lhes nom ſoccorreſſe atee quatro mezes, elleslhe entreguaſſem ha Cidade de Liaõ com todas has rendas, e ſenhorio que ElRey nella tinha. E tendoa aſſi preitejada veyo ho Cõde à doecer de modo, que bem conheceo nom aver nelle vida. Polo qual vendo-ſe elle em tal ponto chamou ſeu filho D. Affonſo Anriques, e lhe fez huma falla muito de cavaleiro entendido, e esforçado em eſta maneira.

Filho eſta ora derradeira q̄ me Deos ordena para te aver de leixar cõ ha vida deſte mundo me faz, que te veja, e fale com dobrado amor, e ſentido do noſſo apartamento, e por eſſo aſſenta em teu coraçaõ minhas palavras como de pay aquem apôz eſtas ja nom às douvir outras. Deves filho de ſaber, q̄ ho poderio que ho Senhor Deos neſte mundo ordenou de alguns Principes ſobre outros ſometidos ha elles foy por tal, q̄ hos maos ſejaõ conſtrangidos, e hos bõos vivaõ entre elles em paz, e ha ſocego, porque conſervaçaõ hee dos bõos, e pungimento dos mãos, pelo qual filho more ſempre em teu coraçaõ vontade de fazer juſtiça, virtude hee que dura para ſempre na vontade, e corações dos juſtos, e dà igualmente ſeu direito, que he ho mayor louvor, e merecimento que hos Principes em ſeu regimẽto podem alcançar, que todo ho governo, e bem commum conſiſte principalmente em duas couſas, ha ſaber: em premio, e em pena; e aſſi como hos bõos pela juſtiça ſe fazem milhores recebendo premio, hee gualardaõ de ſuas bõas obras, aſſi hos mãos vem ha ſer bõos, ou ao menos ceſſaõ de ſeus males com receo da pena, e por tanto faze filho ſempre como ajaõ todos direito aſſi grandes como pequenos, e nunca por rogo, nem cobiça, nem outra nhuma afeiçaõ leixes de fazer juſtiça, que ho dia que hum ſoo palmo ha leixares de fazer loguo no outro ſe aredarà de teu coraçaõ hũa braçada.

Trabalhate muito de ſaber ſe hos que tem teu carreguo fazem juſtiça, e direito compridamente, e ſe ha fizerem, fazelhe compridamente bem, e mercè, e ſe ho contrario, dalhe pena ſegundo ſeu merecimento, por hos outros tomarem caſtiguo, nom conſintas em modo algum, q̄ hos teus ſejaõ ſoberbos, nem atrevidos em mal fazer,

que

que perderàs teu preço, e eſtimaçom ſe taes couſas nom vedares; mas ſegue toda via juſtiça temendo, e amãdo muito ha Deos, para q̃ ſejas dos teus amado, e temido, tendo Deos em tua ajuda, teràs has gentes para teu ſerviço, e ſem ella nom haa poder, nem ſaber que te aproveite, de ſua maõ ſomos iſſo, que ſomos, e ho que temos nom teriamos, ſe da ſua maõ, e bondade ho nom tiveſſemos, e por tanto trabalhate por conſervar em ſeu ſerviço. Ho que tiveres, e de toda eſta terra que te eu leixo Deſlorgua atee Liaõ nom perquas della hum palmo qua eu ha ganhey cõ grãde fadigua, e trabalho. Toma filho do meu coraçaõ hum pouquo; porq̃ ſejas esforçado, e ſem medo: ahos Fidalgos ſee companheiro, e dalhe dos teus dinheyros, e ahos Conſelhos faze guazalhado, e trata bem, e chama aguora eſtes Deſlorgua, e mandaràs que te façaõ loguo menagem da Villa, e deſque me levarem ha enterrar loguo te torna, e nom ha perquas, e daqui cõquiſtaràs toda ha outra terra adiante, ou mandame com alguns meus vaſſalos, e teus que me vaõ enterrar ha Santa Maria de Bragua, que eu povoey. Tudo eſto filho faze aſſi com a minha bençaõ; porque ſejas como filho de bençaõ ha ſerviço de Deos com muita honra proſperado.

CAPITULO V.

Como D. Affonſo Anriques tanto que ſeu pay faleceo ſe fez chamar Princepe, e levandoo ha enterrar ſe elçou em tãto ha terra com ſua mãy Dona Tareja.

DEſta doença ſe veyo ha finar ho Conde D. Anrique em Eſtorgua dous mezes, e ſinco dias antes que ho prazo de Liaõ foſſe acabado. Seu fnamento ſoy no anno de neſſo Senhor de mil cento e doze, e tanto que elle faleceo 1112.
leguo ſeu filho D. Affonſo Anriques fiquãdo em idade de dezoito annos ſe fez chamar Princepe, dando ordem como ho corpo de ſeu pay foſſe muy honradamente levado ha Santa Maria de Bragua onde ſe mandara lançar, e preguntou ha ſeus vaſſallos ſe hiria cõ elle ha ſeu enterramento, ou ſe ficaria, e elles diceraõ q̃ foſſe com ſeu pay, e ho honraſſe, nem por iſſo temeſſe nada da terra, porque obrar virtude nunqua deu ha ninguem perda, e entaõ ſe foy com ſeu pay; porque mais honradamente foſſe enterrado, e em quanto aſſi foy com elle tomaraõlhe toda ha terra de Liaõ que elle tinha por ſua, e ha terra de Gualiza lhe ficou que lha nem poderaõ tomar. Quando elle vio ha terra tomada mandou deſafiar ha ElRey D. Affonſo de Caſtella chamado

mado Emperador ſeu primo com irmaõ filho do Conde D. Reymaõ de Toloſa, e de Dona Urraqua irmãa de ſua mãy ha Rainha Dona Tareja, mas loguo foraõ reconciliados, e amiguos, e entaõ ſe foy ha Portugual, e nom achou onde ſe acolheſe: porque toda ha terra ſe alçara com ſua mãy ha qual cazou com D. Vermuy Paes de Trava, e depois D. Fernando Conde de Traſtamara ſeu irmaõ delle lha tomou, e cazou com ella, e D. Vermuy Paes cazou depois com huma filha deſta Rainha Dona Tareja, e do Conde D. Anrique jà finado, que elle tinha em ſua caza, q̃ chamavaõ Dona Tareja Anriques, e por eſte peccado foy feito em Gualiza hum Moeſteiro chamado de Sobrado. Outra filha ficou do Conde D. Anrique, que havia nome Dona Sancha que foy cazada com D. Fernaõ Mendes. Eſte Conde D. Fernando de Traſtamara acima nomeado, era naquelle tempo ho mayor homem de Eſpanha que Rey nom foſſe, e por eſta cauſa ſe alçou toda ha terra aho Princepe D. Affonſo Anriques com ſua mãy.

CAPITULO VI.

Como ho Princepe D. Affonſõ Anriques pelejou com ſeu padraſto, e foy vencido, e como tornando outra vez á batalha ho venceo, e prendeo, e ha ſua mãy com elle.

QUando ho Princepe D. Affonſo Anriques vio q̃ nom tinha onde ſe acolher, e que ſua mãy tam pouco delle curava, ſegundo mal peccado muitas veſes vemos has mãys com novos eſpoſos ſe tornarem madraſtas, trabalhou de lhe furtar dous Caſtellos: hum delles foy Neyva, e ho outro ho Caſtello da Feyra terra de Santa Maria, e deſtes dous Caſtellos fazia muita guerra ha ſeu padraſto, tanto que vieraõ ambos à fala com ha Rainha Dona Tareja de preſente, e dice ho Conde D. Fernando: *Princepe nom nos afadiguemos mais neſta contenda, mas ajuntemonos hum dia em batalha, eu e vós quando quizerdes, e ou vós vos ſahireis de Portugual, ou eu.* Reſpondeu ho Princepe D. Affonſo. *Nom devia de ha prazer ha Deos tal couſa que vós me queyrais deytar fóra da terra que meu pay ganhou.* E hacodio ha Rainha ſua mãy dizẽdo: *Minha he ha terra, e ſerra que meu pay ma deu, e ma leixou:* Dice entaõ ho Conde D. Fernando ha ella. *Nom andemos mais neſte debate, ou*

vós

vòs vos hireis comiguo para Gualiza, ou leixareis ha terra ha voſſo filho, ſe mais poder que nós.

Sobre eſto ſe dezafiaraõ para hum dia certo, e vieram-ſe àjuntar em Guimarães em hum luguar que chamaõ Santilanhas, elles eſtando preſtes para peleyjar dice ha Rainha aho Conde ſeu marido: *Com voſquo quero eu hir à batalha; porque tenhis mais rezaõ de fazer mais por meu amor, e trabalhay toda via muito por prender ho Princepe meu filho, que mayor poder temos que elle.*

Ha batalha foy gravemente peleyjada, e ho Princepe D. Affonſo lançado do campo desbaratado, e hindo elle aſſi huma leguoa de Guimarães encontrou com D. Eguas Moniz ſeu Ayo, que ho vinha ajudar, e ſer com elle na batalha, e quando D. Eguas ho vio, dice: *Que he eſto Senhor como vindes vós aſſi.* Reſpondeo ho Princepe; *Venho muy desbaratado, que me venceo meu padraſto, e minha mãy, que hi era com elle.* Dice entaõ D. Eguas: *Nom fizeſtes bem, nem fizo dardes batalha ſem mim, mas tornay, e eu com voſquo, e eſpero em Deos, que ha hi prendamos voſſo padraſto, e voſſa mãy, recolhey ha vós toda voſſa gente que vem fogindo, e tornemos ha peleyjar;* Reſpõdeo ho Princepe: *Praza ha Deos, que aſſi ſeja.*

Tornàraõ em tàm ha batalha, e venceraõ-no, e ho Princepe prendeo hi ſeu padraſto, e ſua mãy, e quando ſe ho Conde D. Fernando vio prezo, cuydou loguo de ſer morto, e fez preyto, e menagem aho Princepe de nunquà mais entrar em Portugual, e ho Princepe ho ſoltou, e foyſe, huns dizem, que para ſua terra, outros, que para terra dultra maar, ſem nunqua mais tornar. Ho Princepe D. Affonſo poz entam ſua mãy em ferros, e ella vendo-ſe aſſi preza, dice. *Filho D. Affonſo prendeſteſme, e desherdaſteme da terra, e honra que me leyxou meu pay, e quitaſteme de meu marido, ha Deos peſſo que prezo ſejais vós aſſi como me eu vejo, e porque puzeſtes minhas pernas em ferros que vos ajudaram ha trazer, e ha criar com muitas dores em meu ventre, e fóra delle, com ferros ſejaõ has voſſas quebradas ha Deos praza que aſſi ſeja.* E depois aconteceo ha eſte Princepe D. Affonſo ſendo jà Rey, que lhe quebrou huma perna em ſahindo pela porta de Badalhouce, e foy prezo delRey D. Fernando de Liaõ, como ſe aho diante dirà, dizendo todos, que lhe acontecéra por lho aſſi mal dizer ſua mãy.

CAPITULO VII.

Como ho Princepe D. Affonſo Anriques pelejou com ElRey D. Affonſo de Caſtella, chamado Emperador como ſeu avoo, e ho venceo, e tomou has Fortalezas que eſtavaõ alçadas por ſua mãy, e como andando niſto veyo hũ Rey Mouro cerquar Coimbra.

VEndo aſſi Dona Tareja Rainha como ho Princepe D. Affonſo ſeu filho ha nom queria ſoltar emviou ſeus recados ho mais ſecreto que pode ha ElRey D. Affonſo de Caſtella chamado Emperador como ElRey D. Affonſo ſeu avoo, em que lhe fazia queyxume do Princepe ſeu filho ha ter preza dizendo que Portugual pertencia ha elle de direyto, e que aſſi por elle cobrar ho que ſeu era, como pelo que devia à virtude em acudir por huma ſua tia poſta fóra de ſeu marido, e em prizaõ tam deshoneſta lhe pedia, que ha quizeſſe vir livrar, pois nom tinha ha quem cõ mais rezaõ ſe ſoccorreſſe, e lhe podeſſe valer. Quando ElRey de Caſtella vio ho recado de ſua tia, aprouvelhe muito com elle, e fez loguo preſtes ſuas gentes de Caſtella, e de Liaõ, e de Araguaõ, e de Gualiza, e abalou com muy grande poder contra Portugual. Hos Portuguezes deſque ſouberão que ElRey de Caſtella ajuntava ſeu poder para vir conquiſtar Portugual, e tirar ſua tia da prizão, ouvérão todos ſeu acordo, que eſtiveſſem com ho Princepe D. Affonſo Anriques, e ho ajudarem contra elle, e entaõ ſe vierão todos para ho Princepe muy guarnecidos de ſuas armas, e ajuntaramſe com elle em hum luguar que chamaõ Val de Vez, entre Monção, e Ponte de Lima, e ha ly eſperarão ElRey de Caſtella, ho qual tanto que cheguou loguo huns, e hos outros ordenaraõ ſuas azes para ha batalha, e dambas has partes foy grande peleja, e tam grande vencimento por parte do Princepe D. Affonſo, que ElRey de Caſtella foy ferido na perna eſquerda de duas lançadas, e ſahioſe da batalha em hum cavallo fogindo, acolhendoſe ho mais que pode ha Toledo, por haver medo de com eſte desbarato perder ha Cidade, e prenderamlhe na batalha ſete Condes, e outros muitos Cavalleyros, e mataraõlhe hos Portuguezes muita gente. E ho Princepe D. Affonſo ſe foy loguo da ly levando comſiguo ſua mãy preza, e todos hos luguares, que ſe levantàraõ contra elle hos tomou por força, e tratou àſperamente hos que hos tinham.

Em quanto elle aſſi andava na guerra com ElRey de Caſtella, e com aquelles que tinham hos Caſtellos por parte de ſua mãy, ElRey

Achy

Achy Mouro veyo guerrear Coimbra com grande multidaõ de Mouros que aho juizo de todos paſſariam de trezentos mil de pee, e tevea cerquada muitos dias combatendoa muy rijamente, mas hos da Cidade com grande esforço, e ajuda de Deos ſe defendiaõ muy bem matando muytos dos Mouros com ſetas, e pedras, e muitos delles morrião por fome, e peſtilencia q̃ no arrayal avia. A hos da Cidade nunqua lhes faleceo mantimentos em a baſtança em quanto eſtiveraõ cerquados, e vendo hos Mouros ha Fortaleza da Cidade, e ſentindo ha abondança de mantimentos que dentro avia, e ha mortandade da peſte, e ha fome do arrayal, que cada dia viam deſeſperàraõ de ha tomar, e levãtàrão ho cerquo deſtroindopães, vinhas, olivaes, e foramſe perdendo grande parte da gente que trouxeraõ, e tanto eſtava ha Cidade abaſtada, que depois do cerquo alevantado davam ſinquo quarteyros de triguo por hum maravedy de ouro, e dous moros de vinho por outro maravedy, e valia ho vinho pelo preço dantes do cerquo, e eſte cerquo ſe poz nove dias por andar de Ju-
1117. nho no anno do Senhor de mil cento e dezaſete.

CAPITULO VIII.

Como ElRey D. Affonſo de Caſtella chamado Emperador veyo cerquar ho Princepe D. Affonſo Anriques ſeu primo ha Guimarães, e como D. Eguas Moniz lhe falou, de modo q̃ lhe fez levantar ho cerquo:

A Cabo de pouco tempo, eſtando ElRey D. Affonſo de Caſtella chamado Emperador em Toledo ſentindo muito ſeu desbarato, e vencimento que delle ouve ho Princepe D. Affonſo Anriiques tendo elle que toda Eſpanha lhe avia de obedecer, e conhecer ſenhorio, determinou em muy ſecreto conſelho tornar ha Portugual, e ajuntada muita gente ho mais deſſimulado que pode, abalou para Gualiza, e cheguou de ſupito ha Guimarães onde cerquou ho Princepe D. Affonſo, que dentro eſtava deſpercebido nem ha Villa eſtava baſtecida, que ha poucos dias ha tomàra ElRey de Caſtella ſe tivera ho cerquo, e ſobre eſto vendo D. Eguas Moniz Ayo do Princepe ho grande periguo em que ſeu Senhor eſtava, veſtindo ſua capa pelo trajo, e nome daquelle tempo, cavalguou ſecretamente hum dia pela menhãa cedo, ſem levar ninguem comſi-

guo, e foyſe aho arrayal dos imiguos. Cavalguara ElRey, e andava alonguado de redor da Villa, vendo por onde mais ligeyramente ſe poderia combater, e tomar, e cheguando D. Eguas ha elle, fezlhe ſua reverencia, e beyjoulhe ha mão; ElRey ſalvou-o perguntando-lhe ha que vinha. Reſpondeo D. Eguas que queria falar com elle; entam ſe apartàraõ ambos, e perguntoulhe D. Eguas porque ſe viera lançar ſobre aquella Villa? E ElRey reſpondeo, que viera cerquar D. Affonſo Anriques ſeu primo porque lhe nom queria conhecer ſenhorio, nem hir ha ſuas Cortes como era rezão, e como lhe faziaõ em toda Eſpanha, que ſua determinaçaõ era levalo prezo comſiguo, e dar ha terra ha quem lhe conheceſſe ſenhorio com ella.

Reſpondeo entonces D. Eguas, e dice. *Senhor nom foſtes bem aconſelhado virdes aqui cerquar eſta Villa, porque ho Princepe voſſo primo he tal Cavalleyro como vós bem ſabeis, e tem comſiguo dentro tanta gente, e tam boa ha fóra muita que tem pela terra muito ha ſeu querer, e mandar, que grande ſerà ho poder, e muito mor ha ventura de quem lhe forçar, e tomar ha Villa, porque Senhor havey por certo, que deſſes movimentos das guerras que com voſſo primo ouveſtes, elle foy ſempre tam ſoſpeytoſo, e receado de vòs, e ſe poz tanto ha recado para ſemelhantes cazos, eſperando cada dia de ſe veer nelles com voſquo, como ſe ora vee que toda ſua terra, e Fortalezas fez guarnecer, e habaſtecer grandemente, e aſſi has tem bem providas, e baſtecidas, em eſpecial eſta Villa, em que ha miudo eſtà que ha meu entender, outra mais gente da que eſtà dentro, ſe nella podeſſe caber teria abaſtança para muitos annos de cerquo, pois eſtando vós tempo ſobre ella, ainda que eſcuzado tendes meu conſelho, poderia trazer trovaçaõ ha voſſo eſtado aſſi dos de voſſo Reyno, como dos Mouros que tam vizinhos, e fronteyros tendes, e quanto aho que Senhor dizeis que voſſo primo vos conheça ſenhorio, e và ha voſſas Cortes, certo amim parece rezaõ, e ainda Senhor, me parece mais, que ſe vos partirdes daqui para voſſa terra, que nom pareça que voſſo primo por força, nem rendimento de medo ho faz; eu acabarey com elle que và ha voſſas Cortes onde vós quizerdes, e diſto Senhor vos farey preyto, e omenagem.* Quando ElRey de Caſtella eſto ouvio, prouvelhe muito de receber ha omenagem de D. Eguas Moniz ha cerqua dello, ficandolhe de ſe partir aho outro dia, e depois de dada, e recebida ha dita menagem; D. Eguas ſe tornou para ha Villa muy callado como della ſayra, ſem dar conta ha ninguem do que viera fazer.

CA-

CAPITULO IX.

Como ElRey D. Affonſo de Caſtella levantou ho cerquo deſobre Guimarães, e do deſprazer q̃ ho Princepe D. Affonſo teve, do que niſſo fez D. Eguas Moniz.

AHo dia ſeguinte levantou ElRey de Caſtella ho cerquo, e ſe partio com toda ſua Corte, como ficàra ha D. Eguas Moniz, e ho Princepe D. Affonſo vio partir ElRey, e eſpantandoſe muito porque nom ſabia ha cauſa, perguntou ha D. Eguas Moniz que lhe parecia de tal alevantamento, e partida de ElRey de Caſtella, porque entendia que era? D. Eguas lhe contou entaõ tudo ho que era, e como ha cauſa paſſara, ouvindo ho Princepe eſto, ouve grande pezar, e foy muy indinado dizendo que eſcolhera antes ſer morto, que fazer ſemelhante, nem hir ha ſuas Cortes. Dice D. Eguas: *Senhor. non haveis de que vos queyxar, que no que eu fiz vos tenho feyto muito ſerviço; porque ElRey de Caſtella por força vos tomara, ſegundo eſtaveis deſapercebido de mantimentos, e de todo ho que para voſſa defenſa cumpria, aſſi que em todo ho cazo foreis prezo, ou morto, e ho ſenhorio de Portugual dado aoutrem, de tudo eſto eu vos livrey, e quanto à menagem que fiz ha ElRey de Caſtella nom vos dé deſſo nada, que aſſi como ho fiz ſem voſſo mandado, aſſi ho livrarey ſem voſſo conſelho com ha graça de Deos.*

CAPITULO X.

Como D. Eguas Moniz ſe foy aprezentar com ſua molher, e filhos ha ElRey D. Affonſo de Caſtella pela menagem, que lhe feyto tinha em ho cerquo de Guimarães.

VIndo ho tempo do prazo em que ho Princepe D. Affonſo Anriques avia de hir às Cortes, que ſe faziaõ em Toledo, ſegundo ha menagem que D. Eguas fizera ha ElRey de Caſtella. Ordenouſe D. Eguas de todo, e partio com ſua molher, e filhos, e cheguàraõ ha Toledo, foraõ decer alho Paço onde ElRey eſtava, e aly ſe deſpiram de todolos panos ſenom hos de linho, e ſua molher com hum pelote muy ligeyro, trajo daquelle tempo, deſcalçaraõ-ſe todos, e pozeraõ ſenhos baraços nos peſcoços, e aſſi entràraõ pelo Paço onde ElRey eſtava cõ muitos Fidalgos, e Cavalleyros, e cheguãdo ha ElRey puzeramſe todos aſſi como hiaõ de joelhos ante elle, falou entam D. Eguas Moniz, e dice.

Senhor, eſtando vòs em Guimarães ſobre ho Princepe voſſo primo meu ſenhor, eu vos fiz ha omenagem que ſabeis, ha qual eu fiz por ver

que

que ſua peſſoa, e honra àquelle tempo corria grande riſquo de ſe perder por na Villa nom aver mantimentos, nem percebimento algum para defenſaõ, ſe lhe vós tiveſſeis ho cerquo, e eu porque ho criey de ſeu nacimento, quando ho vi em tamanho trabalho, e perigo, tomey de mim haquelle conſelho, de me hir ha vòs, e fazer eſſo que fiz. Recontando dahi avante perante todos cumpridamente ho feyto como paſſara, e em cabo de todo dice: *Por cauſa deſto Senhor me venho preſentar ante vós, eys aqui eſtas mãos com que vos fiz ha menagem, e ha linguoa com que vo la dice, e demais vos traguo aqui minha molher, e eſtes moços meus filhos para ſe voſſa ira ouver por mayor minha culpa que ha vinguança do meu corpo ſóo, por eſta molher, e por eſtes moços ha cuja fraqueza, e idade, ha ira dos imiguos ſoe apiedarſe, ſeja voſſa indinaçaõ ſatisfeyta, preſtes Senhor vos traguo tudo para eſſo, tomay ſe vos aſſi parecece por culpa de hum ſó vinguança de muitos, do pay, da mãy, de ſeis filhos quejanda voſſa merce for, nom me pezarà que voſſa ſobeja vinguança faça mayor meu comprimento, e que ſe digua em todo ho tempo mais comprio D. Eguas, do que errou.*

Deſque D. Eguas acabou de falar ficou ElRey muy irado, e quizera mandalo matar, dizendo, que ho avia enganado: mas hos Fidalgos, e nobres que ahi eſtavaõ lhe diceraõ, que tal nom fizeſſe, que nom tinha rezaõ de lhe fazer nhum mal, porque D. Eguas fizera todo ſeu dever como muy nobre, e leal vaſſallo, quejando elle era, e todos hos Princepes deviam de dezejar teer muitos tais, que ſeu meſmo fora ho engano de ſe deyxar enguanar, e que antes por ſeu bom nome tinha razaõ de lhe fazer muita honra, e merce, e mandalo em paz. ElRey aſſoceguado de ſua ſanha pelo que lhe diziam, conhecendo que era aſſi na verdade perdeo todo ho deſpeyto de D. Eguas, e quitouline ha omenagem que lhe feyto tinha, e depois de lhe fazer muytas merces ho mandou livremente elle, e ſua molher, e filhos tornar para Portugual.

CAPITULO XI.

Como D. Eguas Moniz livremente deſpedido delRey D. Affonſo de Caſtella ſe tornou ha Portugual, e ho ſahio ha receber ho Princepe, ho qual apoz eſto juntou gente, e foy tomar Leyria.

DEſque D. Eguas Moniz ſe aſſi partio delRey de Caſtella quite, e livre de ſua menagem, e com ſua graça veyo caminho de Guimarães, e ante que ahi cheguaſſe, ho Princepe D. Affonſo Anriques ſabendo ſua vinda ho ſahio ha receber com toda ſua Corte muy alegre como quem parecia que aquella ora cobrava de novo

novo hum tal ſervidor, e vaſſallo, como era D. Eguas; porque ſempre eſperára que elle em Caſtella foſſe morto, ou deshontado para ſempre, e tudo ſómente por ſeu reſpeyto, ou ſerviço, e aſſi quanto lhe eſtas couſas tinhaõ dado pezar, lhe davam aguora ſobejo prazer com ſua vinda em ſalve. Quando D. Eguas chegou a ho Princepe quiz-lhe beijar has mãos, e ho Princepe has tirou ha ſi, e abraçou-o muy de vontade com grande guazalhado parecendolhe com muyta rezaõ que tal obra, e merecimento mais merecia ſer recebida com moſtrança de muita honra, e aguardecimento que ſobgeyçaõ, e aſſi vieraõ ambos fallando com muito prazer atee Guimarães, onde depois dalguns dias ho Princepe por ſe prover de nom cair em outra tal minguoa, e deſaſtre de ſe ver cerquado, e nom apercebido como dantes, começou abaſtecer ſeus Caſtellos, e Villas de todalas couſas que para ſua defençam lhe compriam, e em dar ordem ha eſto per ſi, e pelos ſeus, paſſáram alguns dias.

E dahi veyoſe ha Coimbra onde lhe pareceo que eſtava muy de vaguo, e ſem proveyto, pois ſenom occupava em mais, que no que tinha mandado ahos ſeus que fizeſſem pelo qual ajuntou algũa gente, e fez entrada na terra dos Mouros, e no primeyro luguar em que deu foy Leyria ha qual combateo rijamente, e poſto que ho Caſtello foſſe muito forte, e hos Mouros ho muy bem defendeſſem tomouho por força, e hos mais dos Mouros que ahi achou andáram à eſpada, e aſſi eſta Villa tomada ho Princepe ha deu aho Prior de Santa Cruz de Coimbra, por ſer homem em que elle tinha grande devaçam, e fez ha elle, e aho Moeſteyro doçam della no temporal, e eſpritual, e ho Prior lha teve em muy grande merce; e pondolhe loguo por Alcayde no Caſteilo Payo Guoterres homem bom Fidalguo. E deſque ho Princepe D. Affonſo Anriques aſſi tomou ha Villa de Leyria, ſeguio mais ſua entrada pela terra dos Mouros, e tomou Torres novas, e entam ſe tornou para Coimbra com muita honra, e vitoria, e hos ſeus riquos, e abaſtados de deſpojos, e eſtas duas Villas foram tomadas no mez de Dezembro andando ha era do Senhor em mil cento e dezaſete annos, avendo ho Princepe D. Affonſo vinte e trez annos de ſua idade. 1117.

CAPITULO XII.

Como ho Princepe D. Affonſo Anriques avalou com gente ha guerrear ahos Mouros ha terras de Alentejo, e como no caminho adoeceo, e morreo D. Eguas Moniz, e do ſeu enterramento, e da muita devaçaõ

vaçaõ dos Cavalleyros daquelle tempo.

DEpois que ho Princepe D. Affonſo Anriques tornou de ganhar Leyria, e Torres novas, eſteve em Coimbra alguns dias, e vendo que tinha ſuas terras, e Fortalezas muy providas, e poſtas em ordem do que lhe compria, e tambem que de Caſtella eſtava ſeguro de guerra por algumas rezões que ha Eſtoria nom declara, conſirando elle, que nom devia, nem podia milhor empreguar ho bem, e honra que ſeu pay, e elle guanhàraõ, que em ſerviço de noſſo Senhor de cuja maõ ha tinham recebido, e como nom avia entam nhum ſerviço de Deos mais neceſſario em Eſpanha occupada de Mouros, que ſerem guerreados, e lançados fóra della, ſegundo fora ſempre ſeu propoſito, e vontade, ouve conſelho com hos ſeus de fazer guerra nas terras de Alentejo, eſpecialmente na Comarqua do Campo Dourique, e eſto por duas rezões, ha primeyra, porque ha terra era muy povoada, e de poucas Fortalezas, em que hos ſeus averiaõ aſſaz mantimentos, e prezas; ha ſegunda, e principal porque ſe ElRey Iſmar, que regia em Eſpanha toda ha mayor parte dos Mouros contra Ponente, vieſſe ha pelejar com elle, e dandolhe Deos delle ho vencimento que eſperava, toda ha terra que ſe chama Eſtremadura, que era ſob ſeu ſenhorio, nom averia poder de ſe lhe defender, e ho Princepe D. Affonſo tinha que eria acompanhado de tam boa gente, que era baſtante para peleyjar com elle.

E tanto que juntou, e teve ſua gente preſtes, partio de Coimbra, e ha pouquas jornadas no Campo Dourique adoeceo à morte D. Eguas Moniz ſeu Ayo, e ſe finou, de cujo falecimento ho Princepe tomou pezar, e ho ſentio grandemente moſtrando ho menos pelo da gente, e feyto ha que hia Cazo he ha morte dos bons vaſſallos, e ſervidores em que hos Princepes ſempre devem moſtrar ſentimento, por animarem mais hos que fiquaõ para ſeu ſerviço, e ſe moſtrarem virtuoſos, e bons, nom ſómente em vida, mas depois de mortos, porque has virtudes (onde à virtude) auzentes devem de ſer queridas, e lembradas. Entam mandou ho Princepe tornar com ho corpo de D. Eguas tantos dos ſeus, e taes peſſoas com que podia hir honradamente. Mandouſe elle enterrar no Moeſteyro do Paço de Souza, que elle meſmo fez, e ho ſeu moymento eſtà dentro da Capella q̃ ſe chama do Corporal, ou dos Freguezes, e entre elle, e ha parede nom eſtà ſe nom hum moymento bayxo, eſto ſe poz haquí para ſe ſaber onde jaz tam nobre, e honrado Cavalleyro.

Elle fundou em ſua vida dous Moeſteyros, eſte do Paço, e ho de S. Martinho de Cucujães àquem da

da Cidade do Porto, os quaes dotou de muitas poſſeſsões, e guarneceo de grandes ornamentos, no que he bem de notar, e ſeguir ha muita devoçaõ dos Cavalleyros daquelle tempo, que com todas ſuas preſas, e trabalhos, e grandes, e continuas deſpezas, em guerra taõ ſanta, e quaſi do Reyno ha dentro ſendo entam ho Reyno mais pequeno, e menos rico, nom ſe deſcuydàraõ por eſſo de todo ho ſerviço de Deos, conhecendo, que ho ſerviço de Deos ſalva para ho outro mundo, e acrecenta ha cavallaria, e honra deſte mundo, e por tanto vemos muitas Egrejas honradas, e grandes, e ſumptuoſos Moeſteyros feytos daquelle tempo, e nhuns Paços, e cazarias mayores, e pompa ſobeja, edeficadas, mas hos paſſados ſegundo parece, fundavaõ-ſe mais em fazer, guarnecer moradas para has Almas, que para hos corpos, lembrandoſe ſóo mẽte dos corpos ho enterramento que delles avia de ſer, mais que ha vivenda, que havia deyxar de ſer.

CAPITULO XIII.

Como ho Princepe D. Affonſo paſſado ho Tejo foy buſquar El-Rey Iſmar, que com quatro Reys, outros, e Infinda Mourama vinha contra elle, e como ſentaraõ ſeus arrayaes hum à viſta do outro.

FInado D. Eguas, e mandado alli enterrar como dito he, ho Princepe D. Affonſo Anriques como quer que lhe muyto pezaſſe do falecimento de tam honrado Cavalleyro, em quem tinha grande confiança; ſeguio avante ho que hia fazer, por ſerviço de Deos, e partindo daquelle luguar, onde ſe D. Eguas finara, paſſou ho Tejo, e has charnequas muy grandes, e deſpovoadas que aguora ainda hi ha, e entaõ ſeriaõ mayores, e ſahido dellas começou ha fazer grande guerra ahos Mouros, correndolhe ha terra, e tomandolhe Villas, e luguares, e fazendo grandes cavalguadas, e avendo muitos vencimentos contra elles, do que tanto, que ElRey Iſmar ouve nova, mandou requerer toda ha mourama dos luguares, e outras partes do redor, mandando ſeus alvites, que elles entre ſi haõ por homens de ſanta vida, que foſſem prégar, e requerer da parte de Mafamede, que ha correſſem à terra que eſtava em ponto de ſe perder, pelo qual ouve ElRey Iſmar muita em ſua ajuda de Mouros dàquem, e dálem maar, e outras gentes barbaras, q̃ era infinda ha multidaõ delles em tanta deſigualança dos Chriſtãos, que ſe à por certo, ſerem pouco menos de cento para hum, entre hos quaes vieraõ quatro Reys outros, cujos nomes nom achamos eſcritos, e vieraõ com

eſtas gentes molheres vezadas ha peleyjar como has Amazonas, ho que foy ſabido, e provado depois pelos mortos, que acharaõ no campo. Ho Princepe D. Affonſo quando ſoube, que ElRey vinha com aquellas gentes, foy muy ledo, e moveo contra elle, com muy grande esforço, e vontade de ſervir a Deos em tal afronta, e andando ſuas jornadas veyo ha hum luguar, que ſe hora chama Cabeças de Rey junto com Caſtro verde, onde eſtava huma Ermida, e nella hum Irmitam. Eſto era ha ora da Sexta, aly ſe viraõ has Oſtes ambas, e ho Princepe D. Affonſo, e ElRey Iſmar ſentáram ſeus arrayaes hum à viſta do outro, em veſpera de Santiaguo, anno de N. Senhor de
1139. mil cento e trinta e nove.

CAPITULO XIV.

Como hos Portuguezes viſta ha multidaõ dos Mouros requereraõ aho Princepe D. Affonſo que eſcuzaſe ha batalha, e da fala que lhe ho Princepe fez ſobre eſſo.

HOs Chriſtãos que eraõ com ho Princepe, vendo ha grande multidaõ dos Mouros ſem conto, começaraõ de poer duvida em ſe aver de dar batalha pela muy grande deſigualança, que avia delles ahos Mouros. Entam ſe foraõ aho Princepe, e lhe diceram: *Senhor quem ſua cargua compaſſa póde com ella, e vós vedes bem ha multidaõ de gente, que ElRey Iſmar traz comſiguo, e cuydardes de com tam pouqua, como tendes peleyjar com elle, he couſa fóra de toda ha rezaõ, que ainda parece mais tentar ha Deos, que ſezuda valentia, nem ſe deve aver por ſerviço de Deos, antes por muito ſeu deſerviço para tamanha aventura, e riſquo de hũa ſoo ora o ſenhorio de Portugual, guanhado em tantos de muitos dias, e annos, pelo qual Senhor, ha todos parece, e nom com minguoa de coraçaõ, e vontade que em nós nunqua achaſtes, deveſſe ter moodo por onde toda via ſe eſcuze eſta batalha.* Quando ho Princepe D. Affonſo ouvio aos ſeus eſto, pezoulhe muito, e poſto que nelle ſoo ouveſſe ho esforço que ha toda ha Oſte compria, lhe pareceo neceſſario fazer ha todos huma falla, ha qual depois de todos ajuntados, aſſi começou.

Meus boõs vaſſallos, e amiguos, muito vos deve lembrar ha tençaõ, e deſejos com que partimos de Coimbra para ſervir ha Deos, e punhar por ſua ſanta Fee Catholica, contra eſtes ſeus imiguos, e noſſos, e ora eſtando nós jà em viſta dos que viemos buſquar, ſerâ grande minguoa, e ainda poderſeya mais azinha de Portugual ſeguir eſſa perda, nom peleyjando, que peleyjando receaes ſe fogiſſemos às batalhas ha que nos Deos, e noſſas vontades taõ acerqua trouxeraõ, que já noſſo recolhimento

nom

nom podia leyxar de parecer fugida, ou ſer desbarato. Deos por ſua piedade nunqua abrio mão dos que em elle eſperam, nem para dar, ou tolher, ha quem lhe praz vitoria, à miſter poder de mais, nem menos gente. Lembrevos quantas vezes, e em quantos luguares, peleyjaram noſſos anteceſſores com eſtes imiguos da Fèe, e hos venceraõ pouquos, pois nom he aguora menos poderoſa ha maõ do Senhor Deos para nos ajudar contra El Rey Iſmar, do que foy nos tempos paſſados para ajudar ha elles, e aſſi outros muitos Princepes, e Senhores Chriſtãos, em ſemelhantes caſos, e tanto mais da ventagem de noſſos imiguos; deve noſſo coraçaõ, e eſforço quanto temos mais juſtas cauſas, e rezaõ de peleyjar. Nós peleyjamos por Deos, pela Fée, pela verdade, e eſtes arreneguados que vedes, peleyjaõ contra Deos, pela falcidade. Nós por noſſa terra, elles pela que nos tem tomada, e furtada, e querem furtar. Nós pelo ſangue, e vingança de noſſos Anteceſſores, elles por ainda cruelmente eſpargerem o noſſo. Nós por poer noſſos pays, noſſas mãys, noſſas peſſoas, molheres, e filhos, com liberdade, elles ha nós todos em ſeu cativeyro, ha terra que hoje em dia tem, e peſſuem em Africa, em Eſpanha, noſſa foy, e ha Chriſtãos por noſſos peccados ha tomaraõ, e aguora que Deos quer, que ha cobremos, com ſeu desfazimento, e deſtruiçaõ, nom desfaleçamos ha vontade do Senhor Deos, e ha tamanho bem noſſo; oh quanta merce nos Deos faz Cavalleyros, e ha quanto bem nos cheguou, ſe lho bem conheceſſemos, cheguounos ha hum dia, e feyto tam glorioſo, quanto Cavalleyros, nom poderiaõ, nem ſaberiaõ mais deſejar. Cheguounos apeleyjarmos por elle, e por nòs, peleyja ſua, e noſſa contra ſinquo Reys Mouros imiguos da ſua ſanta Fée, em que nos elle ſalvou, peleyja em que mataremos, ſeguros de culpa, morreremos mais ſeguros de gualardaõ, matando, guanharemos terra, e houra temporal, morrendo guanhamos ho Ceo, e gloria eterna, matando tolhemos ha vida a noſſos imiguos, e morrendo damos vida, e gloria ha nôs para ſempre, ha quem ſe deve mais noſſa vida que ha Deos q̃ no la deu, nem noſſo ſangue que ha Chriſto, que ho ſeu proprio por nós eſpargeo, nem que podemos fazer neſte mundo por elle, que muito mais, e primeyro nom fizeſſe por nòs, elle ſendo filho de Deos, ſe abayxou ha fazer homem por nos fazer filhos de Deos, e nós filhos de homens, ainda por elle nom faremos por onde filhos de Deos pareçamos? Elle padeceo por nós, ſóo nuu, e deſpido, ſem gualardaõ, e nòs cubertos de armas, e acompanhados, e com gualardaõ, muito mayor, que merecimento, receamos peleyjar porquem aſſi por nòs morreo, para que nos fez loguo Deos, para que nos teve amor tam ſobejo, que por remir tam ingratos ſervos, deu ſeu proprio filho, ſendo loguo (quanto aſſi por nòs, e nòs poſſamos fazer por elle) feyto tudo ſóo por nòs, e para nòs, que Deos naáa lhe faz

miſter? Certo nom hee de homens, nem de Cavalleyros, e muito menos de Chriſtãos, e mais nòs Portuguezes recearmos trabalho, que nos ſae em tanta gloria, nem morte que nos paſſa a vida para ſempre ſegura da morte, pelo qual meus bons Cavalleyros tenhamos muita Fee, e muita Eſperança, em N. Senhor, ho dia de ha menhãa em que com ſua graça venceremos ha batalha, ſera de tanto prazer para nòs, e nos apreſenta tanta gloria, e honra para ho outro mundo, e para eſte cuidando no premio, faz ligeyro ho trabalho, nom cureis de nhumas rezões, nem temores que ha lembrança de Deos ſuo, e de tanto bem noſſo, no los deve lançar fóra de noſſos corações. Hi vos aguora todos em boa ora ha repouzar, e eſperay com muito prazer, e deſcanço ho dia da menhãa, tam ledo, e de prazer, como nunqua foy ha Cavalleyros, tanto que amanheçer vamos loguo com ha ajuda de Deos, e ſua graça a ho que viemos fazer, que elle à de ſer com noſquo como ſempre ho hee com os ſeus, e elle por ſua piedade nolo dará feyto, e vencido, em noſſas mãos, e de manhãa prazendo ha elle acabareis de confirmar para ſempre ho bom nome, e louvor que hos Portuguezes tem de ſaberem bem aguardar ſeu Senhor nas preças, e periguos mayores, porq̃ com ha ajuda do Senhor Deos, eu eſpero tomar tal luguar na peleyja, onde me faça meſter voſſas mãos, e ajuda.

Quando os Portuguezes ouviraõ taes palavras, com tanto, e taõ confiado esforço do Princepe, foraõ aſſi todos esforçados, e animados, de hum coraçaõ para ſervir ha Deos, e ha elle naquella batalha que pareceo ſer treſpaſſado em cada hum ho meſmo esforço, que no Princepe viaõ, reſponderaõ todos muy ledos, que pois elle queria, e lhe aſſi parecia, elles eſtavaõ muy preſtes para fazer ho q̃ ſempre fizeraõ aquelles donde elles decendiaõ.

CAPITULO XV.

Como N. Senhor appareceo aquella noyte aho Princepe D. Affonſo Anriques, poſto na Cruz como padeceo por nós.

QUando foy contra ha tarde depois que ho Princepe fez poer as guardas em ſeu arrayal, ho Irmitaõ que eſtava na Irmida, que acima diſemos, veyo a elle, e diſelhe: *Princepe D. Affonſo Deos te manda por mim dizer, q̃ pela grande vontade, e deſejos que tens de ho ſervir, quer que tu fejas ledo, e eſforçado, elle te fará de menhãa vencer ElRey Iſmar, e todos ſeus grandes poderes, e mais te manda por mim dizer, que quando ouvires tanger hũa campaynha, que na Irmida eſtáa ſaxras fór[illegible], e elle te apparecerá no Ceo, aſſi como padeceo pelos peccadores.* [E já antes deſſo elle tinha feyto, e dotado com grande deva-

devaçaõ ho Moesteyro de Santa Cruz de Coimbra, à honra da morte, e payxaõ que N. Senhor recebeo na Cruz, pelo qual hee de crer, q̃ lhe quiz Deos assi apparecer, porque por onde cada hum mais merece, por hy ho mais honra, e alevanta] Desque se partio ho Irmitaõ, ho Princepe D. Affonso poz hos giolhos em terra, e dice: *Oh bom Senhor Deos todo poderoso, ha que todalas creaturas obedecem, sogeytas ha teu poder, e querer, aty só conheço, e tenho em merce hos grandes bens, e merces que me tens feyto, e fazes em me mandares prometer tam grande cousa, como esta, e tu Senhor sabes que por te servir, passey muita fadigua, e trabalho cõtra estes teus imiguos, com hos quaes, por serem contra ty, eu nom quero paz, nem hos ter por amiguos, e pois em quanto viver, me nom ey de partir de seu serviço à tua infinda piedade peço que me ajudes, e tenhas em sua santa guarda; porque ho imiguo da linhagem humanal nom seja poderoso para torvar teu santo serviço, nem fazer que meus feytos sejaõ ante ty aborrecidos.*

E desde que esto dice com outras muitas devotas palavras, encomendouse ha Deos, e à Virgem glorioſa sua Madre, entaõ acostouse, e adormeceo, e quando foy huma ora, ante menhãa tangeose ha campa, como ho Irmitaõ dicéra, e entam ho Princepe sayose fóra da sua tenda, e segundo elle mesmo dice, e dentro em sua Estoria se contem, vio Nosso Senhor em ha Cruz no modo que dicéra ho Irmitaõ, e adorou-o muy devotamente cõ lagrimas de grande prazer, confortando-se, e animando-se com tal elevamento, e confirmaçaõ do Espirito Santo, q̃ se affirma [tanto que vio N. Senhor] aver antre outras palavras falado alguma sobre coraçaõ, e espirito humano, dizendo: *Senhor, a hos Ereges, a hos Ereges faz mester appareceres, que eu sem nhuma duvida creyo, e estero em ty firmemente.* Esso mesmo nom hee para leyxar de crer, ho que tambem se affirma que nelte apparecimento foy ho Princepe D. Affonso certeficado por Deos de sempre Portugual aver de ser conservado em Reyno, e ho tempo, e caso, aquella ora sua virtude, e merecimentos eraõ taes para lho Deos prometer. E mais se affirma que por ser esta ha vontade de N. Senhor cõfirmou-o depois hum parceyro de S. Francisco homem santo, que veyo ha Portugual, do que nos tempos passados, e em nossos dias; Deos seja louvado, se vio muito grande mostra desto ateeguora; e serà para sempre; tudo he para crer que N. Senhor queria, e faria ha Princepe tam virtuoso, sobre que fundava Reyno, e Reys tam virtuosos, para tanto seu serviço, e da santa Fee Catholica, e por suas cousas andarem por culpas dos tempos em muy falecida lembrança de escritura quiz Deos, segundo parece,

que

que fiquaſſem algumas em confirmada fama.

CAPITULO XVI.

Como ho Princepe D. Affonſo Anriques depois de ordenar ſuas azes para peleyjar cõ hos Mouros no Campo Dourique foy levantado por Rey.

TAnto que N. Senhor deſapareceo, ho Princepe muy cheo de prazer, e esforço, ſe veyo para ſua tenda, e fezſe armar, mandando dar às trombetas, e atabales, e anafins; hos do arrayal foraõ loguo todos levantados, e começaraõ-ſe de confeſſar, e ouvir ſuas Miſſas, e communguar encomendando-ſe todos ha Deos, com grande devaçaõ, e alegria. Eſto acabado partio ho Princepe ſua gente em quatro azes, na primeyra meteo trezentos de cavallo, e tres mil homens de pée, e na reguarda fez outra az em que hiaõ outros trezentos de cavallo, e tres mil de pèe, huma das azes fez de duzentos de cavallo, e dois mil de pée, outra az fez de outros tantos, que eraõ por todos dez mil homens de pèe, e mil de cavallo, na primeyra az hia ho Princepe com muy bõos Cavalleyros, hia com elle D. Pero Paes Alferes que levava ſua bandeyra, e D. Dioguo Guonçalves, que era grande rico homem, ha reguarda foy encomendada ha D. Lourenço Vieguas, e ha D. Guonçalo de Souza, e ha az eſquerda ha Mem Moniz filho de D. Eguas Moniz jàa finado, e ha direyta ha ſeu irmão Martim Moniz.

Nom ceſſava ho Princepe em ordenando has azes, e depois de ordenados, correndo por todos ha animalos, e esforçalos, chamandoos por ſeus nomes, trazendolhe à lembrança ho que lhes tinha falado, e encomendado, e nelles cabia fazer, e aſſi deſde que ho Sol ſahio, e ferio nas armas dos Chriſtãos, mayormente indo acompanhados da graça de Deos reſplandeciaõ, e reluziaõ tam grandemente, que ainda que poucos foſſem, nom avia poder mayor que hos nom temeſſe.

Hos Mouros tambem de ſeu cabo poſtos no campo, fizeraõ de ſi doze azes de gente muy groſſa, aſſi de pèe, como de cavallo, e quãdo hos Senhores, e grandes que eſtavaõ com ho Princepe viraõ has azes dos Mouros, e grande multidão delles ſem conto, cheguàrão a ho Princepe, e diceraõ: *Senhor, nòs vimos ha vòs que nos façais huma merce, ha qual ſeràa grande bem, e honra dos que aqui viverem, e a hos que morrerem, e ha todolos hos de ſua geraçaõ.* Ho Princepe lhe reſpondeo que diceſſem, que nom avia couſa, que em ſeu poder foſſe de fazer, que de boa vontade nom fizeſſe, elles diceraõ. *Senhor, ho que toda eſta voſſa gente vos pede hee, que vòs conſintais q̃ vos façaõ Rey, e aſſi*

e aſſi averàõ mais esforço para peleyjar. Reſpondeo elle, e dice.

Amiguos ſeres irmãos, eu aſſaz tenho de honra, e ſenhorio antre vòs, por ſempre ſer de vós muy bem ſervido, e guardado, e porque deſto me contento muito, nom me quero chamar Rey, nem ſelo, mas eu como voſſo irmaõ, e companheyro, vos ajudarey com meu corpo contra eſtes infieis imiguos da Fèe, quanto mais q̃ para ho que dizeis ho luguar, nem ora, nom ſom convenientes pelo qual para ho feyto, em que eſtamos vos ſede muy esforçados, e nom temais nada, que o Senhor Jeſu Chriſto, por cuja Fée ſomos aqui juntos, e preſtes para peleyjar, e eſparger noſſo ſangue, como elle fez por nós, nos ajudarà contra eſtes imiguos, e hos dará vencidos em noſſas mãos, e o preciozo Apoſtolo Santiaguo cujo dia oje hee, ſerà noſſo Capitaõ, e valedor neſta batalha. Reſponderaõ elles todos: *Senhor, praza ha Deos que aſſi ſeja, e naõ menos ho eſperamos de ſua graça, porèm para elle ſer milhor ſerviço de vòs, e de nós neſte feyto, e em todos os outros adiante, hee muy neceſſario que vos alcemos por Rey, e nom deve huma ſóo vontade voſſa trovar ha de todos que volo tanto pedimos, e deſejamos.* Ho Princepe vendoſe tam afiquado delles, dice q̃ pois aſſi era que fizeſſem ho q̃ lhes bem pareceſſe. Entam todos ho levantarão por Rey; bradando com grande prazer e alegria: *Real, Real, por ElRey D. Affonſo Anriques de Portugal.* anno de Chriſto de mil cento e trinta e nove. 1139.

CAPITULO XVII.

Como ho Princepe D. Affonſo depois de alevantado por Rey de Portugal deu batalha ha ſinquo Reys Mouros no Campo Dourique, e do grande vencimento della.

FEyto eſto ElRey cavalguou loguo em hum cavallo grande, e fermoſo, que lhe foy trazido cuberto de ſuas armas brancas, como dantes trazia, e hos ſenhores Cavalleyros ſe tornaraõ cada hum ha ſuas azes, e luguares ordenados, e ſem mais tardança, moveraõ contra hos Mouros, que jàa vinhaõ contra elles. ElRey quando vio ſer tempo dice ha D. Pero Paes ſeu Alferes que abalaſſe mais rijo com ha bandeyra, e toda ſua àz, ho fez aſſi, e forão todos juntos ferir nos Mouros muy rijo onde ElRey que hia diante ferio, hum Mouro da lança, de tal ſorte, e encontro, que deu loguo com elle morto em terra, e rompendo ha primeyra àz dos Mouros cheguarão à ſegunda da gente muy groſſa, e aly foy grande ſem conto ho poder dos Mouros, que tambem das outras azes carreguaram ſobre ElRey. Entam D. Lourenço Viegas, e D. Gonçalo de Souzâ que

traziaõ ha reguarda acodiraõ ha ElRey muy esforçadamente, e foy ha peleyja muy grande, e ferida de ambas has partes, esso mesmo Martim Moniz, e Mem Moniz Irmãos, Capitães das azes entraraõ cada hum de sua parte na batalha, como esforçados Cavalleyros, que eraõ, fazendo grande matança nos Mouros.

Todos ho faziaõ muito bem: mas em especial ElRey da ventagem que era muy grande de corpo, e de muy affinada valentia, de força grande, e coração muyto mayor, e gram cortador de espada, e por tanto seu peleyjar onde se topava, antre todos era avantejado. Foy esta batalha tam bravamente peleyjada, que durou atée oras do meyo dia, sem tomar fim, sendo ho dia tam quente, e tanto pôo naquelle tempo, que cada huma destas cousas com pouqua mais afronta hos devera cansar; mas N. Senhor que era com ElRey D. Affonso tam esforçado Cavalleyro, e com hos seus lhes deu esforço, como nem com nhuma destas cousas, nem com tanta multidaõ de Mouros afraquassem dandolhe batalha, e de tudo tam grande vencimento, qual se nom deu, de tam poucos, e tantos em batalha campal aprazados; foy assi vencido ElRey Ismar, e hos quatro Reys Mouros que vinham com elle, e mortos na peleyja muy grande conto de Mouros, e muitas das molheres pelejadoras, que acima dicemos, nem da parte dos Christãos foy ha vitoria sem perda grande, morrerão muitos antre hos quaes Martim Moniz Capitaõ da az direyta, e D. Dioguo Guonçalves, homens muy principaes.

Nom se espante ninguem, nem duvide do que em cima escrevo da grandeza deste vencimento, como jàa vi espantar alguns por mo assi ouvirem, quando Plutarco, e outros Authores Greguos, e assi Tito Livio cõ outros Latinos, concordando affirmaõ, e dizem ha vitoria da batalha q̃ Lucullo Lentulo Capitaõ de Roma ouve em Asia contra ElRey Tigranes ser a mayor que ho Sol nunqua vio sendo hos Romãos onze mil de pée, ha fóra ha gente de cavallo, e hos imiguos duzentos, e vinte mil de peleyja, avendo-o loguo com gente tam cobarda, e prestes para fogir, q̃ sobre morrerem delles cem mil no desbarato, dos Romãos sómente sinquo morrerão, e feridos nom passàraõ de cento, donde se escreve, que hos Romãos ouveraõ vergonha, e se riraõ de si mesmos por tomarem armas para tam vil gente, da qual segundo affirma Tito Livio eraõ os vencedores quasi ha vigesima parte, ho que em muy mayor grào, e desigualança se deve estimar, e dizer desta vitoria delRey D. Affonso assi pelo muito mais numero de imiguos, e menos dos Christãos, como pela valentia, e animozidade, e seyta contraria dos infieis, e àlem desso vezados às

mesmas

meſmas guerras noſſas, e ha muitas vitorias avidas contra nós, com que ſe tinhaõ feyto vencedores da Chriſtandade, e ſenhoreado ho mundo, nem des ho tempo de Lucullo Lentullo para cà, nom acho vitoria deſſas mais aſſinadas, que foraõ; porque deſta delRey D. Affonſo ſe devia julguar, nem dizer menos do que dice.

CAPITULO XVIII.

Como ElRey D. Affonſo Anriques depois da batalha vencida acrecẽtou em ſuas Armas ſinaes que moſtraſſem ho que lhe ally acontecera, e da nova que ouve do Corpo de S. Vicente por alguns que ahi foraõ tomados.

DEpois da batalha vencida eſteve ElRey D. Affonſo tres dias no campo, como hee de coſtume fazerem os Reys ſe forçados, neceſſidade lhes nom vem, e eſtando aſſi no campo, em lembrança da grande merce que lhe Deos naquelle dia fizera acrecentou em ſuas Armas ſinaes que moſtraſſem ho que lhe ally acõrecera, no Ceo, em Cruz. Poz ſobre ho campo q̃ dantes no Eſcudo trazia, por Armas huma Cruz toda azul, partida em ſinquo Eſcudos, pelos ſinquo Reys que vencera, e meteo trinta dinheyros de prata em cada hum dos Eſcudos em relembrança da morte, e Payxaõ de Jeſu Chriſto, vendido por trinta dinheyros, e hos Reys de Portugual, que depois vieram, vendo que ſe nom podião meter tantos dinheyros em pequenos Eſcudos Darmas puzeram em cada hum dos ſinquo Eſcudos ſinquo dinheyros em aſpa, e aſſi contando por ſy cada huma carreyra da Cruz do longuo, e atravez metendo ſempre no conto de ambas has vezes hoEſcudo da ametade, fazem trinta dinheyros, e deſta maneyra ſe trazem aguora.

Depois dos tres dias paſſados que ElRey D. Affonſo eſteve no campo com muy grande honra, e grandes prezas de ouro, e prata, preſioneyros, e guados tomados na batalha, tornouſe para Coimbra. Antre hos preſioneyros era hum bom quinham de gente que chamavão Moçaraves hos quaes erão Chriſtãos, que hos Mouros tinham por cativos naquella terra, e quando ElRey cheguou ha Coimbra ho Prior de Santa Cruz ho ſayo ha receber, e dicelhe: *Oh Senhor Rey, e vós outros nobres varões que ſois filhos da Santa Madre Egreja, porque trazeis aſſi prezos, e cativos eſtes Chriſtãos irmãos voſſos comõ ſe foſſem infeis, devendo-os de ter, e tratar como vós meſmos, ora vos peſſo ſenhor, pois ſaõ da Ley de Chriſto como nós, ſejaõ ſoltos, e livres da prizaõ.* E ElRey que era muito ſogeyto ha toda razão, e virtude de todo bom, e verdadeyro Chriſtão, outorgou

loguo no que ho Prior falou, e hos mandou todos ſoltar, e livrar de cativeyro.

Vinhaõ entre eſtes Moçaraves dous homens de grande idade, e muy louvada vida, hos quaes contàraõ ha ElRey como jàa eſtiveraõ no cabo da terra do Alguarve que mais ſae aho mar do Occidente, que naquelle luguar jazia ho Corpo de S. Vicente, aho qual elles ally viraõ fazer muitos milagres. Quando ElRey eſto ouvio, tomou grande deſejo de aver aquelle Santo Corpo em ſua terra, mas pois me ha Eſtoria trouxe ha fazer mẽção de tam glorioſo Martyre que em Portugual temos pareceme erro paſſar aſſi por elle, ſem dizer primeyro aho menos em ſoma como, e onde foy martyrizado, e ſeu Corpo guardado dos Chriſtãos, e depois em ſeus luguares contarey, como foy trazido àquelle Cabo, que ſe ora de ſeu nome chama Cabo de S. Vicente, onde por duas vezes foy buſquado, e nom ſe podendo achar da primeyra, foy achado da ſegunda, e foy trazido à Cidade de Lisboa.

CAPITULO XIX.

Como Daciano veyo ha Eſpanha por mandado do Emperador de Roma, e mandou matar S. Vicente depois de muito atormentado por prèguar ha Fée de Chriſto.

FOy S. Vicente natural da Cidade de Oſqua, que ora hee no Reyno de Araguaõ, de nobre linhagem, de Fèe, e virtude muito mais nobre. Foy diſcipulo do Martyre Papa Sixto I. e praceyro muito como irmão de S. Lourenço, e ſendo enviado ha Eſpanha pelo Papa, cheguouſe ha S. Valerio Biſpo de Valença, ho qual por ſer empachado na linguoa, em prèguações, e muitos outros autos do ſerviço de Deos, cometia ho carreguo ha S. Vicente. Era entam Emperador de Roma Diocleciano gentio, que fez gêralmente pelo mũdo ha decima perſecuçaõ contra Chriſtãos, que durou dez annos, e foy mayor, e mais cruel, que nhuma feyta antes, nem depois, e antre muitos emxuquutores, que ha eſſo mandou por todalas Provincias, enviou Daciano em Eſpanha ho qual eſtando em ha Cidade de Valença, tanto que ſoube da vida de S. Valerio, e S. Vicente, e da doutrina de Chriſto, que aho povo prègavaõ, hos fez trazer ante ſy, preguntandolhes, e emquerendo com gram ſanha, e ameaços pelas obras que faziaõ, e prèguavaõ, e S. Valerio por ſer jàa velho, e empachado da fala, como dito hee, começou ha reſponder manço, e de vaguar.

Dice entam S. Vicente ha S. Valerio: *Padre nom cumpre aqui reſpoſta que ſeja emcolheyta mas ſe man-*

mandardes eu reſponderey ha eſte Juiz. S. Valerio reſpondeo: *Praſme filho que como ſabes dias à que te tenho muitas vezes cometido.* Entam S. Vicente reſpondeo, e falou ha Daciano com tanto fervor, e conſtancia pela Fèe de Chriſto, que Daciano muy irado ho mandou fortemente atromentar mudandolhe, e dobrandolhe, (ha fim de ho tirar de Chriſto por muitos dias) hos tormentos, tais, e tantos, quanto crueza ſobeja muito podia ſobejadamente inventar, e fazer, ſem fiquar nhum que ſe poſſa cuydar, hos quaes por brevidade, dizer eſcuzo. Vendoſe Daciano com todos ſeus tormentos, perante todos vencido, e S. Vicente cada vez em elles mais vencedor, e glorificado, receando, que ſe por entaõ morreſſe nos tormentos leyxaria de ſy mayor gloria, mandou que ho lançaſſem em ſua cama, muy mole, e curar muyto bem delle, para depois de convalecido lhe renovar novas dores, e chaguas e aſſi por continuaçaõ de tormentos fazello render; mas elle jazendo naquella precioſa, e nom caridoſa cama, deu ha Alma ha Deos, que como ſua ha levou para ſy, e ha quiz aver por eſcuza de mais exames, nem provas de virtudes.

Sabendo ſua morte Daciano ainda entam ſe nom doeo delle, ſe nom decendo vivo lhe ſer tolhido ſua crueza, dizendo: *Pois em vivo ho nom venci, morto ho vencerey, e desfarey.* Mandou entaõ lançar ho Corpo às aves, e animalias, que ho comecem, onde ouve pelos Anjos tam guardado; que nhuma lhe poz boqua, antes de Corvos que al nom buſquavaõ; foy hum viſto guardallo, e defendello, ho que ſendo dito ha Daciano, dice com a meſma ſanha, e crueza dantes de mais: *Se nem morto ho poderey vencer.* Entam mandou atar huma grande móo aho Corpo, e lançallo no mar para debayxo do mar ſer eſcondido, e desfeyto, quem ſobre ha terra nom pudéra; mas ho Corpo de S. Vicente milagroſamente veyo ateer à terra primeyro que ho meſmo barquo, que ho foy deytar, e ally por ſua revelaçaõ foy ſabido, e recolhido ſeu Corpo dalguns Chriſtãos, que ho devotamente enterrarão, fazendo ahi ſempre muitos milagres. Padeceo depois de N. Senhor duzentos 287
e oitenta e ſete annos. Deſte Martyre preciozo falam muitos Doutores, muy grandes louvores, antre hos quaes diz delle Sãto Aguoſtinho: *Oh Bemaventurado Vicente, verdadeyramente venceſte: venceo nas palavras, venceo nas penas, venceo queymado, venceo alaguado, venceo vivo, venceo morto.*

CAPITULO XX.

Como ho Corpo de S. Vicente foy trazido aho Cabo que ſe ora chama de S. Vicente, e como El-Rey D. Affonſo ho foy laa buſ-

quar, e nom ho podendo achar ſe tornou para Coimbra.

CONtaõ has Eſtorias dos Arabiguos, que andando ha era dos Mouros, em cento e trinta e ſinquo annos, ſe levantou nas Eſpanhas hum poderoſo homem, ha que chamavam Abdenamer, ho qual começou ha conquiſtar, e ſobgiguar por Eſpanha aſſi Mouros, como Chriſtãos, nom achando Santuario de Chriſtãos, q̃ nom deſtruiſſe, nem oſſos de Martyres, que nom queymaſſe, e andando neſta Cõquiſta foy ter ha Araguaõ, e ha Valença, e hos homens que tinhaõ ho Corpo do Martyre S. Vicente, quando ſouberaõ de ſua vinda, e do que fazia às Reliquias, e Corpos dos Santos, ouveraõ ſeu acordo de fogirem com elle, para terra onde foſſe guardado, aprouve ha N. Senhor de hos guiar àquelle Cabo chamado ora de S. Vicente, como acima ſe diz, para ho ſeu Corpo ally ſer enterrado, e eſcondido, e àquelles homens boõs que ho trouxeraõ, eſtiveraõ continuadamente com elle atée que por ally cheguou hũ Cavalleyro Mouro, q̃ morava naquella terra dos Alguarves natural do Reyno de Fées ha que chamavão Albofacem, e contaõ has Eſtorias em como elle dice, que andando por ally de noyte achàra certos homens guardando aquelle Corpo hos quaes matara, e leyxara ho Corpo.

ElRey D. Affonſo ouvindo ho contheudo neſta Eſtoria com ho que lhe tinham falado, e affirmado hos dous velhos Moçaraves de como eſtiveraõ no meſmo luguar, onde jazia ho Corpo de S. Vicente. Teve concelho com hos ſeus em que modo ho poderiaõ aver, e acordaraõ que fizeſſem treguoa com hos Mouros, e por tempo certo. Ellas feytas, ElRey D. Affonſo partio de Coimbra para aquelle luguar, com tanto deſejo, e devaçaõ, que apaguava em ſeu coraçaõ todo receo, trabalho, e periguo que niſſo corria, e cheguando làa fez buſquar com grande deligencia ho Corpo, e nunqua ho pode achar por N. Senhor ter ordenado, que ho Jaziguo deſte glorioſo Martyre foſſe na Cidade de Lisboa onde aguora jaz, ha qual ainda entam era de Mouros. Quãdo ElRey D. Affonſo vio que nom podia achar eſte Santo Corpo, como quer que muito lhe pezaſſe, remeteo ſeu pezar à võtade de Deos, que por entam parecia ſer aquella, e da ly tornouſe para Coimbra.

CAPITULO XXI.

Como depois deſto ElRey Iſmar que foy vencido no Cãpo Dourique veyo tomar Leyria, e ho Prior de Santa Cruz de Coimbra foy ha Alentejo, e tomou Arronches, e como ElRey D. Affonſo tornou outra vez tomar

mar Leyria aos Mouros.

ELRey Iſmar, que foy vencido no Campo Dourique, por ElRey D. Affonſo Anriques como jàa dicemos, tendo ſempre grande vontade em guerrear Chriſtãos, em eſpecial depois de aver aquelle grande desbarato, ajuntou muitas gentes, e veyo-ſe ha Santarem, e daly partio levando conciguo ha Euzari que era Alcayde da Villa, e correo ha terra, atèe cheguar ha Leyria, ha qual combateo tam fortemente, que entrou por força matando hos mais dos Chriſtãos, que hi achàraõ, e levando cativo Payo Guoterres, que ho Prior de Santa Cruz ahi leyxàra por Alcayde, e depois de leyxarem Mouros no Caſtello, e Villa, que ha bem mantiveſſem, e guardaſſem, tornaraõſe loguo para ſuas terras, fazendo tudo eſto com tanta preça, e triguança, que ElRey D. Affonſo eſtando em Coimbra nom teve tempo para ſocorrer, e vir à batalha com elles.

Foy tomada Leyria delRey Iſmar era de N. Senhor de mil cen-
1140. to e quorenta annos. Quando ho Priot de Santa Cruz ha que chamavam Theotonio homem ante ElRey muito eſtimado, vio tomada Leyria, que lhe ElRey D. Affonſo com muita devaçaõ, e vontade tinha dado, tomou em ſy grande pezar, e partindo-ſe do Moeſteyro, foyſe ha guerrear às terras de Alentejo, que hos Mouros peſſuyaõ, onde tomou ha Villa de Arronches, e em quanto aſſi ho Prior là andou guerreando, ElRey D. Affonſo tendo grande pezar por ſe aſſi tomar Leyria, ajuntou outra vez gente, e foy ſobre ella, e Deos que ſempre ho ajudava em todos hos ſeus feytos, lhe deu tam boa eſquença, que por força ha tornou ha tomar, poſto que hos Mouros ha muy bem defendeſſem. E eſto foy quatro dias por andar de Fevereyro era do Senhor de mil cento e quorenta e cinquo an-
1145. nos, e porque vio ho Prior aquem elle dantes dera ha Villa lha nom guardàra bem, poz em ella, e no Caſtello tal guarda, como compria para ſua defenſam, que lha nom podeſſem aſſi hos Mouros outra vez ligeyramente tomar, e tornouſe ha Coimbra.

CAPITULO XXII.

Como ElRey D. Affonſo tornou ha dar Leyria aho Prior de Santa Cruz, e aſſi tambem Arronches, em todo ho eſpiritual, ſiquando ho tẽporal cõ hos Reys de Portugual, e como ElRey cazou com Dona Moſalda filha do Conde D. Anrique de Lara.

ACabo de dias, eſtando ElRey D. Affonſo em Coimbra cheguou ho Prior de Santa Cruz, e diſe

e dice a ElRey: *Senhor vòs déſtes ha eſta voſſa Egreja ha Villa de Leyria quando ha tomaſtes ahos Mouros, e com quanto eu fiz para ella ſer guardada todo ho que bem podia, e devia, porèm por noſſos peccados foy tomada de Mouros como ſe vio, pelo qual eu tomey tanto nojo, que me fez leyxar ho modo de meu viver ordenado, e tomar vida de andar em guerra, no que me ainda Deos ajudou tanto que tomey ha Villa de Arronches, e ora Senhor ſomos aqui ante vòs, eu, e meus amiguos, ho feyto de Arronches, e Leyria todo pomos em voſſas mãos.* ElRey avendo ſobre eſſo concelho, e vendo como hos negocios temporaes nom convinhaõ ha tal Habito, e Religiaõ, mayormente em feytos de guerra, teve por bem que todo ho eſpiritual deſtas Villas ambas, foſſe de Santa Cruz, e ho temporal ficaſſe ſempre ahos Reys de Portugual.

Eſtando aſſi ElRey D. Affonſo com muy grande honra, e fama em Coimbra, foylhe cometido ho cazamento com Dona Moſalda Anriques filha do Conde D. Anrique de Lara, e ha elle aprouvelhe muito de cazar com ella por eſtes reſpeytos, primeyramente por ha Caza de Lara ſer avida, por ha mais alta linhagem Deſpanha, eſſo meſmo porque em toda Eſpanha, nom avia molher nhuma de linhagem de Reys ha que elle nom foſſe muy cheguado em parenteſco, tambem por ella ſer muito fermoſa, e dotada de muitas virtudes, e bondades, e por tanto tomou muy grande contentamento deſte cazamento, ho qual foy feyto em Coimbra, era de N. Senhor de mil cento quorenta e ſeis annos, avendo jàa ſete annos que fora levantado por Rey, e fazendo ſinquoenta, e dous annos de ſua idade, e por ſe nom achar eſcrito nada das couſas, que ſe neſte cazamento fizeraõ, nem como foram, ſe nom poz aqui mais, que ſóomente cazar ElRey, e ho tempo em que cazou; pelo qual paſſando por eſto, falaremos, como ſe ElRey moveo depois para tomar ha Villa de Santarem. 1146

CAPITULO XXIII.

Das bondades da Villa de Santarem, e ſeu termo, e como ElRey D. Affonſo propoz, e ordenou em ſua vontade de ha tomar, e ha tomou.

AHo tempo que hos Mouros ha que em Arabiguo chamaõ Miçamidas entraraõ por Eſpanha, e deſtruiraõ ha Cidade de Sevilha na era do Senhor de mil cento quorenta e ſete annos, eſtava ElRey D. Affonſo em Coimbra avendo jáa oito annos que depois de alçado por Rey reynava, ho qual avia muito que tinha grande vontade, e dezejos de tomar ha Villa de Santarem, ha huma, por 1147

della

della ſe fazer muita guerra, ha toda ſua terra, ha outra por ſer ha milhor Villa do Reyno, pela nobreza, e abaſtança de ſeu aſſento, que da parte do Oriente ha viſta dos homens nom ſe póde fartar de ver ha fermoſura dos campos muy chãos, abaſtados de muito pam, correndo por elles ho grande, e muy nomeado Rio do Tejo, eſſo meſmo aho Occidente, e aho meyo dia desfallece ha viſta dos olhos em ho ver eſpaçoſo, e aho Norte contra hos Montes, grande avondança de vinhas, e olivaes, pelo qual falando muitas vezes ElRey D. Affonſo em ſeu deleytoſo, e abaſtado aſſento em todalas conſas, chamavalhe Paraiſo deleytoſo, era ElRey muy maguoado, e todo penoſo em ſeu coraçaõ por ha ver em poder de Mouros, e nom poder tomalla; com quanto trabalho jáa tomára ſobre ella, porque ha Villa nom era tam grande de manter, nem defender, ahos que dentro eſtavaõ, nem tam pequena, que ſe pudeſſe furtar de pouquos, álem deſto, era muy forte de muro, e torres, e barreyra da parte do Occidente ha que hos Mouros chamaõ Alfaõ, porque parecia deſte cabo cham, em reſpeyto do outro cerquo que he ſobre barroquas muy altas, e da parte do Oriente fizeraõ hos Mouros carretar tanta terra ahos Chriſtãos que tinham cativos, com que encheraõ de fundo acima, e fizeraõ hum oiteyro de tal altura, que lhe pozeraõ hos Mouros nome Alarfa, que quer dizer couza ingreme, e temeroſa, porque lançavaõ por ally hos que eraõ condenados por ſentẽça à morte, e hiaõ os corpos mortos ter aho fundo à ribeyra do Tejo, e da parte do Sul por rezaõ da propriedade da terra esbarrondada que ſeubre chamavão Alfange, que em Portuguez ſoa quebrada, e nom ſe podia por ally aver entrada aho luguar, ſe nom por recayos, e da parte do Norte nom menos eſtá ha Fortalezado, pela grãde altura do Monte que he pedreguoſo, e aſpero, pelo qual aſſi pela grande Fortaleza da Villa, que por nhuma maneyra de engenhos ſe podia combater, como pelo grande percebimento de muito boa gente, e mantimentos q̃ dentro avia, nom podia ElRey D. Affonſo aver modo de ha tomar, nem remedio para tolher ha grande guerra, que jàa de gram tempo deſta Villa ſe fazia ha Coimbra, e ha outros ſeus luguares.

Ajudava muito ha Fortaleza da Villa, ha deſficuldade para ſe poder tomar ha grandeza das aguoas do Tejo, que por junto corre, porque quando lhe ElRey punha guardas de huma parte, ſe paſſavaõ com ſeus guados para ha outra, de mais que eſtes campos eraõ tam cheos de pavez, e inſoas, nem ſe podiaõ andar, ſe nom por barquas em tempos certos: por onde ha Villa era tam grave de filhar, que ſeu avoo ElRey D. Affonſo de Caſtel-

lo

la nunqua ha pudera tomar, ſenom por fome, nem eſſo meſmo Cid Rey Mouro, nem Abderazaca que teve ho ſenhorio della trinta e quatro annos, ho que pareceràcouſa muito de maravilhar quãdo ſe ouvir, que ſemilhante Villa foy tomada por ElRey D. Affonſo Anriques com tam pouqua gente, e como quer q̃ elle cuydaſſe muitas vezes em ſeu penſamento como ha poderia tomar por força, ou por algum deſpercibimento, aquelles com que eſta couſa comunicava, repreſentavaólhe ſempre duvidas, de muito grande perriguo, e receo.

CAPITULO XXIV.

Como ElRey D. Affonſo Anriques fazendo treguoa com hos Mouros de Santarem mandou làa D. Mem Moniz ha eſpiar haVilla, e do Concelho q̃ teve com hos ſeus para ir ſobre ella.

DUvidoſo ElRey D. Affonſo Anriques neſta maneyra de poder tomar ha nobre Villa de Santarem, aſſi pelas duvidas que punhaõ eſſes com que falava, como pela grande deficuldade que deſſe meſmo feyto parecia, com todo ſeu grande animo, que ſempre em Deos eſperava, e ha nhumas deficuldades ſe rendia, determinou toda via de trabalhar ſobre eſſo, e fazendo treguoas com hos Mouros, por certo tempo, mandou D. Mem Moniz ſabedor de todo eſte negocio, e concelho láa, para que viſſe, por qual parte, ſe podia ha Villa furtar, e entrar mais deſcançado, e ſeguramente, ho qual indo láa, e aſſentando ha treguoa eſpiou todo muy bem, como homem muy avizado, e de grande engenho, e eſforço que era, e da tornada falou com ElRey em ſegredo fazendolhe ho caſo poſſivel, prometendolhe que elle ſeria ho que foſſe diante, e dos primeyros q̃ no luguar entraſſem, e poria ha ſua bandeyra, ſobre ho muro, e quebraria hos fechaduras das portas, e aſſi ho fez depois, porque era tam bom Cavalleyro, de ſua peſſoa, e para tanto, que para ſervir ElRey, e cumprir ſua Cavallaria, todalas couſas lhe pareciam muy ligeyras, e ſeguras de periguo.

ElRey foy muy ledo com ſeu recado, e eſforço, porque entendia, fazendo-ſe como D. Mem Moniz dizia, ha Villa poderia tomar, nom ſendo primeyro deſcuberto, e tanto lhe pareceo q̃ cumpria ſer feyto com grande ſegredo, que nom quiz falar eſta couſa ahos de ſeu Concelho, em ſeu Paço, receando-ſe de poder ſer em algum modo ouvido, antes foy hum dia ha folguar aho campo chamado Arnado, e ally apartou D. Lourenço Vieguas, e D. Guonçalo de Souza,

Souza, e D. Pero Paes ſeu Alferes, e outros, e contoulhes todo ſeu intento, e propoſito do que queria fazer, mandoulhes que ho tiveſſem em muy grande ſegredo ſobpena de morte, em tal guiza, que ninguem ho podeſſe entender, em quanto ally eſtiveſſem, nem à partida, e ho conſelho acabado, tornouſe ElRey para ho Paço, e vindo pela rua da figueyra velha cheguando à Praça dice hũa velha reguateyra contra has outras: *Quereis vòs ſaber, ho que ElRey con aquelles ſeus companheyros falou.* diceraõ ellas: *Que falou? Falou* dice ella, *como foſſem furtar Santarem.* ElRey em paſſando ouvio tudo, e vendo todos aquelles com que falara eſta couſa hir comſiguo diante ſem nunqua ſe apartarem delle, foy aſſi maravilhando-ſe atée ho Paço, e como deſcavalguou chamou-hos todos, e dicelhes: *Nom atentaſtes no que dice aquella velha, certo ſe algum de vòs ſe apartàra de mim, eu cuydava que fora deſcuberto por elle, e lhe mandara por ello cortar ha cabeça, ſem ho merecer.*

CAPITULO XXV.

Como ElRey D. Affonſo Anriques partio com ſua gente para hir tomar Santarem, e do voto que fez no Caminho ha S. Bernaldo, ho qual naquella ora lhe foy revelado làa em França, onde eſtava.

DEpois deſto fez ElRey preſtes ſóomente, hos ſeus continuos de ſua caza, e alguns pouquos de Coimbra, com Guonçalo Guonçalves; e aſſi mantimentos que lhes abaſtaſſem, e ante que partiſſe foyſſe aho Moeſteyro de Santa Cruz ha falar, com aquelle devoto homem Prior do Moeſteyro em que elle tinha grande, e ſingular devaçam, e encomendoulhe ſua alma, e ſeu eſtado, aſſi como ouveſſe de partir deſte mundo; dizendolhe todo ho que tinha ordenado para hir fazer, e quando avia de ſer, encomendandolhe muito afinquadamente que naquelle dia cõ ſeus amiguos roguaſſe ha Deos de vontade que ho quizeſſe ajudar naquelle feyto ha que hiaõ por ſeu ſerviço, e que eſta couza tiveſſe em grande ſegredo. Entam ſe partio ElRey huma ſegunda feyra nom ſabendo ninguem para onde hiaõ, ſalvo aquelles ha que ho comunicara, e levaraõ ho caminho tam reveſſado, e encuberto que hos Mouros nom ouveraõ novas delles, e vieraõ aquelle dia poer has tendas em Alfaſar, eſta foy ha ſua primeyra jornada, aho ſeguinte dia partiraõ, e foraõ dormir ha Codornolos, e daly mandou ElRey ha Martim Mohaz que foſſe dizer ahos Mouros de Santarem que elle levantava ha treguoa daly em diante, e que ha paz dantre ſi, e elles,

foſſe quebrada atée tres dias, que ſegundo coſtume daquelle tempo, cada hum podia engeytar ha treguoa ha ſeu imiguo quando lhe aprouveſſe, com tanto que lho fizeſſe primeyro ſaber. Martim Mohaz foy, e depois de comprir ho mandado que levava, tornou à quarta feyra ha Aldeguas, onde ElRey eſtava ho qual partio da ly, e hindo pela ſerra Dalvardos acertouſe que D. Pedro irmão baſtardo delRey, que fora jàa em França, hia falando com elle dos muitos milagres, que naquella terra Deos fazia pelo Abbade S. Bernaldo que entam era vivo, e como lhe Deos outorguava toda couza que lhe pedia.

Entaõ ElRey movido ha devaçaõ pelas couzas que lhe ſeu irmão aſſi contava, dice: *Eu á honra, e louvor de Deos, prometo que ſe me elle Santarem quizer dar, por ſua piedade, e pelos roguos do Bemaventurado S. Bernaldo, que vòs dizeis, e eu lhe dee toda eſta terra para ha ſua Ordem quanta vejo daqui atée ho mar, e que faça hum Moeſteyro em que Frades da ſua Ordem vivaõ hà ſerviço de Deos, e porque ella ſeja mais acrecentada.* E ſegundo cõta ha Lenda de S. Bernaldo, tanto que ElRey fez eſte voto, loguo lhe ha elle foy revelado láa em França, onde eſtava eſta promeſſa delRey, e como avia de tomar Santarem ahos Mouros, e em como aquelle Moeſteyro que ElRey prometera de fazer ſeria muy nobre, e abaſtado de todalas couzas, ſegundo depois foy, e hee aguora hum dos grãdes, e riquos Moeſteyros da ſua Ordem que haa na Chriſtandade.

Tanto que ho Abbade S. Bernaldo aſſi ouve eſta revelaçaõ mandou loguo tanger ha Cabido, e todos hos Monges juntos, lhes contou ho que lhe fora revelado, entam todos cantando: *Te Deum Laudamus.* Foraõ à Egreja dar graças ha Deos, e mandàram loguo partir certos Monges para Portugual com livros da ſua Regra, e ordenãça, e hos ꝙ quizeſſem, vieſſem para ally, hos quaes em ſe começando ha obra do Moeſteyro, vierão hi ter, e tomaraõ poſſe pela ordem da Doaçam que lhe ElRey fizera, começando hi de viver, ſegundo ſua Regra com muito acrecentamento, ho qual ha N. Senhor aprouve que foſſe ſempre depois, e aguora neſte tempo.

CAPITULO XXVI.

Como ElRey D. Affonſo Anririques deſcubrio ahos ſeus que hiaõ ſobre Santarem, e das rezões que dice ha todos.

NA ſerra Dalvardos, que acima dicemos, eſteve ElRey ha quinta feyra atée noyte, e dahi abalaram aho ſeraõ andando toda ha noyte, atée ha mata que eſtá ſobre Pernes, onde cheguaraõ ſexta feyra amanhecente, entam concirou ElRey

ElRey que era bem deſcobrir ha todos ſeu dezejo, e aho que hiaõ, e fezlhe hũa falla neſta maneyra: *Meus boõs Cavalleyros, e amiguos, mais verdadeyramente, que ha outros nhuns ſe haa de chamar, bem ſabeis quantos trabalhos, e fadiguas comiguo, e ſem my padeceſtes por azo deſta Villa de que àcerqua eſtamos, e quanta guerra, e males tem feytos à noſſa Cidade de Coimbra, e ha todo meu Reyno por muito tempo, pelo qual detreminey de ha vir com voſquo eſqualar, e tomar, como em Deos eſpero, e ainda que parece neceſſario chamar mais gente para eſſo, e ſeja certo que me viera de muy boa vontade, porèm nom quiz, nem eſcolhi mais que vòs ſoeis, em que ſempre puz, e ponho meus concelhos, e fadiguas, e cuja lealdade, e valentia, em muitos periguos meus conhecida me deu ſempre de vòs, tal, e tam firme confiança, que com ha graça de Deos, ey jaa por feyto ho que vimos ha fazer, alem deſto vejo em voſſos geſtos, e continencias nom menos ſentirdes, e dezejardes, eſta couſa que eu meſmo, ho que me cauza tanto prazer, que jaa me nom parece termos niſto mais pejo, que ha detença deſte dia, que paſſe azinha, para com ha graça de N. Senhor nos irmos ha noyte ſeguinte apoſſentar dentro na Villa, e ho que tenho cuydado para ſe eſto mais ligeyramente fazer, eſcolhamſe cento e vinte de nòs, para dez eſquadas partidos ha cada huma doze, que loguo no primeyro ſobir, ſe achem nom menos de dez ſobre ho muro, e aſſi ſe dobre cada vez ho conto da gente.*

Hos primeyros que ſobirem alevantem loguo minha bandeyra, para esforço dos noſſos, e eſmayo dos imiguos ſe eſpertarem do ſono, e ha poz eſto quebray has fechaduras das portas, e aſſi a volta, e eſtrondo, dos que pela porta entrarem, ajuntados com hos de dentro eſmayaram mais hos imiguos, em cuja matança de homens ſabidos do ſono, nuus, e deſarmados, bem vedes quam pouquo haa de fazer. Vós ha nhuma peſſoa nom perdoeis, nem deis vida, nem ha homem, nem ha mulher, moço, nem velho, de qualquer idade, e qualidade, todos andem à eſpada, e eſto fazey com grande, e triguozo esforço, que Deos ſerà ahi em noſſa ajuda, para cada hum de nòs matar cento delles, e hoje, e à menhãa fazem por nòs oraçaõ geral ho Prior, e todos hos Coneguos do Moeſteyro de Santa Cruz, ha que eu ante que partiſſe notifiquey ho que vinhamos fazer, e aſſi tambem ha Cleresia, com todo ho povo, e porque lhes dice que tinha trato, e inteligencia na Villa, para nos dentro receberem, me perdoe Deos eſta mentira, q̃ âcinte lhe dice, porque lhe esforçaſſe hos coraçõnes, e vontades, aſſi meus amiguos vos esforçay, e peleyjay como ſempre fizeſtes, lembrandovos ho que fazeis por Deos, por my, e por vós, por voſſos filhos, e netos, hy ſerey eu, e me verey com voſquo, que nom póde aver afronta, nem periguo, que ha viver, e morer me aparte de vós, como vejo que fa-

reis por my.

Ouviraõ todos ha ElRey, muy promptos, e animados, em ſeus corações, para ouzarem, e cometerem; todo ho que lhes falou, mas concirando elles antre ſy, ha grande ardideza delRey, e ho muito periguo ha que ſe queria poer, apartaraõſe com elle, e diceram. *Senhor voſſa peſſoa, nom ira com noſquo, que ſe formos vencidos, noſſos imiguos nom averaõ tanto louvor, nem que morramos delles, ou todos, nom hee muito de curar, ſalva voſſa peſſoa, e tirada de ſemelhante riſquo, cuja perda que Deos defenda ſeria perderſe Portugual, e leyxandovos nòs entrar em tamanho periguo, ſeria noſſa linhajem ſempre deſdita, e praſmada, como filhos de tredores, que tendo tal Rey conſentiraõ perdelo*: ElRey reſpeytando ho que lhe aſſi diziaõ, ha muito amor, reſpondeo-lhes com outro tanto, eſtas palavras: *Oh amiguos roguo a Deos ſe eſte anno, eu hey de viver ſem vòs tais Cavalleyros tomardes eſta Villa de Santarem, ha elle praza que antes eu deſta vez em ella morra.*

CAPITULO XXVII.

Como ElRey D. Affonſo Anriques cheguou de noyte ahos Olivaes de Santarem, e dos ſinais que pareceraõ.

PAſſado aſſi eſto, com outras muitas palavras, e praticas ſobre ho caſo, aparelharam todo ho que fazia miſter, para tal obra, e leyxando ally has tendas, e todo ho al que traziaõ, cavalguaraõ em ſeus cavallos, e cheguaraõ ahos olivaes de Santarem, de noyte. Eſto era em veſpora de S. Miguel de Mayo ſete dias andados do mez, na era de mil cento e quorenta e ſete annos, e cheguados ally viraõ hum ſinal, que lhes eſforçou muito mais hos corações; viraõ huma eſtrella grande ardente com grande rayo correndo pelo Ceo, da parte da Serra, que alumiava ha terra, e foy ferir no mar. Vendo eſto diceraõ loguo todos. *Senhor Deos todo poderoſo ha Villa hee em voſſas mãos.* Eſſo meſmo no dia q̃ ElRey mandou notifiquar ahos Mouros ho britamento das treguoas, que acima dicemos ahos da Villa, appareceo outro ſinal muy eſpantoſo pronoſtiquo de ſua mortindade, que foy na terceyra noyte ſeguinte, viraõ no Ceo ha oras do meyo dia ſemelhança de hum Touro hir por meyo do Ceo, levando chamas de foguo acezas, deſdo cabo atée ha cabeça. Ho que eſſes mais ſabedores, antre hos Mouros intrepetáraõ que Santarem averia cedo Rey novo, e ſeria ho filho delRey de Sevilha Mouro, cujo Santarem, e Lisboa, e parte da Eſtremadura era. 1147.

Sendo jàa ElRey com hos ſeus perto da Villa, lançaraõſe em hum valle encuberto, e eſcuſo, tam acerqua do luguar, que ouviaõ falar has velas do muro, quando bra-

bradavaõ huns aos outros, e eſtiveraõ ally toda ha noyte, com hos cavallos pelas redeas, vigiãdo com grande cuydado, do que ao dia ſeguinte eſperavaõ de fazer, ſem hos Mouros delles averem nhum ſentimento.

Em eſta noyte, e ho dia ſeguinte ho Prior de Santa Cruz de Coimbra, com grande devaçaõ ocupado em roguar ha Deos por ElRey, mandou fazer aos ſeus Coniguos orações pubricas, e particulares, e elle em ſeu orar muy devotamente dezia: *Senhor Deos todo poderoſo, que ſem combate, nem força humana fizeſte cair hos muros de Jeriquó, e ha roguo, e voz de Jezoé, mandaſte eſtar quedo ho Sol de ſeu curço contra Guabaaõ, peſſo à tua infinda bondade, que ſegundo tua grande miſericordia queyras dár vitoria ha ElRey D. Affonſo afadiguado por te ſervir, dandolhe Sol, e ſombra que ajude ſua tençaõ, e todo ho azo como tome ha Villa, q̃ vay guanhar, para teu ſerviço, e livrar dos imiguos que ha tem com doeſto de tua ſanta Fée, e por tal q̃ ha çuja ſeyta de Mafamede ſeja lançada fóra della, e ho teu ſanto nome ſeja ſempre hy louvado.*

CAPITULO XXVIII.

Como ElRey D. Affonſo Anriques, e hos ſeus eſcalaraõ ha Villa de Santarem; e foy entrada, e tomada.

DEſque veyo ha madruguada ſobre o quarto dalva quando elles entenderaõ, que has velas eſtavaõ mais ſoſeguadas, e ſonorentas, e hos da Villa mais deſeguirados, e entregues ao ſono, partiraõ donde eſtavaõ, leyxando naquelle valle hos pajes com hos cavallos, e tomaraõ ho ſomideyro antre Motiraz, e ha fonte Datamarma, ha qual aſſi chamaõ em Arabiguo, pelas aguoas della, que ſaõ doces, e forão aſſi pelo meyo do Vale, indo diante D. Mem Moniz que ſabia bem has entradas, e ſaydas, e ElRey mais atraz, e poſto que por onde levàrão tençaõ de eſcalar, achaſſem ho cõtrario do que cuydavão, porém Deos ha cujo poder nom póde aver contrario, lhe tornou em bem eſſe impedimento, por moſtrar aſſi ſeu poder, e ajuda que no luguar porque avião de entrar, e ſobir, tinham por certo nom aver ahi nhuma guarda, acharam eſtar duas velas, poſtas em hum cadafalço, feyto de novo, que ſe eſpertavaõ hum aho outro, e niſto, ha tolda que andava pelo muro requerẽdo às velas, cheguou por hy, e faloulhe, e hos Chriſtãos leyxáraõſe eſtar quedos, em hum paõ, que hy eſtava, atée lhes parecer que has velas poderião adormecer.

E ha cabo de pouquo abalou D. Mem Moniz triguozo com hos ſeus pelo infeſto, e foy por cima da caza de hum oleyro, aho muro ha poer ha eſcada, em huma aſte ha fundo, e deu no telhado fazendo grande ſom; do que D. Mendo

avendo

avendo grande pezar de pela ventura, eſpertarem has velas amergeoſe, e de hy ha pouquo fez aſſentar curvo, hum mancebo, e por cima delle poz ha eſcada mais entregüe no muro por onde tanto que acima ſobio loguo levantou ha bandeyra delRey, que levava, ſubiraõ dous com elle, e nom ſendo ainda mais de tres ſobre ho muro, nom leyxáraõ has velas de acordar, e ſentillos, e falou hum delles com voz rouqua, e dormente, como deſvelado, e treſnoytado, e dice: *Menhu* que quer dizer, *quem anda aby*. Reſpondeo entaõ D. Mendo por Aravia, que era dos da rolda, e tornava por lhe dizer couſas que compriaõ, que deceſſe abayxo, ho Mouro tanto que deceo foy D. Mendo muy preſtes ha matallo, e cortoulhe ha cabeça, e deytou-a ahos defóra, para mais ſeu esforço, e ſeguro, e neſto ha outra vela quãdo ouvio, e conheceo que eraõ Chriſtãos, e nom ſendo ainda em cima do muro, mais que dez dos noſſos, cheguaram hos da rolda correndo ahos brados da vela que ouviraõ, e encontrando-ſe com hos Chriſtãos, vierão às cutiladas bravaméte hos noſſos por darem começo, e entrada aho porque hião, e hos Mouros pola tolher, antes que ho mal mais creceſſe.

D. Mendo neſta afronta bradou chamando em ajuda Santiaguo Patram de Eſpanha; e ElRey tambem do pée do muro, altas vozes acodio: *Santa Maria Virgem Bemaventurada, e glorioſo Apoſtolo San-Tiaguo acorrenos*. Bradando ahos ſeus, que eraõ em cima do muro. *Matayos: andem a eſpada todos, que nom fique nhum*, e hos que ſobirão, apartaraõſe loguo pelo muro, em duas partes peleyjando cada huma com hos Mouros que vinham.

Era jáa tamanha ha volta, e ha roido de ambas partes, que ſe nom podiam entender, ElRey dice entam ahos ſeus muy apreſſado: *Façamos ajuda ahos noſſos, e tenhamonos à parte dextra ſe podermos ſobir alfam, e Guonçalo Guonçalves com hos ſeus ha ſeextra, que filhe primeyro ho caminho que do ceiceguo, que nom poſſaõ hos Mouros vir por láa, e tomar primeyro ha entrada da porta, e aſſi atalhados ſe perquaõ hos noſſos dentro à ha noſſa minguoa, e deshonra*. Mas ho Senhor Deos, que ajuda has obras de ſeu ſerviço lhes mudou em melhor, e mais ſeguro ſua tenção, e fadigua, que onde ſe trabalhavão de entrar pelo muro, entrarão pela porta, e de dez eſcadas que fizerão, duas ſóos abaſtaram para tudo, porque ſobirão atée vinte e ſinquo, hos quaes correrão muy preſtes ha quebrar has portas com hum machado que lhes foy dado de fóra, e britadas has fechaduras, e ambudes entrou ElRey apée com hos ſeus, e poendo hos giolhos em terra, antre has portas, com grande prazer, ſe encomendou, e deu muitas graças ha Deos.

Hos

Hos Mouros acodirão todos ally peleyjando muy rijamente, e vendo jáa dentro comſiguo tanta gente deſeſperando de ſe poder ally teer, acolherão-ſe hos mais delles ha Alfam, mas pelo deſpercebimento em que ſe achárão foram loguo entrados, e muy muitos delles homens, e molheres, e moços trazidos à eſpada de que foy ho ſangue tanto pelas ruas, que parecia ſerem ally mortos grande multidam de guados. Todos hos que eſcaparam de nom ſerem mortos na peleyja, forão cativos com grãdes, e riquos deſpojos que na Villa ſe acharão. Foram hy antre outros cativos, tres Cavalleyros principaes muy riquos de que ElRey ouve fazenda de grande valia. Para ho eſcalamento deſta Villa foram eſcolhidos, primeyramente D. Mem Moniz Guarda mór delRey, e delle muy querido, filho de D. Eguas Moniz, e D. Pedro Affonſo irmão delRey baſtardo, e D. Lourenço Vieguas, e D. Pero Paes ſeu Alferes, e D. Guonçalo de Souza, e outros nobres homens.

CAPITULO XXIX.

Como Auzery Alcayde de Santarem, tomada ha Villa, fugio, para Sevilha, e ElRey ſe tornou ha Coimbra, e donde ſe chamou ha Villa Santarem.

ENtrada, e tomada aſſi ha Villa de Santarem, Auzary Alcayde mór della, eſcapou fugindo, com tres de cavallo conſiguo caminho de Sevilha, quãto mais pode. Eſtava ElRey Mouro de Sevilha ſobre ha Torre do ouro chamada, e quando Auzary aſomou vendo-o ElRey vir, veyolhe por ſentido, ſegundo muitas vezes ho coraçaõ ſente dante maõ, e advinha has couſas, que ſeria aquelle Auzary, e diceo ally ahos que com elle eſtavam, elles moſtráraõ nom cair em couza de tam longe enxerguada, e tambem por deſviar ElRey do ſentido de más novas anteçipado; e dice entaõ ElRey: *Sé aquelle que vem hee Auzery, e cheguando ha aquelle porto derem aguoa ahos cavallos: Santarem he tomado, e ſe nom derem de beber, Santarem he cerquado, e vem Auzary a gram preſſa ha demandar ſoccorro.* Hos de cavallo cheguando aho porto deram aguoa de ſeu vaguar, ElRey carreguouſe mais de ſua prognoſtiqua, e cheguãdo Auzary, contoulhe como ſe tomára ha Villa, e da grande mortindade que ſe nella fizera de que ElRey de Sevilha, e todos hos Mouros ouveram grande pezar, nom ſóo pela perda deſta Villa, mas de outras ha que ha perda deſta dava cauza forçada.

ElRey D. Affonſo deſque tomou ha Villa, poz nella ſeu Alcayde, leyxandoa abaſtecida como compria, e tornouſe para Coimbra com muito prazer, onde contando elle à Rainha ſua molher, e ha outros muitos como lhe acon-

tecera na tomada de Santarem, dice eſtas palavras: *Dou ha Deos dos Ceos muitos louvores, ante cujos olhos todalas couzas ſaõ ſabidas, e conhecidas; que nom tenho agora ha grande maravilha, ſerem pelo ſeu poder em outro tempo hos muros de Jeriquò, como ſe lee derribados, nem eſtar quedo ho Sol por roguo de Joſué hum dia todo, em comparaçaõ da piedade, e miſericordia que lhe aprouve fazer comiguo, em me dar hum tam forte luguar tomado com tam pouqua gente, pelo qual glorifiquo ho ſeu Santo nome, e ſuas maravilhoſas obras, has quaes renovando em noſſos dias elle, quiz moſtrar neſte feyto, tanto ſobre poder humano, que quando me eu vi ante has portas da Villa abertas, poendo meus giolhos em terra com muita devaçaõ, e prazer de minha alma, orey ha elle palavras que me elle naquella ora, como todo ho al, antam deu no eſprito quejandas aguora nom ſaberia dizer: mas doſouſados eſforços, e cometimentos, que ſe na tomada da Villa fizeraõ, diguaõ-no hos que ſe ally acharaõ, porque nom he em my dizelo.* Eſta Villa ſe chamava antiguamente Cabilycraſto, e depois da morte de Santa Eyrea, lhe poſeram os Chriſtãos nome de Santarem, que vem de Santa Eyrea Martere que ha ella veyo teer.

CAPITULO XXX.

Como ElRey D. Affonſo Anriques ordenou de hir cerquar Lisboa, e ha tomou; e das gentes Eſtrangeyras que para eſſo ouve em ſua ajuda.

DEpois de tomado Santarem ſe foy ElRey D. Affonſo para Coimbra como ſe dice, e nom para deſcançar, nem repouſar ſeu coraçaõ, q̃ nunqua ceſſava de buſquar afrontas, e louvadas impreſas, em q̃ Deos foſſe ſervido, mas para ho melhor ordenar, como em freſquo ſe milhor aproveytaſſe do vencimento, e tomada de Santarem, ſabendo que nas guerras fama de huma vitoria aproveytada com tempo dàa azo ha muitas, pelo qual ajuntou loguo ſeu poder para conquiſtar hos luguares que ficavam na Eſtremadura de Santarem atèe ho maar, em eſpecial ha Cidade de Lisboa, ha qual tomou no modo que ſe ſegue.

Cheguando ElRey ha terra onde Lisboa eſtáa cituada, pareceolhe milhor guerrear, e tomar has Fortalezas aho redor della ante de cerquar ha Cidade por tal q̃ quando vieſſe ho cerquo tiveſſem hos ſeus menos trabalho nas forragens, e ſe podeſſem hos ſeus mais ligeyramente ſem outras guardas eſtender pela terra, e ally tomou loguo ho Caſtello de Maſora, e deuho ha D. Fernaõ Monteyro, ho primeyro Meſtre de Aviz que ouve em Portugual, e apoz eſto foy loguo cerquar Sintra, e tomou-a, mas ſe foy por força, ſe por preyteſia

teſia nom ho achamos eſcrito, e ſendo aſſi tomada, appareceo no maar huma frota de cento, e outenta velas, de gentes, q̃ naquelle tempo moverão de Alemanha, e de Inglaterra, e de França, para guerrear hos infieis por ſerviço de Deos, e vindo aſſi todos de maar em fóra demandar terra à rocha de Cintra.

Eſtava ElRey D. Affonſo em cima do Caſtello, e ſeus principaes que com elle eraõ, e maravilhando-ſe do ajuntamento, e naveguaçaõ de tam grande frota, mandou loguo quatro Cavalleyros, ha ſaber que gentes eraõ, e ha cauſa de ſua vinda, hos quaes cheguando ha Caſquais jàa ha frota toda pouſava, vieraõ entam ha fallar, e preguntarlhes que gentes eraõ? Elles reſponderam, que eraõ Chriſtãos partidos de ſuas terras para virem guerrear por ſerviço de Deos hos Mouros imiguos de ſua ſanta Fée. Neſta frota vinham muitos Condes, e outros grandes Senhores, mas ha eſcritura nom falla de ſeus nomes, mais que de quatro, hum por nome Moſſem Guilhem de longua eſpada, Conde de Lincoll de que ſe diz ſer em ſeu tempo avido pelo milhor Cavalleyro, que ſabiaõ em toda Inglaterra, nem França, aho outro chamavam Childe Rolim, aho outro D. Liberche, aho outro D. Ligel.

Sabendo ElRey pelos que láa mandàra como eraõ Chriſtãos, e da tençaõ que traziam para ſervir ha Deos, foy deſſo muy ledo, e bem ſe lhe poz no ſentido q̃ Deos fizera mover aquella gente, e aportar em ſua terra, por lhe fazer tanta merce, que ha Cidade de Lisboa foſſe tomada, e deu-lhe por ello em ſeu coraçaõ muitos louvores, pelo qual lhes enviou menſſageyros, porque lhes mandou dizer como elle ſoubera hos bons movimentos, e tençaõ de ſuas boas vontades, que traziaõ para ſervir ha Deos, e que foſſem bem certos que nom ſem miſterio ſeu, e vontade, elles eraõ ally aportados trazendohos N. Senhor ha tal luguar, onde ho bem podiaõ ſervir, e comprir ſeus deſejos, e devaçaõ, e nom menos accrecentar ſuas honras para eſte mundo, porque de ally donde elles eſtavaõ pouzados nom mais de ſinquo leguoas, eſtava hũa Cidade de Mouros muy guerreyra das principaes de Eſpanha, de que por maar, e por terra ſe fazia muita guerra, e dano ahos Chriſtãos, ha qual tinha muy fermoſo porto, em que ſuas Náos, e muitas mais podiaõ muy ſeguramente eſtar anquoradas, e elles aver muitos mantimentos em abaſtança, e pois aho Senhor Deos aprouvera ſem irem trabalhar mais longe, trazellos tam perto de tamanho azo, e oportunidade para ho que vinham buſquar, nom leyxaſſem eſta empreſa por Deos tam querida, e moſtrada por outra nhuma creatura, e que elle como Rey que era da terra hos ajudaria ha eſſo com todas

ſuas forças, como elles bem verião.

Andáram aſſi eſtes recados de huma parte, e da outra, atèe que vieram concertar de irem juntamente todos cerquar ha Cidade, à condiçaõ que ſendo tomada, ametade folle delRey, e ha outra merade dos Eſtrangeyros, e aſſi loguo ElRey por terra, e ha frota por maar foram poer cerquo ha Lisboa, ElRey acentou ſeu arrayal da parte do Oriente, onde aguora eſtá ho Moeſteyro de S. Vicente de Fòra, e hos Ingleſes, e outras gentes tomaraõ ha parte do Ponente, onde ora ſaõ os Martires. Durou ho cerquo perto de ſinquo mezes, por ha Cidade ſer muy forte, de ſitio, e cerqua, e eſtarem dentro muitos Mouros, q̃ ha muy bem defendião, fizeraõ-ſe neſte cerquo grandes eſcaramuças, e fortes combates, em que ſe matavam muitos Cavalleyros de huma parte, e da outra. Cada hum arrayal dos Chriſtãos, edeficou ſua Egreja em que enterraſſem hos que ally morriam, e ElRey D. Afonſo fez ha ſua, onde depois foy edeficado ho Moeſteyro de S. Vicente à honra do Martyre S. Vicente, e hos Eſtrangeyros edeficáram outra que ora he chamada Santa Maria dos Martyres. Eſtas Egrejas eſtaõ aguora dentro dos muros da Cidade, deſque ha cerquou ElRey D. Fernando ho noveno Rey de Portugal, como ſe adiante dirà, porque quando Liſboa eſta vez foy tomada ha Mouros, nom era ſua cerqua mayor, que quanto ſe ora vee, e chama cerqua velha.

Quando veyo em dia dos Martires S. Chriſpino, e Chriſpiniano, que hee ahos vinte e ſinquo dias do mez de Outubro, andãdo ha era do Senhor em mil cento quorenta e ſette annos, foy a Cidade muy rijamente, e com grande determinação combatida, dando ho Senhor Deos tanta graça ahos Chriſtãos, que ſeu eſforço, e gram devaçam de peleyjar por ſeu ſerviço, paſſava pelas muitas feridas, e mortes, e todas outras grandes difficuldades, e periguos do combate, avendo elles todo por menos, pelo grande pezar que tinham em lhe parecer que todo ſeu trabalho ſeria debalde, e Deos nom ſervido, ſe ha Cidade ſe nom tomaſſe, e aſſi com eſte fervor, e muy animoſa determinaçaõ, poendo em fim ho que hos ſeus devotos coraçõnes tanto deſejavão, entràrão ha Cidade por força. 1147

Entrou-ſe principalmente por ha porta que ora chamão de Alfama, e de hy pelas outras portas, e depois de entrada foy dentro ha peleyja muito mais fera, que janda ſoe antre hirados vencedores, e vencidos, deſeſperados, peleyjando jáa hos Mouros com eſtremada deſeſperação, e vontade de querer antes morrer antre has mortes de ſuas molheres, e perdimento de filhos, paes, parentes, e amiguos, e

aſſi

aſſi hos Chriſtãos nom com menos indinaçam por infieis entrados, e vencidos querendo ainda mais deter, e damnificar ſeu vencimento, nem ſe querendo dar por vencidos, por tanto foy tam grande ha mortindade delles, e ſobejo ho conto dos que foram mortos, e trazidos ha ferro, que he eſcuzado cuydar quam pouquos ficáraõ.

CAPITULO XXXI.

Do que ElRey D. Affonſo Anriques fez, depois de entrada ha Cidade de Lisboa, e tomada, e do que falou, e paſsou com has gentes Eſtrangeyras.

DEſque ha Cidade de Lisboa aſſi foy tomada por ElRey D. Affonſo Anriques, e aquelles Eſtrangeyros com elle ajuntou loguo ElRey todos, e com grande prociſſaõ ſe foraõ à Meſquita onde ora eſtàa ha Sée edeficada, e depois de limpa, e mundificada das abominaveis ceremonias que hy eraõ feytas da ſeyta de Mafamede, hos Cleriguos, e Biſpos reveſtidos, ſegundo ſua ordem, com *Te Deum laudamus*, entraraõ nella, e aſſi foy conſagrada, e inſtituida à honra, e louvor da Virgem Maria, celebrando loguo em ella hos officios Divinos nomeando-a por Sée Cathredal, ſe aho Santo Padre aprouveſſe. Feyto eſto mandou ElRey loguo chamar Moſſem Guilhem de lógua eſpada, Childe Rolim, e D. Liberche, e D. Ligell, e outros Capitães, grãdes, que eraõ na companhia dos Eſtrangeyros, e dicelhes. *Amiguos bem ſabeis como concertámos ſe nos Deos deſſe ha Cidade q̃ ha partiſſemos por meyo, e pois ha elle por ſua piedade aprouve de ha tomarmos, muitos louvores, e graças lhe ſejaõ dadas, vós eſcolhey, e tomay Cavalleyros, e eu darey outros que vaõ partir ha Cidade, e aſſi todalas couſas que dentro, e fóra della ouver, e forem achadas.*

Vendo eſto aquelles Capitães, e gentes Eſtrangeyras tiveram ha grande bem ho que ElRey dizia, e reſponderaõ-lhe que averiaõ ſobre ello concelho, e lhe tornariam repoſta. Ho concelho, e determinaçaõ delles foy, que pois partiraõ de ſuas terras, e foram ally vindos, ſóo com tençaõ de ſervir ha Deos, nem fora ourro nhum ſeu propoſito, e vontade, nom queriaõ aver Cidades, nem terras, nem outras riquezas, quanto mais nom lhes parecendo couſa conveniente que tal Cidade foſſe partida, nem manteuda cõ ElRey de por meyo em ſua terra, que abaſtava para elles leyxarem-na em poder de Chriſtãos como fora ſeu dezejo, e aſſi ſe foraõ ha ElRey, e lho diceraõ muy francamente, ho que lhes elle muito agradeceo, offerecendo-ſe, que ſe alguns delles, e de ſuas gentes quizeſſem fiquar em ſua terra, elle lhe daria luguares

para povoarem, e viverem em elles izentamẽte, e às ſuas vontades. Depois deſto partio ElRey grandemente com hos Capitães, e gentes que quizeram tornar para ſuas terras, e alli ſe eſpediraõ delle com muita ſua graça, e hos que ficàraõ para morarem na terra eſcolheraõ para ſua povoraçaõ vivenda ha Atouguia, e Lourinhãa, e Arruda, e Villa-verde, e Villa-franqua, que primeyro foy chamada Cornaguoa, porque aquelles que ha povoaram eraõ Ingrezes de Cornualha, e chamaraõ-na do nome de ſua terra, e povoaram tambem ha Azambuja, e pozeraõ-lhe eſte nome, porque eſtava ally hum grande Azambujeyro, e hos Ingrezes por em ſua linguoa fazerem do maſcolino, femenino, chamaraõ-lhe Azambuja. E ſegundo memoria dos edeficadores daquelle luguar, o ſenhor daquelles que ha povoaram havia nome Rolim, nom que por eſſo foſſe Childe Rolim, ho que em cima dicemos ſer hum dos grandes ſenhores que naquella frota vinha, ho qual nom he de cuydar que ficaſſe em Portugual para povoar terra de novo, avendo tantas Villas, e luguares povoados, de que mais com rezaõ ſe devera partir com elle ficando na terra, mas he bem de crer, que foſſe outro algũ Capitaõ Fidalguo ſeu parente, com ꝙ folguaſſem de fiquar, e ſeguir alguma daquella gente, ſegundo que desentam, e hoje em dia ſeus ſuceſſores, bem moſtráraõ ſua cavallaria, e fidalguia com muita honra, e ſerviços feytos ahos Reys, e Reyno de Portugual, e outros alguns deſtas gentes povoaraõ Almada, e pela nomeação deſte nome ſe moſtra que foraõ muitos ha povoalla, e fazella, ou por trabalho de ſuas peſſoas, ou por contribuirem dinheyros para eſſo, porque ho proprio nome ſeu em linguoajem Ingreza he, vimadel, que quer dizer em Portuguez: *todos ha fazemos*, e depois por tempo, que todalas couſas muda, corrompendo-ſe ho nome, lhe chamárão Almadam, ho que ainda vay teer ha Almadee, que ſoa em Ingrez, todo feyto, mas leyxaremos aqui hum pouquo de proſeguir ha Eſtoria por contarmos de alguns milagres, que ha N. Senhor aprouve de fazer por alguns Martyres, que no cerquo, e entrada de Lisboa morreraõ, em eſpecial de hum Cavalleyro Alemaõ por nome Anrique, ſendo muita razaõ, que hos Juſtos ſejam como diz ha ſagrada Eſcritura em memoria eterna, e de ſua gloria por Deos manifeſtada, ſe faça louvada mençaõ, pois ſe faz de ſeus temporaes feytos, cujos merecimentos por muito que neſte mundo mereçamos, nom chegua à gloria, e louvor do premio, que no outro ante Deos ſe alcança.

CA-

CAPITULO XXXII.

Dos milagres que Deos moſtrou pelo Cavalleyro Anrique Alemaõ que morreo quando ha Cidade de Lisboa foy entrada.

ACima ſe dice, como durando ho cerquo de Lisboa ſoterraram hos mortos naquellas duas Egrejas, que nos reaes ſe fizeram para eſſo, e tomando-ſe ha Cidade aconteceo dos que na entrada ſoterraram na Egreja que ora hee, chamada S. Vicente de Fóra, hum nobre, e valente Cavalleyro Alemaõ chamado Anrique, comprido de bons, e virtuoſos coſtumes, foy morto naquelle combate peleyjando muy esforçadamente, e ſendo aſſi enterrado naquelle luguar N. Senhor em cujos olhos hee muy precioſa ha morte dos ſeus Santos, e Bemaventurados aquelles, ſegundo elle dice, q̃ no amor de Deos, quanto mais hos que por ſeu amor morrem, fazia por eſte Cavalleyro Anrique muitos milagres de que alguns ſóomente por moſtra brevemente diremos.

Vinhaõ na frota daquellas gentes Eſtrangeyras dous homens ſurdos, e mudos de ſeu nacimento, e hindo hum dia à ſepultura daquelle Cavalleyro deytaraõ-ſe apar delle com grande devação, pedindo em ſuas vontades, que por ſeus merecimentos lhes empetraſſe do Senhor Deos piedade, e miſericordia para ſua infermidade, elles jazendo aſſi adormeceram ambos, e appareceu-lhes loguo em ſonhos ho Cavalleyro Anrique veſtido em trajos de Romeyro, trazendo na mão hum bordão de palma, e falou àquelles mancebos, dizendo-lhe: *Alevantayvos folguay, e avey prazer, e hy ouvi, e falay, que ꝑlos merecimentos meus, e dejtes Martyres, que aqui jazemos, guanhaſſes do Senhor Deos graça, aquai hee com voſquo.* E dito eſto deſapareceo, elles entam acordarão, e achandoſe ſaãos de todo, ouvindo, e falando milagroſamente, e aſſi em voz, e linguoagem clara, começárão ha contar ha todo ho povo ho milagre que Deos em elles fizera pelos merecimentos deſte Cavalleyro.

E ElRey D. Affonſo, e todos hos que hy eſtavam davão muitas graças, e louvores aho Senhor Deos, que taes maravilhas obra, como diz ho Profeta, por honrar, e exaltar hos ſeus Santos, e amiguos. Era eſte Cavalleyro Anrique natural de huma Villa que ſe chama Bom compoſta na ribeyra de Reyna quatro leguoas acima de Colonha, na qual eu fuy, e eſtive deſſas vezes, que àquellas partes fuy enviado por Embayxador vendo-a ſempre com muita affeyção, e ſaudoſa lembrança deſte Santo Cavalleyro Anrique.

CA-

CAPITULO XXXIII.

Como ho Cavalleyro Anrique appareceo em ſonhos ha hum homem bom, mãdando-lhe q̃ ſoterraſe hum ſeu Eſcudeyro apar delle, que na entrada de Lisboa muito ferido morrera.

LOguo ha poucos dias, que eſto aconteceo veyo ha morrer hum Eſcudeyro deſte Cavalleyro Anrique de grandes feridas, que tambem ouve na entrada da Cidade, e enterraraõ-no na meſma Egreja donde jazia ſeu ſenhor, e ſendo ally ſoterrado, appareceo denoyte ho Cavalleyro Anrique a hum homem muito velho, que ſervia aquella Egreja e avia nome Anrique como elle, dizendolhe: *Levantate, e vay aho luguar onde hos Chriſtãos enterraraõ ho meu Eſcudeyro alonguado de mim, toma ho ſeu corpo, e vem enterrallo aqui junto comiguo, porque quem me ſeguio, e ſe ajuntou comiguo na morte, nom deve ſer apartado na ſepultura.* Do que aquelle homem bom nada curou, e vindolhe outro tal ſegũdo aparecimento, e amoeſtação tam pouquo curou deſſo, como da primeyra, entam lhe appareceo ha terceyra vez ho Cavalleyro Anrique muy irado, e com ſembrante bravo, e queyxoſo ameaçãdo-o com palavras de grande medo, ſe loguo nom foſſe comprir ho que por tantas vezes lhe dicera, pelo qual aquelle bom velho cheyo de temor ſe levantou loguo de noyte, e foy com candeyas à ſepultura onde jazia ho Eſcudeyro, e deſenterrou-o trazendo-o elle por ſy ſóo e lhe fez huma cova ha milhor que pode apar do Cavalleyro Anrique onde ho enterrou, e quando veyo pela menhãa, achouſe ho velho tam ſaõ, e ſem cançaſſo do trabalho da noyte paſſado, ſendo impoſſivel por ſua muy cançada idade podelo fazer, como ſe jouvera em ſua cama folguando ſem fazer nada, e contando aho outro dia todo aſſi como lhe acontecera, ahos Prelados, e ha todo ho povo deram todos muitos louvores ha N. Senhor.

CAPITULO XXXIV.

Da palmeyra que naceo na cova do Cavalleyro Anrique, e dos milagres que Deos por elle fazia.

QUerendo ainda ho Senhor Deos ſegundo ha grande avondança de ſua infinda benificencia, moſtrar por mais maravilhas quanto lhe tinha aprazido, ho ſerviço deſte Cavalleyro Anrique, appareceo à cabeceyra de ſua ſepultura huma palma ſemelhante àquella que trazem os Romeyros de Jeruſalem em ſuas mãos, aſſi come-

começou,em verdecer,e deytar folhas, e crecer ſobre ha terra,em ſua altura juxta, ElRey, e todos vendo tam grande,e famoſo milagre,louvaraõ muito ha Deos, e quantos enfermos ally vinham tomar palma, e deytavão aho colo loguo eram ſaãos ha eſſa hora, de qualquer infermidade que tiveſſem, e outros ha tomavão, e toſtavaõ, e depois de moida bebiaõ della aquelle póo, e aſſi meſmo ſe achavaõ loguo ſaãos das dores que tinham, e tanta foy ha continuaçaõ da muita gente que vinha tomar daquella palma, q̃ a pouquo tempo nom ficou nada della ſobre ha terra, atée por nom porem boa guarda nella, vierão algũs de noyte, e ha arrancarão de todo, levando ho que ficava ſobre ha terra. Por eſtes milagres, e outros que N. Senhor aprouve de fazer pelos ſeus Santos Martyres, q̃ ally morreraõ, tinha ElRey nelles muy grãde devação, que ſe ſentia em ſy algum abalamento de doença deytava-ſe em oraçaõ ſobre ſeus jaziguos, e achava-ſe loguo remediado.

CAPITULO XXXV.

De como ElRey D. Affonſo Anriques ordenou de fazer Liſboa Biſpado, e quem foy ho primeyro Biſpo della.

PAſſado aſſi todo eſto fez ElRey juntar toda ſua gente que com elle era, e dicelhe: *Amiguos meus eu atéeguora como viſtes depois de tomada eſta terra, e Cidade, me ocupey em ordenar, e deſtribuir hos bens temporaes della, hos quaes muitas vezes tem rezaõ, nom em dignidade, nem em preyminencia, mas em ordem para ſe haver primeyro de entender nelles, que nos eſpirituaes para que Deos ſeja aſſi mais ordenadamente ſervido; ſegundo requere ha orde, e maneyra das couſas deſte mundo, e ha fraqueza da condiçaõ humana ſem ho temporal nom pòde vaguar no eſpiritual,aguora he muita rezaõ que nom tardemos mais de entender no Eſpiritual, ordenemos, e elejamos quem neſta Cidade ſeja Biſpo, e Paſtor de noſſas Almas, e regedor da Egreja Cathedral.* Louvarão todos ho que ElRey dizia, e entam foy eleyto hum homem virtuoſo, que ally era, chamado Gilberto,de muito boa vida, e cuſtumes, e leterado em Degredos, e ha poz eſto mandou ElRey loguo notificar aho Papa cumpridamente ho cerquo, e tomada de Lisboa, da eleyçaõ do Biſpo, que por ſerviço de Deos novamente fizera pedindo ha Sua Santidade,ho quizeſſe confirmar. Ho Papa lhe outorguou todo eſto, e outras mais couſas, que lhe enviou pedir dandolhe grandes perdões, indulgencias para has Egrejas que tinha feytas. Tanto que eſte recado veyo de Roma chamou ElRey ho Biſpo Gilberto, e dicelhe: *Biſpo eſtas duas Egrejas, foraõ aqui edeficadas*

como

como ſabeis, tẽdo nòs ainda eſta Cidade cerquada para ſe nellas enterrarem hos q̃ morriaõ, pois ha N. Senhor aprouve de vermolo, e podermolo fazer, eu quero dotalas começando primeyro no Moeſteyro de S. Vicente de Fóra. E entam ho dotou de muitas poſſeções, porque entendeo q̃ poderiaõ bem, e ſem minguoa viver, hos que em elle ouveſſem de ſervir ha Deos, e para hos Povos terem mais azo, e devaçam de ajudar, e fazer ho Moeſteyro poz em elle grandes indulgencias, que lhe ho Papa mandou, e aſſi tambem na Egreja de Santa Maria dos Martires.

CAPITULO XXXVI.

De como ElRey D. Affonſo Anriques ordenou Prior no Moeſteyro de S. Vicente de Fòra, e quem foy primeyro Prior delle, e de que Ordem.

E Depois deſto conſirando ElRey como ho ſeu Moeſteyro de S. Vicente de Fóra ouveſſe de ſer milhor ſervido prepoz de poer em elle Capellães Cleriguos oneſtos, e eſtando neſte ſeu prepoſito, aconteceo cheguar ha Lisboa hum Frade Flamenguo de boa, e oneſta vida, chamado Gualterio, e com elle quatro Frades ſeus cõpanheyros, que vinham ha buſquar onde fizeſſem hum Moeſteyro da Ordem de que elles eraõ, para nelle viverem. ElRey ſabido de ſua vida, e prepoſito folgou muito, e mandou por elle dizendo-lhe como edeficara aquelle Moeſteyro de S. Vicente, roguandolhe que elle, e ſeus companheyros quizeſſem nelle viver, e eſtar por ſer caza para eſſo muy conveniente, e para Deos hy delle ſer ſervido, aprouve muito dello ha Gualterio, e ha ſeus companheyros, e foraõ-ſe loguo para ho Moeſteyro.

Queria muito eſte Prior Gualterio, que ho Moeſteyro foſſe chamado da Ordem que elle era, e que ElRey no Moeſteyro nom tiveſſe nhum eſpecial poder, ho que nom querendo ElRey conſentir, ſe partio Gualterio com hos ſeus companheyros para onde vieraõ. ElRey fez entam Prior hum Coneguo Eſtrangeyro, q̃ avia nome Damer, ho qual ha cabo de pouquos annos ſe foy tambem para ſua terra, por onde parecendo ha ElRey que Religioſos aſſi vaguanãos, e fóra de Suprior por muita devoçaõ que traguaõ, e preſumaõ nom haõ graça para durar à ordẽ, e ſerviço de Deos determinou de mandar aho Moeſteyro do Banho que he da Ordem dos das ſobrepelizes por hum Coneguo q̃ chamavão Guodinos, q̃ foſſe ho Prior do Moeſteyro, ho qual ſendo aſſi Prior por ſuas virtudes foy eleyto por Biſpo de Lameguo, e ElRey entam mandou por outro Coneguo ha eſſe meſmo Moeſteyro do Banho

Banho, que avia nome D. Mendo, e avendo oyto annos q̃ era Prior, ſe veyo ha finar; e ha poz eſte ouve outro Prior, que chamavaõ D. Payo, e foy ho derradeyro Prior que em S. Vicente ouve em tempo delRey D. Affonſo, e poſto que eſtas couſas que dicemos foſſem feytas por eſpaço de tempos, em vida delRey D. Affonſo, Nós contamolas aqui juntas por pertencerem à tomada de Lisboa. Ora adiante diremos outras couſas que ſe fizeraõ loguo ſeguintes à ſua tomada.

CAPITULO XXXVII.

Dos Luguares que ElRey D. Affonſo Anriques depois tomou na Eſtramadura, e Alem do Tejo.

DEpois de ElRey D. Affonſo Anriques ter tomado Lisboa como ſe jàa dice, loguo naquelle anno ſeguinte andando ha
1148. era de N. Senhor em mil e cento e quorenta, e oyto annos, foy ElRey ſobre Alanquer, e Obidos, e Torres vedras, e ſobre outros Caſtellos da Eſtremadura, que ainda eraõ de Mouros durando em hos tomar ſeis annos, e depois que hos teve aſſentados, e aſſi toda ha terra da Eſtremadura, ajuntou todas ſuas gentes, e paſſouſe ha Alemtejo, onde fez grande deſtruiçaõ em hos Mouros tomandolhes Alcacere, Evora, Elvas, Moura, e Serpa, e outros luguares atée cheguar ha Beja, ho qual tendoa cerquada entrou grande poder de Mouros pela Comarqua da Beyra ha fim de retrahер, e fazer ceſſar ho dano que ElRey em elles fazia em Alemtejo, e cerquaraõ Tranquozo, e depois de combatido tomado por força deſtruiraõ ho luguar, e leyxaraõ-no, matãdo mũitos Chriſtãos, e levando muitos delles cativos.

ElRey D. Affonſo poſto que lhe eſtas novas cheguaſſem, nem ſe quiz levantar do cerquo, que tinha ſobre Beja, antes ha combateo, antam fortemente com engenhos, e artilharias, atée que ha tomou por força, e pelo deſpeyto que tinha do mal que hos Mouros fizeram em Tranquozo, todos hos Mouros de Beja andaraõ à eſpada, ficando muy pouquos vivos. Foy Beja tomada na era do Senhor de mil cento e ſinquoenta e ſinquo 1153.
annos. Feyta aſſi eſta deſtruiçaõ nos Mouros, e avidas eſtas vitorias nas terras Dalentejo, leyxou ElRey Beja, e todolos outros Luguares, muy baſtecidos, e providos de Cavalleyros, e gente que hos muy bem podeſſem defender, e guardar, e tornou-ſe para Coimbra com muita honra, e grande prazer, pelas merces, e grandes vencimentos, que lhe N. Senhor Deos contra Mouros deraa.

CAPITULO XXXVIII.

1165.

Dos filhos que ElRey D. Affonſo ouve, e como cazou ſua filha Dona Moſalda.

TAnto que ElRey D. Affonſo cheguou ha Coimbra lhe foy loguo commettido cazamento para ſua filha Dona Moſalda, elle teve tres filhas, e hum ſóo filho, ho filho ouve nome D. Sancho, que erdou ho Reyno por falecimento de ſeu pay, e em ſendo Ifante foy ſempre muy bom e eſforçado Cavalleyro, e valente, e depois que Reynou, nom menos boom, virtuoſo, e eſforçado Rey, fazendo muitas cavallarias, e accreſcentando ſeu Reyno como em ſeu luguar contaremos, e ha primeyra filha ouve por nome Dona Moſalda, que foy cazada com D. Reymondo, filho do Conde D. Reymondo de Barcelona, e ha outra chamada Dona Urraqua, cazou cõ ElRey D. Fernando de Liam; ha terceyra filha ouve nome Dona Tareja. Eſta foy cazada cõ D. Felippe Conde de Frandes, e ſendo aſſi commettido ha ElRey D. Affonſo ho dito cazamento para ſua filha Dona Moſalda, ha vieram ha concertar, que ho Conde D. Reymondo de Barcelona vieſſe à Cidade de Tuye, que era delRey D. Affonſo, e ally fizeſſem viſtas antre ſy ſobre eſte cazamento. Entam ſe partio ElRey para láa com muitos Senhores Prelados, e Cavalleyros, levando comſiguo ha Rainha ſua mulher, e ſuas filhas. Cheguáram ha Tuye dez dias andados do mez de Janeyro; dahi ha oyro dias cheguou ho Conde D. Reymondo, fezlhe ElRey dar bayrro, e pouzadas grandes, e boas para elle, e toda ſua gente, que com elle vinha ha qual era muita, e muy luzida, vindo ho Conde, ElRey ſahio-ho ha receber acompanhado de honrados Prelados, e outros Grandes do Reyno, e Cavalleyros muy principaes; hiam com elle D. Joam Arcebiſpo de Bragua, D. Mendo Biſpo de Lameguo, D. Izidoro Biſpo de Tuye, D. Pedro Conde das Aſturias, ho Conde D. Ramiro, e ho Conde D. Valquo, D. Guonçalo de Souza, D. Pedro Paes ſeu Alferes, e outros muitos riquos homens, e Cavalleyros com muita gente. Quando ho Conde cheguou veyo ElRey para elle, e ho recebeu com muita honra, e guazalhado, trazendo ho conſiguo atée ho Paço, ally deſcavalguáram, e ſe foram loguo para onde eſtava ha Rainha, e has Ifantes, e ho Conde eſſo meſmo fez grande reverencia à Rainha, e ſuas filhas, de que foy muy bem recebido, e depois de fallarem ally hum pouquo tomou ElRey ho Conde, e levou-ho para onde aviam de comer.

Aquelle dia comeo ho Conde com ElRey em ſala, elle, e todos hos

hos que com elles vinham, e aſſi ha Rainha, e has Ifantes com ſuas Donas, e Donzelas, e deſque acabàram de comer, vieram Jogracns, e tangedores, e foram grandes danças. Iſto acabado, avendo-ſe ho Conde de hir colher ha ſuas pouzadas ſe quizera ally deſpedir delRey, e elle nom quiz, ſe nom que ſe eſpedice ſóo da Rainha, e ſuas filhas, e foy-ſe com elle atée porta do Paço onde avià de cavalguar, e ElRey tinha jáa ahy cavallo para hir com ho Conde; mas ho Conde nom ho quiz conſentir em nhuma maneira, ficou entam ElRey, e todos hos outros Senhores, e Cavalleyros da Corte, ſe foram com ho Conde atée ſua pouzada, ElRey mandou ha todos ſeus Officiaes, q̃ deſſem todas has couſas ſem dinheyro, que ho Conde ouveſſe miſter, emquanto hy eſtiveſſe, e des aquelle dia emdiante, começàram ha fallar no trato do cazamento da Ifante, e do filho do Conde, eſtiveram em ho concertar àtée dous dias por andar de Janeyro em que ſe fez ho cazamento; no quoal dia ſendo hy juntos muitos Senhores, e Prelados, e Cavalleyros de huma parte, e da outra, foy lida á Rainha, e Ifantes huma Procuraçam de D. Reymondo filho do dito Conde porque dava poder ha ſeu Pay, que em ſeu nome podeſſe receber com elle ha Ifante D. Moſalda filha delRey D. Affonſo. E viſta ha Procuraçam, ElRey tomou ſua filha, e trouxe a ante ho Arcebiſpo de Bragua, ho qual tomou ho Conde pela mam, e aſſi ha Ifante, e entaõ hos recebeu, elle como Procurador de ſeu filho, e ella por ſy, como manda ha Santa Madre Egreja de Roma, e eſto feito, entreguou ElRey ſua filha aho Conde, que ha levaſſe conſiguo atée onde ouveſſem de ſer feitas has vodas, e ho Arcebiſpo de Bragua, e D. Martim Moniz, e aſſi Donas, e Donzelas foram em ſua companhia della. Deu ElRey ricas joyas aho Conde, e ahos ſeus fez merces de modo que elle, e todos hos que com elle vinham partiram muy contentes delRey. Partio-ſe aſſi ho Conde, levàndo ha Ifante conſiguo, e elle partido, ElRey ſe tornou para Coimbra com toda ſua gente, e Corte.

CAPITULO XXXIX.

Como ElRey D. Affonſo tomou Cezimbra, e Palmela, e peleyjou, e venceo ElRey Mouro de Badalhouſe com muita Mourama.

SEmpre deſpois deſte cazamento ElRey D. Affonſo eſteve, e andou por aquelles luguares, que guanhára ahos Mouros, provendo-os das couzas, que lhe compriam para ſua defençam, como foſſem guovernados em juſtiça,

e eſtando aſſi em Alcacer na era
do Senhor de mil e cento e ſeſſenta
1165. e ſinquo annos avendo jáa ElRey
ſetenta e hum de ſua idade, veyo
recado como Cezimbra eſtava
minguoada de gente, q̃ ha toma-
ria ſe foſſe ſobre ella. Ha eſta no-
va partio loguo ElRey de Alcacer
com toda ſua gente, e foy-a com-
bater com tanta affronta, que ain-
da que ha Villa, e Caſtello eram
muy fórtes, filhou-a por força, e
deſque teve ha Villa ſoceguada, e
poſto nella quem a guardaſſe, de-
terminou de hir ver Palmella, e ho
acento, e fortaleza della, levando
conſiguo, ſeſſenta bons Cavalley-
ros, e alguma genre de pée, e beſ-
teiros, e cheguando ha Palmella,
e eſtando vendo-a, aſomou ElRey
de Badalhouſe com muita Mou-
rama das frontarias daredor, em
que avia quoatro mil homens de
cavallo, e ſeſſenta mil de pée, e
vinhaõ aho longuo ſem ordem ha
gram preſſa para ſoccorrer Cezim-
bra, deſcuidados de verem, nem
acharem ally Chriſtãos. Teveſſe
ElRey traz hum cabeço, e vendo
hos que eram com elle tanta gen-
te, começáram de aver grande re-
ceyo, e todos aconcelhavam El-
Rey, que ſe acolheſſe ha ſeu arayal
ho milhor que podeſſe, e delles di-
ziam, que ſe puzeſſe em huma alta
ſerra, que por hy vay, que ſe cha-
ma ha ſerra Dazeitam, e tomaſ-
ſem em ella algum luguar fórte
para ſe deffenderem, atée hir re-
cado ahos do arrayal.

ElRey com quanto vio ho me-
do, e receyo dos ſeus pela grande
multidam dos Mouros; porêm eſ-
forçando-ſe no poderio de Deos,
ſer mayor que ho dos homens, no
qual elle ſempre eſperando ſe a-
chava vencedor, fallou ahos ſeus
em eſta maneira: *Que eſmayo he eſte amiguos, ou que nova deſconfiança do Senhor Deos, nem que vedes vós aguora de novo, para tanta torvaçam, eſtes muitos, que vedes ſam hos que vós muito menos, dos que ora ſoes, ſempre venceſtes, para eſſo ganhamos nós peleijando, e vencendo, à ſinquenta annos, tanto merecimento, e honra ante Deos, e ho Mundo, para todo em huma ſóo hora, fugindo perdermos, certo que ouvindo-vos, ho que ouço, ſe vos ha todos nom conhecera, podera mal cuidar, ſerdes hos que comiguo venceſtes muitos mais, que eſtes imiguos no campo Dourique, e em outros luguares, nom ponhaes ante vós meus amiguos, quantos mais ſam, que nós, mas quanto no poder, e querer de Deos, por quem peleyjamos, ſam muito menos que nós, ho medo, em que hos Deos jáa poz para nós mayormente ſe dermos nelles de ſobreſalto, faráa que lhes pareçamos muitos mais do que ſomos, e elles aſſi meſmos, menos muito, do que ſam, e tendo nos Deos tantas vezes moſtrado eſta verdade, podeis ainda cuidar em nos devermos de retraher, nem fugir, Deos por nòs ſempre contra elles em honra, e vencimento, e nos queremos ora poer em deſ-*

honra,

honra, e noſſos imiguos em gloria, e eſforço contra nós. Ora avey Cavalleyros, que mingua de fée, mingua de crença, nos encurta ho eſforço, mal concorda no coraçam de Chriſtam eſmayo com ardideza, mal no Chriſtam deſconfiança com fée, que inda q̃ pouquos ſejamos, tambem de muitos, pouquo ſam hos q̃ peleyjam, nom tem hoje eſtes noſſos imiguos em ſeus corações, couſa mais certa que topando-ſe no campo comvoſquo, e comiguo, averem-ſe loguo por vencidos. tanto que nos virem nom ficarà deſtroço, nem mortos, nem vencimentos paſſados, quantos contra elles ouvemos, que como prezentes ante ſy nom ponham, eſte de aguora, que com ha graça de Deos averemos. Pelo qual meus bons Cavalleyros, nom vos venham por ſentido medos, de que noſſo Senhor Deos ſempre livrou, e moſtrou ho contrario, e pois por tantas, e tam milagroſas vitorias, que ſobre noſſo poder, por ſua piedade nos deu, temos tam ſabido nada ſer ha elle impoſſivel, nom devemos nada temer, vamos loguo com ſua graça, que nos ſempre acompanha ferir nos imiguos. Eu quero hoje ſer voſſo pendaõ, e ver ſe me quereis ſeguir, e guardar como ſempre fizeſtes, que pois Deos ordenou para moſtrar mais ſeu gram poder, que com tam pouquos me aqui acertaſſe, eu determino por ſeu ſerviço, hoje neſte dia, de vencedor, ou de morto me nom partir do campo.

Deſque ElRey acabou de fallar, vendo hos ſeus em elle tam grande confiança, e determinaçam, todos muy eſforçados com ſuas palavras, e eſforço, diſſeram, que por muito mais dezigual, que ho cazo foſſe, delles ahos Mouros, pois elle ſeu corpo detreminava poer ha tal feito, elles lhes nom faleceriam, e ho ſegueriam como ſempre fizeram, dizendo que deſſem loguo nelles. Vinham jáa pello infeſto aſſima, ha cerqua, e nom aviam mais que tardar. Abalou entam ElRey á preſſa com grande coraçam, e eſforço, e todos com elle, em ſe moſtrando fez dar às trombetas, e foram ferir nos primeiros tam rijamente, q̃ loguo muitos delles foram derribados, antre mortos, e feridos. Hos Mouros achãdo-ſe ſalteados, e conhecendo, que aquelle era ElRey D. Affonſo, que tanto temiam, figurandoſe-lhe, que ſeria muita mais gente, foy ho medo em elles tam grande, que começàram loguo ha fugir, parecendo ahos trazeiros, que hos ſeus meſmos, que voltavam fugindo, eram imiguos, como ſoe ha fazer gente de medo cortada, e aſſi correndo ho deſmayos por elle, ſe puzeram todos em desbarate. Alguns contam, que ſe guardou ElRey para de madruguada dar nelles, onde foram viſtos pouzar, por ſer ora, e tempo azado, para mais deſmayo, e desbarato dos Mouros, e aſſi ho fez, e hos desbaratou. Como quer, que foſſe feito, foy em que entrou ſaber de Cavallaria,

ria, com grande coraçaó, e esforço ajudado por nosso Senhor, por cujo serviço se aventurava. Seguio ElRey apoz hos Mouros matando, e ferindo, e cativando muitos no alcance tomãdo-lhes ha carriagem, e despojos grandes, de quanto traziam. Tanto que ho desbarato foy acabado, mandou ElRey dous Cavalleyros hà grande pressa ha Cezimbra ha suas gentes, q̃ láa fiquaram, q̃ loguo fossem todos com elle, e foram aho outro dia todos hy juntos, muito ledos, pela boa andança, que Deos dera ha ElRey, e nom menos tristes, por se nom acertarem com elle na batalha. Tanto que hos de Palmella viram ho desbarato dos seus Mouros, e hos Christãos juntos contra sy, tendo perdida ha esperança do soccorro, preitejáram-se cõ ElRey, que hos leixasse sahir em salvo, e lhes dariam ha Villa, e ha ERey aprouve dello, e assi ouve ha Villa de Palmella.

CAPITULO XL.

Do desvairo, que sobreveyo antre ElRey D. Affonso Anriques e ElRey D. Fernando de Liam seu genro, e como se quebrou ha perna ha ElRey D. Affonso, e foy prezo delRey D. Fenando, por caso da perna quebrada.

SEndo ElRey D. Fernando de Liam casado cõ Dona Urraqua, filha delRey D. Affonso Anriques como acima dissemos, veyo ha deixala, e apartarse della por mandado do Papa, por serem parentes muy cheguados, e casarem sem dispensaçam, mas ho modo como este apartamento foy feito, nem ho que se fez desta Rainha Dona Urraqua nõ achamos escrito, salvo, que ouve della hum filho chamado D. Affonso, que depois da morte de seu pay foy Rey de Liam. Tomando ElRey D. Affonso deste feito grande pezar, pós em sua vontade de hir cerquar Badalhouse, que estava em poder de Mouros, por ser da Conquista delRey D. Fernando de Liam, e ajuntando suas gentes para esso foy poer cerquo sobre ha Villa, estraguando-lhe pães, e vinhas, e fazendo lhe tanto dano, e apresso, que veyo ha tomala. Como quer que hos Mouros, se muy bem defendessem, ElRey D. Fernando quando soube, que ElRey D. Affonso de Portugual tomàra Badalhouse, envioulhe ha dizer por seus Menssageiros, que lha leixasse, pois sabia, que era sua, e de seu Reyno, e ElRey D. Affonso lhe respondeo, que lha nam avia de leixar, e entam ho dezafiáram sobre esto, pelo qual ElRey D. Fernando de Liam, ajuntou loguo seu poder, e veyo contra ElRey ha Badalhouse, e vinha com elle D. Dioguo ho bõ senhor deBisquaya, cõ cuja irmãa chamada Dona Urraqua Lopes filha do Cõde de Navarra,

varra, foy depois cazado eſte Rey D. Fernando. Vinha tambem D. Fernando Rodriguez de Caſtro, ſendo entaõ ambos vaſſallos deſte Rey D. Fernando de Liam, dezavindos delRey de Caſtella, e vindo jàa acerqua diſſeram ha ElRey D. Affonſo.

Senhor, aqui hee ElRey D. Fernando, e toda ſua oſte. Pois aſſi hee, dice ElRey: *Armemonos, e ſayamos ha elle aho campo, que pois nos vem buſquar, bem he que nos achem làa fóra em campo conſiguo.* Entam ſe armáram todos, e ſahiram fóra da Villa, e niſto diceram ha ElRey D. Affonſo como hos ſeus ſe embaraçavam jáa có D. Dioguo ho bom, e com D. Fernando Rodriguez de Caſtro, que vinham na dianteyra muy bons Cavalleyros, e ElRey com eſte recado abalou rijo acavallo, correndo por ſahir fòra da Villa ha cheguar ahos ſeus, e acõteceo, que ho cabo do forrolho nom fiquára bẽ colhido aho abrir das portas, e ho cavallo, aſſi como hia correndo topou nelle com huma ilhargua de guiza, que ſe ferio muito, e quebrou ha perna, eſquerda delRey, ho qual nom leyxou por eſſo de cheguar ahos ſeus ha ajudalos, e niſto ho cavallo que hia ferido, nom podendo mais ſofrerſe cahio com ElRey em hum ſenteal, ſobre ha meſma perna, e acabou-ſe de quebrar de todo, de modo que hos ſeus, nom poderaõ mais levantalo, nem poer ha cavallo, e entaõ Fernaõ Rodriguez Caſtelhano, que ho vio cair, foy dizer ha ElRey D. Fernando: *Senhor ha ly jàs ElRey D. Affonſo com huma perna quebrada, hy prendelo, que mais ſem trabalho volo deu Deos nas mãos do que eu cuidava.*

Cheguou entam ElRey D. Fernãdo onde ElRey jazia, e por hos ſeus, q̃ ho viram cair, e ſe acertáram ſerem pouquos, e hos imiguos muitos, ouve de ſer tomado, e prezo com eſſes que hy eram com elle; nam ſe podendo valer, nem ſer valido, e com hos outros ſeus, que ſe colhiam á Villa, entràram hos delRey D. Fernando de miſtura, e devulguando ſe jáa ho dezaſtre delRey D. Affonſo, foy ha Villa neſſa hora tomada, ſegundo loguo tudo falece, como falece ho Capitam Levou aſſi ElRey D. Fernando conſiguo, ha ElRey D. Affonſo para ha Villa, e fezlhe muy bẽ pençar da perna, em quãto ho teve em poder aſſentãdo-o ſempre apaar de ſy, fazendo-lhe muita honra; deſpois veyo apreytejar com elle, que lhe deſſe ha terra da Corunha, que hee do Minho, atèe ho Caſtello da Lobeyra, huma leguoa àlem de ponte Vedra, e porſima pelos chãos de Caſtella, aquella terra, que deram ó Conde D. Anrique ſeu pay, como no começo da Eſtoria ſe dice, fazendo-lhe tambem menagem, que tanto que em beſta cavalguaſe ſe tornaſſe ha ſua prizam, ElRey D. Affonſo nem podendo al fazer dice, que lhe prazia.

Deſ-

Deſpois de entreguar ha terra, e Fortaleças, e fazer ha dita menagem, ElRey D. Fernando ho ſoltou, e elle tornou para ſeu Reyno, e ſendo muy bem ſaõ da perna, nunqua mais quiz cavalguar em beſta, por nom tornar ha menagem, antes ſempre depois andou em carro, como ſoyam andar hos Reys antiguamente, e loguo no
1166. anno ſeguinte de mil e cento e ſeſſenta e ſeis annos dia Daſſençaõ, em Coimbra fez ElRey como muy prudente, e diſcreto que era, fazer todos hos Grandes, e Cõſelhos do Reyno todo menagem ha ſeu filho ho Ifante D. Sancho, e eſte ſeu quebramento de perna, foy ſempre atribuido aho que ſua mãy lhe roguou, quando ha poz em prizaõ, ſegundo atraz neſta Eſtoria ſe contem.

CAPITULO XLI.

Em que fala, e amoeſta Duarte Gualvaõ Autor, quãto ſe devem eſcuzar has maldições dos pays, e mãys ahos filhos.

HO pezar que me faz, e ha todos faráa vendo eſte dezaſtre delRey D. Affonſo Anriques, me faz falar contra has maldiçoes dos pays, e mãys, que ameude ſe lançaõ com pouquo tento, e reſguardo devendo-ſe eſcuzar com muito, vendo, e ſabendo todos, que com nome de filhos nos reconciliou Deos para ſy, e com nome de Pay noſſo, mandou que ho adoraſſemos, cõ ho nome em que ſe conclue, e encerra ha mayor obriguaçaõ, e ajuntamento de reverencia, e amor que póde aver antre nós, nem de nós para elle, por onde hos filhos devem muito fazer por acatar ſempre ſeus pays, e mãys, ſegundo por Deos lhe hee diſtintamente mandada eſcuzar de hos provoquar ha ſemilhantes maldições, antes recealas muito, e temellas, por injuſtas que ſejaõ, como ſe diz das excommunhões, que deſprezando-as averàõ por ventura luguar de obrar, como juſtas, e ajuntadas com outros males de que mal peccado andamos acompanhados deſcote, e ante Deos deſmerecemos, porque tanto quiz Deos, que ſe guarde, e acate, ha ordem que neſte mundo ordenou, que elle meſmo ſendo ſem peccado juſto Julguador, ſofreo ſer injuſtamente julguado, por injuſtos, e perverſos julguadores, por terem na terra ho carguo, e preſidencias por elle ordenadas, ho que tanto mais devem hos filhos acatar, e ſofrer ha ſeus pays, e mãys, quanto ha ley de juſtiça, e ordenança de Deos, lho devem ainda por grande obriguaçaõ de natural reverencia, e amor.

E hos pays muito mais de ſeu cabo devem ha meu juizo eſcuzar ſemelhantes maldições, quanto mais idade, e entender tem, conci-

rando

rando que saõ homens, e pays de homens, e que elles poderiam jáa fazer outro tanto ha seus pays, e mãys, mayormente que hos erros dos filhos nom podem ser tam danosos, que muito mais nom sejam has maldições dos pays, lançandose sempre por humano defeyto da sanha vendicativa, ha qual se decegua em desenfriada ira, nom procedese, nom averia luguar contra ho sobejo amor dos pays, e mãys, sendo sempre tamanho, que quanto mais có causa dizem aho filho. *Maa morte te mate*, vendolhe algum mal muito menos de morte se culpaõ, e mataõ por elle, e Deos manda, que das nossas injurias, e dãnos, leyxemos ha vinguança ha elle. Dessas pessoas lhe devemos mais leyxar de que ahos outros devemos tomar que saõ pays, e filhos hos quais toda ha rezaõ obrigua, que antre si mais se comportem, e hajam em suas cousas paciencia, pois Deos que has fez ha quem se ainda mais nesso erra, haa com elles paciencia, e assi escuzaram hos filhos ha culpa tam crime como hee desobediencia ahos pays, de conhecimento tamanho para Deos como hee ahos filhos, que lhe deu, por bençam, fazerem filhos de maldiçaõ, ha qual por esto sóo tambem por injusta que fosse abastaria pela ventura, para fazerem por pena, e peccado do pay, penar ho filho inocente neste mũdo, em que bem podemos padecer por culpas, e peccados alheyos, assi como filhos por pays, e servos por senhores; ainda que no outro non posiamos, se nom pelos proprios nossos, e da verdade deste caso prouvera ha Deos, q̃ tiveramos em outra parte ha prova, e exemplo mais longe, e estrangeyro, e nom del Rey D. Affonso, qu sendo tam virtuoso, e todos seus feytos; sempre com virtuosa tençaõ, e de serviço de Deos, nom leyxou maldiçam de mãy, mais madrasta que empecer ha este Rey, na pessoa, na fazenda, e na honra, ha filho tam virtuoso.

CAPITULO XLII.

Como hos Mouros vieraõ com Albojame Rey de Sevilha cerquar ElRey D. Affonso Anriques em Santarem, e como ElRey sayo ha peleyjar cõ elles, e hos desbaratou, e venceo.

ESTando assi ElRey D Affonso em seu Reyno, andando em colos de homens, e outras oras em carros como jàa em cima dicemos, veyo-se para Santarem, e correndo novas pela terra, do desastre do britamento da perna, e da preytezia, e menajem q̃ fiquara com ElRey D. Fernando de Liaõ, por cuja causa, nom cavalguava em cavallo, nem era de sua pessoa poderoso, para fazer guerra como dantes,

tes, nem ſuas coſtumadas cavallarias; tomaram hos Mouros ouſadia, e eſperança grande de ſe vinguarem, e fazer grande danno ha Portugual, pelo qual Albojame Rey de Sevilha, ajuntou grande multidaõ de Mouros, de toda Andaluzia, e de outras partes, e atraveſſando todo, antre Tejo, e Odiana, matando, e eſtraguando tudo por onde vinham, vieram cerquar Santarem, onde ElRey D. Affonſo eſtava, deſtroindolhe toda ha terra de redor. Sayaõ hos Chriſtãos às barreyras ha eſcaramuçar com elles, e de huma parte, e da outra morriaõ muitos.

ElRey D. Affonſo por nom poder cavalguar ha cavallo, e ſair ha elles era muy enojado em ſeu coraçaõ acoſtumado ha vencer nos campos, e cerquar, e nom ſer cerquado, pelo qual determinando de ſair fóra em carro, ha lhes dar batalha, alguns dos ſeus lho contradiceraõ, e outros diziaõ que era bem fiquar na Villa, e que elles ſayriaõ apeleyjar com hos Mouros, concelhos ambos muito fòra do parecer delRey, e do ſeu grande animo, e por tanto lhe reſpondeo, e dice. *Amiguos nom cumpre aguora ver ſe ſayremos, ou nom, mas he tempo de tomardes tal esforço para peleyjar, que eu poſſa perante todes louvar hos que ho bem fizerem, e eu meſmo em peſſoa vos ajudarey ha eſſo contra hos imiguos, quanto em mim for como ſempre fiz, e ſe pela ventura alguns tiverẽm receo, ho que nom cuydo, fiquem na Villa, e nom vaõ laa que eu nom poderey ſofrer jaa mais tanta vergonha.* Entam acordaram que era bem, ſair fóra em toda maneyra, e eſtando jáa preſtes para hum dia certo, e corregidos como deviam de hir, e de quaes avia ElRey de ſer guardado, aconteceo virem novas ha ElRey D. Affonſo como ElRey D. Fernando de Liam ſeu genro, vinha com muita gente, ho qual por ſer Rey muy virtuoſo, e muy cheguado ha Deos, como quer que ſe quitaſſe de ſua filha, e ſobrevencello pareceſſe ſer rezaõ eſtar delle queyxoſo, por buſquar azo de nom cũprir ha menagem que lhe tinha feyto de tanto que cavalguaſſe em huma beſta, acudir ha ſua Corte, nom olhando nada deſto, como ſoube, que ElRey Albojame com grande poder tinha cerquado ElRey D. Affonſo em Santarem ajuntou ſua gente, e partio para ho ajudar, e andando entam ha era do Senhor em mil e cento e ſe- 1171.
tenta e hum annos, aſſi que vindo recado certo ha ElRey D. Affonſo Anriques de como ElRey D. Fernando de Liam era acerqua, e que em pouquos dias ſeria com elle, foy em grande penſamento, cuydando que vinha contra elle por rezaõ da menagem ha que nom fora, e poſto neſta duvida tanto mais, determinou de peleyjar primeyro com hos Mouros, e tambem hos Mouros de ſua parte quãdo ſouberaõ de ſua vinda, crendo

que

que vinha contra elles, em ajuda delRey D. Affonſo ſeu ſogro, determinàram levantar ho cerquo, e ſayo entam ElRey D. Affonſo ha elles, no modo que dantes tinha ordenado, e depois de muito peleyjarem fez grande mortindade nelles, e desbarato, de muytos prezos, mortos, e feridos, e grandes, e riquos deſpojos tomados.

Aſſi ſe foram hos Mouros deſtroçados fogindo quanto mais podiaõ. ElRey D. Fernando quando ſoube que hos Mouros eram desbaratados, e ElRey D. Affonſo deſcerquado, nom quiz hir mais adiante, poſto que perto foſſe, e eſteve ally quedo tres dias, enviando dizer ha ElRey D. Affonſo que tomaſſe prazer, e nada receaſſe delle, que nom abalàra, nem vinha ha outra couſa, ſe nom ſóo por ho deſcerquar, e pois hos Mouros, jàa eram ydos, que fiquaſſe com ha paz de Deos, e ElRey D. Affonſo lhe deu por ello muitas graças, e hee que deſque foy prezo na batalha, que ouve com eſte D. Fernando de Liaõ ſeu genro, nunqua depois foy viſto ledo, nem aver prazer como dantes, e quando lhe lembravam has cavallarias ǫ dantes ſoya fazer contra Mouros, e quam temido era delles, nom podia eſtar que muy enxerguadamente ſe nom entriſteceſſe, mas porque deſte tempo atée que ho Corpo de S. Vicente foy trazido ha Lisboa, nom achamos outra couſa que de contar ſeja, queremos aqui dizer como, e em que modo foy aqui trazido.

CAPITULO XLIII.

Como ho Corpo de S Vicente foy achado por huns devotos homens que ho forão buſquar.

TAa antes deſto, em ſeu luguar contàmos como ElRey D. Affonſo Anriques, foy por ſy com grande cuydado, e devaçam, buſquar ho Corpo de S. Vicente, e nom ho pode achar avendo jáa vinte e ſeis annos, que ha Cidade de Lisboa era em poder de Chriſtãos, tomada ha Moutos, fez ElRey Albojaque treguoas, com ElRey D. Affonſo Anriques por ſinquo annos, has quaes foram feytas quatro dias do mez de Mayo era do Senhor de mil cento e ſetenta e tres annos, entam, certos homens de Lisboa, com grande devaçam, vendo que jàa podiam hir ſeguros àquelle luguar onde ho Corpo de S. Vicente jazia, fizeram preſtes huma barqua, com todo ho que lhes fazia miſter, e foraõ-ſe làa ſem nhum impedimento, nem deficuldade, cheguaram, e deſembarquaram no meſmo luguar, onde poſtos em oraçaõ, muy devotamente ha Deos pediaõ, que lhes moſtraſſe onde jazia ho Corpo daquelle glorioſo Martir; ha poz eſto começaram ha cavar, e aprouve 1173

ha N. Senhor que ho acharaõ, e dandolhe muitas graças, e louvores, ho tomàram com muito prazer, e devaçaõ, e puzeraõ-no dentro na barqua, e loguo Deos ally moſtrou por elle, hum grande milagre, que hum dos que hiaõ na barqua, em deſenterrando aquelle ſanto Corpo, furtou hũ dos oſſos, e tanto que ho tomou, ceguou loguo de todo, pelo qual cortado de medo, e arrependimento, tornou apoello donde ho tomàra, e neſte ponto lhe foy reſtituida toda ſua viſta, e foy ſaõ como dantes, e tambem ſe deve atribuir ahos grãdes merecimentos deſte Santo Martir, que ſendo ſempre ho maar ally alevantado, e periguoſo, e reçafa muito grande, foy viſto tam chaõ, e manço fóra do acoſtumado aho embarquar do ſeu Corpo, como ſe fora em qualquer outro luguar, onde nunqua ouveſſe, nem podeſſe fazer ondas, e aſſi tornàram com muito prazer ha ſalvamento.

CAPITULO XLIV.

Como ho Corpo de S. Vicente foy poſto na Sèe de Lisboa.

ELles cheguados aho porto da Cidade de Lisboa, nom quizeram loguo tirar fóra ho Corpo do glorioſo Martir, com receo de lho tomarem por força, e aguardando ha noyte levaraõ-no eſcondidamente à Egreja de Santa Juſta, ho qual ſendo loguo ſabido aho outro dia pela mennãa, ſegundo Deos nom quer ſua gloria eſcondida, toda ha Cidade corria para ally, e huns diziaõ, que era bem de ho poerem em S. Vicente de Fòra, e outros, que mais rezaõ era eſtar na Sée, e neſte debate D. Guonçalo Vieguas Adiantado mòr de Cavallaria delRey, que era prezente, vẽdo quam errada couſa era, arguirſe mal, e arroydo ſobre couſa tam ſanta, e devota, que mais com rezaõ deviam tolhelo, fez ceſſar ho alvoroço da gente, e que eſperaſſem atée que ho ElRey ſoubeſſe, e mandaſſe, ho que ſuà merce foſſe neſſo. D. Roberto Dayam da Sée homem oneſto, e de boa vida, foy ho mais oneſta, e eſcuzamente q̃ pode ha D. Moniz Prior da Egreja de Santa Juſta, e roguoulhe muy afinquadamente, que por honrar, e obriguar ha Sêe, que era ha principal, e mais dina Egreja da Cidade em que aquelle ſanto Corpo mais honradamente, que em outra parte podia eſtar, lho quizeſſe dar, e ha elle aprouve darlho, e entam hos da Sée, com toda outra Clerezia muy ledos, foraõ por elle, e ho levaraõ muy honradamente em prociſſaõ, acompanhado de toda ha gente da Cidade, dando todos muitas graças, e louvores ha N. Senhor, e aſſi foy trazido, e poſto na Sée, onde ora jaz. Hos Coneguos de S. Vicente vieraõ loguo hy ha pedir que lhe deſſem das Reliquias daquelle ſanto Corpo,

mas nom lhe foram dadas.

Quando ElRey D. Affonſo Anriques ſoube eſto, ſegundo era devoto, chorou com prazer, louvando muito aho Senhor Deos, por querer em ſeus dias honrar ſeu Reyno com tam precioſas Reliquias, mandando outra vez àquelle luguar donde ho Corpo fora trazido, que viſſem, e cataſſem bem, ſe fiquara ainda làa alguma couſa delle. Foram làa, e feyta toda diligencia, acharaõ ainda hum pedaço do teſto da cabeça, e pedaços pequenos deſataudados do Ataude, ho que todo trazido ſem nada fiquar, pozeraõ com ho Corpo. E conta ha Eſtoria, que depois que eſte ſanto Corpo ally foy na Sée, ho Corvo ho qual, ſegundo jáa dicemos, que foy viſto guardalo quando foy deytado às aves, e animalias veyo ſempre na barqua com elle, e ho acompanhou, e depois de poſto na Sée, ho viram muitas vezes ſobre ho ſeu Moymento, como quem ho nom queria deſemparar, e outras oras ſe punha ſobre ho Altar mór, e aſſi andava voando pela Egreja, e aconteceo, que hum moço chamado Joane, que ſervia na Egreja deu com huma pedra ha eſte Corvo, e foy couſa milagroſa, que loguo ha eſſa ora foy tolheyto, de todos ſeus membros, e entam ſeu pay do moço quando vio tamanho pezár aho moço ſeu filho, lançouſe em oraçaõ de noyte muito devotamẽte ante ho Corpo de S. Vicente, e foy loguo ho moço ſaõ de todo, como dantes era; e da ly nunqua mais ninguem ouzou de fazer nojo àquelle Corvo, ho qual foy hy viſto por muitos tempos. ElRey mandou eſcrever ho dia, e era em que ho Corpo deſte glorioſo Martir veyo ha Lisboa, e foy ahos quinze dias do mez de Setembro da ſobredita era de mil e cento e ſetenta e tres annos. 1173.

CAPITULO XLV.

Como ElRey D. Affonſo Anriques ordenou de mandar ho Iſante D. Sancho ſeu filho ha Alentejo ha guerrear hos Mouros, e das rezões que lhe ſobre ello dice.

DEpois que hos ſinquo annos das treguoas, que ElRey D. Affonſo fez com ElRey Albojaque, como acima dicemos, foram acabados, que foy na era do Senhor de mil cento e ſetenta e oyto annos, eſtando ElRey D. Affonſo Anriques em Coimbra, vendo q̃ em toda ſua terra, era guerra ceſſada ſem ter receo, ſalvo dantre Tejo, e Odiana, que pelo acabamento da treguoa cumpria ſer bem defeza, e guardada, e que àlem deſto ſeria couſa honroza, ſe com ha defençaõ della, ſe azàs ſe guanharem mais alguns Luguares ha Mouros, 1178.

chamou

chamou ſeu filho ho Iſante D.Sancho, e perante alguns do ſeu Concelho lhe dice aſſi: *Filho tu ſabes hem quanto trabalho tenho paſſado na guerra com hos Mouros, e pela treguoa que tinha com ElRey Albojaque jaa ſer acabada, hey por certo que hos Mouros, nom eſtarão quedos, e guerrearão eſſes Luguares que delles guanhey em Alentejo, donde recebem, e eſperam de receber muito dano, e jàa me foy falado, e requerido que entendeſſe na defenſaõ dellas, pelo qual eu cuydando como ſe eſto milhor podia fazer de quantas couſas me vieraõ por ſentido me pareceo, e parece milhor que tudo, que eu te mande läa em peſſoa, e eſto por duas rezões, ha primeyra, porque ſabes que eſtaa meu cazo de nom poder cavalguar em beſta por nom hir às Cortes del Rey D. Fernando ho que eu nom fora por couſa q̃ no mundo ouveſſe, que fazendo traria ha ty, e ha mim grande perda, e ha todos hos do Reyno de Portugual; ha ſegunda porque prazendo aho Senhor Deos depois de meus dias, tu às de ter ho carreguo de reger, e defender eſte Reyno, e pois te deu Deos entender, e corpo, e manhas para ho poderes fazer, hee bem que jàa aguora commeces, e ho faças.*

Quando ho Iſante ouvio eſto ha ſeu pay foy muito ledo, e beyjoulhe has mãos, dizendo: *Senhor, eu vos tenho em muy grande merce eſto, que me encarreguais, e eſpero em ha graça do Senhor Deos com hos bõos Senhores, e Cavalleyros, de voſſo Reyno trabalhar como ſeu ſerviço, e voſſa vontade, e mandado ſeja comprido; e pois Senhor ſe eſta couſa haa de fazer ſeja voſſa merce querer que ſe faça loguo; porque quanto mais cedo for tanto porey ha terra em milhor eſtado, e defenſaõ.* ElRey reſpondeo, que lhe prazia, que aſſi ho mandava poer em obra, e ordenando loguo quais, e quantos daquem do Tejo contra ho Porto foſſem chamados para aver de hir com ho Iſante eſcrevendo que todos ſe ajuntaſſem em Coimbra ha certo dia; eſſo meſmo fizeram ordenanças, e Regimentos que ho Iſante avia de teer no feyto da guerra, que avia de começar.

CAPITULO XLVI.

Do Alardo que ElRey D. Afonſo Anriques mandou fazer em Coimbra, da gente que mandava cõ ho Iſante D. Sancho ſeu filho, e como em partindo no meyo da Ponte ſe deſpediraõ todos delRey.

DEſpois de vindos todos hos q̃ eram chamados aho tempo que lhes foy aſſinado, fez ElRey fazer Alardo no campo que ſe chamava Arnado, de aſáas fermoza, e ataviada gente de armas, e de béſteyros, e piães, e outros todos com grande moſtra de coraçaõ,

çaõ, e muy ledos para hir com ho Ifante D. Sancho ha fazerem por ſuas honras ho que ha cada hum convinha em tal cazo, e delque ho ſoldo foy paguo, e elles todos p.eſ. tes partiram de Coimbra no mez
1178. de Julho da ſobredita era. ElRey ſayo de ſeus Paços apée, e veyo atèe ponte, e ho Ifante D. Sancho, e todolos outros Grandes com elle, e ha outra gente paſſada da parte dálem, e cheguando aho meyo da ponte dice ho Ifante ha ElRey: *Senhor eſto he aſſaaz de voſſa vinda, nom tome voſſa merce mais trabalho, mas lançaynos voſſa bençaõ, e com ha graça de Deos eu, e eſtes Senhores voſſos Cavalleyros, e Vaſſalos, que aqui eſtamos, iremos fazer ho que mandais, e ha elle que ſempre endereçou voſſos feytos, e teve em ſua boa guarda apraza de nos ajudar em tal modo que voſſo coraçaõ ſeja ledo, e deſcançado.* Reſpondeo ElRey: *Filho vòs fazeis muito bem, mas crede que me hee tam grave voſſa partida, e deſtes Vaſſallos meus naturaes com que ſoya eſtar, e teer continos comiguo, que ainda que vós, e elles foſſeis ha cavallo, e eu ſempre apée, pareceme q̃ me nom enfadaria, nem canſaria tanto, que muito mais nom faça, como faz eſte apartamento; mas pois he forçado, peſſo ha N. Senhor em cujo ſerviço hys vos ajude ha todos, e vos haja em ſua guarda de guiza, que por vós ſeja ſua ſanta Fée acrecentada, e ſeus imiguos lançados fóra da terra, que noſſos anteceſſores guanharaõ.* Eſto aſſi paſſado, quantos ahy eſtavaõ foraõ beyjar ha maõ ha ElRey, e ſe deſpediraõ delle. Ho Ifante foy ho derradeyro que ſe delle deſpedio beyjandolhe has mãos. ElRey lhe lançou ſua bençaõ, e ſe tornou para ha Cidade, e elles cavalguaraõ todos, e ſe foraõ ſeu caminho.

CAPITULO XLVII.

Das jornadas que ho Ifante D. Sancho fez, e como partio de Evora guerreando hos Mouros atée Sevilha, onde fez falla ahos ſeus ante que com hos Mouros peleyjaſſe.

PArtidos dally foram aquella noyte pouzar ha Penela, e ally dice ho Ifante ha todos què lhe parecia bem, nom hirem juntos, e que para hirem mais folguados, foſſe cada hum à ſua vontade, por onde mais quizeſſe, porém que ſe juntaſſem com elle na Guoleguam. Ahos tres dias andados do dito mez de Julho, e juntos hy todos como lhes era mandado, partiram dally, e paſſando ho Tejo ſe meteram todos em ordem, como quem entrava em terra ha cada paſſo ſoſpeyta de imiguos, andàram aſſi tanto por ſuas jornadas, que cheguàram ha Evora onde ho Ifante foy bem recebido dos que hy moravam, e todos hos ſeus que com elle hiaõ. Eſteve ho Ifante em Evora alguns dias por ſentír ho que

que hos Mouros queriaõ fazer por ſua vinda, e tambem por dar folguado caminho aos ſeus. Eſte tempo que ho Iſante hy eſteve, hos Mouros nunqua fizeram entrada, nem intentàraõ couſa alguma, que de contar ſeja, pelo qual pareceo aho Iſante tempo de fazer ho porque viera. Entam mandou chamar alguns das frontarias aho redor, para hirem com elle, e que todavia, has Villas, e Luguares ſiquaſſem bem guardadas. De nhuma lhe acodiam tantos, como de Beja, ho que cauſou fiquar ha Villa muito minguoada de gente, que para ſua defenſaõ lhe fazia miſter.

Ho Iſante deſque teve ſua gente junta, abalou de Evora oyto dias andados de Outubro da ſobredita era de mil cento e ſetenta e oyto annos, e foy ſeu caminho direyto pelo Caſtello da Gineta, e da ly ſe começàram de eſtender hos corredores, e outros homens de armas guerreando hos Mouros, eſtraguãdolhes ha terra, e aſſi correo todo aquelle caminho, contra Sevilha, atêe que paſſou ha Serra Morena. Quando hos de Sevilha, e Andaluzia, ſouberaõ da vinda do Iſante D. Sancho tiveraõ-ſe por muy deſonrados, porque depois que Eſpanha fora tomada, e Sevilha em poder de Mouros, nunqua fora guerreada de Chriſtãos, quanto mais ouzarem de cheguar tam ha cerqua della pelo qual ouveram acordo, de ſayr aho Iſante, e pozeraõ-ſe todos à ſayda do Inxarafe. Cheguàraõ novas aho Iſante como hos Mouros eſperavam ally para peleyjar com elle, do que foy muy ledo, dando muitas graças ha Deos, por ſe achar ha tempo, e ora que ho podeſſe ſervir contra aquelles infieis ſeus imiguos, mandou entam chamar hos Grandes, e outros principaes Cavalleyros de ſua oſte; e dicelhes: *Querovos amiguos daar boas novas, com que muito deveis de folguar, como eu faço. Sabey que todo ho poder de Sevilha, e terras de redor vos eſtam aguardando para peleyjar com noſquo, pareceme que muito nos moſtra ho Senhor Deos aprazerlhe de nos dar em noſſas mãos ho porque viemos, couſa com que elle ſeja muy ſervido, e vòs grandemente honrados, que por eu ſer novo neſtas couſas, e vós que comiguo vindes Cavalleyros, em ellas tam provados, ainda aguora eſta honra ha de ſer mais voſſa que minha, pelo qual ſede muito ledos, e com muito prazer ordenemos, como loguo de menhãa vaamos ha elles, e aſſi ha ordenança que ha noſſa gente haa de levar, que do mais ey por muy eſcuzado, dizervos nada do que cada hum hade fazer, nem metervos eſforço para eſſo, conhecendovos que ſois tais, e que ſabeis tanto de honra, e cavallaria exercitados em muitas peleyjas, e batalhas, e grandes vencimẽtos com ElRey meu Senhor, e pay, que ſoyes mais para dar deſſo enſino, e eſforço, que tomalo de ninguem; hey por aſsâas lembrarvos*

1178.

barvos, que ponhaes em voſſos coraçõẽs ho mais que tudo vos ha de lembrar, que peleyjamos por defender, e acrecentar ha Fèe de N. Senhor Jeſu Chriſto, ho qual de ſermos nada, fez de nòs filhos, ha elle que nos tanto amou, ha elle em cujo ſerviço ſe nom perde trabalho: nos encomendemos, elle que para havermos de ſervilo poz em nós ho querer, nos cumpra ho poder que façamos com ſua graça de menhãa, por onde corram de nós taes novas, que elle ſeja louvado, e meu Pay deſcançado, e vejaõ todos que para parecer eu ſeu filho, e vós ſeus Cavalleyros, e amiguos, nom faz miſter ſer elle preſente. Com eſtas palavras do Iſante folguaraõ todos muito, e foram muy ſatisfeytos, reſpondendo: *Senhor, nós todos ſomos voſſos, e por ſerviço de Deos, e voſſo faremos neſte feyto quanto em nós for, e vós podereis ver, de modo que Deos ſeja ſervido, e com ſua ajuda vós guanheis muita honra para vós, e para nós, e deſaguora ordenay loguo ho que ſe em ella ha de fazer, porque hoje ſeja ſabido de cada hum, em que luguar haa de hir, e eſtar.*

CAPITULO XLVIII.

Como ho Iſante D. Sancho peleyjou com hos Mouros de Sevilha, e ho eſperaraõ ante ha Cidade, e do grande vencimento, q̃ ouve.

ESto aſſi paſſado, ho Iſante ſe apartou loguo com hos principais para ho averem de fazer, e ordenáram de toda ſua gente ſinquo azes, ha primeyra foſſe ha vanguarda, e ha outra apoz eſta batalha do meyo; e ha terceyra reguarda, e has outras duas azes, ho Iſante levava comſiguo, dous mil e trezentos de cavallo, ha fóra hos corredores que aguora chamam ginetes. Ho Iſante meteo na primeyra az em que elle hia, ſeiſcentos de cavallo. Eraõ hy com elle D. Joaõ Arcediſpo de Bragua, e ho Conde D. Guonçalo, e D. Pero Paes Alferes, que entam naquella yda ſervio ho Iſante de ſeu officio, e D. Mem Moniz: ha outra batalha ſegunda, foy encomendada ha D. Guonçalo de Souza, com outros ſeiſcentos de cavallo; ha terceyra, que era reguarda, com outros ſeiſcentos ha D. Lourenço Vieguas, ha az direyta levava D. Pedro das Eſturias, cõ duzentos, e ſinquoenta de cavallo, e ha eſquerda ho Conde D. Ramyro, cõ outros tantos, e hos mais dos corredores com homens de pée pozeram tras ha carruagem, que ha ouveſſem de guardar, ſe alguns Mouros quizeſſem dar nella, e da gente de pée nom lemos, conto, nem repartiçaõ acabada, mais que de quoatro mil, de que na avanguarda, onde ho Iſante hia, foraõ metidos mil, e quinhentos homens de pées. A's azes foraõ dados dous mil, e hos mais com ha carruagem como dito he.

Tanto que eſta ordenança foy

feyta, ho Ifante mandou ha D. Pero Paes, que foſſe pela oſte ha encomendar ha cada hum ho que havia de fazer, porque naquelle tempo ho Alferes tinha aquelle carreguo, e poder, que ora tem hos Condeſtabres. Aho outro dia ante menhãa, fez ho Ifante daar às trombetas, foraõ loguo todos levantados muy preſtamente, de ſy ordenàram ſuas azes, e onde cada hum avia de hir, e eſtar. O Ifante fez mover ſua bandeyra, e aſſi todos hos outros, e foram todos em ordem atêe cheguarem aonde hos Mouros eſtavaõ, e loguo ſem mais detença foram daar, e ferir em elles. Hos Mouros receberaõ nos muy esforçadamente, aho juntar ouve loguo muitos derribados, de huma parte, e da outra, e muitos cavallos andavaõ pelo campo ſem ſenhores. Sobre ha az do Ifante, que primeyro juntou cõ hos Mouros carreguaraõ tantos delles, que ſe nom fora ſoccorrida, em modo algum ſe podera ſofrer, que vendo D. Guonçalo de Souza, e D. Lourenço Vieguas ho Ifante aſſi cerquado, e encerrado antre tantos Mouros, foram ha gram preſſa ha ferir nelles; tambem hos Condes D. Pedro das Eſturias, e D. Ramyro, Capitães das azes, e depois de has azes todas aſſi envoltas, e antre ſy muy feridas, partio-ſe à peleyja em quoatro, ou ſinquo partes muy brava em todolos cabos. Era para louvar ha Deos, e folguar de ver ho esforçado peleyjar dos noſſos, que por força fizeram juntarſe onde eſtava ho pendaõ de Sevilha; e do Ifante, ſe acha eſcrito, que bem moſtrava ſer filho de ſeu pay, em ferir, aſſi de lança como de eſpada peleyjando muy esforçadamente, onde quer que ſe acertava. Em eſto vendo D. Pero Paes Alferes, hos Mouros aſſi todos juntos com ho pendaõ de Sevilha dando vozes ha D. Mem Moniz, e ha outros Senhores, remeteo aho Alferes que ho tinha, e deulhe tais duas feridas de eſpada, que ho deſatinou, e leyxando cair ſua eſpada dependurada por huma cadea, para eſſo ſegundo parece cuſtumada travou no Alferes, e como era forçoſo deu com elle, e cõ ho pendam em terra.

Neſto hos Mouros, que com algum esforço, ou vergonha de ver ainda ſeu pendaõ levantado, ſoſtinham ha peleyja, tanto que ho viram derribado começaraõ todos ha fugir, via da Cidade, e ho Ifante, e hos ſeus apoz elles matando, e derribando quantos podiam, e a ho entrar de Triana foy tanta ha preſſa nos Mouros, que nom poderam cerrar ha porta, e hos noſſos entraraõ de volta com elles. Hos Mouros que tinham jáa ha ponte paſſada, por tornarem ha ſoccorrer hos que fiquavaõ atraz, acalçados dos noſſos, deram tanto empacho, e torvaçam ahos trazeyros, que tiveram hos noſſos grande, e deſpejado tempo, e luguar, para fazer em elles grande matan-

matança, e em muitas pàrtes ſe acha eſcrito aver ſido tanta mortindade dos Mouros, feridos, e mortos no rio Guadalquibir, que ſuas aguoas pareciam ſangue, ſegundo ho ſangue tinge ſemper mais de ſua quantidade ha aguoa em moſtra muito mayor. Ho Ifante feyto eſte tam grande desbarato dos Mouros, tornouſe para onde elles tiveram ſeu arrayal de ante ſentado, no qual acharaõ prezas grandes, e ouro, e prata, e muitas joyas, e cavallos, e outras couſas, has quaes repartio por eſſes Grandes, e Cavalleyros, e outra gente, como lhe bem pareceo ſem tomar nada para ſy, do que todos foram delle muy contentes.

CAPITULO XLIX.

Como hos Mouros foraõ cerquar Beja, e ho Ifante D. Sancho ho ſoube, e foy ſobre elles ha ſoccorrella, e da batalha que com elles ouve ſobre ella.

ACha-ſe eſcrito, que fiquando aſſi Beja falecida de gente para ſua defençaõ, pela muita que della ſe fora com ho Ifante D. Sancho mais que de outro nhum Luguar Dalentejo como acima dicemos, e ainda de eſſes que nella fiquaram alguns com medo de ha nom poderem defender, ſe partiram della para outros Luguares de Chriſtãos, e hos Mouros ſabendo certo como ha Villa eſtava para ligeyramente ſe poder tomar, pela minguoa de gente que nom tinha, ajuntaraõ-ſe dous muy principaes antre eiles chamados hũ Alboacamefim, e outro Albouzil, e muitos Mouros, que lhes ſeguiraõ, e cheguárão ha pôr cerquo ſobre ella. Hos pouquos Chriſtãos, que dentro eſtavão, corregeraõ ha Villa ho milhor que poderão, e poſerão-ſe ha defendela, e aprouve ha N. Senhor, que com quanto hos Mouros loguo em cheguando ha combateram, e afrontáram muy rijamente, hos noſſos ha defenderam com tanto eſforço, que hos imiguos ha nom poderão tomar tam de ligeyro, como traziam por certo, e aſſi por ſua multidam, e hos defenſores da Villa ſerem pouquos, como por ho Ifante ſer com ha outra gente muy alonguado, para hos aver de ſoccorrer, determináraõ toda via ſentar rayal ſobre ha Villa, fazendo conta, que ainda que ha nom tomaſſem loguo em cheguando ha tomariam, em alguns pouquos dias, que para eſſo teriam deſpaço, e começáram trazer, e fazer engenhos, e arteficios, que para tal cazo cumpria.

Quando hos de dentro da Villa viram ha determinaçam, e aſſento dos Mouros, tomáram acordo de ho fazerem ſaber aho Ifante, e mandáram hum Eſcudeyro dos q̃ na Villa eſtavaõ ſabedor muy bem

da terra, cavalguado em hum eſpecial cavallo, ho qual como foy noyte ſayo ſe fóra da Villa com tal tento, e avizo, que nom ouve ſentimento, nem torvaçam dos do arrayal, e ha carta q̃ levava era que hos da Villa ſe encomendavão em ſua merce, e lhe pediam, que lhes acorreſſe em tam grande fadigua, e trabalho em que eſtavam; no qual entre tanto elles fariam quanto em ſy foſſe, por toda via guardarem ho que lhes encomendára. Paſſando aſſi eſtas couſas depois de vencida ha batalha de Sevilha, ho Ifante partio da ly contra ha terra, que ora em Caſtella chamão Alguarve, fazendo muita deſtruiçam nos Mouros por toda aquella terra, e eſtando ſobre Niebla, cheguou ho recado dos Cavalleyros de Beja, como aquelle Mouros ha tinham cerquada. Ho Ifante viſta ha carta chamou loguo hos do ſeu Conſelho, e ha moſtroulha, dizendo: *Amiguos que vos parece deſto, ou que devemos fazer.* E todos acordáram, que para andarem correndo ha terra, nom era bem perderſe tal Villa, como era Beja. Entam pareceo ſer bem, que ho Ifante tomaſſe de ſua gente atée mil e quoatro centos de cavallo dos melhores em cavalguados para loguo partirem com elle, e que toda ha outra oſte ho ſeguiſſe, e tiraſſem de pôs elle ho milhor que podeſſem direyto ha Beja.

Eſto aſſi determinado, dice ho Ifante ha D. Pero Paes Alferes, que tomaſſe carreguo, dos que aviam de fiquar, e elle lhe reſpondeo: *Que couſa Senhor ſerà irdes vós em algum luguar poer em ha ventura ha voſſo corpo, em que me eu nom ache ha teer voſſa bandeyra, como ora em eſta batalha, que venceſtes de Sevilha, e outras muitas com voſſo pay, atéeguora me ſempre achey.* Ho Ifante lhe tornou ha dizer, que elle fora deſto mais ledo, mas pois ſeu carguo era guardar ha oſte, e regella, e guovernalla, e nelle tanto confiava toda via quizeſſe fiquar com ella. Entam fiquou D. Pero Paes com ha gente, e deu de ſua maõ ha bandeyra ha hum ſeu ſobrinho, por nome Sueyro Paes, muy bom Cavalleyro. Loguo aho outro dia cedo, ſem mais tardar partio ho Ifante com aquelles mil e quoatro centos de cavallo, ha mais andar, e hos Adays, e Guias que comſiguo levava, ho leváram por tais Luguares, e caminhos, que hos Mouros nom poderam aver novas delles, e paſſaram pelo váo de Mertola, onde chamam has Aſenhas. Hos Mouros de Mertola, tinham eſcuitas no váo, e vieram dar novas à Villa, e porque ho Ifante paſſava aho Seraõ, e ha Villa era muy forte, nom temeraõ hos Mouros de Mertola, que aquella gente vinha ſobre eiles, mas que hiam ſoccorrer ha Beja, pelo qual mandàram loguo ha gram preſſa homens de pée, e de cavallo fazer ſaber ha Alboacamezim, e Albouzil, como pelo vàо das Aſenhas paſſa-

paſſara aquella noyte muita gente, e que aviam por certo nom ſer outrem ſe nom ho Iſante D. Sancho.

Avido eſte recado, foy muito grande alvoroço no arrayal dos Mouros, e huns diziam, que era bem que ſe foſſem, e outros que era milhor aguardarem, e peleyjarem com hos Chriſtãos. Ho Iſante tanto que veyo ahos chãos do Campo Dourique, dice ahos ſeus, que ſe nom triguaſſem ha andar por cheguarem mais folguados ahos imiguos, porque ho caminho fora grande, e mão, e vinhaõ trabalhados e por cauſa deſſo nom poderaõ cheguar à viſta dos imiguos ſe nom ha ora de Terça. Tinham hos Capitães dos arrayaes, eſpeciais eſpias, e tanto que ouveram avizo de Merrola, mandáram loguo eſſa noyte corredores ha ſaber, que gente era ha que vinha, e ſe vinham para ally, ſe para outra parte. Hos corredores dos Mouros amanheceraõ acerqua de alguns do Iſante, que vinhaõ adiantados, e prenderam hum Eſcudeyro, que lhes contou todo como era, e tornáram loguo à preſſa com elle ha ſeus Capitães, e ſabida ha verdade por elle, eſſes milhores do arrayal, por eſcuzarem vergonha de nom eſperar, moſtraram grande eſforço, e tençaõ de quererem em todo cazo peleyjar com hos noſſos, como quer que al tiveſſem na vontade, outros moſtravam ho contrario, pelo grande receyo que tinhão aho Iſante, e ahos outros que vinham com elle, avendo que ſeriaõ aſſinados Cavalleyros, dobravalhes eſte medo ho freſquo desbarato, e mortindade de Sevilha, ſegundo, que à coraçõeſ encontrados em receyos, ſempre ſe lhes aguoura, e apreſenta ho peor. Eſte incerto alvoroço dos Mouros deu eſpaço para ho Iſante poder cheguar ſem elles poderem al fazer, ſe nom eſperar, e ſaiſe fóra do arrayal, tam acerqua viam jáa ho póo da gente dos Chriſtãos.

Quando ho Iſante cheguou eſtavam jáa hos Mouros com ſuas azes preſtes, e ſem mais aguardar, dice loguo ho Iſante ha Sueyro Paes, que abalaſſe rijo com ha bandeyra, e aſſi foraõ rijo ferir nos Mouros, e ha peleyja, eſſe eſpaço que durou, foy fortemente peleyjada dambas has partes, e cõ moſtra de aver mais de durar, mas aprouve ha N. Senhor, q̃ hos Mouros nom poderam ſofrer ho grande eſforço, e combate dos noſſos, e comeſſáraõ ha fugir, e foraõ delles muitos cativos, e mortos, antre hos quais morreram hy hos dous Capitães Alboacamezim, e Albouzil. Ho Iſante com hos ſeus, e aſſi hos da Villa ouveram grandes prezas em aquelle desbarato, e ho Iſante aſſentou ſeu arrayal fóra da Villa, ſem querer entrar nella, atée que cheguaſſe ha outra gente ſua, que elle mandára que ho ſeguiſſe. Hos da Villa ſayram fóra, e trouxeraõ-lhe ſerviços deſſo q̃ podiaõ. Ho Iſante hos recebeo com muito

prazer

prazer, e agradecimento louvando-os muito do grande esforço, e bondade que tiveram em defender ha Villa, sendo tam pouquos.

Foy esta peleyja, e vencimento do cerquo de Beja, em dia Dasceçaõ de N. Senhor dezoyto dias de Mayo, do Nascimento de N. Se-
1179. nhor de mil cento e setenta e nove annos. Acabo de tres dias, do desbarato dos Mouros, cheguou D. Pero Paes com toda ha oste, que lhe fiquou encarreguada, e depois de cheguados, foy ho Ifante com certos Cavalleyros ver ha Villa, e entrando pela porta vio ainda em cima estar has Armas de Almançor, mandou-as loguo tirar, e poer has delRey seu pay. Mas ora deyxarà ha Estoria de falar do Ifante D. Sancho, que fiquou em Beja muy temido dos Mouros de toda aquella terra, e contarà de huma entrada, que ElRey Guami Mouro, e hũ seu irmaõ fizeram em Portugual, e como foy desbaratado, e prezo em Porto de Môos, por hum Cavalleyro, q̃ avia nome D. Fuas Roupinho.

CAPITULO L.

Como hos Mouros cerquaram Porto de Mòos, e foraõ desbaratados por D. Fuas Roupinho Alcayde do Castello.

SAbendo hos Mouros de cima do Tejo, como ho Ifante D. Sancho era em Beja, de soceguo, parecendo lhes que com ha occupaçam que láa teria, elles podiam ha seu salvo fazer entrada em Portugual, hum Rey daquella terra onde ora hee Caceres, e Valença, que chamavam Guami, e hum seu irmão com soma de gente das terras ha redor, passou ho Tejo, e correo toda ha terra de Christãos, atée cheguar ha Porto de Móos. Em aquelle tempo tinha ho Luguar hum Cavalleyro, q̃ chamavaõ D. Fuas Roupinho, ho qual quando soube, que vinha aquelle Mouro sobre elle, sayose do Castello, leyxando em elle gente que ho podesse defender, encomendandolhes muito, que assi ho fizessem, que elle se nom saya se nom para loguo lhes soccorrer com mais gente. Saydo elle meteo-se em cima da Serra, q̃ chamão Amendigua, da parte dóde nace ho royo de Porto de Móos, fazendo esconder hos seus, mandou loguo ha gram presla, ha Alcaneyde, e Santarem fazendo saber ha vinda daquelles Mouros, e que lhe enviassem gente, porque com ha ajuda de Deos esperava, q̃ avia aver delles honra, e vencimẽto. Acodio-lhe loguo bom quinham de gente, e no dia que elles cheguaram aonde estava D. Fuas Roupinho, cheguou ho mesmo Rey Guami com todas suas gentes sobre Porto de Móos, e vendo ho Castello tam pequeno, fazendo conta que ligeyramente ho tomaria, foram loguo todos em cheguando

guando ha combatello muy rijamente. Foy ho combate tam prosiado, que durou atèe noyte, dos Mouros foram muitos mortos, e feridos, e assi da parte dos Christãos ouve danno assas, e durando ho combate hos que estavam na Serra com D. Fuas Roupinho, debatiaõ-se todos por hir soccorrer ahos seus, e elle lhes dice.

Amigos posto que nôs aqui sejamos muitos, porèm eu vos roguo, que vos rejais hoje neste cazo por mim, que segundo cuydo, e espero prazerà ha Deos, que vossos desejos, e meus, eu volos darey compridos com muito prazer, e boura, antes q̃ estes Mouros daqui vaõ, e vòs sede certos, que hos que eu leyxey no Castello saõ taes, que se defenderaõ bem, ainda que creo, que hos Mouros de hos ter em pouquo, nom cessaràõ do combate atée que ha noyte hos desparta, e esso he o que eu mais desejo, porque entam do caminho, e combate mais cançados se lançaràõ ha repouzar, e dormir, e nòs ante menhãa daremos nelles, e hos desbaratarемos.

E assi lhes sayo em todo, porq̃ de madruguada deram nos Mouros entregues aho sono, e nom menos em descuydo de lhes tal acontecer, e porque ho luguar onde hos Mouros estavam ante ho Rio, e ho Castello ser muy estreyto, deu ainda mais azo para sendo assi cometidos se embaraçarem, antre sy, e desbaratarem, e serem mortos, e feridos muitos mais, sem se poderem remediar. Foy ahy prezo ElRey Guami, e seu irmaõ com elle, e outros muitos, hos quais com sinquoenta dos melhores D. Fuas Roupinho levou ha ElRey D. Affonso Anriques ha Coimbra. ElRey ho recebeo com muito prazer, e guazalhado, e mandou meter em prizão ha ElRey Guami, e todos hos que com elle foraõ levados, e ha D. Fuas, e ahos que com elle hiaõ, e foram na batalha fez grandes merces, como cabe ahos Princepes fazer por serviços, e merecimentos, assinados como aquelle. Foy esta batalha de D. Fuas Roupinho, e ElRey Guami em Porto de Móos ahos vinte dias do mez de Mayo, era de mil cento e oytenta annos. 1180.

CAPITULO LI.

Como D. Fuas Roupinho peleyjou no maar com hos Mouros, e hos venceo, e tomou delles nove Gualès.

ESTando assi D. Fuas Roupinho, com ElRey em Coimbra, quãdo lhe levou aquelle Rey Mouro prezo, escreveraõ hos de Lisboa ha ElRey como hy andavam nove Gualés de Mouros, de que era Almirante hum Mouro por nome Johaõ Ferreyro Dalfamim, ho qual fazia muita guerra, e danno por aquella Costa, que fosse sua merce mandalo remediar. ElRey avendo

avendo eſte recado, chamou D. Fuas Roupinho, encomendoulhe que foſſe a Lisboa, e fizeſſe armaar Gualês, e que foſſe elle por Capitam, para hir peleyjar com hos Mouros, ſe ho eſperaſſem; e deulhe loguo cartas, e mandados para ſeus officiais, que lhe deſſem para ello todo ho que lhe fizeſſe miſter, e outra para ha Cidade, de como ho mãdava láa para armaar aquella frota, e portanto fizeſſem todo ho que acerqua deſſo, elle lhes requereſſe. Tanto que D. Fuas foy deſpachado, eſpedio-ſe DelRey, e partio-ſe para Lisboa, e como cheguou deu ha Carta delRey à Cidade, e has outras ahos officiaes daquelle carreguo, e loguo à preſſa ſe deu ordem para ſe armaar ha frota, e como foy preſtes, D. Fuas entrou em ella, e partio volta do Cabo de Eſpichel, por aver novas que na paragem do rio de Setubal continuadamente, continuavam mais has Gualés dos Mouros, e faziam ſua guerra, has quais avendo láa nova da Armada, que ſe fazia, vinhaõ tambem contra Lisboa ha ſabello, e trovallo ſe podeſſem, e em dobrando ho Cabo, ouveram viſta da frota dos Chriſtãos, e ſem mais detençà ſe foram aferrar huns com outros, peleyjando muy fortemente, e quiz N. Senhor, que hos Mouros foram desbaratados, e todas ſuas Gualés tomadas. Eſto foy na era jáa dita de mil e cento e oytenta annos, ha quinze dias de Julho. Tornouſe entam D. Fuas para Lisboa, com grande vitoria, e honra, com a qual como era rezaõ foy recebido.

1180.

CAPITULO LII.

Como D. Fuas Roupinho tornou outra vez ſobre maar, por mandado delRey D. Affonſo contra Mouros, e foy desbaratado, e morto elle, e hos ſeus.

TAnto que D. Fuas Roupinho tornou ha Lisboa, com eſte vencimento, ſegundo muitas vezes, pequena boa andança enguana para dezaventura mayor, aſcreveo loguo ha ElRey D. Affonſo ha Coimbra da vitoria, que ouvera onde ho mandàra, e mais lhe fazia certo, que hos da Cidade, e toda ha terra aho redor eſtavam em grande reto, e vontade de entrar nas Fuſtas, e Gualés para irem fazer guerra ahos Mouros, e ſe ouveſſe por ſeu ſerviço, elle hos ſerviria neſſo. E ElRey lhe mandou dizer, que lho tinha muito em ſerviço, e que aſſi ho fizeſſe, eſcrevendo á Cidade ſobre eſſo, e viſto ho recado delRey armaram loguo huma ſoma de Gualés, e D. Fuas, foy Almirante, e foram correr ha Coſta do Alguarve; mas de couza notavel, e para contar que hy fizeſſem nada achamos eſcrito, e entam D. Fuas teve Conſelho do que fariam, e acordàram ſer bem hir

ſobre

ſobre hõ porto de Cepta, e hy acharam Fuſtas de Armada de Mouros, e tomaraõ-nas, e aſſi outros Navios grandes com elles, e depois de eſtarem ahy dous dias ante Cepta, tornàram para Lisboa trazendo hos Navios tomados comſiguo, vindo cõ grande prazer e contentamento de ſuas prezas, e loguo ha pouquos dias depois de cheguados, com nom menos alvoroço, ſem tento, ho que nom conſente rezaõ ſer ſempre ditozo, ſe fizeram preſtes para tornarem láa.

Hos Mouros muy ſentidos dos dannos feytos por D. Fuas, receando-ſe de mais adiante, mandàraõ ſobre ello recado por toda ha Mouriſma da praya, e tambem das partes da Eſpanha, e ajuntáram ſinquoenta e quoatro Gualés, e D. Fuas nom ſabendo deſto parte, entrou pelo Eſtreyto dentro, e depois achouſe làa com Gualés dos Mouros, e pela grande corrente lançàramſe has noſſas Gualés ſobre ha frota dos imiguos, e nom poderaõ hos noſſos al fazer, ſe nom peleyjarem com elles, e aſſi aferràraõ, e peleyjaraõ muito eſpaço. Mas pela grande deſigualança, e hos Mouros ſerem muitos mais foram hos noſſos vencidos, e desbaratados, e mortos muitos, e antre elles ho nobre D. Fuas Roupinho. Eſta foy ahos dezaſete de Outubro da
1180. dita era de mil e cento e oytenta annos.

CAPITULO LIII.

Como Almiramolim, que Emparador de Marroquos ſe dizia, entrou em Portugual com muitas, e inumeraveis gentes, e cerquou ho Ifante D Sancho, em Santarem, e em fim foy vencido, e desbaratado por ElRey D. Affonſo, que veyo ha ſoccorrer ſeu filho.

DEſpois que o Ifante D. Sancho teve Beja corregida do q compria para ſua defenſaõ, leyxando em ella fronteyros, e aſſi nos outros Luguares, e Villas Dalentejo veyo-ſe para Santarem com ha gente que de contino trazia comſiguo, e alguma pouqua mais, porque ha outra fiquava repartida pela frontaria dos Mouros, e eſtando aſſi ho Ifante D. Sancho em Santarem Almiramolim Emperador antre hos Mouros Rey de Marroquos, vendo ho grande danno, e eſtraguo que hos Mouros tinhaõ recebido delRey D. Affonſo Anriques, e do Ifante D. Sancho ſeu filho, e como de toda ha terra ſe lhe mandavaõ deſſo cada vez mais agravar, foy movido ha fazer guerra ha Portugual, e juntou muitas gentes de infieis, dáquem, e dálem maar, e ſegundo diz huma Coronica, que foy achada em Santa Cruz de Coimbra, nom era em

memoria atée aquelle tempo que tanta gente de Mouros foſſe junta para entrar em Portugual. Vinhaõ com Almiramolim, ElRey Albojaque de Sevilha, e ElRey Albozady, e ElRey de Grada, e ElRey de Fées, e outros Reys Mouros, q̃ por todos eram treze, cujos nomes ſe nom achaõ eſcritos, e vieram pelas partes Dalentejo, ha entrar na Eſtremadura, paſſando ho Tejo, hũ Dominguo, dia de S. Johaõ Bautiſta, ſete dias por andar de Ju-
1184. nho, era do Senhor de mil e cento e oytenta e quoatro annos, hos Mouros loguo em eſſe dia foram ſobre ho Caſtello de Torres Novas, e deſtruyraõ-no, e à Segunda feyra vieram poer ſeu arrayal, em hum luguar q̃ ſe chama ho monte de Pompeo, e à Terça feyra ſe ajuntáram todos na Redinha, e à Quarta feyra, ſe vieram ha Orta laguoa, e ally ſentàram ſeu rayal, e eſta cõta da entrada, e jornadas de Almiramolim ſe eſcreve aſſi na Coronica, como quer que hum letreyro dos que eſtam no Convento de Thomar, deſvayre algum tanto, e diz que foy Almiramolim cerquar ho Caſtello de Thomar ho primeyro dia de Julho, e ho teve cerquado ſeis dias, e que trazia comſiguo quatrocentos mil de cavallo, e quinhentos mil de pèe, poderia paſſado ho Tejo de tanta multidaõ apartarſe muita gente, poer eſſe cerquo, e fazer outras corridas, pela terra, e cheguar elle ha eſſo, e deyxalo poſto.

Ho Ifante D, Sancho que eſtava em Santarem, como dicemos, nom tendo comſiguo gente, que com rezam podeſſe peleyjar com tanta multidam de Mouros, meteo-ſe ha correger ha Villa ho milhor que pode para ſe aver de defender, e ſegundo achamos eſcrito ainda entam, ha mayor parte de Santarem era arrevalde, nem avia ahy mais cerqua que Alcaceva pela torra de Alfam, atèe Alfamja, ho Ifante deſpois de correger hos muros, e ordenar ha defenſaõ ſayo-ſe fóra aho arravalde, e tomou huma parte delle, para ho abarreyrar de cubas, e portas, e eſcudos, e fez palanques, e luguares em que podeſſem eſtar para defender, mandando derribar todas has cazas de redor, e entam repartio ſua gente, e elle poſſe com ſua bandeyra onde lhe pareceo aver de ſer mór preſſa, e aho outro dia pela menhãa Quinta feyra vinte oyto de Junho veſpora de S. Pedro, e S. Paulo abalou Almiramolim com toda ſua gente, e cheguou ha Santarem, ſegundo conta aquella Eſtoria achada em Santa Cruz, como jàa dice, e em cheguando, tanto que ſoube, que ho Ifante ho eſperava aſſi naquelle palanque ouveo por deſprezo, e fez loguo dar às tromberas, e mover toda ſua gente, e combater ho palanque.

Foy ho combate tam forte, que morreraõ, e foraõ feridos muitos de huma parte, e da outra, em quanto huns peleyjavam, deſtroyaõ

troyaõ hos outros todo ho arraval-de de fóra do palanque atée torre Lavinha, por fazerem ahos Mouros mayor praça, e deſpejo, para combater. Tanto que veyo ha noyte, que partio ho combate, ho Ifante poz guarda no palanque, e fez aguazalhar, e repouzar ha outra gente, e penſlar dos feridos, e eſta meſma afronta ſofreram hos Chriſtãos aſſi ſinquo dias arreyo, porque hos Mouros eram tantos, que muy folguadamente ſe renovavam cada vez muitos ahos combates, deſde pela menhãa atêe noyte; e ſegundo conta ha dita Eſtoria, quando ElRey D. Affonſo ſoube, que Almiramolim vinha ſobre ho Ifante ſeu filho, ajũtou ha mais gente que pode, e abalou tanto à preſſa, que ahos tres dias deſque ho Almiramolim cheguou ha Santarem, foy ElRey ha Porto de Móos. Hos Mouros ſabendo da vinda delRey D. Affonſo nom leyxáram por eſſo ſeguir com mayor afronta ſeus combates, cada dia, como antes faziam, e aho quinto dia foy ho Ifante, e hos ſeus tam afiquados dos Mouros, e poſtos em tanto aperto, que ho palanque foy roto por algumas partes, e muitos dos Chriſtãos mortos, e feridos, e ho Ifante eſſo meſmo foy ferido, com todo muy esforçadamente ſe defenderam, e ſoſtiveram aquelle dia, que nom foram entrados, e jàa nom tinham modo de defençaõ, ſe nom deſemparar ho palanque, e acolherſe àcerqua; mas ho Senhor Deos, que he poderoſo em todalas couſas, quando ſe ho homens em ellas nom ſabem, nem podem valer, entam acode elle com ſua ajnda, porque ſe entam mais conhoça, e poz tal medo, e receo nos Mouros, com ha vinda, e cheguada delRey D. Affonſo, que começàram ha dezemparar hos combates que faziam, e hirſe pouquos, apouquos, ha mal andar, como desbaratados, como foe ha muita gente de fazer, e deſmandarſe, quando ſe menos póde reger, e hos Chriſtãos vendo hos rayaes dos Mouros moverſe, e partiremſe de onde eſtavam, fayo gente de pée do Ifante contra elles, e hos Mouros ſe afaſtáraõ para hum Luguar, que ſe chama monte de Abbade, e niſto appareceo ElRey D. Affonſo com ſua gente, de que ho Ifante, e hos ſeus toraõ muy ledos, e pozeraõ-ſe loguo todos ha cavallo, e juntos com ElRey déram nos Mouros, fazendo nelles grande eſtraguo, e mortindade, de que morreram alguns dos Reys, que ally vinham, e grande parte dos mais nobres Mouros, e foy ally ferido Almiramolim, e fayto aſſi nelle, e nos ſeus tam grande desbarato.

Tornouſe ElRey, e ho Ifante com grande vencimento, e prazer de todos hos ſeus, e achãraõ no arrayal dos Mouros grandes deſpojos de ouro, e prata, e tendas armadas, cavallos, e camellos, e outras muitas couſas com preſſa da peleyja deyxadas. E com todo eſſo, e mui-

tos Mouros cativos, entráram na Villa muy ledos, dando muitas graças, e louvores a N. Senhor. Eſtos Mouros, que aſſi hiaó fugindo com quáto hiaó desbaratados, porém por ainda ſiquarem muy muitos de tanta multidam foram poer arrayal acerqua Dalanquer, e tiveraõ-na cerquada alguns dias, combatendo-a rijamente ſem lhe poderem empeſſer, e depois ſe alçáraó daly, e foraõ-ſe Arruda, e deſtruyraó-na toda por terra, e daly ſe foram cerquar Torres Vedras, e eſtiveram ſobre ella onze dias, e vendo que ha nom podiam tomar, ouveram Conſelho de ſe hir volta de ſua terra, achando que eram dos ſeus muitos mortos, e perdidos, e aſſi muitas riquezas, q̃ trouxeram, e entam ſe partiram ſeu caminho, e paſſado ho Tejo morreo ho ſeu grãnde Emperador Almiramolim das muitas feridas, que ouve na batalha.

CAPITULO LIV.

Como cazou Dona Tareja filha delRey D. Affonſo Anriques ha derradeyra, com D. Felippe Conde de Frandes.

DEſpois que ha batalha aſſi foy feyta, ElRey D. Affonſo Anriques eſteve alguns dias em Santarem, partio-ſe para Coimbra levando comſiguo ho Ifante D. Sancho ſeu filho, e como quer que jàa tenhamos dito, juntamente que ElRey D. Affonſo teve tres filhas, e que huma dellas cazara com ElRey D. Fernando de Liaõ, e outra com ho Conde D. Reymon de Barcelona, e outra com D. Felippe Conde de Frandes, neſta era acima dita de mil e cento e oytenta e quatro annos, metendoſe antre ho ſeu cazamẽto, e de ſuas Irmãas paſſante de vinte e ſinquo annos, em que parece, que ainda eſta Dona Tareja nom era nacida, ou avia pouquo que nacera, mas como ſe veyo tratar ho ſeu cazamento, nom achamos eſcrito couſa para dizer de certo, ſómente que deſta tornada delRey D. Affonſo, de Santarem para Coimbra, mandou ho Conde D. Felippe de Frandes, por Dona Tareja ſua molher, e vieram por ella Cavalleyros, e Senhores muytos, e outra muito nobre gente, e bem luzida, e Náos muy bem guarnecidas, à Cidade do Porto, e tanto que ElRey ſoube que elles hy eram, partio-ſe com ſua filha para láa, levando comſiguo deſſes grandes do Reyno, e homens principais, e quando cheguou hos Senhores, e Cavalleyros, que vinham pela Ifante, ſayraõ ha ElRey, e ha ella de quem foram bem recebidos, e com muita honra, aguazalhados, preguntandolhe ElRey com muita afeyçam, e aſſi ha Ifante por novas da ſaude, e diſpoſiçaõ do Conde, e de ſeu eſtado, e depois deſto entreguoulhes

ElRey

ElRey ſua filha muito honradamente, mandando com ella em outras Nãos dos ſeus naturaes alguns Grandes do Reyno, e peſſoas principaes, e aſſi Donas, e Donzellas de linhajem quantas compria, e eſta Dona Tareja viveo cõ ſeu marido vinte e tres annos.

CAPITULO LV.

De como veyo adoecer ElRey. D. Affonſo Anriques, e de ſeus grandes louvores, e cavallarias em ſoma brevemente toquadas mais que dinamente eſcritas.

VEndo-me cheguado aver de dar cabo ahos muy nobres feytos delRey D. Affonſo Anriques com ſua morte, ha qual nos bons ſempre he temporam, por tarde que venha, tomo deſſo grande pezar, como ſe vivendo com elle ho vice falecer. Tam converſſado, e afleyçoado trazia ho eſprito na materia de ſuas excellencias! Depois de feyto ho cazamento acima dito, veyo ho nobre Rey adoecer loguo aho anno ſeguinte, e faleceo deſſa doença ho Excellẽte Principe muy manhanimo igual ha qualquer dos muy excellentes antiguos em valentia de forças, e coraçam muy grande, nem que na Chriſtandade ouve outro, antes, nem depois delle mais temido dos Mouros, cujos muy notaveis feytos nom hee duvida acharem-ſe muito menos poſtos em eſcrito, do que foram por obra, ora foſſe por culpa dos tempos, ora por minguoa dos Eſcritores, ſegundo em alguns paſſos deſſa ſua Eſtoria ſe pode aſſáas comprehender, porque em ella ſe nom faz mẽçaõ de muitas couſas aſſinadas de ſua peſſoa, nem dos ſeus, aſſi como de D. Gualdim Paes, que foy Meſtre do Templo de Chriſto, em Portugual, e fez ho Caſtello de Thomar, e outras Fortalezas, e ſervio grandemente em ſeu tempo.

Teve eſte muito esforçado Rey, em ſuas excellentes cavallarias, como por ellas ſe moſtra, ho animoſo fervor, e ardente esforço de Julio Ceſar, e ha ſegurança muy confiada de Publio Cipiaõ Afriquano, em tanto gráo, que todo ho que eſtava por fazer, cometia como ſe ho tiveſſe jáa feyto, e ho que muy deficil ſe acha ſendo tam activo. Era cheyo de muita fée, e devaçaõ, ſem ha qual roda cavallaria no Chriſtaõ, hee deslouvada, e ainda muytas vezes danoza, e com rezaõ mal preparada, pelo qual eſte muy virtuoſo Rey, tendo tamanha occupaçam de guerras tam ſantas, e meritorias, contra hos infieis, que aſſáas baſtavam para muito merecer ante Deos, nom leyxou por eſſo de fazer muitas Egrejas, e Moeſteyros muy ſumptuoſos, dotados de muita renda, e ornamẽtos com muito ſerviço, e acrecentamẽto do culto Divino, de que hoje em dia, ſaõ

ſaõ principaes ho Moeſteyro de Sãta Cruz de Coimbra, e ho Moeſteyro de Alcobaça, leyxando manifeſto exemplo aos menos devotos, que occupaçam de ſervir ha Deos em huma couſa, nom tolhe por eſſo, mas antes dáa graça, e poder para muitas outras.

E em huma Coronica achey, q̃ elle começou ha Ordem de Santiaguo, e deu aho Eſprital de Jeruſalem oytenta mil dinheyros de oyro para ſe comprar herança, e tanta renda, porque déſſe cada dia ha todos hos enfermos da enfermaria mantimento de paõ, e vinho, para que ho meteſſem cada dia em orações, e ſatisfez outras muitas couſas de caridade, e devaçam, foy muy amado, e temido dos ſeus. Ouve, e venceo em peſſoa muito grandes batalhas, e afrontas de peleyjas, ſegundo ſe achou com muito pouquos contra muitos; desbaratou em peſſoa dous Emperadores, hum Chriſtaõ, e outro Mouro, e vinte Reys Mouros, cõ grandes poderes, e gentes, ſendo elle muito menos. Primeyramente em Val de vez, antre Monçaõ, e Ponte de Lima, venceo ElRey D. Affonſo de Caſtella chamado Emperador. Depois no Campo Dourique venceo ſinquo Reys Mouros, com infinda Mourama, e junto com Palmela venceo ElRey de Badalhouce Mouro, vindo com grãde poder. E em Santarem Albojaque Rey de Sevilha, e apoz eſto, Almiramolim Emperador, que ſe dizia antre hos Mouros Rey de Marroquos, que trazia treze Reys Mouros comtiguo, com novecentos mil homens, como dito hee, nom contando outros vencimentos grandes, que ouve de Luguares, e Fortalezas, que tomou ha Mouros, muitas, e muy grandes, e fortes: primeyramente na Eſtremadura, Santarem, Lisboa, e todas outras Fortalezas della, deſde Lisboa atée Coimbra, em Alentejo, tomou Cezimbra, Palmela, Alcacer, Evora, Elvas, Cerpa, Moura, Beja, e outras Fortalezas muitas, muy fortes, e grandes.

CAPITULO LVI.

Dos annos que ElRey D. Affonſo Anriques viveo, e do dia, mez, e era em q̃ ſe finou, e onde foy ſepultado.

NA verdade ElRey foy dino de grande louvor, e memoria de todos ſeus feytos, e que alguns eſcreveſſem delle que em ſua mancebia foy bravo, e eſquivo, ſobejo, certo amim parece concirando bem tudo, que em nhum tempo teve couſa alguma, que ſendo elle ho primeyro Rey de Portugual, e no modo que ho foy, lhe nom foſſe compridoyro ſer em tudo qual foy, aſſi para ſerviço de Deos, como para bẽ, e muita honra do ſeu Reyno, e que ſe tal nom fora, nom ſabemos que fora de Portugual,

tugual, ho que Deos seja louvado, aguora hee, porque como diz Aristoteles, ho principio hee mais, que ho meyo das cousas, porque muitas vezes ouvi dizer ha meu irmaõ D. Joaõ Gualvaõ, Arcebispo que foy de Bragua, e Prior de Santa Cruz de Coimbra, Escrivaõ da Puridade delRey D. Affonso ho Quinto, que Santa gloria aja, que segundo achava pelas cousas daquelle Moesteyro, e outras obras daqueste virtuoso Rey, elle ho tinha por Santo, e por tal ha seu parecer deve ser avido.

Hos annos, que neste mundo viveo ainda que se achem escritos em diversos modos, porém tirada alimpo com muita diligencia, ha verdade dello, achey que viveo noventa e hum annos; porque elle naceo na era de N. Senhor Jesu Christo de mil e noventa e quoatro, sinquo annos antes que ha Caza Santa de Jerusalem fosse tomada ahos Mouros pelo Duque Gudufre de Bulhaõ; e por morte de seu pay ho Conde D. Anrique ficou elle de dezoyto annos, e desentam foy chamado Principe vinte e sete annos, e despois chamado Rey quorenta e seis annos, e sendo alçado Rey em idade de quorenta e sinquo annos, que saõ alli por todos noventa e hum annos, em que ho Senhor Deos aprouve levalo para sy, tres annos antes que ha Caza Santa se tornasse ha perder, e tomar de infieis, pelos peccados dos Christãos, tolhendo N. Senhor ha este virtuoso Rey, que nom visse tam grande pezar, quem lhe tanto mereceo empunhar pela sua Santa Fèe.

Finouse ahos seis dias do mez de Dezembro, era de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oytenta e sinquo annos. Foy enterrado no Moesteyro de Santa Cruz de Coimbra que elle mandou fazer. Ainda que velho foy muy sentida sua morte, de seu filho, ho Ifante D. Sancho, e de todos seus Cavalleyros, e Vassallos, do Povo, do Reyno de Portugual, e seu corpo enterrado com muita honra, e grandes obsequias, e sua Alma levada nas mãos dos Anjos, à gloria do Paraysо, onde todos sejamos. Amen. Tem de fóra da sepultura hum letreyro de versos em Latim, que diz, outro Alexandre jaz aqui, ou Julio outro.

DEO GRATIAS.

IN-

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

Abdenamer Ativou em Eſpanha muitos Mouros, e Chriſtãos, e abrazou muitos Santuarios, pag. 28.

Achy Rey Mouro com trezentos mil Soldados cerca Coimbra, e levanta o cerco com grande perda, pag. 11.

D. *Affonſo* Rey de Liaõ foy filho de D. Fernando, e Dona Urraqua filha delRey D. Affonſo Anriques, pag. 53.

D. *Affonſo de Caſtella* chamado o Emperador caza ſua filha Dona Tareja com o Conde D. Anrique, pag. 2. He vencido na batalha de Valdevez por D. Affonſo Anriques, pag. 10.

D. *Affonſo Anriques* Quando naceo, pag. 4. He entregue a Egas Monis para ſer ſeu Ayo, ib. He apreſentado por eſte Fidalgo a N. Senhora a qual o livra da aleyjaõ com que nãceu, ibi. Acompanhou a ſeu pay defunto atè o lugar onde o ſepultárão, pag. 7. Dezafia a ſeu Primo el-Rey de Caſtella D. Affonſo filho do Conde D. Reymão por lhe tomar Liaõ, mas logo ſe reconciliáraõ, pag. 7. e 8. Peleja com ſeu Padraſto, e he vencido, pag. 8. Torna ſegunda vez a batalhar, e o vence, e prende juntamẽte com elle a ſua Mãy, pag. 9. Alcança a batalha de Valdevés onde fica vencido D. Affonſo de Caſtella chamado Emperador, pag. 10. He cercado em Guimarães por D. Affonſo de Caſtella, pag. 11. De como levantou o cerco, pag. 13. Conquiſta Leyria, e Torres novas,

vas, pag.15. Parte ao Alentejo para pelejar com os Mouros, p. 16. Sentio muito a morte de Egas Monis, ibi. Buſca a el Rey Iſmar, e aſſenta os arrayaes no lugar chamado Cabeças de Rey, pag. 17. He deſperſuadido pelos Soldados a não commetter a batalha do campo de Ourique, mas elle os anima para o conflito, pag. 18. e 19. Aparecelhe Chriſto Senhor noſſo, e lhe ſegura o bom ſucceſſo da batalha, pag. 20. e 21. Antes da batalha he levãtado Rey, pag. 22. Da-ſe a batalha, e ſahe vitorioſo, pag. 23. Depois deſta vitoria acrecentou o eſcudo das ſuas Armas, pag. 25. He informado do lugar onde eſtá o Corpo de S. Vicente Martyr, pag. 26. Vay buſcar eſte ſanto Corpo ao Cabo do ſeu nome, e o naõ acha, pag. 27. Toma Leiria aos Mouros, pag. 29. Faz doação a S. Theotonio de Leiria, e Arronches ſómente no eſpiritual, ibi. Caza com Dona Mofalda, pag. 30. Intenta tomar Santarem, pag. 30. 31. e 32. Manda por Martim Mohás levantar a tregoa com os Mouros de Santarem, pag. 33. Voto que fez a S. Bernardo ſe conquiſtaſſe Santarem, ibi. Pratica que fez aos Soldados para conquiſtar eſta Villa, pag. 35. Eſcala eſta Villa, e ſe fez Senhor della, pag. 37. De que modo rendeo a Deos as graças pela tomada deſta Villa, pag. 40. Ordena cercar Lisboa, ibi. Exhorta aos eſtrangeiros que chegãraõ na Armada para a conquiſta de Lisboa, pag. 41. Conquiſta eſta Cidade, e purifica a ſua Meſquita, pag. 42. e 43. Determina fazer eſta Cidade Biſpado, e quem foy o ſeu primeiro Biſpo, pag. 47. Nomeya o primeyro Prior do Moſteyro de S. Vicente de Fóra, e quem foy? pag. 48. Conquiſta Alanquer, Obidos, Torres vedras, e Alcacere, Elvas, Moura, e Serpa, pag. 49. Dos filhos que teve, p. 50. Recebe com grande pompa em Tuy ao Conde de Barcelona D. Reymondo, que vinha com procuraçaõ de ſeu filho a deſpozarſe com Dona Mofalda filha do meſmo Rey, pag. 50. e 51. Toma Cezimbra, e Palmella onde desbaratou os Mouros, pag. 51. 52. e 53. Conquiſta Badalhouſe, p. 54. Contendas que teve com ſeu genro D. Fernando Rey de Liaõ, e ſahindo a pelejar com elle quebra hũa perna no ferrolho das portas de Badalhouſe, pag. 54. e 55. Por cauſa deſte deſaſtre fica priſioneiro, e para recuperar a liberdade concede, e larga algumas terras, e Fortalezas a D. Fernando, pag. 55. Fez juramẽto a ſeu filho D. Sancho por ſucceſſor da Coroa, e quando ſe celebrou eſte acto, pag. 56. Deſbarata em Santarem a Albojame

me Rey de Sevilha, que a vinha cercar, pag.57. e 58. Manda a seu filho D. Sancho a pelejar com os Mouros no Alentejo, p. 61. Soccorre ao mesmo Infante, que estava em Santarem cercado por Almiramolim Emperador de Marrocos, e o desbarata, pag.75. Acções illustres, que obrou, pag. 77. e 78. Annos, que viveo, p. 79. Dia, e anno da sua morte, e onde está sepultado, ibi.

Alanquer He conquistado por D. Affonso Anriques, pag.49.

Albojame Rey de Sevilha he desbaratado pertendendo tomar Santarem, por D. Affonso Anriques, pag.57. e 58. Fas tregoas com o mesmo Rey por sinco annos, gag. 59.

Alcacere He conquistado por D. Affonso Anriques, pag.49.

Almada Diversos nomes que teve, pag. 44.

Almiramolim Emperador de Marrocos cerca em Santarem ao Infante D. Sancho, e he desbaratado, pag. 73.

Arronches He tomado por Saõ Theotonio Prior de Santa Cruz de Coimbra, pag. 29.

Auzery Alcayde mór de Santarem foge para Sevilha quando se tomou a dita Villa, pag. 39.

Azambuja Porque cauza lhe puzeraõ este nome, pag.44.

B

Badalhouse HE tomado por D. Affóso Anriques, pag. 54. No ferrolho das suas portas quebrou o mesmo Rey huma perna; e por esta cauſa he prisioneiro por seu genro D. Fernando Rey de Liaõ, e recupera outra vez Badalhouse, p. 55.

Batalha De Santilhanas, nella foy prisioneyro por D. Affonso Anriques D. Fernando Conde de Trastamara juntamente com a Rainha Dona Tareja mãy do mesmo Rey, pag. 9.

A de Valdeves, nella ficou destruido D. Affonso de Castella chamado Emperador, pag. 10. A do Campo de Ourique, pag. 23. A de junto de Palmella, p. 52. e 53. A de Inxarafe alcançada pelo Infante D. Sancho, pag. 65. A de Beja alcançada pelo mesmo Infante, pag. 67. A de Santarem onde he destruido Almiramolim Emperador de Marrocos, pag.74. e 75.

Beja He cõquistado por D. Affonso Anriques, e em que anno, p. 49. He cercada pelos Mouros governados por Albocamesim, e Albouzil, e levantão o cerco derrotados pelo Infante D. Sancho, pag. 67.

S. Bernardo. Estando em França soube por illustração Divina o voto que fizera à sua Religiaõ

D. Affonſo Anriques ſe cõquiſtaſſe Santarem, pag. 34.

C

Cezimbra HE conquiſtada por D. Affonſo Anriques, pag. 52.

Childe Rolim Foy hum dos principaes Cavalleiros que veyo na Armada que ajudou conquiſtar Lisboa, pag. 42. Paſſou à Villa de Azambuja, que ficou a ſeus deſcendentes, pag. 44.

Coimbra He cercada por Achy Rey Mouro, e levanta o ſitio com grande perda, pag. 11.

D

Daciano MArtyrizou a S. Vicente, pag. 26.

D. Diogo Gonçalves Morre valerosamente na batalha de Ourique pag. 24.

E

D. Egas Moniz FOy o Ayo delRey D. Affonſo Anriques, pag. 4. Apparecelhe de noute N. Senhora, e lhe manda leve a eſte Principe a hum lugar, onde achará huma Igreja ſua onde ficará livre da Aleijão com que nacera, e aſſim ſucedeo, pag. 5. Da maneira que fallou a ElRey de Caſtella D. Affonſo, e lhe fez levantar o cerco de Guimarães, pag. 12. Vay com ſua mulher, e filhos apreſentarſe a ElRey de Caſtella pela menagem que lhe tinha feito em Guimarães, pag. 13. He livremente deſpedido pelo dito Rey, pag. 14. He recebido com grande alegria por D. Affonſo Anriques quãdo voltou de Caſtella, ibi. Da ſua morte, e onde eſtá enterrado, pag. 16.

Elvas He conquiſtada por D. Affonſo Anriques, pag. 49.

Dona Elvira Filha delRey de Caſtella D. Affonſo chamado o Emperador caſou com o Conde D. Reymaõ de S. Gil de Proença, pag. 2.

Evora He conquiſtada por D. Affonſo Anriques, pag. 49.

F

D. Felippe CO Onde de Frandes cazou com Dona Tareja filha terceyra delRey D. Affonſo Anriques, pag. 50.

D. Fernando Conde de Traſtamara cazou cõ Dona Tareja viuva do Conde D. Anrique, p. 8. Era o mayor homem de Eſpanha, e por eſta cauſa ſe levantou todo Portugal por elle contra ElRey D. Affonſo Anriques, ibi. He priſioneiro na batalha de Santilhanas por ElRey D. Affonſo Anriques, pag. 9.

D. Fernando Rey de Liaõ cazou com

com Dona Urraqua filha de D. Affonſo Anriques, pag. 50. Separaſe delle por ordem do Papa por ſerem parentes, pag. 54. Priſiona em Badalhouſe a ſeu ſogro D. Affonſo Anriques, p. 55.

D. Fuas Roupinho Desbarata os Mouros que cercavam Porto de Móos, pag. 70. Alcança huma vitoria naval dos meſmos inimigos, e lhe toma nove Galês, pag 71. Peleja ſegunda ves com os Mouros em o mar, onde foy desbaratado, e morto, pag. 72.

G

Gilberto FOy o primeyro Biſpo, que teve Lisboa depois de ganhada aos Mouros, pag. 47.

D. Gonçalo de Souza Valeroſamẽte peleja na batalha de Ourique pag. 23. Achouſe na conquiſta de Santarem, pag. 39. Acompanhou a D. Affonſo Anriques quando foy a Tuy receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 50. Aſſiſtio na batalha de Inxarafe com o Infante D. Sancho governãdo a ſeiscentos homens de cavallo, pag. 65.

D. Gonçalo Viegas Adiantado mór da Cavallaria delRey, ſocega o tumulto, que havia ſobre o lugar onde ſe havia de collocar o Corpo de S. Vicente quando chegou a Lisboa, pag. 60.

Gualterio Frade Flamengo he nomeado primeyro Prior do Moſteyro de S Vicente de Fóra por D. Affonſo Anriques, e não permanece, pag. 48.

Guimarães He cercada por ElRey de Caſtella D. Affonſo, pag. 11. Levanta o ſitio por perſuaſaõ de D. Egas Moniz, pag. 13.

Guodinos Conego Regrante, e Prior do Moſteiro de S. Vicente de Fóra he eleyto Biſpo de Lamego, pag. 48.

I

Inglezes QUe vieraõ na Armada para cercar Lisboa aſſentaõ o ſeu arrayal no lugar donde eſtá a Igreja Parochial dos Martyres, pag. 42.

D. Joaõ Arcebiſpo de Braga recebe em Tuy a Dona Mofalda filha delRey D. Affonſo Anriques com D. Reymondo filho do Cõde de Barcellona aſſiſtindo eſte com procuraçaõ do filho, pag. 51. Aſſiſtio com o Infante D. Sancho na batalha de Inxarafe, pag. 65.

D. Iſidoro Biſpo de Tuy acompanhou a eſta Cidade a ElRey D. Affonſo Anriques quando foy receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 50.

ElRey Iſmar Com quatro Reys he vencido na batalha de Ourique ſendo o numero dos inimigos

gos muito ſuperior ao dos Chriſtãos, pag. 24. Toma Leyria, pag. 29.

L

Leyria HE conquiſtada por D. Affonſo Anriques, p. 15. He tomada por ElRey Iſmar, pag. 29.

Lisboa He cercada por D. Affonſo Anriques, pag. 41. Em que dia, e anno foy ganhada, p. 42. Quem foy o primeiro Biſpo, que teve depois de conquiſtada aos Mouros, pag 47.

D. Lourenço Viegas Peleja valeroſamente na batalha de Ourique pag. 23. Achouſe na conquiſta de Santarem, pag. 39. Aſſiſtio na batalha de Inxarafe governando ſeiſcentos homens, p. 65.

M

Martim Moniz FIlho de Egas Moniz Capitaõ de huma Az na batalha do Campo de Ourique peleja valeroſamente, pag. 24. Morre na batalha, ibi.

Mem Moniz Filho de Egas Moniz era Capitaõ na batalha de Ourique, pag. 24. He mandado por D. Affonſo Anriques a fazer tregoas com os Mouros de Santarem, e de como eſpiou a Villa, e do conſelho, que deu a ElRey para poder ſer conquiſtada, p. 32. Acha-ſe na conquiſta de Santarem ſendo jà Guarda mòr delRey, pag. 37. Aſſiſtio na batalha de Inxarafe D. Sancho, pag. 65.

D. Mendo Biſpo de Lamego acõpanhou a ElRey D. Affonſo Anriques a Tuy onde recebeo a D. Reymondo Conde de Barcelona, pag. 50.

Moçaraves Saõ priſioneiros na batalha do Campo de Ourique, os quaes informaraõ a ElRey D. Affonſo Anriques donde eſtava o Corpo do Martyr S. Vicente, pag. 25. e 26.

Dona Moſalda Filha do Cõde D. Anrique de Lara caza com D. Affonſo Anriques, pag. 30.

Dona Moſalda Filha delRey D. Affonſo Anriques caza com D. Reymondo filho do Conde de Barcelona, e quando, e como ſe fez eſte cazamẽto, p. 50. 51. e 52

Moſteyro de S. Vicẽte de Évra Nelle, antes de ſer fundado, pós o ſeu arrayal D. Affonſo Anriques para conquiſtar Lisboa, p. 42. Qual foy o ſeu primeiro Prior nomeado pelo meſmo Rey, p. 48

Moſſem Guilhem De longa eſpada Conde de Lincoll foy hum dos principaes Cavalleiros, que vieraõ na Armada, que ajudou tomar a Lisboa, pag. 41.

Moura He conquiſtada por D. Affonſo Anriques, pag. 49.

O

Obidos FOy cõquiſtado por D. Affonſo Anriques, p. 49.

P

Payo Guoterres HE feyto Alcayde do Caſtello de Leyria por S. Theotonio quando foy conquiſtado por D. Affonſo Anriques, pag. 15. He priſioneiro no Caſtello de Leyria quando foy conquiſtado por ElRey Iſmar, pag. 29.

Palmella He conquiſtada por ElRey D. Affonſo Anrique onde desbarata em huma batalha aos Mouros de Badajos, p. 51. e 52.

D. Pedro Conde das Aſturias acompanha a Tuy a ElRey D. Affonſo Anriques quando foy receber a D. Reymondo Conde de Barcelona, pag. 50.

D. Pedro Affonſo Irmaõ baſtardo delRey D. Affonſo Anriques ſe achou na conquiſta de Santarem, pag. 39.

D. Pedro das Eſturias. Governou na batalha, que ſe compunha de duzentos, e ſincoenta cavallos, pag. 65.

D. Pero Paes Alferes de D. Affonſo Anriques ſe achou na cõquiſta de Santarem, pag. 39. Acompanha o meſmo Rey a Tuy quãdo foy receber ao Cõde de Barcelona D. Reymondo, p 50. Aſſiſtio com o Infante D. Sancho na batalha de Inxarafe, pag. 65.

Porto de Moos He cercado pelos Mouros, onde foraõ desbaratados por D. Fuas Roupinho, p. 70

Portugal He dado em dote ao Cõde D. Anrique por ElRey de Caſtella D. Affonſo chamado Emperador quando cazou cõ elle a ſua filha Dona Tareja, pag. 2. Porque tomou eſte nome? p. 3.

R

Conde D. Ramiro ACõpanhou a Tuy a ElRey D. Affonſo Anriques quãdo foy a receber a D. Reymondo Conde de Barcelona, p. 50. Aſſiſtio na batalha de Inxarafe governando a Az eſquerda, que ſe compunha de duzẽtos, e ſincoenta cavallos, pag. 65.

D. Reymondo Conde de Barcelona recebe com procuraçaõ de ſeu filho a Dona Moſalda filha delRey D. Affonſo Anriques, e quando, e como ſe fes eſte cazamento, pag. 50. e 51.

D. Roberto Dayam da Sèe de Lisboa faz que o Prior da Igreja de Santa Juſta lhe conceda, que o Corpo do Martyr S. Vicente ſeja collocado na Sée, pag. 60.

S

Dona Sancha FIlha do Conde D. Anrique cazou cõ D. Fernaõ Mendes, p. 8.

Infante D. Sancho Filho de D. Affonſo Anriques em que dia, e anno foy jurado em Coimbra, pag. 56. He mandado por ſeu Pay ao Alentejo a pelejar com Mouros, e do alvoroço com que recebeo eſta ordem, e o que executou, p. 61. até 64. Alcança huma glorioſa vitoria dos Mouros em Sevilha, pag. 65. Alcança outra vitoria dos meſmos inimigos hindo cercar Beja, pag. 67. He cercado dentro em Santarem por Almiramolim Emperador de Marrocos com quatrocentos mil cavallos, e quinhentos mil de pée, e ſendo ſoccorrido por ElRey ſeu Pay he desbaratado com todo o exercito, pag. 74. e 75.

Santarem Deſcreveſe a bondade do ſeu paiz, e como D. Affonſo Anriques determinou conquiſtalla, e da difficuldade, que havia para o conſeguir, pag. 30. e 31. He eſcalada, e entrada por ElRey D. Affonſo Anriques, p. 37. Porque tem eſte nome? p. 40. He cercada por Albojame Rey de Sevilha, onde foy derrotado por D. Affonſo Anriques, pag. 57.

Serpa He conquiſtada por D. Affonſo Anriques, pag. 49.

Sinais Eſpantoſos, que apparecerão em o Ceo de noute quando ElRey D. Affonſo Anriques quiz tomar Santarem, pag. 36.

T

Dona Tareja CAza com o Cõde D. Anrique, e leva por dote a Portugal como Condado, pag. 2. Depois da morte do Conde D. Anrique cazou cõ D. Vermuy Paes de Trava, e depois com D. Fernando Conde de Traſtamara Irmaõ de Vermuy Paes, pag. 8. He priſioneira na batalha de Santilhanas por ſeu filho D. Affonſo Anriques, pag. 9.

Dona Tareja Filha terceira delRey D. Affonſo Anriques cazou cõ D. Felippe Conde de Frandes, pag. 50. Como foy conduzida para aquelle Condado, p. 76.

S. Theotonio Prior de Santa Cruz conquiſta Arronches, pag. 29. Faslhe doaçaõ D. Affonſo Anriques de Leyria, e Arronches ſómente no Eſpiritual, pag. 30. Recebe do meſmo Rey Leyria aſſim no Eſpiritual, como no temporal, e lhe poem por Alcayde do Caſtello a Payo Guoterres, pag. 15. Fas oraçaõ com os ſeus Conegos pelo bom ſucceſſo da conquiſta de Santarem pag. 37.

Thomar O ſeu Caſtello he cercado por

por Almiramolim Emperador de Marrocos, pag. 74.

Torres novas Quando foy cõquiſtada por D. Affonſo Anriques? pag 15. O ſeu Caſtello foy deſtruido por Almiramolim Emperador de Marrocos, pag 74.

Torres Vedras Foy cõquiſtada por D. Affonſo Anriques, pag. 49.

Trancoſo He tomado pelos Mouros, onde fizeraõ grande mortandade, pag. 49.

V

Conde D. Vaſco ACõpanhou a Tuy a ElRey D. Affonſo Anriques quando foy receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 50.

D. Vermuy Paes de Trava Cazou cõ a Rainha DonaTareja viuva do Conde D. Anrique, p. 8. Depois deixandoa cazou cõ hũa filha da meſma Dona Tareja, ibi.

S. Vicente Donde era natural, e por quem foy martyrizado, p. 26. O ſeu Corpo he trazido ao Cabo que agora tem o ſeu nome, e de como o foy buſcar D. Affonſo Anriques, e o não achou, pag. 27. Como foy achado o ſeu Corpo, e collocado na Sée de Lisboa, pag. 56. 60. e 61.

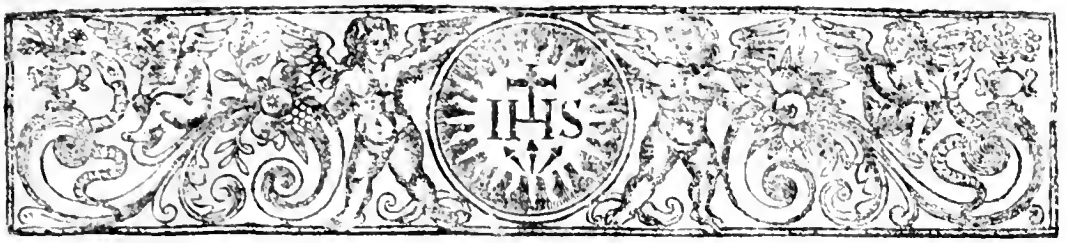
Villa franca Foy chamada antigamente Cornaguoa, pag. 44.

Dona Urraqua Filha delRey de Caſtella D. Affonſo chamado o Emperador caza com o Conde D. Reymaõ de Toloſa, p. 2.

Dona Urraqua Filha de D. Affonſo Anriques cazou com D. Fernando Rey de Liaõ, pag 50.

Dona Urraqua Lopes Filha do Cõde de Navarra Irmãa de D. Diogo o bom Senhor de Biſquaya cazou com ElRey de Liaõ D. Fernando, pag 54. e 55.

FIM.



TRASLADO
DO JURAMENTO DEL-REY
D. AFFONSO
ANRIQUES.

O qual ſe conſerva no Archivo do Real Moſteiro de Alcobaça.

EGO *Alfonſus Portugalliæ Rex, filius illuſtris Comitis Henrici, nepos magni Regis Alfonſi, coram vobis bonis viris, Epiſcopo Bracharenſi, & Epiſcopo Colimbrienſi, & Theotonio, reliquiſque magnatibus officialibus vaſſalis Regni mei in hac Cruce area, & in hoc libro Sanctiſſimorum Euangeliorum juro cum tactu manuum mearum, quod ego miſer peccator, vidi hiſce oculis indignis verum Dominum noſtrum* ✠ *JESUM Chriſtum in Cruce extenſum in hac forma. Ego eram cum mea hoſte in terris ultra Tagum, in agro Auriquio, ut pugnarem cum Iſmaele, & aliis quatuor Regibus Maurorum habentibus ſecum infinita millia, & gens mea timorata propter multitudinem, erat fatigata, & multum triſtis, in tantum, ut multi dicerent eſſe temeritatem inire bellum, & ego triſtis de eo quod audiebam, cœpi mecum cogitare, quid agerem, & habebam unum librum in meo papillione, in quo erat ſcriptum Teſtamentum antiquum, & Teſtamentum* ✠ *JESU Chriſti. Aperui illum, & legi victoriam Gedeonis, & dixi intra me: Tu ſcis Domne* ✠ *JESU Chriſte, quia pro tuo amore ſuſcepi bellum iſtud contra tuos inimicos, & in manu tua eſt dare mihi, & meis fortitudinem, ut vincamus illos blaſphemantes tuum nomen, & ſic dicens dormivi ſupra librum, & videbam virum ſe-*

 nem

nem ad me venientem, dicentemque: Adeſonſe, confide, vinces enim, debellabiſque Reges iſtos infideles, contereſque potentiam illorum, & Dominus noſter oſtendet ſe tibi. Dum hæc video, accedit Joannes Ferdinandus de Souſa vaſſallus de meo cubiculo, dixitque: ſurge domine mi. Adeſt homo ſenex, vultque te alloqui. Ingrediatur, dixi, ſi fidelis eſt. Ingreſſus ad me, agnovi eſſe illum, quem in viſione videram, qui dixit mihi, domine, bono animo eſto, vinces, & non vinceris. Dilectus es Domino, poſuit enim ſuper te, & ſuper ſemen tuum poſt te oculos miſericordiæ ſuæ uſque in ſextam decimam generationem, in qua attenuabitur proles, ſed in ipſa attenuata ipſe reſpiciet, & videbit. Ipſe me jubet indicare tibi, quod dum audieris ſequenti nocte tintinnabulum Remiſorii mei, in quo vixi ſexaginta ſex annis inter infideles, ſervatus favore altiſſimi, egrediaris extra caſtra, ſolus ſine arbitris, oſtendere tibi pietatem ſuam multam. Parui, & reverenter in terra poſitus, & nuntium, & mittentem veneratus ſum, & dum in oratione poſitus ſonitum expectarem, ſecunda noctis vigilia tintinnabulum audivi, & enſe, & ſcuto armatus, egreſſus ſum extra caſtra, vidique ſubito à parte dextra, orientem verſus, micantem radium, & paulatim ſplendor creſcebat in maius, & dum oculos ad illam partem efficaciter pono, ecce in ipſo radio clarius ſole ſignum Crucis aſpicio, & JESUM Chriſtum in eo crucifixum, & ex una, & altera parte multitudinem juvenum candidiſſimorum, quos Sanctos Angelos fuiſſe credo. Quam viſionem dum video, depoſito enſe, & ſcuto, relictiſque veſtibus, & calceamentis, prenus in terram me projicio, lacrymiſque abundè miſſis, cæpi rogare pro conſortatione vaſſalorum meorum, dixi que nihil turbatus. Quid tu ad me Domine? Credenti enim Fidem vis augere? Melius eſt ut te videant Infideles, & credant, quam ego, qui à fonte baptiſmatis te Deum verum Filium Virginis, & Patris Æterni agnovi, & agnoſco. Erat autem Crux miræ magnitudinis, & elevata a terra quaſi decem cubitos. Dominus ſuavi vocis ſono, quem indignæ aures meæ perceperunt, dixit mihi. Non ut tuam Fidem augerem hoc modo apparui tibi, ſed ut corroborem cor tuum in hoc conflitu, & initia Regni tui ſupra firmam petram ſtabilirem. Confide Alfonſe, non ſolum enim hoc certamen vinces, ſed omnes alios in quibus contra inimicos Crucis pugnaveris. Gentem tuam invenies alacrem ad bellum, & fortem, petentem, ut ſub Regis nomine in hac pugna ingrediaris; nec dubites, ſed quidquid petierint, liberè concede. Ego enim ædificator, & diſſipator Imperiorum & Regnorum ſum: volo enim in te, & in ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire, ut deferatur nomen meum in exteras gentes; & ut agnoſcant ſucceſſores tui datorem Regni, inſigne tuum ex pretio, quo ego humanum genus emi, & ex eo quo ego à Judæis emptus ſum, commones, & erit mihi Regnum ſanctificatum, Fide purum, & pietate dilectum

lectum. Ego ut hæc audivi, humi proſtratus adoravi dicens: Quibus meritis, Domine, tantam mihi amantias pietatem? Quidquid jubes faciam, & ut in mea prole, quam promittis oculos benignos pone, gentemque Portugallenſem ſalvam cuſtodi, & ſi contra eos aliquod paraveris malum, verte illum potius in me, & in ſucceſſores meos, & populum quem tanquam unicum filium diligo, abſolve. Annuens Dominus inquit: Non recedet ab eis, neque a te unquam miſericordia mea, per illos enim paravi mihi meſſem multam, & elegi eos in meſſores meos in terris longinquis: hæc dicens diſparuit, & ego fiducia plenus, & dulcedine redii in caſtra, & quod taliter fuerit, juro ego Aldefonſus Rex per Sanctiſſima Jesu Chriſti Euangelia hiſce manibus tacta. Idcirco præcipio ſucceſſoribus meis in perpetuum futuris, ut ſcuta quinque in crucem partita, propter Crucem, & quinque vulnera Chriſti, in inſigne ferant, & in unoquoque triginta argenteos, & ſuper ſerpentem Moyſis, ob Chriſti figuram, & hoc ſit memoriale noſtrum in generatione noſtra: & ſi quis aliud attentaverit, a Domino ſit maledictus, & cum Juda traditore in Infernum maceratus. Facta carta Colimb. III. Kalend. Novembris. Era M. C. LII.

Ego Aldefonſus Rex Portugaliæ.

I. Colimb. Epiſcop.
I. Bracharenſ. Metropol.
T. Prior.
Ferdinandus Petri Curiæ Dapif.
Petrus Pelag. Curiæ Signifer.
Velaſcus Sancij.
Alfonſus Menen. præf. Uliſ.
Gondiſalvus de Souſa procur. Imn.
Pelagius Menen. procur. Viſen.
Suer. Martin. procurat. Colimb.
Menendus Petri, pro Magiſtro Alberto Regis Cancellario.

Cuja ſignificaçaõ em Portuguez he a ſeguinte.

EU Affonſo Rey de de Portugal, filho do Conde Henrique, e neto do grande Rey D. Affonſo, diante de vòs Biſpo de Braga, e Biſpo de Coimbra, e Theotonio, e de todos os mais Vaſſallos de meu Reyno, juro em eſta Cruz de metal, e neſte livro dos Santos Euangelhos, em que ponho minhas mãos, que eu miſeravel peccador vi com eſtes olhos indignos a noſſo Senhor JESU Chriſto eſtendido na Cruz, no modo ſeguinte. Eu eſtava com meu exercito nas terras de Alentejo, no Campo de Ourique, para dar batalha a Iſmael, e outros quatro Reys Mouros, que tinhaõ conſigo infinitos milhares de homens, e minha gente temeroſa de ſua multidaõ, eſtava atribulada, e triſte ſobremaneira, em tanto que publicamente diziaõ alguns ſer temeridade acommetter tal jornada. E eu enfadado do que ouvia, comecey a cuidar comigo, que faria; e como

mo tiveſſe na minha tenda hum livro em que eſtava eſcrito o Teſtamento Velho, e o de Jesv Chriſto, abriho, e li nelle a vitoria de Gedeaõ, e diſſe entre mim meſmo. Muy bem ſabeis vòs, Senhor JESU Chriſto, que por amor voſſo tomey ſobre mim eſta guerra contra voſſos adverſarios, em voſſa mão eſtà dar a mim, e aos meus fortaleza para vencer eſtes blasfemadores de voſſo nome. Ditas eſtas palavras adormeci ſobre o livro, e comecey a ſonhar, que via hum homem velho vir para onde eu eſtava, e que me dizia: Affonſo, tem confiança, porque vencerás, e deſtruirás eſtes Reys infieis, e desfaràs ſua potencia, e o Senhor ſe te moſtrarà. Eſtando neſta viſaõ, chegou Joaõ Fernandes de Souſa meu Camereiro dizendo-me: Acorday, ſenhor meu, porque eſtà aqui hum homem velho, que vos quer fallar. Entre (lhe reſpondi) ſe he Catholico: e tanto que entrou, conheci ſer aquelle, que no ſonho vira; o qual me diſſe: Senhor tende bom coraçaõ, vencereis, e naõ ſereis vencido; ſois amado do Senhor, porque ſem duvida poz ſobre vòs, e ſobre voſſa geraçaõ depois de voſſos dias os olhos de ſua miſericordia, até a decima ſexta decendencia, na qual ſe diminuiria a ſucceſſaõ, mas nella aſſim diminuida elle tornarà a pór os olhos, e verà. Elle me manda dizervos, que quando na ſeguinte noite ouvirdes a cãpainha de minha Ermida, na qual vivo ha ſeſſenta e ſeis annos, guardado no meyo dos Infieis, com o favor do muy Alto, ſayais fóra do Real ſem nenhuns criados, porque vos quer moſtrar ſua grande piedade. Obedeci, e poſtrado em terra com muita reverencia, venerey o Embaixador, e quem o mandava; e como poſto em oraçaõ aguardaſſe o ſom, na ſegunda vela da noite ouvi a campainha, e armado com eſpada, e rodela ſahi fóra dos Reays, e ſubitamente vi à parte direita contra o Nacente, hum rayo reſplandecente; e indo-ſe pouco, e pouco clarificando, cada hora ſe fazia mayor; e pondo de propoſito os olhos para aquella parte, vi de repente no proprio rayo o final da Cruz, mais reſplandecente que o Sol, e Jesv Chriſto Crucificado nella, e de huma, e de outra parte, hũa copia grande de mancebos reſplandecentes, os quais creyo, que ſeriaõ os Santos Anjos. Vendo pois eſta viſaõ, pondo à parte o Eſcudo, e eſpada, e lançando em terra as roupas, e calçado me lancey de bruços, e desfeito em lagrymas comecey a rogar pela conſolaçaõ de meus vaſſallos, e diſſe ſem nenhum temor. A que fim me apareceis Senhor? Quereis por ventura accreſcentar fé a quem tem tanta? Melhor he por certo que vos vejaõ os inimigos, e creaõ em vòs, que eu, que deſde a fonte do Baptiſmo vos conheci por Deos verdadeiro, Filho da Virgem, e do Padre Eterno, e aſſim vos conheço agora. A Cruz era de maravilhoſa grandeza, levantada da terra quaſi dez covados. O Senhor com hum tom de voz ſuave, que minhas orelhas

orelhas indignas ouviraõ, me diſſe. Naõ te apareci deſte modo para accreſcentar tua fé, mas para fortalecer teu coraçaõ neſte comflito, e fundar os principios de teu Reyno ſobre pedra firme. Confia Affonſo, porque naõ ſó venceràs eſta batalha, mas todas as outras em que pelejares contra os inimigos de minha Cruz. Acharás tua gente alegre, e eſforçada para a peleja, e te pedirà que entres na batalha com titulo de Rey. Naõ ponhas duvida, mas tudo quanto te pedirem lhe concede facilmente. Eu ſou o fundador, e deſtruidor dos Reynos, e Imperios, e quero em ti, e teus decendentes fundar para mim hum Imperio, por cujo meyo ſeja meu nome publicado entre as Nações mais eſtranhas. E para que teus deſcendentes conheçaõ quem lhe dà o Reyno, comporàs o Eſcudo de tuas Armas do preço com que eu remi o genero humano, e daquelle porque fuy comprado dos Judeos, e ſermelha Reyno ſantificado, puro na ſé, e amado por minha piedade. Eu tanto que ouvi eſtas couſas, poſtrado em terra o adorey dizendo: Porque meritos, Senhor, me meſtrais taõ grande miſericordia? Ponde pois voſſos benignos olhos nos ſucceſſores que me prometeis, e guarday ſalva a gente Portugueza. E ſe acontecer, que tenhais contra ella algum caſtigo aparelhado, executay-o antes em mim, e em meus deſcendentes, e livray eſte povo, que amo como a unico filho. Conſentindo niſto o Senhor, diſſe: Naõ ſe apartarà delles, nem de ti nunca minha miſericordia, porque por ſua via tenho aparelhadas grandes ſearas, e a elles eſcolhidos por meus legadores em terras muy remotas. Ditas eſtas palavras dezapareceu, e eu cheyo de confiança, e ſuavidade me torney para o Real. E que iſto paſſaſſe na verdade, juro eu D. Affonſo pelos Santos Euangelhos de JESU Chriſto tocados com eſtas mãos. E por tanto mando a meus deſcendentes, que para ſempre ſuccederem, que em honra da Cruz e cinco Chagas de JESU Chriſto tragaõ em ſeu Eſcudo cinco Eſcudos partidos em Cruz, e em cada hum delles os trinta dinheiros, e por timbre a Serpente de Moyſés, por ſer figura de Chriſto, e eſte ſeja o trofeo de noſſa geraçaõ. E ſe alguem intentar o contrario, ſeja maldito do Senhor, e atormentado no Inferno com Judas o treidor. Foy feita a preſente carta em Coimbra aos vinte e nove de Outubro, era de mil e cento e cincoenta e dous.

Eu ElRey D. Affonſo.

Joaõ Metropolitano Bracharenſe.
Joaõ Biſpo de Coimbra.
Theotonio Prior,
Fernaõ Peres Vedor da Caſa.
Vaſco Sanches.
Affonſo Mendes Govern. de Lisboa.
Gonçalo de Souſa Procurador de entre Douro e Minho.
Payo Mendes Procurador de Viſeu.
Sueiro Martins Procurador de Coimb.
Mem Peres o eſcreveu por Meſtre Alberto Cancellario delRey.

LISBOA OCCIDENTAL.
NA Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVI.
Com todas as licenças neceſsarias.

CHRONICA
DELREY
D. SANCHO I.
SEGUNDO DE PORTUGAL.

CHRONICA
DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SANCHO I.
SEGUNDO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,
Fidalgo da Caſa Real, e Chroniſta Mór do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,
Que ſe conſerva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA
A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA.

LISBOA OCCIDENTAL.
Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVII.
Com todas as licenças neceſſarias.

SENHOR

ESTA he a ſegunda vez, que chego aos Reays pés de V. Mageſtade agradecido, e pretendente. Agradecido, porque V. Mageſtade cõm a ſua natural benignidade

de ſe dignou de aceitar a vida que lhe offereci, do Senhor Rey D. Affonſo Enriques, eſcrita ha mais de dous ſeculos por Duarte Galvaõ. E pretendente de que V. Mageſtade com a meſma Real benevolencia, ſe ſirva de Amparar com a ſombra ſoberana do ſeu Auguſto Nome, a vida do Senhor Rey D. Sancho I. que lhe offereço agora, para que animado com a ſua Real protecçaõ poſſa continuar no deſempenho da palavra prometida de hir dando à luz as Chronicas dos Senhores Reys deſte Reyno, que ha muitos annos ſe conſervaõ manuſcritas. A Real Peſſoa de V. Mageſtade guarde Deos muitos annos como dezejamos, e havemos miſter.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNAÕ TELLES DA SYLVA

MARQUES DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO, e Guerra del Rey Noſſo Senhor, Gentil-homem de ſua Camara, Vèdor de ſua fazenda, Embayxador extraordinario à Corte de Vienna, ao Sereniſſimo Emperador Joſeph, e Condutor da Sereniſſima Rainha Noſſa Senhora a eſtes Reynos, Academico, e Cenſor da Academia Real da Hiſtoria Portugueſa, &c.

AS repetidas vezes que Voſſa Excellencia me tem favorecido com a ſua coſtumada affabilidade, me animaõ a que novamente me valha do ſeu favor, pedindolhe queira fazerme a merce de offrecer a Sua Mageſtade que Deos guarde, a Chronica del Rey D. Sancho I. que pelas

pelas heroicas ações de que foy generoſo inſtrumento, bem merece a ſua Real protecçaõ. Eſpero de Voſſa Excellencia eſte beneficio, fundado nos que tenho recebido da generoſidade de Voſſa Excellencia. Cuja excellentiſſima Peſſoa guarde Deos muitos annos.

Criado de Voſſa Excellencia

MIGUEL LOPES FERREYRA.

MIGUEL LOPES FERREYRA

AO LEITOR.

NA impreſſaõ, que agora publico, da Chronica delRey D. Sancho I. de Portugal verás amigo Leytor, que naõ falto à palavra que te dey de hir imprimindo as Chronicas manuſcritas dos noſſos Reys. A que ha poucos mezes dey à luz delRey D. Affonſo Enriques, foy eſcrita por Duarte Galvaõ; eſta de ſeu filho, e dos mais Reys, que ſe lhe ſeguirão, não he facil a averiguação de quem ſeja o ſeu verdadeiro, e legitimo Autor. Commummente andaõ em nome de Ruy de Pina, que foy hum homem de grande eſtimação pela peſſoa, e pela ſciencia. Foy Cavalleiro da Caza delRey D. Manoel ſeu Chroniſta, e Guarda mòr da Torre do Tombo, e na Embaixada de obediencia à Santidade de Alexandre VI. com que foraõ a Roma D. Pedro de Noronha Mordomo mór do dito Rey, e Vaſco Fernandes de Lucena, foy o Secretario della Ruy de Pina. Damião de Goes na Quarta parte da Chronica delRey D. Manoel Cap. 38. trata com grande miudeza eſte ponto, e moſtra que eſtas Chronicas forão compoſtas humas por Fernaõ Lopes, e outras por Gomes Eannes de Zurara, mas não duvida, que Ruy de Pina lhes deo melhor fórma, ou na ordem, ou no eſtilo, que he o que baſta para que de algum modo ſe lhes deva dar o nome de ſuas. A mim não me toca o exame deſta queſtaõ, mas ſó o dar noticia do que ſe tem eſcrito neſta materia. Aos Autores das Bibliothecas pertence a averiguação deſte ponto, e amim continuar com a impreſſaõ das outras Chronicas, que ſe ſeguem, que como todos ſabem, andaõ em nome de Ruy de Pina, para deſte modo ſervir ao publico, tirandoas do ſegredo da Torre do Tombo para mayor commodidade dos curioſos.

Vale.

PRO-

PROLOGUO

DO AUTHOR.

DAS CORONICAS DOS PRIMEIROS REYS de Portugual, primeiramente á Coronica del Rey D. Sancho deſte nome ho primeiro, e dos Reys de Portugual ho ſegundo, dirigido ahо muito Alto, e Excellente, e Poderoſo Princepe El Rey D. Manoel Noſſo Senhor, por Ruy de Pina, ſeu Coroniſta mòr, e Fidalguo de ſua Caza.

USTA diſculpa podera ſer para mim Rey poderoſo, e Principe muy excellente nom emprender obra tam ardua, e tam difficil como eſta, ha que ho eſtreyto mandado de V. A. e ſeu louvado dezejo me obriguaõ, pois aguora em voſſo bemaventurado tempo me manda, que ordene, e componha has antiguas Eſtorias, louvadas memorias, e notaveis feytos dos primeyros, e exclarecidos Reys de Portugual voſſos progenitores, que de ſeus tempos dividamente ſe nom acham compoſtas, ou nos outros deſpois delles por negligencia ſe perderam, e abaſtaria por muy claro corregimento deſta eſcuza, e por receo do grande trabalho, e cuydado do eſprito, e das muitas deficuldades, que neſta obra ſe offrecem, ſaberem, q̃ jáa por voſſo mandado ha começou, e nom proſeguio Duarte Gualvam, do voſſo Concelho, que para ella, e para couzas outras de moor importancia, he homem por ſua doutrina aſſáas deſperto, e muy ſufficiente, mas porque voſſa vontade Rey muyto excellente, ſempre ſe inclina, e nunqua dezeja, ſalvo obras ſantas, e juſtas, e muy virtuoſas, aſſi por eſſo ella foy ſempre, e he preveligiada, e favorecida da ſuma potencia Divina, que para comprimento de voſſos dezejos, e propoſitos nunqua para ordenar vos falece ſaber, e prudencia, nem para executar, e comprir forças, e grande poder, e da conſequuçam deſta ſingular perroguativa, que he voſſa muy Real peſſoa, todas noſſas emprezas, e por voſſa boa ventura para ſempre outorguada, de que ha proſperidade, e verdadeyra fama de voſſos maravilhoſos feytos dam em todo mundo muy claro teſtimunho; tomey empreſtado para eſta obra, que toda hee voſſa, alguma ouzadia, ainda que receoſa, com que no canſaço deſte grande ſerviço, por ventura nom co-

nhecido, esforçale ha fraqueza de minhas forças, e favorecesse ha rudeza de meu engenho, para que aho menos por minha piquena possibilidade mostre primeyramente, que de vossa muita bondade, e esforço, e grandeza de animo nom foy sóomente descobrir novos Reynos, novos maares, novas regiões, com que aho mundo mayor, e mais riquo que nas terras nom conhecidas, de Deos nunqua conhecedoras, seu muy santo nome, como outro Apostolo fizesseis conhecer, e pubriquar sua verdadeyra Fée, mas que ainda para mayor acrecentamento do preciozo thezouro de vossas virtudes descobristes esta vossa propria, e muy louvada virtude de tam prefeyta piedade, de que àcerqua dos glorioſos Reys, e Rainhas de Portugual de que descendeis, tam prefeytamente uzais, com ha qual resucitando vossa muy Real Senhoria ha seus nomes muy dinas memorias, e memorandas façanhas, cujo juizo ho esquecimento tinha jáa assi mortifiquadas de todo, e dandolhe estas suas verdadeyras lembranças huma tam segura manzyra para vida eterna, ellas juntas por immortal interesse de mais vosso louvor, se tornem todas ha ver em vós, com mayor resplandor, renovadas, e nellas V. A. mostre aho mundo hos Reaes, e limpos originaes de que foy, e ha my por sua grandesa, e humanidade, perdoe estes cometimentos, que fiz de vos querer louvar, pois verdadeyra necessidade aqui hos inxerio, porque em cazo que seja regra, e principio muy dino, que bem faz quem sempre vée bem outras.

Porém nom fiqua por saber, muito excellente Rey, que vossos limpos, e castos ouvidos jaa nom esperam por meus louvores, por boquas de Santos Papas, e de grandes Reys, por todo ho mundo tantas vezes publiquados, e muitos mais merecidos, porque ha temperança de vossa alma he tal, que com ha sóo operaçam de vossas virtudes, sem q̃ se diguam, intrinsequamente se contenta, mais alegre de bem fazer, que de bem ouvir, mas com tudo porque vòs Princepe muy esclaracido sabemos, que fostes sobre todos, e sois dado por Rey da sóo maõ de Deos, ha nós, hos vossos Portuguezes, por grande nossa gloria, e vemos que tendes feyta profissaõ, que maravilhosamente comprireis na sagrada Religiam das mais excellentes virtudes Divinas, e hnmanas, por esto nom hee amy, nem ha outrem periguo, mas segurança, nom hee culpa, mas merecimento, e divida, que devemos louvar vossas cousas tam grandes, e ha vós principalmente porque quando se assi nom fizesse claramente se erraria, e nom tanto ha vós, como ha Deos, pois falandose vossas grandezas, e prosperidades se dá graças, e louvores aho todo Poderoso Deos, que em sua maõ por vós has faz, porque todos sabemos, e ha todos hee muy notorio que ha gloria, e louvor, que por vossa bemaventurança hos homens querem atribuir ha vós, vossa alma, como aquella, que destes beneficios hee muy aguardecida, e

loguo

loguo has offrece ha Deos, de quem fielmente credes, e affirmais que tudo procede.

E por tornar aho fio do Prologuo, que hum pouquo quebrey, acho Rey poderoſo, e muy excellente, que delRey D. Affonſo Anriques deſte nome, e dos Reys de Portugual ho primeyro, atée ElRey D. Affonſo deſte nome ho quarto incluſivè, que ſaõ ſete Reys, nom parece de ſuas vidas, nem de ſeus feytos ſe acha nos voſſos Reynos Eſtoria ordenada, e compoſta, como fora rezam, e ſe merecia, mas haa ſõomente por Luguares muy ocultos algumas lembranças, cartas confuzas, e muy duvidozas, cuja verdade quanto for poſſivel, ainda que ſeja com muito eſtudo de grande trabalho, hee neceſſario que ſe buſque, e ſe apure, e para algũas ſemilhantes lembranças, creo que Duarte Gualvaõ, que ſe diz compoer ha Coronica delRey D. Affonſo Anriques ho primeyro, de que algum tanto ſe achou mais eſcrito, e ha que eſta delRey D. Sancho ſeu filho, vay continuada, e has outras dos outros Reys, que ho ſocederam, poſto que em ſeu Prologuo ſe offreceſſe de has acabar, bem ſey que nom por defeyto de ſaber, nem por falecimento de bom dezejo, mas por nom aver, e mais nom achar ha materia para eſſo neceſſaria, póde ſer que deſeſtio de has compoer, e ha eſte pezo tamanho, que ha ſua ſuficiencia deyxou, V. A. pela natural obediencia, e ſervidam, que lhe devo me manda, e conſtrange, que ſem eſcuza ſoometa meus hombros, em cazo que fazelo ſeja proprio de meu officio, bem ſinto porem, que de meu ſaber hee muy eſtranho, mas como eu Sereniſſimo Rey ſam de voſſa eſperança favorecido, e com eſſo tenho alguma confiança de meu dezejo, e cuydado, e aſſi da grande deligencia, que para eſta compoſiçam ſe requere, eſpero prazendo ha Deos, quanto ha hum homem nom ſufficiente for poſſivel, que ſatisfarey com ſua graça ha voſſo mandado, poſto que nom ſeja com inteyra ſatisfaçam de voſſo Real dezejo, e eſto nom ſerá ſem trabalhoſo fundamento, porque hos feytos, e has memorias de noſſos glorioſos Reys de Portugual antiguos, e mais modernos, foram, e ſam por todas has rezões do mundo, aſſi notorias, e eſtimadas, que hos Eſcritores, aſſi Latinos, como de outras linguoas eſtranhas, por nom ſerem ingratos ahos merecimentos de ſeus tempos, em ſeus proceſſos, e Coronicas, que compozeram, notarem ha elles Reys de Portugual por muy excellentes em ſuas obras, e feytos por muy ſingulares, e dinos para ſempre alembrarem, e nunqua eſqueecerem.

De q̃ ſe ſegue q̃ quanto hos Reys de Portugual foram Catholicos, devotos, e obedientes ha Deos, e à Santa Sée Apoſtoliqua nas vidas, e regiſtos dos Summos Pontifices por ſeus grandes merecimentos, e louvores, claramente ſe nota, e quanto elles foram generoſos, e conquiſtadores pela

Santa Fée,e de ſeus proprios Reynos, e Senhorios verdadeyros Auguſto nom ſóomente Coronicas da Eſpanha, e dos Reys, e Reynos noſſos vezinhos, ſem davida ho teſtemunham, mas has dos barbaros infieis, ainda que ſeja com grandes ſeus eſtraguos, e cativeyros, muito milhor pubriquam, e quantas Rainhas, e Princezas, e quantos Iſantes, Princepes, e Senhores ſayraõ deſta Real Caza de Portugual para muy altos, e licitos matrimonios de Emperadores, Reys, e Princepes de toda ha Chriſtandade, nas Coronicas de ſuas vidas feytos, e Reynos manifeſtamente parece, cuja viſta, e leytura, e bom exame amy, para eſta obra, nom ſe eſcuzam, aſſi muy alto, e poderoſo Princepe, que poſſivel hee ainda que ſeja por caminhos tam longuos, e tam deficultozos, que has Coronicas dos muy excellentes Reys voſſos mayores, q̃ atraz apontey, nom ſerem como ſam de todo apaguadas, e que podem em alguma boa maneyra aluminarem eſte por mim, e ſe neſta acupaçam, e ſerviço aſſi prefeytamente ho nom comprir como V. A. manda, e eu dezejo, ſeja tanto da coſtumada benenidade de ſeu animo, relevar minha imprefeyçam, quanto ha deficuldade de couzas jáa eſquecidas, e ha calidade, e grandeza dellas ho requere, e por concludir minha introduçam hee bem, que cõ ha graça, e favor de Deos, comece loguo ha Coronica delRey D. Sancho deſte nome ho primeyro, e dos Reys de Portugual ho ſegundo, cuja louvada memoria, e grandes feytos ſam como ſe ſegue.

LICENCAS

5

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Manoel Guilherme Religioſo da Ordem de S. Domingos, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMMINENTISSIMO SENHOR

VI o livro intitulado Chronica do Senhor Rey D. Sancho I. compoſto pelo Chroniſta mór do Reyno Ruy de Pina, e me parece naõ ter couza que deficulte a licença de ſe imprimir: porque lhe naõ acho couza contra a Fé, ou bons coſtumes. Voſſa Emminencia mandara o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa Occidental 10. de Fevereyro de 1726. *Fr. Manoel Guilherme.*

VIſta a informaçaõ, pode-ſe imprimir a Chronica delRey D. Sancho I. e deſpois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 12. de Fevereyro de 1726.

Rocha. Fr. Lancaſtre. Cunha. Teyxeyra. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo Padre Meſtre D. Joze Barboſa Clerigo Regular da Divina Providencia, Chroniſta da Seremiſſima Caza de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Illuſtriſſima vi a Chronica delRey D. Sancho I. de Portugal, que eſcreveo Ruy de Pina, e nella naõ acho clauſula alguma contra a noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes. V. Illuſtriſſima ordenará o que for ſervido. Neſta Caza de N. Senhora da Divina Providencia 12. de Agoſto de 1726.

D. Joze Barboſa Clerigo Regular. Viſta

VIſta a informaçaõ pode-ſe imprimir a Chronica de que ſe trata, e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 19. de Agoſto de 1726.

D. J. A. L.

DO PAÇO.

Approvaçaõ de Antonio Rodrigues da Coſta, Cavalleyro profeſſo da Ordem de Chriſto, Fidalgo da Caza de Sua Mageſtade, Conſelheyro Ultramarino, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

SENHOR

VI, como V. Mageſtade foy ſervido ordenarme, a Chronica do Senhor Rey D. Sancho I. compoſta pelo Chroniſta mór, e Guarda mór da Torre do Tombo Ruy de Pina; e naõ acho nella couſa que deva impedir a ſua impreſſaõ. Porque ainda que eſtá tam rudemente eſcrita, que naõ correſponde ao titulo honorifico de Chroniſta mór, e com tam poucas noticias, e taõ mal circunſtanciadas, que tambem parece que naõ he produçaõ legitima de hum Guarda mòr da Torre do Tombo, que he o Archivo publico do Reyno: com tudo como a antiguidade ſempre he veneravel, ſerá juſto que ſaya á luz. V. Mageſtade ordenará o que for ſervido. Lisboa Occidental 25. de Setembro de 1726.

Antonio Rodrigues da Coſta.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e deſpois de impreſſo tornará á Meza para ſe conferir, e taxar, que ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental 8. de Outubro de 1726.

Galvaõ. Oliveyra. Teyxeyra. Bonicho.

INDEX

DOS CAPITULOS QUE CONTEM eſta Chronica.

CAP. I. *Do tempo, e idade, que ElRey D. Sancho foy levantado, e obedecido por Rey, e aſſi dalguns geraes avizos para declaraçaõ, e milhor entendimento das couzas antiguas de Portugal, pag* 1.

CAP. II. *Dalgumas couzas, e feytos notaveis, que ElRey D. Sancho fez em ſendo Ifante, pag.* 5.

CAP. III. *Como eſtando ho Ifante em cerquo, ſobre ha Villa de Nebla, que he em Andaluzia, hos Mouros cerquaraõ Beja em Portugual, e ha veyo loguo ſocorrer, e da vitoria, que delles ouve, p.* 7.

CAP. IV. *Como ho Ifante D. Sancho, foy em Santarem cerquado de Miramolim de Marroquos, e como ElRey D. Affonſo ſeu Padre ho ſocorreo, e deſcerquou, e mataram ha Miramolim, pag.* 9.

CAP. V. *Das couzas em que ElRey D. Sancho nos primeyros annos loguo entendeo de ſeu Reynado, e como neſte tempo ha Santa Cidade de Jeruſalem foy dos infieis tomada, e do que ElRey ſobre eſto fez, pag.* 12.

CAP. VI. *Como ha ſegunda paſſagem, que por ſocorro da Caza Santa ſe fez, e ho que della ſoceo, pag.* 15.

CAP. VII. *Do que ElRey D. Sancho fez depois da eſcuza dultramaar, e como foy cerquar Serpa, e deſpois ha Cidade de Sylves, que era de Mouros, pag.* 18.

CAP. VIII. *De como ha gente de Portugual, e ha dos Eſtrangeyros cheguaram ha Sylves, e puzeraõ cerquo, e deram ho primeyro combate, pag.* 20.

CAP. IX. *Como ElRey D. Sancho cheguou com ſua gente por terra ha Sylves, e da outra ſua que tambem foy por maar, e dos combates, que loguo ſe deram, pag.* 21.

CAP. X. *De como foy combatida, e tomada ha couraça da Cidade em que eſtava ha mais ſegurança, e mayor repayro dos Mouros, pag.* 22.

CAP. XI. *Dos mais combates que ſe deram, e como hos da Cidade*

por

por força ſe renderam ha partido, e ha cobraram, pag.25.

CAP. XII. *De huma entrada que huin D. Pedro Fernãdes de Caſtro, dito ho Caſtellam, ſendo lançado com hos Mouros, fez em Portugual, e de como foy prezo, e hos Mouros com que entrou, desbaratados, pag.29.*

CAP. XIII. *Das cauzas, e imizades antre hos de Caſtro, e de Lara, por cuja cauſa eſte D. Pedro Fernandes de Caſtro entrou em Portugual, em tempo del Rey D. Sancho, que era neto do Conde D. Anrique de Lara filho de Dona Moſalda, molher del Rey D. Afonſo Anriques ſua filha, pag.30.*

CAP. XIV. *Como ElRey Jacobaboim C, aſim Mirabolim de Marrocos com grande gente de Reys Mouros entrou em Portugual, pag. 34.*

CAP. XV. *Do caſamento del Rey D. Sancho, e dos filhos, e filhas que teve aſſi legitimos, como baſtardos, pag. 36.*

CAP. XVI. *Das couzas, que ha ElRey D. Sancho em ſeu Reyno ſocederam deſpois do apartamento da Rainha Dona Tareja ſua filha, atée ſeu falecimento, p. 49.*

CAP. XVII. *Do falecimento del-Rey D. Sancho, e de ſeu teſtamento, e de algumas couzas, e obras que fez, pag. 51.*

CAP. XVIII. *Dalguns Luguares que ElRey D. Sancho novamente fundou, e fez, e ha que deu foraes, pag. 53.*

CORO-

CORONICA

DO MUYTO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SANCHO I.

SEGUNDO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Do tempo, e idade que ElRey D. Sancho foy levantado, e obedecido por Rey, e assi de alguns geraes avisos para declaraçaõ, e milhor entendimento das cousas antiguas de Portugual.

HO muy alto, e excellente, manhanimo, virtuoso, e muy Catholico Principe ElRey D. Affonso primeyro, e bemaventurado original dos muy esclarecidos, e christianissimos Reys de Portugual, depois de vencer por seu braço em muitas, e muy periguosas batalhas infindos barbaros, e diversos imigos da Fée, e por seu maravilhoso esforço, lhes guanhar por força de armas muitas Cidades, Villas, e Castellos, e terras, e has ajuntar com louvor de Deos à primeyra, e bem merecida Coroa de seu Reyno de Portugual, de que dina, e primeyramente se intitulou, como em sua Coronica se declara, cheguando elle ha tanta idade, que por graveza da carne jáa nom podia exercitar algum dos seus proprios, e muy acostumados officios de Capitaõ, e Cavalleyro, se recolheo à sua Cidade de Coimbra, onde despois de fazer seu solene Testamento, e prover com Divinos, e necessarios Sacramentos em rodo ho que ha bem de sua alma, e descarreguo della compria acabou santamente sua vida em idade

de noventa e hum annos, ha seis de Dezembro da era de mil e duzentos e vinte e tres annos, e do Nacimento de N. Senhor Jesu Christo
1185 de mil cento e oytenta e sinquo, dos quaes sendo Ifante, e Principe, e Rey Reynou em desvayrados tempos, setenta e tres annos, onde seu corpo, que era muy grande, e bem composto, foy loguo ungido, e metido com grande solenidade em hum Moymento de pedra, sepultura para tam grande Rey, nom sumptuosa, antes chãa, e muy onesta, posta por entaõ em huma Capella do Moesteyro de Santa Cruz, que elle novamente fundou, e larguamente dotou, em que tinha singular devaçaõ, e depois ho muito alto, e excellente Principe ElRey D. Manoel deste nome ho primeyro nosso Senhor, porque em todas suas obras sempre foy Principe muy prefeyto, e sobre todo muy manhifiquo, mandou remover ha dita sepultura, e pòr no mesmo Moesteyro em outro luguar que lhe pareceo mais conveniente para ennobrecer, e intitular como ha taõ excellente original, e ha taõ dino Rey, seu mayor, e Anteceffor se devia.

E aho tempo do falecimento delRey D. Affonso era presente ho Ifante D. Sancho seu filho legitimo primeyro, e herdeyro, cuja hee ha presente memoria, ho qual ahos tres dias loguo seguintes da era de Cezar, e do anno de Christo acima ditos, por hos Prelados, e Nobres de seu Reyno, que ahy eraõ, e com has ceremonias, e devida solenidade foy alevantado, e obedecido por Rey de Portugual soomente, sem outro acrescentamento de titulo, em idade de trinta e hum annos, porque elle naceo ha onze dias de Novembro da era de Cezar de mil e cento e noventa e dous annos, e do anno de Christo de mil e cento e sinquoenta e quatro, e foy alevantado por Rey na dita era de mil e duzentos e vinte e tres, e do anno de Christo de mil e cento e oytenta e sinquo, em que seu Padre faleceo, porque do tempo do dito Rey D. Affonso seu Padre, que primeyro se intitulou Rey de Portugual, atée ElRey D. Affonso Conde de Bolonha, em França, seu bisneto excluSive todos hos Reys seus suceSSores se intitulàraõ Reys de Portugual soomente, sem outra adiçaõ de titulo, nem algum acrecentamento nas sinquo Quinas do Escudo Real, porque ho dito Rey D. Affonso Conde de Bolonha seu bisneto por razaõ, e titulo do Alguarve dáquem maar, que por ElRey D. Affonso deste nome ho Decimo de Castella, e de Liaõ seu sogro lhe foy dado em cazamento com ha Rainha Dona Breatiz sua filha, se intitulou primeyramente Rey de Portugual, e do Alguarve, e acrecentou aho Escudo Real de sinquo Quinas, ha orla dos Castellos douro em campo vermelho, como em sua Coronica aho diante se diràa, e para remover, e declarar algumas

algumas duvidas que nas Coronicas dos Reys de Portugual podem occorrer.

Hee de ſaber, q̃ ElRey D. Affonſo Anriques, primeyro Rey deidade de dezoyto annos, q̃ avia quãdo ho Conde D. Anrique ſeu Padre faleceo, atée aver quorenta e ſinquo annos, ſe chamou Ifante, e aſſi em quanto regeo ſua terra, ha Rainha Dona Thareja ſua Madre, ha qual por ſer filha delRey D. Affonſo deſte nome, ho ſexto de Caſtella, aquelle que guanhou Toledo ahos Mouros ſempre ſe chamou Rainha, e ho dito Conde D. Anrique ſeu marido, nunqua mudou, nem accreſcentou ho nome de Conde, e depois que D. Affonſo Anriques ſeu filho nom conſentio, e ha privou de ſua governança, elle ſe chamou Principe dos Portuguezes, e de idade de quorenta e ſinquo annos que avia quando venceo ha batalha do Campo Dourique, e foy pelos nobres Cavalleyros ſeus, que tinha ahy levantado por Rey, atée aver oytenta e ſinquo annos, ſe chamou, e intitulou Rey de Portugual, por ſua ſóo vontade, e com acordo dos Grandes, e Povo do ſeu Reyno, e nom foy por authoridade dos Reys de Caſtella, nem conſentimento como em algumas Coronicas Caſtelhanas craramente eu ho vi eſcrito, e deſtes oytenta, e ſinquo annos atée aver idade de noventa e hum, em que faleceo ſe intitulou Rey de Portugual por authoridade, e aprovaçaõ do Papa Alexandre III. ho qual para ho dito Rey D. Affonſo de Portugual ho primeyro, e aſſi todos ſeus ſobceſſores ho poderem fazer, e proſeguir, com inteyra ſuperioridade, lhe concedeo ſua Bulla Rodada autentiqua, e ſolene, que eu ſeu Coroniſta mòr vi ha qual foy dada em S. Joaõ de Latraõ, em Roma ha déz das Calendas de Junho, que hee ha vinte e tres dias de Mayo do anno da encarnaçaõ de N. Senhor Jeſu Chriſto de mil e cento e ſetenta e nove annos, e ahos vinte annos de ſeu Pontifiquado, e proviquada por Alberto Presbitero Cardeal da Santa Egreja de Roma, e Chançarel della, com Impoſiçaõ, e Cenço delRey, e ſeus ſobceſſores, darém em cada hum anno à Sée Apoſtoliqua dous marquos douro, q̃ hos Arcebiſpos de Bragua, que pelos tempos foſſem em nome dos Papas, aviaõ em cada hum anno de receber: mas eſtes marquos douro, em noſſa memoria ſe nom acha que ſe paguaſſem, nem outra couſa por elles, antes ſe crée, que pelos muitos, e muy aſſinados ſerviços, que hos Reys de Portugual, como filhos ſobre todos muy obedientes, loguo, e deſpois ſempre fizeraõ à Sée Apoſtoliqua, e aſſi outros por defençaõ de exalçamento da Santa Fée; ſejaõ, como ſaõ deſta pagua para ſempre livres, e relevados, aſſi q̃ neſte Mayo deſte anno de Chriſto de mil e quinhentos e treze, em que eſta Coronica ſe começa, ſe cumprem, e acabaõ trezentos e ſe- 1179. 1513.

tenta e ſinquo annos que Portugual hee Reyno, e haa trezentos e trinta e quatro que foy aprovado por Reyno, izento como hee, nom reconhecente ſuperioridade ha outro algum.

Aho tempo que ElRey D. Sancho aſſi foy levantado por Rey avia quatro annos, que era jàa cazado com ha Rainha Dona Doce ſua mulher filha delRey D. Reymon Rey de Araguaõ, e Conde de Barcelona, e da Rainha Orraqua ſua mulher ha qual em algumas memorias mais antiguas ſe chama ha Rainha Dona Doce, e em outras mais modernas ſe chama ha Rainha Dona Aldonça: mas eſto nom faz contradiçaõ porque em ſuſtancia ho nome hee todo hum, e della ElRey D. Sancho tinha jàa ho Ifante D. Affonſo ſeu filho primeyro, e erdeyro, e aſſi outros filhos, e filhas de que aho diante farey breve mençaõ, dos quaes hos filhos barões legitimos ſe chamaõ Ifantes, e has filhas legitimas, em cazo que nom foſſem cazadas ſe chamaõ Rainhas, e aſſi eraõ nomeadas nas ſolenes doações, e contratos em que todos eraõ nomeados, e hos aprovavaõ, eſte coſtume ſe guardou ſóomente atèe eſte Rey D. Sancho, porque ElRey D. Affonſo ſeu filho jàa chamou ahos filhos, e filhas Ifãtes, ahos lègitimos de Dom, como em ſuas doações, e teſtamento parece, e hos filhos baſtardos que eſte Rey, e outros Reys depois tiveraõ, nom ſe chamavaõ de Dom, mas por diferença da baſtardia, foraõ ſóomente chamados por ſeus nomes do Bautiſmo com ſeus ſobrenomes tomados dos nomes dos Padres, ou Avoos, ſem precedencia de Dom e ſem alguma outra diferencia nem titolo de preminencia, mas aſſi como quaeſquer outros do Povo, ha ſaber Pero Sanches, e Orraqua Affonſo, e Orraqua Sanches, e aſſi hee de ſaber, que do tempo delRey D. Affonſo Anriques, atèe ElRey D. Pedro inclulive, em que ouve oyto Reys de Portugual decendentes hum do outro, todos em ſuas Cartas, Privilegios, e Doações, e quaeſquer outras Eſcrituras q̃ eraõ feytas em nome DelRey, e que nom paſſavaõ por Dezembarguadores, e officiaes decrarados, ſe punhaõ ſeus ſellos ſem aſſinarem de ſeus nomes, nem doutro algum, e ſómente ſe dizia: *ElRey ho mandou, e foaõ Eſcrivaõ ho fez.* E quando has couſas eraõ de grandes importancias, e para que compria mais ſegurança, e moor autoridade, ha ſaber: *Pazes, Cazamentos, e Teſtamentos*, punhaõ de ſuas mãos: *Eu foaõ Rey ha vi, e ſob eſcrevi por minha maõ*, porque ElRey D. Fernando filho do dito Rey D. Pedro loguo como Reynou aſſinou por ſy, poendo: *ElRey*, ſegundo nas Cartas dos huns, e dos outros que eſtaõ na Torre do Tombo neſtes Reynos de que eu Coroniſta ſou Guarda moor, todo eſto aſſi vi, e ho examiney por verdade, e eſte coſtume, e Ordenaçaõ de hos Reys

aſſina-

aſſinarem muitas couſas por ſy, ainda aguora ſe guarda, mas hee com grande differencia dos ſinaes, porque nas couſas, e Provizões que haõ de aver ſellos, aſſinaõ *ElRey*, e nos Alvaràs, e Cartas miſſivas aſſinaõ ſóomente *Rey*, e em outras couſas acordadas, que ainda requerem fazerſe outra provizaõ poendo ſeu paſſe, e em todos eſtos ſinaes depois delRey D. Affonſo deſte nome ho Quinto, que primeyro ho coſtumou, álem delles, ſinquo pontos por lembrança das ſinquo Quinas de Portugual.

CAPITULO II.

De algumas couſas, e feytos notaveis, que ElRey D. Sancho fez em ſendo Ifante.

ELRey D. Sancho aho tempo, que direytamente foy obedecido por Rey álem do Real, e antiguo Sangue dos Reys de que decendia para devidamente ſer Rey, ainda por obras, e claros feytos, jáa ſe fizera digno, nom ſóomente de erdar por direyto ha ſobceſſaõ delRey ſeu Padre que erdou, mas de ſer para ella emlegido, e requerido, nom era ſem cauſa, porque tendo ElRey D. Affonſo ſeu Padre em idade de oytenta e quatro annos correndo ho anno do naſcimento
1178. de N. Senhor em mil e cento e ſetenta e oyto annos, porque neſte tempo ſe acabaraõ humas treguoas de ſinquo annos, e de grande neceſſidade, que elle com hos Reys Mouros Deſpanha ſeus comarquãos poſera, vendo q̃ por indeſpoſiçaõ de ſua peſſoa, que por ha perna que nas portas de Badalhouſe quebrara, e por outros emcõvenientes de ſua honra, em que encorria ſe cavalguaſe, nom podia por ſy fazer ha guerra ahos infieis, aſſi como compria, e elle ſempre fizera, confiando jáa das moſtranças de diſcriçaõ, e eſforço de D. Sancho ſeu filho, que avia vinte e quatro annos porque com o exercicio das armas, e guerra jáa perfeytamente ho exprimentara, deſejando que em ſeu nome, e como ſeu verdadeyro ſobceſſor, elle proſeguiſſe contra hos infieis imiguos da Fée, ha conquiſtaçaõ legitima, e meritoria, que tinha emprendida, e com tanta triſteza leyxada por tal, que mais tempo ſe nom interrompeſſe, e meteſſe ſeu filho na dita conquiſta lhe fez ſobre eſſo em Coimbra aquella excellente falla, muy dina de tal Pay, e de Rey muy Catolico, e taõ bom Cavalleyro, ho qual Ifante D. Sancho porque ſua idade ho requeria, e ſeu coraçaõ muito mais ho dezejava, com tal obediencia ha recebeo nos ouvidos, que loguo ha paſſou ha ſeu coraçaõ, e nelle atou cõ firmes nóos de grande Fée, e ſingular Cavallaria, com que loguo tanto que foraõ percebidos hos Capitães, e gente de cavallo, e de pée, que para eſſo compria, ſe diſpoz aho caminho, e à guerra

jáa

jáa bem praticada, e refazendo-ſe na Cidade de Evora, com aſáas bem pouqua gente, para tam grande, e tam periguoſa empreza, como tomara, e ſe lhe offerecia, e com ha bençaõ, e boa ventura delRey ſeu Pay que tinha recebida, partio da hy alegre com o roſto na terra Dandaluzia, que entaõ era chea de Mouros guerreyros por onde com muy ſingular deſtreza, e ouzadia foy guerreando, e eſtraguando has gentes, e terras dos infieis, e poſto que no caminho arduas contradiçõeſ, e grandes afrontas dos imiguos recebeſſe, porém ſempre ha ſeu pezar delles, e com grandes ſeus eſcramentos paſſou ha Serra Morena ſempre vencedor, e nunqua vencido, e nunqua temeroſo, e ſempre temido, e aſſi chegou à Cidade de Sevilha ha qual por ſer Cabeça, e titulo entaõ de grande Reyno, e para preſunçaõ, e ſoberba em que eſtava de muito poderoſa, ouve por ſua grande deshonra, e incomparavel abatimento ho que aſſi ſentia com dor, e vergonha porque a todos era notorio, que depois da gêral perdiçaõ Deſpanha, que foy em tempo delRey D. Rodriguo ho derradeyro Rey dos Guodos, nunqua de Chriſtãos, ella fora guerreada, nem ſóomente viſta, ho que aho Ifante D. Sancho, e ha boa, e leal gente de Portugual que levava, acrecentou muita mais honra, e louvor, onde na crua batalha que nos arrabaldes foy aprazada, e loguo cometida, e bem pelejada nom faleceo ha D. Sancho prudencia, e acordo com que aconſelhado da ſingular gente que levava, regeo, e ordenou ſuas batalhas, nem menos esforço de valentia de coraçaõ com que nellas pelejou, ca por dar ahos ſeus clara eſperança de ſegura vitoria com ſuas mãos, e armas nom ociozas, ſeus encontros, e golpes, nom eraõ ſegundos, mas primeyros, com hos primeyros cometia has mayores afrontas, onde dos irozos braços de ſeus imiguos recebiaõ para retorno dos que dava golpes duros, e aſáas periguoſos, aly ha olhos de todos no louvado, e glorioſo officio de Capitaõ, e Cavalleyro claramenre ſe moſtrou ſer bom filho de ſeu Pay, dino de em todo ho ſoceder, aly ha calidade, e antigua bondade dármas de gente Portugueza, dava ſeguro esforço, e eſperança de vencer ho que ha ſua pouqua quãtidade de gentes tam deſigual à dos Mouros, podera por rezaõ deneguar, mas finalmente aprouve ha N. Senhor em cujo nome, e por cujo louvor, e ſerviço ha batalha foy cometida, que ella ſe acabou com muito eſtraguo, e grande mortindade dos imiguos da Santa Fée, ficando ho campo aſáaz cheo de corpos cortados de ferro, e vazios dalmas danadas, honde ho ſangue dos vencedores, e muito mais dos vencidos foy tanto que deu nova, e muy eſpantoza, corrẽte ás aguoas do fermoſo Rio de Guadalquibir aho longuo do qual, e ſobre

bre ho qual foy eſta batalha onde jáa ſem reſiſtencia, e temor dos imiguos que com medo, ſe recolheraõ ho deſpojo do campo, que de cavalos, armas, cativos, e outras riquezas, foy de grande preço, ſem eſtima, ho qual deſpojo ho dito, Ifante com muita diſcriçaõ, e mayor nobreza por vencedores, com muyta alegria loguo repartio, nom tomando para ſy, ſalvo ha honra, gloria, e louvor da vitoria, e ſobre tudo como Capitaõ prudente lhes dava aquelles agradecimentos, e louvores que por ſeus trabalhos, e ſerviços mereciaõ, com que hos contentou, e ſatisfez de maneyra, que acrecentou ſeu amor, e eſforço, para nas mayores neceſſidades que aho diante ocorreſſem, melhor ho ſervirem; e de Sevilha porque has forças dos contrairos comarquãos, pela força da batalha paſſada, fiquaraõ muito quebrados, favorecido ho Ifante D. Sancho da fortuna, e da ſua propria Fèe, principalmente guerreou, e deſtrohio muitos Luguares, e terras Dandaluzia ao longuo do maar.

CAPITULO III.

Como eſtando ho Ifante em cerquo ſobre ha Villa de Nebla, que hee em Andaluzia, hos Mouros cerquaraõ Beja, em Portugual, e ha veyo loguo ſoccorrer, e da vitoria que delles ouve.

ANdando ho Ifante D. Sancho neſta proſpera conquiſta, com vontade de ho proſeguir muito tempo, eſtando em cerquo ſobre ha Villa de Nebla, e poſta ella jáa em tanta neceſſidade, e eſtreiteza, para ha em breve tomar, foy avizado, que ha Villa de Beja que ElRey D. Affonſo ſeu Padre ahos Mouros tomara, era entaõ delles cerquada, e poſta em grande afronta, e deſte prudente ardil conſultáraõ hos imiguos para cõ elle afrouxarem ho Ifante da guerra Dandaluzia em que tam proſperamente andava, naqual couſa ho Ifante como Principe nom menos prudente que piedoſo, e esforçado, conciderando que ElRey D. Affonſo ſeu Padre, por elle Ifante ſer afaſtado, lhe nom ſeria tam facil aver gente, como para tal preſſa, e ſocorro requeria, eſpecialmente por elle trazer ha principal do Reyno comſiguo, e tambem nom lhe eſquecendo que era milhor, e ha elle mais devido, antes conſervar ho guanhado, e ſeguro, que conquiſtar ho duvidoſo, detreminou de leixar ho cerquo de Nebla, e partirſe, e ſocorrer com ſuas forças ha Villa de Beja, por ſe nom perder, e por nom dilatar muito tempo, e poder fazer ſuas jornadas com mayor preſſa, e menos torvações, apartou loguo da ſua gente aquella que lhe pareceo, com que milhor, e mais em breve podia ſocorrer, e porque ho outro ſeu Exercito viria mais vaguaroſo, e para que fiquando em

terra

terra de imiguos, ſe podeſſe ſeguramente recolher, deyxou por Capitaõ moor delle, D. Pero Paes Alferes moor, que ſe moſtrou agravado, e deſcontente por fiquar, e nom levar ſua bandeyra, eſpecialmente em caminho, e para couſa de tanta honra, e periguo como ſe offerecia, e aſſi como por ſeu officio ſempre fizera, e eſte D. Pero Paes Alferes foy filho de Payo Soares C,apata, e cazou com Dona Ervira filha de D. Eguas Monis, e de ſua mulher Dona Thareja Affonſo ha que fez, e dotou ho Moeſteyro das Sarzedas, e foy homem neſte tempo muy principal, e em feytos darmas muy eſtimado.

Eraõ Capitães, que tinhaõ Beja cerquada, Abeamazim, e Albouzil eſtimados antre hos Mouros, por bons Cavalleyros, antre hos quaes, e aſſi antre has muitas gentes que comſiguo tinhaõ, porque ſouberaõ da vinda, e ſocorro do Ifante, do que ha paſſar de Guadiana foraõ loguo certifiquados, ouve Concelhos aſáas deſvairados ca huns temendo jáa ſeu esforço, e ho favor das vitorias de Sevilha, e Dandaluzia de que vinha muy favorecido, e aſſi nom receando pouquo ardideza dos bons Cavalleyros que ho ſeguiaõ, aconſelhavaõ ha levantar ho cerquo, e nom eſperar. E outros concirando ha pouqua gente que ho Ifante trazia em comparaçaõ da muita que elles tinhaõ, receozos de receberem, por eſſo verguonhoſa deshonra, e pubriquo vituperio ainda que jáa eraõ meyos vẽcidos, aconſelharaõ eſperar, e darlhe batalha, e eſte final acordo tomáraõ para ſua mayor perdiçaõ, e para mais acreſcentar na honra, e louvor do Ifante, e na bondade, e merecimentos de ſua gente, porque achando elle Ifante hos Mouros cerquadores jáa fóra de ſeu arrayal, e eſtanças, e com ſuas azes para batalha bem percebidos, e elle aſſi como vinha de caminho, tendo jáa com pouquas palavras esforçada, e bem avizada ſua gente, ferio nelles tam rijamente, e com tal eſforço, que poſto q̃ ha batalha foſſe loguo da ſua parte, e da outra bem ferida, e periguoſa, porém ha pouquas oras, aquelles dous Capitães Mouros principaes que dice, foraõ ambos mortos, e ſua gente rota, e deſtroçada, e poſta em fugida, no alcance da qual, que foy curto, hos Chriſtãos mataraõ, e cativaraõ muitos, e tornaraõ-ſe vitorioſos ha roubar ſeu arrayal em que acharaõ muito, e muy riquo deſpojo pelo qual ho Ifante vendo de ſua jornada ho efeyto tam proſpero, recolheo ſua gente, e aſſentou ſeu arrayal fóra da Villa, e depois de dar pela vitoria infindas graças, e louvores ha N. Senhor elle tambem ahos Chriſtãos cerquados, que com muita alegria, ho ſayraõ ha receber, e viſitar, deu ſingulares agradecimentos, que por ſua conſtante lealdade, e por tam louvada regiſtencia mereciaõ, dizendolhe mais, que ha eſtima em

que

que tinha ſuas peſſoas, e ſerviços, davaõ teſtemunho, e verdadeyra Fée, ha que loguo poderiaõ ver, e ſentir na preſſa, e deligencia que loguo pozeram, e no ſocorro tam vitorioſo como elles por ſua miſericordia, e poder de Deos, tam proſperamente lhes déra, e ſobre eſto dilatou ho entrar da Villa atée que D. Pero Paes Alferes com ha gente que em Andaluzia ſiquara, alegres, e ſeguros cheguaram ha elle, com que entrou com muito prazer, e ſolenidade na Villa, honde por algum repouſo dos ſeus ſobreſteve alguns dias, e deſpois de afortalezar ha Villa, e aſſi outros Luguares da frontaria, de armas, gentes, mãtimentos, e de toda outra defençaõ que ſentio, que compria aforrado com pouqua gente ſe foy ha Santarem.

CAPITULO IV.

Como ho Ifante D. Sancho foy em Santarem cerquado de Miramolim de Marroquos, e como ElRey D. Affonſo ſeu Padre ho ſoccorreo, e deſcerquou, e mataraõ ha Miramolim.

ESTando aſſi ho Ifante em Santarem com propoſito de hir viſitar, e fazer reverencia ha ElRey ſeu Padre, que era em Coimbra, e darlhe conta de ſua viagem, ſobreveyo loguo, que Abuaxam Almohadim, ho ſegundo Miramolim de Marroquos por vinguãça das mortes, cativeyros, e males que hos Mouros da Eſpanha por ElRey D. Affonſo Anriques, e por elle Ifante D. Sancho ſeu filho recebidos tinhaõ, de que ha parte da Luſitania por elles entaõ ſogeyta, e ho Alguarve com grandes lamentações, e verdadeyras cauſas de ſua deſtroiçaõ ſe enviaraõ querelar, detreminou paſſar em Eſpanha, e fazer loguo guerra ha Portugual, e deſtroilo ſe podeſſe, para que ajuntou comſiguo das gentes dáquem, e dálem maar, treze Reys Mouros, e com tanta gente de infieis, e de nações armas, e trajos tam deſvairados, como atèe entaõ, ſegundo teſtemunho dos mais antiguos, nunqua outra tanta ſe vira junta, hos quaes entraraõ pela Luſitania, que hee arriba de Odiana, e correraõ ha Eſtremadura, e ſem reſiſtencia paſſaraõ ho Rio do Tejo, e depois de por força tomarem Torres Novas, e deſtrohirem ha Villa, com outras Villas, e Caſtellos de redor em que fizeraõ muito dano, elles neſte anno que era do Nacimento de N. Senhor Jeſu Chriſto de mil cento e oytenta e quatro, cõ 1184.
ſeus poderes juntos ha mais andar, vieraõ cerquar ha Villa de Santarem, ho Ifante D. Sancho que pela pouqua gente com que ſe achou tam deſigual em numero para reſiſtir aſſi contra hos infieis foy poſto em grandes, e duvidoſos penſamen-

tos, e porem porque era ho Principe de gram coraçaõ, e ha que semilhantes afrontas jáa nom eraõ has primeyras para com ſua quebra ho ſaltearem, eſforçandoſe principalmente na piedade de Deos, cuja era ha empreza, e de ſy na experiencia, e bondade, e lealdade dos Portuguezes, que com elle eraõ detreminou nom leyxar ha Villa, e eſperar nella ho cerquo, e batalha, qual ſe ſeguiſſe, e para receber hos combates, que loguo eſperava nom ſe quiz afortalezar dentro nos muros da Villa, nem Dalcaceva, que entaõ era taõ ſóomente cerquada, e que em tal tempo era, e mais ſegura eſperança de ſua ſalvaçam, mas por milhor amoſtrar ſeu animo nom vencido, e acreſcentar mais na honra da vitoria, q̃ ſe aparelhava aguardou, e ſe ſoſteve ſempre nos arrabaldes da Villa em palanques, e eſtancias, que com madeyras ſóomente afortalezou, honde por ſinquo dias continos foy de combates mortaes aſáas afrontado, e elle ferido, nom ſem muita perda com mortes, e feridos de ſeus bons Cavalleyros, e leaes Vaſſallos, que nom acabavaõ has vidas ſem dobrada vinguança de ſeus imiguos.

Aho tempo deſte cerquo, ElRey D. Affonſo Anriques era em Coimbra em idade de noventa annos porque dahy ha hum anno loguo faleceo, e ſabendo da vinda de Miramolim vendo loguo de futuro como prudente, como exercitado guerreyro, que de alguma grande afronta de combates, ou batalha ho Iſante ſeu filho neſte cerquo ſe nom podia eſcuzar, poſto que ha carne por ſua fraqueza, e grande velhice, jáa bem nom podia obedecer ha bondade, e viveza de ſeu eſpirito, porém no amor de tal filho, e na lembrança de ſeu periguo, que ho eſforçava, aparelhou ha mais gente que pode para que com ſua peſſoa, poſto que taõ cançada foſſe dar loguo ha ſeu filho ſoccorro nom menos neceſſario, que piedozo.

Sabendo hos Mouros, que ElRey D. Affonſo era jàa na Villa de Porto de Moos, com firme detreminaçaõ de deſcerquar ſeu filho, e darlhes batalha, ſe compriſſe, elles para exprimentar ſe cobrariaõ primeyro ha Villa, ante de ſua cheguada deraõ ſeus combates ahos palanques do Iſante, com forças, e preſſas dobradas honde de huma parte, e da outra ſe davaõ, e recebiaõ muitas mortes, e feridas, e grandes danos, e achando nos Chriſtãos taõ grandes forças com tanta, e taõ acordada reſiſtencia deſeſperaraõ loguo de cobrar ha Villa, e temendo com eſſo ha cheguada delRey D. Affonſo nom ſóomente afroxaraõ loguo dos cõbates, mas muitos do arrayal jáa como deſeſperados ſe partiaõ, e eſte conhecimento que do medo, e fraqueza dos Mouros loguo ſe tomou, dobrou ahos Chriſtãos tanto eſforço, que muy acezos para vinguãça hos cometeraõ muy rijamente,

mente, e por força hos afaſtaraõ de ſeus palanques, e eſtancias ordenadas, e hos fizeraõ dahy recolher aho luguar, e monte Dabbade, e ho Iſante eſtando ainda duvidoſo, e nom bem ſeguro de Miramolim com mayores forças tornar aho cercquo, e combates ſobre elle, nom ſabendo, nem eſperando ho ſoccorro, que lhe vinha, apareceo ElRey D. Affonſo ſeu Pay aſſentado em hum carro acompanhado de ſua gente mais esforçada, e Real, que muita, e todos guiados de ſua bandeyra Real, em que ho Iſante, e hos Chriſtãos por ſer ella guarnecida de tantas, e taõ grandes vitorias loguo viraõ huma certa confiança de ſegura vitoria, pelo qual muy alegres, e com ella fauorecidos cavalguaram, e ſem detença ſe ajuntaram ha ElRey, ſem ſe paſſar tempo em contas de couſas paſſadas, nem ſe fazerem antre elles has reverencias, e acatamentos devidos, mandou loguo mover has batalhas contra hos Mouros, em que feriraõ tam ſem medo, e com tanto esforço, que em pouquas oras foraõ todos desbaratados, e vencidos, e hos mais dos Reys Mouros que aly vieraõ, mortos com muitos outros dos mais principais, e na outra gente ſe fez grande eſtraguo, e Miramolim de tais feridas foy ferido, que em paſſando ho Tejo dellas morreo, e nas Coronicas dos Mouros ſe affirma, que hum piam Portuguez ho matou eſtando ſobre Santarem, e por vinguança da morte de Miramolim, entrou loguo em Eſpanha Habuhalh-Moady, tambem terceyro Miramolim de Marroquos, eſte foy ho que venceo ha batalha de Lharquos ha ElRey D. Affonſo deſte nome ho Noveno de Caſtella, de que hos Chriſtãos receberaõ muita perda, e Eſpanha eſteve outra vez em ponto de ſe perder, mas eſte Miramolim morreo, e ha poz elle ſoccedeo outro Miramolim ſeu filho, que diziaõ Abemtuafomas, e eſte tornou ha ſer vencido por ho meſmo Rey D. Affonſo, na outra muy celebrada batalha, que ſe diz nas Naves de Toloſa acerqua Dubeda em Caſtella pela qual batalha hos Mouros ſiquaraõ em grande eſcarmento, e de huma batalha ha outra ouve deſpaço dezaſete annos como nas Coronicas de Caſtella eſto mais larguo, e mais proprio ſe declara, e torno às couſas de Portugual.

Como eſta vitoria, e deſcerquo de Santarem foy taõ proſperamente acabado, ElRey, e ho Iſante volveraõ ſobre ho arrayal dos Mouros, e ho deſpojaraõ em que acharaõ requiſſimo deſpojo de muito ouro, e prata, e de tendas, Camelos, Cavalos, armas, e infindos cativos com que entraraõ na Villa riquos, vitorioſos, e alegres, dando muitas, e muy merecidas graças ha noſſo Senhor por vitoria taõ milagroſa, e deſpois que ElRey ſobre eſte taõ louvado, e taõ glorioſo trabalho quiz repouzar, ho Pay, e ho filho ſe deceraõ, e ho

Ifante deſpois de lhe beyjar has mãos lhe deu particular conta das grandes couſas que em Andaluzia, e em Beja, e neſte cerquo paſſara com que ha alma delRey ſe alegrava, nem eraõ ſeus ouvidos fartos de has ouvir, pelas quaes perfeyçõẽs, e muitas bondades, que em ſeu filho ſentia, e com taõ claras experiencias de jáa nom ſerem duvidozas tendo nelle hos olhos de lagrimas de muito prazer, e alegria lhe dice.

Filho Deos noſſo Senhor ha que nada ſe eſconde, ſabe que neſta ora em que vos vejo, eu nom ſey ſe por ſerdes meu filho, ou por has bõdades, e virtudes, que em vós conheço vos deva mais amaar, mas por eſſo ho louvo mais por ambas eſtas obriguações, e reſpeytos que quiz ajuntar em vós, para com rezaõ vos ter por ellas dobrado amor, ſe em mim ſe podeſſe dobrar. E deſpois de proverem has couſas deSantarem como compria, ambos juntamente ſe partiraõ para Coimbra, onde apouquos dias ElRey com ſua alma jáa deſcançada, e ſatisfeyta das couſas deſte mundo, e para has do outro em todo deſcarreguada, e limpa ha deu ha Deos que lhe daria eterna bemaventurança, e aſſi he de crer piedoſamente, e ho Ifante D.Sancho foy loguo alevantado por Rey, como acima jáa brevemente dice.

CAPITULO V.

Das couſas em que ElRey D. Sancho nos primeyros annos loguo entendeu de ſeu Reynado, e como neſte tempo ha Santa Cidade de Jeruſalem foy dos infieis tomada, e do que ElRey ſobre eſto fez.

NOs primeyros tres annos do Reynado delRey D. Sancho entendeo elle em defender com has armas ſeu Reyno, e governalo direytamente com juſtas leys, porque para huma couſa, e para outra tinha ſingular perfeyçaõ, porque era Principe Catholico, e muy amiguo de Deos esforçado, bom, e prudente, e de bom juizo, e muito amado de ſeu povo, e principalmente procurou que ho Reyno para has couſas temporaes foſſe bem aproveytado, e que hos homens naturaes delles ſendo fóra das guerras e afrontas neceſſarias nom ſe deſſem ha vicios, e ocioſidades, mas que viveſſem por ſeus trabalhos, e para eſſo deu muitos foraes, e muy favoraveis ha muitas Cidades, Villas, e Luguares do Reyno, que elle novamente fundou, povorou, e fortalezou, como aho diante direy, e aſſi fez muitos emprazamentos de terras, e reguenguos ha muitas peſſoas particulares, e tanto goſto tomava, e cuidado no aproveytamento,

to, e bem feytorias da terra, que géralmente nom ſem cauſa era chamado Lavrador, e no cabo dos tres annos andando ha era de Cezar em mil duzentos e vinte e ſeis annos, em ho anno do Nacimento de N.
88. Senhor de mil cento e oytenta e oyto annos, ha Caza de Jeruſalem por Saladino Soldam do Egypto, e imiguo da Fée ultimamente foy tomada, e porque ElRey D. Sancho com hos outros Reys, e Principes Chriſtãos, para ha recobrarem foraõ dos Papas com grande inſtancia exhortados, e requeridos, para eſto melhor ſe entender farey deſſo algum fundamento breve, muy alto.

Para ho q̃ he de ſaber, q̃ no anno de N. Senhor de mil e noventa e dous hũ Pedro Ermitaõ, de naçaõ Francez, baraõ Religioſo de ſanta vida, e muy esforçado, vindo da Terra de Suria, e Cidade Santa de Jeruſalem achou em França ho Papa Urbano II. aqui por Catholicas querelas, e grandes lamentações que lhe fez ſobre ho vituperado cativeyro do Santo Sepulchro, e do deſprezo, e mao trato de ſeus Meniſtros, eſtando tudo por fraqueza dos Fieis em poder de Calipha Mouro tyrano, e muy poderoſo, e comoveo ha fazer como fez ſolene, e géral Concilio em França na Cidade de Claromonte em Alveinja, onde comoveo para eſta conquiſta, e aſſi todolos Reys, e Principes de Europa, que aly neſta ſanta expediçaõ ſe apartaraõ principalmente Guodufre de Balhaõ Duque de Lotorigia, e Baldovino ſeu irmaõ, e ho Conde D. Reymaõ de S. Gil, genro delRey D. Affonſo VI. de Caſtella, cazado com Dona Ervira irmãa da Rainha Dona Thareja madre delRey D. Affonſo Anriques, e ho grande Huguo irmaõ delRey Fellippe de França, e ho Principe de Milam, e Bermudo irmaõ de Rogerio Duque Dapulha, e hum filho de Vital Michael Duque de Veneza, com grande frota, e aſſi ha Cidade de Genoa, com muitas Gualés, hos quaes todos ſegundo ha géral eſtimaçaõ, que ſe fez, refizeraõ para eſta conquiſta trezentos mil homens que de huma Cruz vermelha foraõ todos aſſinados, e cruzados em nome do Papa.

Foy por ſeu Deleguado no Exercito Hadamaro Biſpo Podienſe Baraõ em todo muy ſingular, e ho ſobre dito Pedro Ermitaõ tomou ſobre ſy ha Capitania de muita, e muy esforçada gente, ha q̃ ſe ajũtou Reynaldo Capitaõ dos Alemães, que ſua via para Alemanha, e Ungria, e hindo para terra entraraõ ha Suria, e com grandes revezes, e fadiguas de mortes, e cativeyros que nos caminhos padeceraõ, finalmente cheguaraõ ha Jeruſalem, e hos outros Capitães ordenados com ſuas gentes paſſaraõ hos Alpes, e depois de viſitarem ha Roma, e receberem ha bençaõ, e abſolviçaõ do Papa, ſe deſpediraõ, e embarcaraõ em Italia, e aſſi todos

ſe

ſe ajuntaraõ ſobre ha Santa Cidade, ha qual por longuos tempos, e grandes antrevalos cobraraõ, e ha tiraraõ do poder do dito Calypha, que ahy morreo, ſendo tambem deſtroçados, e vencidos outros Reys barbaros, e feyto nelles taõ grande eſtraguo, e em ſuas gentes, que ho ſangue, ſegundo fée de dinos eſcritores dava nas ruas da Cidade pelos artelhos dos pées dos homens, e eſto foy no anno de N.
1099. Senhor de mil e noventa, e nove, e do cativeyro de quatro centos e noventa annos, quando tendo nella ho imperio, e ſenhorio Heraclio foy dos infeis primeyro tomada.

E por concordia, e prazer de todolos Principes, e Senhores Chriſtãos, que neſta expunhaçaõ eraõ preſentes foy alevantado por primeyro Rey de Jeruſalem ho dito Duque Gudufre de Bulhaõ ha que ſe deu em Belem ha obediencia com grandes, e ſantas ceremonias no anno de noſſa ſalvaçaõ de mil
1101. cento e hum annos, e neſte alevantamento porque com huma coroa douro muy riqua ho quizeraõ coroar, e elle ho nom conſentio, e ha deſprezou, dizendo, que nom era couſa dina homem Chriſtaõ ſendo terreal teer em ſua cabeça Real coroa douro, naquelle luguar onde ho Divino Rey dos Reys, por ſalvaçaõ da geraçaõ humana ha tivera na ſua com eſpinhos taõ aſpera. Fée Rey Gudufre, e ſeis Reys de Jeruſalẽ, q̃ ha poz elle Reynaraõ, dos quaes Guido Rey foy ho derradeyro, tiveraõ ha Caza Santa com grande honra, e muita gloria, e louvor da Religiaõ Chriſtãa atèe oytenta e oyto annos, no cabo dos quaes foy della Rey muy ſingular, e muy eſforçado Baldovino ho leproſo, deſte nome ho quarto, e dos Reys de Jeruſalem ho ſetimo, que por ſua incompativel enfermidade nom cazou, e fez herdeyra no Reyno Sebila ſua irmãa mayor, que loguo cazou com Guilhelmo dito por alcunha longua eſpada, filho do Marquez de Monferrado, que ha pouquo tempo faleceo, e fiquou delle, e de Sebila ſua mulher hum filho chamado tambem Baldovino, ha qual Sebila ainda em vida de ſeu irmão Baldovino cazou ha ſegunda vez com Guido de Louſinhãa; homem muy principal aho qual, e aſſi ha D. Reymaõ Conde de Tripuly ho dito Rey Baldovino deu ha tituria do menino Baldovino ſeu ſobrinho com fée, e juramento, que tanto que foſſe em idade para por ſy reger, lhe entreguaſſe ho Reyno, que elles em tanto aviaõ de guovernar, e defender, mas como ElRey Baldovino ho leproſo faleceo, Guido, e Sebila ſua mulher nom conſentiraõ ho Conde de Tripuly na guovernaçaõ do Reyno, q̃ em nome do menino ſe havia de fazer, ho qual ha oyto mezes depois da morte do tio, tambem loguo faleceo, cuja morte ſua mãy encobrio, atèe que por dadivas, e promeças concordou com ho Patriarca dito Arnulpho, e com hos mais

dos

dos Senhores daquelle Reyno, que Guido ſeu marido foſſe emlegido, e alevantado por oytavo Rey de Jeruſalem, naquella eleiçaõ, e obediencia ho ſobredito D. Reymaõ nom conſentio antes ho contradice, e havendo entre ſy muitas differencias, e começos de grandes imizades, partio de Jeruſalem, e ſe lançou com ho graõ Soldaõ de Babilonia, e muita gente com elle, da qual couſa por elle ſer muy principal, e de grande authoridade, ſe ſeguio grande mal, e total perdiçaõ do dito Guido Rey, e de todolos outros Chriſtãos da Terra Sãta porq̃ Saladim Rey barbaro Mouro no Egypto muy poderoſo, ſendo deſta divizaõ, e diſcordia dos Chriſtãos certifiquado, ajuntou grandes exercitos de infieis com que loguo conquiſtou, e cobrou ſem reſiſtencia muitas Cidades, e terras do Reyno de Jeruſalem, e veo pòr cerquo ha Cidade Deſcalom, onde por mais forte eſtava ElRey Guido, e ho Meſtre do Téplo, cujas peſſoas deſpois de perlonguado ho cerquo por condiçaõ, e partido forçados, e ſem ſuas vontades foraõ pelos da Cidade entregues ha Saladim, por dar por eſſo como deu ha vida ha todolos outros, que na Cidade eraõ cerquados, e com eſta vitoria, e deſtroço dos Chriſtãos, ho dito Saladim foy loguo cerquar ha Cidade de Jerũſalem, que temorizada com ſeus defençores das mortes, e cruezas por outra jáa padecidas, e deſeſperada do ſoccorro, nem outra ajuda, ſem afronta, nem eſtreyto combate ſe lhe deu, tomando hos de dentro has ſoos vidas por partido, com ho que às coſtas podeſſem levar de ſuas fazendas, e eſta miſeravel tomada, e doloroſo cativeyro da Santa Cidade de Jeruſalem foy ha dous dias Doutubro, do anno de N. Senhor de mil cento e oytenta e oyto, que foraõ oytenta e oyto annos deſpois que do Duque Gudufre fora tomada, e com muita proſperidade, e grande louvor da Chriſtandade poſſuida como atraz jáa toquey. 1188.

CAPITULO VI.

Como ha ſegunda paſſagem que por ſoccorro da Caza Santa ſe fez, e ho que della ſuccedeu.

DAs gentes, que das inhumanas cruezas, e grandes cativeyros dos infieis, ſalvaraõ has vidas cada hum por ſalvo conduto dos barbaros outorguados ſeguiraõ ho caminho, que ſuas vontades, ou ſuas venturas lhes entaõ milhor ordenou, antre hos quaes muitos que vieraõ ha Europa loguo ſe foraõ lamentar ſobre ho cativeyro, e redençaõ do Santo Sepulchro ahos Papas Urbano ho ſegundo, e Gregorio ho outavo, cuja morte breve, e anticipada, que lhe ſobreveyo, atalhou ſeus deſejos, que para ho

efeyto deſto moſtraraõ muy ferventes, e ho Papa Clemente III. que hos ſuccedeu, ainda que pouquo viveſſe, comoveo em ſua vida grandes exercitos de muitos Reys, e Principes Chriſtãos que paſſaraõ ha ultra maar, em que era ho Emperador Federiquo, e Felippe Rey de França avoo delRey S. Luis, e Ricardo Rey Dinglaterra, e ho Duque de Borgonha, com outros muitos Duques, e Condes, e Senhores de nobres titulos, e grandes potencias de toda ha Chriſtandade hos quais antre ſy por eſcuzarem competencias, e ſem alguma contradiçaõ emlegeraõ por ſeu Capitaõ geral ha Bonifacio Marquez de Monferrado, que era auzente por ſer homem prudente, muy esforçado, e de grandes experiencias para tal carguo, e ſendo todos paſſados ha ultra maar como quer que nom cobraram ha Caza, e Cidade Santa de Jeruſalem; porém fizeraõ tam grandes danos ahos infieis, que ſendo ho tyrano Saladim em muitas batalhas pelos Chriſtãos deſtroçado, e eſtando jáa em condiçaõ, e penſamento de lhes entregar ha Santa Cidade, aconteceo por deſavẽturado caſo q̃ ho Emperador Federiquo faleceo, ha poz cuja morte ouve ſobre ho Principado de Jeruſalem tantas diſſençõẽs antre ElRey de França, por diſcontente do negocio ſe tornou para ſeu Reyno, e ElRey Dinglaterra fiquou por alguns dias fazendo crua guerra ahos infieis, e detreminando cerquar ha Cidade de Jeruſalem, e cobrala com ſuas forças, e porque ſobrevieraõ grandes invernadas, e por eſſo muitas gentes de ſeu exercito ſe partiraõ, mudou ſeu propoſito da guerra, e fez com Saladim pazes temporaes, de que ouve ſegundo teſtemunho de muitos, grãde ſoma de dinheyro, com ha qual tornando-ſe para Inglaterra no caminho foy de Chriſtãos Dalemanha ſeus imiguos prezo, e cativo, e deſpois reſgatado por mayor riqueza do que recebeo.

Mas ho louvado Capitaõ Bonifacio com aquelles Chriſtãos que ho quizeraõ ajudar nunqua leyxou ha empreza gaſtando nella todo ho que tinha, atée ſobre eſto vender ha Venezianos ha Ilha, e Senhorio de Candea, que era ſua, por dinheyro apreçado para em alguma maneyra ſoſter ha gente darmas, que por fée, e devaçaõ ho ſeguiaõ, em cuja Capitania ha conquiſta de ultra maar, e guerra della durou alguns tempos, ſoſtendo, e defendendo alguns Luguares que pelos infieis nom foraõ tomados. Ha qual guerra durou aſſi atée ho tempo do Papa Innocencio Terceyro, q̃ fazendo grande, e univerſal Concilio em Roma à cerqua de S. Joaõ de Lataraõ ſobre ha guerra dultra maar, e recobramento da Caza Santa, ſobre ha juſta concordia que ſe tomou, enviou ſeus Breves, e com elles Bullas da Cruzada ha todolos Reys, e Principes de Europa, antre hos quais foy ElRey D. Sancho,

que

que ouve tambem ſeu Breve aſáas longuo, cuja copia chea de lamentações, e de rezões muy evidentes, eſcuſo declarar aqui, porque ha cauſa para Chriſtãos era muy juſta, e ſanta, e has neceſſidades para remediar eraõ urgentes, e muy piedoſas, ſóomente abaſta ſaberſe, que com toda ha efficacia, lhe ſenifiquou ha ultima deſtroiçam da Caza Santa, e ho comuniquou, e exhortou para cobramento della, com outorgua, e conceſſaõ de plenarias Indulgencias ahos que láa foſſem, e tambem ahos que para tam ſanto ſoccorro, e juſta expediçam deſſem ajudas de gentes, e dinheyros.

E com eſta meſſajem do Papa ſobre caſo tam triſte, que ElRey D. Sancho recebeo foy muy anojado, e nas couſas de ſua muy real Peſſoa, e Corte, moſtrou tanto ſentimento, quanto ſe eſperava de tam bom, e Catholico Rey, como elle era, e tendo Concelho ho que em tal tempo, e tal caſo ſe devia fazer, ElRey em quanto tomava Concelho de ſy meſmo, e de ſua devaçaõ, e do deſejo que tinha da cabar ajuda em ſemelhante conquiſta de tanto ſerviço de Deos para merecimento, e ſalvaçaõ de ſua alma, pareceolhe couſa juſta leyxar ſeu Reyno, e levar delle todo ſeu teſouro, e gente, e armas, e poder, e ſeguir ha empreza dultra maar por redençaõ da Caza Santa, mas aconſelhado da rezaõ que lhe apreſentou hos muitos inconvenientes, e grandes males, que nom ſóomente ha ſeu Reyno, mas ha toda outra Religiam Chriſtãa pelos Mouros Dafriqua, e da Eſpanha principalmente ſem reſiſtencia ſendo auſente ſe podiaõ ſeguir, ouve entam ha ida de ſua Peſſoa, e ajuda de ſuas gentes por muy perjudicial, e em grande deſſerviço de Deos, e de ſua ſanta Fèe, ho que nom era ſem cauſas muy conhecidas, porque ha moor parte de ſeu Reyno de Portugual tinha Mouros imiguos, por fronteyros, e continos guerreyros, que por males ſeus recebidos, procurariam loguo ſua vinguança, como elles por ſeu dobrado mal, que receberam, muitas veſes cometeram, eſpecialmente tendo por ſy, e em ſeu favor toda ha potencia Dafriqua, com vivo deſejo, e tam crua, e antigua imizade para ha ſegunda deſtroiçam Deſpanha, pelo qual concirou, que nom ſeria total ſegurança da Chriſtãdade cerraremſe has portas da guerra Dazia com ha conquiſta de ultra maar, e abriremſe has de Europa em Eſpanha, para mais conhecida, e mais facil deſtroiçam da Religiam Chriſtãa. Has quaes rezões, e eſcuzas delRey D. Sancho emviou loguo por ſua parte aho Papa, e aho ſagrado Collegio dos Cardiaes, e ahos Principes, e ſenhores, que para eſta conquiſta eram aparelhados, remetendo tudo ha ſeu bom Concelho, e madura detreminaçam, hos quaes ſem longuo exame, nem muitas altercações louvàram, e aprovaram

ſeu conſelho, e ſanta, e prudente tençam, e ouveram por bem que fiquaſſe, e nom foſſe.

CAPITULO VII

Do que ElRey D. Sancho fez depois da eſcuza dultra maar, e como foy cerquar Serpa, e deſpois ha Cidade de Sylves, q̃ era de Mouros.

ELRey D. Sancho por aſſi fiquar, e nom hir com hos outros Reys, e Principes neſta conquiſta pareceo claramente que recebeo, e fiquou com muita triſteſa, mas porque eſta ſua devaçaõ para guerra tam piedoſa nom pareceſſe eſteril, e izenta de algum beneficio nom leyxou por eſſo de fazer, e enviar grandes ajudas, e eſmolas ha Jeruſalem para ſe manter, e nom deſiſtir da ſanta guerra, e âlem deſſo para mayor perpetuidade della, deu em ſeu Reyno ha muitas Villas, e terras novas, que entaõ eram do Eſprital de S. Joaõ, e do Templo de Salamaõ em Jeruſalem, para repairo do Santo Sepulchro, cujas rendas ſe arrecadaõ pelos Meſtres, e Priores que pelas ditas Ordens em cada hum Reyno eram deputados, e álem deſtas teſtemunhas verdadeyras de ſua grande fée, e ferveute devaçaõ porque ellas ainda nom ſatisfaziaõ ha bondade, e grandeza de ſeu coraçaõ, determinou pois hos dultra maar aviam de trabalhar por acreſcentamento, e louvor da ſanta Fée, que elle tambem em ſeu Reyno nom eſtiveſſe ocioſo, pelo qual has treguoas, que por algum tempo tinha com hos Mouros aſſentadas has mandou loguo alevantar, e com ſuas gentes, que loguo ajuntou correo, e deſtroyo em peſſoa has terras dos infieis na frontaria Dandaluzia, e da volta jáa ſobre ho Inverno, veo pòr cerquo ſobre ho Caſtello de Serpa, que por dias combateo, e poz em grande afronta, com danos, e mortes dos cerquados.

Mas por chuvas, e grandes tempeſtades, que loguo ſobrevieram, alevantou o cerquo, e parece que daquella vez nom tomou ha Villa, e por ha eſte reſpeyto ſer tomada ha Caza Santa como dice, acertou que no anno ſeguinte na era de N. Senhor de mil cento e noventa e nove, muitos Chriſtãos nobres das terras de Ponente de nações deſvairadas, ha ſaber Alemães, e Framenguos, e Francezes, ſendo em ſuas terras pelo Papa exhortadas para ſanta paſſagem de Jeruſalem, como ho foraõ todolos outros Chriſtãos movidos por devaçam, como bons Catholicos, e para mayor merecimento de ſuas almas ſe meteraõ em ſinquoenta e tres Naos para yrem ajudar ha ſervir na dita conquiſta, e ſendo em maar ha travez Deſpanha, deu nelles huma grande, e periguoſa tromenta, que para ho que ſe ſeguio, foy aſaas piadoſa, 1199.

doſa, e bem aventurada, com força da qual, e ſem ſuas vontades delles veo ao ſingular, e ſeguro porto da Cidade de Lisboa, aho qual tempo ElRey D. Sancho era em Santarem, e ſendo avizado da vinda, e eſtada da frota por ſaber da naçaõ das gentes que nella eraõ, com que fundamento, e propoſito vinham, ſe veyo ha Lisboa, e deſpois de ſaber delles em certo ſeu ſanto propoſito, ouve deſſo grande prazer, e em ſua peſſoa lhe louvou muito, e ſobre eſſo hos mandou honrar, e aguaſalhar com ha honra, e aquella abaſtança de mantimentos, e refreſquos, que ſeu deſtroço deſejava, e como à grandeſa, e eſtado de tal Rey pertencia, e porque ho tempo por huma ordenança, e premiſſam Divina foy à frota, e à ſua naveguaçaõ muitos dias contrairos para nom poderem ſair, e fazerem ſua prepoſta viagem, ElRey pratiquou com hos principaes delles huma deliberaçam, que deſpois de ſaber ſua vinda àquelle porto comſiguo meſmo loguo maginou, e com alguns ſeus, deſpois ha conſultàra, ha qual era hirem todos juntamente ſobre algum Luguar principal dos Mouros, que na coſta do maar eſtiveſſe, e com ha ajuda de Deos, e ſuas forças trabalhaſſem de ha tomar, e que para eſta obra tam ſanta podiam direytamente com mudar ſeus votos, e deſejo, que traziam de na meſma guerra contra hos infieis ſervirem ha Deos, e ainda que ſua providencia parecia para outro fim, nom premetia ſua tardança, ho que ahos Eſtrangeytos principaes loguo pareceo bem, e deſpois por acordo que antre ſy todos tiveram, ho aprovaram, e apontando ElRey hos Luguares dos infieis ſobre que deviam de ir, nom ſe achou outro contra que houveſſe mais rezaõ que ha Cidade de Sylves no Alguarve porque era Luguar grande, e junto da coſta do maar, em q̃ hos imiguos coſſayros achavam provizões, e amparo, e dahy ſayaõ ha fazer ſuas prezas ha deſvayrados Luguares em que danifiquavam muito ahos Chriſtãos, e por eſtes males para q̃ na Cidade avia grande diſpoſiçaõ, e que hós Eſtrangeyros foram repreſentados lhes prouve que eſta foſſe, ha que foſſem combater, e tomar mais que outra alguma, e ſobre eſſo antre ElRey, e elles foy concordado, que dando Deos ha Cidade em ſeu poder que ElRey em ſua parte ha ouveſſe com ſeu ſenhorio, e elles levaſſem todo ho deſpojo que ſe nella tomaſſe, e deſto ſe fizeram antre todos ſeguranças devidas, e firmes, e tanto que antre elles eſto foy aſſentado porque ElRey tinha alguma ſua gente preſtes mandou em tanto cõ ella por terra ho Conde D. Mendo, que ſe dizia ho Souzam, ſeu vaſſallo, e natural que no Reyno de Portugual àquelle tempo era ho mayoral, e mais principal Senhor, porque era biſneto delRey D. Afonſo Anriques, filho de D. Gon-

çalo de Souza que cazou com Dona Orraqua Sanches filha de D. Sancho Nunes, e de Dona Tareja Affonſo filha baſtarda delRey D. Affonſo Anriques, e tinha muitos, e muy honrados filhos de que ouve genros homens de eſtima, e ordenou ElRey, que hos Eſtrangeyros foſſem por maar, para loguo porem cerquo à Cidade, e que ElRey deſpois de ajuntar mais gentes por maar, e por terra, lhe yria loguo ſoccorrer, e aſſi ſe comprio porque ho Conde com ha gente que lhe foy ordenada loguo partio, e chegou ha Sylves primeyro que ha frota.

CAPITULO VIII.

De como ha gente de Portugual, e ha dos Eſtrangeyros cheguarão ha Sylves, e lhe puzeram cerquo, e deram ho primeyro combate.

DEſpois da frota dos Eſtrangeyros arribar aho porto do maar mais acerqua de Sylves, e hos Capitães, e homens principaes della poerem ſuas gentes em terra, e aſſentarem ſeu cerquo ho Conde D. Mendo como era barão de muy nobre ſangue, e prudente, e no exercicio da guerra bom Capitaõ, e eſforçado Cavalleyro, tanto que vio hos Eſtrangeyros apoſentados hos viſitou loguo com grande prazer, e muita humanidade dizendolhe palavras de eſforço, e deſejada eſperança, com que moſtráram ſer para ſua empreſa alegres, e eſpertos, ſendo loguo juntos, lhes dice mais. *Pareceme ſenhores que ha rezaõ, e ho ſerviço de Deos porque vimos, e tambem noſſas honras nos obriguam fazermos neſta cheguada tal cometimento porque eſtes Mouros imiguos da ſanta Fée, loguo comeſſem de ver, e exprimentar com ſeu dano, noſſas forças, e que gente ſomos porque muitas veſes hum ſóo, e piqueno combate, ſe he bem apreſſado faz tal quebra, e fraqueza na fórça dos imiguos, que ſem grandes periguos, nem grandes trabalhos hos move, e faz render por vencidos, e havendo de ſer como aqui parece ſeja loguo ſem outra tardança.*

Da qual couſa muito aprouve ahos Eſtrangeyros q̃ ho louvaraõ, e aprovaraõ, porque eram homens de bom coraçaõ, e de ſuas terras vinhaõ jàa para eſſo inclinados, e oferecidos, pelo qual todos juntos, e conformes em huma vontade na boa ordenança que antre ſy praticaram, deram loguo à Cidade hum rijo combate com que entraraõ por força hos arrabaldes della, que eraõ cerquados, que hos Mouros leixando primeyro nelles muitos dos ſeus mortos, e feridos, loguo deſempararaõ, e mal acordados de meyos vencidos ſe recolheram àcerqua da Cidade, ha qual naquella volta fora dos Chriſtãos entrada, ſenom fora ha deſordenada cobiça, e principalmente dos Eſtrangeyros com

que

que eſquècidos da honra, e lembrados por entaõ da riqueza, e deſpojo que ſe lhes oferecia ha nom quizeraõ entrar, intentos, e ocupados ſóomente em roubar has muitas, e boas couſas, que pelas cazas dos arrabaldes achavam, e has recolhiam loguo ahos Navios ſem outro cuidado, e ainda deſpois de has recolherem, e ſatisfazerem ha ſeus deſejos, com tudo ho que do deſpojo milhor lhe pareceo aho mais que fiquou por ſe delle outros nom aproveytarem pozeram foguo bravo, do que deſaprouve muito ahos Portuguezes, e lhe eſtranharam como ſua cobiça, e inveja entam mereciam, por nom quererem que do que nom queriaõ, e lhes avorrecia, hos outros ſe aproveytaſſem.

CAPITULO IX.

Como ElRey D. Sancho cheguou com ſua gente por terra ha Sylves, e da outra ſua que tambem foy por maar; e dos combates que loguo ſe deram.

ELRey D. Sancho deſpois de apurar, e ajuntar ſuas gentes do Reyno apartou dellas has que lhe bem pareceram, e com ellas por terra ſe foy ha Sylves, e has outras mandou por maar em ſua frota, em que avia quarenta Gualés, e Gualiotas ha fóra outros muitos Navios, em que yaõ todalas armas, engenhos, artelharias, que compriam para cerque, e combate de huma tal, e tam forte Cidade, e aſſi muitos mantimentos aquelles que ſe bem poderam alojar, e cheguou ElRey ſobre ha Cidade no mez de Julho veſpora de Santa Maria Magdalena do anno de N. Senhor de mil e cento e noventa e nove, e neſte tempo jáa ho Iſante D. Affonſo filho mayor, e erdeyro delRey D. Sancho, e da Rainha Doce, era nacido, e avia treze annos. 1199.

Com ha cheguada, e Peſſoa delRey foram hos Chriſtãos muy alegres, e favorecidos, e hos Mouros da Cidade muy triſtes, e poſtos em duvidoſa eſperança de ſua ſalvaçaõ, e defençam, e por ElRey nom eſtar ouciozo mandou loguo com muita preſſa, e deſtreſa armar hos engenhos em torno da Cidade, e repartir ho combate das eſcalas, em que ordenou muitos beſteyros, e archeyros, e todo ho mais que compria, com que loguo por muitas partes combateram ha Cidade ſendo ElRey em peſſoa, que hos esforçava. Mas por ella ſer muito forte, e aſaas provida de gentes infieis, e bem guerreyras, e elles como deſeſperados de alheo ſocorro, e por ſalvarem has vidas, ſe defenderam por maneyra que hos Chriſtãos com muito dano que dos de dentro receberam, ſe afaſtaram dos combates porque ElRey vendo ha reſiſtencia, e força dos imiguos, e has minas de ſetas, e pedras com

que

que feriam, aſſi ho mandou, e houve entam por milhor, que emſeſtir no combate, e hos Framenguos nom menos maravilhados, que receoſos de tam periguoſos combates crendo que por minas ſecretas poderiam derocar hos muros, e mais facilmente cobrar ha Cidade, trabalharamſe de loguo has fazer de que foſſem cubertas de terra.

E paſſandoſe alguns dias neſte trabalho ſem ſe darem apertados combates, conforme ahos primeyros, hos Mouros entendendo por tal luguar, ho outro fundamento, que ſe fazia para ſua deſtroiçam, e entrada da Cidade, fizeram como prudentes outras contraminas com que atalharam o luguar onde conjenturaram que poderiam ſair hos Chriſtãos, e com muita triguança de fazer fizeram outras minas muy mais altas com devida ſegurança de nom danar ho pezo da terra ahos que ha faziam. E porque viram que hos combates da Cidade para ſe tomar à eſcala viſta como cuydaram, eram muy dificultoſos, e de grande periguo, e com iſto para mais fadigua dos cerquados, nom leyxava ElRey de mandar combater ha Cidade com todalas outras armas, e engenhos, e artilharias que era poſſivel, mas faziam pouquo dano, cà era loguo remediado, e atalhado dos Mouros, e com outros engenhos, e defezas, que ha neceſſidade (meſtra mayor de todalas couſas) em taes afrontas lhe enſinava, e neſtes combates que ElRey ordenava, hos Eſtrangeyros que nom menos eram armados darmas, que de bom eſforço, nunqua moſtravam ſinal de covardes, antes aſſi ſe offereciam ahos mayores periguos como ſe nas mortes recebeſſem pará ſempre has vidas, porque quando alguns delles neſte auto morriam, em quanto ſua alma eſtà no corpo, e podia ouvir, e entender ho que lhes diceſſem huns cõpanheyros ahos outros, ſe diziam palavras tam catholiquas, e de tanto conforto, e com tam fervente eſperança de ſua certa ſalvaçam que parecia hos vivos averem ahos mortos enveja, por tam bemaventuradamente, e por Fée de N. Senhor, e ſeu exalçamento hos verem acabar, e para devidamente ſepultarem hos ſeus que no cerquo faleceſſem, e para que às ſuas almas ſe podeſſem fazer algum beneficio, de ſacrificios, fizeram de novo hũa Egreja que hos Biſpos de Coimbra, e do Porto aly conſagraram.

CAPITULO X.

De como foy combatida, e tomada ha couraça da Cidade em que eſtava ha mais ſegurança, e mayor repayro dos Mouros.

DUrando jáa ho cerquo por tres ſemanas, e ſendo ha vitoria dos cerquadores, e cerquados muy duvidoſa porque ElRey determinou

treminou nom ſe alevantar do cerquo, ſem primeyro cometer todolos caminhos para cobrar ha Cidade, vendo que hos Mouros tinham para o rio huma couraça de muros muito fortes, e bem torrejada pela qual ſe proviaõ abaſtadamente ſem periguo daguoas com que eram por muitas couſas, e em ſuas neceſſidades muy refreſquados, detreminou ſobre Conſelho, e acordo bem conſirado de poer loguo ſuas forças em cobrar ha couraça, para ha qual concertados todolos engenhos, artelharias, e todas has outras couſas que compriam, ſendo juntos todos os béſteyros, e frecheyros, e outra gente darmas eſcudados de mantas fortes, e amparos cubertos de couro para combater, fizeram principalmente ſobre eſſo huma manta de traves, e viguas muy fortes, que peguaram com ha torre que eſtava ſobre hum grande poço de muita aguoa doce, que dentro da couraça avia tambem com tençaõ de ha piquarem, e ſendo derribado fazerem por ahy ha entrada à couraça, e à Cidade, mas hos Mouros quando viram couſa tam aparelhada para mais breve ſua perdiçaõ, acorreram aly com diligencia, e grande triguança para empedir ho efeyto da manta, que ſe concertava, lançaram das Ameas muita lenha, e ſobre ella outros materiaes revoltos em foguo, e foy tanto, e ardente que ha manta ſem algũa detença foy queymada, e feyta em póo.

E ho foguo foy tam forte, e tam junto da torre, que com ha força delle abrio ella loguo por muitas partes, em que tambem ſe moſtrou outro verdadeyro caminho de mais certa deſtroiçam dos contrayros, pelo qual ElRey lhe mandou loguo tirar com grandes tiros, e groſſos de polvora, com que ha pouquas horas foy derrotada, e vendo ElRey aparelhada deſpoſiçam de cobrar ha Cidade, elle com palavras doces, e promeſſas de grandes merces, esforçou, e animou todos para ho apreſſado, e nom medroſo combate alarguando mais has couſas de ſua nobreſa ahos que milhor, e mais ouſadamente naquelle feyto lhes mereceſſem, e ha eſto nom ajudou pouquo has ſantas exhortaçõēs, e evidentes exemplos com aprovadas authoridades com que hos Prelados da hoſte tambem eſforçavam, porque concludiam que ha cauſa da peleyja era ſóomẽte de Deos cujo gualardam ahos que viveſſem, e morreſſem era muito certo que neſte mundo teriam honrada fama, e grande louvor, e na outra ha gloria dos Santos para ſempre.

E acertouſe que hum Chriſtaõ dos que cavavam nas minas tinha cativo na Cidade hum filho, e com ſeu natural deſejo de ho ver, e cobrar, dice ha ElRey, que elle queria ſer ho primeyro que dos muros da couraça tiraſſe ha primeyra pedra, e com ſeu esforço que ElRey favoreceo, com promeça de grande

de merce, elle aſſi ho comprio cujo exemplo, e bondade loguo ſeguiraõ, com que no muro fizeraõ hum buraquo aſſi grande, e tambem cavado em arquo, que dentro delle ſem medo dos tiros, e lanços que vinham do muro cavavam, e faziaõ ſua obra como era ſeu propoſito minando aho longuo, e apontando ho muro, e enchendo hos vazios delle com lenha, e outras couſas, com que ho foguo que lhe puzeſſem milhor ardeſſe, ho qual ha poz eſto foy poſto, com que em breve eſpaço cayo hum grande lanço de muro, que eſtava contra ho arrayal, ſobre ha qual couſa ſe ſeguiraõ loguo muitas gritas, e outros ſinaes de grandes alegrias, que hos Chriſtãos por eſſo fizeraõ, dando muitas graças, e louvores ha N. Senhor por moſtrar taes começos de hos querer ajudar.

E com eſto mandou ElRey triguoſamente trazer huma eſcada aſaas forte, e conveniente, e ha deu àquellas peſſoas de que por entam confiou, que nom receariam ha ſubida, mas ho muito alvoroço, e grande triguança foy aſſi deſordenada nos que aviam de ſobir, porque na dianteyra ſe melhoraſſe em honra, e merecimento como nos taes caſos, e antre hos nobres homens ſe coſtuma fazer, nom ſeguraram ho aſſento da eſcada, como deveram, pelo qual ſendo jáa chea de gente deſconcerteuſe ho aſſento, e com todos cayo em terra, de que dous ſóomente morreram do qual deſaſtre, e máa prudencia começou de tirar dos coraçõẽs dos Mouros alguma da muita triſteza, e deſmayo que ho ardido cometimento dos Chriſtãos lhe tinha poſto, e quizeram eſto teſtimunhar com vozes, e alaridos de grandes deſprezos, e porem ahos Chriſtãos ainda que viſſem eſtos, que pareciam começos de infelices pronoſtiquos, nom faleceo tambem ha meſma triſteza, e aſſi dor com que encomendandoſe ha Deos devotamente lhe fizeram eſta breve oraçam.

Oh Deos, Santo dos Santos, Eterno, e todo Poderoſo, porque em teu ſerviço, te aprouve de nos guardar deſte tam grande, e manifeſto periguo, te damos muitas graças, e pòrém ha tua grande Miſericordia, e ha teu imenſo poder de coraçaõ pedimos que aſſi como às vozes das trombas dos Sacerdotes, hos muros de Jèriquó por teu mãdado cayraõ, e milagroſamẽte vieram todos à terra, aſſi neſta empreza, que toda hee tua nos queyras ajudar contra eſtes Mouros, que ſóomente temos por noſſos imiguos, porque ho ſaõ da tua ſanta Fèe, de maneyra que noſſas forças de tua ajuda, e graça favorecidas hos ponham em tal temor, e eſpanto que nom reſſiſtam, nem durem mais ante noſſa face.

Sobre ha qual devota oraçam hos Chriſtãos todos como veſtidos doutro mayor esforço loguo com grãde aguça concertaram ha eſcada, e aſſi ha aſſentaram, e puzeram

ahos

ahos muros da couraça para que outra desordem, e periguo como ho passado desso se nom seguisse, pela qual hos ordenados loguo sobiram sem temor, nem espanto das muitas pedradas, e feridas, que hos Mouros por resistencia, e sua defençam ahos Christãos davam, e ho que tomou ho guia deste escalamento, levava sua espada nua cuberto de hum leve escudo, q̃ como foy sobre ho muro, matou loguo ho primeyro Mouro que encontrou, apoz ho qual seguiram loguo outros que cometeram, e feriram assi ahos infieis contrayros, que nom podendose sofrer, nem sabendo resistir à força dos Christãos, que hos vencia, e forçava, tomaram por sua salvaçam volver has costas, e leyxarem sem defençam hos muros da couraça, que hos Christãos yaõ loguo cobrãdo, e hos outros Mouros que ficavam nas torres, e muros da Cidade por guarda, e defençam della, quando viraõ hos Christãos jáa senhores da couraça, e despostos para tomar ha Cidade, e entralla por força; muitos delles com fundamento de em efeyto desesperado acabarem has vidas, e honrarem bem suas mortes, se apartaram para socorro dos que fugiaõ, com que fizeram huma volta em que dambas has partes ouve huma crua, e muy ferida peleyja, que ha sóo noyte apartou com mortes, e feridas de muitos, e hos Mouros se recolheram dentro da Cidade, e cerraram has portas, sobre que pozeram seguras guardas, e ha couraça fiquou tomada em poder dos Christãos, que muy alegres do feyto deram muitas graças ha N. Senhor; porque nelle jáa viam prospero começo para ho feyto de sua empreza.

CAPITULO XI.

Dos mais Combates, que succederam, e como hos da Cidade por força se renderam ha partido, e ha cobraram.

COm ho cobramento da couraça nom cessavam de trabalhar nas minas altas, que começaram com desejo de has cheguar abayxo dos muros, para cõ foguo, sem periguo da gente, hos fazerem cair, como hos da couraça, e tambem com esso nom leyxaram de aver rebates, e escaramuças, que hos Mouros davam; mas nom eram tam apressados, nem com tanta viveza, e esforço como dantes faziaõ, porque nellas com has mortes, e feridas, que recebiam eram jáa muy escarmentados, e receozos, e porque este cerquo tinha mostranças de mais perlonguado do que se esperou; e que ahos Estrangeyros era jáa muy nojoso, desejando por esso que ho cobrar da Cidade, ainda que fosse com todo seu risco se nom dilatasse, falaram sobre esso com seus Sacerdotes, que antre sy na frota

traziam por peſſoas de que recebiam ſeus conſelhos, e por quem principalmente ſe guovernavam, eſtes eram trinta, e ſeis homens de boas vidas, e ſanta tençam que cada dia celebravam, e faziam hos Officios Divinos, ahos quaes finiſiquaram ho nojo, e enfadamento que recebiam em jazerem tam perlonguadamente ſobre aquella Cidade com algum deſejo de ſe levantarem.

Mas hos Sacerdotes por muitas cauſas danoſas, e cõm vivas razões para eſſo hos reprenderam, apontandolhe ho abatimento, e deshonra que fariam às terras, e nações donde eram naturaes, e de que vieram para outro fim ſeguir tal empreza leyxandoa quaſi vencida, e com has mayores afrontas jáa paſſadas. Do qual movimento ElRey, e aſſim hos Portuguezes do arrayal por meyo de alguns ſeus, com que converſavam, foram loguo avizados, e lhes pezou muito, mas ha boa, e ſanta amoeſtaçaõ dos Sacerdotes fez nos Eſtrangeyros tam proveytoza empreſſaõ, q̃ muy firmes na Fée, com q̃ aly vieram por huma ordenança, primeyro bem conſultada ſe armaram todos, e como foy manhãa alegres, e muy esforçados ſe deſpoſeram aho combate, que déram â Cidade muy afrontado, e com verdadeyro deſejo de averem vitoria.

Porém depois daquella preſumçam que diceram, ſempre nos Portuguezes ouve bom avizo, para de contino trazerem ante elles peſſoas fieis, que hos entendiam, por receo, e ſoſpeyta que ſe delles tomou de alguns ſerem pelos Mouros corretos, e que por ſoma de dinheyro, ou por alguma outra couſa de ſeu intereſſe dariam, ou leyxariam tomar aguoa que pela privaçam da couraça, eſtavam jáa em neceſſidade mortal, e eſtando ho cerquo neſte eſtado, porque hos Mouros eram muy falecidos de muitas couſas, que para defençam, e mantimento eram muy neceſſarias, e aſſi deſeſperados de ſocorro em todo, jáa cada hum deſejava, e procurava ſua particular ſalvaçam, pelo qual hum Mouro da Cidade eſcondidamente veyo ha ElRey, e lhe trouxe furtados dous Pendoens de peſſoas conhecidas, e principaes de dentro, pedindo com elles ha vida com que ElRey muito folguou, e ouve loguo por bom ſinal, apoz eſte vieram outros dous Mouros, queElRey recebeo beninamente, hos quaes certifiquaram ha incomparavel cede, que hos de dentro padeciam, e hos muitos que por eſſo morriam, de que hos Framenguos principalmente moſtraraõ ſer muito alegres, e em ſua linguoagem compunham cantiguas, e has andavam cantando pelo arayal, cujo conſelho era que leyxaſſem ha todolos Mouros morrer de cede aly dentro, e nom foſſem ha partido de vida recebidos, em cazo que ho cometeſſem, ou que loguo, pois eſtavam em tanta deſeſperaçaõ, e fraqueza

queza, hos combateſſem, e do combate nom deſiſtiſſem atée que ha Cidade foſſe entrada, e cobrada por força.

E ſendo jáa mez, e meyo paſſado, que ElRey jaſia ſobre ha Cidade de Sylves, alguns principaes do Reyno tambem ſe anojavam, e murmuravam antre ſy, agaſtados pelo delonguado cerquo, e aſſi por nom verem aparelho, que huma Cidade tam forte, e tambem murada ſe ouveſſe aſſi em breve de tomar por combate, deſeſperando por eſſo da eſperança que tinham tam bem começada, concluindo alguns que ſeria bem, e proveyto delRey, e do Reyno leyxar o cerquo, e partirſe delle, da qual couſa de que hos Framenguos loguo foram avizados por ventura com deſejos de roubar, ou mais certo por tal Cidade nom fiquar em poder de infieis moſtraram receber muito nojo, e grande ſentimento com que ſe foram ha ElRey pedindolhe, que ſe lembraſe de como hos deſviara do caminho, e prepoſito com que de ſuas terras partiram, e aſſi ho concerto em que com elles fiquara, e quizeſſe concirar no muito tempo que naquelle cerquo eſtiveram, e ho pouquo que tinham feyto, e que pois ha empreza, e ha honra eram ambas ſuas, que ſeria verguonha ha tal Rey leyxalas, mas que por combates mais aturados, em que elles inteyramente ajudariam cobraſe ha Cidade, e ſem eſſo nom quizeſſe, nem conſentiſſe, que della ſe partiſſem.

A hos quaes ElRey brevemente reſpondeo dizendo: *Amiguos vós deveis ſer em craro conhecimento, que como eu party de meu Reyno, e leyxey minhas terras para vir ha terra de imiguos em que eſtamos, vindo com tanta cuſta, e trabalho meu, e de meus vaſſallos, que nom foy por vos enganar com minha perda, no concerto que com voſquo fiz, ho qual eu ſam muy contente de ſe comprir, porque ſe eſte feyto ſe nom acabou como vós, e todos dezejamos Deos ſabe que nom he, nem foy nunqua por minha culpa, nem dos meus naturaes, mas porque ſe mais nom pode fazer, como creyo, que por obras ho tereis bem viſto, porque nas couſas da guerra ſam huns hos prepoſitos, e hos fins delles ſam às vezes outros, e por eſſo nom vos anojeis; ca ſe me vós nom falecerdes com has voſſas peſſoas, ſede certos que eu vos nom falecerey com ha minha verdade, e aſſi por minha fée real volo torno ha prometer, e ſegurar.*

Com eſtas palavras de real ſegurança que hos Cavalleyros principaes, e Sacerdotes da frota ha ElRey ouviram, fiquaram muy ledos, e muy esforçados para loguo combaterem, e cobrarem ha Cidade mais do que nunqua eſtiveram, louvãdo muito ha bondade, e esforço, e conſtancia delRey, e por tanto entre elles foy loguo concordado que no cerquo eſtiveſſem atée certo tempo limitado, e que nelle pozeſſem ſuas forças, e deligencia

para ſe cobrar ha Cidade, e que ſe acabado ho dito tempo ſe nom cobraſſe, fiquaſſe em liberdade ha huns, e ha outros ſem quebras de ſuas verdades, ſe podeſſem partir, e avido ſobre eſſo géral Conſelho, acordaram por menos cuſto do exercito, que hos enfermos, molheres, e Religioſos foſſem, como foram, loguo levados com boa ſegurança fóra do arrayal, e hos Mouros quando hos viraõ partir, porque faziam grande ſoma de gente cuydaram ſegundo depois affirmaram, que ho arrayal, e cerquo ſe queria de todo alevantar, mas como ho loguo viram aſſentar, e fortalezar muito mais do que era, affirmaram que ha partida de tantos Chriſtãos nom era para yrem, como cuydavam, mas trazerem muito mais, e por ſeu mayor mal jazerem muito mais tempo ſobre elles, e neſte tempo por has neceſſidades de muitas couſas, e daguoa principalmente eram hos cerquados em tanto extremo, que muitos com cede andando morriam, e ha outros com temor da morte tam certa aborrecia jáa de viver, e tantos eram hos corpos dos mortos, e ha fraqueza tanta nos vivos, que hos nom podiam jáa ſoterrar, nem lançar fóra das caſas, eſpecialmente pelo incomportavel fedor delles, de que ha Cidade era toda contaminada, e com eſtes grandes padecimentos, que hos Mouros ſofriam, receando que cada dia ſem confiança de algum remedio, e ſoccorro que nom tinham, receberiam outros mayores, deſeſperando de ſe mais poder ter, detreminaram em tamanhos males, como ſe lhes offereciam, que eram morrer, e perder ho que tinham, eſcolher ho menor, que era perder has fazendas, e por melhor (ſe foſſe poſſivel) ſegurarem has vidas aquelles ha que ha ventura quizera leyxar vivos.

E por eſtas mortaes neceſſidades de que jáa todos eram ſabedores, e conſtrangidos, ſayo ho Alcayde acompanhado de dous Mouros hos mais principaes da Cidade, e ſem algum precedente trato, nem ſeguro ſe vieram ha ElRey, dizendo com roſtos triſtes, e palavras para umanidade aſſáas miſeraveis, que vinham para lhe dar ha Cidade ſe ſua grandeza, e piedade ahos de dentro déſſe has vidas, com todas has couſas ſuas que comſiguo tinham.

ElRey alegre com tal embayxada loguo em ſua vontade conſentio no partido, mas comprio com hos Eſtrangeyros ho que por ſeus concertos era obriguado de nom fazer ſem elles alguma preyteſia, nem concerto com hos Mouros, hos mãdou chamar hos quaes depois de ouvirem por ElRey ha prepoſiçaõ, e partido, que lhe era cometido, reſponderam com opiniões de barbara Fée, ou com tençam de pura cobiça, que nom eram contentes, nem ho aprovavam, mas ſóomente queriam propoſtos todos hos inconvenientes, e periguos q̃ podiam

ſobrevir,

ſobrevir, que hos infieis todos morreſſem ſem algum para cativeyro ficar reſervado, mas ElRey por ſua umanidade vencido jáa da miſeria dos Mouros, elle com ſuas palavras brandas tanto inſiſtio com hos Framenguos, que finalmente conſentiram que has vidas ſe deſſem ahos Mouros, e que elles de ſuas fazendas, e couſas nom tiraſſem, nem levaſſem, ſalvo has mais vis roupas, em que ſayſſem veſtidos, e aſſi ſe fez, pelo qual hos Eſtrangeyros da frota, das riquezas, e fazendas dos Mouros, que foram achadas tomaram, e levaram ho que quizeram, com que alegres, e muito contentes delRey, e do feyto tam proſpero, ſe tornáram para ſuas terras, e ha ElRey fiquou ha Cidade de Sylves livre, em q̃ loguo mandou fazer Egreja Catedral, e dedicala aho culto Divino, que loguo ſe nella celebrou, ho que foy na era
1199. de N. Senhor de mil cento noventa e nove annos, hum anno deſpois que ha Rainha Dona Doce molher delRey D. Sancho faleceo.

CAPITULO XII

De hũma entrada que hum D. Pedro Fernandes de Caſtro dito ho Caſtellaõ, ſendo lançado com hos Mouros fez em Portugual, e de como foy prezo, e hos Mouros com que entrou desbaratados.

NEſte anno em que ha Cidade de Sylves, foy ahos Mouros tomada como ſe dice, Reynava em Caſtella ElRey D. Affonſo deſte nome ho Noveno, e filho delRey D. Sancho, que diceram ho deſejado, ho qual Rey D. Affonſo por peccados ſeus, ſegundo diceram, e por maa providencia, foy vencido dos Mouros na memorada, e doloroſa batalha Delharquos, no anno que jáa paſſára de N. Senhor de mil cento e noventa, e ſinquo ſendo 1195.
ElRey delles Abualmohadim terceyro Miramolim de Marroquos; dahy ha dezalete annos loguo ſeguintes, ho meſmo Rey D. Affonſo tornou ha vencer Abẽmahomadmohady ho quarto Miramolim, filho do ſobredito Abualmohadim, na glorioſa batalha, que ſe diz das Navas de Toloza, como atras jáa fiqua apontado, e do tempo deſta batalha Delharquos em que hos Mouros venceram atée ha outra das Navas de Toloza, que foram vencidos hos Mouros aſſi Dafriqua, como Deſpanha, em que tinham grande parte, eram na meſma Eſpanha em grande numero, e favorecidos, e ouzados com ho favor da primeyra vitoria ſe ſoltaram com muita ouzadia pelas terras dos Chriſtãos de que na Eſpanha guanharam muitas.

E neſte anno em que ha Cidade de Sylves foy tomada ahos Mouros com ajuda, e por induſtria de D. Pedro Fernandes de Caſtro chamado ho Caſtellaõ, vaſſallo del-

delRey D. Affonſo o Noveno de Caſtella, ſendo elle desfavorecido, e mal tratado por cauſa dos Conẽdes de Lara, elle bem acompanhado de Cavalleyros Chriſtãos ſe lançou com hos Mouros, e com elles como imiguos da Caſa de Lara, donde Dona Moſalda primeyra Rainha de Portugual procedia, entrou em Portugual antre Tejo, e Odiana, e cheguou ha Thomar, e ha Abrantes, de que tinha, e levava cativos muitos Chriſtãos, com grande deſpojo, e fez muito mal pela terra, e aho recolher que quizera fazer, hum Martim Lopes bom Cavalleyro Portuguez, com pouqua gente de cavallo, e com alguma mais de pée, que comſiguo ajuntou, lhe ſahio aho encontro, e pelejou com alguns delles em que ya ho dito D. Pedro Fernandes, e hos desbaratou, e lhes tomou hos Chriſtãos cativos, e tirou todo ho que mais levava, e prendeo ho dito Pedro Fernandes, que depois delle livre, e enviado ha Caſtella, foy retornado ahos Mouros, ſendo jáa em Caſtella cazado com Dona Maria Sanches, filha do Infante D. Sancho, aquelle que do Urſſo foy morto em Canameyro de que tinha filhos, ha ſaber D. Alvaro Pires de Caſtro, que primeyro cazou com Dona Mecia Lopes, que depois foy molher delRey D. Sancho Capello, e Dona Olaya Pires, que cazou com D. Martim Sanches filho delRey D. Sancho. E eſte desbarate foy no mez de Março, nas Oytavas de Penticoſte do anno ſobredito. 1199.

CAPITULO XIII.

Das cauſas, e imizades antre hos de Caſtro, e de Lara, por cuja cauſa eſte D. Pedro Fernãdes de Caſtro entrou em Portugual em tempo delRey D. Sancho, q̃ era neto do Cõde D. Anrique de Lara, filho de Dona Moſalda molher delRey D. Affonſo Anriques, ſua filha.

PAra ſe tomar algum cenhecimento das cauſas da imizade, que ouve antre hos de Caſtro, e de Lara dos Reynos de Caſtella, e de Liam, e por eſte reſpeyto has teve D. Pedro com Portugual, e brevemente ſoube, que por morte delRey D. Sancho deſte nome ho terceyro de Caſtella, ha que diceram ho deſejado, fiquou menino D. Affonſo erdeyro, deſte nome ho Noveno, em idade de quatro annos, cuja guarda, e criaçam ElRey ſeu padre leyxou encomendada ha Guoterre Fernandes de Caſtro, Cavalleyro muito honrado, e principal em Caſtella, que era de grande bondade, e bom Cavalleyro, e de ſaber cham, e ſimpres, no qual tempo Reynava no Reyno de Liam, ElRey D. Fernando, irmaõ do dito Rey D. Sancho, e tio deſte menino

menino Rey de Caſtellã, ho qual Rey D. Fernando por loguo nom ter reſiſtencia, nem contradiçaõ dos Caſtelhanos, tomou ha ſeu ſobrinho muitos Luguares de Caſtella, e ſobre eſſo alguns dizem que ou lhe queria tomar ho Reyno, e fazerſe Rey de Caſtella, ou aho menos ho meter ſob ſua obediencia, e neſte tempo eram em Caſtella Senhores mais principaes hos Condes D. Manrique de Lara, e D. Affonſo de Lara irmãos, filhos do Conde D. Pedro de Lara, e de Dona Heva filha do Conde D. Pedro Fernandes de Trava, hos quaes Condes de Lara com ajuda de D. Garcia Garces ſeu padraſto, que depois cazou com ha dita Dona Heva ſua mãy delles, porque era Cavalleyro, de grande Caza, e de alto ſangue, com rezões, que entam pareciam convenientes, e com grandes promeſſas, que offereceraõ aho dito D. Guoterre Fernandes fizeram que entreguaſſe, como entreguou ElRey D. Affonſo menino aho Conde D. Manrique de Lara, ho qual cõ hos de ſua valia, trazendo ElRey em ſeu poder ſe diz, que excediam, e nom guardavam ha guovernança do Reyno como deviam, e crendo ho dito D. Guoterre, que fizera grande erro em tirar ElRey de ſeu poder requereo ahos Condes de Lara, q̃ lho tornaſſem, ho que nom quizeram fazer, ſobre ho que antre elles, e ſuas valias ouve grandes pelejas, e muitas mortes, e danos em Caſtella, e de que ſiquou grande imizade antre hos de Lara, e hos de Caſtro com quanto eram muito parentes, e em tantos boliços, e movimentos, foy ElRey por ſua ſegurança levado pelos Condes de Lara, e D. Garcia Garces à Cidade de Soria, hos quaes por terem ElRey D. Affonſo em ſeu poder, foram por ElRey D. Fernando de Liam, tam perſeguidos, que nom podendo elles jáa mais reſiſtir lhes conveyo prometerlhes por juramento, e menagem, para elle ho ter, e criar.

Sobre ho qual comprimento, e entrẽgua que ſe avia de fazer, ElRey D. Fernando foy á dita Cidade de Soria onde loguo ante elle foy trazido, ElRey D. Affonſo, e porque nas mãos do tio, que ho afaguava começou ho menino de chorar, ho Conde D. Manrique era preſente por dar ſingular exemplo de ſua bondade, e louvada lealdade pubriquamente, e ſem moſtrança de algum têmor, dice ha ElRey D. Fernando.

Senhor eſte menino noſſo Senhor, deſeja mamar, e nom ſervir, e queria mais has tetas de ſua ama, que hos afaguos do tio, e eſtaria milhor no ſeu berço, que no Paço alheo, e quer mais leyte, q̃ ſangue. O' Rey D. Fernando hoje parece, que quereis fazer, ho que natureza nom conſente, cobiçais que eſte, que ainda nom ſabe falar, loguo ante vós forme palavras de menagem, com que livre ſe obrigue, e deſejais que vos ſirva, quem ainda nom começou de viver, e finalmente

mente quereis, que vos ſeja vaſſallo, quem de rezaõ, e direyto devia ſer Senhor, e pois he iſto por voſſa vontade, e muito contra ho que em todo deveis, ſabey que obedecemos aho tempo, e nom a rezaõ, e honeſtidade, mas porque eſte menino torne ha vos ver mais alegre, e nom chorando leyxayo com voſſo prazer, e no luguar ha elle conveniente vaa receber criaçam de ſua ama, e loguo tornara.

Mas loguo hum bom Cavalleyro chamado Pedro Melcondes, por mandado dos Condes, e ſecretamente ho tomou debayxo da capa, e em ſima de hum cavallo ha gram preſſa ho levou ha Santo Eſtevam de Guorivaz. Da qual couza ſendo certo ElRey D. Fernando moſtrou receber por eſſo grande ſentimento, e foy em palavras, que dice muy irado contra hos Condes, hos quais por ſalvaçam de ſuas honras, e vidas affirmaram que ha tal mudança delRey D. Affonſo fora ſem ſua ſabedoria, mas que loguo yriam por elle, e lho apreſentariam, e ho Conde D. Nuno ſe foy loguo diante, e tirou ElRey de Santo Eſtevaõ, e ho levou à Fortaleza da Tença cà bem lhe parecia, que nom errava contra ſua menagem, q̃ déra forçada ſalvando ſeu Senhor em tal caſo de morte, ou ſervidam, ſobre ho qual, ElRey D. Fernando mandou retoar, e dezafiar aho dito Conde D. Nuno por tredor, que ſem retardança por ſua limpeza veo ante elle, e poſto ſeu caſo em Conſelho de juizo de Cavalleyros da Corte delRey D. Fernando acharam que nom fizera feyto feyo, nem tinha errado, antes merecia por eſſo louvor, e bom gualardam, e dahy ſe volveo loguo ElRey D. Fernando ha ſeu Reyno de Liam.

E neſte tempo ho dito Guoterre Fernandes, que primeyramente fora dado por amo delRey, por ſua guarda era jáa falecido, de que fiquaram muito honrados ſobrinhos e grandes homens en Caſtella, ha que leyxou ſuas terras, e erança, que tinha, por nom teer filhos, e antre eſtos ſobrinhos, hum era D. Fernaõ Rodrigues de Caſtro filho do Conde D. Rodriguo Fernandes, que diceram ho Calvo, irmam do dito D. Guoterre Fernandes, pelo qual hos Condes de Lara tendo ElRey em ſeu poder, pediram em ſeu nome ha D. Fernaõ Rodrigues de Caſtro ha Villa de Huete para ElRey, e nom lha quiz dar por ElRey ainda nom aver quinze annos de ſua idade atée hos quaes ElRey D. Sancho ſeu pay mandara que ſe lhe nom entreguaſſem Fortalezas, nem deſſem menagens aquelles, que has tinham ha ElRey D. Sancho feytas, ſobre ha qual deneguaçam ho Conde D. Manrique dezafiou por desleal, ha D. Fernaõ Rodrigues, e aceytou ho dezafio, e com ſuas valias, que ambos ajuntaram, ouveram crua peleja, na qual D. Fernaõ Rodrigues matou D. Manrique, e prendeo ſeu irmaõ ho Conde D. Nuno

de

de Lara, que deſpois diceram ho bom, e ha eſte D. Nuno ſoltou loguo ſobre ſua fée, e menagem Fernaõ Rodrigues, para que tanto, que enterraſſe ho corpo, do Conde D. Manrique ſeu irmaõ, ſe tornar à ſua prizaõ, naqual tornada D. Nuno uzou de cautela, porque por nom acudir à fée, que dera, poz ho Ataude, e ho corpo do irmaõ ſobre ha mais alta torre de hum ſeu Caſtello, e nella longuo tempo ſem ſepultura ho leyxou eſtar, e paſſados deſpois alguns tempos, hos ditos D. Fernaõ Rodrigues, e ho Conde D. Nuno ouveraõ outra batalha aprazada, em que de huma parte, e da outra, eraõ grandes homens de Caſtella, e de Liaõ, e neſta tambem D. Fernaõ Rodrigues tornou a prender ho Conde D. Nuno, e matou a ho Conde D. Soeyro, ſeu ſogro delle dito Fernaõ Rodrigues, porque fora em ajuda do dito D. Nuno, e tornou ha ſoltar D. Nuno ſobre ſua fée, para que tanto, que enterraſſe D. Soeyro ſeu ſogro, ſe tornaſſe à prizaõ, mas ho Conde D. Nuno uzando tambem de cautela, para nom ſer prezo, aho dia certo em que era obriguado vir, veo, e apreſentouſe com muita gente darmas ha D. Fernaõ Rodrigues, que eſtava deſacompanhado em Duenhas apar de Palencia, e lhe requereo, que pois ſe apreſentava ante elle, como prometera que ho prendeſſe, e quando nom, que proteſtava, que tinha comprido ſua fée, e diſto ho Conde D. Nuno tomou eſtromentos com que ſe partio, e D. Fernaõ Rodrigues, porque D. Soeyro ſeu ſogro fora neſta batalha contra elle, ſe quitou de ſua filha, com que era cazado, e cazou com Dona Eſtevaninha, filha baſtarda do Emperador Deſpanha D. Affonſo, de que ouve eſte D. Pedro Fernandes de Caſtro, que entrou em Portugual, aho qual diceram ho Caſtellaõ.

ElRey D. Affonſo de Caſtella, deſpois de reger por ſi ſeu Reyno, ha requerimento, e por favor dos de Lara, ha que era muito afeyçoado, tomou ha terra ha D. Fernaõ Rodrigues de Caſtro, e ho deſterrou, e elle ſe foy para hos Mouros, e deſpois pelos grandes danos, e muitos males q̃ por ſeu deſterro, ſe ſeguiram ha Caſtella, foy por aderencias retornado aho Reyno, e reconciliado com ElRey, e deſpois da morte de D. Fernaõ Rodrigues de Caſtro, fiquou ſeu filho, e erdeyro de ſua caza, e terras eſte D. Pedro Fernandes de Caſtro, ha que ElRey D. Affonſo de Caſtella quiz grande mal, pelo qual ſe deſterrou, e lançou com Mirabolim de Marroquos, e foy com elle na batalha Delharquos, em que eſte Rey D. Affonſo foy vencido, e depois cõ ſua gente entrou em Portugual como atraz fiqua dito. E cõ eſte D. Pedro Fernandes paſſáram de Sevilha, que era de Mouros, em Marroquos hos ſinquo Frades martirizados, ho qual ſendo em ſerviço, e companhia do Ifante D. Pe-

dro filho deſte Rey D. Sancho, que tambẽ eſtava em Marroquos, e ho dia do Martyrio dos ditos Frades, foy morto dos Mouros porque ho acharam de noyte vizitar os corpos mortos dos ditos Martires, e com elle mataram alli tambem Martim Affonſo Tello, ſobrinho do Iſante D. Pedro, filho de ſua irmãa Dona Thareja Sanches, cazada com Affonſo Telles ho Velho, que povoroũ Albuquerque.

CAPITULO XIV.

Como ElRey Jacobaboym C,afim Mirabolim de Marroquos com grande poder de gente de Reys Mouros entrou em Portugal.

ATraz fiqua jáa apõtado como em vida delRey D. Affonſo Anriques, hum Mirabolim de Marroquos com outros Reys, e grande poder de Mouros, cerquaram ha Villa de Santarem, ElRey D. Sancho ſeu filho, ſendo Iſante, e como elle com ajuda, e ſoccorro, e favor delRey ſeu padre, ſe deſcerquou com grande eſtraguo dos infieis cõ ha morte do meſmo Mirabolim, e avendo jáa dezaſeis annos, que eſte deſtroço de Santarem paſſára, ſendo ho anno de N. Senhor
1199 de mil cento e noventa e nove, hum Jacobaboym C,afim Mirabolim de Marroquos, Rey muy poderoſo, que deſcendia daquelle que mataram no deſcerquo de Santarem, por vinguar ſua morte, e porque ha entrada que D. Pedro Fernandes fizera em Portugual non ſuccedera na vingança como quizera, ajuntou loguo ha ſeu poder outros Reys Mouros Dafriqua cõ infindas gentes de deſvayradas nações, e aſſi da Deſpanha, que vieram em ſua companhia, e ainda ElRey de Sevilha, que era ſeu irmaõ, e ElRey de Cordova com todos ſeus poderes, e valias, que faziam numero de imiguos ſem conto, e acordaram entrar no Reyno de Portugual, por tres partes, ha ſaber, ElRey de Sevilha entrou pelo Alguarve, onde deſpois de correr ha terra, poz cerquo à Cidade de Sylves, que entam fora ahos Mouros tomada, como acima he dito, ElRey de Marroquos entrou por Riba Dodiana, e paſſou ho Tejo pelo mez do S. Joaõ deſte anno, e deſpois de fazer muitos danos, e roubos pelo Reyno, 1199.
foy cerquar ho Caſtello da Villa de Torres Novas, que jáa eſtava feyto, e repayrado da primeyra vez que foy tomado, e leyxado dos Mouros, ho qual Caſtello aquelles que ho guardavam com medo das cruezas de que hos imiguos uſavam lho entreguaram com ſegurança das vidas, que por partido ſóomente ſalvaram.

ElRey de Cordova entrou tambem por Alentejo, e chegou à Cidade de Evora, ha que talhou vinhas, e olivaes, e arvores, e aſſi danou, e queymou hos pães, q̃ achou

nos

nos agros, que ainda nom eram neſte tempo recolhidos, ho qual dano aſſi continuou em todos hos Luguares porque paſſou, e fazendo todos eſtes males em todalas couſas dos Chriſtãos que ſe lhe oferecciam, e elle podia, ſe foy ajuntar com ElRey de Marroquos, que tinha aſſentado ho corpo de ſeu arrayal junto do Tejo, e eſtando em Torres Novas adoeceo de grande mal do ventre porque triguoſamente ſe loguo partio, e fez ſeu caminho por has Villas de Thomar, e Dabrantes, com propoſito de has tomar, mas por bem defendidas dos Chriſtãos has nom tomou, e apreſſado de ſua doença, elle, e ElRey de Cordova leyxáram ha empreza, e ſe tornáram para Sevilha, e eſta deve ſer ha grande entrada de gente de cavallo, e de pée dos Mouros ſem conto, de que o letreyro de pedra que eſtá na porta do Convento de Thomar faz memoria. E deſta partida de Mirabolim, ſendo certifiquado ElRey de Sevilha ſeu irmaõ que guerreava ho Alguarve, e tinha cerquado ha Cidade de Sylves, e ſabendo has grandes perdas, e mortes, q̃ em ſuas gentes tinham no Reyno de Portugual recebidas, ſe alevantou do cerquo, e ſe foy para elles, e nom ſe acha q̃ ha Cidade durando ho cerquo fizeſſe muito dano, mas que elle em ſi, e nos ſeus ho recebeo dos Cavalleyros, e fieis Chriſtãos, porque ha meſma Cidade foy deſpois cerquada, e tomada dos Mouros em tempo delRey D. Affonſo, filho deſte Rey D. Sancho, quando Alcacere do Sal foy tambem delles tomado, mas como eſtes Luguares ſe deſpois cobraram dos imiguos, e em que tempo, ahe diante nas Coronicas dos Reys ha que toquar inteyramente ſe dirá.

ElRey D. Sancho porque tantos, e tam grandes Reys Mouros fizeram ſuas entradas por tantas partes de ſeu Reyno, foy neſte tempo poſto em grande cuydado, e afronta, mas com ſeu coraçaõ esforçado, e nom vencido, e com ha muita prudencia, que com elle naceo, concirando que dar batalha com ſua gente ha tantos Reys, nom ſeria em tal tempo feyto de louvada fortaleza, antes parecia caſo de deſeſperaçaõ, que has mais das vezes he periguoza, veyo ha Santarem, e ha Lisboa onde repartia has gentes, e armas, e ſoccorria hos Luguares ha que entendia ſerem mais neceſſarios, e punha eſperança de ſeu remedio, e ſoccorro na bondade de Deos, e ſua miſericordia principalmente, e aſſi na dilaçam do tempo, que lançaria como lançou ahos Mouros fóra de ſua terra, e neſte tempo faleceo ElRey D. Fernando de Liam, genro delRey D. Affonſo Anriques cazado cõ Dona Urraqua, ſua filha, de que ſe apartou, e de que ouve ſeu filho D. Affonſo, que apoz elle Reynou em Liam, com ho qual eſte Rey D. Sancho ſeu tio cazou ſua filha Dona Thareja, como loguo direy,

e eſta Dona Urraqua jàas ſepultada na Egreja mayor de Liam.

CAPITULO XV.

Do cazamento delRey D. Sancho, e dos filhos, e filhas que teve aſſi legitimos como baſtardos.

COmo quer que à conta do cazamento delRey D. Sancho com ha Rainha Dona Doce ſua molher devera preceder muitas couſas que atraz eſcrevy, porém por continuar loguo aho cazamento do pay, e da mãy ha memoria de ſeus filhos, e filhas, e por aſſi juntamente milhor ſe poder comprender ho leyxey para eſte Capitulo, em q̃ direy ho q̃ de cada hũ achey, e pude ſaber. ElRey D. Sancho ſendo Ifante em vida delRey D. Affonſo ſeu Padre, e ante de ſua morte quatro annos, cazou com ha Rainha Dona Doce, filha de D. Reymam Berenguario Conde de Barcelona, e ho primeyro ha que ho Reyno Daraguam com ho dito Condado primeyramente ſe ajuntou, ho que foy neſta maneyra. ElRey D. Affonſo deſte nome ho primeyro, e dos Reys Daraguam ho quarto, filho delRey D. Sancho deſte nome ho primeyro, e dos Reys Daraguam ho oytavo, foy levantado por Rey Daraguam por morte delRey D. Pedro ſeu irmaõ que faleceo ſem legitimo erdeyro, e eſte D. Affonſo, he ho que cazou com ha Rainha Dona Urraqua viuva, filha legitima delRey D. Affonſo VI. de Caſtella, chamado Emperador, ha qual fora primeyramente cazada com D. Reymam Conde de Toloſa de que ouve filho legitimo D. Affonſo, criado em Liam, que deſpois foy oytavo Rey D. Affonſo, e Emperador Deſpanha, aquelle, que fez ha ſegunda repartiçam antre hos filhos do Reyno de Caſtella, e de Liam, e deſta Dona Urraqua filha, nem doutra molher legitima, eſte Rey D. Affonſo Daraguam, e ſettimo Rey D. Affonſo de Caſtella nom ouve filho, nem filha, nem avia outro algum legitimo erdeyro, Daraguam ſalvo D. Ramilo ſeu irmaõ legitimo, que era de Ordens de Miſſa, e Monge profeſſo no Moeſteyro de Saõ Fagundo da Ordem de Saõ Bento, ho qual D. Ramilo Monge por deſpenſaçam, e por authoridade Apoſtoliqua por neceſſidade de Rey legitimo, e de natural ſobceſſor, ſobre que ouve dantes grandes differenças, e algumas inclinações, finalmente foy tirado da Religiaõ, e cazado com hũa irmãa do Conde de Protes em Françia, e della ouve loguo huma filha chamada loguo Dona Perona, e deſpois mudou ho nome, e chamouſe Dona Urraqua, ha qual em vida delRey D. Ramilo ſeu pay foy cazada com ho dito D. Reymam Berenguario, izento Conde de Barcelona, que por morte delRey D. Ramilo

Ramilo ſeu ſogro, deſte nome ho primeyro, Rey Daraguam ho ſetimo, e deſta Dona Urraqua como ElRey D. Reymam ouve filhos, loguo ElRey D. Ramilo Monge ſe tornou aho Moeſteyro, e leyxou ho Reyno Daraguam ha ſeu genro, ho qual ouve da Rainha Dona Urraqua eſtes filhos, ha ſaber, D. Affonſo ſegundo deſte nome, que apoz elle Reynou em Araguam, e Barcelona, e D. Sancho, que foy Conde de Roſſelhon, e Serdenha, e aſſi eſta Rainha Dona Doce, què cazou com ElRey D. Sancho dè Portugual, e deſta Rainha elle ouve nove filhos, e filhas legitimos, e à ora de ſua morte eram todos vivos, e ahos filhos barões, e aho erdeyro tambem ſendo cazado chamou em ſeu teſtamento Ifantes, e aſſi ha todalas filhas legitimas chamou Rainhas, em cazo que em tam ho nom eram, nem foſſem deſpois, dos quaes loguo aqui farey breve memoria, poſto que alguns feytos, e couſas que delles dice, ſocedeſſem em outros tempos, e em vidas doutros Reys, ho que tambem nom fiquara por toquar.

Do Ifante D. Affonſo filho erdeyro.

ElRey D. Sancho dos filhos barões que teve, ouve primeyramente D. Affonſo primogenito, e erdeyro que loguo apoz elle ſoccedeo, e Reynou, ho qual naceo dia de S. Jorge, vinte e dous dias Da-
1185. bril do anno de N. Senhor de mil cento oytènta e ſinquo, de cujos feytos, e vida aho diante em ſua Coronica propria darey largua conta.

Do Ifante D. Fernando.

E aſſi ouve ho Ifante D. Fernando, que naceo na era de N. Senhor de mil e cento e oytenta e ſeis annos, aho qual ElRey D. Sancho ſeu pay leyxou em ſeu teſtamento ſolene q̃ fez, dez mil maravedis douro de ſeſſenta maravedis em marquo douro, ho qual por ha real geraçam de que decendia, e aſſi por ſuas ſingulares virtudes ſegundo ho que brevemente ſe acha, foy cazaõ do com huma Condeça de Frandes, e foy em tempo delRey D. Philaõ de França, ho que diceram Auguſto avoo delRey D. Luis de França, contra quem eſte Conde D. Fernando, ſendo entam debayxo de ſua obediencia ſe alevantou, e ſendo aliado com outro Emperador dos Alemães, e aſſi com ElRey D. Joham de Inglaterra, e com outros ſenhores daquellas partes lhe fez ha guerra ſegundo has Coronicas de França ho teſtimunhaõ, foy eſtimado, por eſtimado Cavalleyro, e ſingular Capitam, e ha cauſa de ſua yda em França, e em Frandes, ſegundo ho mais que ſe pode ſaber, foraõ reſpeytos, e elperanças da Cõdeça de Frandes Dona Thareja ſua tia, irmãa delRey D. Sancho ſeu pay, filha delRey D. Afonſo Anriques, cazada com D. Felippe

Felippe Conde de Frandes, de que nom fiquou filho baram erdeyro, e vaguando ho Condado, fiquou para ſobceſſam delle femea, que com D. Fernando eſte acima dito cazou, e achaſe que em huma batalha, que com hos ſeus aliados ouve contra ho dito Rey de França, elle dito Conde foy prezo com Reynaldo Conde de Bolonha, e com outros Condes, e muito nobres homens de Inglaterra, e Dalemanha, e jouve tres annos prezo em ha torre fóra dos muros de Pariz, que ſe diz Anobres, ou Lupara, e ha cauza que ho moveo ha ſer contra ElRey de França, foy por lhe nom dar duas Villas, ha ſaber, Arua, e Santo Andomato, que eram do Condado de Frandes, e ElRey lhas tinha forçadas, e depois eſte Conde ha requerimento da Condeſſa ſua molher por interceſſam da Rainha Dona Branqua de França ſua tia, que cazou com ElRey D. Luis, filho deſte Rey D. Felippe, foy ſolto por grande ſoma douro, e de prata, que por ſy, e alguns ſeus deu, ho qual deſpois de ſer ſolto, por boliços, e outros movimentos, que contra ElRey de França outra vez commetteo foy morto, e nom ſe ſabe geraçaõ que delle fiquaſſe.

Do Ifante D. Pedro.

ElRey D. Sancho ouve mais da Rainha ſua molher ho IfanteD. Pedro, q̃ ſegundo algũas breves lembranças das couſas de Portugual, naceo ha vinte e novè dias de Março da era de N. Senhor de mil cẽto e oytenta e ſete annos, aho qual ElRey ſeu pay leyxou tambem em ſeu teſtamento outros dez mil maravedis douro, ho qual foy cazado com huma filha do Conde de Urgel em Barcelona, de que nom fiquou geraçam, que aguora ſe ſayba, e conquiſtou ſendo cazado has Ilhas de Malhorqua, e Minorqua, que eram de Mouros, que deſpois por Chriſtãos lhe foram contra rezam tomadas, pelo qual alguns dizem, que por aggravos, e ſem rezões, e pouquas ajudas, que ſobre eſſo recebeo dos Reys Deſpanha, com que por devidos era liado tendo nada de terras em Portugual, ſe foy para Mahomad Mirabolim, que entam era Rey de Marroquos, aquelle que junto com Uveda foy vencido na batalha das Navas de Toloza, que era filho doutro Mirabolim, que venceo ha batalha Delharquos, como jáa dice, e outros dizem, ho que mais he de creer que ſe foy com deſejos de veer terras diverſſas, e atentar ſua ventura, e veer aquellas principalmente em que compria milhor ſe enformar das couſas, que compriaõ para guerra dos Mouros Deſpanha, e de Frãça, que daquelles tempos de huma parte, e da outra muito ſe exercitavam 1187.

Pelo qual nas guerras, e deferenças, que eſte Mirabolim tinha com hos Reys Mouros ſeus vezinhos, deſpois de ſer retornado em

ſuas

ſuas terras de França eſte Ifante D. Pedro com muita, e nobre gente Deſpanha, que com elle paſſou trabalhou aſſi bem, e com tantos periguos de ſua peſſoa, e com tantas experiencias de ſua bondade, que de Mirabolim, e de todalas gentes de ſeu ſenhorio foy ſempre muy eſtimado, e honrado, donde paſſados alguns annos elle por hũa permiſſam de Deos avendo idade de trinta annos retornou ha eſte Reyno de Portugual, deſpois da morte delRey D. Sancho ſeu padre, e em vida delRey D. Affonſo ſeu irmam, que Reynava com ha Rainha Dona Urraqua ſua molher quando trouxe hos oſſos dos ſinco Frades Menores, que em ſeu tempo, e caza, em ſua preſença foram do meſmo Mirabolim em Marroquos martirizados, de q̃ na Coronica do dito Rey D. Affonſo ſeu irmaõ, em que propriamente convem, farey aho diante mais largua mençam.

Do Ifante D. Anrique.

E aſſi ouve ho dito Rey D. Sancho da Rainha ſua molher ho Ifante D. Anrique, que naceo no anno
1189. de Noſſo Senhor de mil cento, e oytenta e nove, ho qual moço, e ſem cazar em vida delRey ſeu padre faleceo, e jaz em Santa Cruz de Coimbra.

Da Rainha Dona Thareja filha deſte Rey D. Sancho.

E ouve mais eſte Rey D. Sancho da Rainha Dona Doce ſua molher ha Rainha Dona Thareja, que em vida delRey ſeu padre cazou com ElRey D. Affonſo de Liam, e foy delle pela Egreja apartada por ambos ſerem primos com irmãos, porque ha Rainha Dona Urraqua mãy delRey D. Affonſo era irmãa delRey D. Sancho, filhos delRey D. Affonſo Anriques, e ha cauza porque eſte cazamento entam ſe fez, e deſpois ſe deſfez, toquarey aqui brevemente.

Hos Reys de Portugual, e de Liam nos tempos que com ſeus Reynos, e terras, foram apartados, e izentos delRey, e do Reyno de Caſtella, ſempre procuraram de huns com hos outros ſe liar, e confederar por pazes, e cazamentos, por tal que ambos juntamente concordes tiveſſem mais forças, e mayor poder contra ElRey de Caſtella, porque hos nom obriguaſſe, nem conſtrangeſſe, como jàa por força, e em outros tempos, conſtrangera ElRey de Navarra, e ElRey Daraguam, que nas couſas da guerra, e da paz, como Vaſſallos ho ſerviram, e lhe obedeceram, porque na ſegunda partiçam de Caſtella, e de Liam, que ho dito Rey D. Affonſo VIII. e Emperador fez antre dous ſeus filhos, que teve, e leyxou ho Reyno de Caſtella ha D. Sancho filho mayor, e ho Reyno de Liam, e de Gualiza, com ho que fora por Caſtella guanhado em Portugual, e ſegundo opiniam de muytos, eſto fez ElRey de Caſtella D. Affonſo por

por concelho de D. Manrique, e de D. Nuno ſeu irmam, Condes de Lara, que por ſerem peſſoas muito principaes tinham muita parte em ſeu Concelho, e guovernaçam do Reyno porque ſegundo ſe diz, dezejavam para mais ſeu acreſcentamento, que nos Reynos ouveſſe ſempre neceſſidades de guerras, e nenhum deſcanço de paz, na qual partiçam ElRey D. Affonſo Anriques, que entam era, e foy ho primeyro Rey de Portugual, por roturas, e guerras antre ambos jáa paſſadas, e porque elle ho vencera, e ferira na batalha de Valdevez em Portugual, nom fiquou de ſeu Reyno tam ſeguro, que nom receaſſe hos cerquos, e cometimentos da guerra em que ſe jàa vira em Guimarães, e de que com ſua honra, e vitoria, ſe livrou, e muito menos eſperou ſegurança, e perpetuidade de ſeu Reyno, ElRey D. Fernando de Liam, deſpois da ſobceſſam delRey D. Sancho ſeu irmaõ, que era filho mayor do Emperador, que por ventura querendo anullar tal repartiçaõ em cazo, que ſeu pay ha fizeſſe, queria contra elle uzar, aſſi como outro Rey D. Sancho ſegundo fizera na outra repartiçam primeyra dos Reynos de Caſtella, e de Liam, e de Portugnal, e Gualiza, contra ſeus irmãos hos Reys D. Affonſo, e D. Guarcia de que hos quizera privar, e hos prendeo, por ſer filho mayor, poſto que ElRey D. Fernando ſeu pay à ora de ſua morte, antre elles todos tres, hos ditos Reynos partira, e para começo deſta prova, loguo que ho dito Rey D. Fernãdo de Liam vio q̃ ElRey D. Sancho ſeu irmaõ Reynou por ſer mais poderoſo, loguo entrou no Reyno de Liam ha entender em aggravos de que alguns Cavalleyros ſe queyxavam, e comoveo ha ElRey D. Fernando ha fazer em Liam todo ho que ElRey D. Sancho ſeu irmaõ quiz, e lhe mandou ainda que foſſe, como foy contra ſua vontade, pela qual ElRey D. Affonſo Anriques ſobre eſto, e com eſte fundamento de ſe liarem, cazou loguo ſua filha Dona Urraqua, com eſte Rey D. Fernãdo de Liam, que eram primos com irmãos, e della ouve ho Ifante D. Affonſo, que deſpois delle Reynou em Liam, e quitouſe della por achaque de parenteſquo, com que livremente ſe deſpençaram, mas ho dito Rey D. Fernando ho nom quiz fazer, nem procurar ha dita diſpenſaçam, que poderam bem aver, porque deſpois da morte delRey D. Sancho ſeu irmaõ elle perdeo todo ho receo, e temor que delle tinha, que ElRey D. Affonſo de Caſtella ho Noveno deſte nome de que atraz jàa dice, filho, e ſobceſſor delRey D. Sancho fiquou muito menino, e caſe delle dito Rey D. Fernando em poder, cujo dezejo parece, que foy fazerſe Rey dambos hos Reynos, ſe Deos, e ha lealdade de vaſſallos Caſtilhanos lhe nom reſiſtiram, como atraz eſto jáa fiqua mais decrarado,

E ſobre

E ſobre eſte apartamento da Rainha Dona Urraqua ElRey D. Affonſo Anriques por vinguança, e ElRey D. Fernando por ſua defeza tiveram continuas guerras, e ouve antre elles grandes odios, ho que foy no tempo que ho dito Rey D. Affonſo quebrou ha perna no ferrolho das portas de Badalhouſe, como em ſua Coronica milhor ſe declara, e aſſi deſpois por eſte reſpeyto de liança, e concordia ElRey D. Sancho de Portugual ſem devida deſpenſaçam cazou eſta Rainha Dona Tareja ſua filha com ElRey D. Affonſo de Liam, primo com irmaõ della, e ſeu ſobrinho, filho de ſua irmãa Dona Urraqua, e do dito Rey D. Fernando de Liam; e tambem ha eſſe tempo ſe ouve por muy neceſſario fazerſe eſte cazamento, para com elle, como bom meo de paz ſerrarem guerras, e diferenças, que antre elles Reys de Portugual, e de Liam entam ſe aparelhavam, e porem ſegundo ſe acha por eſcrito, tanto que ambos foram cazados, que foy no mez de Fevereyro, loguo em Portugual, e Caſtella por qualquer cazo, que de adverſa influencia do Ceo, ou por outros miſterios, e peccados da terra, ſobrevieram grandes, e tam preſeveradas invernadas, e chuvas que duraram ſem ceſſar atée ho Junho ſeguinte, com que ſe danaram, e perderaõ muitas novidades de paõ, vinho, e azeyte, e fruytas, e algumas, que fiquaram, ſobreveo tamanha pragua, e multidam de vermões, que atée à terra todas has comeram, e veyo-ſe tam grande Eſtio, e ſecura por quenturas do Sol que durou atée meado Janeyro do anno, que vinha, e ceſſando ho Eſtio, ſobrevieram grandes peſtilencias, e outras dores eſpantozas, e de mortal periguo, eſpecialmente em terra de Santa Maria, Biſpado do Porto, onde ha peſte foy tam crua, e danoſa, que em grandes povoraçõeſ, e Luguares de muitas peſſoas eſcaſſamente fiquaram tres vivos.

E na terra de Bragua particularmente ſe acha, que nos homens, e molheres intrinſequos males, e de tanto, e tam rayvozo ardor, que lhes parecia que ardiam, e comiam em ſy meſmos, e aſſi com taes padecimentos ſem aproveytar cura, nem remedio algum piadoſamente morriam, e porque das mortaes preſeguições, que à terra podiam vir, algũa nom fiquaſſe por paſſar; ouve neſte tempo em Portugual durando eſte cazamento tanto falecimento de mantimentos, que muitas gentes morriam de fome, e por ſuſterem has vidas por alguma maneyra, comiam como beſtas hos guomos das vinhas, nem leyxavam has ervas verdes dos campos, e no meſmo tempo, porque hos homens nom gouveſſem dalgũ bem da paz veo que por derradeyra perſeguiçam, hum Jacob Mouro poderoſo Rey de Sevilha, ſabendo deſtas minguoas, e neceſſidades do Reyno de Portugual, para mais facilmente ho conquerir, e guerrear,

elle com muita gente de pée, e de cavallo por terra, e com aſáas frota por maar, no mez de Mayo entrou em Portugual, e veyo loguo poer cerquo ſobre ha Villa de Alcacere do Sal, que ElRey D. Affonſo Anriques primeyramente tomou ahos Mouros, e aſſi ha combateo loguo com engenhos darmas de noyte, e de dia, que ahos trés dias de Junho ſeguinte, com aſáas dano dos da Villa ha tomou.

Pelo qual hos Chriſtãos que viviam nos Caſtellos Dalmada, e de Cezimbra, e Palmella, que tambem nom avia muito tempo, que ho dito Rey D. Affonſo tomára ahos infieis, ſabendo que Alcacere do Sal, Villa tam forte fora aſſi, ſem reſiſtencia, nem ſoccorro tomada, deſeſperados de ſe poderem nelles defender, hos leyxaram vazios, e ſe acolheram ha outros Luguares dos Chriſtãos em que eſperavam teer moor ſegurança. Sabendo eſto ho dito Rey Mouro, veyo loguo ahos ditos Caſtellos, e atée ho chaõ hos derribou, e deſtroyo, e deſpois de leyxar Alcacere bem fortalezado, foy loguo com ſeu poder cerquar ha Cidade de Sylves, que ElRey D. Sancho avia pouquo tempo, que lha tinha tomada, como atraz hee declarado, e com ingenhos de combates continos aſſi afrontou ha Cidade, que hos Chriſtãos que ha defendiam deſpois dalguns dias paſſados em que nom eſperavam ſoccorro, deram por partido ha Cidade ahos Mouros, com ſegurança das vidas, e fazendas, que ſalvaram.

Ha qual neceſſidade ElRey D. Sancho nom pode entam ſoccorrer aſſi como fora rezaõ, e elle dezejava por minguoas, e neceſſidades dos Reynos, e aſſi por outras em que contra ElRey de Liam andava revolto, e ocupado, e neſte tempo hos Mouros da Cidade de Sylves no Alguarve, atée que Reynou D. Affonſo Conde de Bolonha, neto delRey D. Sancho, porque no tempo deſte ſe tornou outra vez ha cobrar com todo hó Alguarve, como em ſua Coronica aho diante ſe dirá. E porém deſta entrada, e guerra que eſte Mouro aſſi fez, recebeo Portugual grandes danos, que hos infieis levaram delle grandes roubos, e muitos Chriſtãos cativos de que muitos paſſaram alem maar, mas ElRey D. Sancho para algum repayro, e deſcanço deſtes males paſſados, e porque jáa has gentes de ſeu Reyno eſtavam por eſtas guerras, e neceſſidades muy trabalhados, tratou treguoas por ſinquo annos com ho dito Rey Mouro, has quais foram por ſua parte firmar, hum Pedro Affonſo, e Gil Guonçalves, ſeus vaſſallos, e peſſoas em que tinha confiança.

Das quais tribulações, e grandes males, que Eſpanha, e Portugual aſſi padeciam, ſendo informado Celeſtino III. que ha eſte tempo era Papa em Roma, cuydando que poderiãm ſer por maldiçam de Deos, e por pendença da culpa erros,

erros, e peccados, em que hos Reys eſtavam, por eſte cazamento, por ſer feyto antre tam conjuntos parentes, ſem diſpenſaçam, e contra ho preceyto da Egreja para ho desfazer, enviou de Roma por Leguado ha Eſpanha, e ha Portugual principalmente, D. Guilhelme Diacono Cardeal do titulo de Santan. Gelo, ho qual com Arcebiſpos, Priores, e Abbades Bentos do Reyno de Portugual, e de Liam, que mandou ajuntar, fez Concilio em Salamanqua onde foy acordado divorcio, e apartamento dos ditos Reys D. Affonſo, e ha Rainha Dona Tareja, nem quizeram diſpenſar ſobre ho cazamento antre elles jáa feyto, e porque ElRey, e ha Rainha nom obedeceram, nem quizeram loguo apartar, puzeram muy eſtreyto antredito em ambos hos Reynos, por riguor do qual has gentes neſte tempo nom entravam nas Egrejas, nem ſe diziam nellas Miſſas, nem Officios Divinos, nem davaõ ſepulturas ahos corpos mortos em luguares Sagrados, ho qual antredito durou hum anno, e hum mez, e tres dias.

No cabo do qual tempo ho dito Rey, e Rainha obedeceram à Santa Sèe Apoſtoliqua ſe apartaram, ho que foy na era de Noſſo Senhor
1207. de mil duzentos e ſete annos, e eſte dito Rey D. Affonſo de Liam, tambem ſem diſpenſaçam tornou ha cazar com ha Rainha Dona Beringela, filha delRey D. Affonſo Noveno de Caſtella, e deſpois de averem filhos dantre ambos tambem della ſe quitou; e della ho dito Rey D. Affonſo de Liam ouve ElRey D. Fernando ſeu filho, em que hos Reynos de Caſtella, e de Liam, ſe tornaram àjuntar, e eſte foy ho que guanhou Cordova, e Sevilha dos Mouros; e porém ElRey D. Affonſo de Liam, e ha Rainha Dona Thareja, que primeyro cazaram, jáa tambem tinham dantre ambos tres filhos, ha ſaber, ho Ifante D. Fernando, que faleceo moço ſem filhos, ha que eſte Rey D. Sancho ſeu avoo, leyxou em ſeu teſtamento dez mil maravedis douro, dos quaes maravedis douro, ſeſſenta faziam hũ marquo, e eram de preço de como aguora neſte tempo ſaõ hos cruzados douro, e aſſi tinham ha Infante Dona Doce, que ElRey D. Sancho criou em Portugual, e em ſua caza, e ha que leyxou em ſeu teſtamento outros dez mil maravedis douro, e cento, e ſincoenta marquos de prata, e aſſi tinha ha Ifante Dona Sancha, que ſe criou em Caſtella, ha que tambem leyxou ElRey D. Sancho outros dez mil maravedis douro, e eſta he ha que cazou com ElRey D. Anrique de Caſtella deſpois que foy quite da Rainha Dona Moſalda, filha deſte Rey D. Sancho de Portugual, de que loguo ſe diráa.

Has quaes Ifantes ſe dizem *de Caſtro torrafe*. Deſpois da morte delRey D. Affonſo de Liam ſeu padre, porque has leyxou erdeyras do Reyno em ſeu teſtamento, e aſſi

por concelho da Rainha Dona Thareja ſua madre ſe alevantaram com ho Reyno de Liam, contra ElRey D. Fernando ſeu irmaõ, filho da Rainha Dona Biringela, e em fim, em Valença do Minho, onde ha dita Rainha Dona Biringela veo, elles todos foram concordados neſta maneyra, ha ſaber, que ellas Ifantes filhas da Rainha Dona Thareja leyxaſſem hos Caſtellos de Liam, e ouveſſem para ſeu ſoportamento por has rendas doutros Luguares loguo aſſinados ſinquoenta mil dobras douro cada anno, e ſobre eſto cõcerto, ſe foraõ ver com ElRey D. Fernando em Benavente, donde partiram amiguos em paz.

E ha Rainha Dona Thareja deſpois de paſſados alguns dias ſe veo para Portugual, ha que ElRey D. Sancho ſeu Padre leyxou no dito teſtamento para ſoportamento de ſua vida, ha Villa de Monte moor ho Velho, e ho Luguar Deſgueyra, e mais outros dez mil maravedis douro, e cento e ſinquoenta marquos de prata, e eſta Rainha reformou de novo aho Moeſteyro de Lorvam da Ordem de S. Bernardo, ha tres leguoas da Cidade de Coimbra, e ho dotou de muitas rendas, e foy Senhora delle, e nelle jáas ſepultada, e leyxoulhe para ſempre ho dito Luguar Deſgueyra, que ho dito Moeſteyro aguora tem.

He Santa, e della reza a Igreja, e faz feſta a 17. de Junho. por Decreto do Papa Clemẽte XI.

Da Rainha Dona Mofalda, filha delRey D. Sancho.

E aſſi ouve ElRey D. Sancho da Rainha Dona Doce ſua molher ha Ifante Dona Mofalda, que em perfeyçõeſ, e bondades do corpo, e dalma, foy Princeza muy acabada, ha qual foy cazada com ElRey D. Anrique deſte nome ho primeyro Rey de Caſtella, filho, e erdeyro do ſobredito Rey D. Affonſo ho noveno, eram parentes dentro no quarto grao, e cazaram ſem diſpenſaçam, e principalmente ſem conſentimento, e contra vontade da Rainha Dona Biringela ſua irmãa, foram pelo Papa Innocencio III. apartados, ho que para declaraçam doutras couſas, que podem obcorrer, foy brevemente neſta maneyra.

Por falecimento do ſobredito Rey D. Affonſo noveno de Caſtella, fiquou por ſeu erdeyro em muy piquena idade D. Anrique ſeu filho, deſte nome ho primeyro de Caſtella, filho da Rainha Dona Leonor, filha delRey D. Anrique de Inglaterra, à qual deſpois da morte delRey ſeu marido, fiquou ho regimento, e governança dos Reynos de Caſtella, e aſſi ha criaçam delRey ſeu filho, atée elle ſer em idade para por ſy poder reger, e porque eſta Rainha Dona Leonor, loguo ha poz ſeu marido faleceo, fiquou por ſua morte, encomendado todo ſeu carguo à Rainha

nha Dona Biringela, irmãa do dito Rey D. Anrique, e Rainha, què fora de Liam, e eſtava em Caſtella por ſer ha eſſe tempo, por authoridade, e mandamento da Egreja apartada delRey D. Affonſo de Liam, ſeu marido, e primo com irmaõ, como atraz jáa toquey, ha qual em bondades, virtúdes, e grandes prudencias, foy Princeza ſingular, e porque naquelle tempo hos Condes de Lara, hà ſaber D. Fernando, e D. Alvaro, e D. Guonçalo, filhos do Conde D. Nuno de Lara ho bom, de que atraz jaa faley, eram peſſoas mais principais do Reyno, elles para que com mais licença, e amor poderem uſar de ſuas vontades, e cobiça trabalharam de tirar ElRey D. Anrique do poder deſta Rainha ſua irmãa, para que lhes foſſe entregue, ha qual por eſcuzar boliços do Reyno, que ſe aparelhavam, com precedente concelho primeyramente, e com conſentimẽto dos Eſtados do Reyno, e em Cortes aprazadas, e com juramentos, e menagens ſolenes ouve por bem de entreguar, e entregou ElRey ſeu irmaõ aho Conde D. Alvaro de Lara, que loguo quebrou, e nom guardou has lemitações, e condições com que prometeo de reger, e guovernar por ElRey, fazendo em ſua guovernança couzas aſſi feas, e graves, que eram contrayras ha toda juſtiça, e oneſtidade, e pareciam proceder de cobiça, e tirania, ou de pura vinguança, de que por odio, nom quiz iſentar ha meſma Rainha Dona Biringela, ha que ſem algum reſguardo de ſua dignidade, e grandes merecimentos, quizera tambem tirar muitas couſas, que da Coroa de Caſtella direytamente tinha, e porque ſentio, que aſſi ha Rainha, como outros grandes Senhores de Caſtella lhe queriam tirar ElRey D. Anrique, e ha governança de ſeu Reyno, e via que ho meſmo Rey aſſi ho dezejava, por aſſegurar principalmente ha vontade delRey em que a mayor força da contradiçam, e concordia de ſuas couſas eſtava, e para teer mayores, e mais ajudas, para ha força que queria fazer, ſabendo que ha Iſante Dona Moſalda filha delRey D. Sancho de Portugual eſtava por cazar, e era Senhora em que avia reſpeytos, e grandes prefeyções para ſe della terem muitos contentamentos, ho Conde D. Alvaro de Lara leyxou ElRey D. Anrique na Cidade de Palença, q̃ hee de Caſtella, e ſe veyo ha Portugual, e com tanta eficacia, e com taes rezões, e fundamentos tratou eſte cazamento com ElRey D. Sancho, que ſem mais dilaçam, ouve por bem loguo lhe entreguar ſua filha, que com aquella honra, e companhia, que merecia, loguo ho dito Conde ha levou ha Palença à viſta delRey D. Anrique, e dahy loguo ha Medina del Campo onde cazaram, e fizeram ſuas vodas, com feſtas pubriquas, e honradas.

E deſte cazamento pezou muito

to à Rainha Dona Biringela, que com palavras ha ſeu deſcontentamento conformes, e principalmente por cazarem em peccado, e ſem diſpenſaçaõ, ho mandou muito eſtranhar aho Conde, ho qual ſobre eſſo reſpondeo à Rainha, por ventura mais aſpero do que devera, e ella merecia, e quizera, pelo qual ha Rainha, loguo ſopriquou aho Papa Innocencio III. ſobre eſto pedindolhe, que hos apartaſſe, ho qual cometeo ha cauza ha D. Tello Biſpo de Palença, e ha D. Moninho Biſpo de Burguos, hos quaes juntos, e ouvidas ſobre eſſo has partes, e ſabida ha verdade do feyto, julguaram ho apartamento antre ElRey, e ha Rainha, e com apremadas cenſuras, e antreditos, que nos Reynos pozeram, foram ambos apartados, e ha Rainha Dona Moſalda ſe tornou ha Portugual para ElRey D. Sancho ſeu padre, e ElRey D. Anrique, foy loguo concertado de cazar, e cazou com ha ſobredita Dona Sancha, filha delRey D. Affonſo de Liam, e da Rainha Dona Thareja ſua molher, e neta delRey D. Sancho, com fundamento, e condiçam, que deſpois da morte delRey D. Affonſo de Liam, porque nom tinha filho baram legitimo, que hos ſucedeſſe, e erdaſſe, que hos Reynos de Caſtella, e de Liam fiquaſſem juntamente aho dito Rey D. Anrique, e nom veyo ha effeyto, porque dahy ha pouquos dias eſtando ElRey em Palença julguando, e avendo prazer com ſeus Fidalguos, hum delles que ſe diz ſer da linhajem de Mendoça, lançando alto hum mançal toquou em hum telhado, onde por deſaſtre cayo huma telha, que deu na cabeça delRey, que ha pouquos dias loguo faleceo, e ha elle ſobcedeo loguo nos Reynos de Caſtella ho Ifante D. Fernando ſeu ſobrinho, filho do dito Rey D. Affonſo de Liam.

Eſte Rey D. Fernando ſeu filho por nom aver ahy outro legitimo ſobceſſor baram, ſobcedeo tambem ho Reyno de Liam, e nelle como atraz apontey hos Reynos ambos de Caſtella, e de Liam, outra vez ſe tornaraõ ajuntar no anno ſeguinte, que foy de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de mil e duzentos e trinta e dois annos, como nas Coronicas Deſpanha mais declaradamente ſe conteem, e ha eſta Rainha Dona Moſalda, ElRey D. Sancho ſeu pay leyxou em ſeu teſtamento para ſoportamento de ſua vida, e eſtado, dez mil maravedis douro, e duzentos marquos de prata, e mais ha Egreja de Bonças, e Moeſteyro Darouqua, da Ordem de S. Bernardo, que ella novamente fundou, e nelle acabou oneſta, e ſantamente ſua vida, e ahy jáas ſepultada. 1232.

Da Ifante Dona Sancha, filha delRey D. Sancho.

E aſſi ouve mais ElRey D. Sancho da Rainha Dona Doce ſua molher, ha Ifante Dona Sancha, que

que nom cazou, e foy guovernadora do Moesteyro de Lorvam, e ha esta leyxou ElRey seu padre ha Villa Dalanquer por sua Cidade, e outros dez mil maravedis douro, e duzentos,e sinquoenta marquos de prata, e mais muita roupa de caza, e riquas joyas de sua pessoa, e esta jáas sepultada no Moesteyro de Santa Cruz de Coimbra, e fundou ho Moesteyro de Saõ Franciſquo Dalanquer da Obſervancia, ainda em vida de S. Franciſquo, e esta devaçam tomou quando hos sinquo Frades ha vieram de caminho vizitar, e hos vestio, e lhe fez esmola, como se aho diante dirá.

He Santa, e della teza a Igreja, e faz a festa a 13. de Março por Decreto do Papa Clemẽte XI.

Da Ifante Dona Branqua, filha tambem delRey D. Sancho.

E assi ouve ElRey, e ha Rainha sua molher ha Ifante Dona Branqua, que foy Senhora de Guadalferrara em Castella, e mandouse trazer, e enterrar em Santa Cruz de Coimbra, e ha esta leyxou tambem ElRey seu pay outros dez mil maravedis douro, e duzentos marquos de prata.

Da Ifante Dona Biringela, filha DelRey.

Teve mais ElRey D. Sancho da Rainha sua molher por derradeyra filha, ha Ifante Dona Biringela, que faleceo sem cazar, e foy criada pela Rainha Dona Thareja sua irmãa em Lorvam, e ha esta tambem ElRey leyxou em seu testamento outros dez mil maravedis douro, e duzentos marquos de prata, e aho tempo de seu falecimento se mandou enterrar em Santa Cruz de Coimbra onde seu pay jazia, hos quaes filhos, e filhas legitimos ho dito Rey D. Sancho ouve da Rainha Dona Doce sua molher, ha qual faleceo na era de Nosso Senhor de mil cento e noventa e oyto, e mandouse loguo soterrar em Santa Cruz de Coimbra, onde despois foy sepultado ElRey D. Sancho seu marido. E aho tempo em que ha Rainha faleceo, ElRey D. Sancho quando viuvou, era de idade de quorenta e quatro annos. 1198.

Dos filhos baſtardos delRey D. Sancho.

Depois do falecimento da Rainha Dona Doce, ElRey tomou logùo por manceba huma Dona Maria Ayres de Fornelos, de que ouve dous filhos, ha saber Martim Sanches, e Dona Urraqua Sanches, e este Martim Sanches, foy Adiantado delRey D. Affonso de Liam, seu Primo com irmaõ, e era bom Cavalleyro, e cazou com ha Condessa Dona Olaya Pires, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, ho Castelam, de que jàa dice, e venceo tres vezes ha gente de D. Affonso de Portugual seu irmaõ, em nome delRey D. Affonso de Liam, e teve quatro Condados, em que entrava ho Condado Destramara em

em Gualiza, e nom teve filhos, e jáas honradamente ſepultado em Cofinos luguar da Ordem de Saõ Joham em Caſtella, em terra de Campos.

E deſpois deſta primeyra manceba, que ElRey leyxou, e ouve por bem que cazaſſe com D. Gil Vaz de Souza, homem principal, tomou loguo q̃ teve atée ſua morte, outra ſegunda Dona Maria Paes Ribeyra, ha que deu Villa de Cõde, e outras Cidades, e terras, ſe nom cazaſſe, e ha eſta foy ElRey muito affeyçoado, e della ouve eſtes filhos, e filhas ha ſaber, Dona Thareja Sanches, que foy cazada com D. Affonſo Telles ho Velho, que povorou Alboquerque, hos quaes ouveram filhos, ha ſaber, D. Joham Affonſo Tello, e Martim Affonſo Tello, e ha eſta Dona Thareja, ElRey em ſeu Teſtamẽto leyxou ſete mil maravedìs douro, e aſſi ouve della D. Gil Sanches, ha que ElRey leyxou oyto mil maravedìs douro em ſeu teſtamento. E Dona Conſtança Sanches, ha que ElRey leyxou ſete mil maravedìs, e ſem cazar acabou ho Moeſteyro de S. Franciſquo de Coimbra, que em vida de S. Franciſquo ſe fundou, e jáas em Santa Cruz, junto com ElRey D. Sancho ſeu padre, e ouve della mais ha D. Ruy Sanches, ha que leyxou outros oyto mil maravedìs, e eſte morreo em huma peleja na Cidade do Porto, que nom devia de ſer de Mouros, e jáas ſoterrado no Moeſteyro de Grijóo. E eſta Dona Maria Paes deſpois dalguns dias do falecimẽto delRey, cazou com Joham Fernandes de Lima, que diceram ho bom de Gualiza, que foy muito honrado, e de grande caza, e delle tambem ouve filhos, e filhas, e huma ſua neta, que chamaram Dona Ignez Lourenço de Valadares, cazou com D. Martim Affonſo, filho baſtardo delRey D. Affonſo ho ſegundo de Portugual, que ouve de huma molher, que fora Moura, e eſtes ouveram hum filho dito Martim Affonſo Chichorro, que ouve filho que chamaram Vaſquo Martins Chichorro, de que vem hos Chichorros de Souza, de Portugual, que aguora ſaõ.

A qual Dona Maria Paes, que ſe acertou aho tempo do falecimento delRey D. Sancho, indo de Coimbra com ſeu doo, e triſte para ſua terra, que era Villa de Conde, acompanhada de D. Martim Paes Ribeyro ſeu irmaõ, aconteceo que hum Guomes Lourenço Vieguas, neto de D. Eguas Moniz, que era homem principal ha ſalteou no caminho, e ha levou por força aho Reyno de Liam, e ferio mal ha ſeu irmaõ, ho qual ſe foy loguo querelar ha ElRey D. Affonſo, filho delRey D. Sancho, que entam começara de Reynar, que ſobre eſſo eſcreveo loguo ha ElRey de Liam, aſſi aſpero, e com rezões de requerimentes de juſtiça, e emmenda como ho cazo de tal força requeria, e porque Guomes Lourenço, por empra-

emprazamentos, e citações que ſobre ho cazo lhe foram loguo feytas, e ſobre entregua de Dona Maria Paes ſe vio muy apreſado, induzido della, e aconſelhado falſamente ſe vieram ambos ha ElRey D. Affonſo de Portugual, que ha eſſe tempo era em Caſtel Rodriguo de Riba de Coa, de que lhe fez diſſimuladamente creer, que depois daſoſſeguado, e ſatisfeyto ſeu irmam Martim Paes, elle dito Guomes Lourenço averia perdam, e remedio, mas ella como ſevio ante ElRey loguo aſſi ſe leyxou cayr em terra, e com vozes, e palavras de grande ſentimento, e com muitas lagrymas lhe pedio juſtiça, e vinguança de Guomes Lourenço, que era preſente, pela força, e deshonra que lhe fizera, pelo qual ElRey deſpois de ha ouvir, e ſem eſcuza confeſſar ſeu crime, ho mandou loguo matar, e deſpois deſto porque ella era de boa linhagem, e fiquara muy riqua, cazou com ho dito Joham Fernandes de Lima, como acima dice.

CAPITULO XVI.

Das couſas, que ha ElRey D. Sancho em ſeu Reyno ſocederam deſpois do apartamẽto da Rainha Dona Thareja ſua filha atèe ſeu falecimento.

DO apartamento delRey D. Affonſo de Liaõ, e da Rainha Dona Tareja ſua molher atée ho falecimento deſte Rey D. Sancho, ſe paſſáram doze annos, e has couſas que neſtes Reynos, achey que fez, e que em ſeu Reyno, e tempo ſe paſſaram, ſaõ has ſeguintes (brevemente) primeyramente no anno ſeguinte deſpois que hos Mouros deſtroyram hos Caſtellos atraz apontados, ElRey mãdou reformar, e fortalezar ho Caſtello de Palmela, e aſſi de novo ho de Cezimbra, e alguns dez annos que apoz eſte loguo ſe ſeguiram por deſvayrados curços dos Ceos, mais que por erros de couſas da terra, ouve em Eſpanha guerras, fomes, e cruas peſtilencias nos homens, e grandes mortindades em toda calidade de alimarias, e em quanto duraram has treguoas que ElRey D. Sancho poz com hos Mouros, ſempre pela mayor parte do tempo teve guerra com ElRey D. Affonſo de Liam, ha que tomou em Gualiza ha Cidade de Tuy, e has Villas de Sampayo, e de Lobeo, e Ponte Vedra, e outros Luguares que em ſua vida teve, porque deſpois de ſua morte, e em tempo doutros Reys ſeus ſoceſſores por bem de paz, e concordia, hos ditos Luguares foram tornados aho Reyno de Liam.

E na era de Noſſo Senhor de mil e cento e noventa e nove annos antre ha Sexta, e Noa do dia foy grande, e muito eſpantozo Cris do Sol, que por todos aquelles que eſcreviam has couzas maravilhoſas de ſeus tempos, aſſaas memorado, 1199.

porque ho Sol foy negro todo como pez, e ho dia que era craro, ſe tornou muy eſcura noyte, e nos Ceos ſendo de dia pareceu ha Lua, muitas Eſtrellas, por cujo nome, e eſpanto, e mortal temor, hos homens, e molheres de todo ho eſtado, e condiçam, crendo que ho mundo ſe acabava, e vinha ho dia do derradeyro juizo, temendo ha morte, e por acabarem has vidas, em ſantos luguares leyxavam has cazas, e fazendas, e deſacordadas ſe acolhiam às Egrejas, e Cazas piedoſas, e deſpois que has trevas ſe começàram ha derramar, e ho Sol cobrando ſua claridade, foy ha Lua viſta em deſvayradas maneyras, como nunqua fora viſta, e viam eſtes ſinaes ſerem tam fóra do regulado curſo da natureza, como hos que tiveram ha Payxam de N. Senhor, e eſte dia deſte Cris aſſi foy nomeado, e aſſi fiquou lembrado nas memorias dos homens, eſpecialmente de Portugual, que quando deſpois peſſoas antiguas ſe perguntavam por couſas de tempos paſſados, de que queriam ſaber ha verdade, e has teſtemunhas para certidam de ſuas idades, e tempos referiam ſeus ditos, e mores lembranças, ha eſte dia que ſe tornàra noyte, e acha-ſe mais, que deſpois da
1201. era de N. Senhor de mil e duzentos e hum annos, por continuas chuvas, que em todos hos mezes ſobrevieram nom ſe poderam fazer ſementeyras, ſalvo em muy pouquos luguares, em que ha ſemente ſe perdeo, de que ſe ſeguio outra tam grande fome, que ſegundo ha eſtimaçam, que ſe fez ſe affirma, que ha terceyra parte da gente, que era viva morria, eſpecialmente em Gualiza, onde por eſte peſtifero mal, fiquaram ermos muitos Luguares, e de todo deſpovoados, e no anno ſeguinte ſe moſtra, que ElRey D. 1202.
Sancho mandou de novo edefiquar ho Caſtello de Monte moor ho novo, no Biſpado de Evora, e neſte anno atée hos dous ſeguintes ſe acha aver neſte Reyno no maar, e na terra grandes tromentas, e tempeſtades, de que receberam mortes, e muitos danos, e perdas geraes, aſſi nos homens, e molheres, como guados, e Navios, e mercadorias, e neſte anno ElRey D. Sancho povorou, e fez de novo ho Caſtello de Penella, e no anno ſeguinte de mil duzentos e oyto, ha vinte, e ſinquo dias de Julho, ſe acha brevemente que ho dito Rey com gente de guerra ordenada tomou ahos Mouros por força ho Caſtello Delvas, e eſta foy ha derradeyra couza, que por ſerviço, e acrecentamento de ſua honra, e bom nome fez contra hos infieis no qual feyto jáa com elle foy ho Ifante D. Affonſo ſeu filho erdeyro, que apoz elle Reynou. 1208.

CA-

CAPITULO XVII.

Do falecimento delRey D. Sancho, e deſeu Teſtamento, e de algumas couſas, e obras que fez.

1212. NO anno de N. Senhor Jeſu Chriſto de mil duzentos, e doze, tendo jáa ElRey D. Sancho ſinquoenta, e oyto annos de ſua idade, e avendo vinte, e ſete que Reynava, fazendo primeyro ſeu ſolene teſtamento, e como Catholico, e muy virtuoſo Rey, recebendo para bem de ſua alma todos los Sacramentos ordenados pela Egreja, faleceo de ſua vida corporal na Cidade de Coimbra, onde no Moeſteyro de Santa Cruz jáas ſepultado junto com ElRey D. Afonſo Anriques ſeu padre, onde jazia jáa ſepultada ha Rainha Dona Doce ſua molher, como atraz jàa dice, e antes dous annos, que faleceſſe ho dito Rey D. Sancho, fez ſeu ſolene teſtamento, que eu Coroniſta vi eſcrito em perguaminho, com palavras de latim, e aſſelado ſob ſeu ſelo de chumbo, e aprovado com juramentos, e menagens ſolenes por ho Ifante D. Affonſo ſeu filho primogenito, e ſoceſſor, e pelo Arcebiſpo de Bragua, e pelo Prior de Santa Cruz, e pelo Abbade de Sam Tiço, e pelo Meſtre do Templo de Salamam em Jeruſalem, e pelo Prior do Eſprital de S. Joham em Jeruſalem neſte Reyno, e por D. Pedro Affonſo, e por D. Guarcia Mendes, e D. Martim Fernandes, e por D. Lourenço Soares, e D. Guomes Soares, que eram Senhores, e peſſoas mais principaes do Reyno, com hos quaes fez ſeu teſtamento, todos em auto pubriquo fizeram Juramento nas mãos do Arcebiſpo de Bragua, e menagens nas proprias mãos delRey que ſobpena de tredores, e aleyvoſos, e excomunguados, e malditos da maldiçam de Deos, todas has couzas de ſeu teſtamento compriſſem, e fizeſſem inteyramente cumprir, ho qual teſtamento foy feyto na Cidade de Coimbra no mez de Outubro do anno de N. Senhor de mil duzentos e dez, e da hy ha 1210.
dous annos faleceo ElRey, como já dice.

E dos leguados, e eſmolas que no dito teſtamento leyxou, e donde ordenou que ha pagua de tudo ſe fizeſſe, nom me pareceo ſer alheo da Eſtoria, aſſi para louvor deſte glorioſo Rey, como para bom exẽplo dos outros, que eſto virem, porey aqui hũa ſumaria, e verdadeyra lembrança, que ſoya ſer ha do Tombo das Eſcrituras de ſeus Reynos, e aſſi em poder do Meſtre da Freyria de Evora, que aguora hee de Aviz, e no Caſtello de Tomar em poder do Meſtre, e Freyres do Templo, que aguora hee de Chriſtus, e no Caſtello de Belver, que era do Prior do Eſprital de Jeruſalem,

e aſſi em poder do Abbade de Alcobaça, e do Prior da Santa Cruz, e no Caſtello de Leyria leyxava quinhentos e tres mil e tantos maravedìs douro de ſeſſenta, e mil e quoatro centos marquos de prata, declarando ha ſoma particular que em cada hum deſtes luguares tinha.

E porque aho tempo de ſeu falecimento elle tinha quinze filhos, e filhas todos vivos, ha ſaber, nove legitimos, e ſeis baſtardos, como tenho acima declarado ha eſtes todos deſta ſoma, àlem doutros grandes leguados de panos, e joyas, e guados, e cavalos, leyxou mais trezentos e ſinquoenta mil maravedìs douro, em que leyxou deſtes aho Ifante D. Affonſo ſeu filho mayor, que decrarou por erdeyro, e mais hos outros filhos, e filhas, mil e cem marquos de prata, ha ſaber, ha cada hum dos filhos, e filhas legitimas dez mil maravedìs, e ha cada huma das femeas duzentos e ſinquoenta marquos de prata, e ha cada hum dos filhos barões baſtardos ſete mil, e mais certos marquos de prata, e dos cento e ſinquoenta e oyto mil e tantos maravedìs, que fiquàraõ leyxou quarenta mil ha Alcobaça, ha ſaber, dez mil para delles ſe fazer huma guafaria em Coimbra, dez para fazer hum Moeſteyro da Ordem de Ciſtel, e hos ſinquo mil para ha fabriqua, e bem feytorias de Alcobaça, e aho Moeſteyro de Santa Cruz Ꝟ maravedìs, e mais ha ſua Capella, huma copa douro de que mandou que ſe fizeſſe huma Cruz, e hum Calix, e mais cem marquos de prata, para frontaes dos Altares de S. Pedro, e Santo Agoſtinho, e para redemçaõ dos Cativos leyxou quinze mil maravedìs, e aho Templo Santo de Jeruſalem Ꝟ maravedìs, e aho Eſprital de Jeruſalem outros dez mil maravedìs, e para ſe fazer ha ponte de Coimbra Ꝟ maravedìs, e aho Papa Innocencio III. leyxou cem marquos douro, ha que pedio, como ha Senhor de ſeu corpo, e da ſua alma, que com ſua ſanta authoridade, faça inteyramente comprir eſte ſeu teſtamento, e dos ſeſſenta, e oyto mil maravedìs tomou ſinquo mil para ſatisfaçam das couzas que ſe achaſſem, que elle com direyto devia reſtituir, e hos mais mandou eſtribuir por alguns Moeſteyros principaes, e Egrejas do Reyno por ſomas loguo declaradas de mais, e menos, ſegundo ha calidade das Egrejas, e na merce, e beneficios, que fez às Egrejas Cathedraes do Reyno, entrou ha Sèe da Cidade de Tuy com moor ſoma, que has outras, ha que mandou dar tres mil maravedìs, por ſer a eſte tempo de Portugual, porque cada huma de todas has outras ouve ſóomente mil maravedìs, ſoomente Bragua, e Evora, que ouveraõ dous mil, e ha cada huma das Egrejas pequenas mandou dar dous maravedìs, que ſe alguma ſobejaſſe da ſoma, ho que para eſtas deſpezas piedozas apartara, que ho tornaſſem

o Ꝟ com a pinta por cima vale dez mil.

ſem ha dar, e repartir pelas Egrejas mais pobres.

CAPITULO XVIII.

De alguns Luguares, que ElRey D. Sancho novamente fundou, e fez, e ha que deu foraes.

DEu à Ordem de Santiaguo em tempo de Sancho Fernandes, que era Meſtre della, has Villas Dalcacere do Sal, e Palmela, e Almada, e Arruda, e povorou ha Villa de Valhelhas, e lhe deu foral, e ha deu à Ordem da Freyria Devora, que entam era de Calatrava, e ora he Daviz, e deu à Ordem Daviz, ſendo Meſtre della D. Guonçalo Vieguas, filho de D. Eguas Moniz, hos Luguares Dalcanede, e Alpedriz, e Juromenha, e ho Caſtello de Mafora, ennobreceo ha Sée da Cidade de Vizeu, deu foral à Cidade, e às Villas de Cea, e de Gouvea, e povorou Penamacor, e lhe deu foral, e aſſi à Villa, e Caſtello, de Sortelha, e aſſi deu foral ha Torres novas, que refez, ennobreceo deſpois da deſtroyçam, que nella fizeram hos Mouros, e deu ha Cidade da Idanha primeyramente à Ordem do Templo, e aſſi deu foral ha Braguança, e povorou, e fez de novo ha Villa de Contraſte, que aguora he Valença do Minho, e povorou de fundamento Montemoor ho novo, e lhe deu foral; e aſſi povorou Penela, e Figueyró, e deu foral ha Cezimbra, e ha Pinhel, e ennobreceo ho Caſtello, e ha Villa; e aſſi povorou Covilhãa, e Folguoſinho na Serra Deſtrella, e lhes deu foral, e aſſi à Cidade da Guarda, e ha outros muitos Luguares de ſeu Reyno, como Rey, em que avia esforço, e grandeza de animo para ho defender, e acreſcentar, e ennobrecer, nem lhe faleciam bondades, e juſtiça, e ſan conciencia para em ſeu tempo ſer bem governado, e regido como foy.

DEO GRATIAS.

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a Pagina.

A

Abeamazim, e Albouzil. Capitães Mouros, que governaõ o exercito que ſitiava Beja, ſaõ mortos por ElRey D. Sancho I. pag. 8.

Abuaxam Almohadim Miramolim de Marrocos, he morto na batalha de Santarem, pag. 9.

Princepe D. Affonſo Filho primogenito delRey D. Sancho I. quando naceo, pag. 37. Sendo Rey mandou matar a Guomes mes lourenço Viegas, neto de Egas Moniz, por forçar a Dona Maria Paes Ribeira, q̃ fora amiga delRey D. Sancho I. ſeu pay, pag. 49.

D. Affonſo III. De Portugal foy o primeiro, que ſe intitulou Rey dos Algarves, e que acrecentou ao Eſcudo das Quinas a orla dos Caſtellos, pag. 2.

Affonſo Nono de Caſtella He vencido na batalha Delharquos, p. 29. Vence aos Mouros na celebre vitoria das Navas de Toloſa, pag. 29.

D. Affonſo Henriques Onde, e quãdo morreo, pag. 1. e 2. Em que ſepultura eſtá enterrado, pag. 2. Quãdo ſe intitulou Rey de Portugual, pag. 3. Recupera Santarem com ſeu filho D. Sancho I. pag. 10.

D. Affonſo Telles o Velho Cazou com Tareja Sanches filha natural delRey D. Sancho I. de quẽ teve filhos, pag. 48.

Infante D. Anrique Filho de D. Sancho I. de Portugal, em que anno naceo, e onde eſtá ſepultado, pag. 39.

ElRey D. Anrique de Caſtella He ſeparado por ordem de Innocẽcio III. da Rainha Dona Tareja

reja ſua mulher por ſerẽm parentes, pag. 44. Caza com Dona Sancha filha delRey D. Afonſo de Liaõ, pag. 46. Morre infelismente, ibi.

B

Infãte Dona Beringela Filha de D. Sancho I. de Portugal nũca cazou, e onde eſtá enterrada, pag. 47.

Infanta Dona Branca Filha de D. Sancho I. de Portugal, foy Senhora de Guadalferrara em Caſtella, e onde eſtá ſepultada, pag. 47.

C

Celeſtino III. Diſſolveo o cazamento de D. Affonſo de Caſtella cõ Dona Tareja, por ſerem parentes muito chegados, pag. 43.

Cezimbra O ſeu Caſtello foy novamente edificado por D. Sancho I. pag. 49.

Chichorros Donde procedẽ, p. 48.

Dona Conſtança Sanches Filha natural delRey D. Sancho I. de Portugal, viveo no Convento de S. Franciſco de Alanquer, e onde eſtá enterrada, pag. 48.

D

Rainha D. Doce Mulher delRey D. Sãcho I. de Portugal, de quem foy filha pag. 4. Em que anno faleceo, pag. 47. Filhos que teve, p. 37. e os ſeguintes.

E

Eclypſe Foy eſpantozo o que ſucedeo no anno de 1199. pag. 49. e 50.

Elvas O ſeu Caſtello quando foy conquiſtado aos Mouros por D. Sancho I. pag. 50.

F

Infante D. Fernando Filho delRey D. Sancho I. de Portugal, em que anno naceo, pag. 37. Cazou com a Condeſſa de Flandes, ibi. Foy priſioneiro em a batalha q̃ teve com ElRey de França, ibi.

Filhos Os legitimos dos Reys tinhaõ Dõ e naõ os baſtardos, p. 4

Fome Foy eſpantoſa a que ſe padeceo em Portugal, e Galiza, de que morreo a terceira parte da gente, pag. 50.

G

Gil Sanches Filho natural de D. Sancho I. de Portugal, quem foy ſua mãy? p. 48.

D. Gil Vaz de Souza Cazou com Dona Maria Ayres de Fornellos, amiga que fora delRey D. Sancho

Sancho I. de Portugal, p. 48.

Guarda Deu foral a esta Cidade ElRey D. Sancho I. pag. 53.

Gudufre de Bulhaõ He eleyto Rey de Jerusalem depois de ser cõquistada, pag. 14.

D. Guilhelme Diacono Cardial do titulo de SantanGelo, Legado do Papa Celestino III. veyo a Portugal a separar do matrimonio a ElRey D. Affonso III. de Castella, e a Rainha Dona Tareja, por estarem nullamente cazados, pag. 43.

Guomes Lourenço Viegas Neto de Egas Moniz força a Dona Maria Paes Ribeira, e por este crime he sentenciado à morte por ElRey D. Affonso II. de Portugal, pag. 49.

I

Jacobab ym C, afim Miramolim de Marrocos entra com hum grãde exercito em Portugal acompanhado dos Reys de Sevilha, e Cordova, pag. 34.

Idanha Esta Cidade he dada por ElRey D. Sancho I. de Portugal à Ordem do Templo, p. 53.

Jerusalem Em que anno foy tomada por Saladino Soldaõ do Egypto, pag. 13. He restaurada pelos Christãos, e que Capitães assistiraõ a esta cõquista, p. 13. e 14.

Innocencio III. Escreve a ElRey D. Sancho I. exhortando-o à Conquista da Terra Sãta, p. 16. Por sua ordem se dissolveo o matrimonio delRey D. Anrique de Castella, com a Rainha Dona Tareja por serem parentes muito chegados, pag. 44.

Joaõ Fernandes de Lima Cazou cõ Maria Paes Ribeira, que fora amiga delRey D. Sancho I. de quem teve filhos, pag. 48.

M

ElRey D. Manoel Mandou levãtar hũa sumptuosa sepultura a ElRey D. Affonso Hẽriques, p. 2.

Maravedis De ouro quanto era a sua valia, pag. 53.

Maria Ayres de Fornellos Foy amiga delRey D. Sancho I. de quem teve Martim Sanches, e Dona Urraqua Sanches, p. 47. Cazou por consentimento delRey D. Sancho I. com D. Gil Vaz de Souza, pag. 48.

Dona Maria Paes Ribeira Foy amiga delRey D. Sancho I. e que filhos teve delle, p. 48. Depois da morte deste Principe cazou com Joaõ Fernandes de Lima, de quem teve filhos, p. 48. Antes de ser cazada com este fidalgo, foy forçada por Guomes Lourenço Viegas, ibi.

Martim Affonso Tello Sobrinho do Infante D. Pedro, he morto em Marrocos pelos Mouros, p. 34.

Martim Lopes Cavalleiro Portuguez vence a D. Pedro Fernandes de Caſtro, que entrou armado em Portugal, pag. 30.

Martim Sanches Filho natural delRey D. Sancho I. foy Adiantado delRey D. Affonſo de Liaõ, e cazou com a Condeſſa Dona Olaya Pires, filha de D. Pedro Fernãdes de Caſtro o Caſtelaõ, pag. 47. Onde eſtà ſepultado, pag. 48.

D. Mendo Souzaõ Governeu a gente de terra quando D. Sancho I. conquiſtou Sylves, p. 19. Quem era eſte Fidalgo, e com quem cazou, ibi.

Rainha Dona Moſalda Filha delRey D. Sancho I. de Portugal, foy cazada com ElRey D. Anrique de Caſtella, pag. 44. Foy ſeparada de ſeu marido por ordem do Papa Innocencio III. por ſerem parentes, ibi. Fundou o Moſteiro de Arouca da Ordẽ de S. Bernardo, pag. 46.

Montemòr o novo O ſeu Caſtello he edificado por Sancho I. pag. 50.

O

Olaya Pires Filha de D. Pedro Fernãdes de Caſtro o Caſtelaõ, cazou com Martim Sanches filho natural delRey D. Sancho I. de Portugal, pag. 47.

Ordem de Aviz Sendo ſeu Meſtre D. Gonçalo Viegas, filho de D. Egas Moniz, lhe deu D. Sancho I. de Portugal os Lugares de Alcanede, Alpedriz, Jurumenha, e o Caſtello de Maſora, p. 53.

Ordem de Saõ Tiago Sendo ſeu Meſtre Sancho Fernandes, lhe deu ElRey D. Sancho I. de Portugal as Villas de Alcacere do Sal, Palmella, Almada, e Arruda, p. 53.

P

Palmella O Seu Caſtello he reedificado por D. Sãcho I. pag. 49.

Infante D. Pedro Filho de D. Sancho I. de Portugal, em que dia, e anno naceo, pag. 38. Cazou com a filha do Conde de Urgel, ibi. Conduzio os corpos dos Santos Martyres de Marrocos, pag. 39.

Pedro Fernandes de Caſtro Chamado o Caſtelaõ entra em Portugal, e he derrotado por Martim Lopes, pag. 29. Com quem foy cazado, pag. 30. He morto pelos Mouros em Marrocos, p. 33. Sua filha Olaya Pires cazou com Martim Sanches filho natural de D. Sancho I. pag. 47.

Penella O ſeu Caſtello he edificado por D. Sancho I. pag. 50.

D. Pero Paes Alferes mór, fica por Capitaõ do exercito de Andaluzia em quanto D. Sancho I. vay decercar Beja, p. 8. Quem era eſte fidalgo, e com quem cazou, ibi.

R

D. Ramiro IRmaõ delRey D. Affonſo de Caſtella, ſendo Monge Bento ſahio com diſpenſaçaõ a cazar com a Irmãa do Conde de Protes em França, pag.36.

D. Ruy Sanches Filho natural de D. Sancho I. morreo em huma peleja na Cidade do Porto, e eſtá enterrado em Grijó,p.48.

S

Infanta Dona Sancha FIlha delRey D. Sancho I. de Portugal fundou o Convento de Alamquer da Ordem de S. Franciſco, e hoſpedou os Martyres de Marrocos, pag. 47

ElRey D. Sancho I. De Portugal, em que dia, e anno naceo, p.2. Em q̃ anno foy aclamado Rey, ibi. Antes da morte de ſeu pay, cazou com Dona Doce filha de D. Reymon Conde de Barcelona, p.4. Sendo de vinte, e quatro annos alcançou a celebre vitoria de Sevilha, p.6. Cerca a Villa de Nebla em Andaluzia, e decerca a Beja, alcançando hũa glorioza vitoria dos Mouros,p.7. Recupera Santarem ſocorrido de ſeu pay, p.9. Determina conquiſtar a Terra Santa, e o não executa impedido de graves rezões,p.17. Concorre com grandes donativos para a guerra da Terra Sãta, p.18. Cerca Serpa,ibi. Ajudado de huma Armada de Eſtrangeiros combate Sylves, e depois de huma prolongada reſiſtencia a conquiſta,p.18.19.20. e os ſeguintes. Filhos que teve da Rainha Dona Doce, p.37. até 47. Filhos naturaes que teve, pag.47. Reedificou o Caſtello de Palmella, e fez de novo o de Cezimbra,p.49. Tomou em Galiza a ElRey D. Affonſo de Liaõ a Cidade de Tuy, e as Villas de Sampayo, Lobeo, e Ponte Vedra, ibi. Edificou o Caſtello de Monte mör o novo,p.50. E o de Penella,ibi. Toma aos Mouros o Caſtello de Elvas,ibi. Onde, e quando morreo,p.51. Eſtá ſepultado em Coimbra cõ ſeu pay, e ſua mulher, ibi. O ſeu Teſtamẽto porque peſſoas foy aſſinado, ibi. Em que dia foy feyto, ibi. Legados que deixou, ibi, e p. 52. Dos Lugares q̃ povoou, e a que deu foraes, e privilegios,pag.53.

Santarem He cercada pelos Mouros,e glorioſamente recuperada por Sancho I. junto cõ ſeu pay D. Affonſo Henriques, pag 9.

Serpa He cercada por ElRey D. Sancho I. pag.18.

Sortelha O ſeu Caſtello, e Villa foraõ povoados por D. Sancho I. pag.53.

Sylves He tomada por ElRey D. Sancho

Sancho I. ajudado de hũa Armada Eſtrangeyra, pag. 18. 19. 20. He cercada por ElRey de Sevilha, pag. 34.

T

Rainha Dona Tareja Filha de D. Sancho I. foy cazada com ElRey D. Affonſo de Liaõ, p. 39. Diſſolveuſe eſte matrimonio, e ſe relata o motivo da ſeparaçaõ, p. 39. Calamidades q̃ padeceo eſte Reyno em quanto ſe naõ ſepararaõ eſtes Princepes, pag. 41. Reformou o Moſteiro de Lorvaõ da Ordem de S. Bento, p. 44. Nelle eſtá ſepultada, ibi.

Dona Tareja Sanches Filha natural delRey D. Sancho I. cazou com D. Affonſo Telles o Velho, pag. 48.

Torres Novas Foy reedificada eſta Villa, e ennobrecida por D. Sãcho I. p. 53. O ſeu Caſtello ſe entregou a ElRey de Marrocos, p. 34.

Tuy He conquiſtada por ElRey D. Sancho I. de Portugal a D. Affonſo de Liaõ, pag. 49.

V

Valença do Minho Antigamẽte chamada *Contraſte* foy edificada por ElRey D. Sancho I. pag. 53.

Valhelhas Foy povoada eſta Villa por D. Sancho I. e a deu à Ordem da Freiria de Evora q̃ entaõ era de Calatrava, e agora de Aviz, pag. 53.

Vizeu A ſua Cathedral foy ennobrecida por ElRey D. Sancho I. pag. 53.

Urbano II. Convocou os Princepes Catholicos para reſtauraré Jeruſalem, pag. 13.

Infanta Dona Urraqua Filha delRey D. Affonſo Henriques, e mulher de D. Fernando de Liaõ onde eſtá ſepultada, pag. 36.

Dona Urraqua Sanches Filha natural delRey D. Sancho I. quem foy ſua mãy, pag. 47.

FINIS LAUS DEO.

CHRONICA
DELREY
D. AFFONSO II.
TERCEIRO DE PORTUGAL.

CHRONICA
DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO II.
TERCEIRO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,
Fidalgo da Caſa Real, e Chroniſta Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,
Que ſe conſerva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

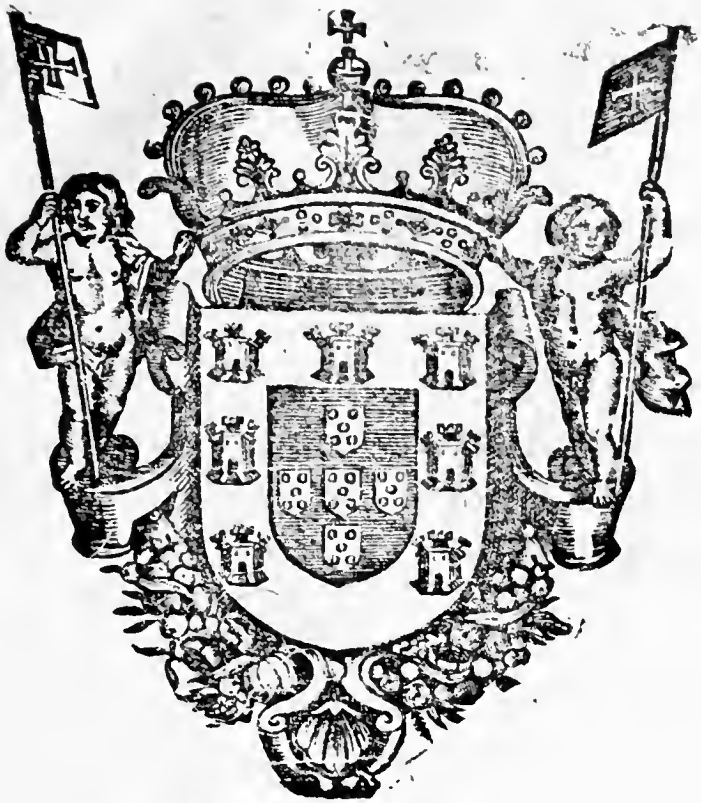
A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA.

LISBOA OCCIDENTAL:
Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVII.
Com todas as licenças neceſſarias.



SENHOR.

DONHO na Real preſença de V. Mageſtade a Chronica do Senhor Rey D. Afonſo II. que ainda que breve no volume, he larga na qualidade

lidade dos ſucceſos. Nella verà V. Mageſtade que os ſeus glorioſos Predeceſſores naõ ceſſaraõ em tempo algum do augmento dos ſeus Eſtados, e da Religiaõ Chriſtãa pois a eſte fim veſtiaõ as armas, e tomavaõ a lança com perigo das ſuas Reaes vidas, como o experimentou eſte meſmo Principe, vendo-ſe quaſi ſuffocado na campanha. Aceite V. Mageſtade eſte tributo do meu obſequio, que proſtrado a ſeus Reaes pés lhe dezeja todas aquellas felicidades, que ſò podem vir da maõ de Deos que guarde a Real Peſſoa de V. Mageſtade por muitos annos, como os ſeus vaſſallos lhe dezejamos.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNAÕ TELLES DA SYLVA

MARQUES DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO, e Guerra, del Rey Noſſo Senhor, Gentil-homem de ſua Camara, Vèdor de ſua Fazenda, ſeu Embayxador Extraordinario na Corte de Vienna, ao Sereniſſimo Emperador Joze, Condutor da Sereniſſima Rainha Noſſa Senhora a eſtes Reynos, Academico, e Cenſor da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

TERCEIRA ves buſco a V. Excellencia como protector, e amparo commum dos que ſervem a Patria. A benignidade natural de V. Excellencia tem a culpa deſta repetiçaõ. Offereço a V. Excellencia eſta Chronica delRey D. Affonſo II. chamado vulgarmente o *Gordo*, para

para que V. Excellencia ſe digne de a pôr na Real preſença de Sua Mageſtade. Eſpero que lembrado V. Excellencia de já me haver feyto duas vezes eſte meſmo beneficio, mo queyra continuar agora, porque he certo que ſuprirá a grandeza da Peſſoa de V. Excellencia o que eu naõ mereço. A Excellentiſſima Peſſoa de V. Excellencia guarde Deos muitos annos.

Criado de V. Excellencia.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

PRO:

PROLOGO
AO LEYTOR.

NAM te admires vendo huma Chronica taõ pequena de hum Rey taõ grande. Em oyto capitulos a deo por acabada o ſeu Chroniſta, ou o reformador da ſua Chronica antiga. Mas aqui he que ſe ha de eſtimar o livro pelo pezo, e naõ pelo volume. Verás neſta Chronica o que podem as paixões; verás o zelo da Religiaõ obrigando a hum Principe a entrar na campanha quando a ſua demaſiada corpulencia que lhe deo o nome *de Gordo*, juſtamente o deſobrigava de taõ violento exercicio; mas o augmento da Fé o fazia eſquecer dos impedimentos da natureza. Verás como no ſeu tempo vieraõ miraculoſamente para a Cidade de Coimbra as Reliquias dos ſinco Religioſos de Saõ Franciſco, que pela Fé deraõ o ſangue em Marrocos, e verás como o meſmo Rey peſſoalmente as foy receber. Le, e naõ te moſtres ingrato ao meu cuidado que naõ ceſſa de procurar modos de ſatisfazer à tua curioſidade, como brevemente o veràs.

Vale.

LICENCAS
DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo Padre Meſtre D. Antonio Caetano de Souza, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR.

ESta Chronica delRey D. Affonſo II. que V. Eminencia me manda ver, que anda em nome de Ruy de Pina Chroniſta môr em tempo de ElRey D. Manoel, e agora manda imprimir Miguel Lopes Ferreyra, depois de paſſados dous ſeculos, naõ contem couſa alguma contra a noſſa Santa Fê, ou bons coſtumes. Naõ ſó eſta Chronica, mas todas as que temos antigas deſde ElRey D. Affonſo I. e o Conde D. Henrique ſeu pay, até ElRey D. Duarte, conforme a obſervaçaõ que tem feyto os Eruditos da noſſa Hiſtoria, todas foraõ eſcritas por Fernaõ Lopes primeiro Chroniſta môr do Reyno, que depois milhorou em eſtillo o dito Ruy de Pina, e publicou em ſeu nome, com que agora ſe imprimiraõ, com a licença de V. Eminencia, a que naõ tenho duvida ſe lhe conceda. Lisboa Occidental na Caza de N. Senhora da Divina Providencia 8. de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Vicente das Chagas, Religioſo da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, e Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI por ordem de V. Eminencia eſta Chronica delRey D. Affonſo o II. della conſta ſó a diſcordia, que ouve entre o dito Rey, e ſuas irmãas, mas ainda aſſim (depois de obrigado) eſtudou como ſe havia de concordar, como concordou, com ellas, final de ſer Rey ſabio, e virtuoſo; Sabio como diz Santo Ambroſio: *Lib. 2. de Abraham c. 6. ante medium col.* 1013.

B. Sapienti pacis, & concordiæ eſt ſtudium, imprudenti amica jurgia; e virtuoſo como dá a entender S. Joaõ Chryſoſtomo *Homil. 45. ante mediũ col. 373. D. Ubi concordia, ibi bonorum confluxus, ibi pax, ibi charitas, ibi ſpiritualis lætitia nullum bellum, nulla rixa, nus quam inimicitior, & contentio.* Eſta concordia, paz, charidade, alegria eſpiritual, &c. vemos por experiencia neſte noſſo Reyno agora de prezente, mas como naõ ha de ſer aſſim, ſe temos por Rey o Invitiſſimo, e Auguſtiſſimo Monarcha o Senhor D. Joaõ o V. q̃ Deos guarde por muitos annos, de quem com muita propriedade ſe póde dizer o que lá diſſe Cicero (ſenaõ em tudo, em parte) *Orat. 42. pro Rege Dejotaro in princip. num. 1. tom. 2. Rex concors, pacificus, fortis, juſtus, ſeverus, gravis, magnanimus, largus, beneficus, liberalis, &c.* Naõ tem a Chronica couſa contra a Fè, ou bons coſtumes, e aſſim julgo que ſe póde imprimir. Santo Antonio dos Capuchos 21. de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

VIſtas as informações, pode-ſe imprimir a Chronica delRey D. Affonſo II. e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 22. de Março de 1726.

Rocha. Fr. Lancaſtre. Teyxeyra. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo Padre Meſtre D. Joze Barboſa Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das Tres Ordens Militares, Chroniſta da Sereniſſima Caza de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Illuſtriſſima vi a Chronica delRey D. Affonſo II. que eſcreveo Ruy de Pina, e nella naõ achey por onde ſe naõ lhe deva dar a licença para ſe imprimir. V. Illuſtriſſima ordenará o que for ſervido. Neſta Caza de N. Senhora da Divina Providencia 18. de Agoſto de 1726.

D. Joze Barboza C. R.

VIſta a informaçaõ pode-ſe imprimir a Chronica de que ſe trata, e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 27. de Setembro de 1726.

D. J. A. L.

Appro-

DO PAÇO.

Approvaçaõ do Reverendo Beneficiado Diogo Barboſa Machado Presbytero do Habito de S. Pedro, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

SENHOR.

OBedecendo ao Real preceito de V. Mageſtade, li a Chronicâ do Sereniſſimo Rey D. Affonſo II. do nome, e terceiro Rey de Portugual, compoſta por Ruy de Pina Chroniſta môr deſte Reyno, e Guarda môr da Torre do Tombo, hum dos mais deligentes Eſcritores, que venerou a ſua idade. Nella, como em pequeno mappa recopilou eſte Author parte das heroicas acçõens, que exercitou aquelle Principe, cujo coraçaõ foy ſempre animado pelos eſpiritos marciaes, que com a Coroa herdara de ſeus auguſtiſſimos Predeceſſores, illuſtrando a ſua Real purpura naõ com o barbaro ſangue Mauritano, derramado na famoſa conquiſta de Alcacere, como inferior à ſua grandeza, mas com aquelle que ſagradamente prodigos verteram em obſequio da Religiaõ ſobre as aras do Martyrio ſinco heroicos Soldados nas aduſtas campanhas do Marrocos, que ſendo benevolamente hoſpedados em Coimbra, e Alamquer pela generoſa piedade da Rainha Dona Urraca, e da Infante Dona Sancha, huma Eſpoſa, e outra Irmãa deſte Monarcha, quizeraõ ſatisfazer aquella piedoſa hoſpitalidade com a poſſe das ſuas ſagradas cinzas conduzidas ao Real Convento de Santa Cruz de Coimbra pelo fervoroſo zelo do Infante D. Pedro. Certamente agora recebe nova gloria, e mayor eſplendor o nome naõ ſó daquelle Principe, mas ainda do ſeu Chroniſta, pois ſe faz publica, e patente aos olhos do mundo huma Hiſtoria, que ha mais de dous Seculos eſtava occulta nos Archivos, e nas Bibliothecas, e ainda que era conhecida por alguns eruditos, naõ tinha a fortuna de lograr o beneficio da luz publica eternizada nos caracteres da Impreſſaõ mais perduraveis, que aquelles, que a vaidade dos homens abrio nos marmores, e e eſculpio nos bronzes. Deſta taõ grande, e taõ heroica felicidade o unico, e Soberano Author he V. Mageſtade pois com a altiſſima providencia, com que criou a Academia da Hiſtoria Portugueza introduzio nova vida no corpo hiſtorico deſta Monarchia, que jazia ſepultado nas injuriosas cinzas do eſquecimento. Erigio hum Capitolio litterario para nelles ſe coroarem os Varões benemeritos da immortalidade. Abrio hũa douta Officina para ſe lavrarem as Eſtatuas aos Heroes Portuguezes. Correo as cortinas ao veneravel Santuario das antiguidades Eccleſiaſticas deſta Coroa. Deſcobrio os theſouros da erudiçaõ Hiſtorica atégora fechados à perſpicacia de muitos engenhos. Declarou formidavel guerra ao Impe-

rio

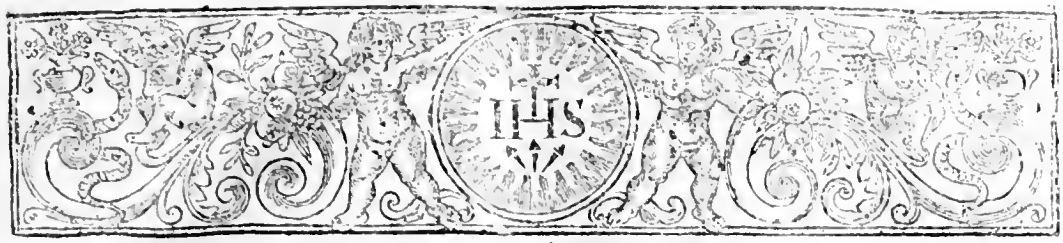
rio da ignorancia, e fez communicavel a todo o genero de peſſoas o comercio das Letras. Toda eſta gloria eſtava myſterioſamente reſervada para o felis reynado de V. Mageſtade pois naõ lhe baſtando para complemento da ſua Real grandeza o ſuave dominio, que tem nos coraçõeſ de ſeus vaſſallos, o quiz tambem dilatar aos entendimentos, como parte mais nobre, e ſuperior de todo o homem. Animados com os generoſos alentos, com que V. Mageſtade inſpira, e protege as Sciencias, ſaõ innumeraveis os Eſcritores, que com judicioſa critica, e vaſtiſſima erudiçaõ tem publicado os partos de ſeus fecundos engenhos, naõ ſendo inferior a eſtes a zeloza diligencia com que Miguel Lopes Ferreyra ſe empenhou em obſequio deſte Reyno a mandar imprimir as Chronicas dos Reaes Predeceſſores de V. Mageſtade das quaes he eſta a Terceira, ſendo igualmente digno da attençaõ de V. Mageſtade o ſeu zelo com que pretende eternizar as glorias deſta Monarchia, como benemerito da licença eſte livro pelo nome de ſeu Author. V. Mageſtade ordenará o que for ſervido. Lisboa Occidental 20. de Março de 1727.

Diogo Barboſa Machado.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſa torne à Meza para ſe conferir, e taxar, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 5. de Junho de 1727.

Marquez P. Pereyra. Galvaõ. Oliveyra. Teyxeyra: Bonicho.

IN-



INDEX

DOS CAPITULOS QUE CONTEM eſta Chronica.

CAP. I. *Como ho Ifante D. Affonſo, foy levantado por Rey, e como foy cazado, e com quem, e que filhos legitimos ouve* pag. 1.

CAP. II. *Das dezavenças que ouve antre ElRey D. Affonſo, e has Ifantes ſuas irmãas, e da guerra que ſobre eſſo ſe moveo,* pag. 4.

CAP. III. *Como foy pelo Papa procedido contra ElRey D. Affonſo por cauſa da contenda que avia com ſuas irmãas, e como finalmẽte foraõ concordados,* pag. 6.

CAP. IV. *Do fundamento que ouve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ſer cerquado, e tomado dos Chriſtãos, e do Biſpo de Lisboa principalmente,* pag. 9.

CAP. V. *Como Alcacere foy cerquado, e com que numero de gente Portuguezes, e tambem Eſtrangeiros,* pag. 11.

CAP. VI. *Dos Reys Mouros que vieram por ſoccorro da Villa de Alcacere, e da primeira batalha que deram, em que foram vitoriоſos,* pag. 12.

CAP. VII. *Da ſegunda batalha q̃ ouve ſobre Alcacere, e como hos Reys Mouros foram vencidos, e feyto grande eſtraguo em ſuas gentes,* pag. 14.

CAP. VIII. *Como hos Chriſtãos combateram, e tomaram ho Caſtelo de Alcacere,* pag. 16.

CAP. IX. *Como ſinquo Frades Italianos da Ordem de S. Franciſco quo foraõ ha Marroquos ha prẽguar ha Fé de Chriſto, e primeyramente cheguaram ha Sevilha, que era de Mouros,* pag. 18.

CAP. X. *Como hos Frades cheguaram ha Caza do Ifante D. Pedro, e do que loguo fizeram, e como foram tornados ha Ceita para virem ha terra dos Chriſtãos, e dahy ſe volveram outra vez ha Marroquos,* pag. 20.

CAP. XI. *De hum milagre, que ſe fez por cauza de Frey Berardo, e como foram prezos, e atormentados hos outros Frades,* pag. 22.

CAP.

CAP. XII. *Como ElRey de Marroquos falou com eſtes Frades, e por hos nom poder converter ha ſua ſeyta por ſi meſmo hos matou, e como foram mortos tambem Pedro Fernandes de Caſtro, e Martim Affonſo Telo, ſobrinho do Iſante, pag.* 23.

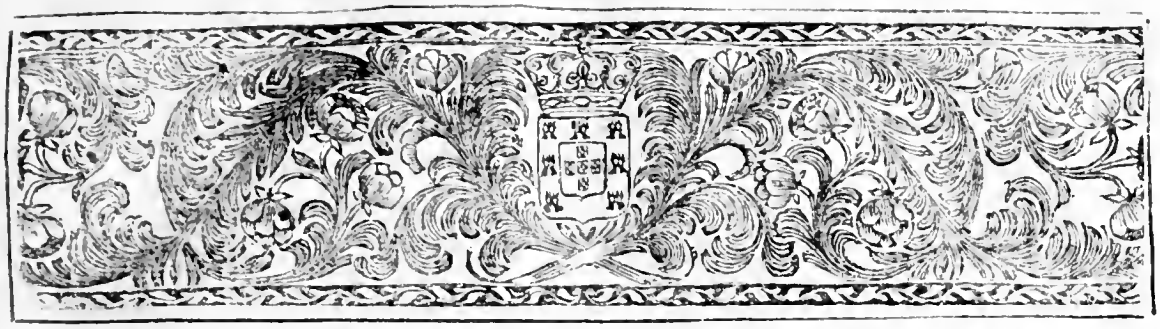
CAP. XIII. *Como hos corpos dos Martyres foram queymados, e deſpedaçados, e em fim recolhidos por devaçam, e induſtria do Iſante D. Pedro, pag.* 24.

CAP. XIV. *Como ho Iſante D. Pedro foy tornado ha Eſpanha, e trouxe comſiguo hos oſſos, e Reliquias dos Martyres, e has mandou ha Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres, que ouve no caminho, pag.* 25.

CAP. XV. *Como has Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foy ha morte da Rainha Dona Orraqua molher delRey D. Affonſo, e das couſas que foram viſtas, pag.* 27.

CAP. XVI. *Como Santo Antonio por Exemplo deſtes Martyres, tomou ho habito de S. Franciſquo, e do que ſeguio em Marroquos por milagre, e da morte delRey D. Affonſo, pag.* 29.

CORO-



CORONICA

DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO II.

TERCEIRO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Como ho Ifante Dom Affonſo foy alevantado por Rey, e como foy cazado, e com quem, e que filhos legitimos ouve.

ELREY Dom Sancho de louvada memoria deſte nome ho primeyro, e dos Reys de Portugual ho ſegundo, faleceo em Coimbra na era de N. Senhor de mil e duzentos e doze, ho Principe Dom Affonſo como primogenito, e herdeyro foy loguo alevantado, e obedecido por Rey, em idade de vinte e ſinquo annos, avendo jàa quatro annos que era cazado com ha Rainha Dona Orraqua filha legitima delRey Dom Affonſo deſte nome ho noveno de Caſtella, e neſte tempo ſendo Ifante depois, que ſua idade ho premitio, e em Reynando ElRey Dom Sancho ſeu padre, foy com elle em muitas couſas notaveis, e grandes feytos darmas, que naquelles tempos concorreraõ, em que por ſeu corpo, e braço aſſi ho fez ſempre como bom, e eſforçado Cavalleyro, que bem pareceo ſer filho, e neto do pay de que deſcendia, e para claramente ſe ver que ha Real Caza de Portugual dantiguamente foy liada, e conjunta em

1212.

ſangue com todas as Cazas de todos hos Reys, e Principes Chriſtãos, he de ſaber, que ElRey Dom Affonſo noveno de Caſtella, ſogro deſte Rey Dom Affonſo de Portugual foy cazado com ha Rainha Dona Lianor filha delRey Dom Anrique Dinglaterra, e della ouve dous filhos,e ſinquo filhas; todos legitimos, ha ſaber, dous filhos ho Iſante Dom Fernando primeyro, e erdeyro, que em idade de dezaſeis annos ſem ſer cazado faleceo em vida de ſeu pay antes hum pouquo da batalha das Naves de Toloſa, e ho Iſante Dom Anrique, que ha poz elle depois de ſua morte ho ſoccedeo, e ſem leyxar erdeyro, que ho ſocedeſſe faleceo muy moço,como atraz na Coronica delRey D. Sancho, he declarado, e das ſinquo filhas que ouve huma foy ha Iſante Dona Coſtança primeyra Senhora do Moeſteyro das Holguas de Burgos,que ElRey ſeu padre novamente fundou, onde ella falleceo ſem cazar, e has outras quatro filhas foram Rainhas, ha ſaber, ha Rainha Dona Branqua, filha mayor, que cazou com ElRey Luis de França, filho delRey Felippe, ho que diceram Auguſto, e ouveram erdeyro de França ElRey Saõ Luis, e outros filhos, e ha ſegunda Rainha, foy Dona Lianor, que foy cazada com ElRey Dom Jaimes,deſte nome ho primeyro Rey de Araguam, de que ouve filho o Iſante Dom Affonſo, que faleceo moço, e nom Reynou, e ha terceyra filha foy ha Rainha Dona Biringela molher delRey Dom Affonſo de Liam de que ouve filhos ElRey Dom Fernando Rey de Caſtella, e de Liam, que dizem ho Santo, e ho que ganhou dos Mouros Cordova, e Sevilha, e muita parte Dandaluzia, e ho Iſante Dom Affonſo de Molina, como na Coronica delRey Dom Sancho brevemente ſe dice, e na Coronica de Caſtella mais larguamente ſe contem.

E ha quarta filha foy a Rainha Dona Orraqua molher deſte Rey Dom Affonſo de Portugual de que ouveram dous filhos, e huma filha ha ſaber, ho Iſante Dom Sancho ho que diceram ho Capelo,que ha poz elle loguo Reynou, e ho Iſante Dom Affonſo que foy Conde de Bolonha em França, que ha poz Dom Sancho por nom ter legitimo erdeyro tambem Reynou em Portugual, e ho Iſante Dom Fernando, que ſe dice Iſante de Serpa, e ſegundo ſe brevemente acha,eſte cazou em Caſtella com Sancha Fernandes, filha de Dom Fernãdo, de que ouve huma filha chamada Dona Lianor, que foy depois cazada com ElRey de Dacia, e láa faleceo ſem filhos, e ouve mais ho dito Rey Dom Affonſo da Rainha Dona Orraqua ſua molher ha Iſanre Dona Lianor, q̃ cazou cõ ho filho erdeyro delRey de Dinamarqua, que depois da morte de ſeu padre erdou ho Reyno, mas quando, e como, e porquem eſtes Iſan-

tes

tes Dom Fernando, e Dona Lianor cazaram, nom ſe acha eſcrito, ſóomente parece que ſegundo ho pouquo tempo que ElRey Dom Affonſo ſeu padre viveo, que elles cazáraõ depois de ſua morte, e por aderencias das Cazas Reaes de França, e Dinglaterra, com que por ſangue eram muy conjuntos.

E nom dou muita fée, nem authoridade aho que deſtas Rainhas Dona Orraqua de Portugual, e Dona Branqua de França vulgarmente ſe diz, e alguns eſcreveram, que os Embayxadores delRey de França, e delRey de Portugual, que juntamente vieram ha Caſtella ha requerer cazamentos deſtas Rainhas filhas delRey Dom Affonſo, que hos de França quizeraõ antes ha Dona Branqua, poſto que era mais moça, e de menos eſtima, e leyxáram ha Portugual Dona Orraquà por ſer nome feo, para França, porq̃ iſto tem duas grandes contradições, ha primeyra que ha Rainha Dona Branqua nom era ha mais moça, mas ha mais velha, e nas contendas, que depois ouve antre hos Reys de França, e Caſtella, ſobre ha ſoceſſaõ de Caſtella, que vinha de filhas, e nom de filhos, ſe prova iſto muito craro, porque ElRey Saõ Luis de França pertendia ter direyto em Caſtella, por ſer filho da Rainha DonaBranqua, filha mayor delRey Dom Affonſo noveno, e queria excludir ha ElRey Dom Affonſo deſte nome ho decimo de Caſtella, filho delRey Dom Fernando, neto da Rainha Dona Biringela, por ſer filha menor delRey D. Affonſo noveno, e ſe ha Rainha Dona Orraqua fora filha mayor, eſte direyto pertencia ha ElRey Dom Sancho Capelo, e ha ElRey D. Affonſo Conde de Bolonha, Reys de Portugual, e filhos da dita Rainha Dona Orraqua, ho que nom foy, e ha ſegunda contradiçam he que eſte nome Dona Orraqua era nome ha Rainhas muy coſtumado, e de muita eſtima, e tal de que ſe muitas honraram, e leyxando outras muitas, eſtas que me aqui occorrem apontarey, ha mãy do Emperador Deſpanha D. Affonſo deſte nome ho outavo de Caſtella, e molher do Conde Dom Reymaõ de Tolola avia nome Dona Orraqua, q̃ foy ha Rainha Deſpanha, e ha Rainha de Liam, molher delRey Dom Fernando, e filha delRey Dom Affonſo Anriques, tambem avia nome Dona Orraqua, que foy Princeza muy ſingular, e ha molher de Dom Reymaõ Conde de Barcelona, e Rey de Araguam, que era da Caza, e Reyno de França, que no meſmo Reyno avia nome Dona Prona, e mudou ho nome, eſcolhendo outro por milhor, ſe chamou Dona Orraqua, e deſta veo D. Affonſo deſte nome ho ſegundo Rey Daraguam, e ha Rainha Dona Doce molher delRey D. Sancho de Portugual, de que em ſua Coronica ſe dice.

CAPITULO II.

Das deſavenças que ouve antre ElRey Dom Affonſo, e has Ifantes ſuas irmãas, e da guerra que ſobre eſſo ſe moveo.

NO primeyro anno do Reynado deſte Rey Dom Affonſo de Portugual, era ho prazo da batalha das Naves de Toloza, que ElRey Dom Affonſo ſeu ſogro tinha poſto com Mirabolim de Marroquos, filho de outro Mirabolim, que fora vencedor na outra batalha Delharquos, para que ho Papa concedeo géral Cruzada, que ho Ifante Dom Fernando primogenito erdeyro do dito Rey D. Affonſo em peſſoa foy pedir, e trouxe de Roma, e loguo faleceo, como jáa dice, e por ganharem hos perdões, e remiſsões de peccados grandes outros Senhores, e outras muitas nobres gentes de toda Chriſtandade vieram ha eſta batalha em peſſoas à qual nom ſe acha, q̃ foſſe em peſſoa eſte Rey Dom Affonſo de Portugual, mas que enviou gentes ſuas, e ha cauza delle nom hir em peſſoa, diz, que foy porque neſte proprio anno começou de Reynar em Portugual, e aſſi por boliços, e deſaſſoceguos que dantre elle, e ſuas irmãas ſe moveram, como aho diante ſe dirá. E eſte Rey Dom Affonſo de Caſtella aho tempo deſta batalha era de ſinquoenta e ſeis annos, e no anno ſeguinte tẽdo Cortes em Burguos, ſe diz que mandou ha ellas chamar ha eſte Rey de Portugual ſeu genro, às quaes elle nom quiz hir, e elle anojado deſſo, detreminou fazerlhe guerra, e tomarlhe hos Reynos ſe podeſſe, e que com eſte fundamento indo para Prazença adoeceo no termo de Revaldo em huma Aldea, que ſe diz Martim Manhos, e ahy faleceo, e foy dahy levado, e ſepultado no Moeſteyro das Holguas de Burguos, que elle novamente fundou, e outros dizem que vinha para ſe ver no eſtremo de Portugual com ſeu genro para ho aconſelhar em ſuas couſas, e debates em que andava, com ſuas irmãas, e que todavia faleceo no dito luguar, porque tambem eſte Rey Dom Affonſo de Portugual loguo como Reynou nom lhe faleceram grandes neceſſidades, e afrontas de excommunhões do Papa, e de guerras, e deſavenças que ouve com ſuas irmãas ha Raïnha Dona Tareja, molher que fora delRey Dom Affonſo de Liam, e da Ifante Dona Sancha, de que ha cauza brevemente foy eſta.

ElRey Dom Sancho, como em ſua Coronica dice, leyxou em ſeu teſtamento à Rainha Dona Tareja, ſua filha, que fora cazada com ho dito Rey Dom Affonſo de Liam, ha Villa de Mõte móor ho Velho, e Eſgueyra, e mais déz mil maravedís douro, e certa prata, e que ſe ella morreſſe, que ouveſſe eſtes

Luguares

Luguares ha Ifante Dona Branqua ſua irmãa della, e leyxou à Ifante Dona Sancha ha Villa Dalanquer, e déz mil maravedîs douro, e tambem prata, e que ſe ella faleceſſe, que ouveſſe ha Villa ha Ifante Biringela ſua irmãa, das quais Villas, e couſas ellas ouveram ha poſſe, e has tinham; mas ElRey Dom Affonſo ſeu irmaõ em caſo que foſſe contra ſeu juramento, e menagem, nom quiz eſtar inteyramente pelo teſtamento delRey ſeu padre, antes como Reynou loguo pedio has ditas Villas, e Fortalezas ha ſuas irmãas, dizendo: *Que ElRey ſeu padre lhas nom podia dar, que era em muy grande diminuiçam do Reyno, e que era ſobreſſo concedido privilegio do Papa Alexandre Terceyro, por ho qual has couſas do Reyno ſenom podiam dar ha alguma peſſoa nem em lhear, e que aſſaas lhe leyxara ha ellas nos maravedîs douro, e prata de ſeu teſtamento com outras couſas, que tinham de ſuas fazendas.*

E ſobre eſte requerimento ElRey, e ha Rainha, e has Infantes ſuas irmãas por lhe darem repoſta, pediram dias de liberaçam, dentro dos quais ellas ſe recolheram loguo com ha Ifante Dona Branqua ſua irmãa aho Caſtello de Monte moor, e ho baſteceram, e fortalezaram, e deshy ſe emviaram loguo aggravar aho Papa Innocencio III. que ficàra por executor do teſtamento delRey ſeu pay, e por eſſo lhe leyxou ho dito Rey D. Sancho ſeu pay cem marquos douro, e aſſi ho fizeram ellas mais ſaber aho dito Rey de Liam com que ha dita Rainha Dona Tareja fora cazada, e era apartada delle pela Egreja, de que ouveram loguo ajuda, e ſoccorro, ha que por ſeu mandado veo loguo o Ifante Dom Pedro ſeu irmaõ dellas filho delRey Dom Sancho ho que depois paſſou ha Marroquos, e trouxe ahos oſſos dos Martyres, e aſſi veyo aho dito ſoccorro, e ajuda ho Ifante Dom Fernando filho da dita Rainha Dona Tareja, e delRey Dom Affonſo de Liam, e aſſi veo em ſua companhia Dom Pedro Fernandes de Caſtro ho Caſtellam aquelle que em companhia dos Mouros foy prezo em Portugual, e loguo ſolto, e depois paſſou, e morreo em Marroquos, e com elle veo muita gente, que foy nos eſtremos de Portugual, donde enviaram às ditas Villas, e Fortalezas de Monte móor, e Alanquer aquella que comprio para defençaõ dos Caſtellos, e para reſiſtencia delRey Dom Affonſo de Portugual, ho qual por ſentir muito ho inſulto tamanho dos eſtranhos, e tam grande deſobediencia dos ſeus naturaes, veo logo à dita Villa de Monte móor, e por algumas vezes requereo ha ſuas irmãas, e principalmente à Dona Tareja, cuja era, que ouveſſe por bem de deſiſtir de ſeu alevantamento, e quizeſſe que ho Caſtello ſe entreguaſſe ha algũ homem de que ambos ſe confiaſſem para ho

teer

teer em boa guarda, e fieldade, e que de ſua fazenda delle lhe faria dar todas diſpezas, e mantimentos para eſſo neceſſarios, e que eſte arrecadaſſe inteyramente para ella todas has rendas, e direytos da Villa, mas que has menagens foſſem feytas ha elle ho que ella nunqua quiz fazer, antes ſe diz que conſentio, que hos dè dentro em deſpreprezo, e por injuria delRey ſeu irmaõ calando ho nome do Reyno, e delRey de Portugual ha que deveram acatar, e obedecer, envocaram, e chamaram ho nome de Liam, que repetiam muitas vezes, e que outro tanto mandou fazer ha Ifante Dona Sancha no Caſtello Dalanquer, e por tanto ElRey temendo perder hos ditos Caſtellos hos mandou cerquar, e combater, e com a gente do cerquo, que ſobreveo ſe ſeguiram nelles, e em ſeus termos pela condiçam da guerra muitas mortes, e danos de huma parte, e da ourra, pelo qual hos Ifantes, e Senhores, que com ha gente do Reyno de Liam, que dice entráram em Portugual tomáram Valença do Minho, e Melguaço, Alguozo, e Freyxo, e outros Luguares chãos que roubaram, e queymáram, em que fizeram muito mal.

CAPITULO III.

Como foy pelo Papa procedido contra ElRey Dom Affonſo por cauſa da contenda que avia com ſuas irmãas, e como finalmente foram concordados.

E Sobre eſſo para mais tormento delRey Dom Affonſo de Portugual vieram de Roma por Juizes Deleguados do Papa ha requerimento das Ifantes ho Arcebiſpo de Santiaguo, e ho Biſpo de Coamora, que por ElRey de Portugual hir contra ho teſtamento delRey ſeu padre, e por nom deſiſtir do cerquo, que tinha poſto ahos Caſtellos de Monte móor, e Alanquer, excommunguou ſua peſſoa, e pozeram entredicto géral em todo o Reyno, exceytuaram ſóomente has ditas Ifantes, e ſeus ſequazes, e ſervidores, ſobre ho qual ElRey Dom Affonſo com rezões, e couſas que achou, e lhe aconcelharam de ſua juſtiça ſe enviou deſtes procedimentos querelar, e aggravar aho Papa, e pedir emenda delRey de Liam, e dos que tinham has Villas, e Caſtellos de ſeus Reynos forçados, e nelles feytos muitos danos alegando ſobre eſſo ha pouqua juſtiça que ſuas irmãas tinham nas Villas, e Caſtellos de ſeu Reyno, com que ſe levantáram, e dando outras rezões, porque entendia ſer releva-

relevado da culpa que lhe dava dizendo por ſua eſcuza, que ho nom obriguava ho juramẽto,e menagẽs, que fizera de comprir ho teſtamento delRey Dom Sancho ſeu padre, porque ho fizera forçado, e por nom ſer deſerdado do Reyno, e mais que ha eſſe tempo ſeu pay nom eſtava em todo ſeu ſizo, e entender verdadeyro, pois tanto contra juſtiça fizera tamanho enlleamento das couſas do Reyno, que nom podia fazer.

E ho Papa por ſeu reſpeyto cometeu eſte negocio ahos Abbades Deſpina, e Vicarria, que fez Juizes Commiſſayros, os quais vieram ha Coimbra onde ſobre ſegurança jáa pratiquada, e antre todos concordada,foram tambem juntos ElRey Dom Affonſo, e ſuas irmãas em peſſoas ha que hos Juizes deram ſolene juramento porque prometeram eſtarem todos à obediencia, e detreminaçam de todo ho que elles em nome do Papa àcerqua de ſeus negucios detreminaſſem, e mandaſſem, e por eſte juramento, e promeſſa que ſe fez ElRey, e hos ſeus foram da excommunham auſolutos,e alevantado ho antredicto do Reyno.Hos Commiſſayros pozeram antre elles treguoas, e ſeguridade, que todos prometeram guardar, atée ho Papa finalmente detreminar ſuas contendas, e debates, e algumas condições das treguoas principaes, eram que hos de huma parte, e da outra podeſſem livremente andar, e tratar por has terras chans huns dos outros, mas que nas Villas, e Caſtellos cerquados nom entraſſem ſem licença dos Senhores dellas, e que tudo podeſſem huns, e hos outros comprar, e vender ſalvo armas, e cavallos, e que ellas Iſantes em algum ſeu Luguar de Portugual nom podeſſem mandar lavrar moeda douro, prata, nem dalgum metal, que quatro Cavalleyros principaes da parte delRey juraſſem que ſe ElRey nom guardaſſe has treguoas que cada hum delles com ſinquo Cavalleyros mais ſerviſſem has Iſantes contra ElRey, e cada huma das Iſantes déſſe outros tantos por ſy, que com eſta condiçam ſerviſſem ha ElRey contra ellas, e mais que ElRey déſſe cem homens cazados, e honrados de Coimbra, e que todos lhe fizeſſem, e paguaſſem foro, e outros cento ſemelhantes de Santarem, que juraſſem todos fazer ſempre comprir eſta treguoa, e que nom ha comprindo ElRey, que ſerviſſem às Iſantes contra ElRey, e que ellas por ſua parte déſſem outros taes, ha ſaber: cento Dalanquer, e cento de Mõte móor, para que ſe ellas nom compriſſem ha treguoa, que ſerviſſem ha ElRey contra ellas, e que neſte tempo huns, e outros, nom cerquaſſem Villas, nem Caſtellos, nem ſe fizeſſe algum mal, ſopena de excõmunhaõ,e antredicto,em que elles, e todoslos ajudadores, e favorecedores *ipſo facto* encorreſſem,e com mandado eſtreyto ahos Prelados do

do Reyno, que ha cada hum aſſi como lhe tocaſſe has ſentenças dos ditos aleguados fizeſſem inteyramente comprir, e executar atèe ho Papa finalmente has aprovar, ou emendar como foſſe juſtiça.

Eſta treguoa, ſe fez em Coimbra na era de noſſo Senhor de mil
1214. e duzentos e quatorze annos, dous annos depois que ElRey começou ha Reynar, e loguo ahy ſe fulminou e principiou proceſſo em que ha Rainha, e ha Ifante cada huma per ſy ſegundo hos danos que delRey ſeu irmaõ tinham recebidos, e pelas injurias, e males, que no cerquo padeceraõ, pediam contra elle reſtituiçam, e aſſi ſegurança perpetua de ſuas Villas, e Caſtellos, e gram ſoma de maravedis, que naquelle tempo era moeda douro aſſi géral, e praticada como neſte, aguora ſam na Europa hos cruzados, e duquados, porque ſeſſenta delles faziam hum marquo douro, como jàa em outras partes tenho dito, e às petições das ditas Senhoras, veo ElRey por ſeu procurador com exceyções, e contrariedades, e compenſſações ſobre que de huma parte, e da outra foy dito, e alſáas aleguado, e ſobre ſeus aleguados foy ho feyto concruzo, e hos Juizes remeteram ha pubricaçam da final ſentença para Melguaço Caſtello de Portugual no eſtremo de Gualiza, ha que mandaram que ElRey, e has Ifantes foſſem por ſy, ou por ſeus procuradores, onde no Mayo ſeguinte ha pubricaram, e foy ElRey condenado por ha dita ſentença em grande ſoma de dinheyro, e doutras emendas, e depois que paſſou ho termo para ha pagua, aſſinado, pozeram em ElRey ſentença Dexcommunham, e aſſi antredito em todo ho Reyno, de que loguo apelou, e depois de muitos debates, e de longuas, que em Roma, e Eſpanha ſobre eſte caſo paſſaram, que nom fazem à realidade da Eſtoria, finalmente ElRey, e has irmãas ſe concordaram por maneyra, que has Villas de Monte móor, e Alanquer fiquaram com ellas ſegundo ha diſpoſiçam do teſtamento delRey Dom Sancho ſeu pay, e has Villas, e Caſtellos, e terras de Portugual, que ElRey de Liam tinha tomadas foram entregues, e reſtituidas ha ElRey Dom Affonſo. No qual meyo tempo que durou eſta diviſam, e diſcordia huns, e hos outros fizeram grandes, e danoſas entradas, e muitos roubos nos Reynos, huns dos outros, em que ouve pelejas particulares ſem alguma façanha de notar, cuja longua, e expreſſa declaraçam nom ponho hora; porque para ha ſuſtancia da Eſtoria nom he muyto neceſſaria.

CA-

CAPITULO IV.

Do fundamento, que ouvè para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ſer cerquado, e tomado dos Chriſtãos, e do Biſpo de Lisboa principalmente.

NOs primeyros ſinquo annos que ElRey Dom Affonſo Reynou nom ſe acha, que ſocedeſſem outras couſas, ſalvo has deſavenças, e delacordos em que andou com ſuas irmãas, e irmãos, e aſſi ha guerra com ElRey de Liam, e com ſuas gentes como jáa dice, e paſſados hos ditos ſinquo annos, e andando ha era de noſſo Senhor em mil e duzentos e dezaſete annos hos Chriſtãos, que eſtavam na conquiſta dultra maar por defençam, e recobramento da Terra Santa, tinham muitas neceſſidades de concorrer às cruas guerras, e cerquos apertados, que dos Infieis padeciam, para ho q̃ hos Summos Pontifices convoquavam, e requeriam todolos fieis Chriſtãos de todalas nações, e vindo por maar ha eſte ſoccorro muitas gentes Dalemães, e Framenguos, e outras de contra ho Norte fizeraõ todos hũa frota de cento e ſinquoenta naos de que eram Capitães principaes Iliquino, Conde Dolanda, e Georgeo, Conde de Friſa, com que hiam outros Senhores, e grãdes homens, e ſendo em maar, em través de Portugual pára demandarem ho eſtreyto de Gibaltar deu na frota tam grande, e tam contrayra tromenta, que algumas naos dellas ſe perderam, e has outras correram aho Cabo de S. Vicente atée ha Villa de Farão, aqual com toda ha Comarqua, e Reyno do Alguarve ainda eram de Mouros, e porque ho vento contrayro, e aſſi ha terra de imiguos, em que eſtavam, nom lhes traçavam bem para ſua ſegurança, elles para dos danos, e perdas recebidas ſe poderem milhor repayrar fizeram volta, com fundamento de ſe virem aho porto de Lisboa.

Sendo outra vez em maar, deu nelles outra tromenta mais aſpera, e de mayor periguo que ha primeyra, em que jáa tambem perderam algumas naos com toda ha gente que nellas vinha, e ha outra frota depois que ha tromẽta ceſſou, e ſobreveo bom vento de viagem, entrou toda via, e veo ſurgir ante ha Cidade de Lisboa, e hos Capitães della aſſaas triſtes, e anojados, pelas grandes perdas de gentes, e doutras couſas, que no maar tinham perdidas, e ſahindo loguo Capitães com pouqua gente em terra, ho Biſpo, que entam era de Lisboa chamado Dom Matheus, ſabendo que eram Chriſtãos hos recebeo, e tratou com muita honra, e bom acolhimento, ſegundo ha bondade de huns, e has neceſſidades dos outros requeria, de que ho Biſpo lo-

guo ſoube o propoſito com que vinham, que era por ſoccorro, e ajuda da Caza Santa. E dahy ha pouquos dias eſte Biſpo de Lisboa; porque era Prelado de muy bom eſpirito, e grande coraçam, depois de ter juntos com ſeus roguos, e boa humanidade hos principaes deſtes Eſtrangeyros lhe dice.

Honrados, e devotos Senhores Deos ſabe que anim peza muito de todolos nojos infortunios, que paſſaſtes, e ho remedio por agora nom he outro ſalvo paciencia do paſſado, e esforço, e bom coraçam para ho que mais vier, vòs vedes bem, quanto vos he contrayro ho tempo para ſeguirdes voſſa propoſta viagem, e deſto por voſſos Pilotos, e mariantes podeis ſer milhor certificados, póde ſer, e eu aſſi ho creo, que Deos ho premite aſſi para algũa couſa de ſeu louvor, e ſerviço, e tambem de noſſas honras, e proveyto, e eſto digo porque aqui junto ha a hum Caſtello em poder de Mouros, que dizem Alcacere, de que eſta terra toda que he de Chriſtãos recebe muito dano, ſe vos prouver pois eſte feyto, nom he eſtranho doutròs, que emprendeſtes, e ha que his ajudarnos nelle, aſſi como vejo que podeis fazer, e com voſſa gente, e ajuda de Deos principalmẽte, ho guanbaremos dos infieis, e pois ha obra, e o ſerviço he de Deos, elle por ſua grandeza, e piedade vos dará delle boom gualardam, e neſtas couſas ſóomente que tocam ha voſſa honra, e ſalvaçam, aconſelhavvos com ſizo, e com a devoçam, e nom com ha vontade carnal, porque aſſàas de verguonhoſa couſa ſerä pubriquardes pelas bocas boom dezejo para ho ſervir, e has obras, que ſam tam poſſiveis ſerem diſſo contrayras, e pois ho luguar, e tempo ſe offrecem aguora tam deſpoſtos roguovos que elles nom vos paſſem com ouciosidade, ca bem creo, que bem ſabeis que ella he fundamento de todolos peccados, e ſepultura dos homens vivos, e corruçaõ de todolos coſtumes, e propoſitos virtuoſos, e pois em voſſos ſobreſinaes que trazeis moſtraes ſerdes devotos, e ſervidores da Cruz, aſſi tambem he rezaõ, que ſejais imiguos dos imiguos della, e voſſas mãos fortes dem aguora verdadeyro teſtemunho da bondade, e fée de voſſos corações, e eſta tomada de Alcacere, para que vos convido, e requeyro, ſera com a graça de Deos aſſaas poſſivel, ſe vôs com voſſas peſſoas, e frota quizerdes ajudar hanòs, que com outra gente do Reyno vos ſeremos em todo fieis, e boons companheyros.

Eſtas palavras, e outras muitas ha eſtas conformes dice ho Biſpo ahos Eſtrãgeyros, alguns dos quaes depois de haverem antre ſy ſeu acordo, e concelho tiveram oppiniam contrayra, e ſe partiram, e outros, que foram hos mais conſentiram na propoſiçam, e requerimento do Biſpo, e lhes aprouve ſer na hida ſobre Alcacere.

CA-

CAPITULO V.

Como Alcacere foy cerquado, e com que numero de gente Portuguezes, e tambem Eſtrangeyros.

AQuelles Eſtrangeyros, que foram dacordo com hos Portuguezes de irem ſobre Alcacere ſe recolheram loguo às ſuas naos, e ſendo aparelhados do q̃ lhes compria no mez de Setembro, ſe foram, e ſeguiram ha barra de Setuvel, que neſte tempo era Luguar pequeno, e nom era cerquado, em que peſcadores ſóomente viviam, e da gente de Portugual ſe acha que foram eſtes Capitães principaes, ha ſaber eſte Dom Mateus, Biſpo de Lisboa, e Dom Pedro Meſtre da Ordem da Cavallaria do Templo, e Dom Meſtre Guonçalo, Prior do Eſprital, e Martim Barreguam, Comendador de Palmella, e eſtes levaram comſiguo da terra, Comarqua de Lisboa, e de Evora, e de ſeus termos vinte mil homens, de que hos mais eram de pée, e alguns de Cavallo, e nom ſe acha que ElRey Dom Affonſo, que entam Reynava em Portugual, foſſe neſte exercito em peſſoa no qual tempo parece que elle deveria ſer doente, ou empedido por alguma outra urgente cauſa, porque nom póde ſer neſte feyto, e averia por bem, e mandaria que ſe fizeſſe preſtes, como ſe fez, ca nom hee de crer, que tamanho feyto ſem ſeu mandado, e authoridade ſe cometeſſe, e ho que ſe neſte caſo achou, hee que hos Eſtrangeyros em navios, que poderam hir, foram de Setuvel pelo rio aſima atée junto Dalcacere, onde ſaindo alguns para tomar uvas, hos Mouros, que da ſua ida eram jáa bem avizados, com armas lhe foram reſiſtir, em que ouve algum acometimento de peleja, de que hum Mouro ſe diz q̃ fiquou morto, e hos outros ſe recolheram aho Caſtello, e hos Eſtrangeyros ſurgindo com ſeus navios mais àvante poſeram defronte da Villa ſuas pranchas, e ſem reſiſtencia ſayram em terra, e loguo elles, e hos Portuguezes que jáa tambem eram cheguados, juntos com devida deligencia, e reſguardo cerquaram ho Caſtello de manyra que alguma peſſoa nom podia ſair, nem entrar ſem conhecido periguo; mas hos Mouros poſto, que com tanta eſtreyreza ſe viſſem cerquados nom moſtravam ter por eſſo deſmayo, nem temor, vendo que ho Caſtello em que eſtavam era de muros, Torres, barreyras, e ha cava muy forte, e bem provido, e acalcado de muitas gentes, e armas, e mantimentos para grandes tempos, e por milhor ſeneſiquança a hos de fora de ſeu eſforço, e cõfiança, poſeram muitas bandeyras por ſima do muro de que em final de deſprezo diziam feas palavras, e davam ſuas coſtumadas gritas.

E hos Chriſtãos leyxaram boa guarda ſobre ſua frota, que com gentes, e armas fiquou no porto bem ſegura, e ſobre eſſo huns, e outros fizeram loguo combater ho Caſtello, e vendo que pela largua, e alta cava com que ho muro era em torno valado nom poderaõ bem cheguar ahos muros, e cortaram tantas arvores de fruyto, e juntaram tanto outro mato que ſendo igual ha cava com ha terra de fóra podeſſem mais ſem trabalho cheguar ahos muros, mas hos Mouros aconſelhados das neceſſidades, e periguo em que ſe viam, lançáram de ſima tanto foguo, com tantas couſas temperado, que ha lenha da cava ardeo loguo toda, por cujo impedimento leyxaram loguo de cõbater, e apoz eſto ordenaram hos Chriſtãos hum engenho para com pedras deſtroirem ho muro, mas ſua fortaleza de dentro era tal, que dos ſeyxos de fóra lhe dava muito pouquo, pelo qual tornáram ha lançar tanta lenha na cova, com que foy chea, e tal guarda ſe poz, que nom foy dos Mouros queymada como elles loguo tentáram, por ſima da qual hos Chriſtãos cheguados aho muro deram hum cõbate ha que hos Mouros com ſeu grande eſforço, e muitas armas reſiſtiram de tal maneyra, que afaſtaram hos Chriſtãos dos muros, em que de huma parte, e da outra ouve aſſás mortos, e feridos.

CAPITULO VI.

Dos Reys Mouros, que vieram por ſoccorro da Villa de Alcacere, e da primeyra batalha, que deram, em que foram vitorioſos.

HOs Chriſtãos, que tinham cerquado Alcacere, e hos Mouros que nelle eram cerquados tinhaõ antre ſy diverſos penſamentos, ca huns conſultavam engenhos para brevemente tomar, e hos outros artificios para ſe delles defender, e tambem nom leyxavam de buſquar, e conſultar conſelhos, e remedios para com ſoccorro ſerem deſcerquados, ſobre que tinham feytos ſeus avizos ha quatro Reys Mouros, que eram na Eſpanha, ha ſaber ElRey de Sevilha, ElRey de Cordova, ElRey de Jaem, e ElRey de Badalhouſe, hos quaes para eſte ſoccorro, e deſcerquo foram pór ſeu arrayal aho luguar que chamam Sitymos, que he huma leguoa Dalcacere, de cuja vinda ſendo hos Chriſtãos loguo ſabedores foram poſtos em temeroſo penſamento. E nom era ſem cauſa, ſegundo verdadeyra certidam, que ouveram, ca traziam comſiguo por terra quinze mil de Cavallo, e oytenta mil de pée, e pelo maar dez Gualés bem remadas, e aparelhadas.

Mas aquelle alto Deos, que ſobre

bre todos tem ho poder, nom quiz em tanto periguo, e neceſſidade deſemparar hos Chriſtãos, que por ſua fée emprenderam, & ſoſtinham eſta demanda, porque por huma ſua permiſſam piadoza arribaram ha eſte porto, tambem na paragem de Setuvel trinta e ſeis naos de huma Cidade que dizem Trageyto, com gentes Chriſtãas, nobres, e de boom esforço, que hiam àquella Conquiſta dultramaar, que diſſe, hos quaes em ſuas bandeyras traziam ſinaes de S. Martinho, porque ha jurdiçam daquella terra donde vinham era do Biſpo daquella Cidade; da frota era Capitam móor Dom Anrique de Nehuſa, ho qual leyxando ſuas naos com aquella ſegurança, e reſguardo de gente que compria, elle com a outra em bateis, e navios piquenos ſe foy aho arrayal de Alcacere, onde dos Chriſtãos foram com muita alegria de grandes louvores recebidos, e todos loguo acordáram de valar ho arrayal em torno com valos altos, e fortes para reſiſtencia dos Reys Mouros, que vinham, e aqui ſe diz, que alguns Eſtrangeyros da primeyra frota aconſelhavam, e requeriam ahos outros da ſua companhia, que ſe partiſſem em paz, e nom eſperaſſem ho periguo da batalha, eſcuzando ſua covardice torpe, com dizerem, que quando de ſuas terras partiram ſeu voto, e propoſito nom foy pelejar ſe nom com aquelles infieis, que tinham tomada ha tarra de Jeruſalem, e ho Santo Sepulchro, e que alguns Portuguezes, em que nom avia verdadeyra Fée, nem bondade de coraçam concordavam com elles, dando por voto covarde, que era bem de deſcerquar ho Luguar, e leyxalo ſem contenda, e poſto que deſtes ouveſſe alguns com ſuas moſtranças de tam vituperada fraqueza, avia porém outros muitos cuja ſanta, e virtuoſa contraridade eſforçou, com que determinaram nom deſcerquar ho Caſtello, e confiando em Deos eſperar ha ventura, que lhes vieſſe, pelo qual fizeram loguo ſeu alardo, e de gente de pée bem armada, e bem diſpoſta para pelejar, ſe diz, que acharam comſiguo muita, mas gente de Cavallo ſe affirma, que eſcaſſamente refizeram trezentos.

E hos Reys Mouros para comprimento do propoſito com que vieraõ, acordaraõ q̃ com ha mayor força, que nelles ouveſſe vieſſem loguo ferir no arrayal dos Chriſtãos, e que tambem has ſuas Gualés, que tinham jáa tomada huma nao de Portugual com duzentos homens, e jazia na entrada do porto de Setuvel, juntamente pozeſſem foguo à frota dos Chriſtãos, que jazia ſobre amarra, mas hos Chriſtãos receoſos deſte dano, e avizados jàa para eſto, pozeram tal guarda, e defençaõ na frota, que hos Mouros ho nom cometeram, e foy ſempre delles ſegura. E huma ſegunda feyra como foy manhãa ſayram do arrayal dos Mouros ſinquo de Cavallo

vallo corredores, e como cheguaram, e viram ho affento do arrayal dos Chriſtãos loguo volveram aho ſeu, e ſobre eſto abalou todo junto o ſeu Exercito em que avia tantas gentes, que toda ha terra cobriam, trazendo comſiguo tam grande eſtrondo de alaridos, e gritas, e com tantos ſons de trombetas, e outros deſvayrados inſtromentos, que ha qualquer coraçam por abaſtado de eſforço, que fora nom leyxara de tocar de grande medo, e muito eſpãto, pelo qual hos Chriſtãos avendo o aſſi por milhor, layram ha elles de ſuas eſtancias, poſtos em ſuas batalhas ordenadas, e com muita ardideza huns ahos outros loguo ſe cometeram, e feriram, em que da huma parte, e da outra ouve cruel, e bem ferida peleja com mortes, e feridas de muitos, e daquella vez ſe diz, que hos Mouros levaram ha vantagem da batalha, com aqual ſe recolheram em ſeu arrayal.

CAPITULO VII.

Da ſegunda batalha, que ouve ſobre Alcacere, e como hos Reys Mouros foram vencidos, e feyto grande eſtraguo em ſuas gentes.

HOs Chriſtãos vendo para ho fim que vieram hum começo tam contrayro, e que ha força Dalcacere ſe fazia cada vez mais forte, e ha elles tirava toda eſperança de por força ho cobrar, nom leyxavam de murmurar, e apontar que ſeria bom iremſe, e por aquella vez leyxar ho cerquo, e ho Biſpo de Lisboa, que na gente dos Chriſtãos era peſſoa de móor credito, e mais principal, ſentindo na noyte ſeguinte ha temeroſa, e fraca murmuraçam, que em todo ho ſeu arrayal avia, elle em prezença dos mais, que por entam ſe poderam ajuntar lhes dice. *Honrados Senhores, e amiguos, eſta deſaventura, e grande mal de que todos eſtaes eſpantados, nom veo ſobre vós das forças, nem das armas dos noſſos imiguos, mas cauzouſe da grande preſunçam, e muita confiança que de vòs meſmos, e de voſſas forças, e multidam de gentes loguo tomaſtes, eſquecidos em todo, da ſóo, e principal ajuda de Noſſo Senhor, e Salvador Jeſu Chriſto, que ſe nòs aguora aqui faleceo foy para ho milhor conhecermos, mas pois jáa aqui viemos, e ſomos muy fortes para armas, e temos gentes, e eſtamos baſtecidos de mantimentos, nom queyraes deſconfiar, porque eſta averſidade ha potencia de Deos ha permite para crara eſperiencia de mayor noſſa Fèe, e mais merecimento de noſſas almas, mas brademos, e clamemos de coraçaõ aho Senhor Deos, e com efficacia, e devaçaõ, que noſſas neceſſidades requerem lhe peſſamos que eſta ſua ira, ſe contra nós, por noſſos peccados ha tem, ha queyra converter em noſſos imiguos, e cada hum com hos giolhos em terra digua por ſy como eu diguo*

por

por mim; Senhor Deos Padre das miſericordias, e grande ajudador nas tribulações ex as muitas nações de tantos infieis vieram para nos deſtrohir, pois como duraremos ante ha face delles ſe nos tu Deos nom ejudas, e pois aſſi he Senhor aguora nom ponham ante ty ha lembrança de noſſos malles, e peccados, nẽ tomes de nós aqui vingança por elles ante eſtes imiguos de tua Santa Fèe, tu por tua bondade, e potencia hos dà nas mãos, e poder de teus ſervos, por tal, que hos que em ty crem louvem mais o teu Santo nome.

No cabo da qual Oraçaõ, que todos devotamente, e com muitas lagrimas ho ſeguiram, ſe diz que por conſolaçam dos Chriſtãos loguo appareceo pubricamente no Ceo hum maravilhoſo ſinal por bemaventurado prognoſtiquo, ha ſaber, hum homem reſplandecẽte, como Sol, e alvo como huma neve, e no peyto trazia ho ſinal da Cruz vermelha mais luzente que has Eſtrellas, com que hos Chriſtãos, que craramente ho viram foram muy alegres, e esforçados crendo que Deos era em ſua ajuda, e com eſte prazer, e alegria, que géralmente todos conceberam, jáa com ſeu temor dormiram aſſocceguados aquella noyte, e aho outro dia como foy manhãa ho Biſpo, como era homem em que avia prudencia, e bom esforço para ſe nom esfriar ho alvoroço, que ſentio nos Chriſtãos com a longura dalgum tempo falou loguo às gentes do Exercito que ho podiam ouvir dizendo: *Senhores amiguos bem viſtes todos ho grande, e maravilhoſo ſinal que para nom temermos, e ſermos esforçados Deos Noſſo Senhor tam pubriquamente nos quiz moſtrar, e por eſſo jàa ſeria muita noſſa fraqueza, e grãde minguoa de noſſa Fèe tardarmos mais para ha ſegunda batalha, mas com ho esforço de Deos, que temos preſente, e com ajuda, e preces dos Santos Martyres Proto, e Jacinto, cujo dia hoje hee, vamos loguo ferir nos imiguos, ca pelo melhoramento da vitoria, que contra nòs ouveram, aguora hos acbaremos mais repouzados, e menos percebidos.*

Pelo qual hos Chriſtãos poſtos em ſuas batalhas bem concertadas, com grande ouſadia, e ſem final dalgum medo ſayram, e foram dar no arrayal dos Mouros, e aſſi duramente hos cometeram, e tam cruamente hos feriram, e foram tam cortados, e trovados de medo, que parecia nom terem armas para pelejar, nem forças para reſiſtir, e deſacordados ſe diz, que elles meſmos huns ahos outros ſe feriam, e matavam, e ſe eſpedaçavam com hos pées dos Cavallos, e que outros com medo da morte duvidoſa ha tomavam certa no rio, que era junto em que ſe lançavam, e afogavaõ, e vendoſe hos Reys Mouros, e ſuas gentes aſſi ſalteados, e vencidos nom tendo jáa alguma eſperança em ſua reſiſtencia, nem peleja, procuraram buſquar ſua ſalvaçam na fogida, em cujo alcance hos Chriſtãos

tãos matando, e ferindo ſeguiram, em que ſe affirma que dos quoatro Reys, que alli vieram, dous delles ſem ſe dizer quem eram, foram mortos, e com elles trinta mil Mouros mais, e com eſto recolhendo ho muito, e muy riquo deſpojo, que acharam no arrayal dos Mouros, hos Chriſtãos ſe tornáraõ muy alegres ha ſeu cerquo, que tinham poſto ſobre ha Villa, dando todos muitas graças, e louvores aho Padre noſſo Senhor, que de ſua mam deu eſta vitoria, que foy ha onze dias de Setembro do ſobredito anno de mil duzentos e dezaſete annos, dia dos ditos Martyres Proto, e Jacinto, háa certidam da qual vitoria, como foy dada ahos infieis, que para eſte deſcerquo eram em ſua frota poſtos no maar elles deſacordados, e triſtes ſe partiram, onde ſe diz que ſe perderam alguma parte de ſeus navios, e de ſuas gentes aſſáas nelles.

1217.

CAPITULO VIII.

Como hos Chriſtãos combateram, e tomaram ho Caſtello Dalcacere.

HOs Chriſtãos por eſta vitoria ſiquaram alegres, e muy eſforçados, depois de conſultarem ſobre a milhor maneyra, que teriam para tomar ha Villa, fizeram duas eſcadas grandes, e com gente darmas que comprio foram loguo juntas aho muro para ho entrarem, e comeſſarem de combater ho Caſtello; mas hos Mouros com a neceſſidade que tinham de ſalvar ſuas vidas, dobráram ſuas forças, pelo qual alli com foguo, com pedras, e traves, e ſetas, que de ſima do muro lançaram, afaſtaraõ hos Chriſtãos longe do muro, em que da huma parte, e da outra foram muitos mortos, e feridos, e porque hos Chriſtãos viram que aquella qualidade de combate por ha grande fortaleza, e deſpoſiçam dos muros lhe nom ſocedia como dezejavam, fizeram loguo cavas, e minas por bayxo da terra para has poerem debayxo dos muros, e poſtos em contos hos derribarem por foguo; mas hos Mouros que deſto por avizos, ou por conjeyturas foram bem ſapedores contraminaram has cavas dos Chriſtãos, e huns, e outros com peleja muy crua ſe encontraraõ, em que ouve muito ſangue derramado, e com grandes foguos, e couſas fumolas que hos Mouros fizeram, lançaram hos Chriſtãos fora das cavas, e pozeram ſobre ſy ſegura guarda, pelo qual vendo hos Chriſtãos que alguma couſa das cometidas de todo lhes nom aproveytava, elles, por conſelho, e ordenança do Capitam da frota, que era homem engenhoſo, e de bom esforço, fizeraõ loguo duas baſtidas de madeyra muito fortes, e tam altas que cada huma dellas ſobejava por ſima das mais altas Torres do Caſtello, donde hos combates que

nellas

nellas poſeram hiam ſeguros, e nom temiam hos danos dos Mouros, e com eſto, e com outros engenhos, que mais ordenaram, e com muitos bêſteyros, e frecheyros cõmetteram ho Caſtello rijamente por muitos lanços do muro, por ſima do qual hos Mouros com ha força das ſetas, e pedras que lhe lançavam, nom ouzavam parecer, nem reſiſtir como dantes faziam, e vendo-ſe fraquos de ſuas forças, e deſeſperados jáa em tudo, de todo ho ſoccorro, e finalmente porque ſe nom podiam ſoſter, fizeram final que ſe queriam render, e ſobre ſeguro, que lhes foy dado, vieram à pratica, e apontamento, em que pediram has vidas, e fazendas, mas has vidas ſóomente lhe foram outorguadas com ſegurança das quaes elles abriram has portas do Caſtello, e aſſi ſeguros ſe ſahiram, e foram para onde quizeram, e ho Alcayde do Caſtello, que antre elles era ha peſſoa mais principal, nom ſe quis hir com hos outros, mas acha-ſe que da tomada da Villa, ha tres dias por ſua vontade foy bautizado, e tornado Chriſtaõ, e hos outros Mouros, que hos Chriſtãos acharam pelas Aldeas, e Luguares de redor todos, ſe diz que ſem reſiſtencia morreram ha ferro, e hos grandes deſpojos, que da batalha paſſada ſe recolheram, e na Villa ſe acharaõ foraõ loguo igualmente repartidos ſem aventagem dalgum, ſalvo que aho Capitam de fóra, porque por ſeu concelho, e ordenança ho cerquo fora ſempre regido lhe deraõ mais dez por prezioneyros, que elle tomára.

E porque aho Biſpo de Lisboa nom foy ſobre elles dada alguma avantagem, q̃ bem merecia, ho Capitam da frota ha que tal eſcaſſeza nom pareceo bem, por ſeu conforto lhe diſe: *Reverendo Biſpo, poſto que vós aqui pelo bem recebeis mal, e pela bondade malicia roguovos que ha eſtes homens, que tam mal ho conhecem, e fazem ſejais paciente, porque ho principal gualardaõ que por eſte trabalho mereceis Deos noſſo Senhor, que hee boom, e juſto, e porque bem ho recebeſtes volo darâ boom no Ceo, e ſerá melhor que eſte de couſas da terra.* E com eſto hos Eſtrangeyros ſe recolheram ha ſuas frotas, e ſe partiram para onde quizeram, e ho Biſpo com hos ſenhores Portuguezes, que aho cerquo vieram depois de leyxarem ha Villa afortalezada, e baſtecida, como viram que compria, tambem ſe tornaram para ſuas terras, e cazas, e eſta tomada de Alcacere em tempo deſte Rey Dom Affonſo II. foy em dia de S. Lucas, ha dezoyto do mez de Outubro da era de noſſo Senhor de mil duzentos e dezaſete annos, e dahy ha hum anno eſte Rey Dom Affonſo com ha Rainha Dona Orraqua ſua molher lhe deu foral que aguora tem, como por elle parece. 1217.

CAPITULO IX.

Como ſinquo Frades Italianos da Ordem de S Franciſquo foraõ ha Marroquos ha prégar ha Fee de Chriſto, e primeyramente cheguaram ha Sevilha, que era de Mouros.

DEſta tomada Dalcacere atée ho falecimento delRey Dom Affonſo ſe paſſaram ſeis annos, nos quaes ſe nom acha feyto que elle fizeſſe, nem ſe paſſaſſe couſa dina de memoria, ſalvo que depois em ſuá vida, e da dita Rainha Dona Orraqua ſua molher, ho Ifante Dom Pedro ſeu Irmaõ filho tambem legitimo delRey Dom Sancho trouxe ha Coimbra hos oſſos dos ſinquo Frades Menores, que em Marroquos morreraõ Martyres, cujo caſo ſegundo ha Lenda Santa, que delles ſe lée, e ſegundo ho q̃ mais delles verdadeyramente ſe acha foy brevemente neſta maneyra. Na Coronica delRey Dom Sancho pay deſte Rey, falando dos filhos q̃ teve ſumariamente dice: q̃ ho Ifante Dom Pedro, ſeu filho, ho qual bem acompanhado de nobre gente Deſpanha paſſara em Afriqua, e eſtivera em muita eſtima, e grande authoridade com Miramolim de Marroquos, atée ho tempo do Martyrio deſtes Santos Frades, dos quaes ſe acha por ha dita ſua Lenda, e por inquiriçaõ verdadeyra, q̃ ho ſobredito Dom Matheus, Biſpo de Lisboa delles, e do ſeu Martyrio, e milagres tirou por teſtemunhos de muitos, dinos de fée, que com ho dito Ifante andaram, e principalmente por hum Cavaleyro de Santarem que chamavaõ Eſtevaõ Pires, homem velho, e honrado, e de louvada vida, e coſtumes que aho dito Ifante ſempre ſervio, que na era de noſſo Senhor de mil 1219.
duzentos e deſanove, e ahos treze annos da primeyra converſaõ de S. Franciſquo, elle por vontade de Deos, eſcolheo em ſua vida ſeis Frades de ſua Ordem por natureſa Italianos, e de maravilhoſa ſantidade, ha ſaber: Frey Vital, e Berardo, Otone, Acurcio, Pedro, e Adjuto, e por ſaberem bem ha linguoa Arabigua hos mandou aho Rey, e Reyno de Marroquos, que naquelle tempo ſobre hos Mouros Dafriqua, e Deſpanha tinha ho móor Principado, para lhe prèguarem, e trabalharem pelo converter à Fée de Chriſto.

E deſtes ſeis Frades fez mayoral, e Prelado ha Frey Vital, ho qual como elle com hos outros cheguaſſem aho Reyno Daraguam adoeceo; e porque vio que ſua doença ſe perlonguava por tal que ſeu mal corporal, ho bem, e neguocio eſpiritual, e de Deos nom impediſſe, mandou que por comprirem ho mandado de Deos, e de S. Franciſquo ſe foſſem ha Marroquos, hos

hos quaes por ſua obediencia ho leyxaram doente, e ſe partiram, e cheguaram à Cidade de Coimbra onde ha eſſe tempo era ha Rainha Dona Orraqua molher deſte Rey Dom Affonſo, ha qual hos fez hir ante ſy, e como falaſſe com elles em couſas de Deos, e nelles viſſe taõ grande deſprezo do mundo, e tamanho fervor de morrer por amor de Jeſu Chriſto, e ſem duvida hos julgnou, e houve por muy verdadeyros, e prefeytos ſervos de Deos, e por eſſo com grande inſtancia lhe roguou, que por ſuas roguações pediſſem ha Deos que revelaſſe ha ella ho derradeyro termo de ſua vida, e poſto que elles com ſua humildade confeſſaſſem nom ſer dinos entender nos ſegredos de Deos: porém vencidos das devotiſſimas preces da Rainha, ditas com muytas lagrymas, prometeraõlhe que aſſi ho pediriam, hos quaes orando ha Deos com firme, e pura fée, nom ſóomente ho que da vida da Rainha, mas ainda ho ſeu Martyrio, por revelaçam de Deos lhe foy tambem ſenificquado, porque loguo diceraõ que hos derradeyros dias da vida da Rainha ſeriam muy ſedo quando ſeus corpos depois de ſeu Martyrio, foſſem de Marroquos aly trazidos, e della meſma Rainha, e de todo ho povo com grandes honras recebidos, e aſſi foy como ſe dirá.

Partidos hos Frades de Coimbra para ſeguirem ſua ſanta jornada, vieram por aviamento da Rainha Dona Orraqua à Villa Dalanquer, onde eſtava ha Iſante Dona Sancha, irmãa delRey Dom Affonſo, que era Senhora da dita Villa, ha que tambem revellaram todo ho ſeu propoſito; como ella foy Princeſa muy ſanta, aprovando ſeu negnocio ella ſobre hos habitos da ſua Religiaõ, que elles traziaõ lhes den outras, veſtiduras ſeculares, taes, com que mais livres, e facilmente podeſſem paſſar ha terra de Mouros, e aſſi com ſeus habitos deſſimullados foram à Cidade de Sevilha, que entam era de Mouros, onde na pouzada de humChriſtaõ, leyxados hos habitos leyguos, por oyto dias eſtiveram eſcondidos, e acertouſe que em hum dia ſervendo ſeu eſpirito para Martyrio, elles ſem guia, nem concelho doutros ſe foram à principal Meſquita dos Mouros, e como em ella quizeſſem entrar hos infieis, que hos viram, e conheceram, endinados contra elles cõ empuxões, brados, e açoutes, que lhe deram, e por inſtituto, e coſtume hos nom conſentiram entrar, e dahy hindoſe às portas delRey, e ſendo ante has ditas portas dos Paços foram levados ante ElRey, e perguntados quem eram? Reſponderam: que vinhaõ ha elle Rey por Embayxadores, e Enviados do Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, que era Jeſu Chriſto, e como ante ElRey muitas, e muy dinas couſas da Fée Catholica propoſeſſem aconcelhando-o para ſua converſaõ, e para receber aguoa do

ſanto Bautiſmo, e com eſſo muitas couzas feas, e torpes de Mafamede, e de ſua ſeyta deſcobriſſem, ElRey endinado de grande ira contra elles lhes mãdava cortar has cabeças, mas amançado por palavras de hum ſeu filho, que era prezente, hos mandou meter em huma Torre muy alta junto dos Paços, de cuja altura ahos que entravam, e ſahiaõ da caza delRey, elles nom leyxavam de prégar em altas vozes ha Fée de Chriſto, e brasfemar, e mal dizer da Seyta de Mafamede, cujos ſeguidores, e favorecidos deziam que no inferno ſeriam com tormentos para ſempre danados, e anojado ElRey de ſuas palavras, e para lhe arredar ho azo de has nom poderem dizer, hos mandou meter no mais profundo da Torre, donde por concelho dos ſeus vaſſallos hos mandou tirar, e levar ha Marroquos em companhia de Dom Pedro Fernandes de Caſtro ho Caſtellam, de que atraz dice, e aho diante direy, que por odios, e perſeguiçõcs dos Condes de Lara, nom ſe pode ſoſter em Caſtella, e duas vezes ſe paſſou ahos Mouros, e deſta derradeyra para Mirabolim de

CAPITULO X.

Como hos Frades cheguaram ha caza do Ifante Dom Pedro, do que loguo fizeram, e como ſe raõ tornados ha Ceyta par. virem ha terra dos Chriſtãos, e dahy ſe volveram outra vez ha Marroquos.

NEſte tempo eſtava em Marroquos ho Ifante Dom Pedro, filho delRey Dom Sancho, e irmaõ deſte Rey Dom Affonſo, ha cuja caza hos ditos Frades, e ho dito Dom Pedro Fernandes loguo cheguaram, e ho Ifante hos recebeo com humanidade devaçaõ, e bom trato, e hos proveo de todo ho q̃ aviam miſter, porq̃ era Principe em virtudes muy acabado, e hos Frades como dahy em diante viam quaeſquer Mouros loguo cõ muito fervor lhes prègavam, eſpecialmente hum dia Frey Berardo, que delles era ho mais principal, e milhor ſabia Arabia, ſobindo em hum carro, ou luguar alto como pulpito, e préguando ha Fée de Chriſto ha muitos Mouros que ho ouviaõ acertouſe que ho Mirabolim hia viſitar, como tinha de coſtume, ha ſepultura dos Mouros Reys, que eram fóra da Cidade, e vendo ho Frade préguar, e por elle ſer prezente nom querer deſiſtir da

prè-

prèguaçaõ à ſua ſeyta cõtraria, eſtimãdo-o por homem ſandeo, e por tirar eſcandalos mandou, q̃ elle cõ todos hos Frades foſſem loguo lançados fóra da Cidade, e ſem tardãça levados ha terras dos Chriſtãos, pelo qual ho Ifante Dom Pedro avendo-o aſſi por bem lhes deu alguns ſeus ſervidores, que ſeguramente hos levaſſem, como levaraõ atée ha Cidade de Ceyta, para dahy loguo paſſarem ha terra dos Fieis.

Mas hos Santos Padres nom cõtentes da viagem leyxáraõ has guias, que hos levavam, e tornaramſe outra vez ha Marroquos, e como cheguaſſem à praça da Cidade loguo ahos muitos Mouros, que nella acharam eomeſſaram de préguar, louvando hos merecimentos da Fée de Chriſto, e brasfemando dos vicios, e erros de Mafamede, e ſua ſeyta, da qual couſa como ElRey foſſe certifiquado hos mandou loguo meter em hum eſtreyto carcere, onde ſem alguma ordenada provizam, nem mantimento dos homens, que ouveſſem, mas com ha ſóo refeyçam de Deos, que ouveraõ. Vinte dias foraõ encarcerados aſperamente, e neſte tempo, porque em toda aquella terra ſobrevieram muy grandes, e deſordenadas quenturas do Sol, e grandes deſtemperamentos do Ar, alguns creram que eſtes males poderiam vir pela injuſta prizam dos Frades, pelo qual por concelho de hum Mouro chamado Abotorim, que ahos Chriſtãos tinha amor, e queria bem, ElRey conſentio que foſſem livres do carcere, e trazidos ante elle, mandou ahos Chriſtãos que loguo ſem mais detença hos mandaſſem ha ſua terra.

E porém ElRey com hos outros Mouros nom fiquaram ſem grande eſpanto, quando viram hos Frades tam eſforçados dos corpos, e tam conſtantes das vontades, avendo vinte dias contínos, que ſem algum mantimento ordenado jouveram no carcere, e perguntados por ElRey: quem hos mantivera tanto tempo? Lhe dice Frey Berardo, que como ElRey bem crece na Fée de Jeſu Chriſto loguo ſaberia como elles ſem beber, e ſem comer foraõ no carcere manteudos. E com tudo elles como ſe viram ſoltos, loguo ſem algum medo outra vez quizeram tornar ha préguar ahos Mouros, mas hos outros Chriſtãos, q̃ com elles eſtavaõ, receoſos da ira delRey q̃ com mortes, e cruezas, ſe eſtenderia nas vidas de todos, como moſtrava, lho nom conſentiram.

Entam lhe ordenaram loguo outros homens fieis que hos acompanhaſſem, e levaſſem outra vez ha Ceyta, para dahy paſſarem ha terra dos Chriſtãos, mas hos ditos Frades ſoſpirando por ſeu Martyrio, deſpedindo-ſe daquelles, que hos levavam ſe tornaram outra vez ha Marroquos, onde ho Ifante hos mandou loguo recolher, e encerrar em ſua caza com guardas, e defeza eſtreyta, que hos nom leyxaſſem

xaſſem ſahir, porque receava ſegũdo ElRey de ſuas preguações ſe eſcandalizava, que nom ſóomente mandaria matar hos Frades, mas ha elle, e ha todos hos Chriſtãos, que ouveſſe na Cidade.

CAPITULO XI.

De hum milagre, que ſe fez por cauza de Frey Berardo, e como foram prezos, e atormentados hos outros Frades.

EAcertouſe que ho Mirabolim ha eſte tempo mandou ho Ifante Dom Pedro cõ outros muitos nobres homens de Chriſtãos, e Mouros, que delle tinham ſoldo fazendo guerra, e ſogiguar ha huns ſenhores Mouros ſeus vaſſallos, que ſe lhe rebelaram, apoz hos quaes Frey Berardo, e hos outros Frades, que tiveram maneyra de ſe ſoltar, loguo ſeguiram, e foram devolta onde ſe diz, que diſputando Frey Berardo com hum Mouro ante elles ho mais letrado, ho venceo, e confundio, e que eſte Mouro, com vergonha nunqua mais tornou ha Marroquos, nem depois nom pareceo, e tornando ho Ifante com hos outros Mouros da conquiſta, que lhes fora encomendada, vieram por huma terra tam ſequa que por tres dias para ſy, nem para ſeus cavallos nom poderam achar em nenhuma parte aguoa para beber, e como ha eſtreyteza da ſede deſeſperaſſe ha todos das vidas, Frey Berardo era na companhia, feyta primeyro ſua devota oraçaõ, tomou na mão hum piqueno pao com que cavou hum ponquo na terra muy ſequa donde milagroſamente loguo arrebentou, e ſahio huma grande fonte daguoa doce, e muy ſingular de que nem ſóomente hos homens, e alimarias bebiaõ, e ſe abaſtaram, mas ainda encheram muitos odres, que levaram para ho caminho.

E como eſta neceſſidade daguoa foy ſatisfeyta, loguo ha fonte ſe ſerrou, e ſequou, e por tam grande, e tam manifeyto milagre, que de todos foy viſto, e Deos por Frey Berardo fizera, todos hos do exercito dahy em diante ho tiveram em grande devaçam, e reverencia, e muitos por Santo lhe beyjaram hos pées, e has veſtiduras, e como eſtes Santos Frades tornaſſem ha Marroquos, e em caza do Ifante foſſe por elles poſta grande guarda, para nom ſahirem, e elles toda via ſayram, e em huma Sexta feyra, que ho Mirabolim hia viſitar hos ſepulchros dos Reys Mouros, hos Frades ſem algum temor, e com grande ouſadia ſe aprezentaraõ ante elle, e ſobido Frey Berardo em hum tezo começou de lhe prẽguar muy ſem receyo, e como ElRey hos viſſe, cheo de ira contra elles, mandou ha hũ ſeu Capitam Mouro que vira ho milagre daguoa, que loguo lhes cortaſſe has cabeças, pelo qual hos Chriſtãos, que eram

pre-

prezentes, com temor de ſuas proprias mortes, loguo fogiram dahy, e fechadas, e trancadas bem has portas de ſuas pouzadas, nellas ſem ſayr jaziam eſcondidos, mas ho Principe Mouro mandou ahos homens da juſtiça, que trouxeſſem hos Frades ante elle, e como por duas vezes ho nom achaſſem hos tornaram ha levar ha mais aſpero carcere com guolpes, e bofetadas com que hos feriam, e com eſſo hos ditos Frades aſſi ahos Chriſtãos, que ſe lhe offereciam nom leyxavam de prẽguar ha palavra de Deos.

E ſendo outra vez trazidos ante ho dito Principe, e com tanta conſtancia hos viſſe prẽguar, e confeſſar ha Fée Catholica, e reprovar, e reprehender com muita ouzadia has couzas de Mafamede, e ſua ſeyta, acezo da ira contra elles hos mandou loguo atormentar com muitas, e muy deſvayradas maneyras de tromentos, e depois apartar huns dos outros, e em deſvayradas cazas onde cruamente hos mandou açoutar, e aquelles maos, e crueis miniſtros atados hos pèes, e has mãos dos Santos, e com cordas aſperas lançadas ahos colos delles, e arraſtando-os de huma parte ha outra pela terra, aſſi continuadamente, e tam ſem piedade hos açoutavam, que has tripas lhe apareciam, e ſobre has chaguas recebidas por acrecentarem mais dor lhe lançavam vinagre, e azeyte fervendo, e aſſi foram por toda ha noyte atormentados, e açoutados de trinta Mouros, que nelles ſe arrevezavam, na qual noyte daquelles, que hos guardavam foy viſto, que hum grande reſplandor decendia dos Ceos, e com huma companha ſem conto hos arrebatavam, e levantavam para ſima, e maravilhados deſto hos Mouros, e de todo eſpantados, cheguando ahо carcere acharam hos Santos Frades devotamente orando.

CAPITULO XII.

Como ElRey de Marroquos falou com eſtes Frades, e por hos nom poder converter ha ſua ſeyta por ſy meſmo hos matou, e como foraõ mortos tambem Pedro Fernandes, e Martim Affonſo Telo, ſobrinho do Iſante.

HAs quaes couzas ouvindo ElRey de Marroquos, acezo com mayor ſanha contra elles, mãdou que loguo lhe foſſem levados com has mãos atadas, e deſcalços dos pèes, e depois dos corpos continuadamente açoutados, e eſpanquados, hos quaes como ElRey na Fée de Chriſto hos viſſe tam firmes, mandou dentro meter comſiguo certas molheres, fermozas, e lançados todos fóra dice: *Converteyvos ha noſſa fée, e darvoshey eſtas*

eſtas por voſſas molheres, e com ellas muito dinheyro, e ſereis em meu Reyno muito honrados. Ha que hos Frades loguo reſponderam: *Tuas molheres, e teu dinheyro nom queremos; porque tudo eſto deſprezamos por amor de Chriſto:* E entam ElRey arrebatado de mayor ira, e ſanha, apartados hos Santos hum do outro, por ſuas proprias, e muy cruas mãos ha cada hum per ſy talhou has cabeças por meyo das fontes, e apertando na maõ tres cutellos, juntamente com huma crueza de beſta féra hos deguolou, hos quaes compriram eſte ſeu Martyrio ha dezaleis dias de Janeyro do anno de Chriſto de mil duzentos e vinte, em tempo do Papa Honorio III. em ho quarto anno de ſeu Pontificquado, e quaſi ſete annos antes da morte de S. Franciſquo.

1220.

E depois diſto lançados fóra hos corpos do Martyres por has molheres, que comſiguo tinham: eſtes perros barbaros, e maos atando cordas ha ſeus pées, e mãos, hos arraſtaraõ para fóra da Cidade, em torno da qual com grandes brados, e preguões hos trouxeram, e eſpedaçados de todos hos mẽbros, hos leyxaram no campo, pelo qual hos Chriſtãos, que hos aſſi viram, alevantadas has mãos ahos Ceos, louvãdo ha Deos por ſeu tam glorioſo Martyrio, comeſſaraõ de apanhar, e recolher has Reliquias dos ditos Santos eſcondidamente, ha qual couza como hos Mouros viſſẽ, todos como cães rayvoſos, tanta multidam de pedras lançaram nos Chriſtãos, que parecia tempeſtade de ſua rayva, mas hos Chriſtãos defezos jáa pelos merecimentos dos Santos, fugindo da ira dos Mouros ha ſuas cazas ſe recolheram, donde com temor da morte, que antre ſy traziam, eſcondidos por tres dias nom pareciam, principalmente, porque neſte tempo ho Ifante mandou ha Dom Pedro Fernandes de Caſtro, Caſtellam, que láa era lançado, e ha Martim Afonſo Tello, ſeu ſobrinho, nobres homens, que com outros muitos andavam em ſua companhia, que de noyte ſecretamente foſſem ver onde jaziam hos corpos dos Martyres para ſe recolherem, e porque foram viſtos, e achados dos Mouros, loguo hos mataram.

CAPITULO XIII.

Como hos corpos dos Martyres foraõ queymados, e deſpedaçados, e em fim recolhidos por devaçam, e induſtria do Ifante Dom Pedro.

E Depois deſto em hum grande foguo, que foy feyto no campo, hos corpos dos Santos ſe lançaram por tal, que de todo foſſem queymados, mas ho foguo por virtude Divina das ſantas Reliquias aſſim ſe apartava, e apaguava, como que ha materia muito lhe foſſe cõtrayra com junto, antes ha cabeça de

de hum dos Martyres lançada muitas vezes no foguo, nem nos seus cabelos nom pareceo algum final de queymadura, ha qual assi com ha pelle, e cabellos foy mostrada sem alguma corrupçam no Moesteyro de Santa Cruz de Coimbra, mas dos Mouros alguns por amizade, e outros por dinheyro, e proveyto, e assi hos Christãos, que na Cidade eram cativos apanhando has Reliquias dos Santos has offereciam aho Ifante, que recebendo-as com grande devaçam has mandou secretamente cozer, e depois que has carnes se guastaram, e hos ossos ficaram limpos, hos mandou sequar, e encomẽdou ha guarda principal delles ha Joaõ Roberto, Coneguo de Santa Cruz, homem em virtudes acabado, e ha tres innocentes, moços honestos, seus moços da Camara, dos quais hum foy ho Estevam Pires de que atraz dice, que deu este estromento, ca nom era algum ouzado entrar onde has sagradas Reliquias estavam em guarda, porque ha sóo sua conciência de qualquer crime ocultamente commetido loguo ho reprendia, e acuzava.

E neste tempo hum Cavalleyro chamado Pedro da Roza, tendo huma manceba por nome Maria da Roza, como sobisse ha hum sobrado onde has Reliquias se guardavam loguo elle sem se poder mover, e tolheyto, bradou fortemente dizendo: *Acorreyme, acorreyme, dayme Confissam.* Ha qual como ho Coneguo lha deu, em que de todo ha renunciou ha manceba, loguo foy livre dos membros, e pode decer, mas nom pode falar atée que ho mesmo Coneguo por mandado do Ifante lhe poz sobre ho peyto ha cabeça de hum Martyre, com que de todo recobrou has forças, e fala, assi como dantes has tinha, e dahy em diante, assi ho Ifante como todos hos seus tiveram has Reliquias em mayor honra, e devaçam, das quaes mandou meter has cabeças em huma arqua, e hos ossos em outra, e has tinham em grande veneraçam na sua Cappela, e às santas Almas dos Bemaventurados Martyres, cujas Reliquias tinha continua, e devotamente pedia, que de Deos lhe guanhassem graça para sem periguo de sua pessoa, e dos seus, se poder vir para sua terra de Christãos, porque jáa avia muitos dias; q̃ na dos Mouros contra sua vontade se detinha, e estava forçado.

CAPITULO XIV.

Como ho Ifante D. Pedro foy tornado ha Espanha, e trouxe consiguo hos ossos, e Reliquias dos Martyres, e has mandou ha Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres, q̃ ouve no caminho.

ESta graça pelas preces dos Martyres, foy da piedade de

Deos brevemente empetrada, porque eſtando ho Iſante deſta ſua liberdade aſſáas deſconfiado, ho Mirabolim de ſua propria vontade, e ſem requerimento dalguem ho mãdou chamar,e alegremente lhe deu licença, que para ſua terra ſe vieſſe quando quizeſſe, deſcobrindolhe loguo has muitas vezes que para ſua morte fora de ſeus principaes aconſelhado, e induzido; mas por ſeus merecimentos,e bons ſerviços, que fielmente ſempre lhe fizera, merecia outro gualardam. E com eſta licença lhe deu mais ſuas cartas de paſſos, para elle, e hos ſeus ſeguramente poderem paſſar, com has quaes partiram de Marroquos, e depois de hum dia, e huma noyte, vieram no caminho dormir à Azora, que era luguar deſpovoado onde de ferozes brados dos muitos Liões,que ahy haa foraõ poſtos em temor de que loguo foram livres, como antre ſy, e hos Liões pozeram com devaçam, e confiança has ſantas Reliquias, que por ſua ſantidade fizeram tudo quieto,e aho outro dia cheguaraõ ha hum Luguar em que ſe apartavam muitos caminhos, e duvidoſos de qual era ho melhor que tomariam, e ho Iſante ſoſpenço, e confiado na ſanta guia das Reliquias, que acompanhava mandou dar ha dianteyra ha huma Azemala que as levava,e ouve por bem que aquelle caminho que ella tomaſſe, todos por milhor ho ſeguiſſem eſperando que elle ſeria ho milhor, e mais ſeguro.

Ho que foy aſſi feyto, e ha Azemala ſe deſviou de hum caminho para que ha gente ſe mais inclinava, onde ho Iſante ſoube depois em certo que Mouros ho eſperavam para ho matar, e roubar, e da hy em diante em dezertos, e montes porque paſſáram ſempre déram ha guia ás ſantas Reliquias, que com ha graça de Deos levaram ho Iſante, e hos ſeus ha ſalvamento atée Ceyta, onde embarquando loguo em huma nao, que ho Divino favor lhe tinha preſtes, e aparelhada pera terra de Chriſtãos, partiram, e naveguaram loguo com vento proſpero, que em pouquas horas, com grande eſcuridam ſe mudou o contrayro, e algumas outras naos que ſe acertaram em ſua conſerva, por huma reſpiraçam divina faziaõ daquella do Iſante Capitayna, por quem ſe regiam, e com ha grande ſarraçam, que ſobroveyo temendo de hir à Ceſta ſe encomendaram devotamente a hos roguos, e merecimentos dos Santos Martyres, cujas ſagradas Reliquias levavam, para que em ſalvamento hos guiaſſem, e loguo ſupitamente derramada ha eſcuridam, em que andavam, veo ha grande claridade, e bonança,com que bem viram, e conheceram ho caminho de ſua perdiçam, que levavam, e deſviados delle aportaram na Aljazira, daquem Deſpanha, e dahy ha Tarifa, e loguo ha Sevilha,que era de Mouros, onde por hos Chriſtãos que ahy eram, ho Iſante foy avizado, que

loguo

loguo ſe partiſſe,porque ElRey de Sevilha ho mandava prender.

Pelo qual loguo ahy embarquaram, e vieram ha Aſtorgua,que he em Gualiza do Reyno de Liam,onde entam reynava ElRey Dom Affonſo,primo com irmaõ do Ifante Dom Pedro, e como foram partidos cheguaram ha Sevilha mandados de Mirabolim de Marroquos que loguo lhe prendeſſem, e tornaſſem ho Ifante, e cortaſſem has cabeças ha todos hos ſeus, mas deſte periguo, e doutros muitos prouve ha Deos, que ho Ifante, e hos ſeus, pelos merecimentos dos Santos Martyres, cujo devoto era, foſſem,como foram, livres, e ſeguros, e como cheguaſſem ha Aſtorga hum hoſpede onde foram aguazalhados havia trinta annos que aſſi era doente, e tolheyto de parlezia, que do officio da fala, e dos membros era de todo privado, e ouvindo has grandes maravilhas dos Sãtos Martyres, que os Chriſtãos cõfiguo traziam, lançado em terra ante ha Arqua em que ſuas ſagradas Reliquias eram guardadas, pedindolhe com muitas lagrimas, e grande devaçam remedio para ſua doença, loguo ahy á viſta de todos recebeo na fala, e em todos os membros perfeyra ſaude, e o Ifante Dom Pedro nom veyo com has Reliquias dos Martyres ha Coimbra; mas de Aſtorgua mandou com ellas Affonſo Pires de Arguanil,que era Riquo homem,e peſſoa de grande credito, porque ho Ifante Dom Pedro nom era bem avindo com ElRey Dom Affonſo de Portugual ſeu irmam,

CAPITULO XV.

Como has Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foy ha morte da Rainha Dona Orraqua, molher delRey Dom Affonſo, e das couſas que foram viſtas.

COmo Affonſo Pires cheguaſſe ha Coimbra onde ha fama dos Santos Martyres jáa era, ha ſobredita Rainha Dona Orraqua molher deſte Rey Dom Affonſo de Portugual, que ahy eſtava com ho povo junto, que com toda a Cleresia, e muy devota, e ſolenne Prociſſam, ſayo ha receber has ſagradas Reliquias, e com muita devaçam, e grande ſolennidade has levaram aho Moeſteyro de Santa Cruz, onde muy honradamente has leyxaram, e como ha nova do glorioſo Martyrio deſtes Santos Frades cheguaſſe ha S. Franciſquo alegrandoſe em ſeu eſpirito, dice: *Aguora verdadeyramente poſſo dizer que tenho cinquo irmãos.* E no meſmo anno em que eſtes Martyres foraõ mortos ſegundo teſtemunho das ſantas Lições, que delles ſe dizem, por ſua vinguança ha ira, e indinaçam de Deos, veyo contra

ElRey de Marroquos, e ſeu Reyno, porque ha propria maõ direyta, e braço com que ho dito Rey Mouro matou hos Santos Frades, todos ſeus membros daquella parte atée ho deſtro pée, foram todos ſequos, e por maldiçam da ſua terra, nos tres annos ſeguintes apoz eſte Martyrio, nom choveo nella couza alguma, de que ſe ſeguio mais, que por ſinquo annos continos ouve tanta fome, e tam cruas peſtilencias nos homens, que ha moor parte da gente por tamanha mortindade foy deſtruida por tal, que hos annos da vingança foſſem iguaes aho numero dos Santos Frades.

E porque ha Profecia dos Santos Frades em todo ſe compriſſe ha ſobredita Rainha Dona Orraqua paſſadas muy pouquas horas, depois que às Santas Reliquias foy dada divina ſepultura, ella Rainha chea de virtudes acabou ſua vida, e dahy foy levada ha Alcobaça onde jáaz, e à meſma hora que ella faleceo, ſendo ha noyte profunda, Dom Pedro Nunes Coneguo, e Sacriſtam do Moeſteyro de Santa Cruz, Varam por Santidade muy eſclarecido, e Confeſſor da meſma Rainha, vio innumeraveis Frades Menores entrar no Choro antre hos quaes era hum, que ahos outros com grande ſolennidade precedia, e apoz elle ſinquo antre todolos outros com honra ſingular mais excellentes, e como no Choro com prociſſaõ, aſſi entraram loguo com doce melodia que ſe nom póde dizer, cantaram has Matinas, e ho dito Pedro Nunes Sacriſtam, ſendo pelo que vio todo atonito, perguntou ha hum delles, ha que vieram, e porque luguar tantos Frades em tal hora entraſſem, ſendo ſerradas todalas portas do Moeſteyro, ho qual lhe reſpondeo: *Nós todos que aqui vez fomos Frades Menores, e aguora reynamos com Chriſto, e aquelle que vez, que com tanta gloria precede ahos outros, he S. Franciſquo, que tanto dezejaſtes ver neſta vida, e aquelles ſinquo, que antre hos outros tem mais excellencia ſaõ hos Frades, que em Marroquos por Chriſto receberam Martyrio, e neſte Moeſteyro ſaõ ſepultados, e ſabe que ha Rainha Dona Orraqua neſta ora paſſou deſta vida, e porque ella de todo coraçam amou noſſa Ordem, Noſſo Senhor Jeſu Chriſto nos enviou ca todos, porque por ſua honra diceſſemos aqui Matinas, e porque tu eras ſeu Confeſſor, quiz Deos que tu viſſes eſtas couzas, e da morte da Rainha nom duvides; porque na hora que daqui partirmos ouviràs loguo certa nova.* E aquella Prociſſaõ ſendo todas has portas do Moeſteyro ſerradas loguo ſayram, e neſta hora aquelles que eram da familia da dita Rainha bateram às portas, e denunciaram que ella tinha jáa pagua ſua neceſſaria divida à carne, e falecera.

CA-

CAPITULO XVI.

Como Santo Antonio por exemplo deſtes Martyres tomou ho habito de S. Franciſquo, e do que ſeguio em Marroquos por milagre, e da morte delRey Dom Affonſo.

DEſpois que eſtes Santos Martyres comeſſaraõ de reſplandecer com muy claros milagres de que muitos em ſua mais profuza lenda ſe contem, e por exemplo delles ho Bemaventurado Antonio que ha eſte tempo era Coneguo no Moeſteyro de Santa Cruz meſmo, e ſe chamava Fernando Martins, ardendo com dezejo de ſemelhante Martyrio, entrou na meſma Ordem dos Menores, em idade de vinte ſinquo annos, e nella acabou dez annos, exclarecido em Santidade, e com milagres. E por eſta ida deſtes Frades, o meſmo S. Franciſquo, porque ſeu exemplo ardia em gram fervor, e dezejo de Martyrio, paſſou com ſete Frades ha terra de Suria, e foy aho Gram Soldam, e como quer que com grande conſtancia, e muy ſem medo lhe préguaſſe ha Fée de Chriſto, ho Gram Soldam ho tornou ha enviar livremente, e ſam ha ſua propria terra.

E acha-ſe por lembranças antiguas, que por eſte Martyrio deſtes Santos Frades ſer tam cruamente feyta em Marroquos, e com tanto deſprezo de Deos, e de ſua palavra, ouve em todo aquelle Reyno tantas eſterilidades, e ſecuras, e por tantos annos, que eſteve para de todo ſe deſpovoar, e porque géralmente antre elles, e pelo povo ſe dizia que tamanha maldiçam nom viera à terra ſalvo pela inocente morte dos Religioſos, ElRey ha cujas orelhas eſte rumor, e clamor cheguara, tendo ſobre eſſo concelho com hos Mouros, e tambem com hos Chriſtãos, q̃ eſtavam ahy, acordaram, que onde padeceram, que aly com grande arrependimẽto, e gemidos, e muitas lagrimas vieſſem, como vieram pedir ha Deos que avendo por eſſo com elles piedade, ſe diz que loguo choveo, e veyo à terra acoſtumada avondança em todalas couſas, por cujo beneficio ſe affirma que ElRey de Marroquos com todo ſeu povo prometeram, e ordenaram que da meſma Ordem dos Frades Menores foſſe dado Sacerdote, ou Biſpo ha todolos Chriſtãos, que em Marroquos, e em ſua terra viveſſem, e que hos Frades fizeſſem ahy Moeſteyro da Ordem de S. Franciſquo, em que livremente ſempre eſtiveſſem, e deſſem hos Sacramentos ahos Chriſtãos ſem algum receo, ho que por muitos annos aſſi comprio.

E deſte anno de Chriſto de mil e duzentos e vinte, em que eſto ſucedeo, atée ho anno de mil duzentos

tos e vinte e quatro, em q̃ eſte Rey Dom Affonſo faleceo, nom achey que elle fizeſſe, nem em ſeu Reyno ſucedeſſe outras coulas notaveis, pelo qual tendo elle trinta e ſete annos de ſua idade, e avendo doze annos que Reynava, faleceo na era
1224. de noſſo Senhor de mil e duzentos e vinte quatro, e jáz em Alcobaça, com h. Rainha Dona Orraqua ſua molher, na Capella grande, que elle em ſua vida mandou fazer diante ha porta do Moeſteyro, e neſte anno ſe diz, que foy mudado ho Convento de Santa Maria, ha antigua à nova Egreja, e Moeſteyro de Alcobaça, que ElRey Dom Affonſo Anriques, ſeu avoo de fundamento mandou fazer.

DEO GRATIAS.

IN-

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

D. Affonſo II. DE Portugal, que idade tinha, e em que anno foy levantado Rey. pag. 1. Foy cazado com Dona Orraqua filha delRey Dom Affonſo IX. de Caſtella. ibi. Naõ quer conceder à Rainha Dona Tareja, e á Infanta Dona Sancha ſuas irmãas as terras, que lhes deyxara ſeu pay Dom Sancho I. pag. 4. e 5. He excommungado pelo Papa Innocencio III. para que largue os Caſtellos de Monte Môr, e Alamquer a ſuas irmãas. pag. 6. He abſolvido da Excõmunhaõ, e com que circunſtancias ſe ajuſtou a tregoa entre eſtes Principes. pag. 7. Contende judicialmente ſobre a meſma materia com ſuas irmãas, e he condenado a pagarlhe hũa grande ſomma de dinheyro. pag. 8. Em que anno, e idade morreo. pag. 30. onde eſtá ſepultado. ibi.

D. Affonſo IX. De Caſtella ſogro delRey D. Affonſo II. de Portugal com quem foy cazado, e que filhos teve. pag. 2. Manda chamar a ſeu genro D. Affonſo II. de Portugal às Cortes que fez em Burgos, e naõ vay. pag. 4. onde morreo, e eſtà ſepultado. ibi.

Affonſo Pires de Arguanil. Entrega por ordem do Infante D. Pedro as Reliquias dos Martyres de Marrocos no Convento de Santa Cruz de Coimbra. p. 27.

Alcacere He cercado pelos Portuguezes, e Eſtrangeyros, e das peſſoas principaes Portuguezas que aſſiſtiraõ neſte cerco. pag. 11. No ſeu campo ſaõ mortos pelos Portuguezes trinta mil Mou-

Mouros, e em que dia, e anno ſe conſeguio eſta vitoria. pag.15. e 19. O ſeu Caſtello depois de huma larga reſiſtencia he conquiſtado. pag.16. Em que dia, e anno foy tomado. pag. 17.

Algozo, E Freyxo ſaõ tomados pellos Infantes D. Pedro, e D.Fernando em odio de ſeu irmaõ D. Affonſo II. de Portugal. pag.6.

D. *Anrique de Nebuſa* Capitaõ de hũa Armada Eſtrangeyra, que conſtava de trinta, e ſeis naos, arribáraõ ao porto de Setuval, e junto com os Portuguezes batalhaõ com os Mouros, que eſtavaõ ſenhores de Alcacere, e ſahem vitorioſos. pag.13.

Santo Antonio Paſſa da Religiaõ dos Conegos de Santo Agoſtinho para a de S. Francilco,p.29.

Armada De Alemães, e Framengos, que ſe compunha de cento, e ſincoenta naos depois de padecer varias derrotas aportou a Lisboa. pag. 9.

B

Fr. Berardo HUm dos ſinco Martyres de Marrocos,abre milagroſamente na terra ſeca huma fonte de que todos beberaõ, e ſe admiraraõ. pag. 22.

Infante Dona Beringela Filha delRey de Caſtella Affonſo IX.cazou cõ D. Affonſo Rey de Liaõ, e que filhos teve, pag. 2.

Infante Dona Branca Filha de Affonſo IX. Rey de Caſtella, cazou com ElRey de França, e foy mãy de S. Luis. pag. 2. Era mais velha, que ſua irmãa Dona Orraqua. pag. 3.

C

Infante Dona Cõſtança PRimeira Senhora do Moſteiro das Huelgas de Burgos, foy filha delRey D. Affonſo IX. de Caſtella. pag.2.

F

Infante D.Fernando CHamado de Serpa foy filho do Affonſo II. de Portugal, e da Rainha Dona Orraqua,pag.2. Com quem cazou,e que filhos teve. ibi.

Infante D. Fernando Filho de Affonſo IX. de Caſtella morreo de idade de dezaſeis annos. pag. 2. Foy a Roma buſcar a Cruzada que o Papa concedeo a ſeu pay para a batalha das Navas de Toloſa. pag. 4.

Foral Em que anno foy dado por ElRey D. Affonſo II. à Villa de Alcacere. pag. 17.

S.Franciſco O que diſſe quando teve noticia do Martyrio dos ſeus ſinco Religioſos em Marrocos. pag. 27. Paſſa com ſete Frades à Suria a prégar a Fé ſeguindo

guindo o exẽplo daquelles ſinco Martyres. pag. 29.

G

D. Gonçalo. MEſtre, e Prior do Eſprital ſe achou no cerco de Alcacere. pag. 11.

I

Innocencio III. MAnda excõmungar pelo Arcebiſpo de Santiago, e o Biſpo de Camora a Affonſo II. por negar os Caſtellos de Mõtemór, e Alanquer a ſuas irmãas que ſeu pay D. Sancho I. lhe deyxara. pag 6.

L

Dona Lianor. FIlha delRey D. Henrique de Inglaterra, cazou com Affonſo IX. de Caſtella. p. 2. Que filhos teve daquelle Principe. pag. 2.

Infante Dona Lianor Filha delRey D. Affonſo IX. de Caſtella cazou com D. James I. Rey de Aragaõ. pag. 2.

Infante Dona Lianor Neta de Affonſo II. de Portugal cazou com ElRey de Dacia pag. 2.

Infante Dona Lianor Filha de Affonſo II. de Portugal cazou com o filho herdeyro delRey de Dinamarca. pag. 2.

M

Martim Affonſo Tello SObrinho do Infãte D. Pedro he morto em Marrocos. pag. 24.

Martim Barreguam Commendador de Palmella ſe achou no cerco de Alcarcere. pag. 11.

Martyres Que padeceraõ em Marrocos como ſe chamavaõ. pag. 18. Saõ recebidos em Coimbra pela Rainha Dona Orraqua. pag. 19. Foraõ tratados com grande benevolencia em Alanquer pella Infante Dona Sancha irmãa de Affonſo II. de Portugal. ibi. Prégaõ animoſamente em Sevilha contra a ſeyta de Mafamede. pag. 20. Crueis Martyrios, que padeceraõ. pag. 22. e 23. Saõ degolados por ElRey de Marrocos. pag. 24. Anno, e dia do ſeu Martyrio. ibi. Saõ queymados os ſeus corpos, e maravilhas q̃ entaõ ſucederaõ ibi. Como foraõ trazidos os ſeus corpos a Coimbra. pag. 25. 26. e 27.

D. Matheus. Biſpo de Lisboa recebe aos Eſtrangeiros, que vinhaõ em huma Armada que aportou àquella Cidade, e os exhorta à conquiſta de Alcarcere. pag. 9. e 10. Achouſe no cerco de Alcacer. pag. 11. Fas huma pratica aos ſoldados Portuguezes, e Eſtrangeiros q̃ ſtavaõ no

campo de Alcacere para q̃ naõ levantem o ſitio, mas que tomem a Praça. pag. 14.

Melgaço He tomado pelos Infantes D. Pedro, e D. Fernando cõ alguma gente de Liaõ em odio de ſeu irmaõ D. Affonſo II. de Portugal. pag. 6.

Mouros Como ſe houveraõ esforçadamente no ſitio de Alcacere. pag. 12. Governados pelos Reys de Sevilha, Cordova, Jaen, e Badalhouſe vem ſoccorrer Alcacere. ibi Saõ derrotados, e mortos trinta mil no campo de Alcacere. pag. 16.

O

Orraqua PRincezas varias que tiveraõ eſte nome. pag. 3.

Dona Orraqua Filha delRey D. Affonſo IX. de Caſtella, foy cazada com D. Affonſo II. de Portugal. pag. 1. Era mais moça q̃ Dona Branca. pag. 3. Recebe em Coimbra aos Martyres de Marrocos, que lhe pronoſticaraõ a ſua morte. p. 19. Quando morreo. pag. 28. Onde eſtá ſepultada. pag. 30.

P

Infante D. Pedro FIlho de Sancho I. de Portugal, veyo ſoccorrer a ſua irmãa Dona Tareja, que eſtava recolhida no Caſtello de Monte mór, contra ſeu irmaõ D. Affonſo II. p. 5. Eſtando em Marrocos recebe em ſua caza aos Sãtos ſinco Religioſos que alli padeceraõ martyrio. pag. 20. He livre de graviſſimos perigos por interceſſaõ dos meſmos Santos Martyres. p 26. Alcança licença delRey de Marrocos para trazer as Reliquias dos meſmos Martyres para Portugal. ibi.

D. Pedro Meſtre da Ordem da Cavallaria do Templo ſe achou no cerco de Alcacere. pag. 11.

Pedro Fernandes de Caſtro Chamado o Caſtellaõ he morto em Marrocos. pag. 24.

D. Pedro Nunes Conego, e Sancriſtaõ do Moſteyro de Santa Cruz de Coimbra, Confeſſor da Rainha Dona Orraqua, teve huma admiravel viſaõ dos Santos Martyres de Marrocos, p. 28.

R

Rey de Marrocos PEla ſua propria maõ degolou os ſinco Martyres da Ordem de S. Franciſco. pag. 23. Caſtigo que experimentou por eſta impia crueldade. pag. 28. Movido das grandes calamidades que padecia o ſeu Reyno cõcede licença que os Frades Menores levantem Convento em Marrocos. pag. 29.

Reliquias

Reliquias Dos Santos Martyres de Marrocos como foraõ traſidas, e dos milagres que obraraõ pela jornada. pag. 25. e 26. Do modo com que foraõ recebidas em Santa Cruz de Coimbra. p. 27.

S

Infante Dona Sancha IRmãa delRey de Portugal D. Affonſo II. recebe com grande benevolencia em Alenquer aos Santos Martyres de Marrocos. pag. 19.

D. Sancho I. De Portugal, onde, e quando morreo. pag. 1.

Sytimos Lugar diſtante huma legoa de Alcacere foy a parte onde ſe alojaraõ os Reys Mouros que vinhaõ ſoccorrer o ſeu Caſtello. pag. 12.

T

Rainha D. Tareja COm ſua irmãa Dona Sancha ſe recolhem ao Caſtello de Monte mór, e ſe queyxaõ ao Papa Innocencio III. da tyrania com que ſeu irmaõ D. Affonſo II. lhe negava as terras que lhes deyxara ſeu pay D. Sancho I. pag. 5. He ſoccorrida por ſeus dous irmãos D. Pedro, e D. Fernando em Monte mòr contra D. Affonſo II. pag. 5. Do modo com que ſe concertou com ſeu irmaõ. pag. 8.

Tregoa Em que anno foy celebrada entre D. Affonſo II. e ſuas irmãas Dona Tareja, e Dona Sancha. pag. 8.

V

Valença do Minho HE tomada pelos Infantes D. Pedro, e D. Fernando em odio de ſeu irmaõ D. Affonſo II. negar as terras a ſuas irmãas que lhe deyxára ſeu pay D. Sancho I. pag. 6.

Vitoria Do campo de Alcacere em que dia, e anno ſe alcançou. pag. 16.

FINIS LAUS DEO.

LISBOA OCCIDENTAL:
Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVII.
Com todas as licenças neceſſarias.

CORONICA
DELREY
D. SANCHO II.
QUARTO DE PORTUGAL.

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SANCHO II.

QUARTO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Caſa Real, e Chroniſta Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL,

Que ſe conſerva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ O V.

NOSSO SENHOR.

LISBOA OCCIDENTAL:

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVIII.

Com todas as licenças neceſſarias.

SENHOR.

AS deſgraças do infeliciſſimo Rey D. Sancho II. deſte nome ſó ſe podem de algum modo fazer menos ſenſiveis vendo-ſe amparada eſta ſua brevi-

breviſſima Chronica com o Auguſto nome de V. Mageſtade ſe entre tantos infortunios quantos foraõ os que tem padecido a poſteridade da ſua fama, pòde haver algum genero de diminuiçaõ, foy a brevidade, com que todos os Hiſtoriadores trataraõ as acçõés da ſua vida, porque até parece que enfaſtia a memoria das infelicidades. Mas como he tanto o eſplendor das inimitaveis acçõés de V. Mageſtade, baſtará a ſua protecçaõ Real para que retrocedendo tres ſeculos encha de gloria aquelle Reynado. A Real Peſſoa de V. Mageſtade guarde Deos muitos annos como todos os ſeus vaſſallos dezejamos.

MIGUEL LOPES FERREYRA:

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES,

QUARTO CONDE DA ERICEYRA, DO *CONCELHO de Sua Mageſtade, Sargento mór de Batalha dos ſeus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeyra, e Senhor da de Anciaõ, oytavo Senhor da Caza do Louriçal, Cõmendador das Commendas de Santa Chriſtina de Sarzedello, de S. Cipriano de Angueyra, S. Martinho de Frazaõ, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de Elvas, e de S. Bertholameu de Covilhã todas na Ordem de Chriſto. Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, e hum dos cinco Cenſores della &c.*

A Benignidade com que V. Excellencia deſculpou a minha confiança quando procurey o ſeu amparo para offerecer a Sua Mageſtade a Chronica delRey D. Affonſo III. me anima agora a buſcar ſegunda vez a V. Excellencia, para que me faça a merce de pór aos pés delRey N. Senhor eſta

Chronica de D. Sancho II. de Portugal. Na Peſſoa de V. Excellencia concorrem todas as circunſtancias, que ſaõ neceſſarias para eſte beneficio, porque V. Excellencia he dotado de huma condiçaõ taõ propenſa para os eſtudioſos, que a immenſa copia de livros, que com ſingular eleiçaõ tem juntos, mais ſaõ dos que delles ſe querem ſervir, que de V. Excellencia meſmo. He verdade que eſta generoſidade tem o ſeu principio na eſtupenda memoria de que V. Excellencia he dotado, pois baſta ler hum livro, para lhe eſcuzar outra vez a liçaõ, mas tambem nace da particular ſatisfaçaõ, que V. Excellencia tem de que todos ſejaõ imitadores dos ſeus eſtudos. A ninguem melhor do que a V. Excellencia ſe devia dedicar eſta Chronica, porque ſó V. Excellencia tem meyos na ſua grande capacidade para defender algumas materias, que nella ſe trataõ, porque he certo que nem tudo foy concedido a todos, mas na peſſoa de V. Excellencia ſe acha tudo o que dividido fez grandes a outros. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.

Criado de V. Excellencia.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

PRO-

PROLOGO.

AQUI tens Amigo Leitor a breviſſima Chronica do deſgraçado Rey de Portugal D. Sancho II. deſte nome. Foy eſte Principe na vida, e na morte o exemplo de toda a infelicidade humana, para que depois pelos inſcrutaveis juizos de Deos tiveſſe o premio de tantos infortunios na eternidade da Bemaventurança. Na vida foy como dizem, taõ ſojeyto aos validos, que naõ teve acçaõ, que ſe pudeſſe chamar ſua, e na morte, foy taõ infeliz, que a naõ teve na Patria. Tudo o que eſcreveraõ os Authores, foy duvidoſo, porque huns o fazem cazado, e outros lhe negaõ o cazamento; huns o fazem puſilanime, e outros valeroſo. Seguiraõ as penas dos Chroniſtas a inconſtancia da ſua fortuna, tudo deixáraõ em queſtões, porque o ſeu deſcuido lhes naõ deixou averiguar a certeza do que eſcreviaõ. O Doutor Fr. Antonio Brandaõ na Quarta parte da Monarchia Luſitana deſaggrava em muitas acções a eſte Principe das injurias dos ſeus Chroniſtas, moſtrando, que fora valeroſo, e que conquiſtara muitas Praças aos Mouros, como o dizem as doações, que fez dellas às Ordens Militares. Sem duvida que a adminiſtraçaõ do governo, que deraõ os povos a ſeu irmaõ D. Affonſo Conde de Bolonha em França, foy a cauza do muito que tem padecido a Real opiniaõ deſte Principe, porque naõ ha quem ſenaõ atreva a hum deſgraçado, ainda que lhe anime as veas hum ſangue ſoberano. As parcialidades que naquelle tempo havia de introduzir neceſſariamente na Corte a politica, deviaõ de ſer o fundamento deſta variedade, porque huns para juſtificarem a acçaõ, o deviaõ de condenar, e outros que ſeriaõ os menos, o haviaõ de deſculpar. Venceo com o tempo, a felicidade de ſeu irmaõ D. Affonſo, e arraſtrada da lizonja gemeo a memoria de D. Sancho. O que eſcreveraõ os antigos, he o que agora te dou a ler neſta breviſſima Chronica. Se quizeres ver reſgatada de tanto deſcuido a fama deſte piiſſimo Rey, vé o Meſtre Brandaõ, que em tudo moſtrou a ſua diligencia.

Vale.

LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo Padre Meſtre D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI a Chronica de ElRey D.Sancho o II. aquem os noſſos Authores antigos chamaõ *o Capelo*, que tambem anda em nome do Chroniſta Ruy de Pina, como já diſſe na cenſura, que fiz na de ElRey D. Affonſo II. ſeu pay, e naõ contem couza alguma para que V. Emminencia naõ conceda a licença que ſe pede para a imprimirem, eſte he o meu parecer. Lisboa Occidental 8. de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Vicente das Chagas, Religioſo da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente jubilado na ſagrada Theologia Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

A Chronica de ElRey Dom Sancho o II. a quem os Authores antigos chamaõ o *Capelo*, pelos veſtidos honeſtos, de que ſempre uzou, mais de feiçaõ de Religioſo, que de Rey, naõ tem couza, que ſe oponha aos dogmas da noſſa Santa Fè, ou bons coſtumes. Eſte Rey naõ teve exercicio de reynar todo o tempo de ſua vida, porque pelos ſeus erros foy poſto por Regedor no Reyno ſeu irmaõ o Infante D. Affonſo Conde de Bolonha, e errou o dito Rey D. Sancho ſe cuidou que havia de reger ſempre: *Errat, ſi quis exiſtimat tutum diu eſſe Regem.* Diz Seneca *In ſui Proverbiis in fine poſitis lit. E.* Mas ſe lhe tiraraõ o Reyno, ou a regencia delle pelos ſeus erros, e culpas, naõ lhe podiaõ tirar o Reynar em o Ceo, morrendo (como dizem, morreo) com ſinaes de bom Chriſtaõ, e Catholico Rey, e cheyo de virtudes. Pelo que merece a licença que pede

pede o Chroniſta para ſe imprimir. V. Eminencia fará o que for ſervido. Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa Occidental 21. de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

VIſtas as informações, pode-ſe imprimir a Chronica de ElRey D. Sancho II. e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 22. de Março de 1726.

Rocha. Fr. Lancaſtre. Teyxeyra. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Joaõ Baptiſta Troyano Religioſo da Ordem de N. Senhora do Monte do Carmo, Meſtre na Sagrada Theologia, Conſultor do Santo Officio, Definidor perpetuo, e Provincial abſoluto, Secretario que foy da Provincia, e Prior do Convento do Carmo de Lisboa Occidental, &c.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Illuſtriſſima Reverendiſſima li a Chronica delRey D. Sancho II. no Nome, e quarto dos Reys de Portugal, vulgarmente chamado *Capelo*, na fórma que a deyxou eſcrita Ruy de Pina Chroniſta mòr do Reyno, e como nella ſenaõ encontre couza que ſe opponha aos dogmas da noſſa Santa Fé Catholica, ou bons coſtumes, julgo ſe lhe póde conceder a licença, que ſe pede, ſalvo, &c. Carmo de Lisboa Occidental 4. de Outubro de 1726.

Fr. Joaõ Baptiſta Troyano Prior do Carmo.

POde-ſe imprimir viſtas as informações, a Chronica delRey D. Sancho II. e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 1. de Junho de 1728.

Gouvea.

DO PAC,O.

Approvaçaõ do Excellentiſſimo Senhor D. Franciſco Xavier de Menezes, Conde da Ericeyra, do Cõcelho de S. Mageſtade, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, e hũ dos cinco Cenſores della, &c.

SENHOR.

NA cenſura que fiz por ordem de V. Mageſtade à Chronica delRey D. Sebaſtiaõ, ponderey largamente o juizo, que fazia da utilidade

que

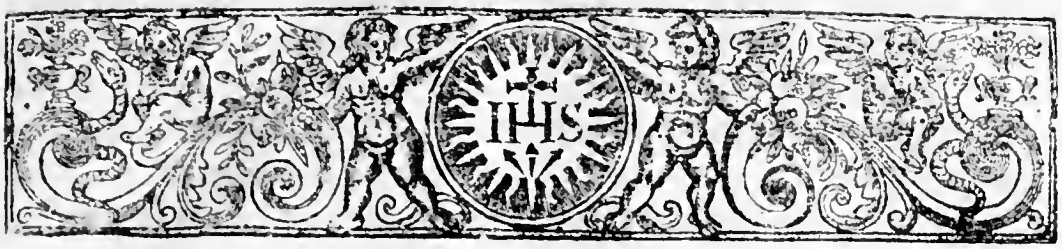
que reſultava à Hiſtoria de Portugal, de que ſe publicaſſem as memorias mais antigas, que ſe conſervavaõ manuſcritas na Torre do Tombo, e em muitas livrarias, ainda que tiveſſem alguns defeitos, que naſceraõ da ſincera credulidade dos ſeus Authores, outros da corrupçaõ das copias, e muitos que os modernos ſuppoem, que foraõ erros, e que póde ſer ſejaõ verdades, e que prevaleça a antiguidade de alguns ſeculos, que fas os Authores melhor inſtruidos da tradiçaõ ſucceſſiva, e entaõ mais vezinha ao tempo dos ſucceſſos; à critica que fundada em documentos, e conjecturas, nem ſempre deſcobre as dezejadas demonſtrações. A Chronica delRey D. Sancho II. ſendo muito breve, merece mayor exame, que as outras, porque era preciſo ao ſeu eſcritor defender o que fez todo o Reyno para autorizar a depoſiçaõ daquelle Principe mais infelice, que culpado, e quanto mais razões buſcou eſte eſcritor para culpar o ſeu Rey, tanto mais ſeguio a primeira errada maxima, continuada por muitos Hiſtoriadores, que ſe convencem a ſi meſmos com a força ds razaõ, celebrando a fidelidade dos dous valeroſos defenſſores de Coimbra, e Cerolico. Tambem ſe buſcaraõ outros principios, que as Monarchias independentes, como he a de Portugal, naõ admitem, nem acho inconveniente em que ſe imprimaõ as Hiſtorias do que o mundo fazia, e hoje naõ obſerva, porque aſſim conhecemos o genio dos ſeculos paſſados, e a parcialidade dos noſſos Chroniſtas; ſendo poucos em todas as nações, os que ſe livraraõ deſte perigo, e naõ ſendo o meſmo permetir V. Mageſtade a licença que ſe pede para ſahirem a luz os livros antigos, que aprovar tudo o que elles dizem, e copiáraõ os outros, que o ſeguiraõ, e aſſim entendo que com eſta cenſura que deve imprimirſe nas mais Edições deſta Chronica, ſe dé a faculdade que pertende o ſeu curioſo Collector, deſta, e de todas as Hiſtorias antigas de Portugal. Lisboa Occidental 7. de Junho de 1728.

CONDE DA ERICEIRA.

QUe ſe poſſa imprimir, viſto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meza, para ſe conferir, e taxar, e ſem iſſo naõ correrá, com declaraçaõ, que no meſmo livro ſe imprima eſta cenſura do Conde da Ericeyra. Lisboa Occidental 8. de Junho de 1728.

Marquez P. Pereira. Oliveira. Teixeira. Bonicho.

IN-



INDEX

DOS CAPITULOS DESTE LIVRO.

CAP. I. *Como ho Ifante Dom Sancho Capelo foy avantado por Rey, e das condições fracas, que teve, e como cazou, e nom como ha ſua honra, e Eſtado Real compria, e ſe devia. pag.* 1.

CAP. II. *Do que ho Papa ha requerimento dos Prelados, e poovo de Portugal eſcreveo, e requereo ha ElRey Dom Sancho por ſua Bulla. pag.* 3.

CAP. III. *Como ElRey Dom Sancho por amoeſtações do Papa ſe nom quiz apartar de Dona Mecia Lopes por ſua molher, e como lhe foy tomada. pag.* 4.

CAP. IV. *Do Concilio, que ho Papa Innocencio IV. fez em Liam de França onde hos Prelados, e hos Senhores de Portugal ſe foraõ querelar delRey Dom Sancho, e lhe pediram novo Regedor pera ho Regno, que por mingoa de juſtiça ſe perdia, e lhe outorgou ho Ifante Dom Affonſo Conde de Bolonha irmaão do dito ReyDom Sancho. pag.* 5.

CAP. V. *Como ho Conde de Bolonha depois de aſeytar ha governança de Portugal fez ſobreſſo juramento com algũuas condições decraradas. pag.*7.

CAP. VI. *Das Bullas, e Proviſões do Papa, que ho Conde trouxe ha Portugal pera hos do Regno ſobre ſua governança, e aſy outra Bulla, que ſobre ho meſmo cazo envion ahos Frades de Saõ Franciſco. pag.* 9.

CAP. VII. *De como ho Conde de Bolonha chegou ha Portugal, e com elle huũ Delegado do Papa, e das notificações, que logo fizeraõ ha ElRey Dom Sancho. pag.*9.

CAP. VIII. *Como ElRey Dom Sancho maal aconſelhado ſe foy com hos de ſua valia pedir ſocorro ha Caſtella, e como veyo em ſua ajuda ho Ifante Dom Affonſo de Molina, com outros grandes, e gentes de Caſtella. pag.* 10.

CAP. IX. *Como pelas diligencias do Cõde de Bolonha, ElRey Dom Sancho ſe tornou ha Caſtella, e do que ſe paſſou no caminho com hos*

Ca-

Cavalleyros de Trãcozo. pag. 12.

CAP. X. *Como ho Conde cercou em Celorico da Beyra ha Dom Fernaõ Rodrigues Pacheco, que lhe nom quiz obedecer, e como por cauza de huũa truita ſe alevantou ho cerco. pag.* 15.

CAP. XI. *Como ho Conde foy cercar ho Caſtello de Coimbra, que tinha Martim de Freytas por El Rey Dom Sancho, e das afrontas, que paſſou no cerco. pag.* 16.

CAP. XII. *Como pola morte del-Rey Dom Sancho, Dom Martim de Freytas entregou ho Caſtello de Coimbra, e das deligencias, e exames que primeyro fez por limpeza de ſua riguroſa leaaldade. pag.* 18.

CAP. XIII. *Da morte del Rey Dom Sancho, e onde jaaz, e de alguũas couzas, que ſe em ſeu tempo paſſaram. pag.* 20.

CO-

CORONICA
DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE
D. SANCHO II.
QUARTO REY DE PORTUGAL
ha que vulgarmente chamavaõ ho Capelo.

CAPITULO I.

Como ho Ifante D. Sancho Capelo, foy alevantado por Rey, e das condiçoens fracas, que teve, e como cazou, e nom como ha ſua honra, e eſtado Real compria, e ſe devia.

ELREY Dom Afonſo deſte nome ho ſegundo, e dos Rex de Portugal ho terceyro, faleceo na era de mil
1223. duzentos e vinte e tres, como em ſua Coronica hee decrarado, e por ſeu falecimento foy logo alevantado, e obedecido por Rey ho Ifante Dom Sancho, ſeu filho mayor legitimo, e erdeyro, aque diceram Capelo, deſte nome ho ſegundo, e dos Rex de Portugal ho quarto, em idade de dezaſeis annos, e ha cauza porque eſte ſobrenome de Capelo lhe foſſe poſto, has lembranças antiguas Deſpanha, e de Portugal, que delle falam, e aſſi ho nomeam, nom ho declaram, ſoomente que lhe devia ſer poſto por ſua maneyra de veſtidos honeſtos, que ſempre trouxe, mais de feyçam de Religioſo, que de Rey, nem Cavaleyro, porque foy Principe, que do começo de ſua vida atée que acabou em ſervir mais ha Deos, que àaver reſpeyto àas couzas, e pom-

pas do mundo, em cujo coraçam nom ouve ha verdadeyra fortaleza que pera Rey era muy neceſſaria, mas ouve nelle ſua pura ſimpreza, com que dezejou que ſeus Regnos, e Vaſſallos foſſem regidos por ley de natureza, e por regras, e conſelhos de booa condiçam, ſem outra prema, nem contradiçam de Lex, nẽ de alguũ direyto poſitivo, e por eſſo na exequuçaõ nas coulas da juſtiça era muito brando, e has nom provia, nem ponia, com aquelle rigor, e eſcarmento, que has culpas, e crimes de homens requeriam, e por eſta ſua naturaal, e fraca incrinaçaõ, e juntamẽte com hos maaos, e deſaſſolutos Conſelheyros, que de moço loguo ho recolheram, e porque nom devidamente ſe regia ho Regno de Portugal, e todolos naturaaes delle em todalas couzas, aſſi eſpiritaaes, como temporaaes, durando ho ſeu Regnado padeceram muitas perdas, e danos incomportaveis, que depois com quebra de ſeu nome, e pera provizam de ſeu Eſtado ſe remediaram, como aho diante ſe diraa.

E aho tempo que eſte Rey Dom Sancho começou de Regnar em Portugal, governava hos Regnos de Caſtella, e de Liam ſua tia, ha Rainha Dona Biringela, molher que foy delRey Dom Affonſo de Liam, com ElRey Dom Fernando ſeu filho, aquaal era tia deſte Rey Dom Sancho, irmãa da Rainha Dona Orraqua ſua madre, e porque ha Rainha Dona Biringela, ha que eſte Rey Dom Sancho ficou encomendado, era Princeza de muy ſingulares virtudes, e Reaaes perfeyçõeſ, e muyta prudencia, doendoſe da guovernança de Portugal, e de huũa evidente ſua perdiçam, ha que decrinava, ella muitas vezes enviou a conſelhar ha ſeu ſobrinho aſſi beem, e verdadeiramente como ha elle, e aho Regno compria, e principaalmente pera fundamento de ſua mayor liança de ho querer cazar, como ſeu Eſtado, e dinidade Real requeriaõ. Aho q̃ ElRey D. Sancho por maaos concelhos dalguũs ſeus nom fieis, e danados Cõſelheyros nunqua obedeceo, antes por induzimento delles ſem diſpenſaçam, e muito contra ſua honra, e com grande eſcandalo, e nojo dos do Regno, cazou com Dona Mecia Lopes, Dona fermoſa, e viuva, filha de Dom Lopo, ſenhor de Biſcaya, que era parenta ſua dentro no quarto graao, aquaal fora jaa cazada, com Dom Alvaro Pires de Caſtro, filho de Dom Pedro Fernandes de Caſtro, ho Caſtellam, e poſto que ElRey Dom Sancho pelos Prelados, e poovos, Senhores, e peſſoas de titulo de ſeu Regno muitas vezes foſſe requerido, amoeſtado, e aconſelhado, que ſe apartaſſe deſta molher, e recebeſſe outra quaal, aa ſua honra, e conciencia convinha, elle, ou por afeyçam nom quiz, ou por feitiços, de que diziam que era ligado, ho nom pode nunca fazer, nem conſentir, porque naquelle tempo ſe-

guundo

guundo has couzas paſſavam, muy clara, e geralmente ſe dizia, que ElRey andava em poder della enfeytiçado, e ceguo do juizo ſeem ſe poder apartar, e que ajudavam muito ho maao conſelho, daquelles, que ſoſtinham ha parte da Rainha Dona Mecia, por cujo favor em que ha eſſe tempo havia ho poder, e authoridade com grande deſoluçam elles tomavam, e deſtroyam do Regno todolo que queriam, e aſſi ho faziam, outros muitos grandes, e pequenos por ſeu exemplo, hos quaaes maales ElRey por fraqueza de coraçam nom caſtiguava, nem tornava ha elles com aquella ſeveridade, e rigor, que ſe devia, e aſſi teve ElRey D. Sancho eſta molher alguum tempo ſem della aver alguũa geraçam, nom ceſſando no Regno eſtes inſultos, e deſoluções, antes crecendo cada vez mais.

CAPITULO II.

Do que ho Papa ha requerimento dos Prelados, e poovo de Portugal eſcreveo, e requereo ha ElRey Dom Sancho por ſua Bulla.

PElo quaal hos Prelados, e poovo de Portugal concirando ha fealdade deſtas couzas, que era em grande ofença de Deos, e cançaſſo, e deſtroyçam da terra, e vendo que ha continua, e perſeverada apresentaçaõ de ſuas querelas ante ElRey nom aproveytavaõ, todos em huũa concordia ſe enviaram querelar aho Papa Honorio III. na Igreja de Deos ha eſſe tempo Prezidẽte, que como boom, e Sancto Paſtor, por aconſelhar ha ElRey, e por verdadeyramente aho Regno, ſabendo todas as couſas ſobreditas, q̃ cõ verdadeyra relaçam lhe ſoram ſenificadas, enviou ha ElRey ſeu Breve, em q̃ lhe vieraõ ſuas ſanctas, e devidas amoeſtações, e nelle limitado tempo, em que inteyramẽte emendaſſe hos erros de ſua peſſoa, e ſatisfizeſſe ahos danos feytos por ſua negligencia, em todo ho Regno, e paſſado ho tempo, que para ha emenda deſtas couzas lhe era aſſinado, ſendo ho Papa certificado, que em nada ſe ſatisfazia, enviou ha elle de Roma por Delegado ho Biſpo Sabenẽſe, ho quaal pela dureza, e pouca obediencia que nelle, e nos ſeus Conſelheyros achou, poz condicionalmente em ſuas peſſoas ſentença de Excõmunham, e de antredito, e em todo ho Regno ſem outro devido, e peremptorio termo, que lhe aſſinou, ſe ſe nom emendaſſe, e ſatisfizeſſe. Das quaaes ſentẽças ficou por mero exequutor, por mandado eſpeciaal do Papa, ho Arcebiſpo de Braga, q̃ por ſe nom ſatisfazer ahos maales, tomadias, e roubos, q̃ eram feitos eſpecialmẽte aas Igrejas, nem ſe leyxavam de fazer tantos, ho tornou ha notificar aho Padre Sãcto, que por uzar de mais clemencia,

e piedade com ElRey Dom Sãcho, e lhe afaſtar todalas couzas de ſua eſſencia, lhe eſcreveu outra carta na entrada da quaal lhe tirou aquella ſolennidade de amor, e bençam Apoſtolica, que em outras eſcrevia ahos outros Rex ſempre coſtumada de eſcrever, ca lhe nom poz Cariſſimo em Chriſto filho, nem dice nella: *Salutem & Apoſtolicam benedictionem.*

Com ha Bulla, que ha ElRey Dom Sancho em ſua peſſoa, e em muitas partes de ſeu Regno, foy pubricada, elle foy muito anojado, e vendoſe apertado de muitas neceſſidades, que neſta neceſſidade concorriam, aconſelhado dos ſeus que ho ſeguiam, dice que em todo queria, e prometia de obedecer aho Papa, e ſatisfazer inteyramente ahos mandamentos da Sée Apoſtolica, e que elle logo emendaria, e faria ahos ſeus emendar todolos danos, e perdas que eram feytos, e nom conſentiria, que dahi em diante em ſeu Regno por elle, nem pelos ſeus, lhe fizeſſem outros alguũs, aſſi por ſuas cartas patentes, ho ſegurou, e prometeo particularmente aho Papa, pelo quaal ha eſta cautella, e com condiçam de todo comprir ha certo tempo, foram todos abſoltos da excommunham, e levantado ho antredito do Regno.

CAPITULO III.

Como ElRey Dom Sancho por amoeſtaçoens do Papa ſe nom quiz apartar de Dona Mecia Lopes ſua molher, e como lhe foy tomada.

MAs como ElRey Dom Sancho da excommunham, e antredito ſe vio livre, e afroxado, e hos Delegados do Papa partidos do Regno, elle, e hos ſeus por maao conſelho, e induzimento de maaos homens, que comſigo trazia, nom leyxaram de proſeguir, e uzar de todolos erros, e maalles, que dantes faziam, e eſto durou por muitos annos, ca foy no tempo do dito Papa Honorio, e depois em vida do Papa Gregorio IX. que ha requerimento, e ſopricaçam dos Prelados, e poovo de Portugal, lhe enviava continuas amoeſtações, e ſanctos conſelhos, ha que nunca quiz inteyramente obedecer, quazi de ſua booa, e fraca condiçam, era fazelo logo, ha Rainha Dona Mecia ſua molher, e aquelles que ſeguiam ſua vontade ho deſviavam de ſeu boom propoſito, eſpiciaalmente em ha nom querer, nem poder leyxar por molher, ſobre que muitas vezes, foy pelo Papa aconſelhado, e amoeſtado, e excommungado, por quãto ella era filha, do Conde Dom Lopo de Biſcaya, como jaa dice, e era muito conjunto aho Real ſangue

gue dos Rex Deſpanha, de que ElRey Dom Sancho deſcendia, e porèm nunca por direyto, nem por ſua vontade ha quiz de ſi apartar, ca por quaalquer maneyra que foſſe, elle lhe era muito afeyçoado, e porêm achaſſe, que neſte tempo, tendo-a ElRey comſigo em Coimbra, huum Reymam Viegas de Porto-carreyro, cõ gentes de Dom Martim Gil de Soveroza, naturaaes de Portugal, e Vaſſallos delRey Dom Sancho, da fronraria de Galiza, donde eram, com muitas gentes, que comſigo trouxeram, tomaraõ ha dita Dona Mecia, e ha levàraõ aho Caſtello Dourem, que ella tinha delRey por Arras de ſeu caſamento, ſobre ho quaal ElRey logo foy armado, e com ha gente que pode requerendolhes, que lhe entregaſſem ſua molher, e elles ho nom quizeram fazer, antes reziſtiram ha ElRey com armas, e forças, com que ſe tornou, e elles ha levaram ha Galiza, mas ho que della ſe depois fez, ou com que fundamento, e cauza certa foy aſſi tomada, e levada, eu ho nom achey, nem ſoube, e porèm atee ho tempo, que ho Papa Innocencio IV. foy Prezidente na Igreja de Roma, nunca por ElRey Dom Sancho nos maales, e danos paſſados, ſe fez alguma emenda, nem deu ſatisfaçam, nem menos avia rigor de juſtiça, por cujo temor elles ſe leixaſſem de fazer.

CAPITULO IV.

Do Concilio, que ho Papa Innocencio IV. fez em Liam de Frãça, onde hos Prelados, e hos Senhores de Portugal, ſe foraõ querelar delRey Dom Sancho, e lhe pediram novo Regedor para ho Regno, que por mingoa da juſtiça ſe perdia, e lhe outorgou ho Ifante Dom Affonſo, Conde de Belonha, irmaaõ do dito Rey Dom Sancho.

SObre ho qual ſeendo ElRey por muitos, e muitas vezes aconſelhado do requerido, e pedido, que ſe emendaſſe, e caſtigaſſe hos malfeytores, elle nom ho querendo, ou nom podendo fazer hos Prelados, e poovo ſe euviaram outra vez aggravar aho Papa Innocencio IV. e pedirlhe remedio, ho quaal por algumas vezes eſcreveo ha ElRey cartas de muy ſanctos conſelhos, e devidas amoeſtações, e aſſi outras aho Biſpo de Coimbra, que em ſeu nome, e da ſua parte ho aconſelhaſſe pera ſe privar dos erros, e maales, que conſentia, e ho eſforçaſſe pera caſtigo, e emenda daquelles, q̃ hos cometiam, encomendando aho dito Biſpo, que de todo ho que em ElRey ſobre eſſo achaſſe, e deſte cazo lhe

lhe pareceſſe, lho fizeſſe ſaber, por ſuas cartas, has quaaes enviaria aho Concilio, que ſe avia entam de fazer, como fez em Liam Solanova em França, para que foram convocados hos Rex, e Principes Chriſtãos, e aſſi muitos Prelados, no quaal Cócilio ſe acordaaram muitas, e muy ſanctas couzas por beem da univerſal Igreja, ante has quaaes ElRey S. Luis, por mortaal doença de huũ fernèzim, de que eſcapou, tornando ha ſeu entendimento, fez nelle voto de hir, como foy em peſſoa, por ſe recobrar ha Caza Santa, e à conquiſta de ultra maar, e levou em peſſoa comſigo ha Rainha Dona Margarida ſua molher, filha do Conde de Proença, e deſta ida tomou por cerco ha Cidade Damiata no Egipto, que era de imigos, mas logo pelo grande poder do Soldam, ElRey, e dous ſeus irmaãos, que com elle paſſaaram, ha ſaber, Dom Affonſo, e Dom Carlos em huũa batalha foram tambeem cativos, e reſgatados pela meſma Cidade de Damiata, e das muitas gentes de ſeu exercito, muitos foram mortos, e hos ourros prezos, e cativos.

E retornando ElRey S. Luis ha França cõ eſperança de vingar ho maal paſſado, logo cõ outro grãde exercito, que refez, tornou ha hir ſobre ha Cidade de Tunes, com propozito de fazer ho Rey della Chriſtaam, como lhe enviara prometer, e de conquiſtar por hi ha teerra dos Infieis, aho longo do maar atee Alexandria pera dahi poder cobrar ha Teerra Sanãta cõ menos trabalhos das peſſoas, e deficuldades, e eſtando neſte cerco, e teendo comſigo tres filhos, ha ſaber Felippe Johane, e Pedro, elle faleceo de fruxo, e ho dito ſeu filho Dom Joham de peſte, e por eſtes merecimentos, e por outras muitas virtudes eſte Rey Luis, foy pelo Papa Bonifacio Canonizado, e era primo cõ irmaam deſte Rey Dom Sancho, filhos de duas irmaãs.

E volvẽdo aho prepoſito de ſua Iſtoria, ElRey Dom Sancho com todolos conſelhos, e amoeſtaçõ̃es de amor, e de rigor pelos Papas, e pelos de ſeu Regno muitas vezes lhe foraõ feytos, nunca por ſua naturaal fraqueza ſe quiz, ou nem ſe pode emendar, nem dar ordem como ſe hos malfeytores emẽdaſſem, e caſtigaſſem, e privaſſem dos maleficios, que cometiam, pelo quaal hos Prelados, e mais principaaes do Règno cõ todo ho poovo, por remediarem ſua totaal perdiçam em que ſe viam, acordaram de enviar pedir no dito Conſilio aho ſobredito Papa Innocencio IV. que lhes deſſe auto, e pertencente Regedor pera ho Regno, pera ho quaal foraõ eleytos pera Embayxadores, e Procuradores Dom Joham Arcebiſpo de Braga, que em todo ho Regnado delRey Dom Sancho tinha muitas perſeguições, e perdas padecidas, e Dom Tiburço Biſpo de Coimbra, e Ruy Gomes de Briteyros, e Gomes Viegas, nobres

bres Cavaleyros,e peſſoas de muita authoridade no Regno,hos quaaes chegando aho Conſilio, prepoſeram ante ho Papa, todalas querelas do Regno paſſadas, e ha deſeſperaçam,que avia pera ſe nunca emendarem antes aho deſpois ſe fazerem peor, pera cuja prova prezentaram aprovadas cartas, e verdadeyras inquiriçõeſ,que pera eſſo levavam, e ho Papa, que claramente goſtou da verdade depois de ſobre eſſo aver ſua deliberaçam lhes reſpondeo, q̃ elles eſcolheſſem, e tomaſſem por Regedor do Regno de Portugal, quem quizeſſem, e entendeſſem, que ho faria beem, com tanto que foſſe naturaal do Regno.

E porq̃ hos ditos Prelados, e Cavalleyros,tinhaõ jáa ſobre eſte cazo aſſáas deliberado, e conſultado depois de lhe beijarem por eſſo ſeus ſãctos pées,lhes diceraõ,q̃ ha peſſoa naturaal,que pera taal cargo achavam era ho Ifante Dom Affonſo, Conde de Bolonha,irmaaõ do meſmo Rey D. Sancho, e que eſte lhe pediam por mercee, que déſſe por Regedor, ca ho Papa aprouve, e lho outorgou.Sobre ho quaal mandou logo chamar ho dito Ifante Conde, que era em Bolonha de França, nom longe do Papa, que era na dita Cidade de Liam, aho quaal Sua Santidade fez larga relaçam das couzas de Portugal, que atée aquelle tempo eram paſſadas, e com eſſo has neceſſidades,que hy avia pera com paaz, e juſtiça ſe remediarem, e lhe encomendou, e mandou que aſſeytaſſe ho Regimẽto defençam, e governaçam do dito Regno, e fizeſſe como ſe delle confiava, e ho Conde ſem contradiçam, nem eſcuza conſentio no dito cargo,e ho aſſeytou, e eſto foy em Liam ha ſeis dias de Setembro de mil duzentos quorenta, e finco annos. 1245.

CAPITULO V.

Como ho Conde de Bolonha, depois de aſſeytar ha governança de Portugal,fez ſobre eſſo juramento com alguũas cõdiçoens declaradas.

TAnto que ho Conde pelo Papa foy dado por Regedor de Portugal, elle, e hos ditos Prelados, e Cavalleyros do Regno, por acordo, que ſobre eſſo antes ſe tomou ſe vieram todos aa Cidade de Pariz, onde dentro nas cazas do Meſtre Perochel da Cidade, ſendo elle prezente, e Meſtre Joham,Capelam do Papa Adaiam da Igreja da Carnota, e Soeyro Soares Chãçarel,e Eſtevam Annes Cavalleyro do Conde, e aſſi ſeendo prezentes hos ditos Arcebiſpos, e Biſpo, e Cavalleyros,e outras muitas peſſoas Religiozas do Regno de Portugal, ho dito Conde em prezença de todos, e teendo has maãos ſobre huũ livro dos Sanctos Evangelhos, fez ſolenne juramento neſta fórma.

Eu Dom Affonſo, Conde de Bolonha

lonha, filho DelRey Dom Affonſo de crara memoria, Rey que foy de Portugal, prometo, e juro ſobre eſtes Sanctos Evangelhos de Deos, que por qualquer titolo, que eu aja ho Regno de Portugal, eu guarde, e faça guardar ahos Concelhos, e todo ho poovo, e Religioſos, e Clerezia de todo ho Regno, todolos boons coſtumes, e foros eſcritos, e nom eſcritos, hos quaaes ouveram, e tiveram com meu avoo, e com meu viſavoo, e que tire todos hos maaos coſtumes, e abuzões, que vieraõ por alguũas neceſſidades, ou que pozeram alguũas peſſoas em tempo de meu padre, e de meu irmaõ, eſpeciaalmente, que nom leyxe, nem conſinta nenhuũ maao coſtume, que ha no Regno, deſe com mudar ha Juſtiça que ha de morte de huũ homem em pena de dinheyro, e que eu faça, que hos Juizes, onde quer que hos ouver de poer, ſejam juſtos, e ſcem cobiça, e amadores de fazer juſtiça, e direyto ſeem medo de nenhuumas peſſoas, e eſto ha quanto eu puder, e entender ſeguundo me Deos ajudar, e que ſejam feytos por eleiçam dos meſmos poovos, que elles ouverem de reger, e nom por afeyçam, nem rogo, nem pera opremir, e deſpeytar ho poovo, que ham de julgar em juſtiça, e em direyto, e que eſte juramento me faram hos Juizes quando receberem hos cfficios.

Item, que eu tire Inquiriçam por mi, ou por outrem ſe taaes Juizes cumprem ho que juraram, e hos que naõ fizerem ho que devem que lhes mande dar taal pena, que ha elles ſeja eſcarmento, e ha outros caſtigo.

Item, que aquelles, que forçarem quaaeſquer molheres, ou matarem Clerigo, ou Frade, ou quaalquer outra peſſoa, que eu faça delles taaes juſtiças, que ha ſua pena caſtigue hos outros.

Item, que defenda, e mantenha em ſeu eſtado quanto eu puder has Igrejas, e Moeſteyros, e Lugares Religioſos fazẽdolhes entregar quaalquer couza, que lhe foy tomada, e que quaaeſquer maales, e ſeem razoens, que alguũs ſejam em poſſe de fazer dezho tempo de meu irmaõ atee agora que nom lhe valha aleguança de tempo perlongado.

Item, que eu faça emendar ſeguundo meu poder, com conſelho dos Prelados, e dos do Regno todolos maales, que atee qui foram feytos em elle, e reformarey paaz quanto poder nom leyxando ſem pena taaes couzas paſſar nem has conſentindo fazer no dito Regno.

Item, que ſeguundo me Deos miniſtrar, e eu puder, que beem, e lealmente reja, e aminiſtre ho dito Regno de Portugal deſque em elle for, e faça eſpecialmente fazer juſtiça, dando ha cada huũ ſeguundo ſeu merecimento nom aſſeytando peſſoas pobres, nem ricas.

Item, que reja todo boom eſtado da teerra, e proveyto do dito Regno com conſelho dos Prelados, e poovos delle, e ſeer ſempre obediente, e devoto aa Igreja de Roma minha madre, e aſſi como fiel, e Catholico, e como todo Principe Chriſtaam deve ſeer, e

que

que guardarey eſtas couzas ſobreditas ſegundo meu poder, e me Deos miniſtrar.

E depois que ho dito Conde jurou eſtas couzas, e outras mais ha eſtas conformes, todolos, que eram prezentes aſſinàram ho juramento, e deſſo paſſàram eſcrituras pubricas, que hos Prelados trouxeram ha Portugal.

CAPITULO VI.

Das Bullas, e Provizões do Papa, que ho Conde trouxe ha Portugal pera hos do Regno ſobre ſua governança, e aſſi outra Bulla, que ſobre ho meſmo caſo enviou ahos Frades de S. Franciſco.

COmo ho Conde fez eſte juramento, procurou logo de aviar has couzas mais neceſſarias pera ha ſua vinda, e aalem de ſua fazenda lhe compria ha honra de ſua peſſoa, e ſerviço, e repayro de ſua caza, e familia.

A traduçaõ deſtas Bullas andaõ muito viciadas nas copias deſta Chronica, e ſe achaõ em outros livros, e por eſta, e outras cauzas ſenaõ imprimem neſte Capitulo.

CAPITULO VII.

De como ho Conde de Bolonha chegou ha Portugal, e com elle huũ Delegado do Papa, e das notificações, que logo fizeraõ ha ElRey Dom Sancho.

DEſpedidas has Bullas do Papa, e aparelhadas has couzas, que aho Conde pera ſeu caminho mais compriaõ, ſe deſpedio da Cõdeſſa de Bolonha ſua molher, q̃ avia nome Dona Matildes, ha quaal fora jaa outra vez cazada, e era da linhagem dos Rex de França, e molher, em que avia ſingulares boondades, e vertudes, e tinha muitas teerras, e grande fazenda, e da hy com hos Prelados, e Cavalleyros Portugueezes, que ho foram requerer, ſe veyo ha eſte Regno, e com elle enviou mais ho Papa por ſeu Delegado pera eſtas couzas de Portugal Frey Deſiderio, peſſoa, em que avia doutrina, e ſinaaes de boom Religioſo, pera que em nome do Papa, e da ſua parte requereſſe, que entregaſſem aho Conde hos Caſtellos do Regno, nos quaaes pozeſſe Alcaydes, e has Villas, e teerras, em que fizeſſe Juizes com que ho Regno ſe mantiveſſe em paaz, e juſtiça, e por taal, q̃ nas Fortalezas principaalmente ſe nom acolheſſem hos maal feytores, e que

nas peſſoas, que em todo lhe nom obedeceſſem, pozeſſe ſentença de excommunham, e como chegaram aho Eſtremo de Portugal, ho Conde por ſuas cartas noteficou logo ſua vinda ha todolo Regno, dizendo em ſeu titulo: *Dom Affonſo, filho do muito nobre Rey Dom Affonſo por graça de Deos, Conde de Bolonha, e Procurador, e defenſor do Regno de Portugal.* E aſſi noteficou ha ElRey Dom Sancho ſeu irmaão, como ha requerimento do Regno vinha, e nom pera ſeer Rey, mas pera lhe reger, e governar ho Regno, e ſe fazer nelle direyto, e juſtiça, que ſe nom fazia, e lhe conheceria ſenhorio, como ha ſeu Rey, e Senhor, ſalvo aa cerca daquelles, em cujo poder, e maãos andava, e porque tam maal fora aconſelhado, e por cuja cauza tantos maales no Regno eram feytos, e com eſto lhe enviou ho Delegado huũ Breve do Papa.

CAPITULO VIII.

Como ElRey Dom Sancho maal aconſelhado ſe foy com hos de ſua valia pedir ſoccorro ha Caſtella, e como veyo em ſua ajuda ho Ifante Dom Affonſo de Molina com outros grandes, e gentes de Caſtella.

ELRey Dom Sancho ha eſte tempo era em Coimbra, e como vio has cartas do Papa, e de ſeu irmãao, e ſoube, que elle era entrado no Regno onde inteiramente lhe obedeciam, elle de ſi meſmo foy muito trovado, e ho fizeram ſeer muito mais hos homẽs maaos, e perverſſos Conſelheyros, que conſigo trazia, porque receáram exequtarſe nelles ſem eſcuza, has penas, que por ſeus deſmerecimentos, e grandes delitos mereciam, e eſtes lhe fizeram que nem creſſe, nem obedeceſſe ha couza, que ho Papa, nem ſeu irmaão lhe eſcreveſſe, nem outros por ſeu beem lhe diceſſem, porque ho beem, nem aſecego delRey, em cazo que depois ho tiveſſe nom aſegurava, nem deſcançava ahos que ho ſeguiam, pelo quaal de ſeu parecer delles, e como deſeſperado doutro boom conſelho, ſeem receber dano de peſſoa alguũa, nem lhe ſer feyta deſobediencia, nem contradiçam, ſe foy logo ha Caſtella com fundamento de pedir ſoccorro contra ſeu irmaão, ha ElRey Dom Fernando, deſte nome ho ſeguundo, que entam nelle Regnava, que era ſeu primo, com irmaão, filhos de duas irmaãs, da Rainha Dona Biringela, madre delRey Dom Fernando, e Dona Orraqua, madre delRey Dom Sancho, ou aho menos pedir eſte ſoccorro, e ajuda aho Ifante Dom Affonſo, filho erdeyro do dito Rey Dom Fernando, que em Caſtella, e Liam, jaa tinha grande poder, e muita autoridade.

E com

E com eſte propoſito chegou ha Toledo andando ha era em mil e
1247. duzentos quarenta e ſete annos, antes huũ anno que Sevilha foſſe ahos Mouros tomada. Ha eſte tempo ElRey Dom Fernando veo ha Toledo, tendo tomado Cordova, e jáa com dezejo, e fundamento de hir cercar, e tomar Sevilha, ſe podeſſe, aho quaal ElRey Dom Sancho de Portugal ſeu primo, dice logo, que ha cauza de ſua ida ha elle, era pera lhe fazer ſaber, ho que elle teria ſabido, que ſeu irmaõ ho Ifante Dom Affonſo Cõde de Bolonha, entràra em ſeu Regno de Portugal, e que com ajuda, e favor dalguũs ſeus naturaaes, ſe alçara contra elle, e que ho tinham recebido por Senhor, e que porém lhe pedia, como ha Rey tam poderoſo, e que com elle era tam conjunto em parenteſco, que em tamanha força lhe deſſe ajuda, e favor com que inteyramente cobraſſe ſeu Regno, e lançaſſe delle fóra ſeu irmaõ, que individamente lho tinha tomado, e que pois nom tinha filho, que ho erdaſſe, que depois de ſua morte, ficaſſe Portugal ha elle, ou ha ſeu filhac erdeyro.

Da quaal couza prouve ha ElRey Dom Fernando, e pondoa em obra ordenou logo pera vir ha Portugal ho Ifante Dom Affonſo de Molina, ſeu irmaõ, filhos ambos delRey Dom Affonſo de Liam, e da Rainha Dona Biringela, e com elle Dom Diogo Lopes de Haro, Senhor de Biſcaya, e Dom Nuno Gonçalves de Lara, e Dom Ray Gomes de Galiza, e Dom Ramilo Frole, e Dom Rodrigo Froyas, boom Cavalleyro, e Dom Fernande Anes de Lima, e outros grandes ſenhores, e com elles muitas gentes de pee, e de cavallo, com que entráraõ em Portugal pola Comarca de Riba de Coa, que ha eſte tempo ainda era de Caſtella, e por elles fazerem ſua entrada pola teerra da Beyra, q̃ toda eſtava aa obediencia delRey Dom Sancho, nom ouveram no caminho contradiçaõ, nem reſiſtencia alguũa, e aſſi chegaram aho lugar de Abiul, que hee ha quatro legoas de Leyria.

E ho Conde Dom Affonſo de Bolonha tanto, que entrou no Regno, tanta alegria recebéram hos Portuguezes com ſua vinda, ſabendo quem era, e como vinha ha ſeu requerimento, que hos mais dos Lugares por has proprias vontades dos moradores delles ſe lhe davam, e aquelles, em que achava alguũa cõtradiçam logo por exequções, que ho Delegado ſobre elles punha, ou por combates, ou forças nom tardou em hos cobrar todos ſalvo Coimbra, em que eſtava Martim de Freytas, e Celorico da Beyra, em que eſtava Dom Fernam Rodrigues Pacheco, que ambos has tinham por ElRey Dom Sancho de que aho diante direy.

CAPITULO IX.

Como polas diligencias do Conde de Bolonha ElRey Dom Sancho ſe tornou ha Caſtella, e do que ſe paſſou no caminho com hos Cavalleyros de Trancozo.

ESabendo ho Conde de Bolonha da entrada delRey ſeu irmaão no Regno cõ ho Ifante Dom Affonſo de Molina, e com hos Cavalleyros, e gentes de Caſtella, logo precebeo,e ouve pera teer,e trazer comſigo por defençam do Regno has mais gentes, que pode, e com ellas ſe veyo ha Obidos, e avizou ha Dom Joham Arcebiſpo de Braga, e ha Dom Domingos, que entam era Biſpo de Coimbra, hos quaaes lhe diceram,q̃ elles pola comiſſaõ do Papa, aviam ho dito Ifante Dom Affonſo de Molina cõ todolos Senhores, e gentes de Caſtella por excomungados, e malditos,e deſſo tomáram eſtromentos,e por eſta cauza ElRey, e ho Ifante nom paſſaram de Abiul, e ſe tornáram pera Caſtella ſem no Regno, nem nas gentes, e couzas delle fazerem alguũ maal, nem dano, e principaalmente ſe tornaram, e nom proſeguiram adiante, porque ElRey Dom Sancho polas dezordens, e maales paſſados, ha que nunca provera, era de todolos mais do Regno muy dezamado, e maal quiſto, e ho Conde polo contrayro aalem deſſo era jáa das mais forças delle de todo apoderado, e por eſta cauza ho Ifante Dom Affonſo com outros Senhores, que vieram em ajuda delRey, vendo ho pouco, que lhe podiam aproveytar, e ho muito dano, que ſe podia ſeguir, aconſelharam aho dito Rey Dom Sancho, que ou ficaſſe em ſeu Regno, ſeguundo lhe era apontado, ou ſe foſſe com elles ha Caſtella.

Eſte derradeyro ouve ElRey por melhor, ſendo pior conſelho, e porém ElRey Dom Sancho tinha feytas doaçoens aho Ifante Dom Pedro ſeu primo de muitas Villas, e Caſtellos principaaes de Portugal, em grande dano da Coroa do Regno, has quaaes por ſua injuſta conceſſam nom ouveram nunca efeyto, como quer que ho dito Ifante depois ho procuraſſe, e requereſſe aficadamente por interceſſoens do Papa, que ſobre eſſo eſcreveo alguũas vezes aho Conde de Bolonha, que juſtamente ſempre ſe eſcuzou.

E achaſſe, que em tornando ElRey pera Caſtella, achegou aho Lugar de Moreyra, que hee junto da Villa de Trancozo, na quaal ha eſſe tempo eſtava Dom Gonçalo Garcia, e Dom Fernam Garcia de Souza, que diceram *Eſgaravunha*, que foy boom trovador, e Dom Fernando Lopes, e Dom Diogo Lopes, todos quatro irmaãos, filhos de Dom Garcia Mendes de Souza, filho do Conde Dom

Dom Mendo ho Souzam, e de Dona Elvira Gonçalves, filha de Dom Gonçalo Paaes de Toronho, que eram nobres homens, e muy principaaes no Regno, e Dom Fernam Garcia ſabendo da vinda de Caſtella delRey por conſelho de ſeus irmaõs com huũ ſoo Eſcudeyro, ha que deram ſua lança, e ſendo elle veſti lo de todalas outras ſuas armas ſe foi aa Moreyra, onde eſtava ElRey, e ho Ifante, e hos outros Senhores, e poſto ante elles tirou ho Elmo da cabeça, e com hos joelhos em teerra beyjou ha maõ ha ElRey, e aho Ifante Dom Affonſo, e como ſe levantou, fez reverencia ha Dom Diogo, e ha todolos outros hõmens honrados, que eram prezentes, ſalvo ha Dom Martim Gil de Soveroſa, que era ho principaal homem; porque ElRey Dom Sancho com quebra de ſeu Eſtado ſe regia.

E perguntando Dom Fernam Garcia ha ElRey ſe ho conhecia? Elle dice que ſy, e que era ſeu naturaal vaſſallo, e Dom Fernam Garcia lhe tornou dizendo: *Senhor meus irmaõs, que eſtam em Trancozo, e por cujo mandado venho como voſſos vaſſallos, e naturaaes, vos mandam pedir, e requerer, por ante ho Ifante voſſo primo, e eſtes Senhores, que aqui eſtam, que vos vades pera aquella Villa, na quaal, e em ſeu Caſtello vos receberám, como ha ſeu Rey, e Senhor, e aſſi em todolos outros de redor, que ſam ha ſeu cargo, com tanto, que nom leveis com voſco Martim Gil, que aqui eſtaa, nem hos ſeus, que deſtroiriam voſſa teerra, e elle maton, e leyxou hos que quiz, ſem querer que dos ſeus, e doutros maal feytores ſe fizeſſe alguña juſtiça, ca certamente voos nom tinheis de Rey mais, que ho nome, e ha muito alta linhajem, e Real ſangue de que decendeis, porque no efeyto elle era Rey, e com eſte tamanho credito, que lhe deſtes vos teem muy maal ſervido, em eſpeciaal por ſeu mao conſelho, por cuja cauza voos vieſtes aho eſtado em que agora eſtaaes. E ſe elle dicer, que nom hee aſſi eu por minha verdade, e por ſua confuzam me combaterey com elle, e lhe porey has maãos, e ho corpo, ca por eſſo venho aqui armado, e ally aa porta tenho ho cavallo, e ſobreſſo eſpero em Deos, que eu ho matarey, ou por ſua boca lhe farey confeçar, que muy maal, e como nom devia vos teem aconſelhado, e com grande quebra, e mingoa de voſſo Eſtado, e de voſſa teerra.*

Eſte Martim Gil era Cavalleyro, e de honrada caza, e de grande esforço, porq̃ eſte foy ho q̃ com grande, e boom nome ſeu, venceo ha lide do Porto. E ouvindo eſtas palavras ha Dom Fernam Garcia, ficou muito injuriado, e abatido eſpeciaalmente, porq̃ aaquella hora nom lhe reſpõdeo como ha ſua honra compria porque ſoomente lhe dice: *Dom Fernam Garcia dizeis maal, e do que diceſtes vos nom deveis de achaar beem, ſe eu nom morro.* Polo quaal Dom Martim Gil, fez logo moſ-

moſtrança ha alguũs dos ſeus, que ally eſtavam q̃ lhe foſſem teer aho caminho, e ho mataſſem, e Dom Fernam Garcia, que hos vio, e entendeo beem ha maa tençam, cõ que ſahiam, antes doutra couza dice ha ElRey: *Senhor, voos quereis hir pera Trancozo, como vos tenho requerido?* E ElRey lhe reſpondeo, *que nom*, e entam tornou Dom Fernam Garcia, e dice aho Ifante Dom Affonſo: *Senhor, ſereis teſtemunha voos, e eſſes Senhores, que aqui eſtaades da oferta, que por meus irmaãos, e por mi vim fazer ha ElRey.*

E com eſto dito volveo ho roſto contra Dom Diogo Lopes, e ha Dom Nuno de Lara, e dicelhes: *Beem viſtes Senhores ha offerta, que por limpeza, e leaaldade minha, e de meus irmaãos fiz com ElRey, e aſſi ouviſtes ho que tambem dice ha Dom Martim Gil, que aqui eſtaa, e nom querendo por ſeu corpo tornar ha eſſo, como por ſua honra devia, mandou aquelles ſeus, que daqui partiram, que me vam teer aho caminho pera deſacompanhado me matarem, porque vos peço, como ha nobres, e honrados Cavalleyros, que por boaa mezura me mandeis poer em ſalvo em Trancozo.* E logo Dom Affonſo ſe levantou, e dice: *Martim Gil voos nom atentaſte no que Dom Fernam Guarcia vos dice? ho que deveres de fazer, ca me parece que vos toca por maneyra de traiçam, e nom lhe quereis poer has maãos, como deveis, e vos elle requere?*

E Dom Martim Gil brevemente dice, que dava pouco por ſuas palavras vaans, polo quaal eſtes Senhores diceram ha ElRey, q̃ Dom Fernam Garcia, e hos nobres homens, que eram em Trancozo nom podiam fazer melhor comprimento, porque com elle compriam, como boons vaſſallos quanto deviaõ, e que dahi por diante quaalquer culpa que hy ouveſſe, que era delRey, e nom delles, e logo Dom Diogo, e Dom Nuno com eſſes boons homens que hy eram cavalgaram, e foramſe com Dom Fernam Garcia atee Trancozo, donde ſahiram ſeus irmaãos, e outra booa, e nobre gente, que hy eram, e lhe tiveram em mercee ſua vinda, e depois de praticarem ſobre has couzas, que pendiam, Dom Diogo, e Dom Nuno ſe tornaram pera ho Ifante Dom Affonſo, que juntos com ElRey Dom Sancho ſe foram todos pera Caſtella, e com elles eſte Dom Martim Gil, que era Portuguez, e homem muito honrado, ho que com medo do Conde Dom Affonſo nom ouzou de ficar, e ſe foy tambeem ha Caſtella com ElRey Dom Sancho, e laa faleceo, e foy delRey Dom Affonſo Decimo, com quem viveo avido por Rico homem, e em grande eſtima, e por taal eſtaa poſto por teſtamenteyro, com outros no teſtamento delRey, quando por deſagardecimentos do Ifante Dom Sancho ſeu filho, ho deſerdou de Caſtella, ainda q̃ ſeu deſerdamento nom ouve efeyto.

CA-

CAPITULO X.

Como ho Conde cercou em Celorico da Beyra ha Dom Fernaõ Rodrigues Pacheco, que lhe nom quiz obedecer, e como por cauza de huũa truyta ſe alevantou ho cerco.

HO Conde de Bolonha governador como entrou no Regno ſeguando atraaz jaa dice, logo por força, ou por vontade, ou aa ſua obediencia todalas Cidades, Villas, e Caſtellos do Regno; em que entraram todalas que ElRey Dom Sancho tinha dado em Portugal aho Ifante Dom Affonſo de Molina por entrar com elle, e em ſua ajuda no Regno, do que ho dito Ifante ſe mandou queixar aho Papa, e aſſi com elle outros Cavalleyros, e Alcaydes de Portugal, polo Conde de Bolonha lhes tomar contra ſuas vontades hos Caſtellos, que tinham por ſuas menagens, e deſtes ho Papa ſe eſcuzou avendo que ho Conde pera aſſecego, e booa governança do Regno fazia ho que devia, mas ſoomente eſcreveo aho Conde rogandolhe polos Caſtellos, que por ElRey Dom Sancho eraõ dados aho Ifante Dom Affonſo de Molina, aho q̃ nom ſatisfez polos grandes inconvenientes, neſto avia, e porque ſoube que eram cartas, e rogos de comprimento.

Neſte tempo depois delRey Dom Sancho ſeer em Caſtella, porque ho Caſtello de Celorico da Beyra, que tinha Dom Fernam Rodrigues Pacheco, e ho de Coimbra, que tinha Dom Martim de Freytas, ficaram ſoomente por ElRey, como atraaz dice, ho Conde depois de ſua partida lhes mandou dizer, e rogar, que lhos quizeſſem entregar, como hos outros tinham jaa feyto em todo ho Regno, prometendolhe por eſſo aalem de fazerem ho que deviaõ mercee, e boom galardam. E cada huũ por ſy lhe reſpondeo: *Que elles tinhaõ feyta menagem ha ElRey Dom Sancho, ſeu Rey, e Senhor, e que em quanto elle foſſe vivo, poſto que andaſſe em Caſtella, nom deviam de entregar ſeus Caſtellos, ſe nom ha elle, de cuja maão hos receberam, ou por ſeu eſpecial mandado, e do Papa, nem por outro alguũ temor, hos nom aviam de entregar, em cazo, que ſobreſſo foſſem excommungados,, e padeceſſem cercos, e quaaeſquer outras fadigas, e tormentos.*

Polo quaal vendo ho Cõde ſua tam firme determinaçam, e que pera ho que dezejava nom aproveytavam muito ſuas repricas brãdas, que fez, detreminou cercalos, e poz logo cerco em peſſoa ſobre Celorico, ca eſte por ſeer mais junto aa frontaria de Caſtella ouve por melhor cobrarſe logo, e eſte mandou combater muitas

vezes

vezes, mas por ſua fortaleza, e por ha booa gente, que ho defendia, nom ſe podia cobrar por força, e durou ho cerco tanto tempo, que por ho Caſteilo nom teer ſocorro, nem lhe poder vir provizam de mantimentos de fóra, foram hos de dentro poſtos em tanta eſtreyteza de fome, e doutras neceſſidades que por nom morrerem, taõ cruas e dezeſperadas mortes, como ſe lhes ofereciam, eſtavam pera ſe dar, e entregar ho Caſtello, e nom ſofrer mais apertos de tam perverſa leaaldade.

E eſtando neſta afronta ſe diz, que Dom Fernam Rodrigues Pacheco ſe alevantou huũ dia muito cedo, e andando polo muro cuydando na preça, em que eſtava, e ſobreſſo poſto em deſvayrados pẽſamentos ſeem determinadamente ſaber ho que faria, lembrandoſe de Deos, lhe pedia muito de coraçam, que por ſua miſericordia por alguũa maneyra lhe ſocorreſſe, por taal, que nom cahiſſe em tamanha mingoa de ſua honra, como ſeria dar aquelle Caſtello ſe nom ha ElRey, que lho dera, e porque lhe tinha feyta menagem, e que durando neſta maginaçam, e oraçam, que vio vir contra ha ribeyra do Mondego, que hee ahy junto, huũa Aguia, que trazia nas unhas huũa grande truyta, e que voando por ſima do Caſtello lhe cahio dentro, ainda muy freſca, com que alguũ tanto logo ſe alegrou, e que ha meſma truyta, e cõ deſſe melhor paão, que no Caſtello ſe pode aver, e aparelhar, mandou todo em prezente aho Conde no arrayal, que tinha cercado, e lhe mandou dizer: *Que beem ho poderia teer cercado quanto foſſe ſua mercee, mas que ſe por fome ho eſperava tomar, que viſſe ſe hos homens, que daquella vianda eraõ beem baſtecidos, ſe teriam rezaõ de entregarlhe contra ſuas honras ho Caſtello.* Da quaal couza ho Conde, e eſſes ha que dó prezente deu parte, foram aſaaz maravilhados, e vendo, que por longar mais ho cerco ally, nom aproveytava, e em outras muitas partes danaria, alevantou ho cerco ſobre Celorico, e ho foy poor ſobre Coimbra.

CAPITULO XI.

Como ho Cõde foy cercar ho Caſtello de Coimbra, que tinha Martim de Freytas, por ElRey Dom Sancho, e das afrontas, que paſſou no cerco.

HO Conde como chegou ha Coimbra antes de fazer grãdes aparelhos pera ho cerco, e cõbates mandou dizer ha Dom Martim de Freytas: *Que lhe entregaſſe ha Cidade, e ho Caſtello, como por muitas vezes jaa lhe mãdara requerer, e por eſſo lhe faria muita mercee, porque ſe ho aſſi nom fizeſſe, que ho combateria, e ho cobraria tudo com*

ſua

ſua perda, e dano. E Dom Martim de Freytas lhe reſpondeo: *Que ſua mercee poderia comprir ſua vontade, e fazer ho que quizeſſe, porèm que foſſe certo, que em quanto ſoubeſſe, que ElRey Dom Sancho ſeu Rey, e Senhor, era vivo, que lho nom entregaria ſeem ſeu mandado, ou ſabeendo, que era morto, e que ho nom ameaçaſſe com morte, nem perigos, porque tudo padeceria com boom coraçam por inteyramente comprir com ſua lealdade.* Polo quaal ho Conde aſſentou ſeu cerco ſobre ho Caſtello, e ordenou ſeus combates, com que logo, e depois ho combateo muitas vezes, em que de huũa parte, e da outra ouve mortos, e feridos.

Mas ho Alcayde, e hos que por ſua defençam comſigo tinha eram taaes, que hos cometimentos do Conde nom aproveytavam pera cobrar ho Caſtello por força, da quaal cauza anojado ho Conde fez juramento ha Deos de nunca ſe alevantar de ſobre elle atee ho tomar por força, ou por fome, e aſſi ho fez porque ho cerco, foy tam porlongado, que hos de dentro por falecimento dagoa, e de provizões, que jáa nom tinham, como deſeſperados comiam, e bebiam couzas muy contrayras, e deſcoſtumadas da natureza humana, que nom ficáram beſtas, caães, gatos vivos, nem hos couros das alimarias mortas. E ſendo ho Conde deſto certificado hos mandava afrontar, e requerer cada dia: *Que ſe deſſem, e nom padeceſſem ſem cauza, e por contumacia tam aſperas cruezas, que ha ſua taal façanha era vaã, q̃ nom podia, nem devia levar aho diante.*

Aho que Dom Martim de Freytas por ſua honra, e fama nom queria obedecer, e dice, que durando eſte cerco, padecendo jàa de dentro grande, e mortaal neceſſidade de ſede, que porque viram huũ Cavalleyro do Conde cavalgado polo rio do Mondego paſſar, e que ho cavallo de farto nom provou agoa, e que hos de dentro magoados por ſua mingoa, e envejoſos da beemaventurança da alimaria, fizeram ſobreſſo grandes lamentações, com que alguũs parentes, e amigos do Alcayde lhe aconcelhavam: *Que pois hos padecimẽtos incomportaveis que ſofriam ſem eſperança de ajuda, nem ſoccorro, eſtranho eram taaes, que jaa ſe nom podiaõ comportar, e elle no Regno era ſoo ho que ſoſtinha taal profia, que por dar ha elle, e aos ſeus has vidas, dèſſe ho Caſtello aho Conde.*

Dom Martim de Freytas lhes reſpondeo: *Parentes, e meus amigos, que aqui eſtaaes, nunca Deos queyra, que obedecendo ha eſſe voſſo concelho eu ponha tam grande magoa ſobre minha limpeza, nem conſinta tamanha traiçaõ ſobre minha honra, e leaaldade, nas quaaes todas encorreria ſe dèſſe eſte Caſtello ſenom aquẽ por minha menagem mo deu, em quanto elle for vivo, e ami nom fica por ver, e conhecer craramente has grandes tribulações que voos, e eu, e todos aqui padecemos, mas ſe voos*

quizerdes trazer ha voſſas memorias, e poer ante eſtas voſſas neceſſidades outras muito mayores fomes, e maales, que muitos ſendo cercados jaa padeceram, achareis que por manterem ſuas leaaldades depois q̃ todalas couzas lhe faleciam ha comerem has raizes das viz, ervas, ſe ſoſteveraõ, polo quaal deſte temor, e afronta prazeraa ha Deos por ſua piedade, que boom nome, e ſegurança noſſa ſedo nos livraraa, e em alguũ tempo vos alegrareis contardes ha voſſos filhos, e amigos eſtes maales, que padeceis, com que nom acrecentareis pouco em voſſo louvor, e merecimento, e obrigaçam de boondade, e leaaldade, que ha outros em ſemelhantes cazos conſtrangeo, eſſa meſma neſte cazo noſſo nos nom deſobriga, ca em outra maneyra has vidas, que ſalvamos, duraram poucos dias, e ha infamia, e deshonra, que por eſſo recebemos, duraram pera ſempre, polo quaal vos rogo, que em quanto poderdes nom me faleçais, e me ajudeis, ca Deos nos acorreraa, e eſte maal prazendo ha elle nom duraraa muito, e por ventura ſe alguũ de voos pera ſeu ſerviço, ou pera outra ſua deleytaçam tiverem dezejos de molheres dizeymo, que aqui eſtaa minha filha, que hee booa donzella, e que muito amo ha que eu mandarey, que em tudo vos ſirva de booamente, porque com melhor vontaade conſentirey, e menos medoraa, que ella perca ha vertude de ſua virgindade, que por mingoa de voos outros, perder eu minha leaaldade, e ſeer conſtrangido ha fazer tamanha trayçam, como ſeria daar como nom devo eſte Caſtello ha quem mo nom deu.

Com eſtas palavras, que Dom Martim de Freytas dice, ficaram todos muito maravilhados, e louvando muito ſua boondade, ſe esforçaram, e lhe prometeram, que ora foſſe com rezam, ou ſem ella, elles por ſatisfazer ha ſeu dezejo por alguũ cazo, e afronta, q̃ ſobrevieſſe, ho nom leyxariam, antes todos morreriam primeyro com elle.

CAPITULO XII.

Como pola morte delRey Dom Sancho, Dom Martim de Freytas entregou ho Caſtello de Coimbra, e das deligencias, e exames, que primeyro fez por limpeza de ſua rigoroſa leaaldade.

ESTando Dom Mrtim de Freytas neſta afronta com ElRey, e avendo jáa huũ anno, e quatro mezes, que ElRey Dom Sancho fora pera Caſtella, prouve ha Deos de ho levar deſte mundo, e faleceo em Toledo, como adiante direy, e ſendo de ſua morte certificado ho Conde ſeu irmaão, tendo ainda ho cerco ſobre Coimbra, como Principe em que avia muita prudencia, e grande piedade, mandou logo

ajuntar

ajuntar muyto paõ, e vinho, e carnes, e peſcados, e ourras maneyras de refreſcos, e mandou levar tudo aho Caſtello, enviando dizer aho Alcayde: *Que foſſe certo, que ElRey Dom Sancho ſeu irmaõ era jaa falecido, e qur lhe daria tempo, em que por elle em peſſoa, ou por outrem, podeſſe aver deſſo verdadeyra certidam, cõ ha quaal entregaſſe ho Caſtello.*

Dom Martim eſcolheo certificarſe por ſy meſmo. E ho Conde ho ſegurou da hyda, e eſtada, e ſeer livre atee tornar aho dito Caſtello, que entaõ ſe nom combateria. Dom Martim de Freytas chegou ha Toledo, e como quer que por muitos foſſe certificado da morte delRey Dom Sancho, que no Moymento, que moſtraram ho viram ſepultar, elle ho nom quiz crer, mas por moor certeza fez tirar ha campa, que ho cobria, e como ho vio, e achou que em certo era aquelle, ſe diz, que prezente muitas teſtemunhas, que trouxe por comprir com ſua menagem poz has chaves do Caſtello de Coimbra, que levava, no proprio braço direyto delRey Dom Sancho, e depois de lhe fazer por elias entrega do dito Caſtello lhas tirou, e trouxe comſigo ha Portugal, e deſſo tomou eſcritturas pubricas, e fez cerrar ho Moymento, e ſe tornou ha Coimbra, e dentro entrou ſecretamente no Caſtello, e aho outro dia mandou logo dizer aho Conde, que ho foſſe receber, porque jaa lho podia entregar, e lhe devia obedecer: e que ha elle, e nom ha outro alguũ ho entregaria com booa vontade.

Ho Conde foy logo aho Caſtello, e ho Alcayde abrio logo has portas delle, e tomou ha molher, e ha filha, e has poz fóra dizendo: *Leyxemos eſte Caſtello ha cujo hee.* E com eſſo ſe poz de joelhos diante ho Conde, e com has chaves delle nas maãos alevantadas lhe dice: *Senhor, pois ha Deos prouve que ElRey Dom Sancho, voſſo irmaõ faleceſſe tomay voſſas chaves, e voſſo Caſtello, e daqui por diante eu vos ſervirey, e averey por Rey, e Senhor.* E logo amoſtrou aho Conde, e aa nobre gente que era com elle has eſcrituras das deligencias, que em Toledo por ſua honra, e deſcargo fizera, e acertouſe, que huũ Cavalleyro do Conde, que era prezente dice ha Dom Martim de Freytas: *Que porque nom pedia perdam aho Conde, por quanto nojo, e deſſerviço lhe fizera, e por lhe ferir, e matar tanta gente, denegandolhe tanto tempo ha entrega, e obediencia do Caſtello, que era ſeu.*

E Dom Martim em ſe querendo eſcuzar pera nom dever de pedir taal perdam, acudio muy preſtes ho Conde, e dice aho fidalgo, que ho reprendia: *Que ſemilhante perdaõ em taal cazo Dom Martim nom era obrigado de pedir, porque elle nom fizera erro, mas tinha feyta booa façanha dina de boom Cavalleyro, e leaal fidalgo.* E por ella lhe tornava ha dar ho dito Caſtello

pera elle, e pera todos hos que delle decendeſſem, fazendo menagem ha elle, e ha todos ſeus erdeyros. E Dom Martim lhe reſpondeo: *Que lho tinha muito em mercee; e mas que elle por alguũa maneyra, nom tomaria ho dito Caſtello, antes lançava maldiçam ha ſeus filhos, e netos, e ha todolos, que delle deſcendeſſem atee ho quarto graao ſe por Caſtello fizeſſem menagem ha Rey, nem ha outra peſſoa de quaalquer condiçam, que foſſe.*

E com eſto aſſi concertado ho Conde leyxou ho Caſtello de Coimbra, como devia, e ſe tornou outra vez ha Celorico, onde Dom Fernam Rodrigues eſtava, & porque da morte delRey Dom Sancho, era jaa beem certificado, e aſſi ſabia, que ho Caſtello de Coimbra jaa era entregue, deu logo aho Cõde ho Caſtello ſeem mais reſiſtencia, nem cautella. Eſtes dous foram hos derradeyros Caſtellos de Portugal, que aho Conde obedecéraõ.

CAPITULO XIII.

Da morte delRey D. Sancho, e onde jaaz, e de alguũas couzas, que ſe em ſeu tempo paſſaram.

ELRey Dom Sancho depois da ſegunda vez, que tornou ha Toledo nunca dahy mais ſe partio onde com ſua vida, e coſtumes paſſados em grandes virtudes, e com ſinaes de boom, e Catholico Criſtam acabou ſua vida em idade de corenta annos, na era de mil duzentos corente e ſete annos, dos quaaes Regnou vinte e quatro, aſaber vinte e dous em Portugal, e dous eſtando em Caſtella, e ſeu corpo foy ſepultado na Capella dos Rex da See de Toledo, que elle mandou fazer aa ſua propria cuſta, e aſſi deu grandes ajudas pera ho acabamento da dita See, q̃ ſe entam fazia por ElRey Dom Fernando, que de meſquita, que era ha mandou refazer em fórma das outras Igrejas, como agora eſtaa, porque quando ElRey Dom Sancho ſe foy pera Caſtella, levou comſigo muitas joyas, e grandes riquezas, que ficaram delRey Dom Affonſo ſeu padre, e delRey Dom Sancho ſeu avoo; das quaaes alguũas nom tornaram ha Portugal, e todas ſe gaſtáram em Caſtella. 1247.

Eſte Rey Dom Sancho no começo de ſeu Regnado, deu aa Ordem de SanTiago em deſvayrados tempos, e por apertadas doaçoens, has Villas de Mertola, e Daljuſtrel, has quaaes Villas tomou ahos Mouros DomPayo Correa, Meſtre de SanTiago de Caſtella, e porque eram da conquiſta de Portugal has tornou ha ElRey Dom Sancho, q̃ dellas fez has ditas doaçoens aa dita Ordem. E como eſtas Villas ſe ganharam, na Coronica delRey Dom Affonſo Conde de Bolonha, ſe diraa mais largo, e ElRey Dom Sancho povorou de fogo morto ha Ci-

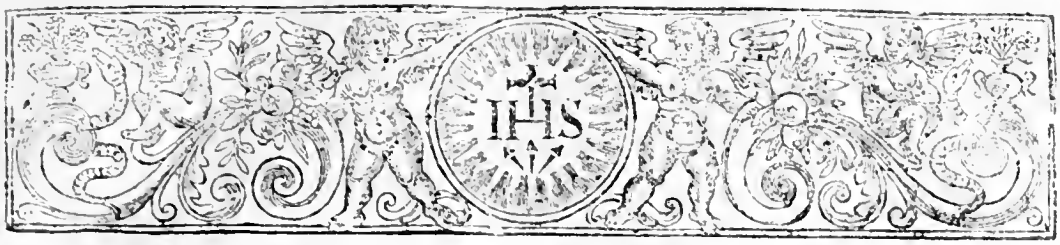
Cidade da Idanha ha velha, ſendo de todo deſtrohida dos Mouros, e depois que ElRey Dom Sancho ſeu avoo ha leyxou aa Ordem do Tẽplo, e ho dito Rey Dom Sancho faleceo ſem filho, nem filha legitimos, nem baſtardos, que ſe ſoubeſſe.

E dahy ha huũ anno, em dia de Saõ Clemẽte ha vinte e tres dias de Novembro do anno de mil duzentos e corenta e oyto annos, ElRey Dom Fernando tomou por cerco ha Cidade de Sevilha ahos Mouros, e dahy ha tres annos, e meyo, nella faleceo, e ahy jaaz ſepultado, e avia treze annos, que tambem tomára Cordova ſalteada primeyro, e entrada por certos Chriſtãaos Almogaveis, e foy ſocorrida, e mãtida, por ho meſmo Réy Dom Fernando.

E em Regnando eſte Rey Dom Sancho faleceram de ſuas vidas por muitos, e grãdes milagres Saõ Domingos, que faleceo em Bolonha, no anno de mil duzentos e vinte ſete, e Sancto Antonio, naturaal da Cidade de Lixboa, em Padua, hos quaaes ſuas muy ſanctas vidas foram em ſeu tempo deſte Rey Dom Sancho, todos Canonizados, e referidos aho numero dos Sanctos, por ho Papa Gregorio IX. ho quaal Canonizou Sancto Antonio na Cidade Deſpoleto em Italia anno de mil duzentos trinta e hum. 1227. 1231.

DEO GRATIAS.

IN.



INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

El Rey D. Affonſo II. DE Portugal, em que anno morreo. pag. 1.

Dom Affonſo Conde de Bolonha, He nomeado pelo Papa Innocencio IV. para Governador do Reyno de Portugal, pela incapacidade de ſeu irmaõ Dom Sancho II. pag. 6. e 7. Na Cidade de Pariz na prezença de muitos Prelados, e Cavalleiros, toma o juramento do Governo do Reyno, e de que fórma o fez. pag. 7. Deixa ſua mulher a Condeſſa Dona Matilde em França, e parte para Portugal, e do modo como ſe intitulava. pag. 10. Cerca o Caſtello de Celorico, q̃ governava Fernaõ Rodrigues Pacheco, e o levanta por cauza de hũ celebre eſtratagema de que eſte uzou. pag. 10. Poem cerco ao Caſtello de Coimbra, e da reſiſtencia, que lhe fez Martim de Freitas, que o governava, até que ſabendo da morte delRey Dom Sancho II. lho entregou. pag. 16. 17. 18. e 19.

Dom Affonſo de Molina, Irmaõ de Dom Fernando Rey de Liaõ, acompanhado de muitos Cavalleiros, e Soldados, entraõ por Portugal à petiçaõ delRey Dom Sancho II. para lançar fóra delle a ſeu irmaõ o Conde de Bolonha. pag. 11. Volta com os que o acompanhavaõ, para Caſtella temerozo das cenſuras da Igreja. pag. 12.

Aljuſtrel, Foy tomada aos Mouros por Dom Payo Correa, e dada por ElRey Dom Sancho II. à Ordem de San-Tiago. pag. 20.

Dom Alvaro Pires de Caſtro, Filho de Dom Pedro Fernandes de Caſtro o Caſtelaõ, foy cazado com Dona Mecia Lopes, que depois

depois cazou com ElRey Dom Sancho II. pag. 2.

Santo Antonio, Em que anno foy Canonizado por Gregorio IX. pag. 21.

B

Dona Beringella MUlher delRey Dom Affonſo de Liaõ, tia delRey Dom Sancho II. de Portugal, o aconſelha muitas vezes a que caze, por ſer muito conveniente ao ſeu Reyno, e elle o naõ executa. pag. 2.

C

Celorico HE cercado o ſeu Caſtello por Dom Affonſo Conde de Bolonha, e levanta o ſitio por hum eſtratagema de que uzou Dom Fernaõ Rodrigues Pacheco, que o governava. pag. 10.

D

Fr. Deſiderio HE delegado do Papa Innocencio IV. para que entregue os Caſtellos, e Fortalezas de Portugal à obediencia de Dom Affonſo Conde de Bolonha. pag. 9.

S. Domingos, Donde, e quando falleceo. pag. 21.

F

Dom Fernando REy de Liaõ, em que dia, e anno conquiſtou Sevilha. pag. 21. Faleceo neſta Cidade. ibi.

Fernaõ Garcia de Souza, Filho de Dom Garcia Mendes de Souza, e neto do Conde Dom Mendo o Souzaõ, offerece a ElRey Dom Sancho II. quando voltava para Caſtella ſem eſperança de governar em Portugal, que ſe recolheſe a Trancozo, e da pratica que fez a ElRey em Moreira contra Martim Gil. pag. 12. e 13.

Fernaõ Rodrigues Pacheco, Governando Celorico, e ſendo ſitiado por Dom Affonſo Conde de Bolonha levanta o ſitio por cauza de hum celebre eſtratagema de que uzou. pag. 10.

H

Honorio III. EXpede hũa Bulla a Sancho II. de Portugal, em que lhe adverte queira emendar os abſurdos, que ſe cometem no ſeu Reyno, e o excomunga ſenaõ obedecer, ſendo executor deſtas cenſuras o Arcebiſpo de Braga. pag. 3. Segunda vez o notifica com palavras de mayor ſeveridade, e rigor, até q̃ ElRey obedece. p. 4.

Idanha

I

Idanha A Velha foy povoada por Sãcho II. pag. 21.

Innocencio IV. Convoca Concilio em Liaõ, e nelle à petiçaõ dos Prelados, e Conſelheiros de Portugal nomea por Governador do Reyno a Dom Affonſo Conde de Bolonha pela incapacidade de ſeu irmaõ Dom Sancho II. pag. 6. e 7.

Dom Joaõ, Arcebiſpo de Braga cõ Dom Tiburço Biſpo de Coimbra, e outros Cavalleiros Portuguezes, vaõ ao Concilio de Liaõ onde reprezentaõ a Innocencio IV. que lhe nomee Governador do Reyno pela incapacidade de Dom Sancho II. pag. 6.

L

Dom Lopo SEnhor de Biſcaya, foy pay de Dona Mecia Lopes mulher de Dom Sancho II. de Portugal. pag. 2.

S. Luis. Rey de França primo delRey Dom Sancho II. de Portugal aſſiſtio no Concilio de Liaõ, que convocou Innocencio IV. pag. 6. Foy conquiſtar a Terra Santa, levando conſigo ſua eſpoza a Rainha Dona Margarida. ibi. Conquiſta a Cidade de Damiata. ibi. Morre no ſitio da Cidade de Tunes, e ſeu filho Dom Joaõ e he Canonizado pelo Papa Boniſacio VIII. pag. 6.

M

Martim de Freytas GOvernãdo o Caſtello de Coimbra, e ſendo cercado por Dom Affonſo Conde de Bolonha animoſamẽte o defende. pag. 16. 17. e 18. Parte a Toledo para ſe certificar da morte delRey Dom Sancho II. e achãdo ſer certa lhe entregou as chaves do Caſtello de Coimbra, e depois voltando a ella o entrega a Dom Affonſo irmaõ do dito Rey defunto. pag. 18. e 19.

Martim Gil, Cavalleiro honrado teve tençaõ de matar a Dom Fernaõ Garcia de Souza, pelo que diſſe da ſua peſſoa a Dom Sancho II. em Moreira. pag. 13.

Dona Mecia Lopes, Filha de Dom Lopo Senhor de Biſcaya, viuva de Dom Alvaro Pires de Caſtro caza com Dom Sancho II. pag. 2. He ſeparada violentamente delRey, e levada ao Caſtello de Orem por eſtar nullamente cazada com elle. pag. 5.

Mertola, Foy conquiſtada dos Mouros por Dom Payo Correa, e dada à Ordem de San-Tiago por Sancho II. pag. 20.

O

Dona Orraqua Mãy delRey Dom Sãcho II. de Portugal, foy irmãa de Dona Beringella Rainha de Liaõ, pag. 2.

R

Reymaõ Viegas de Porto Carreiro, EM companhia de Dom Martim Gil de Soveroza, e de outros Cavalleiros levaraõ para o Caſtello de Ourem a Dona Mecia, contra a vontade delRey Dom Sancho II. pag. 5.

S

Dom Sancho II. DE Portugal em que idade foy levantado Rey. pag. 1. Porque lhe chamáraõ Capello naõ ſe ſabe certamente, mas infereſe. ibi. Pela ſua enercia padeceo o Reyno repetidas perdas no tempo, que o governou. pag. 2. Caza com Dona Mecia Lopes, filha de Dom Lopo Senhor de Biſcaya. ibi. He admoeſtado pelos Prelados, e povos do Reyno a que ſe aparte de Dona Mecia, e o naõ executa. ibi. O Papa Honorio III. o exhorta a que emende os deſuidos de que he author, e lhás que o ex. comungara. pag. 3. He advertido por Gregorio IX. a que largue a Dona Mecia por eſtar nullamente cazado com ella, pag. 4. Tendo noticia, de que ſeu irmaõ Dom Affonſo entrara noReyno para o governar, parte a Caſtella para pedir ſoccorro a ſeu primo Dom Fernando, para que o lançaſſe fóra, e lho cõcede. pag. 10. e 11. Donde morreo, em q̃ idade, e onde eſtá enterrado. pag. 20. Deu à Ordem de San-Tiago as Villas de Mertola, e Aljuſtrel, que conquiſtára Dom Payo Correa. pag. 20.

Sevilha, Em que dia, e anno foy conquiſtada por ElRey Dom Fernando de Liaõ. pag. 21. Nella morreo, e eſtá ſepultado o meſmo Rey. ibi.

T

Dom Tiburço BIſpo de Coimbra com Dom Joaõ Arcebiſpo de Braga, e outros Cavalheiros Portuguezes, vaõ ao Concilio de Liaõ, onde reprezentaõ a Innocencio IV. a neceſſidade que tem de que lhes nomee Governador do Reyno por ſer incapaz Dom Sancho II. pag. 6. e 7.

FIM.

CORONICA
DELREY
D. AFFONSO III.
QUINTO DE PORTUGAL.

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO III.

QUINTO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Caſa Real, e Chroniſta Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL,

Que ſe conſerva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ O V.

NOSSO SENHOR.

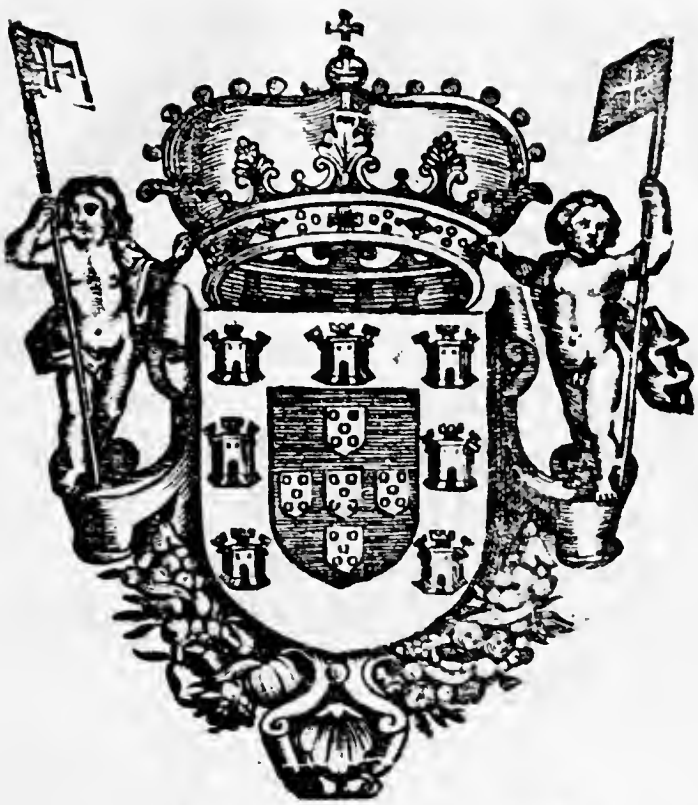
POR MIGUEL LOPES FERREYRA.

LISBOA OCCIDENTAL:

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVIII.

Com todas as licenças neceſſarias.



SENHOR

ONTINUANDO com a ediçaó das Chronicas dos Senhores Reys de Portugal, glorioſos Predeceſſores de V. Mageſtade, continuo taóbem

taõbem na preciſa obrigação de as offerecer a V. Mageſtade. Neſta do Senhor Rey D. Affonſo III. verà V. Mageſtade os caminhos que buſcou a Providencia Divina para que empunhaſſe o Scetro hum Principe, que para ter menos eſperanças do trono ſe achava cazado em França; e verà V. Mageſtade a felicidade, com que ſoube eſtabelecer nos ſeus deſcendentes a Monarchia, que acreſcentou com Eſtados novos, e que ſoube ſegurar com a total expulſaõ dos Africanos. Sirvaſe V. Mageſtade de amparar o meu zelo com a ſua Real benignidade, para que animado com taõ ſoberano favor poſſa dar à luz as Chronicas que faltaõ. A Real Peſſoa de V. Mageſtade guarde Deos muitos annos como dezejamos.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES

QUINTO CONDE DA ERICEYRA, DO CONSELHO de Sua Mageſtade, Sargento mòr de Batalha dos ſeus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeyra, e Senhor da de Anciaõ, oytavo Senhor da Caza do Louriçal, Commendador das Commendas de Santa Chriſtina de Sarzedello, de S. Cipriano de Angueira, S. Martinho de Frazaõ, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de Elvas, e de S. Bertolameu de Covilhã todas na Ordem de Chriſto. Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, e hum dos cinco Cenſores della.

MEU Senhor aonde não chega a confiança propria, he neceſſario buſcar o amparo alheyo. He taõ elevada a Mageſtade, que nem ainda obſequioſo me atrevo a chegar a ella: e por eſta cauza procuro o patrocinio de V. Excellencia para que com a ſua peſſoa conſiga o que por mim naõ poſſo.

Eſpero

Eſpero que V. Excellencia ſe digne de me fazer eſta mercé, porque a continuaçaõ dos ſeus eſtudos, e a grande livraria que tem junto a ſua erudiçaõ, juſtamente me deſculpa para lhe pedir a protecçaõ para hum livro, que como de Hiſtoria da Patria precede a todos na liçaõ, e porque ſendo offerecido a Sua Mageſtade pela maõ de V. Excellencia terá a aceitaçaõ, que dezejo. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.

Criado de V. Excellencia.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

PRO-

AMIGO LEYTOR.

NAõ me podes accuzar de falto de palavra, pois vês que te dou agora a Chronica delRey D. Affonſo III. que foy o Quinto Rey deſta Monarchia. De ſerem breves as narrações das ſuas vidas, e ſummamente compendiadas as noticias dos ſeus governos, naõ tenho eu a culpa, tem-na os Chroniſtas que, ou naõ quizeraõ, ou não ſouberão. Tudo podia ſer, porque a falta em ſemelhante materia procede humas vezes de naõ haver quem informe, e outras de não eſcreverem, o que todos ſabem. Donde naſce que deſte principio experimentamos o dano, porque deſprezaraõ eſcrever o que era ſabido, e deſta ſorte padecemos huma involuntaria ignorancia. Cazou eſte Principe em França donde eſteve, e aſſiſtio alguns annos, e ſendo impoſſivel que naõ fizeſſe naquelle tempo acções dignas da ſua peſſoa, ou na paz, ou na guerra, tudo ficou ſepultado em hum profundo ſilencio, de que ſaõ reos os que eſcreveraõ primeiro. Ainda depois de nomeado Governador de Portugal, e ainda depois de ſer Rey, naõ houve aquelle cuidado nas penas dos Chroniſtas, que merecia a ſua politica, que naõ foy neſta grande arte inferior aos mayores. Lê, e eſpera que brevemente te buſque com a Chronica de ſeu filho o famoſo Rey D. Diniz.

Vale.

LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

VIſtas as informações, poderſe imprimir a Chronica de que ſe trata, e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental o primeiro de Outubro de 1726.

Fr. Lancaſtre. Cunha. Teyxeyra. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

VIſta a informaçaõ, póderſe imprimir a Chronica de que ſe trata, e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 4. de Outubro de 1726.

D. J. A. L.

DO PAÇO.

Approvaçaõ do Doutor Manoel de Azevedo Soares Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, do Dezembargo de Sua Mageſtade, Dezembargador da Caza da Supplicaçaõ, Juis dos Contos do Reyno, e Caza, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

SENHOR.

ESta Chronica delRey D. Affonſo III. que pertende imprimir Miguel Lopes Ferreyra aſſás recomendaçaõ tinha em o nome de ſeu Author para facilitar a licença que ſe pede: porque ſendo Ruy de Pina Chroniſta de tam grande opiniaõ, por ella ſó, ficavaõ approvadas as ſuas obras, ſendo ſuperfluos todos os encomios com que juſtamente ſe podiam encarecer. (1) Naõ falta com tudo quem affirme que nem todas as obras, que ſe divulgaõ

(1) Super vacanei laboris eſt laudare conſpicuos. Symach. l. 3. Epiſtol. 48.

por

por ſuas,o ſaõ. E ſe em alguã pòde ter lugar a conjectura de que o naõ ſeja, he eſta huma dellas ao que parece; porque ſem paſſar do Capitulo terceiro, ſe encontra huma inveroſimilidade, certamente muito alhea do entendimento de tam grande homem. Diz que ſabendo a Condeça de Bolonha Mathilde, que ſeu marido era obedecido por Rey pacificamente, e naõ ſabendo nada do ſeu cazamento, confiando, que ſe elle a viſſe, a trataria,e honraria como ſua verdadeira mulher, apreſtàra Naos; e que bem acompanhada, e com hum filho, que ſe diſſe ter do dito ſeu marido, ſe embarcára para eſte Reyno, e chegando à Caſcaes donde ſoubera logo, que elle eſtava em Friellas, e caſado com outra mulher, recebendo grande indignaçaõ,e triſteſa, arrependida de ter vindo, eſpecialmente depois de ſaber da condiçaõ da ſegunda mulher,tomando parecer, mandára dous Cavalleiros principais dos que trazia conſigo, para que participaſſem a ElRey a ſua vinda, e a ſua queixa; e pela repoſta, que trouxeram, ſe voltara para França, deixando o filho, ſegundo diziaõ huns, e que por certa lembrança achara, o havia levado comſigo, e que depois o mandàra a eſte Reyno, cõ outras mais circunſtancias, que ſe referem no dito Capitulo. Não reparo em q̃ faça menção de filho,e nem ainda que a Condeça tomaſſe a reſolução de vir a eſte Reyno ſem premeditar as contingencias do ſucceſſo, como ſe foy aſſim, lhe moſtrou a experiencia, porque muitos Hiſtoriadores ſeguiraõ aquella tradiçaõ com circunſtancias mais inveroſimeis; cujo erro ſe acha novamente refutado com demonſtrações, e authoridades evidentes, pelo eruditiſſimo Academico o P. D. Joſeph Barboſa. (2) Reparo ſómente em que ſe diga, que a Condeça não ſabia nada do cazamento de ſeu marido, porque demais de ſe affirmar o contrario por muitos Hiſtoriadores, ſendo aquelle cazamento tam eſcandaloſo, e ſendo a grandeſa dos delinquentes, a que mais vulgariſa os ſeus delictos, (3) como he crivel o ignoraſſe a Condeça; e mais por ſer entre peſſoas de tam alta jerarquia; com inſtrumentos de dote publicos, e havendo taõ pouca diſtancia para a noticia, como de Portugal a França. Quando ainda os ſegredos dos Principes, mais reconditos, eſtaõ ſugeitos à infidilidade dos meſmos a que ſe confiaõ. (4) ſe obrigava a hum tal exceſſo, o ſeu affecto, ſendo deſte inſeparavel a deſconfiança,(5) como he veroſimil, ſe lhe ocultaſe a ſua offenſa. (6) Diſto ſem duvida ſe origina o pouco credito, que tem muitas hiſtorias, porque devendo ſer a verdade o ſeu eſſencial fundamento, (7) notandoſelhes algum erro em parte regularmente perdem a fé de todo

(2) Catalog. Chronolog. das Rainhas de Portugal à n. 241.

(3) Dum in imis eſt quiſpiam, ejus quodam modo vitia delitescunt; cum vero ad dignitatis culmen alcendit in ſuperficiem mox erumpunt, & quæ fuerant catenus inaudita jam per ora rumigeruli populi trita vulgantur S. Petr. Damian. Epiſt. 20 ad Cadol. Qui magno imperio præditi, in excelſo ætatem agunt, eorum facta cuncti mortales norere. Saluſt.

(4) Arcana Regũ ipſi præduni Satellites Grutcrus. Florileg. c. 2.

(5) Vel alieni amoris æmulus, quod frequentiſſimum eſt in amore vitium. Guillielm. Caſtellus apud Textor. in Epithet.

(6) Ita Zelotipus in omnes aliorum greſſus aſſiduo intentus totidem ſuſpicionum umbras producit, quoties illos è loco moveri animadverunt Picinel. mund. Symbol. l. 16. n. 66.

(7) Non oſtentationi, ſed fidei, veritati que comparatur Plinio Iun. l. 6. Epiſt. 16. lux et evangelium veritatis Caſſian. catal. glor. mund. p. 10. conſid. 46.

todo. (8) E ainda que pelo Hiſtoriader a que foraõ commettidas as memorias deſte Monarcha na Real Academia, que V. Mageſtade inſtituhio para que reſuſcitaſſem na memoria dos ſeculos futuros, aquelles Heroes, que ſendo na vida eſclarecidos, os eſcureceu a morte, ſepultando-os nas tenebroſas urnas de hum ingrato eſquecimento (9) ſe reſtituirà de todo à verdade aquelle ſucceſſo, conforme a empreſa da meſma Academia: com tudo ſendo na opiniaõ de Santo Auguſtinho util que ſe publiquem livros repetidos ſobre a meſma materia, com diverſidade de eſtylo, (10) ainda me parece ſe póde conceder a licença, que ſe pede, ſendo V. Mageſtade ſervido, porque ſempre ficará illeſa a fama do Author da Hiſtoria, na opiniaõ dos que o conhecem, diſtinguindo na obra o que póde ſer parto do ſeu entendimento. Lisboa Occidental 20. de Julho de 1727.

Manoel de Azevedo Soares.

QUe ſe poſſa imprimir viſto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſa torne à Meſa para ſe conferir, e taxar, e ſem iſſo não correrà. Lisboa Occidental 7. de Agoſto de 1727.

Pereyra. *Oliveyra.* *Teyxeyra.*

(8) Et ſi per currantur nonnum hiſtoricorũ ſcripta, facile reperiuntur multa falſo ab eis conſcripta, quod fit, ut falſus in uno, in cæteris fidè perdant. Menoch. cõſ. 112. v. 71. Parif. conſil. 23. n. 253.

(9) Hiſtoria rerũ quę geſtarum deſcriptio, tubæ clangor, quo jam olim mortui velut è ſepulcro excitati, in mediũ producuntur. Nicetas. Quia hoc quotidianũ, & vulgare eſt, multi famoſi in vita, & clari poſt obitũ, ſunt incogniti, & obſcuri. Petraca de proſper. fortun. Dialog. 117.

(10) Utile eſſe plures libros à pluribus diverſo ſtilo, de eiſdem quæſtionibus fieri, ut ad plurimos res ipſa perveniat ad alios quidem ſic, ad alios vero ſic. D. Auguſt. in quæſtion. de Trinit. c. 3.

CO-

INDEX

DOS CAPITULOS DESTE LIVRO.

CAP. I. *Como ſe intitulou Rey de Portugual, e do Alguarve, e como acrecentou os Caſtellos no Eſcudo das Armas Reaes, e a cauſa porque.* pag. 1.

CAP. II. *Como ElRey D. Affonſo ſendo cazado com a Condeça de Bolonha em França, ha leixou, e cazou com a filha delRey de Caſtella.* pag. 3.

CAP. III. *Como ha Condeça de Bolonha veyo ha Portugual, e como ElRey ſeu marido a nom quiz ver, e ella ſe tornou, e do que ſobre eſſo fez.* pag. 4.

CAP. IV. *Como depois da morte da Condeça de Bolonha foy deſpenſado com ElRey D. Affonſo, que cazaſſe com ha Rainha Dona Breatiz, e dos filhos que della ouveſſe.* pag. 6.

CAP. V. *Das terras, e Luguares que ſe acrecentaram ha Portugual por eſte cazamento.* pag. 8.

CAP. VI. *Que fundamento ouve para ho Meſtre D. Payo Correa começar de Conquiſtar ho Alguarve, que era dos Mouros.* pag. 10.

CAP. VII. *Do acordo que hos Mouros fizeram contra ho Meſſtre, e como ouveram com elle batalha em que foraõ vencidos.* pag. 12.

CAP. VIII. *Como ouve treguoa antre hos Chriſtãos, e Mouros, e com que fundamento cada huns ho outorguaram, e como foy ha morte dos ſete Cavalleyros Martyres, e ho Meſtre tomou Tavilla.* pag. 13.

CAP. IX. *Como ho Meſtre tomou Selir, e Alvor, e ha Cidade de Silves, e porque partidos ha leyxou ahos Mouros.* pag. 17.

CAP. X. *Como ho Meſtre tornou cerquar Paderne, e ho tomou, e do fundamento que ouve para ElRey D. Affonſo de Portugual aver para ſy o Reyno do Alguarve, e ſe intitular delle, e com que obriguaçam lhe foy dado.* pag. 19.

CAP. XI. *Como ElRey D. Affonſo de Portugual deſpois de lhe ſer dado ho Alguarve tomou ahos Mouros ha Villa de Faraaõ, em que foy em ſua ajuda ho Meſtre*

D.

D. Payo Correa. pag. 21.

CAP. XII. *Como ElRey D. Affonſo cercquou, e tomou Loulee, e como ha Aljaſur tomou ho Meſtre de Santiaguo, e ho Meſtre Daviz Alboſeira, e da declaraçam, que ſe fez deſte nome Alguarve, e dos Luguares que aguora nelle cabem pag.* 24.

CAP. XIII. *Como ho Reyno do Alguarve por divizões, que ouve foy poſto em terçaria de Cavalleyros Portuguezes, e ho que ſobre eſſo ſe fez. pag.* 26.

CAP. XIV. *Como ElRey D. Affonſo de Caſtella quitou aho Ifante D. Dinz ſeu neto, ha obrigaçaõ do Alguarve, e ha ſoltou ha Portugual livremente para ſempre. pag.* 28.

CAP. XV. *Da morte do Meſtre D. Payo Correa, e das cauſas que ouve para ElRey D Affonſo de Caſtella, pay da Rainha de Portugual ſer deſobedecido, e como foy ajudado de Portugual, q̃ foy fundamẽto para ſe acrecentarem ha Portugual hos Luguares de riba Dodiana. pag.* 29.

CAP. XVI. *Do falecimento del Rey D. Affonſo de Portugual, e como antes de ſeu falecimento deu caza aho Ifante D. Diniz ſeu filho erdeyro. pag.* 33.

CO-

CORONICA

DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO III.

QUINTO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Como ſe intitulou Rey de Portugual, e do Alguarve, e como accrecentou hos Caſtellos no Eſcudo das Armas Reaes, e ha cauſa porque.

POR falecimento delRey Dom Sancho deſte nome ho ſegundo, ha que diceraõ Capello, porque delle nom fiquou erdeyro do Reyno legitimo deſcendente, que ho ſucedeſſe, foy alevantado, e obedecido por Rey na Cidade de Lisboa ho Iſante Dom Affonſo Conde de Bolonha, ſeu irmaõ, ha q̃ ho Reyno de Portugual por ſuceſſam direytamente pertencia, em idade de trinta e oyto annos na era de mil e duzentos e quarenta e ſete, ho qual era filho legitimo delRey Dom Affonſo ho Segundo, irmaõ menor do dito Rey Dom Sancho, por cujos defeytos, e por nom reger como devia elle veo de Bolonha ha eſte Reyno de Portugual, e ho guovernou, e defendeo dous annos, nom ſe chamando Rey, mas Procurador, e Defenſor delle por mandado do Papa, como na Coronica delRey Dom Sancho claramente ſe dice, e depois que ho dito Rey Dom Affonſo Reynou durando hos primeyros annos de ſeu Reynado, e

1247.

antes de ſer cazado ha ſegunda vez com ha Rainha Dona Breatiz, ſua ſobrinha, filha delRey Dom Affonſo deſte nome ho Decimo de Caſtella, ſe intitulou ſóomente Rey de Portugual, e Conde de Bolonha, e trouxe ſeu Eſcudo com has ſóos Quinas ſem ha Orla, e bordadura dos Caſtellos, aſſi como hos outros Reys de Portugual atée eſte tempo trouxeram, ſegundo eu Coroniſta ho vi nos ſelos pendentes de algumas ſuas Cartas, que naquelle tempo paſſaram, e has achey na Torre do Tombo deſtes Reynos, de que por ho officio ſom Guarda-móor.

Porque depois que com ha dita Rainha Dona Breatiz lhe foram dadas has Villas, e Caſtellos do Reyno do Alguarve, elle foy ho que primeyro ſe intitulou Rey de Portugual, e do Alguarve, e poz na Orla do dito Eſcudo, e Quinas hos Caſtellos dourados em campo vermelho, que loguo elle, e depois hos outros Reys de Portugual que delle decenderam ſempre atéeguora trouxeram, e eſto afirmo aſſi por declaraçam da duvida, que por muytos ſobre hos ditos Caſtellos jáa ouvi mover, ha ſaber, ſe ſam Caſtellos por eſta rezaõ, que dice, ou pelos de Riba de Coa, que ha eſte Reyno creceram, ou ſe eram com folões, ou bandeyras, que ſe dizem has Armas do Condado de Bolonha, e aſſi diſputar ſobre ho numero dos ditos Caſtellos, ha que diguo, e afirmo que nom podem ſer Caſtelos pelos de Riba de Coa, porque ElRey Dom Diniz filho delRey Dõ Affonſo hos guanhou, e ouve depois que Reynou, como em ſua Coronica ſe dirá, nem menos pareçam, que ſejam por reſpeyto das Armas de Bolonha, que por ſeu cazamento, poſto que em ſua vida has trouxeſſe, ellas nom fiquavam, nem podiam ficar depois de ſua morte à Coroa Real do Reyno de Portugual, quanto mais que ha honeſtidade, e rezam contrariavam elle trazer em Portugual has Armas de Bolonha, por memoria da Condeça ſua molher de que contra direyto, e em deſprezo della ſe apartou, e nunqua depois ha quiz ver, por onde hee muy certo que ſóomente ſaõ pelos ditos Caſtellos do Reyno do Alguarve como dice.

Hos quais Caſtellos, poſto que na primeyra doaçam delRey de Caſtella fiquam delRey Dom Affonſo, ſeu genro ha ſeus filhos, eſtaõ por numero certo, e aſſinados, nem poriſſo obriguaõ ſerem trazidos nas Armas por aquelle numero certo, porque naquelle tempo ElRey de Caſtella lhe deu hos mais que guanhaſſe, como guanhou ſem hos declarar, aſſi que eſtes Caſtellos ſam poſtos na Orla, nom por numero certo, mas ho que nella em boa porporçam bem podeſſe caber, e porém ElRey Dom Affonſo loguo como Reynou, e aſſi depois que ha ſegunda vez cazou foy boom Rey, verdadeyro, e prudente, e

de

de coraçam muy esforçado, e muito amiguo da Justiça, por ha qual ha muitos mal feytores, que foram prezentes, e em seus crimes compreendidos, deu suas devidas penas, com medo das quaes outros se foram da terra, e regeo bem ho Reyno com devida, e inteyra equidade, e proveo ho povo em inteyra Justiça, e sua real Caza, e Fazenda com singular regra, e louvada ordenança, e fez muitas boas, e novas povoações em muitas partes do Reyno, que eram despovoradas, e mandou lavrar, e aproveytar hos termos de muitas Villas, e Castellos para repayro, e culto da terra, que dos tempos passados estava muy denifiquada, e quaes foraõ has obras dinas de memoria que fez álem dos feytos grandes darmas de sua conquista do Alguarve, no fim desta sua Coronica em soma particular estam declaradas.

CAPITULO II.

Como ElRey Dom Affonso sendo casado com ha Condessa de Bolonha em França ha leyxou, e casou com ha filha delRey de Castella.

ESte Rey Dom Affonso sendo casado com Dona Matildes Condessa de Bolonha em França, elle ha leyxou no dito Condado, e se veo ha Portugual, como na Coronica delRey Dom Sancho seu irmaõ hee declarado, e depois de sua vinda ha pouquos annos casou outra vez com ha Rainha Dona Breatiz, filha bastarda delRey de Castella, ha qual elle ouve em Dona Mayor Guilhelme de Guosmaõ, sua manceba, ha que soy muyto afeyçoado, e ha que fez muy firmes, e grandes doações de muitas Villas, Castellos, e rendas de Luguares no Reyno de Castella, para depois de sua morte fiquarem à dita Rainha Dona Breatiz sua filha, e ha seus filhos erdeyros para sempre, porque, segundo parece pelas palavras do testamento que ho dito Rey Dom Affonso fez, elle antre todolos filhos, e filhas que teve, ha esta Rainha Dona Breatiz, sua filha mostrou elle querer móor bem, e ha que mais se devia por serviço, e beneficios, e soccorros que della em suas tribulações mais que doutro algum tinha recebidos, e ha que mais desejou gualardoar, e dar muito do seu se pudera, ho qual casamento delRey, e da Rainha Dona Breatiz, quando se concertou, e se fez foy alláas maravilha dos homens que ho sabiam, assi pela grandeza do dote delle, nem sendo ha Rainha filha legitima, como principalmente por casar em tempo, que ha Condessa, sua primeyra molher ainda era viva, e sobre este passo se acha por lembrança que hum privado delRey Dom Affonso avendo este casamento por estranho, e muito contrairo ha sua conciencia lhe disse que nom fizera

bem em caſar com ha Rainha Dona Breatiz, pois ſabia que era cazado com ha Condeſſa de Bolonha, com quem jaa ſe muito contentára, e honrara de cazar, e que ElRey lhe reſpondera, que ſe nom eſpantaſſe do que tinha feyto; porque aho outro dia ainda cazaria com outra molher, ſe com ella lhe deſſem outra tanta terra, porque mais acreſcentaſſe em Portugual.

CAPITULO III.

Como ha Condeſſa de Bolonha veyo ha Portugual, e como ElRey ſeu marido ha nom quis ver, e ella ſe tornou, e do que ſobre eſſo fez.

E Paſſados alguns annos depois que ElRey Dom Affonſo partio de Bolonha ha Condeſſa ſua molher, ſoube láa ho falecimento delRey Dom Sancho, e aſſi como ho Conde ſeu marido pacifiquamente era alevantado, e obedecido por Rey de Portugual, e nom ſabendo nada do cazamento delRey, e confiando que elle ſe ha viſſe ha trataria, e honraria como ha verdadeyra ſua molher, que era, feſſe loguo preſtes, e em Naos bem aparelhadas, e de Cavalleyros, e nobre gente, e doutras gentes bem acompanhada, e com hum ſeu filho, que ſe diz que tinha de ſeu marido, partio de ſua terra, e veo ancorar ante ha Villa de Caſquais, finquo leguoas de Lisboa, onde preguntando ella, e hos ſeus por ElRey onde era? Foy loguo certifiquada que ElRey eſtava em Frielas, duas leguoas de Lisboa, cazado jáa com outra molher, com has quaes novas ha Condeſſa recebeo muita torvaçam, e grande triſteza, e pezoulhe muito de ſua vinda, e aſſi ahos de ſua companhia, eſpecialmente depois que ſoube ho eſtado, e condiçam da ſegunda molher, que era filha delRey de Caſtella.

E tendo concelho ácerqua do que neſte cazo faria, acordaram, que antes de tudo era bem que foſſem ha ElRey dous ſeus Cavalleyros principaes, que vinham com ella, e delle eram bem conhecidos e ha que por ſeus ſerviços, que nas guerras de França lhe tinham feytos, e por outros merecimentos, queria grande bem, e q̃ elles lhe fizeſſem ſaber da vinda da Condeſſa, e aſſi ho nojo, e eſpanto que por ſeu cazamento tinha com rezam recebido, e ſoubeſſem delle finalmente ha determinaçam de ſua vontade. Elles Cavalleyros em cheguando ha ElRey foram loguo delle por ſeu conhecimento muy bem recebidos, mas depois que lhe propuzeram ha Embaxada da Cõdeſſa com ha graveza, e eſtranhamentos, que ella mandou, e diceraõ ho mortal ſentimento, e deshonra em que eſtava, e lhe pedia que por comprir ſua bondade, e conciencia ha recebeſſe no Reyno, e trataſſe

por

por ſua molher como merecia.

ElRey avendoſe delles por eſcandalizado, por ouzarem de lhe trazer em tal tempo tal menſſagem com ho roſtro irado lhes dice, que de nom perderem has vidas com ſuas cabeças cortadas hos releva-va naquella ora ho grande bem que lhes queria, e hos muitos ſervi;os que lhe tinham feytos, e que porem nom fizeſſem ante elle n ais detença, antes que loguo ſe tornaſſem à Condeſſa,e lhe diceſſem que nom laiſſe em ſeu Reyno, mas que delle loguo ſem nenhuma delonga ſe partiſſe, e ſe tornaſſe para ſua terra donde viera, que ſe ho aſſi nom fizeſſe elle teria com ella tal maneyra de que lhe muito pezaria.

Com eſta reposta chea de tanta alpereza, e fóra de toda ha humanidade, hos Cavalleyros ſe tornáram para ha Condeſſa, ha qual maravilhada, e atemorizada da ſem rezam, e indinaçam delRey, e das mais couſas, que elles em ſeu cazo mais paſſaram, e lhe contáram; mandou fazer preſtes ſuas naos, e embarquou nellas, e ſe tornou para Bolonha,e aho tempo que ha Condeſſa veo ha Caſquais ſe diz, que ella trazia hum filho ſeu, e delRey Dom Affonſo, como jáa dice, cujo nome,vida, nem feytos nom achey declaradamente eſcritos, porque huns dizem, que quando ha Condeſſa ſe partio de Calquais, que ho leyxou em terra, para que ho levaſſem ha ſeu pay, dizendo que nom quizeſſe Deos, que com ella tornaſſe couſa delRey, e por outra certa lembrança achey, que ella tornou ha levar ſeu filho comſiguo, e que depois ho mandou ha Portugual, onde ElRey ho mandou bem criar, e que ſayo muito bom Cavalleyro, e muy amado delRey, e dos Nobres do Reyno, e que foy cazado com huma filha do Iſante Dom Pedro de Caſtella, que era ha mais fermoſa molher Deſpanha; mas qual era eſſe Iſante Dom Pedro, e ſua filha, e hos nomes delles, e em que tempo cazaram, e que terra tiveram, e ho que ſe delles fez depois eu ho nom ſoube.

Ha Cõdeſſa como chegue u á ſua terra manifeſtou loguo ſua querella ha ſeus parentes, que eram Nobres, e grandes homens no Reyno de França, por cujo concelho, e ajuda, ella ſe envieu loguo querelar aho Papa, que entam era em França, notefiquandolhe larguamente todo ho que com ſeu marido paſſára no Reyno de Portugual, pedindo ha Sua Santidade que com ſuas Excommunhões, e Cençuras mandaſſe apartar ElRey Dom Affonſo ſeu marido, da Rainha Dona Breatiz, que como Chriſtãos, nom podiam cazar,como cazaram; e mandaſſe que recebeſſe ha ella para ter ha honra, dinidade, e terras que de direyto, como ſua verdadeyra molher lhe pertencia. E ho Papa maravilhado, da novidade por ſeu Breve ho envieu muito eſtranhar ha ElRey Dom Affonſo, e lhe roguou

guou, e amoeſtou com palavras catholicas, e muy honeſtas, que loguo ſe apartaſſe do ſegundo cazamento, e quizeſſe eſtar pelo primeyro, conforme ha juſtiça, e petiçaõ da Condeſſa, e porque ElRey nom ſatisfez cõ efeyto ahos mãdados Apoſtoliquos, ho Papa enviou ſua comiſſaõ aho Arcebiſpo de SanTiaguo, porque lhe mandou que outra vez requereſſe, e amoeſtaſſe ElRey Dom Affonſo àcerqua de ſeu apartamento, e quando loguo ho nom fizeſſe, que ho citaſſe, e emprazaſſe, que ha quatro mezes pareceſſe em peſſoa perante elle em ſua Corte, para ſer ouvido com ha Condeſſa, e eſtar ha todo comprimento de juſtiça, e ho Arcebiſpo fez inteyramente todo ho que neſte cazo ho Papa lhe mandou, mas ElRey nom foy à citaçam em peſſoa, mas creeſſe que mandaria ſeu Procurador, por elle ſobre eſte neguocio. Foy na Corte do Papa ordenado proceſſo, e foy por elle tanto procedido que em favor da Condeſſa, e contra ElRey foy dada ſentença do apartamento ſeu, e da Rainha Dona Breatiz, e porque nom obedeceram ha ella, foy pelo Papa poſto antredito em todo ho Reyno que durou muitos annos, acabados hos quaes andando ha
1262. era em mil e duzentos ſeſſenta e dous, ha Condeſſa de Bolonha Dona Matildes faleceo em França, por morte, que em Portugual foy loguo ſabida.

CAPITULO IV.

Como depois da morte da Condeſſa de Bolonha foy deſpenſado com ElRey Dom Affonſo que cazaſſe cõ ha Rainha Dona Breatiz, e dos filhos que della ouveſſe.

LOguo todos hos Prelados, e Nobres homens, e povo do Reyno enviaram ſopricar aho Papa, e pedirlhe que pois ha dita Condeſſa era falecida mandaſſe alevantar ho antredito q̃ no Reyno por muitos annos era poſto, e quizeſſe diſpenſſar ſobre ho cazamento delRey com ha Rainha Dona Breatiz, porque ambos como marido, e molher podeſſem licitamente viver, e fiquaſſem lidimos hos filhos, que jàa tinham avidos, e hos que dahy por diante ouveſſem, para com ſua deſpenſaçam poderem direytamente ſoceder no Reyno de Portugual, depois da morte delRey ſeu padre, e aſſi quizeſſe revoguar todalas doaçoens que ElRey Dom Sancho Capelo em fraude, e detrimento da Coroa de Portugual em ſuas neceſſidades tinha feytas aho Ifante Dom Affonſo de Molina, e ha outras quaeſquer peſſoas, por quam ſem cauza, e contra direyto eram, ha que ho Papa em todo loguo ſatisfez, ſobre que mandou

dou paſſar ſuas Proviſoens Apoſtoliquas, que vieram ha eſte Reyno, e eſtam em guarda na Torre do Tombo, ſóomente ſe acha que pela legitimaçam do Ifante Dom Diniz filho primeyro, e erdeyro, porque nacera em vida da Condeſſa de Bolonha, ElRey Dom Affonſo ſeu pay deu em eſpecial, muita parte de ſeu theſouro.

ElRey Dom Affonſo ouve da Rainha Dona Breatiz ſua molher eſtes filhos, ha ſaber ho Ifante Dom Diniz, que foy depois ſeu erdeyro, e ſuceſſor, e naſceo em Lisboa dia de Sam Diniz, ha nove dias de Ou-
1261. tubro de mil duzentos ſeſſenta e hum annos, e por ha devaçam deſte Santo, em cujo dia naſceo, elle mandou depois fazer ho ſeu Moeſteyro de Sam Diniz de Odivellas, onde ſe mandou ſepultar, como em ſua Coronica direy mais inteyramente. E ouve mais ho Ifante Dom Affonſo, que foy Principe muy honrado, e de grande eſtima, e teve neſte Reyno boas Villas, e Caſtellos, e terras, e foy cazado com Dona Violante, filha do Ifante Dom Manoel de Caſtella, e da Ifante Dona Coſtança Daraguam, de que ouve hum filho baram, e tres filhas, que foram grandemente cazadas em Caſtella, de que na Coronica delRey Dom Diniz farey mais largua declaraçam; e aſſi ouve mais ElRey Dom Affonſo da Rainha Dona Breatiz ha Ifante Dona Branqua, que ſendo muy moça, foy recebida por Senhora do Moeſteyro de Lorvam, aſſi como ho fora ha Rainha Dona Thareja, ſua tia, q̃ nelle jáaz, e ho reformou, como jaa tenho dito, e depois do falecimento delRey Dom Affonſo ſeu pay, ella foy recebida por Senhora das Olguas de Burguos, onde ſem cazar faleceo, e aby jáas ſepultada; e della porém ſe acha que hum Cavalleyro dito ho Carpiteyro ouve hum filho, que ouve nome Dom Joam Nunes do Prado; e eſte foy Cavalleyro da Ordem de Calatrava, e depois foy Meſtre della, quando Dom Guarcia Lopes, que era Meſtre, foy por ſeus deſmerecimentos privado de Meſtre.

E com tudo eſta Ifante Dona Branqua foy Princeza de muy louvadas virtudes, e teve em Caſtella boa terra, e neſte Reyno boa fazenda, porq̃ élla foy ſenhora de Monte moor ho Velho, por doaçam delRey ſeu pay, que em ſeu teſtamento lhe leyxou mais dez mil livras, que ſam quatro mil cruzados, e aſſi foy ſenhora de Campo mayor, que ElRey Dom Diniz ſeu irmam lhe deu em ſua vida, e ElRey Dom Affonſo deſte nome ho Decimo de Caſtella, ſeu avoo tambem lhe leyxou em ſeu teſtamento muito dinheyro, e alguns dizem q̃e ella jáas em Lorvam, mas eu vi Cartas, e Proviſões, que ella nos derradeyros dias de ſua vida paſſou para Portugual, feytas dentro no Moeſteyro das Olgas de Burguos, onde tambem recolheo algumas filhas do Ifante Dom Affonſo de Portugual

ſeu

ſeu irmam. E aſſi ouve mais ElRey Dom Affonſo ha Ifante Dona Coſtança ſua filha, ha qual ha Rainha Dona Breatiz ſua madre levou cõſiguo ha Sevilha, quando foy ver ElRey Dom Affonſo ſeu pay, e láa faleceo, e foy trazida ha Alcobaça, onde jáas ſepultada. E ouve mais hum filho baſtardo, que ouve nome Dom Fernando, que foy Cavalleyro da Ordem do Templo, e jáas ſepultado em S. Bras de Lisboa.

CAPITULO V.

Das terras, e Luguares que ſe acreſcentaram ha Portugual por eſte cazamento.

POlo cazamento delRey Dom Affonſo com ha Rainha Dona Breatiz muitas Villas, e terras do Reyno de Caſtella creceram, e ſe ajuntaram ha eſte Reyno de Portugual, e deſtas has que ſam na Comarqua de Riba Dodiana, ha ſaber Moura, Serpa, Mouram, Noudar, Olivença, Campo mayor, e Ouguela, direy na Coronica delRey Dom Diniz, porque em ſeu tempo elle por concordias, e por eſcambos has ouve, e depois atéeguora ſempre pacifiquamente, e ſem contradiçam foram, e ſam poſſuidas por da Coroa de Portugual, mas porque he claro, e muy notorio que por bem do dito cazamento, ainda creceram mais aho Reyno do Portugual, ho Reyno do Alguarve; de que eſte Rey Dom Affonſo nova, e primeyramente ſe intitulou, e por cujo reſpeyto em ladeo ha borla dos Caſtellos às Quinas de Portugual, como atraz jàa toquey, para dizer hos principios, que teve para boa declaraçam dos que eſto virem farey meu fundamento hum pouquo mais alto, que ſerá verdadeyro, e breve, como ſe ſegue.

ElRey Dom Fernando de Caſtella deſte nome ho ſegundo, depois de ter pacifiquos hos Reynos de Caſtella, e de Liam, que nelle ha ſegunda vez ſe ajuntaram, guanhou dos Mouros ha Cidade de Cordova, na era de mil e duzentos 1235.
e trinta e ſinquo annos, naqual tomada foy com ElRey Dom Fernando Dom Payo Correa, natural de Portugual, Meſtre da Ordem Daviz, que he ha de San-Tiaguo em Caſtella, por muy principal, e de grande Caza, e muy esforſado guerreyro contra hos imiguos da Fée, e porque ElRey Dom Fernando deſejou muito de cobrar ha Cidade de Sevilha, e aſſi ha terra Dandaluzia, que toda era de Mouros, tornandoſe para Caſtella leyxou por Fronteyro contra ella Dom Payo Correa em Sam Lucar Dalbayda, e hum Dom Rodriguo Alveres das Aſturias, em Alqualà da Guardara, donde com muitas gentes que tinham, e com ha guerra aturada, que faziam, poſeram ha Cidade de Sevilha em tanta eſtreyteza q̃ ho Rey della lhe deu gram

ſoma

ſoma de ouro, por treguoa de hum anno, que hos ditos Freyres lhe outorguaram, dentro do qual hos Mouros com fundamento de ſe proverem por muitos annos, ſemearaõ todo ho paõ, e ſementes que tinham de que eſperavam aver novidades, com has quaes recolhidas lhes pareceo que ſe ſegurariaõ, e manteriam por vinte annos, ainda que nelles foſſem guerreados, e cerquados, ho qual hos ditos Fronteyros notifiquaram loguo ha ElRey Dom Fernando, e ho avizaram, que para teer eſperança de cobrar em breve ha Cidade antecipaſſe loguo ha guerra contra hos Mouros, ou ha colheyta das ditas novidades para ſi meſmo, ho qual loguo ElRey ſatisfez, e com grande poder, que ajuntou por maar, e por terra, veo cerquar ha Cidade, e depois de eſtar dezaſeis mezes ſobre ella, com cerquo bem afrontado ha tomou, ca ſe deu por partido, com ſegurança das vidas, e fazendas em dia de Saõ Clemente, vinte e dous dias de Novembro, na
1248. era de mil duzentos quarenta, e oyto annos, treze annos depois da tomada de Cordova; e ho dito Rey Dom Fernando, por mais ſegurança da terra, nom ſahio mais de Sevilha, e ahy faleceo no anno de mil duzentos e cinquoenta e dous, tres annos, e meyo depois da tomada de Sevilha, e ahy jàas ſepultado.

Eſtà beatificado por Santo.

E foy loguo alevantado, e obedecido por Rey de Caſtella, e de Liaõ, ElRey Dom Affonſo ſeu filho, ſogro deſte Rey Dom Affonſo Conde de Bolanha; e ho meyo tempo que ouve antre ha tomada de Cordova, e Sevilha, e em que ho Meſtre Dom Payo Correa, era Fronteyro em Andaluzia contra hos Mouros, elle guerreando, e correndo has terras dos imiguos, que eraõ à ſua frontaria conjuntos, entrou pela Luſitania junto do campo Dourique, que dentro era da conquiſta de Portugual, Reynando ainda Dom Sancho Capello, e por força de armas ho dito Meſtre tomou em deſvayrados tempos has Villas de Aljuſtrel, e de Mertola, que eram de Mouros, has quaes ha requerimento do dito Rey Dom Sancho, e por mandado delRey Dom Fernando de Caſtella, ſeu primo com Irmaõ, foram entregues aho dito Rey Dom Sancho por pertencerem ha Portugual, ho qual por ſua devaçam, e pelas almas de ſeu pay, e de ſua mãy, ſegundo diz em ſua doaçam, e aſſi por comprir aho dito Meſtre Dom Payo Correa, que era ſeu ſervidor, has deu loguo à Ordem de Sàn. Tiaguo, cujas oje ſaõ.

CAPITULO VI.

Que fundamento ouve para ho Meſtre Dom Payo Correa começar de conquiſtar ho Alguarve, que era dos Mouros.

DEpois que ho Meſtre Dom Payo tomou eſtes Luguares da conquiſta de Portugual, atée ſe guanhar ho Alguarve, paſſáram dous tempos em que reynáram dous Reys de Caſtella, ha ſaber ho dito Rey Dom Fernando, em cujo tempo ho dito Meſtre tomou primeyramente Tavilla, e Sylves, e alguns outros Luguares do Alguarve, e apoz elle Reynou ho ſobredito Rey Dom Affonſo ſeu filho, que Reynando em Caſtella depois de fazer ſua doaçam para ſempre ha ElRey Dom Affonſo Conde de Bolonha ſeu genro, e a Dom Diniz, ſeu filho ſe guanharam todolos outros Luguares do Alguarve, em que tambem foy ho dito Meſtre como Vaſſallo, e Compadre, q̃ era do dito Rey Dom Affonſo Conde de Bolonha, e foy por eſta maneyra. Quando ho Meſtre Dom Payo Correa guanhou dos Mouros Aljuſtrel, como he dito, ſe acha, que eſtando ainda no dito Luguar, elle como boom Cavalleyro, e catholico guerreyro, deſejando conquiſtar eſta parte do Alguarve, que confinava com Portugual, que toda era de Mouros, para ſaber ſe ho poderia fazer, e como ho faria, teve concelho com ſeus Cavalleyros, em que nom achou conforme acordo, aſſi, porque alguns contrariavam ha empreza, e paſſagem da terra do Alguarve, como porque era muy povorada, e hos Mouros della tinham pelo maar ſeu grande ſoccorro, e ajuda Dafriqua.

Mas ho Meſtre, cujo coraçam era jáa favorecido da vontade de Deos, prepoz entender na conquiſta, e nom ha leyxar, para eſſo falou apartado com Guarcia Rodrigues Mercador, que de contino tratava neſte Alguarve com hos Chriſtãos, e com hos Mouros ſuas mercadorias, e ſecretamente lhe diſſe, que ſeu deſejo era com ajuda de Deos, e por ſeu ſerviço cobrar dos Mouros, eſta terra do Alguarve ſe podeſſe, para que entam avia ſingular diſpoſiçaõ pelo deſvayro, e diſcordia em que ſabia, que eſtavam hos Reys, e Senhores, que hos ſenhoreavam, mas que ho nom commettia, porque nom ſabia, nem tinha quem ſoubeſſe has entradas, e caminhos da terra, e por tanto lhe rogava pois elle eſto tudo ſabia que lhe diceſſe ſeu parecer verdadeyro, como delle por Chriſtam, e boom homem confiava. E Guarcia Rodrigues, em que avia boom eſpirito, lhe deu para eſſo tam boom concelho, e tanto eſforço, e tal aviamento, que ho Meſtre apartou loguo alguns ſeus corredores por maneyra dalmoguavaria, para que foſſem

foſſem diante, hos quaes partiram Daljuſtrel, e paſſaram à terra pela Torre Dourique, e andaram de noyte muy atentadamente por hos Mouros nom aventarem delles alguns ſentimentos; e ho primeyro Luguar ha que cheguaram foy à Torre Deſcoubar, que por eſtar deſpercebida, e ſem algum receo de Chriſtãos prouve ha Deos, que ſem muyta força, nem periguo foy loguo tomada, donde enviaram loguo recado aho Meſtre, ho qual nom com menos alegria, que preſſa fez preſtes ſeus Cavalleyros, que nas armas trazia aſáas cuſtumados, e bem enſinados, com que loguo partio, e com ſuas guias que levava, chegou à dita Torre, que era tomada, e dahi ſem muyta detença cobrou mais ho Luguar Dalvor, que he antre Sylves, e Laguos, e deſtes Luguares ambos depois de ſerem de Chriſtãos ſe fazia grande guerra ahos Mouros, que eſtavam em Sylves, e nos outros Luguares comarcãos.

Sentindoſe hos Mouros do Alguarve muy perſeguidos, e aſáas denifiquados do Meſtre, elles ſobre conſultaçam, que antre ſy fizeram, lhe cõmetteram, que ſelle quizeſſe lhe dariam ho Luguar de Cacella junto com Tavilla por hos Luguares Deſtombar, e Alvor, que tinha tomados, e ha conciraçam, que hos Mouros tiveram, foy dos Luguares tomados, por ſerem no meo do Reyno, e mais juntos do Cabo de Saõ Vicente, onde ha terra era entam mais pouorada ſe podia fazer, e fazia mais dano, que de Cacella, que era mais no fim da terra, e principalmente junto com Tavilla, que por ſer Luguar forte, e de grande povoraçam hos Mouros, e vizinhos, e moradores delle poderiam mais facilmente lançar hos Chriſtãos, do qual partido, e eſcambo prouve muyto aho Meſtre, que loguo entregou ahos Mouros hos Luguates tomados, e cobrou para ſy Cacella, que era Luguar forte, e boom, onde ſe fez loguo preſtes, e ſahio com ſuas gentes para hir cerquar, e tomar Paderne.

E como quer que atêe ly hos Mouros eram antre ſy em grandes deſconcertos, como atraz ſe diſſe, porém ha neceſſidade, e periguo em que ha ida do Meſtre hos poz, hos fez loguo amiguos, e concordes para com iguaes corações defenderem ſuas peſſoas, e terras, pelo qual ſabendo hos Mouros de Faraõ, e de Tavilla, e aſſi hos dos outros Luguares de redor, como ho Meſtre era fóra de Cacella, para correr, e guerrear ſua terra, avizaram tambem hos de Loulee para que todos no dia ſeguinte tiveſſem aho Meſtre ho paſſo, e pelejaſſem com elle, hos quaes aho outro dia ſobre eſte acordo ſe ajuntaram, e partindo, foram dormir contra ha ſerra ha hum Luguar, que dizem ho desbarato, e deſte ajuntamento, e acordo nom ſendo ſabedor ho Meſtre paſſou de noyte muy

ſecretamente por Loulee ſem ſer ſentido, e ſeguindo ſeu caminho direyto, que vem para Tavilla, porque has ſuas eſcutas, que hiam de diante ſentiraõ hos Mouros naquelle luguar, onde jaziaõ, ho Meſtre nom quiz mais abalar, e aly de noyte ſe deteve, e aho outro dia, como foy manhãa ho Meſtre com ſua ſingular, e coſtumada deſtreza de guerra ordenou ſuas gentes em batalhas, e guiados de ſua bandeyra, que levavam tendida nom andaram muitos paſſos, que loguo nom ouveram viſta dos Mouros, que jaziam em hum valle eſcuro, hos quaes vendo ha pouqua gente dos Chriſtãos em comparaçam da muita ſua que tinham, foram muy alegres, ca tiveram grande eſperança de averem ha vitoria.

E ho Meſtre ſem mais detença rijamente deu nelles, em que loguo achou grande esforço, e muy periguoſa reſiſtencia, pelo qual antre todos ſe travou muy crua, e bem ferida batalha, em que ha vitoria por grande eſpaço eſteve em balança, mas em fim nom podendo hos Mouros jáa ſofrer ahos Chriſtãos, nem às mortes, e feridas, que de ſuas mãos recebiam, volveramlhe as coſtas, e com dezacordada fogida, cada hum procurou de ſalvar ſua vida. Neſta batalha foram dos Mouros muitos mortos, e feridos, e hos que eſcaparam acolheram-ſe ha hum Luguar, que chamam *ho Furadoyro*, que vem donde foy eſta peleja caminho da fonte, que ora dizem do Biſpo, e porém hos Chriſtãos por ha qualidade da fronta nom ſiquaram ſem ſua parte de dano, mas eſte nom acho eſcrito quanto ſeria, ſóomente que ho Meſtre, e hos ſeus pelo grande trabalho, e muito cançaſſo da batalha nom ſeguiram ho alcanço dos Mouros, e ſe recolherám.

CAPITULO VII.

Do acordo que hos Mouros fizeram contra ho Meſtre, e como ouveram com elle batalha em que foram vencidos.

HOs Mouros de toda ha terra, por eſte deſtroço, e desbarato, que ouveram moſtraram muito nojo, & grande triſteza, em eſpecial hos de Tavilla, porque tinham imiguos tam fortes junto comſiguo, hos quaes naquella ora juntos em ſeu concelho diceram: *Eſtes Chriſtãos nom temem, antes nos menos prezam, e nom he ſem rezaõ, porque ou por noſſa muita fraqueza, ou por noſſa grande dezaventura ſempre ſomos delles vencidos, mas aguora porque elles eram ſeguros, e deſpercebidos pela vitoria, que hontem de nós ouveram, cuidam jaa, que nom haa em nos esforço, nem acordo para noſſa vinguança, ajuntemonos outra vez, e ſem medo hos vamos commetter, e ſem duvida nòs*

los

hos desbaratarемos, e com ſua perda hos lançaremos da terra, que he noſſa.

E no outro dia ho Meſtre, que deſtas conſultas, e ardîs, nom foy, nem podia ſer avizado, partio do luguar, onde fora ha batalha para Cacella, e vindo por ſeu caminho direyto, que dizem *ho Almargem*, junto do qual hos Mouros eſtavaõ preſtes com ſeu ardil de hos ſaltearem, e ho Meſtre jàa nom trazia toda ſua gente, que ſalvou da peleja, porque alguma leyxara no monte, em que aguora he Craſto Marim, para dahi recolherem alguns ſeus, que paſſavam pela ribeyra, e porém em cheguando aho luguar do Salto, onde hos Mouros hos eſperavam, elles ſayram a elle tam de ſupito, e ho commetteram com tantas gritas, e forças, que ho poſeram em muyta torvaçam, e periguo, pela qual cõnveo aho Meſtre, e ahos ſeus por força ſe recolherem ha hum monte alto, que he junto de Tavilla, ha que depois chamaram *ha Cabeça do Meſtre*, donde pela fortaleza do luguar ſe defendiam dos Mouros milhor, e hos ofendiam com mais ſua aventagem.

Mas com tudo elles nom afroxavam hos Chriſtãos, antes por todalas maneyras de fazer mal hos combatiam, trabalhando com todas forças por lhes cobrar ho mõte, que hos ſalvava, e com tanta fortaleſa afrontavam ho Meſtre, que ſe nom ſobreviera ha noyte que hos apartou elle, e hos ſeus ſe deſpunhaõ, e eſtavam em mortal periguo, e hos Mouros apartados do combate lançaraõ-ſe aho pée do monte alonguados da viſta dos Chriſtãos, loguo com determinaçam de aho outro dia tornarem á peleja, mas elles neſte primeyro prepoſito nom perſeveraram, porque pratiquando antre ſy ſobre has gentes que aho Meſtre loguo viriam em ſeu ſocorro, e ho periguo, que neſſo corriaõ alevantaramſe, e foramſe triſtes para hos luguares donde partiram, ho que aſſi fizeram ſem viſta, nem ſabedoria do Meſtre, ho qual na noyte paſſada jáa tinha avizada ſua gente, q̃ leyxara em Cacella para que ho vieſſem ſocorrer, como loguo vieraõ com fundamento de dar batalha ahos Mouros ſe ho eſperaſſem, quando ſoube que eram partidos alegre, e a ſeu ſalvo ſe foy para Cacella.

CAPITULO VIII.

Como ouve treguoas antre hos Chriſtãos, e Mouros, e com que fundamẽto cada huns ho outroguaram, e como foy ha morte dos ſete Cavalleyros Martyres, e ho Meſtre tomou Tavilla.

HOs moradores de Tavilla, e aſſi hos Mouros das outras Villas

Villas ſeus comarcãos, vendoſe perſeguidos, e maltratados do Meſtre, por ſeus meos que antre ſy tiveram concordaram, q̃ por quanto ha eſte tempo eſtavam jáa cerqua do mez de Junho em que aviam de recolher ſeus pães, e dahi ha pouquo ſe achegava ho outro de ſeu alacil para ſequarem, e aproveytarem ſuas paſſas, e fruitas, era bem de procurarem poer com ho Meſtre treguoas atée ho Saõ Miguel de Setembro, que vinha, no qual tempo acabariam inteyramente de recolher ſuas novidades, e dahi por diante teriam milhor diſpoſiçaõ para lhe fazer ha guerra, e ho lançar fóra da terra. Da qual treguoa, que pelos Mouros foy requerida, e apontada prouve muyto aho Meſtre, e lha deu, de que fizeram ſuas certidões com fundamento, que nom ſóomente neſte tempo daria deſcanço ahos ſeus dos muitos trabalhos, que tinham paſſados; mas que ainda nelle ſe perceberia das mais gentes, que para ho dezejado fim de ſua empreza lhe eraõ neceſſarias.

E ſendo por bem deſta treguoa hos Chriſtãos, e hos Mouros de huma parte, e da outra ſeguros, D. Pedro Rodrigues, Commendador móor de San-Tiaguo, que era na companhia do Meſtre dice ahos outros Cavalleyros, que por ſeu deſenfadamento, pois eſtavam em treguoa foſſem com ſuas aves à caça aho luguar das Antas, que era termo de Tavilla, e eſtá dahi tres leguoas. Aho que foy ho Meſtre, como peſſoa muy prudente, contrayro, dizendolhe que eſcuzaſſem em tal tempo ſua ida, porque hos Mouros, por ſuas condições, nom eraõ menos cioſos da terra que das molheres, e por eſto com qualquer payxam deſtas ſendo homens ſem fée, e ſem verdade lhe poderiam fazer dano, que cuſtaria depois muy caro. Ha que ho Commendador mòor tornou dizendo, que pois eſtavam com hos Mouros em treguoas delles tam dezejadas, e requerida, que nom avia rezam para elles ſe recearem, quanto mais que elles para ſegurar eſſe pejo iriam à caça de paz, e de guerra.

Com eſta confiança ho Commendador, e ſinquo outros Cavalleyros com elle ha cavallo ſe partiram de Cacella, e trazendo ho caminho direyto de Tavilla, paſſaram pela ponte, e entraram, e ſeguiram pelo meyo da praça da Villa, e cheguaram às Antas, luguar da caça, que hee huma leguoa da Villa ha cerqua da ribeyra, onde começàram de caçar, e aver prazer ſem alguma maginaçam, nem ſoſpeyta da morte, que ſe lhes aparelhava, porque hos Mouros de Tavilla quando daquella maneyra viram paſſar hos Chriſtãos, avendo que era em ſeu manifeſto deſprezo, receberaõ por eſto grande dor, porque ſua viſta lhes fizera viva lembrança das mortes, e malles, que delles jáa muytas vezes tinham

nham recebidos, e diceraõ antre ſy: *Certamente hos homens, que ſomos, que ſofrem tanta minguoa, e tanto deſprezo quanto eſtes Chriſtãos com ſoberba nos fazem ſaõ mais que mortos, e nom tem ſizo, vergonha, nem coraçam, aſſi paſſam por aqui hos Chriſtãos noſſos imiguos tam ſeguros como ſe foſſemos beſtas, e elles Senhores da noſſa Villa.*

Sobre has quaes palavras de murmuraçam ſe ajuntaram muitos com grande honra, e determinaraõ hir loguo, como foram com grande ira, e com paſſos muy apreſſados ſobre hos Chriſtãos, hos quais andando à caça, quando viram tantos Mouros, ca ha grande ſua preſſa, e alvoroço com que hiam, em cazo que ainda foſſe de longe loguo preſumiram ha máa, e indinada tençaõ, com que vinham, pelo qual leyxadas has aves, e ſeu officio ociozo ſe ajuntaram, e diceraõ: *Claro he que eſtes Mouros vem ſobre nós, e ho principal remedio hee ho de Deos, que por ſua piedade nos queyra esforçar, e ſoccorrer, e apoz eſto ho concelho ſeja, que nos percebamos, e eſperemos, como Cavalleyros qualquer afronta, que nos vier, e prazerá ha Deos, que pois ſomos Chriſtãos, que nom ſóomente nos defenderemos, mas que com ſua ajuda hos venceremos, e quando ha ventura for tam contrayra, que nom poſſamos ſalvar has vidas, aho menos vinguemolas primeyro cõ mortes deſtes, e ajamolas por bem empreguadas em ſeu ſerviço.*

Com eſto enviaram loguo aho Meſtre hum meſſageyro cõ grande triguança pedindolhe, que hos ſoccorreſſe, e com aquella preſſa, e diligencia que em tam breve tempo foy poſſivel, e para elles em tanto ſe defenderem, e pelejarem fizeram hum palanque de paos de figueyras velhas ha que ſe recolheram, onde hos Mouros com muyta furia hos vieraõ loguo commetter, em que acharam muito esforço, e grande reſiſtencia, e nom tam leves como elles cuidavam, e eſtando hos Chriſtãos neſta afronta acertouſſe, que Gracia Rodrigues, ho Mercador, com que ho Meſtre ſe aconcelhara na vinda do Alguarve, como atraz dice, indo de Faraõ para Tavilla com ſuas carguas de mercadorias, ſegundo coſtumava, quando vio ho dezaſſoſſeguo, e ajuntamento dos Mouros ſeguio ho fio delles para ſaber ho que era, e quando vio ha peleja, e grande periguo em que hos Chriſtãos eſtavam, volveo rijamente onde deixara ſuas carguas, e dice ha ſeus ſervidores: *Ivos, e leyxay eſſas arrecovas, e tomay eſſas mercadorias que partireis antre vós, ca ſe eu viver nom me falecerá de que viva, e ſe morrer eſſo me baſta, pois hee em ſerviço de Deos.*

E com eſto acabado, arremeteo, e ſe lançou aho palanque, e dentro delle ſe ajuntou cõ hos Chriſtãos, ha que ajudou, e esforçou quanto ha hum bom homem era poſſivel, onde por grande eſpaço ſe defen-

deram,

deram, e pelejaram, dando, e recebendo muitas feridas, e affi eram afrontados, e por tantas partes combatidos, que hum nom podia dar fée do que ho outro fazia, e em fim por has forças dos Chriſtãos ſerem jáa de grande trabalho vencidos, ho ſeu palanque foy roto, e entrado, e elles todos ſete por desfalecimento da virtude corporal cortados de mortaes feridas acabaram has vidas como Cavalleyros, e bons Chriſtãos, ho que nom foy ſem publiqua vinguança de ſuas mortes, de que hos corpos dos Mouros ſem almas déram alli verdadeyro teſtemunho.

Durando ha peleja dos Chriſtãos chegou ſeu recado aho Meſtre que era em Cacella, donde com grande triguança loguo partio com dezejo de hos ſoccorrer, porque bem ſabia q̃ hos Cavalleyros eram taes, que ſem medo, nem outro ſeu desfalecimento, ou aviam de viver, ou morrer, e ſeguio ho caminho, porque elles vieram, e ſem contradiçaõ, nem defeza dalguma peſſoa entrou pela Villa, e praça della, e taõ intento, e acezo hia no dezejo, que levava de ſoccorrer ahos Chriſtãos, que paſſando por ella nom lhe lembrou, que deſſa vez livremente, e ſem periguo ha podia tomar ſe quizera, e quando cheguou às Antas, onde achou, e vio todolos ſeus Cavalleyros mortos, anojado, e muy iroſo por tam feyo feyto ouve com hos Mouros, que ainda topou muy crua peleja, onde matou tantos, que hos oſſos delles foram depois por longuos tempos aly viſtos em grande ſoma, e ahos outros, que fogiram, foy ſeguindo ho alcance fazendo nelles grande eſtraguo atée ha Villa, cujas portas hos Mouros acháram fechadas, porque hos vizinhos, e gentes, que em ella fiquaram, quando viram paſſar ho Meſtre aho ſoccorro dos Cavalleyros ha que hia, bem entenderam qual ſeria ſua determinaçam como ſoubeſſe parte do cazo.

E por eſſo cerraram bem ſuas portas, que nom quizeram abrir ahos ſeus que vinham fogindo, e ſóomente lhe abriram hum poſtiguo pequeno, e eſcuro, que eſtáa contra ha mouraria, ſobre que deu ho Meſtre, e hos ferio taõ rijo, e com tanta braveza, que nom tendo elles acordo para ſe defenderem, nem de cerrar ha porta entrou por ella ho Meſtre de volta com elles, e cobrou ha Villa, e apoderouſe della dentro da qual, e fóra della ho Meſtre, e hos ſeus fizeram nos Mouros grande eſtraguo. E era neſte tempo ſenhor de Tavilla Abenfalula, Mouro, que nom ſe ſabe ſe morreo neſtas pelejas, ſe fiquou no luguar, como outros alguns fiquaram. E eſta batalha, e hos Cavalleyros mortos, e ha Villa tomada foy tudo ha nove dias de Junho de mil e duzentos e quarenta e dous. E 1242.
ho Meſtre como de todo foy apoderado da Villa, e ha leyxou com boa ſegurança, com alguma gente darmas tornou às Antas onde hos Ca-

Cavalleyros mortos jaziaõ, & chorando por elles muytas lagrimas, & dando grandes gemidos, e triſtes ſoſpiros hos mandou apartar dantre hos corpos dos Mouros, que elles mataram, e cheos todos de muito ſangue das grandes feridas de que morreram, hos fez levar à Villa, & na Meſquita, que ho Meſtre fez conſagrar em Egreja da Envocaçaõ de Noſſa Senhora mandou loguo fazer hum grande Moimento de pedra, em que ſe pintaram ſete Eſcudos, todos com has vieyras da San-Tiaguo, & nelles hos ſeis Cavalleyros, e Guarcia Rodrigues com elles foram todos ſete ſepultados, & ſeus nomes ſaõ eſtes, Pedro Rodrigues Commendador moor, Mem do Vale, Duram Vaaz, Alvaro Gracia, Eſtevam Vaaz, Beltram de Gaya, e ho Mercador Guarcia Rodrigues, cujos corpos foram depois avidos em grande reverencia, e devaçam, e piedoſamente nom era ſem cauza, porque como Martires eſpargeraõ ſeu ſangue, e como fieis Catholicos perderam has vidas pela Fée de Jeſu Chriſto N. Senhor.

CAPITULO IX.

Como ho Meſtre tomou Selir, e Alvor, e ha Cidade de Silves, porque partidos ha leyxou ahos Mouros.

HO Meſtre Dom Payo Correa por tomar Tavilla dos Mouros, como hee dito, por ella ſer Cabeça, e ha principal couſa do Alguarve, foy muy alegre, e deu por eſſo muytas graças ha N. Senhor, e porque ſentio que elle com ſua graça, e ajuda neſta ſua empreza ſempre ho favoreceria, nom quiz eſtar por longuo tempo ocioſo, mas fez preſtes ſuas gentes, e depois de leyxar Tavilla em boa guarda, e ſegurança, ſahio della, e foy ſobre Selir, e ho tomou por força, e aſſi Alvor outra vez, e dahy foy loguo cerquar Paderne, que era Caſtello muy forte, e tinha boa Comarqua, q̃ hee antre Albofeyra, e ha Serra, e eſtando em cerquo ſobre elle apartou de ſy algumas gentes, que mandou aho termo de Sylves, onde tomaram outra vez ha Torre Deſtombar, que jáa fora ſua, e Abenafaam, que era Rey daquella terra eſtava em Sylves, quando ſoube que hos Chriſtãos tomaram Eſtombar, crendo, que ſeria hy ho Meſtre, ajuntou tambem has mais gentes que pode, e ſahio com prepoſito de vir ſobre elle, e darlheba-talha. Da qual couſa ſendo ho Meſtre loguo avizado alevãtou ho cerquo de ſobre Paderne, e por caminho deſviado ſe veyo lançar ſobre Sylves, e ho Rey Mouro indo para Eſtombar, como ſoube que na terra nom avia outras gentes, ſalvo has que tomaram, e defendiam, receandoſe ſer acommettido dalgum ardil do Meſtre, fez loguo volta com grande triguança ſobre Sylves, onde ho Meſtre lhe tinha

feyta cilada, q̃ ſabendo de certo recolhimento q̃ ho Rey Mouro avia de fazer lhe tomou todalas portas da Cidade, em cada hũa das quaes poos gente aſáas que has guardaſſe, e ElRey Abenafaam, quando aho recolher achou embarguo, e reſiſtencia em todalas portas, commeteo de por força entrar pela porta, que dizem *Dazoya*, que lhe pareceo mais deſpejada, que todalas outras, onde ſe encontrou com ho Meſtre, que de fóra tinha ha guarda della.

E em hum campo junto da Villa em que eſtáa ha Egreja de Santa Maria das Martes ouveram ambos muy travada, e ferida peleja, em que ho Meſtre pola pouqua gente que comſiguo tinha ſe vio em grande preſſa, porque hos Mouros eraõ muitos, e muy juntos, e feriraõ-no muy rijamente, e punhaõ todas ſuas forças por cobrar ha entrada da porta, que ho Meſtre defendia, e procuravam hos Mouros de ſe meter debayxo da Torre Dazoya que he ſayda em arcos para fóra, por tal que hos Mouros de cima hos defendeſſem, mas nom ho podéraõ fazer, e porque hos Mouros de dentro quando viraõ ho Rey Mouro à porta, e com grande avantagem de gente ſobre ho Meſtre, ſahiram alguns cuidando de ho meter, e ſalvar por ella, e aho recolher, que quizeram fazer, foram dos Chriſtãos tam apertados, que de volta ſe meteram com elles dentro na Cidade, e nom ſem crua peleja, e grande perda de homens de huma parte, e da outra, que aly fiquaram mortos.

E ſegundo ſe diz, mais Chriſtãos morreraõ neſta entrada, que em outro Luguar do Alguarve que ſe tomaſſe, e ElRey Mouro vendo que ha Cidade era jáa por aquella porta entrada, andou correndo ha cavallo em torno della experimentando todolos luguares convenientes para ſair, e quando nom achou remedio, quiz-ſe lançar por hum poſtiguo da treyçaõ do alcacer, que era ſeu apozentamento, onde morava, e porque ho achou empedido cõmetteo outra porta em que tambem achou contradiçam, pelo qual jáa como deſeſperado da honra, e da vida ferio apreſſadamente ſeu cavalo das eſporas, e fogio, e paſſando por hum peguo do rio afoguouſſe nelle, onde depois ho acharam morto, e deſte cazo accidental chamaõ àquelle Luguar *ho pego de Benefaam.* Hos Mouros que na Cidade fiquaram vivos, ſe acolheram aho alcacer, e moſtraram ſuas forças para ho defender, mas ho Meſtre nom ho quiz combater, antes lhes deu ſegurança, que viveſſem na Villa ſe quizeſſem, e aproveytaſſem ſuas Cidades, e com obediencia, e tributos lhe conheceſſem aquelle Senhorio, que conheceram ha ElRey Mouro, e elles Mouros aſſi ho concordaram, e foram do partido contentes, e eſta maneyra ſe diz que ho Meſtre ſempre teve nos Luguares do Alguarve,

ve, que tomou cujos alcaceres nom combateo, e deu segurança aos Mouros porque has Villas foſſem milhor aproveytadas, e ſe nom deſpovoraſſem, e nom tardou muito, que neſta Cidade foy fundada Sée, e Egreja Catedral, e Biſpo della ha que foy dada toda ha jurdiçaõ Eccleſiaſtica daquelle Reyno.

CAPITULO X.

Como ho Meſtre tornou cerquar Paderne, e ho tomou, e do fundamento que ouve para ElRey D. Affonſo de Portugual aver para ſy ho Reyno do Alguarve, e ſe intitular delle, e com que obriguaçam lhe foy dado.

TAnto que ho Meſtre poos em Sylves ſuas gentes, que ha guardaſſem, e defendeſſem, e ha proveo das outras couſas, que ha ella eram neceſſarias, ſe partio, e tornou apoer ho cerquo que alevantara de ſobre Paderne, e porque loguo hos Mouros ſe nom quizeram dar ha bom partido que lhe cometiam, elle hos combateo, e por força tomou ha Villa, e ho alcacere ſem hos receber ha concordia, nem algum partido de piedade, antes por dous bons Cavalleyros que lhe aly mataram da Ordem, mandou, que todolos Mouros da Villa andaſſem, como andaram à eſpada, e ha gente deſta Villa de Paderne, cujos grandes edeficios ainda parecem, alguns dizem, que por ſua maa diſpoſiçaõ ſe mudou depois à Villa de Albofeyra, que ho Meſtre Daviz depois tomou como adiante vay, e atraaz deyxey apontado.

Como ha Conquiſta do Alguarve que primeyramente fez D. Payo Correa Meſtre de San-Tiaguo deCaſtella, por naçaõ, e linhagem Portuguez, foram em dous tempos, ha ſaber, em tempo delRey Dom Fernando de Caſtella, e depois em tempo delRey Dom Affonſo ſeu filho, e aguora declaro que hos Luguares, que atèe qui ſe guanharam pelo dito Meſtre foram em tempo delRey Dom Fernando, e antes da tomada, e cerquo de Sevilha, porque claramente conſta, que eſte Meſtre de San Tiaguo era com ElRey aho tomar della, e para tal feyto foy avido, e eſtimado por muy principal, e para feytos darmas muy aſinado, e eſtes Luguares do Alguarve eſtiveram da maaõ do Meſtre à obediencia delRey Dom Fernando atée ho tempo delRey Dom Affonſo ſeu filho, que cõmo Reynou teve grande afeyçam aho ditõ Meſtre, e lhe deu de ſi muita parte, e ho mandou tornar aho Alguarve, para nelle eſtar por ſegurança dos Luguares, que guanhara, porque ainda nelles avia muitos dos Mouros. E neſte tem-

po era jáa cazado eſte Rey Dom Affonſo Conde de Bolonha com ha Rainha Dona Breatiz, filha do dito Rey Dom Affonſo de Caſtella, & ha maneyra porque depois ſeu marido, e ella ouveram eſte Reyno do Alguarve hee ha ſeguinte.

ElRey Dom Affonſo Conde de Bolonha, ſendo aſſi cazado com ha filha delRey de Caſtella, ſabendo que ho Meſtre de San-Tiaguo tinha guanhado dos Mouros has ditas Villas, e Luguares do Reyno do Alguarve, que eram da conquiſta, e Senhorio de Caſtella, e eſtavam pela parte do Campo Dourique muy conjuntos aho Reyno de Portugual, e vendo que contra hos Mouros Deſpanha jáa nom tinham livre alguma propria conquiſta dezejando acrecentar em ſeu Reyno, e em ſua honra, e aſſi por ter em que ſervir ha Deos em ſemelhante guerra piadoſa, dezejou para ſy eſta terra, ſobre ha qual falou com ha Rainha Dona Breatiz ſua molher, e ſendo ambos em hum dezejo, e tençam conformes, ella por ſeu prazer, e por concelho de ſeu marido, foy loguo ha ElRey Dom Affonſo de Caſtella, ſeu pay, que eſtava em Toledo, ha qual elle recebeo com muita honra, e alegria, porque como algumas vezes jáa dice ſempre por palavras, e obras, elle moſtrou que lhe tinha muito amor, e grande dezejo de lhe fazer bem, e avendo depois tempo, e luguar para ho cazo conveniente, ha Rainha com has palavras, e rezões que ſeu dezejo, e neceſſidade lhe aprezentaram dice ha ſeu pay, ha cauza principal de ſua ida, pedindolhe muito por merce, em nome delRey ſeu marido, e ſeu, que déſſe ha elles, e ha ſeus netos, que cada dia creciaõ ha Cõquiſta do Reyno do Alguarve, e aſſi hos Luguares, que por ho Meſtre de San-Tiaguo eram jáa nelle tomados, e porque ho Reyno de Portugual, que tinham, era para elles muito pequeno, e ha eſte tempo ho Ifante Dom Diniz, que ha pooz ſeu padre Reynou, e aſſi outros Ifantes ſeus filhos jàa eram naridos, e hos Luguares de riba Dodiana, e de riba de Coa, ainda nom eram de Portugual; porque depois ſe ouveram, como neſta Coronica, e na delRey Dom Diniz aho diante ſe dirá.

Deſte requerimento prouve muito ha ElRey Dom Affonſo, que por Reaes condições que muitos lhe entrepetraram ha vaidades, e deſordenada cobiça de gloria, foy ho mais nobre Rey de Caſtella, e querendo em todo ſatisfazer à Rainha ſua filha, lhe mandou loguo paſſar ſua Carta patente, e ſelada de ſeu ſelo de chumbo, por ha qual fez ſolenne, e firme doaçam aho dito Rey Dom Affonſo Conde de Bolonha, ſeu genro, e aho Ifante Dom Diniz ſeu filho, e ha todolos filhos, e filhas, que delles decendeſſem para ſempre

do

do Reyno do Alguarve com ſeu inteyro Senhorio, e com todolos Luguares delles guanhados, e por guanhar, com tal condiçam que ho ſobredito Rey de Portugual, e ſeus filhos, foſſem obriguados ha dar de ajuda aho dito Rey Dom Affonſo de Caſtella em ſua vida ſóomente cinquoẽta Cavalleyros, quando lhos requereſſem, contra todolos Reys Deſpanha, e além deſta doaçam ElRey de Caſtella mandou fazer outras Cartas para ho Meſtre Dom Payo Correa, e para outros grandes Cavalleyros, que com elle andavam no Alguarve, porque lhe notifiquou eſta doaçam, que tinha feyta, e lhes mandou que a compriſſem, e porque ElReyDom Affonſo folguava com ha viſta, e converſaçam da Rainha ſua filha pola grande afeyçam, que ha ella tinha nom lhe deu luguar que loguo ſe tornaſſe ha Portugual, como ella quizera, pelo qual elle mandou has ſobreditas Proviſoens ha ElRey Dom Affonſo ſeu marido, que como has recebeo alegre com tamanha, e taõ honrada, e taõ dezejada doaçam, nõtifiquou tudo aho Meſtre Dom Payo Correa, ha que deſſo prouve muito, porq̃ tinham antre ſi muito conhecimento, e grande amizade.

E ElRey ſe intitulou loguo de primeyramente Rey de Portugual, e do Alguarve, e aho Eſcudo dos ſinquo Eſcudos de Portugual, que ſeu biſavo ElRey Dom Affonſo Anriques primeyro tomou, e trouxe elle por titolo, e poſſe deſte Reyno em adeo Orla, e borladura dos Caſtellos douro em campo vermelho, como depois atée guora ſempre hos Reys de Portugual trouxeram, e trazem, ſegundo atraaz brevemente dice.

CAPITULO XI.

Como ElRey Dom Affonſo de Portugual depois de lhe ſer dado ho Alguarve, tomou ahos Mouros ha Villa de Faraõ, em que foy em ſua ajuda ho Meſtre D. Payo Correa.

E Por ElRey Dom Affonſo nom eſtar ouciozo de fazer alguma parte verdadeyra ha tençam com que pedira eſta terra, mandou com grande diligẽcia preceber ha gente de ſeu Reyno, com ha qual junta, e para loguo ir aho Alguarve, elle ha gram preſſa ſe foy ha Beja, e da hi ha Almodouvar do Campo Dourique, e paſſou ha ſerra, pelas Cortiçadas, e da hi levou ſeu caminho direyto para ha Villa de Faraõ, que era do Senhorio de Miramolim, que era Rey de Marroquos, e tinha ha Villa por elle hum ſeu Alcayde moor, que chamavaõ Aloandro, que era ſeu Alxarife, outro Mouro principal dito Abõbarram, ahos quaes para ſua ſegu-

rança

rança nom falleciam dentro grandes percebimentos de muita gente, armas, e mantimentos, e mais no alcacer da Villa tinham huma fusta, que por hum arco, que era feyto no muro ha lançavam aho maar quando queriam, e nella enviavam seus recados aho seu Rey, quando delle, e de suas ajudas tinham alguma necessidade, e por esta cauza, e porque ha Villa era muy forte hos Mouros della estavam muito esforçados, e com pouquo medo dos Christãos, e ho Mestre Dom Payo Correa, que por prazer delRey de Castella era jáa Vassallo delRey Dom Affonso de Portugual, sabendo de sua yda ho foy com suas gentes aguardar na Villa de Selir antre Loulée, e Almodouvar, e aly se viram, e ho Mestre lhe fez sua devida reverencia, e acatamento, e ElRey ha elle muyta honra, com sinaes de grande amor, porque eram Compadres, e daly com suas gentes concertadas foram loguo cerquar ha Villa de Faraõ, sobre que pozeraõ fortes estancias, e repartiram seus ordenados combates por esta maneyra, ha saber, ho primeyro combate tomou ElRey para sy no alcacer, e hum lanço do muro da Villa atée ha porta, que aguora dizem *dos Freyres*, e ho segundo combate do Mestre de San-Tiaguo com toda sua gente, foy desta porta dos Freyres com outro lanço do muro atée ha porta da Villa, e ca hum riquo homem, e boom Cavalleyro, que avia nome Pedro Estaço, mandou ElRey dar outro lanço do muro atée huma terra que depois chamaram *de Joam de Buim*, e ha este mesmo Joam de Buim, que era pessoa de grande estima, foy dado outro lanço desta sua terra atée ho alcacer, onde era ho primeyro combate delRey.

E além destes Capitães aqui nomeados, eram cõ ElRey outros Cavalleyros, e pessoas muy principaes do Reyno de Portugual, ha saber, Dom Fernam Lopes, Prior do Esprital, e ho Mestre Daviz, e ho Chançarel Dom Joam Davinham, e Mem Soares, e Joam Soares, e Egnas Coelho, e outros, e por estes luguares, e lanços mandou ElRey combater ha Villa, ca tam aturadamente ho fizeraõ, que de dia, e de noyte nunqua hos combates, e afrontas cessavam, nem davam ahos Mouros algum luguar, e repouzo, e porque perdessem ha grande esperança, e ajuda, e socorro, que tinhaõ no maar, ElRey lha tirou; porque mandou sua frota de Navios grossos estar no maar, e assi ordenou que no canal do Rio se atraveçassem outros Navios fortes, e bem armados, e forrados de couros da banda do maar, por tal, que se por cazo algumas Guales de Mouros viessem cõtrayras, e entrassem no Rio, que ellas com foguo, ou com outros engenhos nom denifiquassem os Navios dos Christãos, e desta maneyra

maneyra ho Luguar fiquou cerquado em torno por maar, e por terra, pelo qual vendo hos Mouros que ho maar onde tinham ho ponto principal de ſua ſalvaçam, e ſocorro era de todo empedido, e atalhado, e aſſi nom podendo jáa ſofrer hos afiquados, e periguoſos combates que com grande ſeu dano ſempre recebiam dos Chriſtãos, e que poſto que bem, e esforçadamente ſe defendeſſem, como faziam, nom tinham em fim eſperança de ſe ſalvarem, ouveram por bem commetter partido ha ElRey para que ſahiram de dentro hos ſobreditos Alcaydes, e Alxarife, que na Villa eram dos Mouros has mayores cabiceyras.

E andando elles neſte trato ſem amoſtrarem ahos do Arrayal, que era acabado, ElRey foy falando com elles atée ho alcacer, onde por concerto jáa antre elles pratiquado, e prometido, ElRey foy delles recolhido no dito Caſtello com hos que elle quiz, que ſeriam atée dez Cavalleyros, e como ElRey entrou, porque aſſi era concordado, ſoguo ho alcacer foy livre de todolos Mouros que nelle eſtavam, e ſe recolheram para ha Villa, e por mais ſegurança, ho alcacer foy loguo buſquado, e deſpejado por aquelles Cavalleyros delRey, de maneyra, que dentro delle nom fiquaram dos Mouros ſalvo hos ſobreditos Alcaydes, e Alxarife, e porque ElRey por comprir ahos Mouros ſua verdade, e para ſe fazer ho trato com mais aſſeceguo nom deu deſto parte aho Meſtre de San-Tiaguo, nẽ ahos outros Cavalleyros, que tinham hos combates, e eſtes achando menos ElRey, e ſabendo que era dentro no alcacer, nom ſendo certos de ſua vida, e ſegurança, antes vendo, que contra ſua vontade, e por ſeu mal ho retinham, foram por eſſo anojados, e por eſſe cazo foy no arrayal feyto grande alvoroço com que (poſpoſto todo ho periguo) determinaram hos Chriſtãos combater ha Villa, que ſem embarguo da reſiſtencia, e ſetas, e pedras dos Mouros, que ho contrariaram paſſaram, e ajuntaramſe com hos Mouros, e has gentes do Meſtre trouxeram loguo muyta lenha, e outros materiaes às portas da Villa para com foguo has queymarem, e entrarem por ellas, e por eſte dezavizo, de que nom ſabia ha verdade morreram neſtes cometimentos, que poderam ſer eſcuzados muitos Mouros, e mais Chriſtãos.

ElRey depois, que ouvio hos grandes rumores do arrayal, e ſoube ha cauſa delles, loguo com grande triguança ſe ſobio em huma torre, e dandoſe ha conhecer alçou ho braço direyto, e na maõ amoſtrou ha todos as chaves do alcacer, que jáa tinham ha ſeu ſerviço, e com eſſo mandou ho Meſtre, e ha todolos outros Capitães, que loguo ceſſaſſem de ſeus combates, e porque jáa era em concerto com hos Mouros, e aſſi ho Alcayde Mouro

Abem-

Abembarram ſahio do alcacer, e dice ahos Mouros da Villa, que foſſem ſeguros, e nom fizeſſem algum mal ahos de fóra, e com eſto fiquaraõ todos aſſoſſeguados, e ElRey mandou lançar preguões pelo rayal, que algum Chriſtaõ nom fizeſſe nojo ahos Mouros, poſto que antre hos Chriſtãos andaſſem, nem entraſſem pelas portas da Villa, poſto que abertas has achaſſem, ſalvo ho Meſtre, e outros Capitães, porque eſtes entrariam com aquelles, que quizeſſem, e que hos outros Chriſtãos eſtiveſſem ſobre has portas dos combates, e eſtancias, que lhe foram ordenadas.

E ho concerto que ElRey fez com hos Mouros foy, que elles Mouros da Villa lhe fizeſſem, deſſem, e paguaſſem juntan ẽte aquelle meſmo foro, e ſerviço, e todalas outras couſas, que faziam, e paguavam aho ſeu Rey Amiramolim, e que com elles fiquaſſem todas ſuas cazas, vinhas, e Cidades aſſi como dantes has tinham, e que ElRey hos amparaſſe, e defendeſſe aſſi de Mouros como de quaeſquer outras gentes, e nações, que lhe mal, e nojos quizeſſem fazer, e que aquelles que para alguns Luguares de Mouros ſe quizeſſem ir, que livremente com todas ſuas couſas ho podeſſem fazer, e andaſſem com ElRey quando lhe compriſſe, e que lhe fizeſſe por eſſo bem, e merce. E por eſta maneyra cobrou ElRey ha Villa de Faraõ no mez de Janeyro de mil duzentos e ſetenta.

1270.

CAPITULO XII.

Como ElRey Dom Affonſo cerquou, e tomou Loulée, e como ha Aljaſur tomou ho Meſtre de San-Tiaguo, e ho Meſtre Daviz Albuſeyra, e da declaraçaõ que ſe fez deſte nome Alguarve, e dos Luguares que aguora nelle caẽm.

COmo ElRey cobrou ha Villa de Faraõ, como he dito loguo ha poucos dias elle, e ho Meſtre foram com ſuas gentes cerquar ha Villa de Loulée, e ſem porlonguado cerquo, ainda que foſſe com dano dos Chriſtãos em breve ha cobrou; e porque ho Meſtre de San-Tiaguo trazia em ſua companhia bõos Cavalleyros, e muy eſforçados, deſtes ſe acertavam, que nos combates das Villas, e pelejas dos Mouros, que por ſua bondade nom receavam de commetter, muitos morriam, e avendo ElRey deſſo piedade, e ſentimento ſe diz, que em acabando de tomar eſta Villa de Loulee, dice aho Meſtre, que lhe pezava muito de tam bõos Cavalleyros como eraõ hos ſeus, morrerem aſſi neſtes cõbates, por quanto eram homens ſingulares, e eſcolheytos, e que ho Meſtre lhe reſpondeo.

Senhor, nom vos anojeis das mor-

tes

tes deſtes, que acabaram ſuas vidas em ſeu proprio officio, e de tanto ſeu merecimeneo, pois hee em ſerviço de Deos, e por honra, e louvor de ſua Fèe, e ſe ho aveis, porque ſaõ Cavalleyros eu poſſo loguo fazer outros tantos, E de Loulee cavalguou ho Meſtre, e correndo ha terra dos imiguos cõtra ho Cabo, ouve aviſo certo, que muitos Mouros juntos hiam avia Daljazur, e huns dizem, que eſte ajuntamento faziaõ para com outros conſultarem ſobre ho q̃ fariam por Sylves, e Tavilla, e hos outros Luguares, que eram tomados, e outros affirmaõ, que hiaõ para huma voda para que eram convidados, e eſta parece ha cauza, e rezam mais conforme, porque hos Mouros Daljazur ſahiram ha huma leguoa ha receber hos do Cabo, e huns, e outros vinham mais de feſta, que de guerra, ca muitos delles foram achados ſem armas, e com elles ſaltou ho Meſtre de que matou, e cativou hos que quiz, e alguns que ſe quizeram ſalvar na Villa, para que foram fogindo perſeguidos do Meſtre nom tiveram acordo de carrar has portas, por quaes ho Meſtre entrou de volta com elles, e tomou ho Luguar ſem algum partido dos Mouros.

E Dalboſeyra ſe acha por mais certa opiniam, que em tempo deſte Rey foy tomada dos Mouros por ho Meſtre Daviz Dom Lourenço Affonſo, e aſſi parece rezaõ, porque elle foy ſempre, e hee hoje da dita Ordem. E por eſtes Luguares, que dos Mouros ſe tomaram ſe acabou de conquiſtar toda ha terra, que nós hos Portuguezes chamamos Alguarve, mas para deſte nome nom virem duvidas, e confuzam ahos que has Eſtorias antiguas Dafriqua, e Deſpanha lerem, hee de ſaber, que Alguarve hee nome Arabico, e ho Reyno, e Senhorio, que hos Mouros chamavam do Alguarve era muy grande, e de grandes potencias, porque começava no Cabo de Saõ Vicente, e ſeguia pela coſta Deſpanha atée Almiria, e pela banda Dafriqua ſe eſtendia atêe Tremecem, em que entravam Fez, e Cepta, e Tangere, que diziaõ de Benamarim, porque hos Luguares, que hos Reys de Portugual atée aguora tem na parte do Alguarve daquem maar, que hee em Eſpanha ſam eſtes, ha ſaber, Eſtombar, Alvor, Villa nova de Portimaõ, Cacella, Paderne, Tavilla, Faraõ, Loulee, Sylves, e Alboſeyra, Aljazur, e Alcoutim, e Caſtro Marim, e Laguos, e deſtes alguns ſaõ Luguares novos, que em tempo dos Reys de Portugual novamente depois ſe fizeram, e reformaram.

E deſtes Luguares do Alguarve depois que hos ElRey Dom Affonſo ouve ha ſeu poder, e Senhorio ſe acha, que com ſuas Gualees, e outros muitos navios fez ſempre de cõtinuo crua guerra ahos Mouros Dafriqua, que em ſeus corpos, e fazendas recebiam grandes da-

nos, e prezas, e ElRey Dom Affonſo por ſeu grande esforço, e bóos feytos, tinha antre hos Reys principais Chriſtãos muy louvado nome, pelo qual ſe acha, que ho Papa por esta honrada fama delRey lhe mandou por meo hum Frey Payo, Miniſtro da miniſtraçam dos Freyres de San-Tiaguo roguandolhe, que em remiſſaõ de ſeus peccados, quizeſſe tomar ha Cruz de Jeſu Chriſto contra hos Mouros dultra maar, que tiranamente tinham ha Caza Santa em deſprezo da Fée, e da Religiam e que ElRey reſpondeo, que ſe ElRey de França ha esta conquiſta paſſaſſe em peſſoa, que lhe prometia, que elle tambem com ha ſua paſſaſſe, ſalvo ſe algũa outra guerra, ou tamanha neceſſidade ho empediſſe, porque ho nom podeſſe fazer, e por eſſo ambos nom foram, porque ho derradeyro Rey de França, que por recobrar ha Caza Santa paſſou ha ultra maar, foy ElRey Saõ Luis de França primo com irmaõ deſte Dom Affonſo de Portugual, filhos de duas Irmãas, quando levou comſiguo ha Rainha Dona Marguarida ſua molher, e elle, e dous Irmãos ſeus foram dos infieis prezos, e cativos na grande, e crua batalha, que ouveram com ho gram Soldam, junto com Damiata do Egypto, como em outras partes jáa dice, ho que foy muyto antes do tempo deſte requerimento do Papa, ſegundo eſtàa na Coronica de França, e em outras mais larguamente ſe contem.

CAPITULO XIII.

Como ho Reyno do Alguarve por divizões, que ouve foy poſto em terçaria de Cavalleyros Portuguezes, e ho que ſobre eſſo ſe fez.

COmo ElRey de Portugual foy em poſſe pacifiqua, ho Meſtre Dom Payo Correa ſe tornou ha ſeu Meſtrado, e deu conta ha ElRey Dom Affonſo de Caſtella de todo ho que era paſſado, ho qual para mais firmeza, e mayor ſeguridade das condições, com que ha ElRey ſeu genro fizera ſua doaçam do Alguarve, ouve por bem, que ho dito ſeu genro has prometeſſe, e ſeguraſſe com menagem, e juramento em ſua propria peſſoa, para que ho dito Rey Dom Affonſo de Caſtella enviou ha Portugual com ſeu poder abaſtante aho Ifante Dom Luis ſeu irmaõ, que diceram de Pontes filho delRey Dom Fernando, e da Rainha Dona Joana ſua ſegunda molher, filha do Conde Dom Simaõ de Pontes, e ſobrinha delRey D. Luis de França, ho qual álem de tomar delRey de Portugual todas has ſeguridades conformes has cõdições de ſua doaçam, ainda ho dito Ifante para mayor ſeguridade, e mais honeſta eſcuza delRey D. Affonſo

Affonſo de Caſtella, para hos de ſeu Reyno, que ho reprendiam, e acuzavam por tal doaçam, quiz que todas eſtas Villas, e Caſtellos foſſem, como foram loguo entregues ha Joam de Boim, e Pedro Annes, ſeu filho Vaſſallos, e naturaes delRey de Portugual, que eram peſſoas de limpo, e nobre ſangue de grandes cazas, para que por elles hos tiveſſem de fieldade com menagem de juramento que fizeram, que quando elRey de Portugual nom compriſſe ha condiçam dos ſinquoenta Cavalleyros, que ha ElRey de Caſtella em ſua vida avia de dar, que elles com ſuas peſſoas, e com has ditas Villas, e Caſtellos ſerviſſem ha ElRey de Caſtella, e compriſſem inteyramente tudo ho que ElRey de Portugual, era neſte cazo obriguado ha comprir.

E porque ElRey de Portugual nom foy deſta terçaria do Reyno do Alguarve muito contente, e dice por outros deſvayros, que ouve com Caſtella ſobre partições, e termos dos Reynos, foram eſtes Reys deſacordados de que ElRey de Caſtella ſe ſentia mais aggravado, mas por meo da Rainha Dona Breatiz, que como virtuoſa, e prudente procurou loguo antre elles boa paz, e concordia, vieram loguo por Embaxadores ha Portugual ho dito Dom Payo Correa Meſtre de San-Tiaguo, de que jáa dice, e Dom Martim Nunes, Meſtre da Cavallaria do Templo nos tres Reynos Deſpanha, e Dom Affonſo Guarcia, Adiantado moor no Reyno de Murcia, hos quaes pozeram antre elles taes convenças, com que perderam todo ho dezamor, e eſcandalo, que antre elles havia, e fiqueu aſſentado, que ElRey de Portugual livremente, e para ſempre deſpozeſſe de todalas terras, e Villas, e couzas do Alguarve todo ho que quizeſſe ſem embarguo de todalas outras promeſſas, e condiçoens que antre elles foſſem poſtas, ſalvo da ajuda dos ſinquoenta Cavalleyros de que ho nom relevou, e com eſto hos Embaxadores ſe tornaram, e acharam ElRey de Caſtella em Badalhouſe, que loguo enviou ſuas provizoens aho dito Joaõ de Boim, e Pedro Anes ſeu filho, porque lhe mandou que entreguaſſem ha ElRey Dom Affonſo ſeu genro todalas Villas, e Caſtellos do Alguarve, e ſe elle foſſe falecido, que has entreguaſſem ha ElRey Dom Diniz ſeu filho, e lhas alevantou com todalas crauzolas, e ſolenidade, e todo preyto, e menagem, que por quaiſquer obriguações, e couzas do Alguarve tiveram feyto ha elle, ou ha outrem em ſeu nome, e por Carta aſſellada feyta em Badalhouſe Mercoles deza ſeis dias andados de Fevereyro da era de mil e duzentos e ſeſſenta e ſete annos, e ſcbeſcrita por ho Sacretario Millaõ Paes, que por mandado delRey ha fez eſcrever.

CAPITULO XIV.

Como ElRey Dom Affonſo de Caſtella quitou aho Ifante D. Diniz, ſeu neto ha obriguaçam do Alguarve, e ha ſoltou ha Portugual levemente para ſempre.

E Porque ha eſte tempo ho Ifante Dom Diniz eideyro filho delRey de Portugual, poſto que foſſe moço era jaa em idade para poder caminhar, ElRey, e ha Rainha ſeus padres acordaram de ho enviar, como enviaram muito honradamente ha Caſtella ha viſitar ElRey Dom Affonſo ſeu avoo, para lhe ter em merce ha doaçam, e avenças paſſadas, e aſſi para lhe pedir relevamento das mais obriguações, e ſerviço dos ſinquenta Cavalleyros, e aſſi com muy nobre companhia cheguou ha Sevilha onde achou ElRey, que ho recebeo, e aguazalhou com muytas feſtas, e honras, e com ſinaes de grande amor, ha quem ho Ifante Dom Diniz paſſados hos comprimentos, e viſitações, e bem enſinado da inſtruçam, que levava pedio por merce ha ElRey ſeu avoo, que daquella obriguaçam dos ſinquoenta Cavalleyros, e aſſi de qualquer outra que toquaſſe aho Alguarve, quizeſſe para ſempre relevar ha ElRey Dom Affonſo ſeu padre, e ha elle, e ahos que delle decendeſſem, naqual couſa ſegundo ha Coronica de Caſtella conta, ElRey eſteve algum pouquo ſuſpenſo, e com hos grandes de ſeu Reyno quiz poer ho cazo em Concelho, no qual por ſóo Dom Nuno de Lara com rezoens que pareciam oneſtas, e de bem de ſeus Reynos ouve alguma contradiçam, mas hos outros, que loguo conheceram ha vontade delRey, que era ſatisfazer em todo ha ſeu neto, todos lho aprovaram, e louvaram, e ſobre eſte aſſento andando ho Ifante Dom Diniz com ElRey ſeu avoo foram ha Jaem, donde ouve por bem, que ho Ifante ſe torneſſe, como tornou ha Portugual, e lhe mandou dar huma Carta, que trouxe para ElRey ſeu padre, eſcrita em perguaminho em palavras Caſtelhanas, e aſſelada de ſeu ſelo pendente das Armas de Caſtella, e de Liam, que tornadas fielmente em Portuguez por mim Coroniſta, que ha propria Carta vi, diziam neſta maneyra.

SAybam quantos eſta Carta virem, como eu Dom Affonſo pola graça de Deos Rey de Caſtella, e de Toledo, e de Liam, de Gualiza, de Sevilha, de Cordova, de Murcia, e de Jaem, quito para ſempre ha vós Dom Affonſo por eſſa meſma graça Rey de Portugual, e do Alguarve, ha menagem, que fizeſtes ha mim por carta, ou por cartas, e ha Dom Luis meu irmaõ, em meu nome, para fazer ha mim comprir hos preitos, e poſturas, e has conven-

ças,

venças, que foram poſtas antre mim, e vós, e Dom Diniz, e hos outros voſſos filhos, e voſſos erdeyros, por rezaõ dos ſinquoenta Cavalleyros, que amim deviam ſer feyta em meus dias pelo Alguarve, ha qual ajuda, e hos quaes preytos, e poſturas, e menagens em qualquer maneyra, que foſſem feytas aſſi por Cartas, como ſem Cartas, eu quito para ſempre a voz, e Dom Diniz; e ahos outros voſſos filhos, e erdeyros, que nunqua por eſſo amim, nem ha outrem por mim, vós nem elles, nem outrem por vós ſejaes, nem ſejam teudos de nhuma couza por rezam dos Caſtellos, nem da terra do Alguarve, que vos dey, e outorguey, que ſe alguma Carta, ou Cartas parecer, ou parecerem ſobre ha menagem, ou menagens, ou ſobre preytos, ou poſturas, ou avenças, ou ſobre ho ſerviço, ou ajuda que amim deveſſe ſer feyto, ou feyta pelos Caſtellos, ou pela terra do Alguarve, que deſdaqui em diante nunqua valham, e ſejam quebrados, e de nhuma feu midam, e renuncio, e quito todo ho direyto, e toda demanda, que eu averia, ou aver poderia por eſta Carta, ou por eſſas Cartas contra vòs, ou contra Dom Diniz, ou contra hos outros voſſos filhos, ou voſſos erdeyros, ou contra hos Cavalleyros que tiveſſem, ou tiveram hos Caſtellos do Alguarve em tal guiza, que nunqua amim eſſa Carta, ou Cartas poſſa nem poſſam preytar, nem ha outrem por mim, nem ha vós, nem Dom Diniz, nem ha voſſos filhos, nem ha voſſos erdeyros, nem ahos ſobreditos Cavalleyros empecer, e em teſtemunho da ſobredita couſa, dou ha vôs ſobredito Rey de Portugual, e do Alguarve eſta minha Carta aberta aſſelada de meu ſelo de chumbo, que tenhais em teſtemunho, feyta ha Carta em Jaem por noſſo mandado Sabbado ſete dias do Mez de Mayo de mil e duzentos e ſeſſenta e ſete annos, e eu Milaõ Peres ha fiz eſcrever.

CAPITULO XV.

Da morte do Meſtre Dom Payo Correa, e das cauzas, que ouve para ElRey D. Affonſo de Caſtella, pay da Rainha de Portugual ſer deſobedecido, e como foy ajudado de Portugual, q̃ foy fundamento para ſe acrecentarem ha Portugual hos Luguares de riba Dodiana.

COm eſta Carta, e com grandes dadivas, que ho Iſante D. Diniz recebeo delRey Dom Affonſo ſeu avoo ſe tornou ha Portugual com que ElRey ſeu padre foy muyto alegre, e com elle veo ho Meſtre Dom Payo Correa, que depois de tornado ha Caſtella nom ſoube mais delle, nem ho que depois fez, ſalvo que no fim de ſeus dias ſe recolheo à Villa de Ucles, que era Cabeça do Convento do ſeu Meſtrado de San-Tiaguo em Caſtella, onde ſe diz que bem, e catolicamente acabou ſua vida jáa velho ha dés dias de Fevereyro de mil

1275. mil e duzentos ſetenta e ſinquo annos, e que mandou que morto ho trouxeſſem ha Tavilla, que elle guanhara dos Mouros, de que eſcondidamente foy ahi trazido, e ſepultado na Egreja de Santa Maria antre ho Altar moor, e ha parede da Egreja.

E paſſados depois alguns annos andando ha era de mil duzentos e ſetenta e hum, avendo contenda na jurdiçaõ do Imperio de Roma, que vaguara por morte de Federiquo ho ſegundo, que foy mao, e erege Emperador dos Romãos, e grande perſeguidor das couſas da Santa Egreja, alguns Eleytores elegeram ha Rodulfo Conde de Cambra, irmaõ delRey de Ingraterra, e outros elegeram, e chamaram loguo para ho Imperio eſte Rey Dom Affonſo de Caſtella, ho qual muy poderoſo de armas, e gentes, e aſſi muy abaſtado de riquezas, depois que leyxou em Caſtella jurado por Rey, e ſeu ſobceſſor aho Ifante D. Fernando de Lacerda ſeu filho primogenito, loguo paſſou em França eſperando de ſer loguo no dito Imperio ſem contradiçaõ confirmado por ho Papa Gregorio decimo, aho tempo em Liaõ Sola nova de França fez Concilio géral, onde ho dito Rey Dom Affonſo achou jáa eleyto, e confirmado ho dito Rodulfo com quem competia, e agravandoſe deſſo aho Papa, que encontrou na Villa de Belicaudo em França junto com Avinham, finalmente confortado de Sua Santidade, e roguado, que por ſe evitar ciſma, e guerras antre hos Chriſtãos, que renunciaſſe ho direyto que no dito Imperio tinha, e elle ho fez, e tornouſe em Eſpanha onde achou falecido de peſte ho dito Ifante Dom Fernando, ſeu filho mayor, que por aſſoſſeguo da ſobceçaõ de Caſtella, e de Liaõ ſobre que hos Reys de França, e de Caſtella competiram, fora cazado com ha Ifante Dona Branqua filha delRey S. Luis ha que pertencia ter direyto nos ditos Reynos Deſpanha por ſer filho da Rainha Dona Branqua filha delRey Dom Affonſo ho noveno, q̃ venceo ha batalha das Navas de Toloza, e deſta Ifante Dona Branqua ho dito Ifante Dom Fernando tinha jáa avido dous filhos, ha ſaber Dom Affonſo, e Dom Fernando de Lacerda, ha que muito mais claramente dizem da guadelha, porque eſte apelido de Lacerda nem hee de alguma geraçam, nem memoria paſſada dos ſeus progenitores de huma parte, nem da outra, mas ſóomente lhe foy poſto nome aventicio, porque ho dito Ifante Dom Fernando, que primeiramente ſe chamou de Lacerda, quando naceo trouxe do ventre da Rainha Dona Violante Daraguam ſua madre huma guedelha de cabelos nos peytos ha que chamam Lacerda, e eſte Dom Affonſo por contrato do cazamento, e por direyto comum pertencia mais ha ſobceſſam de Caſtella que outro algum.

Mas aho tempo que o dito Ifante

te Dom Fernando faleceo era tambem em Caſtella ho Iſante Dom Sancho ſeu irmaõ lidimo, que ha auzencia delRey Dom Affonſo ſeu padre, e por morte do irmaõ tomou loguo poſſe da guovernaçam, e defençam do Reyno, em que trabalhou de ſer como ſingular Principe, porque reſiſtio com batalhas, e grandes forças ahos Reys de Grada, e Marroquos, que entraram em Eſpanha, e nom conſentio, que Dom Affonſo de Lacerda ſeu ſobrinho foſſe jurado, nem obedecido por ſobceſſor de Caſtella, e ElRey Dom Affonſo em cheguando de França, procurou loguo, q̃ ho dito Iſante Dom Sancho por todolos Eſtados do Reyno foſſe, como foy jurado, e avido por ſeu ſobceſſor, ſem embarguo doutro juramẽto, que aho dito Iſante Dom Fernando por ſy, e por ſeus filhos, e ſobceſſores era feyto, e ha Rainha Dona Violante molher delRey Dom Affonſo de Caſtella anojada por ſe deneguar ha ſobceſſam ha ſeus netos, e principalmente ha Dom Affonſo ho primeyro com receo, que ouve de hos matarem em Caſtella, ſe foy com elles para ElRey Dom James deſte nome ho primeyro, e dos Reys Daraguam ho decimo, que era padre della, donde enviou pedir ha ElRey Dom Affonſo ſeu marido depois que veo de França, que pois elle por ſy guanhara dos Mouros ho Reyno de Murcia, que ho déſſe aho Iſante Dom Affonſo ſeu neto, com que para ſua honra, e eſtado ſeria ſati feyto, e renunciaria por eſſo todo ho direyto que tiveſſe na ſobceſſaõ de Caſtella, no que ElRey levemente, e com ſaan vontade conſentia, mas ho Iſante Dom Sancho em todo ho contrariou, que com ameaças de morte, que fez nom leyxou ir aho Papa hos Embaxadores, que ElRey ſeu padre ſobre eſſo lhe mandava, dizendo que como ho Iſante Dom Fernando ſeu irmaõ falecera, loguo ho Deos leyxara por erdeyro de todolos Reynos, e couzas de que ElRey ſeu padre era Rey, e Senhor.

E querendo ElRey por Cortes, e prazer dos povos remedear eſta deneguaçam do Iſante ſeu filho, e para que ſeu neto ouveſſe toda via ho Reyno de Murcia, fez ajuntar hos procuradores dos Concelhos do Reyno, ha que ho Iſante Dom Sancho requereo com muitas rezões, que faziam por elle, que por alguma maneyra nom conſentiſſem no requerimento delRey, e aſſi deſcontente ho Iſante antes de ſe tomar alguma concruzaõ, ſe foy para Cordova, e ElRey depois de declarar ahos povos has muitas cauzas, e rezoens porque de direyto podia daar ho Reyno de Murcia ha Dom Affonſo ſeu neto, hos Procuradores para no cabo reſpóderem com madura deliberaçam, como elle requeria, pediram eſpaço dalgum tempo, para lhe tornarem reposta, hos quaes ſem lha da-

rem

rem ſe foram loguo com medo ajuntar com ho Ifante Dom Sancho em Cordova, onde ſendo delle bem recebidos, concordaram, que por quanto em Valhadolid ſobre eſte cazo ſe faria ajuntamento dos mais principaes Luguares, e grandes do Reyno, elles dahi ha certo tempo foſſem, como foram aby juntos, ſalvo hos Concelhos Dandaluzia, que ſempre tiveram com ElRey Dom Affonſo, hos quaes aſſi juntos em Valhadolid era hy ho Ifante Dom Sancho filho delRey, e ho Ifante Dom Joaõ ſeu irmaõ, e ho Ifante Dom Manoel ſeu tio, e Dom Lopo Senhor de Biſcaya, e Dom Dioguo ſeu irmaõ, e depois de muitas praticas, e apontamentos, que antre ſy fizeram leyxaram todos ha determinaçam da ſentença aho dito Ifante Dom Manoel, ho qual alevantado em pée, pronunciou ha ſentença, e dice, que por quanto ElRey Dom Affonſo ſeu irmaõ matara ho Ifante Dom Fadrique tambem ſeu irmaõ, e ha Dom Simaõ Rodrigues dos Cameyros ſeu ſogro, e outros nobres de ſeu Reyno ſem cauza, que perdeſſe por eſſo ha juſtiça, e porque ſe dezaforaram hos Fidalguos, e hos Concelhos com dano, e perda delles, que nom compriſſem ſuas Cartas, nem lhe paguaſſem hos foros, e porque deſperrara ha terra, e fizera maas moedas, que nom ouveſſe do Reyno preytas, nem ſerviços, nem martineguas, nem moedas foreyras, e que dahi em diente ho dito Ifante ſe podeſſe chamar Rey de Caſtella, e de Liam.

E preguntados hos Procuradores, e povos ſe aprovavaõ eſta ſentença, reſpondeo por todos hum Dioguo Affonſo Alcayde moor de Toledo, que ha todos parecia bem ha determinaçam do Ifante Dom Manoel, por has rezoens que dicera, e mais por ha prodigualidade delRey Dom Affonſo, que para ho reſguate do Emperador de Conſtantinopla dera das rendas de Caſtella ſinquoenta quintaes de prata, e mais por dar ho Alguarve ha ſeu genro ElRey Dom Affonſo de Portugual, e lhe quitar ajuda, e ho ſerviço dos ſinquoenta Cavalleyros em que era obriguado, e porém que lhe parecia couza honeſta, ſe aho Infante Dom Sancho aſſi bem pareceſſe, que elle em vida delRey ſeu Padre ſenaõ chamaſſe Rey, no que ho Ifante conſentio; e com eſto ha obediencia de todos hos Luguares loguo foy alevantada ha ElRey, ſalvo ha de Sevilha, onde ElRey ſe recolheo; e perſeguido de muitas neceſſidades enviando roguar, e encomendar ahos Prelados, e peſſoas de autoridade do Reyno, que pozeſſem concordia, e boa paaz antre elle, e ſeu filho, elles ſegundo alguns dizem ho nom fizeram, antes ho contrariavam.

Com eſta tamanha neceſſidade enviou ha pedir ajuda ha ElRey Dom Affonſo ſeu genro, que por

em

em tempo de tanta fortuna ſer aguardecido às boas obras, e graças que delle tinha recebidas, lhe mandou trezentos Cavalleyros Portuguezes paguos à ſua cuſta por muito tempo, que por honra, e ſerviço delRey ho fizeram de maneyra em Caſtella, que ſua fama, e boom nome ſeráa ſempre lembrada, e has Coronicas Deſpanha, que eu vy dam deſſo craro teſtemunho, e deſtes trezentos Cavalleyros de Portugual, que vieram, e andaram em ſerviço delRey Dom Affonſo; creo que ſe tomou ha opiniaõ errada, que em alguns livros vy, em q̃ tem, que ha obriguaçam de que eſte Rey Dom Affonſo relevou ha ElRey de Portugual ſeu genro, e ha ElRey Dom Diniz ſeu neto, era de trezentos Cavalleyros, com que era obriguado de hõ ajudar, e ſervir quando lhe compriſſe, ha tal ſentença, e opiniam ſam errados, porque ha obriguaçam, que ElRey Dom Affonſo, e Iſante Dom Diniz ſeu filho tomaraõ por ha ſobceſſaõ do Alguarve, do que foram relevados, era ſóomente de ſinquoenta Cavalleyros, que em vida delRey Dom Affonſo de Caſtella, contra todolos Reys Deſpanhá lhe aviam de dar, e ha verdade deſto eu Coroniſta verdadeyramente ha vy nas proprias doações, quitações, e privilegios aſſellados, e autorizados, q̃ ſobreſſo ſe concederam hos quais eſtam no Caſtello de Lisboa, na Torre do Tombo de Portugual, de que eũ ſam Guarda moor, e outros ſemelhantes deve aver nos Cartorios de Caſtella.

E porém ha guerra, e deſavença antre ElRey Dom Affonſo de Caſtella, e ho Iſante Dom Sancho ſeu filho durou muitos annos, nem ceſſou, ſalvo por morte delRey, em cuja vida padeceo muitas neceſſidades, e foy ſempre perſeguido de muy contrayras fortunas, por has quaes meteo por ſua ajuda em Eſpanha Abemçaf Rey de Marrequos, e ſeus filhos ha que ſe diz, que antes de entrarem empenhou ſua Coroa por ſeſſenta mil dobras, ho qual cõ geandes gentes, e poder de Mouros correo ha terra dos Chriſtãos, e ſem aproveytarem ahos dito Rey de Caſtella fazendo primeyro nellas muitos danos, e eſtraguos ſe volveo em Afriqua, como na Coronica de Caſtella eſto milhor, e com mais particularidade ſe declara.

CAPITULO XVI.

Do falecimento delRey D. Affonſo de Portugual, como antes de ſeu falecimento deu Caza aho Iſante Dom Diniz ſeu filho erdeyro.

HA eſte tempo cheguada ha era de mil duzentos ſetenta e oyto, ElRey Dom Affonſo de Portugual ſendo jáa velho de ſetenta annos, e perſeguido de dores, e payxões de velhice, por deſcançar em 1278.

alguma parte dos trabalhos, e cuydados do Reyno, aho Iſante Dom Diniz ſeu filho, que era de dezoyto annos, e nom era cazado, deulhe Caza em Lisboa ha dezaſeis dias de Junho do anno ſobre dito, e de ſeu aſſentamẽto alem doutras couzas, lhe ordenou loguo mais em dinheyros quarenta mil livras de moeda antigua, que valiam ha reſpeyto dos preços, e valor do ouro, e da prata daguora dezaſeis mil cruzados, porque naquelle tempo, ſegundo hee bem verifiquado, huma livra valia vinte ſoldos, e duas livras e meya faziam ſinquoenta ſoldos, que valiam hum maravedì douro, que no preço, e pezo eram hos maravedìs douro como aguora ſaõ hos cruzados, e duquados.

E do dia que ElRey deu aſſi Caza aho Iſante ſeu filho, e ha nove mezes primeyros ſeguintes, tendo jáa feyto em muy inteyro acordo ſeu ſolene Teſtamento, arrependido de ſeus peccados recebendo como bom Catholico, e fiel Chriſtaõ todolos Sacramentos para bem de ſua alma, em Lisboa ha vinte dias de Março de mil e duzentos ſetenta e nove, acabou ſua vida, e deu ſua alma ha Deos, em idade de ſetenta annos, dos quais Reynou trinta, e dous, e foy loguo ſoterrado no Moeſteyro de Saõ Dominguos de Lisboa, que elle novamente fez, e depois na era de mil e duzentos, e oytenta e nove, foy tresladado ſeu corpo aho Moeſteyro Dalcobaça, pela Rainha Dona Breatiz ſua molher, que fiquou viva, e ſe mandou depois enterrar com elle no dito Moeſteyro Dalcobaça, onde ambos jazem.

1279.

Eſte Rey Dom Affonſo fez de novo ho dito Moeſteyro de S. Dominguos de Lisboa, ho qual começou aihos tres annos primeyros depois que foy Rey, e ho acabou em déz annos, e aſſi fez ho Moeſteyro de Santa Clara de Santarem, e povorou, e fez ha Villa Deſtremoz, e reformou, e povorou ha Villa de Beja, que dos tempos dos Mouros era de todo deſtroida, mas nom fez ha torre grande do Caſtello, porque eſta fez ſeu filho, ElRey Dom Diniz, e aſſi deu boons foraes ha muitos Luguares do ſeu Reyno, e em humas grandes fomes, que nelle ouve em ſeu tempo, ſe acha que uzou de grande piedade com ſeus vaſſallos, ha que proveo com devidos mantimentos, trazidos de muitas partes de fóra do Reyno à cuſta de ſuas rendas, e ha penhor das riquas joyas de ſeu teſouro, e foy ho primeyro, que ſe intitulou Rey de Portugual, e do Alguarve, e que primeyro por eſta cauſa pooz ha bordadura dos Caſtellos, como atraaz hee jáa dito.

DEO GRATIAS.

IN-

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

Abenafaam REy Mouro hé vencido na batalha de Sylves onde morreo afogado em hum rio pag.17. e 18.

D. Affonſo III. Onde, e quando foy levantado Rey de Portugal. p. 1. Foy cazado ſegunda vez com Dona Breatiz ſua ſobrinha filha natural delRey D. Affonſo X. de Caſtella. p. 2. Foy o primeyro que ſe intitulou Rey de Portugal, e dos Algarves, e pôs noEſcudo àlem das Quinas os Caſtellos. p.2. Foy muito amante da Juſtiça, e grande reedificador. pag.3. Sendo cazado com Dona Matildes Condeſſa de Bolonha a deixou, e vindo a Portugal ſe recebeo com ſua ſobrinha Dona Breatiz. pag. 3. Naõ admitte a Embayxada dos Cavalleyros que vieraõ a Portugal cõ a Condeſſa Dona Matilde para que a recebeſſe em ſua companhia, antes partem injuriados da ſua preſença. p. 4. Eſtranhalhe o Papa eſte procedimento, e lhe mãda intimar cenſuras pelo Arcebiſpo de S. Tiago,e naõ cede da ſua pertinacia. p.6. Dos filhos que teve de Dona Breatiz. p.7. Amou muito a ſua filha a Infanta Dona Branca a quem deu a Villa de Monte môr o velho, e em teſtamento lhe deixou mais de dés mil livras.p.7. Das diverſas terras,que juntou à Coroa com o cazamẽto de Dona Breatiz.p.8. Como alcançou o Reyno do Algarve, e ſe intitulou Rey delle. p. 20. Conquiſta glorioſamente a Villa de Faro. p. 21. 23. e 24. He exhortado pelo Papa para conquiſtar a Terra Santa.p.26. Mãda trezentos Cavalleiros em ſoccorro de ſeu ſogro, que lho pedira por eſtar deſſapoſſado do Reyno.p.32. Em que dia,e anno mor-

morreo. p. 34. Onde foy enterrado, e para que parte foy trasladado o ſeu corpo ibi. Edificios, que fez. ibi.

D. Affonſo X. De Caſtella teve de Dona Mayor Guilhelme de Guſmaõ ſua manceba a Dona Breatiz que cazou com D. Affonſo III. de Portugal. p. 3. Amou exceſſivamente a eſta filha e lhe deu hũ grande dote quando ſe recebeo com aquelle Principe. ibi. Deixou a ſua netta a Infanta Dona Branca, grande copia de dinheiro. p. 7. Sucedeu nos Reynos de Caſtella, e de Liaõ a ſeu Pay D. Fernando. p. 9. Doa a ElRey D. Affonſo III. o Reyno do Algarve, e com que condições. p. 20. Concede à petiçaõ de ſeu neto o Infante D. Diniz a izençaõ dos ſincoenta Cavalleyros com que doara a ſeu pay o Reyno do Algarve. p. 28. Sendo eleito Emperador dos Romanos, parte a França para ſer confirmado pelo Papa, e acha jà de poſſe do Imperio a Rodulpho, e volta para Caſtella. p. 30. Por ter morto a ſeu irmaõ o Infante D. Fadrique, e a ſeu ſogro D. Simaõ Rodrigues Cameiros he deſſapoſſado do Reyno por ſentença de ſeu irmaõ o Infante D. Manoel. p. 32. Pede ſoccorro a ſeu genro D. Affonſo III. para rebater eſta violencia, e lho manda. ibi.

Infante D. Affonſo. Filho de D. Affonſo III. de Portugal, e Dona Breatiz, cazou com Dona Violãte filha do Infante D. Manoel de Caſtella, e da Infanta Dona Conſtança de Aragam. pag. 7.

D. Affonſo Garcia. Adiantado môr do Reyno de Murcia, he mandado por Embayxador de Caſtella a pacificar ao ſeu Principe com D. Affonſo III. p. 27.

Albofeyra. He conquiſtada eſta Villa por D. Lourenço Affonſo Meſtre de Aviz. p. 25.

Algarve. Como foy conquiſtado por D. Payo Correa, e das glorioſas vitorias, que alcançou dos Mouros. p. 10. 11. e 12, Com q̃ condições foy doado por ElRey de Caſtella a ElRey D. Affonſo III. de Portugal. p. 20. Que terras comprehendia quando era poſſuido dos Mouros, e quaes ſejaõ as que tem depois que o dominaraõ os Portuguezes. p. 25.

Aljuſtrel. Foy conquiſtado por D. Payo Correa, e depois de ſer entregue a D. Sancho II. de Portugal, o deu eſte Principe à Oreẽ de San-Tiago. p. 9.

Aljuzur. Foy Conquiſtado por D. Payo Correa. p. 25.

Alvaro Garcia. Cavalleiro de San-Tiago, he morto pelos Mouros em Tavira, e honorificamente ſepultado. p. 17.

Alvor. He cõquiſtado por D. Payo Correa. p. 17.

Arcebiſpo de San-Tiago. He mandado pelo Papa, que admoeſtaſ-

ſe

ſe a D. Affonſo III. que largaſſe a Dona Breatiz por eſtar viva ſua primeira mulher a Cõdeſſa Dona Matilde, e que repugnando o emprazaſſe para que em quatro mezes appareceſſe peſſoalmente na ſua prezença. p.6.

B

Beja. FOy reformada, e povoada por D. Affonſo III. p. 34.

Beltram de Caya. Cavalleyro alentado he morto pelos Mouros em Tavira, e como foy honorificamente ſepultado. p.17.

Rainha Dona Dona Branca. Filha delRey D. Affonſo Noveno q̃ venceo a batalha das Navas de Toloza, foy mãy de S. Luis Rey de França. p. 30.

Infanta Dona Branca. Filha de D. Affonſo III. de Portugal, e da Rainha Dona Breatiz ſe recolheo no Moſteyro de Lorvaõ, e foy Senhora das Olgas de Burgos onde ſem cazar faleceo. p.7. Poſſuio grandes terras em Caſtella, como em Portugal. ibi.

Infanta Dona Branca. Filha de S. Luis Rey de França, foy mulher do Infante D. Fernando de Lacerda, filho primogenito de D. Affonſo X. de Caſtella de quem teve dovs filhos. p.30.

Rainha Dona Breatiz. Filha natural de D. Affonſo X. de Caſtella, foy cazada cõ ſeu tio D. Affonſo III. de Portugal. p. 2. e 3. Mãdou tresladar o corpo de ſeu marido para o Convento de Alcobaça, onde depois foy enterrada. pag. 34.

C

Campo Mayor FOy dada eſta Villa por ElRey D. Diniz a ſua irmãa a Infanta Dona Branca. p.7.

Caſtellos. Os que ſe vem no Eſcudo das Armas de Portugal, foram poſtos por D. Affonſo III. quando lhe foy dado em dote o Algarve, e naõ por ſerem do Condado de Bolonha. p. 2.

Infanta Dona Conſtança. Filha de D. Affonſo III. e Dona Breatiz, foy com ſua mãy a Sevilha a ver ſeu pay, que aſſiſtia naquella Cidade, onde faleceo, e foy conduſida ao Convento de Alcobaça, e nelle eſtá ſepultada. p. 8.

Cordova. Quando foy eſta Cidade ganhada por ElRey D. Fernando de Caſtella. p.8.

D

Infante D. Diniz FOy filho primogenito de D. Affonſo III. de Portugal, e Dona Breatiz, que depois ſucedeo no Reyno a ſeu pay. p. 7. Onde, e quando naceo. ibi. Edificou o Moſteiro de Odivelas onde eſtá ſepultado. ibi.

Sen-

Sendo Rey deu a ſua irmãa a Infanta Dona Branca a Villa de Campo Mayor. p. 7. Parte a Caſtella para pedir a ſeu avo D. Affonſo X. exima ao Reyno de Portugal da obrigaçaõ dos ſincoenta Cavalleiros com que lhe doara o Algarve, e depois de algumas contradições o alcança. p. 28. Em que dia, e anno lhe fez caza ſeu pay. p. 34. Edificou a Torre do Caſtello de Beja. ibi.

Diogo Affonſo. Alcayde mór de Toledo aprova em nome de todos os Procuradores, que eſtavaõ juntos em Valhadolid a determinaçaõ do Infante D. Manoel com a qual deſſapoſſou do Reyno de Caſtella a ſeu irmaõ D. Affonſo X. p. 32.

Duram Vaz. Cavalleiro inſigne he morto pelos Mouros em Tavira, e como foy enterrado. p. 17.

E

Eſtevaõ Vaz. CAvalleiro famoſo morre em Tavira, e como foy honorificamente ſepultado. p. 17.

Eſtremoz. Foy edificada eſta Villa, e povoada por D. Affonſo III. p. 34.

F

Infante D. Fadrique FOy morto por ſeu irmaõ D. Affonſo X. de Caſtella, e por eſte motivo foy deſſapoſſado do Reyno por determinaçaõ de ſeu irmaõ o Infante D. Manoel. p. 32.

Faro. Como, e quando foy conquiſtada eſta Villa por D. Affonſo III. p. 22. 23. e 24.

D. Fernaõ Lopes. Prior do Eſprital aſſiſtio com D. Affonſo III. na conquiſta de Faro. p. 22.

ElRey D. Fernando. De Caſtella, quando tomou Cordova? pag. 8. Em que anno conquiſtou a Cidade de Sevilha. p. 9. Quando morreo. ibi.

D. Fernando. Filho natural delRey D. Affonſo III. foy Cavalleiro da Ordem do Templo, e aonde eſtá ſepultado? p. 8.

Infante D. Fernando de Lacerda, Filho primogenito de D. Affonſo X. de Caſtella, he jurado por ſucceſſor da Coroa quando ſeu pay paſſou a França a coroarſe por Emperador dos Romanos. p. 30. Foy cazado com Dona Branca filha de S. Luis Rey de França. ibi. Morreo de peſte. ibi. Teve dous filhos, e como ſe chamaraõ. ibi. Porque tomou o appelido de *Lacerda.* ibi.

G

Gregorio X. ROga a D. Affonſo X. de Caſtelque por evitar algum ſciſma ſe recolha ao ſeu Reyno, quando vinha a coroarſe Emperador dos Ro-

Romanos por já eſtar de poſſe deſta dignidade Rodulpho Cõde de Cambra, irmaõ delRey de Inglaterra. p. 30.

D. Guarcia Lopes, Sẽdo privado de Meſtre da Ordem de Calatrava lhe ſucedeo Joaõ Nunes do Prado. p. 7.

Guarcia Rodriguse, Deu os meyos a D. Payo Correa para haver de conquiſtar o Algarve. pag. 10. Morre alentadamente em Tavira com mais ſeis companheiros acometidos por hum grande numero de Mouros. p. 16.

I

D. Joaõ de Avinhaõ CHançarel aſſiſtio com D. Affonſo III. na conquiſta de Faro. pag. 22.

Joaõ de Boim. Aſſiſtio no lanço de hum muro na tomada da Villa de Faro, que ao depois tomou o ſeu nome o lugar que tinha ocupado. p. 22. Tomou entrega de todos os lugares do Algarve cõquiſtados por ordem delRey de Caſtella para em ſeu nome os entregar a ſeu genro D. Affonſo III. e quando ſe celebrou eſte ajuſte. p. 37.

Joaõ Nunes do Prado. Cavalleiro da Ordem de Calatrava de que foy Meſtre, foy reputado filho da Infanta D. Branca filha delRey Affonſo III. de Portugal, e de hum Cavalleiro chamado o Carpiteiro. p. 7.

L

Livra. QUe valor tinha huma e duas, e meya. p. 34. Quarenta mil aſſinou para renda do Infante D. Diniz ſeu pay D. Affonſo III. ibi.

Loulè He conquiſtado por D. Affonſo III. p. 24.

D. Lourenço Affonſo Meſtre de Aviz aſſiſte com ElRey D. Affonſo III. na conquiſta de Faro. p. 22. Conquiſtou a Villa de Albufeyra. p. 25.

Saõ Luis, Primo com irmaõ delRey D. Affonſo III. de Portugal foy o ultimo Rey de França q̃ paſſou à conquiſta da Terra Santa, e que ſucceſſo teve neſta empreza. p. 26.

Infante D. Luis, He mandado por ſeu irmaõ D. Affonſo X. de Caſtella a Portugal a firmar as condiçõeſ com que doara a ſeu genro D. Affonſo III. o Reyno do Algarve. p. 26. Quem foram os pays deſte Infante. ibi.

M

Infante D. Manoel IRmaõ de D. Affonſo X. de Caſtella pronuncia em Valhadolid ſentença em preſença de muitos Procuradores de Cidades contra eſte Principe, para que

que naõ lhe obedeçaõ os povos, ſe intitule Rey ſeu ſobrinho D. Sancho. p. 32.

D. Martim Nunes, Meſtre da Cavallaria do Templo, veyo por Embaxador de Caſtella a concordar o ſeu Principe com El-Rey D. Affonſo III. p. 27.

Dona Matilde, Condeſſa de Bolonha ſabendo que era morto D. Sancho II. parte de França em huma Armada, e chegando a Caſcaes, naõ he admittida por ſeu marido D. Affonſo III. por eſtar cazado com Dona Breatiz p. 4. Volta para França, e ſe queyxa ao Papa do procedimento de D. Affonſo III. o qual ſendo advertido pelo Pontifice a q̃ largaſſe a Dona Breatiz, e naõ obedecendo ſe poz interdito em todo o Reyno. p. 6. Onde, e quãdo morreo eſta Condeſſa. ibi.

Dona Mayor Guilhelme de Guſmaõ, Foy manceba de D. Affonſo X. de Caſtella, de quem teve Dona Breatiz, que cazou cõ D. Affonſo III. de Portugal. p. 3.

Mem do Valle, He morto pelos Mouros em Tavira, e de como foy honorificamente ſepultado. p. 17.

Mertola, Foy conquiſtada por D. Payo Correa, e depois foy dada por D. Sancho II. à Ordem de San Tiago. p. 9.

Monte mór o Velho, Eſta Villa foy doada por ElRey D. Affonſo III a ſua filha a Infanta Dona Branca. p. 7.

Moſteyro, O de Saõ Domingos de Lisboa, e de Santa Clara de Santarem, foraõ fundados por El-Rey D. Affonſo III. p. 34.

N

D. Nuno de Lara OPpoem-ſe cõ fortes razões a ElRey D. Affonſo de Ceſtella, para que naõ conceda a ſeu netto o Infante D. Diniz a izençaõ dos ſincoenta Cavalleiros com que lhe doara o Reyno do Algarve. pag. 28.

O

Odivellas MOſteyro de Religioſas Bernardas foy fundado pelo Infante D. Diniz onde eſtá ſepultado. p. 7.

P

Paderne HE conquiſtada eſta Villa por D. Payo Correa. pag. 18.

Papa, Admoeſta a D. Affonſo III. que largue Dona Breatiz por eſtar viva ſua primeyra mulher, e naõ obedecendo interditou o Reyno todo. p. 6. 7. Por morte de Dona Matilde levanta o interdito, e diſpenſa em que os filhos, que tivera D. Affonſo III. de Dona Breatiz vivendo Dona Matilde pudeſſem ſuceder no Reyno.

Reyno. ibi. Pede por Fr. Payo Miniſtro dos Freyres de San-Tiago a ElRey D. Affonſo III. que conquiſte a Terra Santa. p. 26.

Fr. Payo, Miniſtro da miniſtraçaõ dos Freytes de San-Tiago, he mandado pelo Papa paraque exhorte a ElRey D. Affonſo III. a conquiſtar a Terra Santa. p. 26.

D. Payo Correa, Meſtre da Ordem de San-Tiago aſſiſtio à Conquiſta de Cordova, e Sevilha com ElRey D. Fernando de Caſtella. p. 8. 9. Conquiſtou as Villas de Aljuſtrel, e Mertola. p. 9. Como conquiſtou o Algarve, e das victorias que para eſte fim alcançou dos Mouros. p. 10. 11. 12. e 13. Toma Tavira com grande mortandade dos Mouros. p. 16. Conquiſta Selir, e Alvor. p. 17. Alcança huma famoſa vitoria de Abenafaam em Sylves, e conquiſta eſta Cidade. p. 17. e 18. Toma Paderne. p. 19. Foy o principal inſtrumento, para que ElRey D. Affonſo III. tomaſſe as Villas de Faro, e Loulé. p. 21. 22. e 24. Veyo por Embaxador delRey de Caſtella a concordar eſte Principe cõ D. Affonſo III. p. 27. Onde, e quando morreo. p. 29. Onde eſtà ſepultado. p. 30.

Pedro Eſtaço. Defende hum lanço do muro na tomada de Faro. p. 22.

Pedro Rodrigues, Commendador môr, he morto pelos Mouros em Tavira, e como foy enterrado. p. 17.

Portugal, Eſteve interdito alguns annos pelo Pontifice, por naõ querer D. Affonſo III. deyxar a Dona Breatiz ſendo viva a ſua primeyra mulher Dona Matilde. p. 6.

R

Rodulpho. COnde de Cambra irmaõ delRey de Inglaterra, he eleito por Emperador dos Romanos por alguns Eleytores. p. 30.

S

Sancho II. DE Portugal deu à Ordem de San-Tiago as Villas de Aljuſtrel, e Mertola. p. 9.

Infante D. Sancho, Filho legitimo de D. Affonſo X. de Caſtella toma poſſe do governo por morte de ſeu irmaõ D. Fernando de Lacerda. p. 31. Foy valeroſo Principe. ibi. He jurado por ſucceſſor do Reyno. ibi. Convoca os Concelhos em Valhádolid para que naõ conſintaõ que ſeu pay dé o Reyno de Murcia a ſeu neto D. Affonſo, e o conſegue. p. 32.

Selir, He conquiſtado por D. Payo Correa. p. 17.

Sevilha, Em que dia, e anno foy conquiſtada por ElRey D. Fernando de Caſtella. p. 9. Neſta Cidade morreo eſte Principe, e

quando. ibi.

Simaõ Rodrigues dos Cameiros, Sogro delRey de Caſtella D. Affonſo X. he morto por eſte Principe, cauza porque o deſſapoſſaraõ do Reyno. p. 32.

Sylves, Cidade no Algarve he conquiſtada por D. Payo Correa do poder dos Mouros, e como ficàraõ Tributarios a Portugal. p. 18.

T

Tavira, EM que dia, e anno foy tomada por Payo correa com grande mortandade dos Mouros. p. 16. Na Igreja de Santa Maria deſta Villa, eſtá ſepultado D. Payo Correa. p. 30.

V

Ucles. HE cabeça do Convento do Meſtrado de San-Tiago em Caſtella. p. 29. Neſte lugar morreo D. Payo Correa. ibi.

Rainha Dona Violante, Mulher de D. Affonſo X. de Caſtella receoſa de que mataſſem a ſeus netos, partio com elles para Aragaõ a ampararſe de ſeu pay El-Rey D. Jayme, p. 31. Pede a ſeu marido que dé a ſeu neto D. Affonſo o Reyno de Murcia, o que naõ alcançou. p. 31.

Dona Violante, Filha do Infante D. Manoel de Caſtella, e da Infanta Dona Conſtança de Aragaõ, cazada com D. Affonſo, filho de D. Affonſo III. de Portugal, e da Rainha Dona Breatiz. p. 7.

FIM.

CHRONICA
DELREY
D. DINIZ
SEXTO DE PORTUGAL.

CHRONICA
DO
SENHOR
D. DINIZ
QUINTO DOS REYS DE PORTUGAL

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

DOM DINIZ

SEXTO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL,

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ O V.

NOSSO SENHOR.

LISBOA OCCIDENTAL:

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXIX.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR.

AOS Augustissimos pés de V. Magestade chega a minha obrigaçaõ a offerecerlhe a Chronica do Senhor Rey D. Diniz seu duodecimo Avo. Esta

Eſta, Senhor, he a Hiſtoria de hũ dos mais glorioſos Principes, que teve a Monarchia Portugueza, porq̃ ſe fez taõ conhecido pela ſua prudencia, q̃ dous grandes Reys o elegeraõ por arbitro, e Juiz das contendas, que lhe perturbavaõ a paz de ſeus Vaſſallos, e foy taõ venturoſo, que mereceo ter por Eſpoza huma Matrona, que pela grandeza das ſuas virtudes, e dos ſeus milagres a veneramos hoje coroada no Ceo. Se me fora licito paſſar dos limites de huma Dedicatoria, bem podia moſtrar ao mundo a ſemelhãça do Neto com o Avo, mas baſtarmeha dizer, que aquella virtude verdadeiramente de Principe, qual he a liberalidade, ſendo por ella tam celebrado ElRey D. Diniz, V. Mageſtade a tem praticado de ſorte, que o deixa infinitamente excedido. A Real Peſſoa de V. Mageſtade guarde Deos como ſeus vaſſallos lhe dezejaõ.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES,

QUARTO CONDE DA ERICEYRA, DO CONCELHO de Sua Mageſtade, Sargento mór de Batalha dos ſeus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeyra, e Senhor da de Anciaõ, oytavo Senhor da Caza do Louriçal, Cõmendador das Commendas de Santa Chriſtina de Sarzedello, de S. Cipriano de Anguey-ra, S. Martinho de Frazaõ, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de Elvas, e de S. Bertholameu de Covilhã todas na Ordem de Chriſto, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, e hum dos cinco Cenſores della, &c.

MEU Senhor, buſcar o amparo de V. Excellencia he effeito da mais prudente rezaõ, porque na ſua peſſoa ſe achaõ todas aquellas circunſtancias, que ſeguraõ a protecçaõ. He V. Excellencia taõ affavel, e taõ benigno para todos, que ſuaviza, e facilita com eſtes dotes aquelle juſto temor que ſe acha

nos que ao meſmo tempo, em que os anima o dezejo de conſeguirem o que pretendem, os detem, e ſuſpende a grandeza de quem procuraõ como valedor. Porém V. Excellencia de tal ſorte he inclinado a favorecer aos que ſe valem do ſeu patrocinio, que lhes eſtá offerecendo as occaziões de o occuparem, como ſe unicamente nacera para todos. Naõ fallo na exceſſiva generozidade, com que V. Excellencia faz publica para todo o genero de peſſoas a ſua copioziſſima, e ſelectiſſima Livraria, beneficio, com que tem attrahido geralmente a todos. E porque eu Excellentiſſimo Senhor, ſou hum daquelles que com mais frequencia, e com muita eſpecialidade tenho recebido os favores de V. Excellencia tomo a confiança de lhe pedir queira pôr na Real preſença de Sua Mageſtade eſta Chronica delRey D. Diniz, porque deſta ſorte por meyo de taõ illuſtre valedor ficará deſculpado o meu atrevimento. A Excellentiſſima peſſoa de V. Excellencia guarde Deos muitos annos.

B. as mãos de V. Excellencia

Seu criado

MIGUEL LOPES FERREYRA.

PRO-

PROLOGO.

AMIGO LEYTOR.

AQui te dou na Chronica do Sereniſſimo Rey D. Diniz de Portugal outro argumento da palavra, que te empenhey quando te prometi dar impreſſas todas as Chronicas manuſcritas dos Reys deſte Reyno. Entre ellas era muito digna deſte beneficio a delRey D. Diniz, porque ſem duvida entre os Soberanos deſta Monarchia mereceo elle hum lugar de mayor diſtincçaõ. Aqui verás hum Principe taõ altamente reſpeitado, que pela ſua grande prudencia foy o arbitro para o ajuſte de pezadas contendas de dous Principes, o que conſeguio com a dezejada felicidade, cujos documentos poderás ver na Sexta parte da Monarchia Luſitana, e em D. Diogo Jozè Dormes nos ſeus Diſcurſos varios de Hiſtoria, impreſſos em Caragoça no de 1683. em quarto a folhas 135. Pelo ſeu conſelho foy taõ venerado, como temido pela ſua eſpada; com a qual entrou taõ felizmente pelas terras inimigas, que mais parecia triunfante, que combatente. Foy taõ venturoſo, que mereceo ſer Eſpozo da Rainha Santa Iſabel, ſendo tantos os pretendentes daquella Princeſa, que parece que lhes prognoſticavaõ os coraçõeſ, que havia de ſer a gloria da Monarchia, que a tiveſſe por Soberana. Tudo iſto he a materia deſta Chronica, que ſe a naõ achares eſcrita em eſtillo elegante, naõ ponhas a culpa ao Author, poem-na ao tempo, que tudo deſfigura com as ſuas neceſſarias mudanças, porque he certo que os Reys de Portugal, q̃ elegeraõ ou a Fernaõ Lopes, ou a Ruy de Pina para Chroniſtas mores deſte Reyno, haviaõ de eleger a huns homens, que foſſem merecedores de taõ authorizada occupaçaõ pelas ſuas letras, e pela ſua elegancia.

Vale.

LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

VIſtas as informações, pode-ſe imprimir a Chronica delRey D. Diniz,e depois de impreſſa tornará para ſe conferir,e dar licença,que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 29. de Agoſto de 1727.

Fr. Lancaſtre. Cunha. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

VIſta a informaçaõ pode-ſe imprimir a Chronica de que ſe trata, e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença,que corra ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 9. de Outubro de 1727.

D.J.A.L.

DO PAÇO.

SENHOR.

Nec ut credatur omnibus numeris abſolutũ, aliud præter nomẽ Authoris deſiderat ur Auguſtinus de Caſtro apud. Soſorſ. in centur. Emblem. Librorũ ſudex ſtatim quicunque voluerit erit Rulãd. de cõmiſſ. 1 p.l 1. c.13. Ex Dionſio Halicarnas. Rulãd. ſupr c.16. n.5.

JA na cençura da Chronica delRey D. Affonſo III. que V. Mageſtade foy ſervido commeterme, diſſe, que a mayor recomendaçaõ para o prelo, era o nome de ſeu Author. Neſta delRey D. Diniz, e nas mais facilmente ſe diſtinguirá o que for parto do entendimento de taõ grande Chroniſta, pois de alguns eſcritos ſe duvida ſerem ſeus. E ſendo quem os ler juis recto, ficará ao arbitrio da ſua prudente critica o exame da verdade delle: ſendo ſempre muito util que ſe imprimaõ por ſer a liçaõ das Hiſtorias eſtudo da mayor utilidade, porque nellas ſe achaõ todos os principios da verdade; da prudencia, e da ſabedoria. Iſto meſmo me parece quanto às Hiſtorias delRey D. Affonſo o IV. e delRey D. Duarte em q̃ concorrem os meſmos motivos,por naõ multiplicar cençuras. V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental 25. de Outubro de 1727.

Manoel de Azevedo Soares.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo torn ará à Meza para ſe conferir, e taxar, e dar licença que corra ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 15. de Novembro de 1727.

Pereyra. Oliveyra. Teyxeyra. Bonicho.

IN-

INDEX

DOS CAPITULOS DESTE LIVRO.

CAP. I. *Como ElRey D. Diniz ſendo Iſante foy alevantado por Rey, e obedecido, e das virtudes, que teve. pag.* 1.

CAP. II. *Como ElRey D. Diniz cazou com Dona Iſabel, filha delRey D. Pedro Daragam, e da Rainha Dona Coſtança, e de ſuas grandes virtudes, e ſantidade. pag.* 3.

CAP. III. *Do fundamento, e couzas que ouve pera ElRey D. Diniz aver alguũas Villas, e Caſtellos de riba Dodiana, que foraõ de Caſtella. pag.* 13.

CAP. IV. *Dos filhos legitimos que ElRey D. Diniz ouve da Rainha Dona Iſabel, e aſſi doutros baſtardos. pag.* 14.

CAP. V. *Do dezacordo, que ouve antre ElRey D. Diniz, e ho Iſante D. Affonſo ſeu irmaõ. pag* 15.

CAP. VI. *Do que ſuccedeo do cazamento do Iſante D. Affonſo filho delRey D. Diniz, e do Iſante D. Fernando, filho delRey D. Sancho de Caſtella pag.* 19.

CAP. VII. *Como ElRey D Diniz entrou em Caſtella, e da crua guerra que de huũa parte, e da outra ſe fazia. pag.* 25.

CAP. VIII. *Dos grandes malles, e danos que de huũ Regno ha outro ſe faziam, e dalguũs Lugares de Caſtella, que hos Mouros tomaram. pag.* 26.

CAP. IX. *Da razam porque ElRey D. Diniz deſiſtio deſta guerra, e ſe tornou a Portugal pag.* 27.

CAP. X. *Dos cazamentos, e eſcaybos, que depois da concordia ſe fizeram antre eſtes Rex em Alcanizes. pag.* 28.

CAP. XI. *Como ElRey D. Fernando cazou com ha Iſante Dona Coſtança, e das menagens que ſobreſſo ſe fizeram. pag.* 34.

CAP. XII. *Das ajudas que ElRey D. Fernando de Caſtella ouve delRey D. Diniz, pera guerra dos Mouros de Grada. pag.* 45.

CAP. XIII. *Como ElRey D. Diniz ordenou em Coimbra ho primeyro Eſtudo, que ouve em Portugal. pag.* 46.

CAP. XIV. *Como foy feyto em Portugal Meſtre de San-Tiago izento da Ordem de Ucres de Caſtella. pag.* 48.

CAP. XV. *Do fundamento que teve ha Ordem do Templo de Salamaõ em Jeruſalem, e como foy desfeyta, e ſe fez ha Ordem de Chriſto.*

Chriſto, pag 49.

CAP. XVI. *Do principal fundamento, e verdadeyra cauza pera eſta Ordem dos Templarios ſeer deſtroyda. pag.* 51.

CAP. XVII. *Como ho Papa, e ElRey de França notifiquaram ha ElRey D. Diniz eſta condenaçaõ dos Templarios, e de ſua Ordem. pag.* 55.

CAP. XVIII. *Da diſcordia que ouve entre ElRey D. Diniz, e ho Ifante D. Affonſo ſeu filho erdeyro, e has cauzas porque? pag.* 61.

CAP. XIX. *Das couzas que ho Ifãte capitulou pera matar Affonſo Sanches, ſeu irmaõ, ou ho deſterrar fóra do Regno. pag.* 64.

CAP. XX. *Da deligencia, que ElRey fez pera ſaber ha verdade dos Eſtromentos de Maguazela. pag.* 67.

CAP. XXI. *Dalguũas couzas mais que ho Ifante fez contra vontade, e ſerviço delRey ſeu padre. pag.* 71.

CAP. XXII. *Como ho Ifante ſe partio de Coimbra pera Lixboa, e do que lhe aconteceo com ElRey no caminho. pag.* 73.

CAP. XXIII. *Como ho Ifante levou ha molher, e hos filhos ha Caſtella, e hos Lugares que tomou ha ElRey ſeu padre, pag.* 75.

CAP. XXIV. *Como ElRey, e ho Ifante foram concordados por meyo, e interceſſam da Rainha Dona Iſabel, e da maneyra que neſſo teve, e das menagens que pera ſegurança deſſo ſe fizeram. pag.* 78.

CAP. XXV. *De huũa carta do Papa Johaõ XXII. aho Iſante D. Affonſo filho delRey D. Diniz, ſobre has dezavenças com ſeu pay. pag.*80.

CAP. XXVI. *Como ha Rainha Dona Maria de Caſtella, depois da morte delRey D. Fernando ſeu filho, teve viſtas com ElRey D. Diniz, ha que trouxe ElRey D. Affonſo menino, neto de ambos, e do que concertaram. pag.*84.

CAP. XXVII. *Como ho Ifante D. Affonſo ſe aparelhou pera pelejar com ho Ifante D. Felipe, que contrariava ho aſocego de Caſtella, e como ho Ifante D. Felipe ſe foy. pag.* 85.

CAP. XXVIII. *Como ho Ifante D. Affonſo, requereo ha ElRey D. Diniz ſeu padre, que fizeſſe Cortes, aas quaaes depois nom quiz vir. pag.* 87.

CAP. XXIX. *Como ho Ifante ſobre huũa vinda, que contra vontade delRey quizera fazer ha Lixboa, foram perto de pelejar, e porque ho leyxaram de fazer. pag.* 87.

CAP. XXX. *Como has gentes delRey, e do Ifante pelejaram ſobre eſto em Santarem, e do que ſe fez. pag.* 89.

CAP. XXXI. *Da morte delRey D. Diniz. pag.* 91.

CAP. XXXII. *Das obras, e couzas notaveis, que ElRey D. Diniz fez em ſua vida. pag.* 94.

CO.

CORONICA

DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

DOM DINIZ

SEXTO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Diniz ſendo Iſante, foy levantado por Rey, e obedecido, e das virtudes que teve.

ELREY D. Affonſo Conde que foy de Bolonha, faleceo em Lisboa ha vinte dias de Março do anno de mil
1279. e duzentos ſetenta e nove annos, em idade de ſetenta annos, como em ſua Coronica jàa ſe dice, e por ſeu falecimento na meſma Cidade, e tempo foy loguo alevantado, e obedecido por Rey de Portugual, e do Alguarve ho Iſante D. Diniz ſeu filho legitimo mayor, em idade de dezoyto annos, avendo nove mezes, que ſem ſer cazado tinha jàa por ElRey ſua caza apartada. Eſte foy do começo de ſeu Reynado atèe o fim delle ſempre em todos ſeus feytos muy excellente, e por ſeu bom nome conhecido, e eſtimado por tal antre todolos Reys do mundo, que teve em perfeyçam tres virtudes, ha ſaber verdade, juſtiça, e nobreza, pelo qual hos homens qne has tem, como elle teve, claramente ſam avidos de humanos, por divinos, e de

mortais por immortais ; e porque cada huma deſtas elle fez com tal temperança , e aſſi ſempre uzou. que em cada huma dellas mereceo de ſer, e foy com rezam muito louvado , e na juſtiça foy o ſeu primeyro intento, e cuidado , e punições , da qual quiz loguo reparar alguns inſultos, e deſmandos , que dos tempos de ſeu padre , e avoo ainda avia no Reyno, e principalmente em punir, e caſtigar ladrões, e malfeytores , que com merces, que dava , e diligencias , que fazia, ahos que eram tomados punia com mortes, e grandes eſcàrmentos , e ha outros com ſeu temor , eſpantou , e deſterrou da terra, eſpecialmente hos que em quãdrilhas em alguns ermos onde ſalteavam tomava, aſſi como na montanha que ſe diz de Açor,e na ſerra da mendigua, e em Alpedris , que por ſuas culpas, e maleficios receberam em ſuas peſſoas cruas penas , de que davam teſtemunho has muitas forcas do Reyno que delles eſtavam cheas.

Foy Principe de bom ſaber;porque amou ha juſtiça ſobre todalas couſas , e por eſſo foy para todos muy juſtiçoſo, e para ſy ſobre todos juſtiçado , e ſua juſtiça nom era ſempre tam ſevera , que quando alguns caſos, e tempos ho requeriam nom miſturaſſe com ella muita miſericordia, e piedade. Nunqua delle ſe achou que diceſſe mentira , nem quebra de ſua verdade , e defendeo , e favoreceo muito hos lavradores , ha que chamou nervos da terra, e do Reyno, e teve grande cuydado dos pobres, e minguados, ha que ſempre proveo com ſuas ajudas, e eſmolas , e nas couſas de ſua fazenda, e caza foy ſobre todos ho mais provido , e ſolicito , com que deu maravilhoſo exemplo, para que em ſeu Reyno todos ho fizeſſem , por eſſo ſe fez Rey de grandes tezouros , porque has gentes do Reyno foram tambem em ſeu tempo muy riquas, e fez muitas leys por bem , e regimento da terra, e todas ſem alguma quebra por ſy ſempre guardou , e mandou inteiramente guardar, e foy Principe tam liberal ſem algum vicio de prodiguo , que por todalas terras elle por ſua grande nobreza foy de todos muy celebrado , e lembrado, e por ella muitos Senhores de Nações diverſſas vinham à ſua Corte pelo ver, e elle aſſi hos honrava , e tratava , e com ſuas grandes dadivas aſſi hos deſpedia que da fama, e eſperança , com que ha elle vinham, nom ſe achavaõ enganados, e ha todolos outros Fidalguos,e Senhores Eſtrangeyros , que por alguns caſos tinham de ſua ajuda emparo, e ſoccorro alguma neceſſidade, elle nunqua em ſeu Reyno lho neguou , e ha todos recebia com muita honra , e fez grandes merces.

E alguns deſtes foram ho Ifante D. Joaõ de Caſtella ſeu tio irmaõ da Rainha Dona Breatiz ſua madre , e de D. Reymaõ de Cardona

Dara-

Daraguam, que deſſes Reynos de Caſtella, e Daraguam eram deſterrados, e no de Portugual acolhidos, e tambem D. Joaõ Nunes de Lara, Senhor de Biſquaya, que El-Rey D. Diniz teve prezo, e depois por grandeza ho ſoltou, e mandou poer em ſua terra com muitas dadivas, e grandes merces que lhe fez, com que honradamente, e com muitos Cavalleyros ho ſoltou, e mandou poer em ſua terra, como aho diante ſe dirá. Eſte Rey, porque ſempre dezejou de fazer guerra ahos infieis, e elle nom tinha terra, que jáa foſſe de ſua conquiſta trabalhava de lhe fazer continuadamente por maar com armadas, e frotas, que contra hos Mouros Dafriqua, e de Grada ſempre trazia, e nunqua ſe acha que contra elles fizeſſe paz, nem lhe deſſe treguoas, e has mais couſas que em ſua vida fez por acreſcentar, e enobrecer ſeu Reyno, no cabo deſta ſua Coronica brevemente ha ſomarey, porq̃ verdadeyramente ſe laybaõ.

CAPITULO II.

Como ElRey D. Diniz cazou com Dona Iſabel, filha delRey D. Pedro Daraguam, e da Rainha Dona Coſtança, e de ſuas grandes virtudes, e ſantidade.

SEndo ElRey D. Diniz de vinte annos, idade aſáas conveniente para cazar, foy aconcelhado da Rainha Dona Breatiz ſua madre, e aſſi requerido por parte do Reyno de Portugual, que cazaſſe para teer eſperança de lhe dar Deos erdeyro legitimo, que ho ſocedeſſe; e loguo lhe foy apontado na Iſante Dona Iſabel Daraguam, que eſtava por cazar filha delRey D. Pedro deſte nome ho IV. e dos Reys Daraguam ho undecimo, e da Rainha Dona Coſtança, filha de Manfreu, Rey dambas as Cezilias, que fora filho do Emperador Federiquo, ha qual Iſante Dona Iſabel por ſuas muitas bondades, e grande fremoſura era nas Cortes dos Reys, e Principes Chriſtãos muyto louvada, e por eſſo ſe requeria delles grandes, e muy altos cazamentos, no que ElRey D. Pedro ſeu pay nom podia conſentir vencido ſõomente de grande affeyçam, que lhe tinha, com que nom podia padecer ha privaçam de ſua ſanta converſaçam, e da gracioſa prezença de ſua viſta; e ſendo ElRey D. Diniz por eſtes reſpeytos della muito contente; eſtando em Eſtremoz no anno de mil duzentos oytenta e hum annos, avendo dous annos que jáa Reynava, ordenou ſeus Embayxadores, e Procuradores para hirem requerer ha dita Iſante Dona Iſabel; Joaõ Velho, Vaſquo Pires, e Joaõ Martins, homens de ſeu Concelho, e peſſoas acerqua delle, de grande autoridade, e boa eſtima, hos quais chegáram à Corte delRey Daraguam, que eſtava em Barcelona, 1181.

onde ſobre o meſmo caſo ſe acertaram outros Embayxadores delRey de França, e delRey de Ingraterra, que para cazamentos de ſeus filhos erdeyros enviavam requerer ha dita Ifante.

Pelo que ElRey D. Pedro vendo que alguns deſtes Principes jáa ſe nom podia eſcuzar confirando, que com hos filhos delRey de Frãça, e de Ingraterra pelos muito conjuntos divido de ſangue, que com elles tinha, elle ſem diſpenſaçaõ Apoſtoliqua ha nom podia dividamente cazar, e que em caſo que com cada hum delles cazaſſe nom ſaya de ſua caza Rainha, mas Ifante, ouve por bem de outorgar, que cazaſſe com ElRey D. Diniz, porque ſem mais longuas eſperanças, ella foſſe loguo Rainha. Pelo qual ho dito Joaõ Velho, que dos ſobreditos Procuradores era peſſoa para eſſo eſpecialmente deputada, recebeo ha dita Ifante por molher delRey D. Diniz, e depois de aſſinarem tempo certo em que avia de ſer trazida, hos Embayxadores ſe tornáram ha Portugual, e porque antre hos grandes guoſtos, e muitos proveytos das Eſtorias, ha declaraçam verdadeyra das linhagens, e deſcendencias dos Principes, e Senhores conſegue ho mais pequeno, e vejo que hos Iſtoriquos, que dos Reys, e ſeus feytos, que eram prezentes eſcreveram elles, porque ſemilhantes declaraçõe de geraçõe ſerem ha eſtes tempos rezentes pubriquas, e muy notorias, has calaram, e nom eſcreveram, e por eſſo aho diante por ha longura do tempo, e has fraquezas das memorias ſe cauzam duvidas, e confuzoens, que muito deſcontentam.

Por tanto nom ſóomente nom pareceo couza injuſta, mas muy neceſſaria declarar algum tanto de mais longe ha geraçam de que eſta Rainha Dona Iſabel deſcende, e com que geraçoens Reaes foy liada. Porque he de ſaber, que ElRey D. Pedro deſte nome ho terceyro, e dos Reys Daraguam ho noveno, cazou com ha Rainha Dona Maria, filha de D. Guilhemo de Mompilher de que ouve hum filho, que ho ſocedeo dito D. James deſte nome o primeyro, e dos Reys Daraguam ho decimo, eſte D. James, como nas Coronicas Daraguam ſe affirma, foy concebido ha caſo, e ſeu nome poſto por milagre, porque ElRey D. Pedro por ſua natural condiçam, ou por ſeu vicio era muito dado às molheres eſtranhas, e muito pouquo à Rainha ſua molher, ha que por conſentimento de hum Camareyro delRey eſcondida, e muy ſecretamente ſe lançou de noyte na cama delRey em luguar de huma moça, com que elle tinha affeyçam, e aquella noyte concebeo do marido, e conhecida por ElRey, que do caſo foy enverguonhado, ella ſe nom quiz alevantar da cama atée ho outro dia muy claro em que de muitas gentes ſe fez alli vir conhecer, e daquelle proprio dia de que mandou tomar

pubri-

pubriquos teſtemunhos ha nove mezes pario hum filho, com que ElRey ouve muito prazer, e por devaçam, e mais ſegurança de ſua vida, mandou loguo offerecer ho menino ha huma Egreja, e encomendallo ha Deos.

Preguntando ElRey pelo Officio, ou Pſalmos, que ſe rezavam aho entrar della, foy certifiquado, que ha eſte tempo hos Sacerdotes cantavam *Te Deum laudamus*, e daquella primeyra Egreja ho mandou levar ha outra ſegunda, onde pela meſma maneyra ſoube, q̃ aho entrar della com ho menino ſe dizia *Benedictus Dominus Deus Iſrael*, e ſendo ambos pay, e mãy em conſulta do nome, que lhe poriam, ha Rainha ſua madre dice, que ſua vontade, e devaçam era parindo filho, que ouveſſe ho nome de cada hum dos doze Apoſtolos, e para eſſo mandou loguo fazer doze candeas de cera por igual medida, e pezo, e em cada hũa hum eſcrito, e em cada hum eſcrito ho nome de cada hũ dos doze Apoſtolos, e com ellas juntas, e ha hum proprio momento acezas mandou dizer huma Miſſa ſolene do Eſpirito Santo, e no cabo della has candeas todas arderam, ſalvo ha que em nome de SanTiaguo foy poſta, que fiquou mais inteyra, e por eſſo no ſeu nome de James, foy loguo cazado com ha Rainha Dona Lionor, filha delRey D. Affonſo deſte nome ho noveno de Caſtella, irmãa da Rainha Dona Orraqua de Portugual, de que ouve hum filho D. Affonſo, que faleceo, e foram ambos depois pela Egreja apartados, e depois elle cazou com ha Rainha Dona Violante, filha que foy de D. André Rey Dumgria, de que ouve eſtes filhos ha ſaber: D. Pedro, que apoz elle Reynou em Araguam, e D. James, que foy Rey de Malhorqua, e Menorqua, e D. Sancho que foy Arcebiſpo de Toledo, e foy morto em huma batalha em Andaluzia, que ouve com hos Mouros, e Dona Coſtança, que foy cazada com ho Iſante D. Manoel de Caſtella avoo da Iſante Dona Coſtança, molher, que foy delRey D. Pedro de Portugual, e Dona Violante, que cazou com ElRey D. Affonſo ho decimo de Caſtella, avoo delRey D. Diniz de Portugual, e Dona Iſabel, que cazou com D. Felippe Rey de França, filho, e erdeyro delRey S. Luis.

E eſte Rey D. James foy ho que tomou ſegunda vez Valença Daraguam ahos Mouros por cerquo, e força, porque da primeyra vez, que por ho Cide Ruy Dias foy tomada, elles Mouros no proprio tempo de ſua morte ha tornaram ha cobrar, e atée eſte Rey ha tiveram. E eſte Rey D. James depois de muito velho, e nom podendo jáa ſofrer ho pezo, e carreguo do regimẽto de ſeu Reyno fez alevãtar, e obedecer por Rey aho Iſante D. Pedro ſeu filho, e elle meteoſe Monge no Moeſteyro de Santa Cruz, de Monges branquos, onde jáas ſepultado.

Eſte

Eſte Rey D. Pedro ſeu filho deſte nome ho quarto, e dos Reys Daraguam ho onzeno, contra vontade de ſeu pay cazou cõ Dona Coſtança, filha delRey Manfreu, que foy dambas as Cezilias, filho baſtardo de Federiquo II. Emperador Dalamanha, e Rey de Cezilia, e de Napoles, que foy Erege, e mão homem, e cruel, e perſeguidor da Egreja, aſi como fora ſeu avoo, ho outro Federiquo, que diceraõ Barbarroxa, ho qual Emperador Federiquo II. ſendo doente em Fruelmela Luguar do Reyno Dapulha por conſentimento de hum ſeu Camareyro foy afoguado, e morto por eſte ſeu filho Manfreu, que ſe chamava Principe de Tarento, para loguo aver como ouve, ſeus teſouros, que eram muy grandes, e eſta abominavel maldade fez por tal que em algum teſtamento, que ho pay podera fazer, nom deſpozeſſe de ſuas riquezas ho contrayro do que dezejava.

E deſte Emperador fiquou hum filho legitimo, que chamavam Conrado, que era em Alemanha, e vindo para Napoles de Cezilia, que direytamente lhe pertencia tambem Manfreu ſeu irmaõ em hum paſtel ho fez matar com peçonha, e deſte Conrado fiquára hum filho menino erdeyro dito Conradino, que em miſtura de certos prezentes, e joyas tambem ſeu tio ho quizera matar cõ peçonha, mas ha Rainha mãy do menino como muy prudente, e receoſa das manhas de Manfreu aprezentou em luguar do filho outro menino em tudo conforme, que por elle loguo morreo, ho qual Manfreu por morte de Conrado ſeu irmaõ com has muitas riquezas, que tinha occupou loguo, e ouve o Reyno de Cezilia, que ſendo ſobre eſſo pelo Papa Alexandre eſcommunguado, e perſeguido com exercito para que deixaſſe ho Reyno, elle por ſua ajuda meteo em Italia muitos Mouros de Tunes, e Dafriqua cõ que desbaratou ha gente do Papa, e fez em Italia grandes deſtroiçõeſ, e levou della grandes deſpojos.

Pelo qual ho Papa Urbano IV. enviou em França chamar ha Carlo irmaõ delRey S. Luis ha quem fez Alferes da Egreja, e lhe deu hos Reynos de Napoles, e de Cezilia, porque hos cobraſſe de Manfreu, que tiranamente hos uſurpava, e Carlo ajuntou muita gente, e com ajuda do Papa ouve batalha com Manfreu junto de Benavente em Italia onde ho dito Manfreu foy morto, de que hos Reynos de Cecilia, e de Napoles fiquaram loguo pacifiquos ha Carlo, eſpecialmente, que depois da morte de Manfreu tambem Carlo matou em outra batalha ho Conradino neto de Federiquo, ho que Manfreu quizera nas joyas matar, porque com grande exercito veo contra Carlo para cobrar hos Reynos que dizia lhe pertencerem de direyto, e na contenda foy morto, e ſendo Carlo neſſa poſſe dambos

hos

hos Reynos ſobreveo,que por quãto hos Francezes tratavaõ has gentes de Cezilia com inhumanos roubos, e cruezas, e deſprezos, deſoneſtidades, diſſoluções: elles todos de que ha Cidade de Palermo, foy ho principio, indinados contra hos Francezes ſendo jáa para eſſo ſecretamente exortados, e favorecidos delRey D. Pedro Daraguam, em hum dia hos mataram todos, e para vinguança deſta rebeliam, e mortindade dos ſeus, ElRey Carlo, que nom era em Cezilia ajudado de grandes potencias veo ha Cezilia, e cerquou eſtreytamente ha Cidade de Mecina, que loguo com has outras Cidades da Ilha enviaram pedir ſoccorro aho dito Rey D. Pedro, ha quem pediam amparo, e ajuda, e por eſſo lhe offereceram ha entregua do Reyno, que diziam lhe pertencer direytamente pela Rainha Dona Coſtança ſua molher, filha do dito Rey Manfreu, de que nom fiquara outro erdeyro legitimo, que ho ſocedeſſe.

Por cujas preces, e requerimentos, commovido ElRey D. Pedro, principalmẽte por cobrar ho Reyno de Cezilia, que lho fereciaõ, elle com grandes frotas veo loguo ha Palermo onde recebeo ha obediencia, e Coroa do Reyno, e dahi ordenou loguo deſcerquar Mecina em cuja perda ſe ha perdeſſe, toda Cezilia ſe perdia, primeyro mandou requerer ha ElRey Carlo, que ſe partiſſe, e lhe deyxaſſe ſeu Reyno, que por ſua molher direytamente lhe pertencia, ho que Carlo deſprezou, como ha Embayxada, e requerimento de grande ſoberba, e porém com medo delRey D. Pedro, que pelo maar era muito mais poderoſo, receoſo de lhe tolher hos mantimentos para ſeu exercito, deyxou ho cerquo de Mecina, e ſe foy ha Calabria, e dahi mandou chamar ha Carlo Principe de Salerno, ſeu filho que era em França, hõ qual com grande poder ſe ajuntou com ſeu pay em Roma, onde ſe queyxáram delRey D. Pedro aho Papa Martinho IV. da força, e danos de Cezilia feytos contra direyto, dizendo que Carlo por armas, e em campo lhe faria conhecer ſeu erro, e tirania.

Ha quem ElRey D. Pedro com eſcuzas coradas das couſas paſſadas ſe mandou defender em Roma por ſeus Embayxadores, hos quaes por guanharem tempo, e eſcuzarem ha yda dos Francezes ſobre Cezilia, porque eſtavam muito poderoſos condordáram em nome delRey D. Pedro por juramentos ſolenes, que ha contenda deſſe Reyno ſe partiſſe por deſafio dambos hos Reys em peſſoas, e com cem Cavalleyros cada hum ſõomente, e que foſſe em Bordeos, que ha eſſe tempo era delRey Dingraterra, e que aho Rey vencedor fiquaſſe livremente, e ſem contradiçam ho dito Reyno de Cezilia, do que ElRey Carlo foy muy contente, para concordarem ho deſafio, e ElRey D. Pedro deyxou Guovernador, e como Rey de

de Cezilia ElRey D. James seu filho, e veose Araguam, e Carlo para regimento, e defençam deyxou tambem seu filho Carlo Principe de Salerno, e passou em França, para cada hum com suas valias, que levavam por segurança do campo irem comprir ho desafio para que era assinado dia certo no mez de Junho, ho qual dia Carlo pareceo em Bordeos com hos seus Cavalleyros armados, deyxando ha huma jornada ElRey Felippe de França cõ grande seu exercito por segurador.

Mas ElRey D. Pedro nom pareceo pubriquo em Bordeos, e porém se diz, que por nom quebrar ho juramento, que fizera se mostrou ahi alguns em secreto, e que de como parecera tomou por sua escuza estormentos, e se volveo ha seu Reyno com grande pressa, e por este enguano de q̃ ElRey de França, e Carlo seu tio, e ho Papa juntamente foram muito escandalisados, ho Papa escommungou ElRey D. Pedro, e deu contra elle Cruzada, e concedeo ho Reyno Daraguam com grande solenidade, e com grande doaçam ha Felippe Conde de Valois, segundo genito delRey Felippe de França, que cazou com huma neta delRey Carlo seu tio Principe de Salerno. E neste tempo antes de se executar ha Cruzada contra ElRey D. Pedro, hum Rogerio Delora, Almirante delRey D. Pedro com grande frota se foy à vista de Napoles, onde Carlo filho delRey Carlo fiquara por Guovernador, ho qual por seu muy riquo sangue de que descendia nom podendo sofrer has muytas injurias que do Almirante Daraguam em sua pessoa recebera, guiado mais do favor de seu esforço, que do verdadeyro sizo, nem dos preceytos de seu pay, que nom guardou, sahio com sua frota, que tambem consiguo tinha, e pelejou no maar com ho Almirante, ho qual por ser de sy mesmo tam afouto, e nas pelejas do maar muy afortunado venceo, e prendeo Carlo com muitos homens de sua companhia, e prezo com hos seus, loguo foram levados ha Cezilia, e postos em carcere em Mecina.

Aho qual infortunio de Carlo, ElRey Carlo seu pay querendo proverse se foy ha Guayeta, e porque com effeyto nom podia seu dezejo satisfazer, de nojo adoeceo, e segundo se diz morreo de tristeza, pelo qual hos de Mecina, porque eram por este caso apertados pelo Papa com grandes escõmunhões, e antreditos sabendo ha morte delRey Carlo por mais sua vinguança se foram ahos carceres, onde estavam hos Francezes para hos matarem, e porque hos prezos eram homens, e bons Cavalleyros se poseram em defençam, e resistencia, e foram dos Cezilianos nos mesmos carceres mortos sem piedade, e queymados, e assi quizeram fazer aho Principe Carlo, se ha Rainha Dona Costança molher delRey D. Pedro, que ha esse tempo era em Cezilia,

Cezilia lhe nom valera, porque eſtranhou fazerſe tam crua juſtiça; ſem mandado, nem autoridade delRey D. Pedro ſeu marido, e dally concordaram, que Carlo foſſe levado prezo, como foy Araguam, onde era, e avendo quatro annos, que ho dito Carlo era prezo depois da morte delRey D. Pedro, Reynando em Araguam ElRey D. Affonſo ſeu filho, foy por meyo delRey D. Duarte Dingraterra ſolto ſobre ha refens, que Carlo deu de tre filhos ſeus legitimos, e ſinquoenta Cavalleyros nobres do Condado de Proença, e pelas deſpezas trinta marquos de prata, com condiçaõ, q̃ elle renunciaſe ho direyto q̃ tinha em Cezilia, e fizeſſe renunciar ha Carlo de Valois ho direyto q̃ ho Papa lhe dera em Araguam.

E por eſto, e por cazamentos q̃ depois antre elles ſe fizeram fiquou aos Reys Daraguam ho direyto no Reyno de Cezilia; como quer q̃ ſobre eſta meſma contenda antes de ſe fazer ha meſma concordia ElRey Felippe de França, e eſte Rey D. Pedro Daraguam faleceram ambos ſobre ho cerquo de Girona, ha ſaber, ElRey de França por doença, e ElRey D. Pedro por dezemparo, e treyçaõ dos ſeus, foy morto ha ferro, como nas Coronicas de Frãça, e Daraguam mais larguamente ſe decrara. E deſte Rey D. Pedro Daraguam, e da Rainha Dona Coſtança ſua molher fiquaram eſtes filhos, ha ſaber D. Affonſo filho primeyro, ha q̃ differaõ ho Caſto, q̃ apoz eſte Reynou, e ſem cazar morreo Frade no abito de S. Franciſquo, e D. James ha q̃ fiquou ho Reyno de Cezilia, depois q̃ elle foy Rey Daraguam, e Dona Violante, que depois cazou com ElRey Carlo, irmam de S. Luis Biſpo de Toloza, e Dona Iſabel molher delRey D. Diniz de Portugual.

E tornando ho proceſſo aho fio de ſeu cazamento, que atraaz leyxey aho tempo, que eſte cazamento ſe fez em Araguam, eram grandes guerras, e differenças em Caſtella, antre ElRey D. Affonſo ho decimo, e ho Iſante D. Sancho, ſeu filho, cuja parte ElRey D. Pedro Daraguam favorecia, e ſeguia, e por eſte caſo receando enviar ſua filha por terra ha ſeu marido ElRey D. Diniz, ordenava que vieſſe por maar, mas por outros pejos que da vinda do maar ſe offereciam, ordenou de toda via vir por terra, e em ſua companhia enviou ho Biſpo de Valença, e muitos outros Cavalleyros dos milhores de ſua terra, e lhe deu muy riquas joyas douro, e de pedraria, e grande bayxella de prata, e com ella veo tambem ElRey ſeu padre atée ho eſtremo de Caſtella, onde antè de ſe eſpedirem falaram ambos apartados por grande eſpaço, e em ſe eſpedindo ElRey delia, elle com olhos cheos de muy ſaudoſas lagrymas lhe dice.

Filha, Deos que te chamou per a eſte cazamento, e lhe prouve que de minha caza faiſſes Rainha, elle neſte

caminho te queyra guardar, pera que nom recebas pejo, nem dano algum, e Deos que na terra onde naſceſte te amou, e quiz que de todos ſempre foſſes amada, endereſſa tua vida, e teus feytos neſſa pera onde vaaz de maneyra que ſempre faças couzas de ſeu ſanto ſerviço, e te dee ſempre avença, e boa concordia com teu marido.

E com eſto ſoltando-a dos braços com que ha teve apertada, chorando lhe deytou ha bençam de Deos, e ha ſua, e aſſi ſe deſpedio della com ſinaes de muito ſaudoſo, e como entrou em Caſtella, veo ha recebella alho caminho, ho dito Ifante D. Sancho, ſeu primo com irmaõ, porque fora filho da Rainha Dona Violante molher delRey D. Affonſo de Caſtella, que era irmãa delRey D. Pedro Daraguam, e do dito Ifante D. Sancho de que ha Rainha Dona Iſabel, e todolos de ſua companhia receberam muita honra, e boom trato, e ho Ifante lhe dice: *Senhora ElRey voſſo padre meu tio, em minhas neceſſidades me fez ſempre tanto favor, e me deu tam grandes ajudas, que por eſſo, e principalmente por quem vòs ſois, eu com boa vontade atee Portugal fora com voſquo, mas por eſtas guerras em que ando, que hee neceſſario que ſempre proveja com minha peſſoa, ho nom poſſo aguora fazer, e peçovos que deſta culpa me releveis, e ſabey que pera hàs couſas de voſſa honra, e ſerviço ſempre me achareis diligente, e mito aguardecido, mas eu enviarey com voſquo ho Ifante D. James meu irmaõ, que vos acompanhe.*

E aſſi proſeguiram ſua viagem atée cheguarem ha Braguança, onde ſua entrada fora concordada, e alli eram jaa, que eſperavam por ella ho Ifante D. Affonſo, irmaõ legitimo delRey D. Diniz, e ho Conde D. Guonçalo, cazado com Dona Lionor, tambem ſua irmãa, filha baſtarda delRey D. Affonſo Conde de Bolonha, e aſſi outros Perlados, e riquos homens do Reyno de Portugual, e dally ſe deſpedio della ho Ifante D. James, e ſe tornou pera Caſtella, e ho Ifante D. Affonſo, e hos Perlados, e Senhores de Portugual trouxeraõ ha Rainha ha Tranquozo, onde veo ElRey D. Diniz, e ha recebeo em peſſoa, e depois de feytas ſuas bençõeſ ordenadas pela Egreja, fizeram alli ſuas vodas com muy grandes feſtas, e com muy grandes alegrias no mez Daguoſto do anno de mil duzentos oytẽta, e dous annos, 1282.
pera ho q̃ no campo de Tranquozo ſe fizeram grandes, e cuſtozas cazas, e ElRey ſe partio dally com ella, e lhe ordenou loguo caza, e deu ſeus officiaes, terras, e aſſentamento ſegundo ha ſua honra, e eſtado compria.

E eſta Rainha Dona Iſabel poſto que por obediencia, e mandado delRey ſeu padre, e por neceſſidade de bem, e paz deſtes Reynos, foſſe corporalmente cazada com ElRey D. Diniz ha que tinha grande

de amor, ella porém com todalas obras, e ſinaes de muy Santa, nom leyxava eſpiritualmente de ſer cazada com Deos, hia quem com tanta abſtinencia, e continuas orações ſempre ſervia, e contemplava como ſempre fizera, ſendo donzella em caza delRey Daraguam ſeu padre, porque ſendo cazada, por hum Breviayro por devoto coſtume, tinha por ſeu deſenfadamento mais familiar, em todolos dias rezava todalas oras Canonicas, e depois deſſo tomava outros livros de couzas eſpirituaes, e devotas, e por elles lendo retraida muitas vezes com muitas lagrymas de devaçam ha viram chorar, e depois deſte virtuoſo officio, que cada dia ordenadamente tinha, por nom eſtar ocioza cuſtumava por ſuas mãos lavrar, e fazer couſas douro, ſeda, e prata, e ſobreſſo com ſuas donas, e donzellas praticava ſempre em couſas devotas, e oneſtas, e porque ſua fée foſſe por obras mais prefeyta, e de moor merecimento, ella ha moor parte de ſuas rendas dava ſecretamente ha peſſoas miſeraveis em que ſabia, que avia verguonhozas neceſſidades, e ha eſtas era tam liberal, e piedoza, e com tam limpo coraçaõ, e tam graciozo roſtro lhe dava ho ſeu, que por ella muy verdadeyramente ſe dizia, que das viuvas, e orfans era piedoza madre; e ella foy ſempre em todas ſuas averſſidades, e deſcontentamentos, que lhe ſocediam, muy armada de paciencia, porque nella nunqua foy conhecida ira, nem ſanha, huma ora mais que outra, e has vinguanças, que tomava dos males, e deſcontentamentos, que dalguem recebia, eram graciozos perdões ſem querer tomar per ſy, nem por outrem alguma outra emenda.

Era em ſuas palavras muy manſa, e em ſuas obras muy conforme ha toda humildade, ſem algum alevantamento de ſoberba, de maneyra, que ha graça do Eſpirito Santo, de que era aceza de todo, cauſava em ſua alma hum louvado aſſoſſeguo, e grande devaçam, com que hos dias que ha Egreja mandava guardar ella ſem quebra dalgum hos jejuava todos ha conduto, ſem comer mais que huma ſóo vez, e além deſſo fazia jejuns de paõ, e aguoa todalas feſtas feyras do anno, e Veſperas dos dias de N. Senhora, e ſobreſſo em toda huma quarentena, que vem em cada hũ anno de S. Joaõ Baptiſta, atée Sãta Maria Daguoſto, e atèe ho S. Miguel, e outra quoreſma dos Anjos, que hee des ho dia de N. Senhora Daguoſto, e aſſi de dia de todolos Santos atée Veſpera de Natal nom comia, nem bebia ſe nom paõ, e aguoa huma ſóo vez no dia, de maneyra que fazia eſte tam aſpero jejum has duas partes do anno, e aſſi teve outras muitas, e muy ſingulares virtudes, com que pareceo que venceo ſuas forças humanas, e por ellas aprouve ha N. Senhor fazer em ſua vida muitos milagres, e depois de ſua morte muitos mais, e

dos de ſua vida ſegundo achey por inquirições de teſtemunhas dinas de fée, e muy autorizadas foy,que em Lisboa ha veo ver huma dona do Moeſteyro Dodivelas, que por huma apoſtemaçam,e inchaço que tinha no eſtamago, era muito doente,e deſpoſta ha morte, e ha Rainha aho eſpedir della lha vio, e benzeo com ho ſinal da Cruz com que no Moeſteyro ſe achou loguo aſſi ſam,como ſe daquelle mal nunqua fora toquada.

E porque eſta dona ha todos ho proviquava por milagre,ha Rainha ha mandou chamar,e reprendeo-a, e lhe mandou, que mais ho nom diceſſe, porque ſe algum bem recebera nom fora de ſua maõ,nem della, que era peccadora, mas ſóo da virtude de Deos, que ho louvaſſe. E eſta Rainha por ſinal da ſua humildade cuſtumava em todas has ſeſtas feyras da quoreſma lavar por ſy hos pées ha doze homens, hos mais leprozos,que ſe podiaõ achar, e eſto fazia aſſi ſecretamente que ElRey particularmente ho nom ſoubeſſe, e eſtando em Santarem depois, que hum dia fez eſte lavatorio, mandou dar bem de comer ahos pobres, como ſempre fazia, e em ſe elles ſaindo eſcuzos do Paço acertouſe, que hum porteyro com ſanha deu ha hum cuydando q̃ era ourro homem, tal golpe na cabeça de que loguo cahio em terra aſaaz ferido, e huma dona, que eſto vio, recolheo ho pobre em ſua caza onde loguo ha Rainha ho foy ver, e depois de ho curar por ſua mam, e lhe dar dinheyro pera ſua deſpeza ſe deſpedio, e aho outro dia que mandou ſaber de ſua diſpoſiçam acharaõ-no de todo ſaõ.

E na Semana Santa, na Quinta feyra de Lava pées,em lavando ha treze molheres pobres enverguonhadas, huma dellas acertou, que tinha hum pée comeſto de pragua, e dous dedos afiſtolados, que eſtavam para cair, depois que ha Rainha lhe lavou ho ſaõ, ella eſcondia ho doente, e eſcuzandoſe por ſeu mal de ho querer moſtrar, forçada dos roguos, e deſpejos da Rainha, lho moſtrou, e nom ſóomente lho lavou manſamente, mas humildoſamente lho beyjou na propria chagua, e depois que ha todos deu de comer, e veſtir, como tinha por coſtume, em ſe ſaindo do Paço aquella molher doente indo na companhia das outras ſe achou de todo ſam. E huma Orraqua Vaſques molher da Rainha, era de muitos tempos doente de tal dor, que cahia amortecida, e com tormentos, que lhe davaõ eſcaſſamente, e com difficuldade ha faziam retornar à vida, e ſabendo ha Rainha, que has muitas meyzinhas, e remedios dos Fiſiquos lhe nom aproveytavam, ella no dia de ſua payxam ha benzeo cõ ho ſinal da Cruz, e aprouve ha Deos,q̃ loguo acordou,e depois foy ſempre em ſua vida livre de taes acidentes. Eſtando ha Rainha em Alamquer muito doente de humores frios pera que hos Fiſiquos

por

por meyzinha lhe mandavam beber vinho no puquaro porque bebia, ella ho nom quiz fazer, trazendolhe aguoa pera ella beber milagrosamente se tornou duas vezes vinho no puquaro porque bebia. Estes, e outros milagres muitos se achaõ, que N. Senhor pelos merecimentos desta Santa Rainha fez em sua vida, e muitos mais depois de sua morte, de que aho diante por sua devaçam, e louvor darey alguma particular, e breve conta.

CAPITULO III.

Do fundamento, e cousas, que ouve pera ElRey D. Diniz aver algũas Villas, e Castellos de riba Dodiana, q̃ foraõ de Castella.

AHo tempo que ElRey D. Affonso Conde de Bolonha faleceo, e depois em alguns primeyros annos do Reynado delRey D. Diniz, ElRey D. Affonso de Castella, seu avoo atée hos derradeyros dias de sua vida, sempre foy perseguido de grandes guerras, e muitas necessidades, causadas pela errada desobediencia, e desleal alevantamento, que ho Ifante D. Sãcho seu filho, e hos do Reyno de Castella, e de Liam contra elle usavam, pelo qual ha Rainha Dona Breatiz sua filha, como Rainha virtuosa, e aguardecida filha muy piedosa, e por lhe paguar em alguma maneyra has dividas, que por obriguaçam Divina, e humana lhe devia, loguo como ElRey D. Diniz seu filho foy cazado, foy ha ElRey D. Affonso seu pay, que estava em Sevilha, pera em tantas suas aversidades, e infortunios, como padecia, ella ho soccorrer, e confortar, e aconselhar, sem ho nunqua leyxar atée ora da morte delRey, ha que ella foy prezente, e cuja testementeyra principal com outro fiquou, e porque ella lhe soccorreo com todo ho dinheyro de sua fazenda, e com todalas joyas de sua pessoa, e com todalas rendas, e gentes, que tinha, e podia aver de Portugual, pelo qual neste meyo ElRey D. Affonso pelo grande amor, que tinha à Rainha sua filha, como jáa dice, e por lhe satisfazer has boas obras, que della recebera fez ha ella especial doaçam da Villa de Niebla, que hee em Andaluzia ha que chamam Reyno, com todolos Castellos, e rendas que ha ella pertencem, e assi lhe fez mais doaçam das Villas de Serpa, Moura, e Mouram, Noudar, que saõ em riba Dodiana, por carta que foy dada em Sevilha quinta feyra quatro dias de Março do anno de mil duzentos trinta e tres annos. 1233.

E porque Moura, e Serpa, e Mouram eraõ da Ordem do Espital de S. Joaõ de Castella ho dito Rey D. Affonso pera milhor, e mais livremente poder dar has ditas Villas à dita Rainha sua filha, por serem conjuntas aho dito Reyno de Por-

Portugual ante algum tempo, que ſe fizeſſe ha dita doaçam elle por autoridade, que ſe ouve do Gram Meſtre, e por conſentimento do Prior, e Freyres da dita Ordem em Caſtella fez com elles eſcaybo das ditas Villas pera lhe fiquarem livres, e por ellas deu em Caſtella pera fiquarem à dita Ordem pera ſempre Touro, e ha Egreja de Santa Maria da Veyga, e hos direytos de Cayrola, e has Martineguas, e direytos de Guaronha, e de Feerne, e de Paralyves, com outros Luguares, e outras muitas rendas, e direytos, que ſaõ expreſſamente decrarados, ho qual eſcaybo ante da doaçam ſe fez por carta feyta em Santo Eſtevam de Guormas, terça feyra onze dias de Março de mil duzentos oitenta e hum annos ſobeſcrita por Guarcia de Toledo, Secratayro, ha qual doaçam deſtas Villas ElRey D. Affonſo antes tres annos, que faleceſſe, fez à Rainha Dona Breatiz ſua filha. Depois da morte delRey D. Affonſo Conde de Bolonha ſeu marido, em Reynãdo ElRey D. Diniz, como atraas dice, e por virtude deſtas doaçõcs ElRey D. Diniz tinha aquerido ho direyto deſtas Villas, que por ElRey D. Sancho de Caſtella ſeu tio, e por ElRey D. Fernando ſeu filho lhe foram empedidas, e embarguadas, como aho diante direy.

1281.

CAPITULO IV.

Dos filhos legitimos, que ElRey D. Diniz ouve da Rainha Dona Iſabel, e aſſi doutros baſtardos.

ELRey D. Diniz ſendo cazado com muito amor, e concordia com ha Rainha Dona Iſabel, ouve della eſtes filhos, ha ſaber, ha Rainha Dona Coſtança molher que foy delRey D. Fernando deſte nome ho Terceyro de Caſtella, de q̃ aho diante direy, e ho Iſante D. Affonſo filho erdeyro delRey D. Diniz, que apoz elle Reynou, ho qual naſceo em Coimbra ha oyto dias do mez de Fevereyro de mil duzentos e noventa, de que aho diante em ſua propria Coronica farey inteyra decraraçam. E álem deſtes filhos legitimos, ElRey D. Diniz ſendo cazado, ouve doutras molheres com que teve afeyçam ſete filhos, e filhas baſtardos, cada hum dos quaes foy filho de huma madre, ha ſaber D. Affonſo Sanches, que ſe chamou Dalbuquerque, ha que ElRey D. Diniz quiz grande bem, e por quem ho Iſante D. Affonſo foy com ſeu pay em grandes deſvayros, como aho diante direy, e D. Pedro que foy depois cazado com Dona Branqua, filha de Pedre Annes de Portel, filho de D. Joaõ de Boim, e de Dona Coſtança Mendes, filha de D.

1290.

Mem

Mem Guarcia de Souza, e outro D. Pedro, que depois foy Conde em Portugual, eſte foy ho que fez ho livro das linhagens Deſpanha, e foy ſingular homem; e D. Joaõ Affonſo, e D. Fernam Sanches, e Dona Maria, que cazou com D. Joaõ de Lacerda, e outra Dona Maria, q̃ foy Monja no Moeſteyro Dodivellas.

Hos quais filhos baſtardos ElRey D. Diniz aſſi ouve, vencido da ſobeja deleytaçam de ſua propria carne, com que afaſtandoſe da Rainha ſua molher nom lhe guardando ha inteyra ley do matrimonio, ſeguia por induſimentos falſos, e máos, ha que ſe inclinava mais por ſua vontade, do q̃ por ſua dinidade Real, e por ſua conſciencia, e oneſtidade, ſobreſſo devia, e por culpa, e peccado deſſo ſe diz, que em quanto ElRey D. Diniz ſe deu ha eſtes apetitos nom licitos, ſempre decrinaram has couſas dajuſtiça, que muito amou, e boa guovernança de ſua caza, e fazenda, que ſobre todos ſoya melhor ter, e ha Rainha poſto, que neſte tempo era em idade, e feyções, e deſpoſiçam pera ElRey ſe della muito contentar, e ella dever ſentir hos taes apartamentos; e ſolturas delRey, porém ſe diz, que ella nom moſtrava receber por eſſo payxam, nem eſcandalo algum, antes como eſquecida, e nom toquada de dores, e payxões tam comuas ha molheres, nom perdia ha devaçam, e exercicio de rezar, e encomendarſe ha Deos, e de partir alegremente com ſuas molheres em couſas honeſtas, e de ſerviço de Deos, e ſobre eſto fazia ho que parecia mais duro, e menos pera fazer, que era dar de veſtir às amas, que criavam hos taes filhos delRey, e fazer, e procurar merces ahos ayos, que hos enſinavam.

E eſtas virtudes pera outras molheres nom coſtumadas, vendo-as fazer tam ſem payxam à Rainha ſendo muy moça, cauzavam ha todas muy grande maravilha, mas ElRey D. Diniz averguonhado deſtas ſuas fraquezas, e temendo ha Deos pór emenda de ſua juſtiça, e aſſi por apaguar nodas, que tanto danavam ha limpeza de ſua Real dinidade, e ſingular condiçam ſe apartou dellas inteyramente, e com grande ſerenidade ſe privou de todos eſtes deſeytos, e ſe poz no direyto, e verdadeyro caminho, que devia, e ſempre atée ſua morte ho ſeguio, e guardou.

CAPITULO V.

Do deſacordo, que ouve antre ElRey D. Diniz, e ho Ifante D. Affonſo ſeu irmaõ.

ELRey D. Diniz tinha hum irmaõ lidimo ho Ifante D. Affonſo, filhos ambos delRey D. Affonſo Conde de Bolonha, e da Rainha Dona Breatiz, e ha eſte Ifante D. Affonſo fez ElRey ſeu pay doaçam

çam muy ſolene das Villas de Portalegre, e Marvam, e de Caſtello Davide, e Darronches, pera elle, e ſeus filhos lidimos, ho qual Ifante em vida delRey ſeu padre, foy cazado com ha Ifante Dona Violante, filha do Ifante D. Manuel, filho delRey D. Fernando II. de Caſtella, e da Ifante Dona Coſtança, filha do primeyro D. James Rey Daragom, e ouve della hum filho D. Affonſo, que foy ſenhor da Leyra, e fineceo ſem filhos, e ouve mais tres filhas, Dona Iſabel, e Dona Coſtança, e Dona Maria, que todas cazaram grandemente em Caſtella, ha ſaber Dona Iſabel cazou com D. Joaõ ho torto, filho do Ifante D. Joaõ, que ſe chamou Rey de Liam, que morreo na Veiga de Granada, e a Dona Maria ſua molher, filha do Conde D. Lopo, ſenhor de Biſquaya, e Dona Coſtança cazou com D. Nuno Gonçalves de Lara, filho de D. Joaõ Nunes de Lara, ha que diceram ho Bom. Eſtes nom ouveram filhos, e Dona Maria cazou com D. Tello, filho do Ifante D. Affonſo de Molina irmaõ da Rainha Dona Maria molher delRey D. Sancho, e ouveram Dona Iſabel, que cazou com D. Joaõ Affonſo Dalbuquerque neto delRey D. Diniz, filho de Affonſo Sanches, ſeu filho baſtardo.

E avendo jáa ſinquo annos, que ElRey D. Diniz era cazado, e ſete que Reynava, ouve grande deſacordo antre elle, e ho Ifante D. Affonſo ſeu irmaõ, e ha cauza principal, era porque ElRey D. Diniz nom queria, nem nunqua quiz legitimar, e abilitar has filhas do Ifante D. Affonſo pera erdarem ſuas Villas, e Caſtellos de Portugual depois de ſua morte, ſobre que ha Rainha Dona Iſabel molher delRey D. Diniz, e ho Ifante D. Affonſo ſeu filho erdeyro, ſendo ha ſo ambos conformes fizeram ſeus proteſtações, e requerimẽtos pera eſſa abilitaçam, e legitimaçõ nunqua ſe fazer por ElRey, nem pelo Papa, aleguando muitos inconvenientes ſe ſe fizeſſe, e ouveſſe efeyto, e ho principal era ha grande deminuiçam, e perda que ſeria do Reyno, e Coroa de Portugual ſe has ſobreditas Villas, e Caſtellos, eſtando no eſtremo de Portugual, paſſaſſem com ſuas filhas do Ifante, que eram cazadas com homens grandes, e poderoſos de Caſtella, e ainda ſe diz, que avia receo do Ifante, que pubriquamente dizia, que ho Reyno de Portugual lhe pertencia, porque nacera lidimo depois da morte da Condeça de Bolonha primeyra molher delRey ſeu padre, e que ElRey D. Diniz ainda nacera em ſua vida della, e nom podia erdar, mas com eſte defeyto era jáa deſpenſado pelo Papa, como na Coronica delRey D. Affonſo, Conde de Bolonha jáa dice.

E por eſta deneguaçam em que ElRey D. Diniz ſe afirmou, ou por outra qualquer couſa, ho Ifante ſeu

irmaõ

irmaãos nas coulas da paaz, e da guerra lhe nom obedecia com has ditas Fortalezas aſſi como ElRey queria,e ho Ifante devia, pello qual ouve guerra antre ambos na era de
1297. mil duzentos noventa e ſete, e ho Ifante D. Affonſo com ajuda, e favor, que ſeus genros com ſuas peſſoas, e gentes de Caſtella lhe davam, fazia muito dano em Portugual, eſpecialmente,que neſte tempo Regnando jáa em Caſtella D. Sancho, filho delRey D. Affonſo ho decimo, elle matou em Alfaro D. Lopo Conde, e ſenhor de Biſcaya, e D. Dioguo Lopes de Campos, que eram peſſoas muy principaaes,e prẽdeo ho Ifante D. Johaõ, ſeu irmãao,cujo filho era D. Johaõ ho torto,cazado com Dona Iſabel, filha deſte Ifante D. Affonſo de Portugual, e pella morte deſtes ſenhores,e prizaõ doIfanteD. Johaõ, ouve contra ho dito Rey D. Sancho grandes guerras em Caſtella.

E durando ellas ElRey D. Diniz, e ElRey D. Sancho teveram viſtas em que por bem, e mayor aſſeſſeguo de ſeus Regnos,concordáram cazamentos de ſeus filhos, que eram pequenos ha ſaber, que ho Ifante D. Affonſo, filho mayor delRey D. Diniz,cazaſſe com ha Ifante Dona Breatiz, filha delRey D. Sancho, como depois cazou, e que ho Ifante D. Fernando,filho mayor delRey D. Sancho cazaſſe com ha Ifante Dona Coſtança, filha delRey D. Diniz; e ſobre eſte concerto, que ha tempo certo ſe avia de fazer, e comprir com effeyto como eſtes Principes, e Ifantes foſſem em idade, hos Rexs ſe tornàraõ ha ſeus Regnos, e hos genros do Ifante D. Affonſo de Portugual, e ſuas gentes, que deſobedeciam ha ElRey de Caſtella, ſe acolheram nos ſeus Caſtellos de Portugual, onde has terras, que eram delRey de Caſtella faziam muito dano. E porque ElRey D. Diniz era ſobrinho delRey D. Sancho,irmaaõ de ſua mãy ha Rainha Dona Breatiz, e por pazes de cazamentos, eſtavam muy concordes, e amiguos, ho dito Rey de Caſtella enviou notifiquar eſtes danos, e guerra, que das Villas, e Caſtellos de Portugual ſeus naturaaes lhe faziam, pedindolhe que ho paſſado quizeſſe caſtiguar, e ho futuro mais contra elle nom ſe fizeſſe, e ſe nom lhe deſſe luguar, que em ſeu Regno entraaſſe, e que elle com ſuas forças ho emendaria.

Aho que ElRey D. Diniz reſpondeo, que de ſemelhantes couſas lhe pezava muito, e que foſſe certo que nom eram feytas por ſeu conſentimento, e prazer, mas que loguo ſem ſer neceſſaria ſua entrada, proveria como ſe mais contra elle nom fezeſſe. Pello qual ElRey D. Diniz encomendou, e mandou aho Ifante ſeu irmaaõ,que nom fezeſſe, nem conſentiſſe que aho dito Rey D. Sancho, nem ha ſuas terras, e vaſſallos, ſe fezeſſe guerra,nem dano das ditas Villas, e Caſtellos de Portugal, dos quaaes elle era obri-

guado fazer guerra, e manter paaz, ſegundo elle lhe mandaſſe. Ha que ho Iffante D. Affonſo nom quiz inteyramente obedecer aſſi por reſpeyto de ſeus genros, ha que ſatisfazia, e aquolhia, como pella deneguaçam da legitimaçam de ſuas filhas, do que ſe moſtrava muito agravado, dando por ſua eſcuza ha nom obedecer com hos Caſtellos contra ſua vontade, que elle pellas couſas, e preroguativas de ſuas doações feytas por ElRey D. Affonſo ſeu pay, era de ſemelhante obriguaçam, e ſerviço relevado.

Pello q̃ ElRey D. Diniz no anno de mil duzentos noventa e nove annos ajuntou ſuas gentes, e mandou loguo cerquar Arronhes, e Marvam, e ha elle Iſante ſeu irmaõ, cerquou em Portalegre, e porque ha eſte tempo Caſtello Davide, que era tambem do Iſante, era termo de Marvam, e Luguar entam mais cham que forte, por eſſo ſe nom cerquou, e durando eſte cerquo, em que de huma parte, e da outra, em ambos hos Regnos ſe fez dano aſaas, entrevieram ha concerto delRey, e do Iſante ambos irmãaos, hos Perlados, e Senhores principaes do Regno, e ſobre todos ha Rainha Dona Iſabel, por cujo virtuoſo meyo ho Iſante D. Affonſo entreguou has Villas, e Caſtellos ha Ayres Cabral, que hos teve em fieldade, e com menagem atée que por elles deram aho dito Iſante has Villas de Sintra, e Dourem, com outros Luguares chãos na Comarqua de Lixboa, e antre has outras muitas, e muy ſingulares virtudes, que ouve na Rainha Dona Iſabel em quanto viveo, foy procurar ſempre paaz, e amiſade de que ſe ella prezou muito, porque aſſi ho fazia antre ElRey, e ſeus vaſſallos, de que tirava todolos dias, e eſcandalos, e aſſi antre outros quaeſquer particulares do Regno, e ſe por bem das ſemelhantes concordias compria pagua de dinheyro pera emenda dalgumas perdas, e danos ha que has partes por algum caſo nom podiam comprir, ella porque amizade ſe nom desfezeſſe, de ſeu proprio teſouro has mandava, de maneyra, que has certas bolſas de ſeu dinheyro nunqua foraõ arquas, nem cofres, mas hos ventres, veſtidos, e neceſſidades dos pobres, e couſas piedoſas, em que todo lançava, e ally tudo lhe crecia.

1399.

E eſte irmaaõ legitimo delRey D. Diniz, e filho delRey D. Affonſo Conde de Bolonha, e da Rainha Dona Breatiz, faleceo no anno de mil duzentos e noventa e nove annos, e jáas ſepultado no Moeſteyro de S. Dominguos de Lixboa, em hum Moymẽto de pedra, que eſtaa à porta do Coro, eſto ponho por tirar opiniam, e erro, que muitos antiguos teveram, e eu ho vy, que eſte que ally jazia, era ho filho que ElRey D. Affonſo Conde de Bolonha ouve de Dona Matildes Condeça de Bolonha ſua molher, ho que nom hee (ſegundo jáa tenho dito) porque eſta hee ha verdade,

1299.

que

que affirmo, e eu ha vy no proprio letreyro, que tem ho dito Moymẽto, e aſſi ho achey por outras eſcrituras aláas autentiquas.

CAPITULO VI.

Do que ſuccedeo do cazamento do Ifante D. Affonſo, filho delRey D. Diniz, e do Ifante D. Fernando, filho delRey D. Sancho de Caſtella.

NO tempo, que hos ditos cazamentos antre eſtes Reys, e ſuas viſtas ſe concordáram, foy loguo acordado, e aſſentado pera moor firmeſa do cazamento do Ifante D. Fernando com ha Ifante Dona Coſtança, porque em algum tempo nom ouveſſe cauſa, nem razam pera ſe leyxar de fazer, que ElRey D. Sancho pozeſſe loguo, como poz em poder, e fieldade de Porrugueſes eſtas ſuas Cidades, Villas, e Caſtellos, ha ſaber, Badalhouce, Moura, Serpa, Caceres, Broguilhos, Acharces, Aguilar de Neyva, com tal condiçam, que ſe ElRey D. Sancho, e ha Rainha Dona Maria ſua molher, ou aquella ha que ho IfanteD.Fernando teveſſe em ſeu poder, nom compriſſem, e fezeſſem fazer, ou ho meſmo Ifante aho tempo que era limitado, nom quizeſſe cazar com ha dita Ifante, q̃ neſtes caſos hos ditos Portugueſes, que hes ditos Caſtellos tinham, hos entreguaſſem loguo aho dito Rey de Portugual pera ſempre de ſeu Reyno, e Senhorio, e mais, que depois do cazamento ſer aſſi feyto ſe ho dito Ifante D. Fernando leyxaſſe ha Ifante Dona Coſtança ſua molher, e lhe nom deſſe de ſuas arras des mil maravedis douro, em que ſe concordaram, que neſte caſo tambem hos ditos Caſtellos de Caſtella ſe entreguaſſem ha Portugual.

E por eſta maneyra ElRey D. Diniz poz em fieldade, e poder dos Caſtelhanos hos Caſtellos, e Cidades da Guarda, e Pinhel, pera que nom dando, e entreguando ha dita Ifante aho tempo concordado, que hos perdeſſe, e foſſem pera ſempre de Caſtella. Mas ElRey D. Sancho ho nom comprio aſſi; porque deſejando de desfazer ho dito cazamento procurou contra ſua verdade daver hos ditos Caſtellos da terceria, e ho que pior foy, que hos ouve, e tomou com mortes dalguns Alcaydes Portugueſes, do que ElRey D. Diniz foy muy anojado, porque de ſua natural, e Real condiçam nunqua ſe achou, que diceſſe mentira, aſſi ſentio, e lhe doeo muito quebraremlhe tam honeſtamente ha prometida verdade; e porque antre elles, era tambem concordado, que de pormeyo ambos concordaſſem, procuraſſem, e paguaſſem has deſpenſaſſoens Apoſtoliquas, que ſe requeriam por ſerem muito parentes.

ElRey D. Diniz enviou loguo

por ſua parte querella aho Papa; mas ElRey D. Sancho mudou ſua meſſagem em outra ſuſtancia, porque enviou ha ElRey D. Felippe de França, requerendolhe huma ſua filha pera ho Iſante D. Fernando, ſeu filho, antre hos quais ouve loguo prazer, e outorgua pera eſte cazamento ſe fazer. Ho que ElRey D. Sancho loguo fez ſaber ha ElRey D. Diniz ſem aſinar cauſa evidente porque ho fizera, e com eſta confiança, e esforço de França, elle rompeo ha paaz, que tinha com Portugual, e mandou loguo ſua frota de naos, e gualés aho Alguarve, e nellas muita gente que por maar, e por terra fizeram grandes danos, aſſi nos Chriſtãos, como nos Mouros fóra daquelle Reyno, de que levaram muitos cativos, e por elles de ſeus reſguates, outra grande ſoma de dinheyro de Portugual, e aſſi entraram has gentes do Reyno de Liam, e queymaram, e roubaram, e fezeram grandes danos com mortes de muitos do Reyno de Portugual.

ElRey D. Diniz maravilhado deſtas roturas, e ſem razões delRey D. Sancho, deſejando todavia com elle paaz, e por nom virem ha mayores, danos rompimentos, lhe enviou por algumas vezes requerer aſſi ha entregua de ſeus Luguares, que contra direyto lhe tinha tomados, como emenda dos outros danos, e perdas, e tomadias que em ſeus Reynos vaſſallos, e fazendas delles contra ho aſſento de ſua paaz tinha recebidas, e aſſi què compriſſe ho cazamento de ſeu filho com ha Iſante Dona Coſtança como tinha aſſentado, ſobre ho que lhe enviou por ſeus Embaixadores, e Procuradores ho Biſpo de Lixboa, e Joaõ Simaõ Meyrinho moor, q̃ na Corte delRey D. Sancho andavaõ ſem algum deſpacho detidos.

E porq̃ ho cazamento de França, que ElRey D. Sancho tinha por feyto de deſconcertou; e deſeſperou vendo que de neceſſidade lhe convinha concertarſe com ElRey D. Diniz, aſſi no cazamento de ſua filha, como em lhe fazer emenda dos males, danos paſſados, enviou ha elle por Embaxador D. Mauzinho Biſpo de Palença, por ho qual lhe mandou dizer, que ſua vontade era de todo concertarſe com elle, e que pera eſſo enviaſſe ſeus apontamẽtos ahos ditos ſeus Embaixadores, que ainda eram em ſua Corte, com hos quaes ſe concordariaõ como foſſe razam, e ha ſeu contentamento. Aho que ElRey D. Diniz ſatisfez, mas hos ditos ſeus Embaixadores vendo, que ha concruzam delRey D. Sancho era de longuas, e de negações ſem cauſa ſe tornáram ſem duvida ha Portugual ſem nhum deſpacho.

E no tempo deſtas deſavenças, e guerra antre ElRey D. Sancho, e ElRey D. Diniz, ho Iſante D. Joaõ ſeu tio, irmãao da Rainha Dona Breatiz ſua madre, e D. Joaõ Affonſo Dalbuquerque, neto delRey D. Diniz, filho de Affonſo Sanches,

ſeu

ſeu filho baſtardo, acertouſe que entraraõ ha correr terra de C,amora com muita gente, que levavam com D. Joaõ Nunes de Lara,filho que foy de D. Nuno Guonçalves de Lara, que diceram ho Bom, ho qual era deſavindo delRey D.Sancho, e tendo elle cõſiguo pouquos Cavalleyros pera peleja ſayo, e ho eſperou, e na peleja que ouvetam foy delles prezo, e traſido ha Portugual ha ElRey D.Diniz,ha quem ElRey D. Sancho,pello dito Biſpo de Palença enviou pedir, que ho quizeſſe ſoltar, e enviarlho,porque elle ho queria recolher, e ſervirſſe delle, e fazerlhe honra, e merce,eſpecialmente tornarlhe ſuas terras, que lhe tinha tomadas, e nom por desleal,mas porque fora ſempre ha ſerviço, e da parte delRey D. Affonſo, com que ElRey D. Sancho ſeu filho teve guerra, como jáa dito hee.

ElRey D. Diniz, como homem muy liberal ſobre todolos Reys de ſeu tempo, enviou loguo com muitos Cavalleyros, e Fidalguos de ſua caza, ho dito D. Joaõ Nunes ha Caſtella, ha que deu grandes dadivas, e fez muita merce, e D. Joaõ Nunes fiquou por vaſſallo delRey D. Diniz, e ha ſeu ſerviço, e ha ſua boa vontade, e como homem bõo, e aguardecido nunqua depois lho neguou, e por eſſo depois em Caſtella nom compriram com elle aſſi como lhe tinham prometido, e elle por eſſo ſe foy ha França,e de guerra tornou depois ha Caſtella,como aho diante direy. E tornando à Eſtoria ha ElRey D.Diniz, elle como vyo que ElRey D.Sancho contra direyto, e rezam lhe falecera de todo, e nom compria alguma couſa das muitas, que com elle concordára, bem entendo que nom queria com elle paaz, e amor, como por bem, e aſſeſſeguo de ſeus Reynos ſempre deſejara, e porém porque era Rey de grande coraçam, e que álem das perdas que recebera, ainda por eſtes caſos recebia alguma quebra de ſua grande honra, e bõo nome, determinou aparelhar loguo ſua fazenda, e ho que lhe compria, e mandalo deſafiar pera pubriqua guerra, e entrarlhe por ſua terra, e della nom ſair atée nom aver emenda, e em comprimento de todo ho que requeria, e de direyto lhe era devido.

Neſte tempo ante dalguma deſtas couſas aver efeyto, morreo ElRey D. Sancho eſtando na Cidade de Toledo, na era de mil duzentos noventa e ſinquo, ſendo ainda mãcebo. Ha cauſa de ſua morte antecipada, e ſua tam pouqua vida muitos ha reportaram ha ſentença da Ley de Deos, e pela deſobediencia, e maao trato,que com deſamor fezera ha ElRey D. Affonſo ſeu pay, como atraas ſe dice, ElRey D.Sancho leyxou à ora de ſua morte por ſeus teſtamenteyros, e tutores de ſeu filho à Rainha Dona Maria ſua molher, e ho Iſante D. Anrique ſeu tio, irmãao delRey D. Affonſo ſeu padre, ho qual Iſante ha eſte tem- 1295

po-

po fora ſolto da prizam em que por muitos annos jouve em Italia, quãdo prezo por Carlo Rey de Napoles em Ceſilia, na batalha em que Corradino ſeu competidor nos ditos Reynos foy morto, em cujo favor, e ajuda ho dito Ifante viera, e ha eſtes encomendou em ſeu teſtamento, que compriſſem com ElRey D. Diniz ho que tinha concordado, aſſi no cazamento dos filhos, como na entregua das Villas de Moura, e Serpa, e dos outros Luguares que ha Portugual pertenciam.

Depois do falecimento delRey D. Sancho, loguo ElRey D. Diniz mandou por ſeus meſſegeyros requerer ha ElRey D. Fernando, que novamente começara de Reynar, e aſſi à Rainha Dona Maria, e aho Ifante D. Anrique, ſeus tutores, que quizeſſem comprir hos cazamentos, e fazer ha entregua das Villas, ſegundo com ElRey D. Sancho ſeu pay eſtava concordado, e elle em ſeu teſtamento leyxara aho tempo de ſua morte. Aho que ElRey D. Fernando com acordo, e autoridade dos ditos tutores nom ſatisfez, ſegundo ElRey D. Diniz eſperava, antes pelo contrayro, poendo ahos cazamentos entrepoſições de tempo, que tinham ſemelhança de denegações, e aſſi eſcuzas à entregua dos Luguares, chamandoſe Senhor delles em ſuas meſmas cartas, da repoſta que enviou, de que ElRey D. Diniz ſe ſentio muy eſcandalizado, e pera determinadamente ſaber ho que por ſua honra, e por ſua juſtiça compria, tornou ha enviar ha ElRey D. Fernando Joaõ Anes Redondo, e Mem Rodrigues Rebotim, ſeus Cavalleyros, e peſſoas principaes, hos quais eſtando preſentes ha Rainha Dona Maria, e ho dito Ifante D. Anrique, e aſſi muitos Cavalleyros, e peſſoas príncipaaes do Conſelho de Caſtella, elles pera juſtificaçam da cauſa delRey D. Diniz, e do Reyno de Portugual diceram ha ElRey D. Fernando muy particularmente todallas ajudas que elle, e ElRey D. Afonſo ſeu padre tinham feytas ha ElRey D. Sancho, e ha ElRey D. Affonſo ſeu padre, e avoo do dito Rey D. Fernando, hos quais muitas vezes prometeram fazer entregua dos Luguares ha Portugual, mas ainda para acender mais mal com ſuas gentes por maar, e por terra lhe fizeram muitos danos em ſeus Reynos, e vaſſallos, ſem ho quererem emendar podendo o fazer. Pello qual hos ditos Embaixadores, diceram contra ElRey D. Fernando.

Senhor eſtas couſas que aſſima relatamos tam breves, ſam mais inteyramente ſabidas por certas, e verdadeyras por ha Rainha voſſa madre, e por eſtes Senhores, que aqui eſtam preſentes, e por ellas ElRey N. Senhor ſe maravilhou delRey D. Sancho voſſo padre poer tardança, e eſcuza na emenda, e ſatisfaçam dellas, pois eram juſtas, e de razam, e porque ha tençam com que eſto fazia

elle

elle ho nom entrepretava ha bem, por eſſo em ſua vida ho mandou deſafiar para entrar, e pór guerra em ſeus Regnos, e aver emenda do que juſtamente pedia, e depois de ſeu falecimento ElRey N. Senhor por algumas vezes vos enviou roguar como ha filho, e aconſelhar como amiguo, que has couſas que por ElRey voſſo padre lhe eram prometidas, vós lhas quiſeſſes comprir, e aſſi receberdes ſua filha ha Ifante Dona Coſtança por voſſa molher, aſſi como antes fora concordado, e vós na reposta que lhe enviaſtes em luguar de lhe mandardes entreguar hos ditos Caſtellos, e Luguares de que era forçado, vio nella que vos chamaſtes delles Senhor, e por eſſo hee muito anojado de vós, e de quem vos aconſelhou muito eſcandalizado; e porque eſte eſcandalo, e agravo que de vòs tem, nacem de taaes couſas, razões, que por ſua honra, e eſtado nom convem paſſarem ſem juſtiça, e emenda, elle por nós finalmente, vos manda dizer huma couſa, que pella eſperança q̄ de vós tinha, e pellos grandes dividos q̄ antre vós ha lhe he muy cara de fazer, e porèm hee de ſua honra, e ſerviço aconſelhado que ſem treſpaço ha faça ha ſaber, que vós daqui em diante buſqueis outro amiguo que ponhais em ſeu luguar, porque elle quererà com ſuas forças, e poder trabalhar de vos penhorar pera ſua entregua nos Regnos de Caſtella, e Liam, e que vòs pera eſſo envia engeytar voſſa amizade, e como ha imiguo deſafiar, pera q̄ vos façais preſtes, porq̄ em ſua vinda nom tardara muito.

Deſtas razões, e deſafio publiquo, que eſtes Embaixadores de Portugual fezeram ha ElRey D. Fernando de Caſtella foraõ alguns, que eram preſentes aſaas maravilhados, e outros poſtos em deſvayrados penſamentos. E porém eſperando hos ditos Embaixadores alguma repoſta, porque lhaa nom deram ſe tornaram deſcontentes ha Portugual, onde ElRey D. Diniz dobrandoſe por eſſo has couſas de ſua entrada em Caſtella, ajuntou loguo ſuas gentes, e com aſaas poder ſe foy à ſua Cidade da Guarda, pera dahy entrar loguo em Caſtella, maas antes que entraſſe, veo hy ho Ifante D. Anrique tio, e tutor delRey D. Fernando, e ſobre praticas, apontamentos, e concordias, que antre elles ſobre eſtas couſas ouve, concertaram que ambos foſſem dahy, como foram à Cidade Rodriguo, que hee em Caſtella, onde eſtavam ElRey D. Fernando, e ha Rainha Dona Maria ſua madre, e ally outra vez todos ſe concordaram ſobre ho cazamento, que atée certo tempo loguo limitado, ſe ouveſſe de fazer.

E aſſi foy deſpachada ha entregua de Serpa, e Moura, ſobre que ha Rainha, e Ifante em nome delRey D. Fernando paſſaram ſua carta por hum Eſtevam Pires Adiantado moor do Regno de Liam, que era Alcayde, e tinha has ditas Villas de Serpa, e Moura pera que ſe entre-

entreguaſſem ha Johaõ Rodrigues Porteyro da Camara delRey D. Diniz, pera que eſte has entreguaſſe, como entreguou ha Coguominho, Cavalleyro delRey D. Diniz, porque elle poz loguo nellas por Alcayde huum Martim Botelho, e outro Lourenço Martins Guanço, que eſta carta delRey D. Fernando paſſou em Cidade Rodriguo ha
1295. vinte Doutubro do anno de mil duzentos noventa e ſinquo annos, aſelada com tres ſelos pendentes, ha ſaber, ho delRey no meyo, e ho da Rainha à maõ direyta, e ho do Ifante D. Anrique à eſquerda, e ſobre eſta concordia, que foy firmada com grandes, e ſolenes juramentos, ElRey D. Diniz ſe tornou pera dentro de ſeu Regno. E ſendo depois cheguado ho tempo em que ElRey D. Fernando avia de receber por molher ha Ifante Dona Coſtança, e comprir outras couſas em que fiquaram em Cidade Rodriguo concertados, ElRey D. Diniz por ſeu meſſegeyro hos mandou requerer, porque elle tornou ha Portugual ſem ha repoſta, e concruzaõ que ElRey eſperava entonces, e veo com palavras, que moſtravam craros ſinais de verdadeyra denegaçam das couſas prometidas.

ElRey D. Diniz anojado deſſo, com coraçam pera ſua emenda, e vinguança muy cheo de ſanha determinou ſem mais tardar entrar loguo de guerra em Caſtella, e pera eſſo concertou, e apercebeo muy bem ſeus Caſtellos das frontarias, em que leyxou bõos fronteyros, e ajuntou outra vez ſuas gentes pera mais poderoſo entrar em Caſtella, e ajuntaremſe com ElRey D. Diniz contra ho Ifante D. Fernando Rey de Caſtella, ho Ifante D. Pedro erdeyro Daraguam, que depois foy Rey, que era primo com irmaaõ da Rainha Dona Iſabel de Portugual, e ho Ifante D. Johaõ, que cõtra ElRey D. Sancho ſe chamava Rey de Liam, e era filho delRey D. Affonſo ho decimo avoo delRey D. Diniz, e D. Johaõ Nunes de Lara, aquelle, que ſendo prezo em Portugual foy por ElRey D. Diniz enviado ſolto, e com grande honra enviado ha Caſtella, como atraas dice.

E ſendo jáa todos juntos no eſtremo da Comarqua da Beyra pera entrar em Caſtella, veo ha ElRey D. Diniz ha Ifante Dona Margarida, molher que fora do Ifante D. Pedro, e com ella D. Sancho de Ledeſma ſeu filho, e por deſcontentamentos, que tinha delRey D. Fernando pedio ha ElRey D. Diniz por mercee, que ho recebeſſe por vaſſallo, do que ha ElRey aprouve, e lhe poz loguo grande contia de dinheyro em ſeu ordenado, e lhe mandou que loguo ſe aparelhaſſe pera entrar com elle em ſeu ſerviço, e porque ho dito D. Sancho, que ſõomente viera pera receber muito dinheyro que levou, ou por lhe cometerem outros partidos em que mais conſentio elle,

nom

nom tornou ha ſervir ElRey D. Diniz, e com ſeu dinheyro ſe foy pera ElRey D. Fernando ho quaal como ſoube que ElRey tinha todas ſuas gentes percebidas pera entrar em Caſtella, mandou logo perceber em Sevilha ſuas gualees, e frota que de guerra vieram aa coſta de Portugal, e entraram no porto de Reſtelo, mea leguoa de Lixboa, onde tomaram naaos de Portugal carreguadas de mercadorias, e has levaram. E ho Almirante de Portugal que ha eſſe tempo eſtava em Lixboa por cobrar ha preza, e pera vinguança do maal que ſe fezera, armou logo com grande triguança outras gualees, e foy empoz da frota de Caſtella, que ainda alcançou no maar onde todos ouveraõ grande, e crua guerra, mas em fim ho Almirante de Portugal ficou vitorioſo, e tomou ahos contrayros ſuas naaos, e gualees, e mais has que conſiguo levavam, e trouxe tudo aho porto de Lixboa.

CAPITULO VII.

Como ElRey D. Diniz entrou em Caſtella, e da crua guerra, que de huuma parte; e da outra ſe fazia.

ELRey D. Diniz com ſuas gẽtes beem ordenadas entrou por has Comarquas de Cidad Rodriguo, e de Ledeſma, e na frontaria hos Portuguezes tomaraõ por força em hũu Caſtello, q̃ dizẽ Torres, todolos contrayros, q̃ nelle achàram, e dahi foy ElRey D. Diniz fazendo crua guerra ſem alguma reziſtencia nem contradiçam corenta leguoas por Caſtella atée ho Luguar de Simancas que hee duas leguoas de Valedolid, onde ElRey D. Fernando eſtava, e ha tençaõ de todos era que ElRey D. Diniz ho hya cerquar pera que repartiram ſuas eſtancias de que ha huuma parte davam ha ElRey D. Diniz, e ha outra cõ ha gente Daraguam davam ha D. Affonſio de Lacerda, que era com elle contra ElRey D. Fernando, porque ſe chamava Rey de Caſtella por ſer filho primeyro do Ifante D. Fernando de Lacerda, e neto delRey D. Affonſo ho decimo, e ha outra parte davam aho Ifante D. Joham que ſe chamava Rey de Liam, e porém ho cerquo ſe nom poz; mas ElRey D. Diniz ſe tornou ha hũu Caſtello de Medina que dizem Paſaldes, e tomaram-no ſem reſguardo, nem reziſtencia, e ſem reverencia entraram ha Egreja, e eſpedaçaram has Imagens dos Sãctos, e ha deſpojaram de todo ho que nella acharam, e com muita crueza mataram ahos que ſe nella acolheram, ſem perdoarem alguũa idade de machos, nem femeas.

De que hos Caſtelhanos movidos primeyramente por ſua crueza e depois por ſua vinguança nos luguares; e couzas ſemilhantes que pera exercitar ſua ſanha ſe lhes offereciam ho nom faziam menos,

porque na Comarqua, e frõtaria de Riba Dodiana alguũs Capitaens, e ſenhores de Caſtella, dos quaaes era D. Affonſo Pires de Guſmam ſe ajuntaram nom pera dar batalha ha ElRey D. Diniz, mas pera entrar, como entraram em Portugal, onde entraram com muitas gentes Dandaluzia, e da ſua frontaria, da quaal entrada mataram, e cativaram de Portugal muitos homens, e molheres ſeem alguũa piedade; e levaram grandes roubos da teerra.

Aho encontro do quaal ſayo ho Meſtre Davis com has gentes, que pode, e ouveram ambos muy dura peleyja em que ouve muitas mortes, e danos dambas has partes, no fim da quaal ho Meſtre foy vencido por has menos gentes, que tinha, e muitos dos ſeus foram mortos, e nove centos cativos, que vendiaõ, e reſguatavam em Caſtella por muy pouquo preço, porque outro tanto ſe fazia de Caſtelhanos cativos em Portugal, porque de huũa parte, e da outra hos que ſe cativavam aſſi ſe vendiam como ſervos, ainda que ſe acha que hos Caſtelhanos neſta qualidade de crueza uzavaõ contra hos Portuguezes em mais eſtremo, e cõ menor piedade, porque ha todos ſe diz que hos punham em barreyras, e nellas muy cruamente hos matavam aas ſetadas; Pelo quaal hos coraçoẽs de huũs, e outros aſſi eram neſta guerra acezos em odio, e ira; que pareciam arder, pera todos matarem, queymarem, e deſtroirem ſeem alguũa piedade, nem temperança, como faziam.

CAPITULO. VIII.

Dos grandes maales, e danos que de huũ Regno ha outro ſe faziam, e dalguũs Luguares de Caſtella, que hos Mouros tomaram

Hos periguos, dancs, mortes, perſeguiçoens, e trabalhos durando eſta guerra eram tantos nos maares, e teerras dambos eſtes Regnos de Portugal, e Caſtella, em que huũs ahos outros por odios e vinganças ſe guerreavam, que por aſperos jáa ſe nom podiam ſofrer, por que ha todolos Luguares que cheguavam ha que cerquas fortes nom defendiam, logo eram entrados, roubados, e deſtroidos de todo, e hos Caſtelhanos tornaram ha cobrar ho Caſtello de Torres, que fora tomado na frontaria de Caſtella, e dos Portuguezes que ha guardavam nom fiquou nhum que ha ferro nom morreſſe, e com ha nova deſta crueza de que ElRey D. Diniz foy logo certifiquado com ſuas gentes em muy mayor ſanha, e pera mais deſtroiçam contra hos Luguares da Comarqua de Salamanca porque andava, porque nom valiam Egrejas, nem cazas ſagradas, e piedozas ha alguũs que ſe ha ellas acolhiam, por-

porque nellas aſſi eram mortos, roubados, & cativos, como ſe foram outras quaeſquer cazas profanas.

E com certidaõ deſta crua guerra de que ElRey de Grada foy certifiquado, porque era na terra dos Chriſtãos, nom achou quem ho reziſtir, entrou com mayor esforço pela parte Dandaluzia, e aſſi guerrearam hos Mouros que por força guanháram ha fortaleza de Queſada, e Alcaudete, com tres outros Caſtellos, e entraram ho arrabalde de Jaem. E com eſtas tam danoſas entradas de taaes dous Rex contrayros em Caſtella, nem ElRey D. Fernando nem ha Rainha ſua madre, nem hos do ſeu concelho abrandaram has vontades pera cõprir com ElRey D. Diniz ho que lhe tinham prometido, crendo que elle por neceſſidades que ocurriam, ou por grandes deſpezas que na guerra fazia has nom poderia tanto tempo ſofrer, e ſe partiria da teerra, mas veendo ElRey D. Fernando, e ha Rainha Dona Maria, e ho Ifante D. Anrique ſeu Tutor, que eſta maginaçam pelas obras, e continuaçam delRey D. Diniz cada vez mais crecia acordaram de dar ha Villa de Tarifa ahos Mouros por ſua, porque com ſuas peſſoas, e poder hos vieſſem ajudar contra ElRey D. Diniz, porque hos moradores Dandaluzia eram com entradas dos infieis jáa taõ deſtroidos, que vendo ha entrada dos Mouros ho quizeram aſſi fazer.

CAPITULO IX.

Da razam porque ElRey D. Diniz deſiſtio deſta guerra, e ſe tornou ha Portugal.

AVia hum anno, e tres mezes que eſta guerra antre Caſtella, e Portugal durava tam crua antre hos Caſtelhanos, e Portuguezes, no quaal tempo ha Rainha Dona Iſabel, que eſtava em Portugal por ſeus Sanctos dezejos, e muitas virtudes com que nacera recebia deſta diſcordia grande nojo, e muita triſteza, e pera que tantos maales com beem, e paaz de todo ceſſaſſem, de contino cõ devotas, e perſeveradas lagrymas fazia ſuas oraçoens ha Deos, pera que cõ ſua piedade hos remediaſſe, com ſegura paaz, pois elle por paaz, e ſalvaçam do mundo, aho mundo quizera vir, e com eſto nom leyxava hos outros meyos, e intereſſes ſecretos que pera efeyto deſſo ahos Rex, e ahos de ſeu Concelho ſempre apontava, mas aprouve ha Deos que vendo ElRey D. Fernando, e ſeus Tutores, e hos do ſeu Concelho, e principaaes ſenhores de Caſtella que ha deſtroyçam de ſua teerra por armas, e guerra jáa ſe nom podia cobrar, nem vinguar, antes hya cada vez em pior, e mais dano acordaram por melhor tomar ho remedio da paaz, e ſatisfazer ha ElRey D. Diniz nas couzas que juntamente requeria, porque com

eſſo outra ſe remedeaſſe,e compuzeſſe em aſſeceguo, como fez.

Porque ſobre eſte acordo loguo enviaram roguar, e pedir ha ElRey D. Diniz que andava guerreando Caſtella que leyxaſſe ha guerra, e que ha paaz, e concordia ſe faria antre elles, como elle quizeſſe, e com eſto foy muy contente,e confiou que compririam com elle, e poz loguo defeza que mais ſe nom fizeſſe guerra nem maal em Caſtella, e com eſto em ſe tornando pera ſeu Regno veyo loguo por riba de Coa, onde loguo por cerquos, e combates cobrou ha ſeu poder ho ſenhorio de todolos Lugares daquella Comarqua, que aguora ſam de Portugal, porque eram de D. Sancho que ſe fizera ſeu vaſſallo, e de ſua contia, e ordenado receberam ElRey muito dinheyro, com que depois ho deſſervio, como atraas dice, hos quaaes Lugares nom eram entaõ taõ afortalezados como ElRey depois hos fez, e por elles ſe deu booa ſatisfaçam em Caſtella aho dito D. Sancho por taal q̃ cõ elles fizeſſe, como fez outro Eſcaybo antre Portugal, e Caſtella,como aho diante direy.

CAPITULO X.

Dos cazamentos, e Eſcaybos q̃ depois da concordia ſe fezeraõ antre eſtes Rex em Alcanizes.

COmo eſta concordia antre hos Rex, e ſeus Regnos foy ſobre ſeguranças apontada como dice, ElRey D. Fernando, e ha Rainha ſua madre, e ho Ifante D. Anrique ſeu Tutor pera ſe tudo fazer com mais firmeza, e mayor autoridade ſendo feyto por prazer, e conſentimento de todolos do Regno, chamaram ſobre eſte cazo ha Cortes geraaes que ſe logo fizeram em C,amora, onde por todolos Eſtados dambolos Regnos de Caſtella, e de Liam foy concordado que por ceçarem danos, perdas, e outros grandes inconvenientes que da guerra com Portugal ſe ſeguiam era beem que ha paaz ſe fizeſſe com outorgua dos cazamentos, e das outras couzas, que ElRey D. Diniz requeria ſegundo fora apontado, e concordado antre elle,e ElRey D. Sancho e ſobre eſſo enviaram loguo Embayxadores, e Procurador ha ElRey D. Diniz que era em Coimbra Alonſo Peres de Guſmam pera lhe certifiquarem ho q̃ nas Cortes fora aſentado, e pera has couzas loguo averem devido efeyto concordaram viſtas das peſſoas Reaes no Luguar Dalcanizes, que hee em Caſtella, pera onde hos Rex loguo partiram, e ſe ajuntaram no mez de ſetembro de mil e duzentos e noventa e ſette annos, e com ElRey de Caſtella foram ha Rainha Dona Maria ſua madre, e ho Ifante D. Anrique ſeu Tutor, e defenſor dos Regnos, e com elles hos Ifantes, e ſenhores que aho diante direy na Eſcritura do eſcay- 1297.

bo

bo onde ſam particularmente nomeados.

E com ElRey D. Diniz foy ha Rainha Dona Iſabel, ſua molher que levou conſiguo ha Iſante Dona Coſtança ſua filha, e ho Iſante D. Affõſo irmaaõ delRey, D. Diniz, e hos Biſpos, e ſenhores q̃ na carta do eſcaybo particularmẽte eſtaõ nomeados, e ho Iſante D. Affonſo erdeyro ficou na Villa de Trancozo em Portugal hos quaaes todos jũtos aſentaram principalmẽte entre ſi, e ſeus Regnos, e ſenhorios ha paaz, e ſeguridade por corenta annos, nos quaaes foſſem verdadeiros amiguos damiguos, e imiguos de imiguos, e que todalas peſſoas dequalquer eſtado, e condiçam que foſſem que de hum Regno aho outro durando ho tempo da paaz fizeſſem guerra, dano, ou maal, que foſſem loguo entregues aho Rey, e Regno danificados pera delles ſe fazer juſtiça inteyra ſegundo foſſe ha qualidade do crime, e porque ouveram por beem que hos cazamentos que ſe aly haviam de fazer nom ſe concertaſſem, nem fezeſſem atee que todalas entreguas e eſcaybos das Villas, e Luguares de hũ Regno ha outro foſſem feytos, e concordados, e como atraaz elles eſtaõ apontados. Foy loguo feyta huma carta de concordia das ditas couzas cujo treslado de verbo averbo tornado fielmente por mim Coroniſta de Caſtelhano em Portuguez de proprio original que vy, e jaaz no Tombo he que ſe ſegue.

EM nome de Deos amem, ſaybam quantos eſta carta virem, e leer ouvirem que como foſſe contenda ſobre Villas, termos, e partimentos, poſturas, e preytos antre nòs D. Fernando pela graça de Deos Rey de Caſtella, e de Liam, e de Toledo, e Dalgezira, Sevilha, e Cordova, e de Murcia, e Jaem, e do Alguarve, e ſenhor de Molina de huma parte, e D. Diniz pela meſma graça de Deos Rey de Portugual, e do Alguarve, da outra por razaõ deſtas contendas ſobre ditas nacem antre nòs muitas guerras, e omezios, e exceſſos em tal maneyra que de noſſas terras dambos foram muitas roubadas queymadas, e eſtraguadas em que ſe feez hy muito pezar ha Deos noſſo Senhor por morte de muytos homens, vendo, e guardando que ſe aho diante foſſem deſtas guerras, e diſcordias que eſtavam noſſas terras dambos em tempo, e ponto de ſe perder por noſſos peccados, e de vir as mãaos dos imiguos da noſſa fee, e em fim por apartar tam grande deſſerviço de Deos, e da Santa Egreja de Roma, noſſa madre, e tam grandes danos, e perdas noſſas, e da Chriſtandade, por ajuntar paaz, amor, e grande ſerviço de Deos, e da Egreja de Roma ho ſobredito Rey D. Fernando com Concelho, e outorgamento, e por autoridade da Rainha Dona Maria minha madre, e do Iſante D. Anrique meu tio, e meu Tutor, e guarda dos meus Regnos, e dos Iſantes D. Pedro, e D. Felippe meus irmãaos, e de D. Diogo

de

de Faram Senhor de Biſcaya, e de D. Sancho filho do Ifante D. Pedro, e D. Joham Biſpo de Tuy, e D. Joham Fernandes Adiantado moor de Galiza, e D. Fernam Fernandes de Molina, e D. Pedro Ponce, e D. Guarcia Fernandes de Villa mayor, e D. Affonſo Peres de Guſmam, e D. Fernam Pires, Meſtre Dalcantra, e D. Fſtevaõ Pires, e D. Telo Juſtiça moor da minha Caza, e doutros Ricos homens boons de meus Regnos, e da Irmãdade de Caſtella, e de Liam, e dos Concelhos deſtes Regnos, e de minha Corte.

E eu ElRey D. Diniz ſuſo dito com cõcelho, e outorgua da Rainha Dona Iſabel, minha molher, e do Ifante D. Affonſo meu irmaão, e D. Martinho Arcebiſpo de Braga, e D. Joham Biſpo de Lixboa, e D. Sancho Biſpo do Porto, e D. Vaſco Biſpo de Lameguo, e do Meſtre do Templo Davis, e de D. Affonſo meu mordomo mòor, ſenhor Dalbuquerque, e de D. Martim Gil meu Alferes moor, e de D. Joham Rodrigues de Briteyros, e de D. Pedre Annes Portel, e de Lourenço Soares de Valadares, e de Martim Affõſo, e de Joham Fernãdes de Lima, e de Joham Mendes, e de Fernam Pires de Barboza meus Ricos homens, e de Joham Simam meyrinho moor, de minha caza, e dos Concelhos de meus Regnos, e de minha Corte ouvemos acordo de nos avirmos, e fazermos avenças antre nós neſta maneyra que ſe ſegue, a ſaber, que eu Rey D. Fernando ſobredito entendendo, e conhecendo que hos Caſtellos, e Villas da terra Darronhes, e Darecena com todos ſeus termos, direytos, e pertenças que eram de direyto do Regno de Portugual, e de ſeu Senhorio que hos ouve ElRey D. Affonſo meu avoo delRey D. Affonſo voſſo padre contra ſua vontade, ſendo eſtes Luguares delRey D. Affonſo, e que outro ſi os tiveram ElRey D. Sancho meu Padre, e eu, e por eſſo pus com voſquo em Cidade Rodriguo, que vos deſſe, e entreguaſſe has ditas Villas, e Caſtellos, ou eſcaybos por elles apaar dos voſſos Regnos de que vós, vos paguaſſeis, de dia
1334. *de Sam Mignel que paſſou da era de mil trezentos trinta e quatro annos atée ſeis mezes, e porque volo aſſi nom comprio douvos por eſſas Villas, e Caſtellos, e pellos ſeus termos, e pellos frutos da quelles que ahi ouvemos meu avoo ElRey D. Affonſo, e meu padre ElRey D. Sancho, e eu outro ſi atee ho dia doje, Olivença, e Campo mayor, que ſam apaar de Badajos, e Sam Felizes dos Gualeguos com todolos ſeus termos, e direytos, e pertenças, e com todo ſenhorio, e jurdiçam Real, q̃ajades vós, e voſſos ſoceſſores por erdamento pera ſempre aſſi ha poſſeſſam, como ha propriedade, e tiro de mim e do Senhorio de meus Regnos de Caſtella, e de Liam hos ditos Luguares, e todo direyto que eu ha hy hey de hos aver, e douvolo, e ponho-o em vôs, e voſſos ſuceſſores, e no Senhorio de Portugual, pera ſempre.*

Outro ſi meto no voſſo Senhorio, e de voſſos ſoceſſores do Regno de Portugual

gal para ſempre ho Luguar que dizem Ouguela, que hee junto de Campo mayor acima dito, com todos ſeus termos direytos, e pertenças, e dou ha vós, e ha todos voſſos ſoceſſores do Senhorio de Portugal toda jurdiçam direyto, e Senhorio Real que eu tenho, e devo ter de direyto no dito Luguar Douguela, e tiro de my, e do Senhorio de Caſtella, e de Liam, e ponho em vós, e em todos voſſos ſoceſſores, e no Senhorio do Regno de Portugal pera ſempre ſalvo ho Senhorio direytos, e herdades, e Egrejas deſte Luguar Douguela, que hos aja ho Biſpo, e Egreja de Badajos atee que com elle faça que volas ſolte aſſi como deve. Todas eſtas couzas deſuſo dittas vos faço porque nos quiteis dos ditos Caſtellos, e Villas Darronches, e Darecena ede ſeus termos, e dos fruytos que dahy ouvemos ElRey D. Affonſo meu avoo, e ElRey D. Sancho meu padre, e eu.

Outro ſi eu ElRey D. Fernando entendendo, e conhecendo que vós tendes direyto em algũs Luguares dos Caſtellos, e Villas do Sabugual, e Alfayates, e de Caſtel Rodriguo e Villar mayor, e de Caſtel bom, e Dalmeyda, e de Caſtel milhor, e Monforte, e doutros Luguares de riba de Coa, hos quaaes vos Rey D. Diniz tẽdes aguora em voſſa maão, e porq̃ vòs vos partis, e tiraaes do direyto que tinheis em Valença, e em Ferreyra, e no Eſparragual que agora tem ha Ordem Dalcantra em ſua maão, e do direyto que aviades em Aya monte, e em outros Luguares que aviades em Liam, e em Gualiza, e aſſi porque vós vos partis, e tiraaes das demandas que me vós fazieis por rezaõ dos termos que ſam antre ho meu Senhorio, e ho voſſo, por eſſo eu me parto, e tiro dos ditos Caſtellos, e Villas, e Luguares do Sabugual, e Alfayates, e de Caſtel Rodriguo, e de Villar mayor, e de Caſtel bom, e Dalmeyda, e de Caſtel milhor, e de Monforte, e dos outros Luguares de Riba de Coa, que aguora vós tendes em voſſa maão, com todos ſeus termos e pertenças, e partome de toda ha demanda que eu tenho oupoderia ter contra vós, ou contra voſſos ſoceſſores por rezam deſtes Luguares ſobreditos de Riba de Coa, e cada huũ delles, e outro ſi me parto de todo direyto, ou jurdiçam, ou Senhorio Real tambem na poſſeſſam como na propriedade como em outra maneyra qualquer que ho eu ahy tenha, e ho tiro de my todo, e de meus Senhorios e de meus ſoceſſores, e dos Senhorios dos Regnos de Caſtella, e de Liam, e ponho em vós, e em voſſos ſoceſſores, e no Senhorio do Regno de Portugual pera ſempre, e mando, e outorguo que ſe por ventura aa alguns privilegios ou cartas ou eſtromentos parecerem, que forem feytos antre hos Rex de Caſtella, e de Liam, e hos Rex de Portugal ſobre eſtes Luguares ſobre ditos davenças, ou de poſturas, demarcaçoens, e em outra qualquer maneyra ſobre eſtes Luguares que ſejam contra, vós ou contra voſſos ſoceſſores, ou em voſſo dano, ou em dano do Senhorio de Portugal, que daqui em diante nom valham nem tenham ha menagem, e firmeza nem ſe poſſam ajudar dellas eu, nem meus

ſoceſ-

ſoceſſores, has quaaes todas revogo pera ſempre.

E eu ElRey D. Dinis aſima dito por Olivença, e por Campo mayor, e por Sam Felizes dos Gualegos que me vòs dais, e por Ouguela, que meto em meu Senhorio ſegundo aſima he dito, eu me parto, e tiro dos Caſtellos, e Villas Darronches, e Darecena, e de todos ſeus termos, e direytos, e de todas ſuas pertenças, e de toda ha demanda que eu tenho, ou poderia ter contra vós, ou contra voſſos ſoceſſores por razam deſtes Luguares ſobreditos, e de cada hũu delles que ElRey D. Affonſo voſſo avoo, e ElRey D. Sancho voſſo padre, e vós ouveſtes, e recebeſtes, e deſtes Luguares dou ha vós, e ha voſſos ſoceſſores todo direyto, e jurdiçaõ, e Senhorio Real, que eu ey, e de direyto poderia aver neſſes Caſtellos, e Villas Darronches, e Darecena, por qualquer maneyra que ho eu aby ouveſſe, e ho tiro do meu, e de meus ſoceſſores, e do Senhorio do Regno de Portugal, e ho ponho em vós, e em voſſos ſoceſſores, e no Senhorio do Regno de Caſtella, e de Liam, pera ſempre, outro ſi eu ElRey D. Diniz, porque vós, vos tiraaes dos Caſtellos, e Villas do Sabugual, e Dalfayates, e de Caſtel Rodriguo, e de Villar mayor, e de Caſtel bom, e Dalmeyda, e de Caſtel milhor, e de Monforte; e doutros Luguares de Riba de Coa, com ſeus termos que eu aguora tenho em minha maaõ aſſi como aſima hee dito, eu tambem me tiro, e aparto de todo direyto, que eu ey em Valença, e em Ferreyra, e no Eſparragual, e em Ayamonte, outro ſi me parto de todalas demandas que tenho, e poderia teer contra vòs, em todolos outros Luguares de todos voſſos Regnos, e Senhorios em quaalquer maneyra, outro ſi me parto de todalas demandas que eu tinha contra vós por razam dos termos que ſam antre ho meu Senhorio, e ho voſſo ſobre que era contenda.

Eu ElRey D. Fernando de ſuſo dito por my, e por todos meus ſoceſſores com concelho, e outorguamento, e autoridade da Rainha minha madre, e do Ifante D. Anrique, meu tio, e meu Tutor, e guarda de meus Regnos prometo ha booa fee, e juizo ſobre eſtas couzas aſima ditas, e cada huuma dellas pera ſempre nunqua vir contra ellas por my, nem por outrem defeyto, nem de direyto nem concelho, e ſe aſſi nom fizer que fique por perjuro, e por tredor como quem mata ſeu ſenhor, outra, e Caſtello, e nos Rainha, e ho Ifante D. Anrique aſima dito outorguamos todas eſtas couzas, ou cada huuma dellas, e damos poder, e autoridade ha ElRey D. Fernando pera fazellas, e prometemos por booa fee por nós, e por ho dito Rey D. Fernando, e juramos ſobre hos ſantos Evangelhos, ſobre hos quaaes pozemos noſſas maãos, e fazemos menagem ha vós Rey D. Diniz, que ElRey D. Fernando, e nós tenhamos, e cumpramos, e guardemos, e façamos teer comprir, e guardar todalas couzas ſobreditas, e cada huũa dellas pera ſempre, e de nunqua virmos contra ellas por nós, nem por outrem defeyto, nem de direyto,

reyto, nem concelho, e ſe aſſi ho nom fizermos fiquemos perjuros, e tredores como quem mata ſenhor, ou trae Caſtello.

E eu ElRey D. Diniz, por my, e por ha Rainha Dona Iſabel minha molher, e polo Iſante D. Affonſo meu filho erdeyro, e por todolos meus vaſſalos, e ſoceſſores, prometo aa booa fee, e juro ſobre hos Sanctos Evangelhos ſobre que ponho minhas mãaos, e faço menagem ha voos Rey D. Fernando por voos, e por voſſos ſoceſſores, e ha voos Rainha Dona Maria, e ha voos Iſante D. Anrique de teer, e guardar, e comprir todas eſtas couzas acima dictas, e cada huũa dellas pera ſempre, e nunqua vir contra ellas por my, nem por outrem defeyto, nem direyto, nem concelho, e ſe aſſi nom fizer que fique por perjuro, e tredor como quem mata ſenhor, ou trae Caſtello. E porque todas eſtas couzas ſejam mais firmes, e mais certas, e nom poſſam vir em duvida, fazemos deſto fazer duas cartas em huũ teor, que hee huũa como outra ſeladas com noſſos ſellos de chumbo de noos ambos os Rex, e dos ſelos das Rainhas ſobredictas, e do Iſante D. Anrique, e em teſtemunho de verdade; das quaaes cartas cada huũ de noos hos Rex ha de teer ſenhas: feyta em Al-
1297. *canizes quinta feyra doze dias do mez de Setembro da era de mil duzentos noventa e ſete annos.*

E aalem deſte eſcãybo geral ſe paſſaram outras cartas particulares pera hos Lugares que ſe aviaõ dentregar por virtude das quaaes ElRey D. Diniz mandou tomar poſſes, que ſe fizeraõ ſolenemente com deſnaturamentos dos vaſſallos, de Caſtella, tornando aho Senhorio de Portugal, de que ha eſtromentos na Torre do Tombo, e por eſtas Villas, & Caſtellos de Riba de Coa, q̃ eraõ de D. Sancho ſabeendo ElRey D. Fernando, que lhos avia de dar ha ElRey D. Diniz logo por acordo das Cortes de Caamora, deu ElRey por ellas em ſua ſatisfaçaõ aho dicto D. Sancho, e ha Dona Margarida ſua molher has Villas de Galiſteu, e de Grada, e de Miranda em Caſtella, e porque deſtes eſcãybos poderia nacer duvida, porque Saõ Felizes dos Galegos nom hee oje de Portugal, aſſi como ſaõ Olivença, e Campo mayor, e Ouguela, que com elles foraõ dados por Arronches, e Daracena, hee de ſaber, que ElRey D. Diniz ouve delles ha poſſe, como dos outros Lugares, e lhe fez ho Caſtello, e Alcacer, que teem, mas depois fez delle doaçaõ ha D. Affonſo Sanches ſeu filho baſtardo, e ſeu Mordomo moor, que por conſentimento delRey ſeu padre, ho deu cõ mais certa ſoma de dinheiro ha D. Affonſo de Molina por ametade Dalbuquerque, de que ho dicto Affonſo Sanches foy Senhor, e porq̃ ElRey D. Affonſo ho Quarto, irmaõ deſte Affonſo Sanches em vida delRey ſeu padre, teve cõ elle imizade, e competencia, logo como Regnou ho deſterrou de Portugal, e ſe foy pera Caſtella,

onde foy mais Senhor de Medelim, e doutras Villas, e ſe fez vaſſallo delRey D. Fernando, por onde Portugal perdeo Saõ Felizes, pella dicta doaçam delRey D. Diniz, e por eſte deſterro de Affonſo Sanches, nom ouve Albuquerque, como aho diante mais largamente ſe diraa.

CAPITULO XI.

Como ElRey D. Fernando cazou com ha Iſante Dona Coſtança, e ho Iſante D. Affonſo de Portugal com ha Iſante Dona Breatis de Caſtella, e das menagens, que ſobreſſo ſe fizeraõ, e da deciſaõ, que fez nas contendas que avia antre hos Principes Deſpanha, e da grandeza, e prudencia com que nella ſe ouve, e muitas mercees que fez.

TAnto que foraõ acabados hos dictos eſcãybos, e concordias, e todalas outras couzas ſobre q̃ antre hos Rex avia alguũas duvidas, e debates, logo ElRey D. Fernando recebeo por palavras de prezente ha Iſante Dona Coſtança filha delRey D. Diniz, e pera ho dicto cazamento ſeer pera ſempre mais firme, aſſi no eſpiritual, como no temporal, ho dicto Rey D. Fernando, e ha Rainha Dona Maria ſua madre, juraram ſolenemente que ho dicto Rey nunqua por outra nhuũa molher deyxaria ha Iſante Dona Coſtança, ſalvo por ſua morte, e eſto fizeram, porque nom tinham avida diſpenſaçam do Papa, que por ſeerem muito parentes, era neceſſaria, ha quaal logo procuraram, e ouveram, e em ſe acabando ho dicto recebimento, ElRey D. Fernando dice por ſy aho Iſante D. Anrique, e ahos outros Iſantes, e Senhores nomeados, que eraõ prezentes, neſta maneyra.

Porque deſte cazamento, q̃ Deos quis que foſſe, eu ſam muito honrado, e contente folgaria que por nhuũ cazo, ſalvo por morte antre noos ambos nunqua ſe desfizeſſe, ca vos rogo, encomendo, e mando, q̃ pera mayor firmeza, e ſegurança delle jureis aqui ahos Sanctos Evangelhos, e façais por voos preyto, e menagem ha ElRey D. Diniz, que nunqua leyxarey ha Iſante Dona Coſtança ſua filha, minha molher, e ſeendo cazo que eu ha queyra leyxar, ho que Deos nom mande, que voos me desſirvaes, e ſejaaes com voſſas peſſoas, teerras, e vaſſallos contra my, e com tudo ajudeis, e ſirvaes ha ElRey D. Diniz, e ha ſeus ſoceſſores atee que torne ha viver com ella, aſſi como com minha molher em toda ſua vida, e ſe eu for vivo, que aalem deſſo cumpra inteyramente todalas couzas que antre noos aqui ſaõ poſtas, e concordadas, e pera eſto melhor, e mais livremente ho poderdes fazer, eu dagora pera entaõ vos ey pera eſſo por deſnaturados,

naturados, e vos quito todolos preytos, e menagens, e juramentos, que tee ho dia doje como vaſſallos me tinheis feyto pera quando eu nom comprir ho que diſſe, vos ſervirdes, e ajudardes ha ElRey D. Diniz, e ha ſeus ſoceſſores que vos para eſſo requererem.

Hos quaaes juramentos foraõ ſolenemẽte tomados, e aſſi has menagens dadas pera ho ſobredicto por ſy ho comprirem, e manterem de que ſe tomáram eſtromentos pubricos, que ElRey D. Diniz trouxe conſigo ha Portugal, e outros taaes de ſeus juramentos, e outros juramentos fizeram muitos outros grandes Senhores de Caſtella, que ha eſte tempo eram auzentes, e hos enviaram ha ElRey D. Diniz muy autenticos, porque aſſi foy concordado, mas de huũs, nem doutros nom ouve neceſſidade, porque ElRey D. Fernando depois deſto viveo beem, e honeſtamente, e com mais amor, e conformidade com ha dicta Rainha Dona Coſtança ſua molher, e em ſeu poder faleceo. E aſſi hos Rex foraõ ſempre depois em toda ſua vida em muita paaz, e concordia, e ſobre ha entrega dos dictos Lugares nom ouve, nem ſe ſeguio força feyta por Caſtella, nem alguña reſiſtencia.

Acabadas eſtas couzas ElRey D. Fernando ſe partio Dalcanizes com ha Rainha ſua molher, e ElRey D. Diniz trouxe logo pera Portugal conſigo, e por Eſpoza do Iſante D. Affonſo ſeu filho, ha Iſante Dona Breatis irmãa delRey D. Fernando, e filha delRey D. Sancho, e da Rainha Dona Maria, ha quaal ſeendo ainda muy moça, andou muy honradamente em caza delRey D. Diniz, em quanto ambos eraõ ſoomente cazados por palavras de futuro, cujo prometimento ſe fez por elles em Coimbra na era de mil trezentos e ſete annos onde ElRey Diniz deu logo aho Iſante ſeu filho, ſeendo em idade de ſete annos, caza muy honrada, e de muitos vaſſallos, e de muy ricos homens, e de ſeu aſentamento lhe deu grande contia de dinheyro, e muitos Lugares de ſua jurdiçaõ, e pera teer peſſoas de ſeu Concelho, e pera officiaes de ſua caza, e fazenda lhe deu hos homens mais principaaes, que em ſeu Regno ſentio, q̃ eraõ melhores, e mais pertencentes aſy, como foy D. Martinho Arcebiſpo de Braga, e ho Conde D. Martim Gil de Souza, Alferes moor, e aſſi outros eſcolhidos pera todolos outros officios. E aalem do ordenado de ſua caza, que muy perfcytamente tinha, ſe acha que deu mais aho Iſante D. Affonſo oyto mil livras, que valiaõ do preço dagora ha tres mil e duzentos cruzados, de que pudeſſe fazer beem, e mercee de como quizeſſe.

E depois ho dicto Iſante reẽcebeo por palavras de prezente ha Iſante ſua molher, e ſe fizeraõ ſuas feſtas, e vodas em Lixboa, e ElRey lhe deu Vianna, e Te-

rena, e ho Caſtello Dourem, e ha teerra Darmamar jnnto de Lamego, e ha ſua molher muitas teerras, e grandes joyas, e riquezas, como aho diante ſe diraa.

E poſto que eſtes cazamentos, e booa concordia foſſe feyta antre eſtes Rex, nem por eſſo ElRey D. Fernando fiquou em paaz, que nom leyxou de teer em ſeus Regnos guerras, e grandes deferenças, com ElRey D. James deſte nome ho Seguũdo Rey Daragaõ irmaaõ da Rainha Dona Iſabel, molher delRey D. Diniz, por razaõ do Regno de Murcia, e com D. Affonſo de Lacerda ſeu primo com irmaaõ, que tambem ſe chamava Rey de Caſtella, e com ho Ifante D. Joham ſeu tio, que ſe chamava Rey de Liam, hos quaaes eram ajudados, e favorecidos de muitos, e grandes Senhores de Caſtella, e de Liam, contra ho dicto Rey D. Fernando, q̃ por teer no meſmo Regno tam grandes contrayros, padecia grandes afrontas, e era poſto em muitas neceſſidades, nas quaaes ſe ſocorreu muitas vezes ha ElRey D. Diniz ſeu ſogro, com que ſe vio em Fonteguinaldo junto do Sabugal, e em Badalhouſe, que com gentes darmas, e muito dinheyro de ſeu tezouro, durando ſuas guerras ho ajudou, e ſoſteve grandemente, atee que com todos hos dicſtos ſeus contrayros, e competidores ho poz por ſy em paaz, e aſocego, como aho diante direy, porque nas derradeyras viſtas, que tiveraõ em Badalhouſe, que foy na era de mil trezentos e tres annos ſe acha 1303.
por certa arrecadaçam da deſpeza do tezouro delRey D. Diniz, que elle deu de graça aho dicto Rey D. Fernando ſeu genro huũ milhaõ de maravedis, que ſeguũdo ha valia, e conta das moedas faziaõ numero de ſincoenta e ſinco mil cruzados dos noſſos, e mais lhe deu huũa copa de huũa eſmeralda, que foy avaliada em doze mil e tantas dobras douro.

E porque nom fiquem ſuſpenſas has cauzas, e fundamentos, q̃ ouve pera antre eſtes Rex, e Senhores aver has guerras, e competencias que dice, e porque ha Eſtoria ſe entenda melhor, e nom fique confuza, farey dellas huũa breve, e ſuſtancial decraraçam. E primeyramente D. Affonſo de Lacerda tinha guerra com ElRey D. Fernando ha quaal ficàra começada do tempo delRey D. Sancho, porque D. Affonſo era filho primeyro ligitimo do Ifante D. Fernando de Lacerda, e da Rainha Dona Branca filha delRey Saõ Luis de França, ho quaal Ifante ſeendo jurado por erdeyro dos Regnos de Caſtella, e de Liam, faleceo em vida delRey D. Affonſo ho Decimo de Caſtella ſeu pay teendo jaa filhos, ha ſaber eſte D. Affonſo de Lacerda, e outro D. Fernando, dos quaaes D. Affonſo era ho mayor, aſſi por ſer neto do dicto Rey D. Affonſo, como por contrato do cazamento feyto antre ElRey Saõ Luis de França, e

ho

ho dicto Rey ſeu avoo devera erdár hos Regnos de Caſtella,e de Liam, e por eſta cauza ho dicto D. Affonſo de Lacerda andando deſterrado em Aragaõ, elle em vida delRey D. Sancho ſeu tio, em tempo deſte Rey D. Fernando de Caſtella ſeu filho, ſe chamou, e intitulou Rey de Caſtella, e porque ho titulo, e Regno de Liam, elle hos deu aho Ifante D. Johaõ ſeu tio, pera que ho ajudaſſe, como logo direy.

E porque ho dicto Rey D. Affonſo de Caſtella ſeu avoo, lhe tinha dado ho Regno de Murcia, que elle ganhara ahos Mouros em que tambem por ElRey D.Sancho ouve cõtradiçaõ, como atraaz fica decrarado eſte dicto D. Affonſo de Lacerda pera teer ajuda,e favor del Rey D. James Daragaõ, q̃ era ſeu tio,pera has couzas de Caſtella lhe deu ho direyto, q̃ tinha no Regno de Murcia, cõ toda ſua Conquiſta, por beem do quaal aſſi durando ho tempo da titoria delRey D. Fernando em quanto foy moço ho dicto Rey D. James ouve, e conquiſtou ho dicto Regno de Murcia,q̃ pertencia ha Caſtella, e ho nom quizera ſoltar aho dicto Rey D. Fernando, ſobre que tinha guerra, ha quaal ElRey D. Diniz antre elles tambem concordou quando foy ha Aragam, como aho diante direy, e ho dicto Rey D. Fernando tinha mais guerra com ho Ifante D. Johaõ ſeu tio, irmaaõ delRey D. Sancho ſeu pay, ho quaal Ifante ſe chamava Rey de Liam com outorga, e conſentimento do dicto D. Affonſo de Lacerda ſeu ſobrinho, que do dicto Regno, como Rey de Caſtella, e de Liam, lhe fizera doaçam, porque foſſe em ſeu favor contra ElRey D. Fernando, e lhe ajudaſſe ha ganhar Caſtella.

E ha eſte partido contra ElRey D. Fernando, e em ajuda do Ifante D. Johaõ favorecia, e ajudava muito D. Johaõ Nunes de Lara, q̃ tinha grande teerra com muitas gentes, e Fortalezas, eſte era dezavindo, e fóra do ſerviço delRey D. Fernando, porque ha Rainha Dona Maria ſua madre, e ho Ifante D. Anrique ſeu Tutor, nom compriaõ com elle has couzas, que ElRey D. Sãcho lhe prometera quãdo ElRey D. Diniz da prizaõ em que eſtava em Portugal ho enviou ſolto, e honrado ha Caſtella, como atraaz fica, e por eſſo elle deyxando ſuas Fortalezas de Caſtella ha recado, ſe foy ha França, e depois tornandoſe pera Aragam, e Navarra, trouxe deſtes Regnos conſigo muita gente, com que entrou em Caſtella, e fez nella muito dano eſpecialmente na teerra de D. Johaõ Affonſo Dalfaro, que era delRey D. Fernando, ha quaal teerra correo, e eſtragou por tres dias, no cabo dos quaaes ho dicto D. Johaõ Affonſo com muita gente delRey que conſigo tinha, veyo buſcar ho dicto Johaõ Nunes, ho quaal confiando dos Navarros, e Aragonezes ahos primeyros encontros lhe fogiraõ todos, e elle ficou ſoomente

te com vinte, e ſeis Cavalleyros de ſua caza, hos quaaes como boons, leaes, e esforçados morreraõ todos ante elle, e ſendo muito ferido foy na batalha prezo.

E por eſſo hos ſeus das muitas Fortalezas, que por elle tinhaõ em Caſtella nom leyxaram ſempre de fazer ha guerra como dantes faziam, pelo quaal na prizaõ onde ho dicto Johaõ Nunes jazia pera ſer ſolto, ouve taal concordia, que elle deſſe como deu aho Ifante D. Anrique tutor, e defenſor, por molher ha Dona Johana Nunes, ha que diſſeraõ Palombinha, e que elle Johaõ Nunes cazaſſe, como cazou com Dona Maria filha de D. Diogo Senhor de Biſcaya, com grande acreſcentamento de dinheyro, por contia aalem do que tinha. E tanto era ho poder, e valor deſte Johaõ Nunes em Caſtella, que tanto que depois deſta ſua prizaõ, e deſta ſua concordia delRey D. Fernando, e delle foy feyta, logo por ho Ifante D. Johaõ, e D. Affonſo de Lacerda, que ſe chamava Rey de Caſtella, ſe foy logo pera Aragam, e conſentio na concordia, que aho diante direy; e ho Ifante D. Johaõ por eſſo tambem leyxou ho titulo de Rey de Liam, e quebrou hos ſelos de Rey que trazia, e veyo beyjar ha maõ ha ElRey D. Fernando, e ficou por ſeu Vaſſallo, e depois eſte Ifante D. Johaõ ſendo Tutor delRey D. Affonſo, filho deſte Rey D. Fernando juntamente com ho Ifante D. Pedro, em hnũa ora por afronta, e ſem feridas, ambos morreram na Veyga de Grada, e do dicto Ifante D. Johaõ ficou filho erdeyro D. Johaõ, ho que diſſeraõ ho torto, Senhor de Biſcaya, de que atraaz dice.

E feytas aſſi eſtas concordias cõ ho Ifante D. Johaõ, e cõ D. Johaõ Nunes, ainda ficavaõ ha ElRey D. Fernãdo duas arduas contendas por concordar de q̃ ſe eſperavaõ grãdes guerras, e muitos danos ſe nom ſe atalhaſſem, e hnũa era antre ElRey D. James Daragaõ ſobre ho Regno de Murcia, e ha outra antre D. Affonſo de Lacerda, ſobre ho Regno de Caſtella como atraaz dice. E ſendo neſte tempo Prezidente na Egreja de Roma ho Papa Benedicto Undecimo, q̃ era homem Sancto, que ſobre todos mais deſejou, e procurou ha paaz, e amizade dantre hos Rex, e Principes Chriſtãaos ſabeendo deſta diſcordia, que antre eſtes Rex avia, lhe enviou hnũ Nuncio com ſeus Breves, encomendandolhe com tantas razoens, que deziſtiſſem do maal da guerra, e eſcolheſſem ho beem da paaz, e pera antre elles ſe beem fazer como devia ſe louvaſſem em alguũ boom Juiz, que antre elles compriſſe, e concordaſſe ſuas contendas, e que Sua Santidade ajudaria ha comprir ſua determinaçaõ.

E hos Rex ambos de Caſtella, e Aragam obedecendo aos concelhos, e mandados do Papa ſe concordaram, e enviaram dizer, que antre elles nom podia aver melhor

Juiz

Juiz, nem mais competente, que ElRey D. Diniz de Portugal, e pediam ha Sua Santidade, que pera elle ho fazer ſem eſcuza, e com mayor obrigaçaõ lho quizeſſe encomendar, porque aalem de ſer Rey muy juſto, e de muy craro juizo, tinha com elles ambos muy eſtreyto devido, porque era ſogro, e primo com irmaaõ delRey D. Fernando de Caſtella, cunhado, e primo delRey D. James Daragam, cazado cõ ha Rainha Dona Iſabel ſua irmãa. Da quaal couza prouve muito aho Papa, e ha encomendou com grande afeyçaõ ha ElRey D. Diniz, que por lhe obedecer, e fazer couza dina de taal Rey, e aſſi por has continuas preſſes da Rainha Dona Iſabel ſua molher com que lho pedia, aceytou ho juizo por ſua parte, em que tambem entrou ha determinaçaõ, e concordia ſobre ha contenda, que era antre ElRey D. Fernando, e ho Ifante D. Affonſo de Lacerda, que trazia o ſello, e armas direytas do Regno de Caſtella, ſobre que ambos tinham guerra, acerca das quaaes couzas ante de ſe finalmente concordarem ho Ifante D. Johaõ, tio delRey D. Fernando, de que atraaz dice, foy como ſeu procurador ha ElRey D. James Daragam, e aho Ifante D. Affonſo de Lacerda, e com elles praticou, e aſentou hos Juizes, que aviam de ſeer, e has couzas particularmente ſobre que ElRey D. Diniz avia com hos outros Juizes dentender, e dar ſua ſentença.

E aſentaraõ, que no que tocava ha ElRey D. Fernando com ElRey D. James ſobre ho Regno de Murcia, foſſem Juizes ElRey D. Diniz, e ho dicto Ifante D. Johaõ, e D. Ximeno Biſpo de Caragoça, e que na contenda, e diferença, que era antre hos dictos Rex D. Fernãdo, e D. Affonſo de Lacerda, foſſem Juizes hos dictos Rex D. Diniz e D. James ſoomente ſobre huũs, e ourros fizeſſem ſeus compromiſſos autorizados, e aſellados de ſeus ſellos de chumbo, ha ſaber ho delRey D. James Daragam feyto ha vinte dias Dabril da era de mil trezentos, e quatro annos, e pera ſegurança delle eſtar pela ſentença que ſe deſſe, poz em ha refens hos Caſtellos de Arica, e de Verdejo, e de Gomir, e de Borja, e de Malom. E ho Compromiſſo delRey D. Fernando, foy ha tres de Mayo da era de mil trezentos e quatro annos. 1304

E com eſtes Caſtellos no dicto Compromiſſo logo aſſinados por ha refens, e ſeguranças de comprir quaalquer ſentença, e determinaçam, que pelos dictos Juizes ſe deſſe, ha ſaber Alfaro, Cerveyra, Ortoom, & Sancto Eſtevaõ, e Atença. E tanto que eſtes Compromiſſos foraõ concordados hos Rex de Caſtella, e Daragam, e aſſi ho Ifante D. Affonſo de Lacerda ha que tocava, enviaram por ſeus Embaixadores pedir ha ElRey D. Diniz, que logo quizeſſe hir em peſſoa por quanto has dictas contendas finalmente

mente ſe aviaõ de ſentenciar, e determinar pelos Juizes atee Sancta Maria Dagoſto, do que ha ElRey D. Diniz muito aprouve, e ſe feez logo preſtes, e ſe foy aa Cidade da Guarda, donde logo partio, e entrou em Caſtella por Cidade Rodrigo, no mes de Junho da dicta era, e levou conſigo ha Rainha Dona Iſabel ſua molher, e ho Iſante D. Affonſo ſeu irmaaõ, e D. Pedro ſeu filho, e ho Conde D. Johaõ Affonſo, e Prelados, e Infançoens, e Cavalleyros em numero de mil peſſoas, afora outras muitas gentes pera que feez preſtes has gentes de ſeus Regnos, e na Guarda aprovou, e eſcolheo della ha que quiz, que foy muita, e muy honrada, e ha mais riqua, e concertada de ſuas peſſoas, cavallos, arreyos, e veſtidos, que atee quelle tempo em ſemelhante cazo ſe viſſe, e pera eſta ida ouve ElRey D. Diniz grandes ajudas de dinheyro de ſeus poovos.

Ante q̃ ElRey partiſſe da Guarda, chegou ha elle Diogo Garcia de Toledo, Cavalleyro da Caza delRey D. Fernando, e com elle dous ſeus eſcudeyros com has fraldas das capas cheyas de chaves daquellas Villas, e Caſtellos por onde ElRey D. Fernando foy certificado q̃ ſeria ha ida, e vinda delRey D. Diniz, e nellas lhe fazer preſtes has pouzadas mantimentos, e couzas que ha elle, e ha ſuas gentes compriſſe, e mais entregarlhe aquellas chaves, que eram das Villas, e Caſtellos por onde avia de paſſar pera nellas pouzar, e fazer dellas livremente todo ho que quizeſſe, como de ſuas proprias. ElRey D. Diniz lhe dice, que ha ElRey D. Fernando elle lhe gradecia muito ſeu convite, e aſſi ho offerecimento de ſuas Villas, e Caſtellos, de que lhe rogava, que ho ouveſſe todo por eſcuzado, e que por eſcuzar alguũs boliços, e alevantamentos de ſuas gentes com has de Caſtella, elle nom eſperava de pouzar em Villas, e povoaçoens, antes ho mais alongado dellas que podeſſe, pera que levava muitas, e booas tendas, em que ſe alojaria.

E porèm aly por acordo de peſſoas, que ho beem ſabiaõ concordou todas has jornadas, e alojamentos, que faria, atee Aragaõ, e foy acordado, que Diogo Garcia, dous, ou tres dias ſempre foſſe, como foy diante pera lhe fazer trazer hos mantimentos, e couzas neceſſarias, que ElRey mandava ha todos pagar muy liberalmente, e por eſſo lhas traziaõ com booa graça, e em grande abaſtança, em que chegando ElRey D. Diniz aa Villa de Coelhar, que hee em Caſtella, ho veo receber ElRey D. Fernando, e com elle ho Iſante D. Johaõ, e outros muitos grandes, e Senhores de Caſtella, e depois de averem prazer, e conſultarem antre ſy has couzas, que pediaõ, ſe partiraõ da ly com fundamento de todos irem, como foram atee Soria, e foraõ apartados por dous caminhos,

minhos, e nom muito afaſtados por rezaõ de huũs, e outros averem melhor ſuas provizoens, e mantimentos, e de Soria donde ElRey de Caſtella ſe eſpedira delle, ElRey D. Diniz, e ha Rainha ſua molher, e ho Ifante D. Johaõ de Caſtella paſſaram ha Grada, que hee ho derradeyro Lugar de Caſtella, fronteyro Daraguam, onde com muitos, e nobres Cavalleyros, e Donas Daragam hos veyo receber ElRey D. James, e ha Rainha Dona Branca, ſua molher, e aho outro dia comeraõ todos com ElRey D. Diniz, que de baxellas douro, e de prata, e doutros Reaes comprimentos, hia tam abaſtado, e apercebido, como pera convite de tantos, e taaes Rex, e em ſeus proprios Regnos devidamente ſe requeria.

Acabados hos convites ElRey, e ha Rainha Daragam ſe volveraõ ha Tarraçona, e ElRey D. Diniz, e ha Rainha ſua molher, e ho Ifante D. Johaõ aho outro dia ſe foraõ aa meſma Cidade onde era concordado, que pera determinaçaõ de ſeus debates todos aviaõ de ſeer juntos, ſalvo ElRey de Caſtella, que nom avia de ſeer prezente, porque ho dicto D. Johaõ ſeu tio por todas ſuas couzas hya por ſeu Procurador ſoficiente. Tanto que eſtes Rex, e Senhores foraõ juntos em Tarraçona ouviraõ has partes, e ſeus Procuradores ſobre has couſas, que ha cada huũ tocava, ElRey D. Diniz, e ho Ifante D. Johaõ, e D. Ximeno, Biſpo de Caragoça Juizes arbitros, e deputados, que eraõ pera hos debates, e duvidas que avia antre ElRey D. Fernando de Caſtella, e ElRey D. James Daragam ſobre ho Regno de Murcia.

Ahos oyto dias do mez Dagoſto do dicto anno, deram ſentença ha ſaber, que Cartagena, e Guadamir, e Alicante, e Acheche, com ſeu porto de maar, e com todos ſeus termos, e com todo ho que lhe pertencia, e podia pertencer, aſſi como Talha Agoa de Segura, antre ho Regno de Valença, e antre ho mais alto cabo do termo de Vilhena, tirando deſto ha Cidade de Inice, e de Molina, e ſeus termos todos, e outros ſobredictos Lugares ficaſſem, e foſſem pera ſempre DelRey Daragam, e de ſeu Senhorio, ſalvo, que Vilhena ficaſſe ha D. Johaõ Manuel, e que o Senhorio, e propriedade ficaſſe ha ElRey Daragam, e que ha Cidade de Murcia, e de Molina, e Monte Agudo, e Loreyna, e Alfama, com todolos ſeus termos, e todolos outros Lugares, que ſaõ do Regno de Murcia, tirando hos ſobredictos Lugares, ficaſſem ha ElRey de Caſtella, e que ſe ſoltaſſem prizioneyros de huũa parte, e da outra, e aſſi quaaeſquer arefens, e ſeguraçaas dadas por elles, e que eſte contrato juraſſe ElRey D. Fernando em peſſoa, e fizeſſe jurar, ha todolos Grãdes Senhores de ſeu Regno.

E eſta ſentẽça com outras mui-

tas crauſulas, que aqui nom fazem aho propozito, foy dada no Lugar de Torrelhas, ſentenceada junto de Tarraçona Sabado oyto dias do mez Dagoſto, da era de mil e trezentos annos. E aho pubricar da dicta ſentença eraõ prezentes ho dicto Rey D. James Daragam por ſy, e por ElRey D. Fernando como ſeus Procuradores ſoficientes eraõ prezentes Fernaõ Gomes ſeu Chançarel, e Notayro moor do Regno de Toledo, e Diogo Garcia, ſeu Chançarel moor do Selo da puridade, e Mordomo da Rainha Dona Coſtança, ſua molher, hos quaaes todos conſentiram na dicta ſentença, ha cuja pubricaçaõ eram em peſſoas prezentes, Grandes Senhores do Regno de Portugal, e de Caſtella, e Daragam, e na dicta ſentença ſaõ particularmente nomeados.

E tanto que eſta ſentença foy pubricada, logo no meſmo dia, lugar, e anno, prezente has meſmas teſtemunhas, ElRey D. Diniz, e ElRey D. James ſobre contenda, que era antre ElRey D. Fernando, e D. Affonſo de Lacerda, que ſe chamava Rey de Caſtella por cõcordia dambos, deraõ, e pronunciaraõ outra ſentença porque ho dicto D. Affonſo de Lacerda ouveſſe pera ſy no Regno de Caſtella livres pera ſempre eſtas couzas, ha ſaber Alva de Tormes, e Bejar, e Val de Arnajem, e Mançanares, e Alga boa, e hos montes Daguda de Magam, e Povoa da C,arça com ſeu Alfoz, e ha teerra de Lemos, e Robayna, que hee no Xarafe, e ametade Della, e Baldaya, e hos moinhos, e ha Illha de Sibilla, que foraõ de D. Johaõ Mateus, e hos moinhos, e ha Cidade de Fornachuellos, que foraõ de Nuno Fernandes de Valdenebro, e Incaſta, e hos moinhos de Cordova. E que ho dicto D. Affonſo de Lacerda, entregaſſe ha ElRey D. Fernando certos Caſtellos, que tinha de Caſtella, e que leyxaſſe pera ſempre ho titulo, e ſelo, que tinha de Rey de Caſtella, com outras muitas ſeguranças de juramentos, e de Caſtellos, que ElRey D. Fernando poz em arefens atee trinta annos. E ha pubricaçaõ deſta ſentença ho dicto D. Affonſo de Lacerda non quis eſtar por vergonha em peſſoa, poſto que neila conſentio, e aprovou. Das quaaes ſentenças hos dictos Juizes, mandáram paſſar ſuas cartas ha ſeladas de ſeus ſelos.

E dadas ha cada huũa das partes ha q̃ tocava, e com eſtas concordias aſſi feytas toda Eſpanha cercada de Rex Chriſtãaos della, ficou em paaz, e ha ſecego, e ElRey D. Diniz, e ElRey Daragam, com has Rainhas ſuas molheres ſe partiram logo de Tarraçona, e ſe vieram todos Aguda, onde ElRey de Caſtella com ha Rainha Dona Maria ſua madre, hos eſtava eſperando, e hos ſayram ha receber grandemente, acompanhaados com todo ſeu Eſtado, e com ha mayor honra, que entaõ ſe pode fazer. E hos Rex comeraõ

meram aquelle dia com ho dicto Rey D. Fernando, e has Rainhas Dona Iſabel de Portugal, e Dona Branca Daragam, comeram com ha dicta Rainha Dona Maria de Caſtella, e ally veyo D. Fernando de Lacerda, irmaão menor de D. Affonſo de Lacerda, chamado por mandado delRey D. Diniz, e trazido Dalmaçaõ donde eſtava pelo Conde D. Pedro ſeu filho, onde eſtava, ElRey D. Diniz lhe deu grandes joyas, e fez grande mercee, e aſſi ho fez ficar por vaſſallo delRey D. Fernando, que depois lhe fez muita honra, e acrecentamento, porque depois da morte do Ifante D. Anrique ſeu tio, e tutor cazou ho dicto D. Fernando com Dona Johana Nunes de Lara, que foy molher do Ifante, como atraaz ſe dice, com que ouve muita teerra, e grande fazenda, de que ouve filhos honrados.

E ally em Aguda hos tres Rex Deſpanha, que eram juntos, e aſſi ho Ifante D. Johaõ por contrato feyto firmàram todos quatro ſuas amizades, e lianças; pera dahy em diante elles, e ſeus ſuceſſores ſerem pera ſempre amigos de amigos, e imigos de imigos, e ſe por ventura alguum delles em ſua vida, ou depois alguum, que delles deſcendeſſe foſſe contra eſta paaz, e amizade, e liança, que hos outros dous foſſem contra elle, por guerra, ou por outra quaalquer maneyra lhe fazerem guardar, e cumprir eſta poſtura, ha quaal queriam, que foſſe confirmada pelo Papa com cenſuras, e penas de grandes excomunhoens, em que logo encorreſſe aquelle que ha quebraſſe, e foſſe contra ella, e que cada huũ ſem poder de procuraçaõ dos outros podeſſe por ſy empetrar, e aver eſta confirmaçaõ do Papa.

E com eſta concordia feyta, e acabada, hos Rex muy alegres, e contentes ſe deſpediram, ha ſaber ElRey Daragam pera Tarraçona, e ElRey D. Diniz pera Soria, onde eſperou ElRey D. Fernando ſeu genro, e ambos dally por deſvayrados caminhos, ſe vieraõ ha Valhadolid onde eſtava ha Rainha Dona Coſtança filha delRey D. Diniz e molher delRey D. Fernando.

E porque nom paſſaſſem ſem lembrança, e por honra, e louvor delRey D. Diniz has muitas grandezas, e grandes nobrezas de que neſta jornada em dous Regnos eſtranhos, e cõ tamanhos Rex uzou hee de ſaber por certa verdade que ElRey D. Diniz chegou ha Tarraçona ante de darem, e pronunciarem has dictas ſentenças, ElRey D. James Daragam ſeu cunhado, pera ha guerra dos Mouros, e pera outras neceſſidades, que ſe lhe offereciam lhe pedio empreſtados dez mil dobras douro, dizendo, que por penhor da paga dellas, lhe faria quaaeſquer eſcrituras, e daria fieldade de quẽ quizeſſe atee pagar has dictas dobras, hos Caſtellos de ſeu Regno, que por beem tiveſſe, e lhe mandaria delles fazer

preyto, e menage; E ElRey lhe dice, que ho empreſtimo das dees mil dobras era eſcuzado, mas que que daquellas, e doutras tantas por que foſſem vinte mil, lhe fazia graça, que pois elle has tinha, que era razam de lhas dar, e elle Rey Daragam de has receber delle, pois lhe compriaõ, e dellas tinha neceſſidade, has quaaes logo lhe mandou entregar.

E aalem deſſo deu mais aa Rainha Dona Branca ſua molher muitas, e muy ricas joyas douro, e pedras preciozas. E aſſi ho fez ha todolos Senhores de ſua Corte ha que tambem deu muy ricas joyas douro, e prata, de ſuas baxellas, e muitos panos douro, e de ſeda, de que pera eſſo foy logo de ſeu Regno muy percebido. ElRey Daragam nom quiz nhuũa couza, ſalvo que elle ſoo ſem outro alguum, comeo alguũas vezes com elle. Eſta maneyra teve ElRey D. Diniz com ElRey D. Fernando ſeu genro, aqui em Valhadolid ſe ajuntaram a ſy has Rainhas Dona Maria, e Dona Coſtança, ahos Ifantes D. Pedro, e D. Johaõ, deu muy grandes dadivas, em joyas douro, e pedraria de grandes preços, e nom ſoomente ho fez aſſi ha todolos grandes Senhores, e nobres homens, que eraõ na Corte, mas ainda ſe acha, e lee por muy certa verdade, que ahos que eraõ auzentes lhas enviava por ſeus meſſageiros, e diſto principaalmente foy ElRey D. Diniz muito louvado, e ficou delles louvado em perpetua memoria, que tamanhos Rex como eram ElRey de Caſtella, e ElRey Daragam, e has Rainhas ſuas molheres receberam delRey D. Diniz em ſeus Regnos, e proprias teerras tantas, e tam grandes graças, ſendo elle tanto pera lhas dar ha elles, parecendo beem, e razaõ de ho receberem delle.

E no cabo deſtas repartiçoens ſe acha, que huum Cavalleyro honrado, que era prezente de que por ventura a nobreza delRey D. Diniz ſe eſquecera, ſe aggravou ha elle em peſſoa com palavras, que pareciam de fidalguia, eſtando ElRey comendo em huũa meza de prata, que comſigo trazia, ElRey com ho roſtro muy alegre lha mãdou logo dar, porque era jaa ha peça menos principal de ſeu tezouro, que lhe ficara. E de Valhadolid ElRey D. Diniz, e ha Rainha Dona Iſabel ſua molher ſe deſpediram delRey, e das Rainhas, e Ifantes de Caſtella, e alegre, e muito honrado ſe tornou ha ſeu Regno de Portugal. E neſta jornada tardou da entrada de Junho do dicto anno de mil trezentos, e quatro, em que entrou em Caſtella, e elle era ha eſte tempo de idade de quorenta, e tres annos, e avia vinte e ſinco annos, que Regnava.

CA-

CAPITULO XII.

Das ajudas, que ElRey D. Fernando de Caſtella, ouve delRey D. Diniz, pera ha guerra dos Mouros de Grada.

POſto que ElRey D. Fernando ficaſſe em paaz com ElRey Daragam, e com D. Affonſo de Lacerda, como dicto hee, porém elle como era Rey Catholico, e de grande coração, ha quiz converter em guerra contra Mouros imigos da Fee, eſpeciaalmente em conquiſtar, e cobrar ho Regno de Grada ſe podeſſe, e pera mais facilmente, e com menos trabalho ho poder fazer, dezejou em ſua ajuda ha ElRey Daragam, aho quaal por ſeus Embayxadores convidou pera eſta empreza, ho quaal ha aceytou, com taal condição, que elle pera ho Regno, e Senhorio Daragaõ ouveſſe pera ſempre ho Regno Dalmeyria, que eſtimaram ſeer ha ſetima parte do Regno de Grada, e com eſte partido antre elles concertado, ElRey D. Fernando eſtando em Alcalá de henares, ho fez ſaber ha ElRey D. Diniz ſeu ſogro, e lhe pedio, que pera guerra ha elle tam juſta, e de tam ſancta memoria, e principaalmente pera logo hir ſobre Algezira, ho quizeſſe ajudar com alguumas gentes de ſeus Regnos, e empreſtarlhe alguũ dinheyro de ſeu tezouro.

Aho que ElRey D. Diniz louvando ſeu propoſito, e confiança ſatisfez, que lhe enviou ho Conde D. Martim Gonçalves de Souza ſeu Alferes moor, cõ ſete centos de cavallo beem aparelhados, e mais lhe empreſtou dezaſeis mil e ſeis centos marcos de prata, em penhor dos treze mil marcos delRey D. Fernando, e atee lhos pagar lhe deu ha Cidade de Badalhouce com ſeu alcacer, e com todolos Caſtellos, termos, rendas, e direytos Seculares, e Eccleſiaſticos, que ha ella pertencem, e que ElRey nella avia, e que ElRey de Caſtella durando ho dicto empenhamento, nom lançaſſe na dicta Cidade, e ſeus Caſtellos, e termos, peytas, nem ſerviços, nem ſe fizeſſe juſtiça por elle, mas por ElRey D. Diniz, e por ſeus ſoceſſores, hos quaaes poriam Juſtiças, nem has gentes ſerviriaõ ninguem, nem na paaz com ElRey de Caſtella, mas com ho dicto Rey D. Diniz.

Deſte empenhamento em que ſe conteem muitas crauzulas, e ſolenidades, e ſeguranças ſe fez carta ha ſelada do ſelo de chumbo feyta em Valhadolid ha tres dias de Julho da era de mil trezentos e nove annos, com outorga da Rainha Dona Coſtança, e da Ifante Dona Lianor, que era dambos, ha filha primeyra, e pelos trezentos e ſeis marcos de prata, q̃ ho dicto Rey D. Fernando deu ha penhor, aho dicto Rey D. Diniz, has Villas Dalcouchel, 1309.

chel, e Brugilhos com ſeus termos, rendas, e Juſtiça, e ſerviço de gentes com todalas crauzulas, e ſolenidades da carta decima, porque ambas foram feytas em huũ dia.

E ElRey com ſeu poder junto, foy cercar Algezira, ſobre que jouve huũ teempo, e durando aſſi eſte cerco, D. Johaõ Nunes de Lara, que diceram ho Boom aquelle, que ſe fez vaſſallo delRey D. Diniz como atraaz dice, tomou principaalmente Gibaltar ahos Mouros. E tambeem no dicto cerco, foy aho dicto Rey de Caſtella noteficada ha deſtroiçam dos Templarios ſobre que ElRey D. Diniz, e elle ſe concordaram como aho diante direy, e porque falleceram ha ElRey de Caſtella hos mantimentos pera has muitas gentes que tinha, alevantou ho cerco Dalgezira, e ha nom tomou deſta vez, e tornouſe pera Caſtella, e dahy ha pouco teempo ElRey D. Fernãdo de Caſtella avendo quinze annos, que Regnava, e ſeendo de idade de vinte e quatro annos faleceo em Jaem de morte ſupitanya, e emprazado, ſeguundo fama, por dous Cavalleyros, que contra direyto no Lugar de Martos mandou matar, e no dia de ſua morte ſe compriraõ hos trinta dias pera que elles ho emprazaram, e por ſua morte ficou por ſeu erdeyro, e ſocceſſor ElRey D. Affonſo ſeu filho, em idade de huũ anno, e vinte dias, como aho diante ſe diraa.

CAPITULO XIII.

Como ElRey D. Diniz ordenou em Coimbra ho primeyro Eſtudo, que ouve em Portugal.

ELRey D. Diniz aſſi como foy dotaado de muitas boondades naturaaes, aſſi tambem nom lhe faleceram has outras virtudes em todo Reaes, cuja prova, e exemplo, ſaõ ſuas excellentes obras, & muy louvadas, ha todos moſtrava, que foy Principe muy prudente, e de muy ſingular concelho, e na fala Portuguez de ſeu tempo aſaaz copioſo, e de muita graça, e tratava com grande humanidade ha todos aquelles, que com elle converſavão, e por eſſo era de todos muy amado eſpeciaalmente, que todos ſeus cuydados eram honrar, e acreſcentar mais ſua teerra, e aſſi procurar que foſſe abaſtada, e provida daquellas couzas porq̃ ſeus vaſſallos, e naturaaes foſſem mais nobres, e melhor enſinados, ſobre ho quaal ſe diz que huũ dia eſtaando com hos ſeus Prelados, e nobres homens em concelho, lembrandoſe com moſtranças de ſentimento, que ſeus Regnos careciam de Eſcolas, e Eſtudos de que outras teerras eram muy abaſtadas, lhes falou neſta maneyra.

Aho boom Princepe, que da maaõ de Deos aa muitos de reger ſobre todo

do lhe conveem, que trabalhe, e cumpre que elle, e hos ſeus ſubditos ſobre todas has virtudes abracem ha virtude da Juſtiça, e amem, e ſigam hos fruytos della, porque hos merecimentos ſam taaes ante Deos, e de tanta eſtima, que nom ſoomente daa por elles neſte mundo alegre, e pacifica vida em quanto duramos, mas ainda no outro pera alma nom nega ha gloria eterna, e bemaventurança pera ſempre, certamente ho Rey em hos Regnos, que por graça de Deos lhe ſam encomendados nom póde fazer melhores obras, nem officios de moor valor, que procurar que vivaõ nelles hos homens em fee, e juſtiça, e façam obras ſanctas, juſtas, e oneſtas, e porque eſto ſe nom póde aſſi beem conſeguir, e aver efeyto ſem aver no Regno varoens em toda doutrina, e ciencias divinas, e humanas beem enſinados, e concirando eu que meus Regnos pela Providencia, e boondade de Deos, nom ſoomente ſaõ aſaaz providos de todolos mantimentos do maar, e teerra, mas abaſtados de oneſta gente darmas, e de boom uzo, e exercicio dellas aſſi beem dezejo de todo meu coraçam, que tambeem aja avondança de homens leterados, e muy ſabedores, e por eſſo propus em minha vontade por beem comum de meu Regno, e grande proveyto de meus vaſſallos, e naturaaes, fazer nelle huum Eſtudo geraal, e muito honrado, onde todalas ciencias ſe leaõ, e q̄ ſeja feyto neſta Cidade de Coimbra, que hee no meyo do Regno, e abaſtada das couzas neceſſarias, e aſaaz temperada dos ares pera ſaude dos homens, e poreem ante que ho pozeſſe em obra volo quiz aſſi notificar pera me dizerdes voſſo concelho, e parecer.

Aho quaal todos reſponderam louvando muito ſua tençam, pedindolhe por mercee, que obra tam ſancta, e tam virtuoza, e de tanto proveyto, e de tanto ennobrecimento de ſeus Regnos logo ha exequtaſſe. Pera ho quaal ElRey ſopricou logo ſobreſſo aho Papa Joaõ XXII. que por ſuas Bullas lhe enviou has graças, e privilegios, que lhe foram pedidos, e fundou ho dicto Eſtudo cujos fundamentos parecem agora muy pequenos, e pera elle fez vir boons leterados doutras teerras pera que hos Rex dellas por mandado do Papa, e por requerimento delRey deram conſentimento, hos quaaes por ſalayros ordenados leram nelle alguũ teempo, e elle foy ho primeyro Eſtudo, que ouve em Portugal, mas depois floreceo mais ho da Cidade deLixboa, ha que ho de Coimbra ſe mudou, onde agora ſe leem todas has ſete artes, e ciencias pubricamente, e ſaõ pagos hos Meſtres por ſalayros dos Rex, que depois Regnaram em Portugal.

CA-

CAPITULO XIV.

Como foy feyto em Portugal Meſtre de San-Tiago izento da Ordem de Ucres de Caſtella.

HOs Comendadores Cavalleyros, e Freyres da Ordem de San-Tiago, que avia em Portugal atee eſte tempo delRey D. Diniz, todos eram ſogeytos aho Meſtre de San-Tiago de Caſtella, cujo Convento,e cabeça era Ucres, de quem por muitas vias, e maneyras recebiam individamente muitos aggravos, e opreſſoens, chamando-hos ſem tempo, e ſem neceſſidade ha Capitolo, e poendo nelles por leves cazos ſentenças deſcomunhões, ha quaal couza ſentio muito ElRey D. Diniz, e como era Principe que ſempre dezejou, e procurou acrecentamento, e izençam de ſeus Regnos, e vaſſallos, enviou notificar todas eſtas couzas aho Papa Nicolao IV. e ſupricou ha Sua Sãctidade, que deſſe licença, e autoridade pera que hos dictos Freyres, e Comendadores de ſeus Regnos, podeſſem antre ſy eleger Meſtre da ſua Ordem, que de todo foſſe izento do Meſtre de Caſtella, ha que ho Papa deu poder aſoluto, e carta de ſentença, e em todo ſatisfez, e deſſo vieram ha eſte Regno ſuas Bullas inteyras, por virtude das quaaes elegeraõ por primeiro Meſtre de San-Tiago de Portugal huũ D. Lourenço Annes.

Sobre ho quaal ho Meſtre com favor delRey de Caſtella, como deſcontentes,e agravados de ſemelhante izençaõ ſopricaram aho Papa Celeſtino, que ſocedeo ha Nicolao IV. e delle ouveram Reſcrito ſorreticio com crauzulas revocatorias das conceſſoens paſſadas, anulando ha eleyçam do Meſtre de Portugal, e hos Juizes que foram dados por exequtores procediam por excomunhoens,e cenſuras contra ho Regno de Portugal, e requereram Prelados delle, que has foſſem cõprir atee antredicto ahos quaaes procedimentos ElRey D. Diniz, e ho dicto Meſtre, e Freyres de Portugal intrepuzeram ſuas apelaçoens, e devolveram ho feyto aho meſmo Papa Celeſtino que mandando ha ſeus Leterados conhecer da cauza achouſe ho Reſcrito de Caſtella, nom ſeer verdadeyramente impetrado, e ho Papa Celeſtino ſaprovou ha ſentença pela primeyra conceſſaõ feyta, dada pelo Papa Nicolao, ſeu anteceſſor, e que ho Meſtre de San-Tiago de Portugal, e do Algarve nom reconheceſſe ſuperioridade ſalvo aho Papa, e ahos Rex que Regnaſſem nos Regnos de Portugal, ſobre hos quaaes letigios ſe fizeram por El. Rey grandes deſpezas, e deſte tempo ateegora, ſempre ouve Meſtre da Ordem de San-Tiago em Portugal, e no Algarve, cujo primeyro Convento foy logo em Alcacer

de

do Sal, e depois ſe mudou ha Palmella onde agora eſtaa.

CAPITULO XV.

Do fundamento q̃ teve ha Ordem do Templo de Salamaõ em Jeruſalem, e como foy deſfeyta, e ſe fez ha Ordem de Chriſto.

NO anno de noſſo Senhor Jeſu Chriſto de mil cento e oyto annos, ſendo Papa na Egreja de Deos Gelazio II. Regnando em Jeruſalem Valdovino deſte nome ho primeyro, e dos Rex de Jeruſalem ho ſeguũdo, que ſocedeu ha ſeu irmaaõ Gudufre primeyro Rey ſe acha, que dous homens devotos dos quaaes huũ ouve nome Ugo de Payaõ, naturaal da cerqua de Troya, e outro ho Ficu Sancto homem Frances, eſtes com dezejos de ſervirem ha Deos leyxados hos goſtos, e doçuras de ſuas fazendas, e natureza, ſe foraõ aa Cidade Sancta de Jeruſalẽ pera nella viverem, e por ſua defençaõ acabarem ſuas vidas, ahos quaaes ho dicto Rey Valdovino porque conheceu que eraõ homens de boom esforço, e de ſingular devaçaõ, mandou dar huũa pouzada dentro dos ſeus Paaços, que eram junto com ho Templo de noſſo Senhor, e hos Conegos do dicto Tẽplo lhe deraõ huũ Altar, e Capella apartado pera que melhor, e mais quietamente compriſſem ſuas devaçoens.

E por ſuas boondades que por todos foram viſtas, e experimentadas ElRey, e ho Patriarca, e aſſi hos Perlados, e nobre, e devota gente, que era em Jeruſalem lhe mandavaõ abaſtadamente por eſmola hos mantimentos, e provizam, & ho primeyro encargo que ho Patriarca por pendença, e remiſſam de ſeus peccados lhe deu, foy que com ha gente devota, que ſe ha elles quizeſſe ajuntar, guardaſſem hos caminhos por onde hos Romeyros vinham ha Jeruſalem, porque dos muitos ladrões, e maalfeytores nom recebeſſem hos roubos, e danos, que muitas vezes recebiam, ho que elles quanto foy poſſivel fizeraõ, e continuaraõ com grande honra, trabalho, e muito cuidado atee nove annos, nos quaaes foram grandemente ajudados deſmolas por ElRey, e por ho Patriarca, e por todalas outras naçoens, que eram em Jeruſalem, e neſtes annos nom fizeraõ alguũa mudança dos Abitos ſeculares, cõ que primeyro vieraõ, mas aho anno decimo depois de ſua chegada lhe foy dada Regra por ho Papa Honorio II. ha quaal S. Bernaldo compoz, e lha deu com Abitos brancos por humildade, e nelles por defora huũa Cruz vermelha por ſenificaçaõ do ſangue de Chriſto, e tomàraõ Religiaõ em que fizeraõ voto de caſtidade, e obediencia, e renunciaraõ pera ſempre ho proprio.

Hos quaaes antre todolos outros Cavalleyros, e calidades de Chriſtaãos,q̃ nas partes dultra maar pela Fee, e defençaõ da Teerra Sancta peleyjavam eſtes ſobre todos com mais devaçam, e esforço faziam com mais louvada avantagem, que por ſeus grandes merecimentos, e ſerviços, e fama eraõ aſſi celebrados, e eſtimados em todo ho mundo, que hos Rex, Principes, e Senhores de toda Chriſtandade avendo nelles has ajudas, e eſmolas por muy beem empregadas no fervor deſta primitiva devaçaõ, e Religiaõ lhe deraõ em ſeus Regnos, e Senhorios grãdes teerras, Cidades, Villas, e Caſtellos, com muitas rendas, e poſſeſſoens. E neſta Ordem por ſua grande devaçaõ fizeraõ muitas gentes profiſſam, e antre hos Cavalleyros avia outros Religioſos Freyres ſergentes, que traziaõ has meſmas Cruzes vermelhas, mas nos mantos avia antre elles deferença, e ordenaram antre ſy pendaõ, e bandeyra, que diante elles levava nas batalhas ſeu Alferes, e era ametade de branquo, e ametade de preto, por ſenefiquaçam que na Fee ſempre foſſem limpos, caſtos, e humildoſos, e firmes, e no meyo della ha Cruz vermelha.

E por ſerem do principio alojados junto com ho Templo, como atraas dice, por eſſo foram chamados Templarios, dos quaaes ho Papa, e ho Patriarca fizeraõ alguũs antre hos outros mais principaaes, ha que chamaraõ logo Abbades Bentos, e depois foraõ dictos Meſtres, e repartidos pelos Regnos, e Provincias da Chriſtandade, de que ſoo em Jeruſalem avia deſtar como eſtava ho Graõ Meſtre delles ha que todos aviaõ dobedecer como obedeciaõ. Ha eſte chamavaõ ho Graõ Meſtre do Templo de Salamaõ em Jeruſalem, e no principio, e fundamento conſta que hos Cavalleyros, e Freyres viviaõ, e guardavaõ ha Religiaõ em muita profiſſaõ, e louvados coſtumes, por eſſo foraõ ſempre em todos ſeus feytos muito vitorioſos, e bemaventurados, que por exemplo da verdadeyra Fee, muitos delles com grande confiança, e conſtancia ſofreraõ morte, Cruz, e martyrios, e incomportaveis cativeyros, ſem moſtrarem alguũa fraqueza dos corações, nem da fee que ſoſtinham, e tam grande foy ha fama, e boom nome da Religiaõ, e diſciplina Militar deſtes Cavalleyros da Ordem do Templo, que hos Rex Deſpanha, que naquelle tempo Regnavaõ, porque nella ainda avia grandes Regnos, e poderoſos Rex Mouros por conquiſtar mandaram por elles ha ultra maar, e nas conquiſtas, e batalhas dos infieis por grãde ajuda hos trouxeraõ conſigo, e aſſi por armas boondade, e esforço reſponderaõ ſempre aa confiança que delles era conhecida, e por eſſo na meſma Eſpanha por hos Rex, e Principes, e Senhores della, e doutras gentes particulares em ſeus teſtamentos elles foraõ erdados de

muitas

muitas Villas, teerras, e grãdes rendas, has quaaes elles aſſi davaõ ha obras piedozas, e meritorias, e aſſi has repartiaõ pelos fieis Chriſtaãos que craramente parecia que todo ho q̃ lhe davaõ por eſmola queſſe era ho proprio, e verdadeyro patrimonio de Chriſto.

Mas depois como nellas creceraõ grandes Senhorios, e grandes riquezas, logo ſeguũdo ſe delles diz, ha que muitos nom daõ verdadeyra autoridade, ha cobiça ocupou nelles, e em ſua Ordem ho galardam dos virtuoſos merecimẽtos paſſados, porque has virtudes, e boondades em que eraõ profeſſos converteraõ logo em todos ſeus contrayros, em que fizeraõ ho cõtrayro do que ante faziaõ, de maneyra, que por autoridade do Papa ſe izentaraõ da obediencia do Patriarca de Jeruſalem, e aſſi de todolos outros Prelados, ahos quaaes denegavaõ depois hos dizimos, primicias, e rendas com que no principio foraõ delles ajudados, e ſuſtentados, trazendo-os em demandas, e letigios como ſe diz, que ho fizeraõ no Regno Daragam onde tiveraõ guerra contra has Egrejas Catredaes, e riquos homens daquelle Regno.

CAPITULO XVI.

Do principaal fundamẽto, e verdadeira cauza pera eſta Ordem dos Templarios ſeer deſtroida.

POr morte do Papa Benedicto XI. que faleceu em Italia na Cidade de Peroſa, antre hos Cardeaes, que eram prezentes ouve diſcordia na criaçaõ do futuro Sũmo Pontifice porque huũs queriaõ, que foſſe Italiano, e outros procuravam que Frances foſſe, Regnando entam em França El-Rey Felippe a que por ſobre nome diceraõ Fremozo, mas por ſuas obras de ſobeja cobiça, e grande tirania, foy avido por aſaas feyo, e diſforme, e por eſtucia, e engenho de Nicolao Cardeal Partenes, que era Varaõ aſtuto, e muy prudente, foy elegido por Papa, ſendo auzente, e nom Cardeal D. Reymaõ, Arcebiſpo de Bordeos, e foy chamado Clemente V. na quaal criaçaõ hos Italianos conſentiraõ porque eſte Arcebiſpo era grande imigo deſte Rey de França, cuja parcialidade pareceu q̃ ſeguia, ho quaal Rey por avizo do dicto Cardeal Partenes antes de ſeer pubricada ha eleyçaõ do dicto Arcebiſpo em huũa Abbadia ſe foy com elle ha ver, e concertar ſecretamente, e conveyo aho dicto Arcebiſpo pera ſeer Papa outorgar, e prometer tudo ho que

ElRey de França lhe pedio, porque ſem ſua concordia, e amizade elle nom avia de ſeer elegido, e criado em Papa, ſeguundo foy certificado, e aly lhe pedio ElRey ſeis couſas has quaaes ho Arcebiſpo cõ juramento ſobre ho Sacramento da Oſtia que fez, e com ha refens de huũ ſeu irmaão, e dous ſobrinhos que lhe deu, lhe prometeu de comprir logo como foſſe Papa, das quaaes has cinquo logo declarou, e huũa ſem ha dizer reſervou em ſy pera depois ha aſinar, e pedir quando lhe compriſſe.

E depois da criaçaõ do Papa hos Cardeaes do Conclave ho avizaraõ ha elle em Bordeos, e aly tomou ho dicto nome de Clemente V. dõde tambem mandou ahos dictos Cardeaes, que eram em Italia que logo ſe vieſſem, como vieraõ ha Liaõ de França, onde avia de ſeer como foy coroado, e logo aly depois de ſua coroaçaõ comprio com ElRey has cinquo couzas, que lhe prometera, e aſſi ha que nom quiz pedir, e declarar ha reſervou pera depois no anno de Chriſto de mil trezentos e ſete annos. Ho Papa mudou ſua Corte aa Cidade Pitanſis, onde ElRey de França lhe pedio exequçaõ da ſexta couſa que lhe pedira, e pera ſy reſervara, ha quaal era que tiraſſe pera ſempre do Catalogo, e numero dos Papas, ho Papa Bonifacio VIII. ſeu predeceſſor, e como de Erege, e tredor lhe mandaſſe queymar ho corpo, e hos oſſos.

E ha cauza deſto era porque eſte Papa ho tinha excommungado, e privado do Regno de França, e como de juro dado aho Emperador Dalemanha, e por vinguãça deſſo, ElRey de França manhoſa, e encubertamente mandou prender ho dicto Bonifacio na Cidade de Pavya em Italia, e daly foy levado ha Roma, onde logo faleceu, e por eſta cauza ElRey de França, que ficava excommungado ha elle Papa de ſua memoria tinha grande odio, e porém ho Papa Clemente com ha dezoneſtidade, e injuſtiça deſte requerimento pelo juramento que tinha feyto, e ha refens que tinha dados que corriaõ riſquo de morte, foy muito torvado, e poſto em penſamento, e avido ſobreſſo concelho por ganhar tempo de dilaçaõ em que ha vontade delRey, por ventura ſe amanſſaria, dilatou ha dita exequçam da ſexta promeſſa pera Concilio géral ha q̃ convocou hos Princepes, e Prelados pera ha Cidade de . . . . que era fóra da jurdiçam delRey de França, pela qual cauza, e por logo nom comprir, elle ſe moſtrou do Papa muito aggravado.

E durando has pendenças deſte injuſto, e torpe requerimento delRey, que ho Papa nunqua quiz outorgar, acõteceo que hum Prior de Monte Falcaõ de Toloza, que era deſta Ordem, e Religiaõ dos Templarios homem perverſſo, e maao, que por ſeus erros, e grandes crimes jazia prezo em Pariz,

con-

condenado por ſentença ha carcere perpetuo, e com elle outro chamado . . . . . homem cheyo de todalas maldades, e treyçoens, hos quaaes ambos por ſeerem de muy malinos eſpiritos, por tentarem alguũ caminho de ſua deliberaçaõ notificaram, e certificaram ha certos officiaaes delRey de Frãça, ho quaal ſabiam ſeer Rey grande tirano, e ſobre todolos homens mais cobiçoſo, que ho Meſtre, Cõmendadores, e Freyres da Ordem do Templo, eram todos Ereges, e culpados em tam abominaveis crimes, que por inquiriçaõ logo ſe provariam por hos quaaes ha Ordem devia ſeer desfeyta, e ElRey aver pera ſua Coroa toda ſua fazenda, que em França era muita.

Ha quaal couza ſignificada ha ElRey elle movido mais de cobiça, que por guardar verdade, nem fazer juſtiça requereo aho Papa, e ho inclinou malicioſamente, que desfizeſſe eſta Ordem cheya de muitos erros, e offenſſas que lhe apontou, ha que o Papa ſeguundo ſe diz, pelo afrouxar da promeſſa do Papa Bonifacio, com que ho apertava logo ſatisfez, porque ſem fazer muito exame, nem ver has certas provas que ſe requeriam ácerca do que contra hos Templarios ſe dizia, nem ſe guardar alguũa ordem de direyto juizo foram em França todos prezos, e ſeus beens tomados, e ElRey hos apropriou logo aa ſua Coroa, e aſſi ho notificou logo aho Papa, e mandou por ſuas Bullas que aſſi ho fizeſſem todolos outros Rex, e Principes Chriſtaãos em cujos Regnos, e Senhorios avia ha dicta Religiaõ, e foy logo prezo em Pariz ho Meſtre do Templo, que era huũ homem por linhagem, e autoridade de muy principaal devaçaõ, e avia nome Jacobo, e com elle ſeſſenta nobres Cavalleyros da dicta Ordem, contra hos quaaes por artigos formados ſe poz: *Que aho tempo de ſua profiſſaõ que todos faziaõ ſecreta, coſpiaõ em Chriſto Crucificado, e que indiſtintamente, e ſeem eſcuza, e com eſpecialidades feyas, e muy deshoneſtas, uzavam antre ſy do abominavel peccado de contra natura, e que juravam que juſta, e injuſtamente ſempre aſſi ajudariaõ, e conſervariaõ ha dicta Ordem, e que elles Templarios como tredores da Teerra, e Caza Sãcta foram cauza de ſe perder corrutos de dadivas pelos infieis.*

E ſobre alguũas provas de teſtemunhas falças, que ſobreſſo foram dadas, ElRey mandou meter eſtes, e outros muitos ha muy aſperos tormentos pera que com elles confeçaſſem hos delictos que dezejava pera logo aver has teerras que cobiçava. E porque alguũs deſtes tudo eſto negavaõ foraõ retornados ahos carceres em que longamente foram reteudos, e por ſe tomar delles ha concruzaõ que ElRey dezejava, foram levados fóra de Pariz, e poſtos aa viſta do poovo em huũ alto cadafalço de madeyra nùs das carnes, e atados hos corpos ha

ſenhos

ſenhos paaos,logo ha huũ, e depois aho outro, lhe pozeram fogo ahos pees, e aſſi pouquo ha pouquo, por todolos membros acima atee ſerem de todo queymados, dizendo ha cada huũ alto, q̃ ſe confeçaſſe ſeus erros que ſeriaõ perdoados, e livres com piedade, e miſericordia, cujos amiguos, e partes movidos de ſua compayxam hos conſelhavaõ, e amoeſtavam, que por nom morrerem cõ tantas cruezas confeçaſſem por nom perecerem.

Aho que muitos com medo das atormentadas mortes, que viaõ padecer, confeſſaraõ todolos maalles, e erros que lhes eram preguntados, aho que outros em que avia mais esforço nunqua quizeram obedecer, antes com muiras lagrymas, e grandes prantos que fizeraõ ſe eſcuzavaõ affirmando, que dos ſemelhantes crimes elles, e hos da Ordem eram de todo inocentes, e encomendando ſuas almas ha Deos, e aa Virgem Maria ſua madre eraõ contentes de acabar como acabavaõ em tormento de ſuas vidas, e deſtes fiquaram reſervados, q̃ nom foram aho pubrico tormento, ho dicto Jacobo Meſtre da dicta Ordem em Frãça, e huũ Ruy Dalfino ſeu praceyro, e Frey Ugo Paradi, e huũ outro dos mais principaaes da Ordem, que jaa foraõ officiaaes da Caza delRey de França, hos quaaes foram levados aa Cidade de Liaõ onde ho Papa, e ElRey eraõ prezentes, ante hos quaaes hos ſobredictos aconſelhados de ſeus imigos por averem relevamento da prizaõ, e por ſalvarem has vidas, com mercee, e henra, que lhe foy prometida ſe diz, que confeſſaraõ alguũs dos crimes,e malleficios que lhes eraõ poſtos.

E porque ha cõfiſſaõ deſtes ſeendo pubrica parecia, que era prova ſufficiente pera hos dictos artigos ſeerem verdadeyros, e beem provados, ho Papa ha requerimento delRey tornou ha enviar ha Pariz hos dictos prezos, onde quiz que pubricamente confeçaſſem ho que tinhaõ em ſecreto confeſſado, e por autoridade de Juizo enviou dous Cardeaes pera depois da dicta confiſſaõ darem ahos culpados alguña pendença piedoſa, e condenarem ha dicta Ordem ha perdiçaõ, e deſtruiçaõ dos beens que tinha, hos quaaes prezos poſtos em outro pulpito muy alto aa viſta dos Cardeaes e de mnitos poovos, que eram juntos, foy perante elles lido, e pubricado em alta voz ho proceſſo, que do dicto cazo era feyto,em que era eſcrita ha confiſſaõ que hos dictos prezos fizeraõ, ho quaal como foy acabado, ho dicto Meſtre Jacobo como peſſoa mais principaal alevantado em pee, e pedindo com grandes brados lugar de ſilencio ſe diz, que perante todos dice.

Que aquelles erros, e crimes porque foram perguntaados Deos ſabia que elles nunqua has cometeraõ,nem has avia nelles,nem na ſua Religiaõ, que ſempre fora, e era muy ſancta, e hos Freyres della de muy honeſta vida,

vida, e de muy limpa converſaçam, e crentes inteyramente na ſancta Fee Catolica de Jeſu Chriſto, mas que nem por eſſo deyxava de confeſſar q̃ era dino da crua morte, que ſe lhe aparelhava ha quaal elle com paciencia ſofreria pois por temor delRey que era prezente, e com brandura do Papa elle maliciozamente, e com grãde mentira confeçara alguũs dos dictos crimes, que nom devera.

E com eſto ſem ho acabarem beem douvir ſe deu toda via ſentença contra elle, e hos Cardeaes, e hos outros Prelados ſe partiram, e logo ſe tornaram ahо Papa, pelo quaal ho dicto Meſtre, que era cõpadre delRey, com Frey Delfim ſeu companheyro foraõ levados ante hos Paaços Reaes de Pariz onde ElRey era prezente, e aly dãdolhe pouquo ha pouquo ho fogo por mayor tormento como deram ahos outros, foraõ de todo queymados, ſem nunqua ſe quererem desdizer, antes no meyo das mayores chamas ſe diz, q̃ elles nunqua deyxaraõ de cõfeſſar, e defender ha pureza de ſua Religiaõ, e que na opiniaõ de todos como verdadeyros Martyres morreraõ, e por taaes ſe diz, q̃ foraõ avidos, e reverẽciados, e ſeus oſſos de muitos guardados, mas Frey Ugo, e outro ſeu parceyro, e aſſi outros cõ elles com eſpãto, e temor de taõ cruas mortes confeſſaraõ hos dictos crimes contra ha dicta Religiaõ, por ſalvarem has vidas, que da ly ha pouquos dias por ſeus peccados vilmente perderaõ, ha quaal ſentença de condenaçaõ cõtra ha dicta Ordem do Templo, Freyres, e Cavalleyros della, ſoccedeo no mez de Dezembro do anno de mil trezentos e nove annos. No quaal tempo ſe compriam cento e quorenta e huũ annos, que ha dicta Ordẽ fora principiada do tempo do Papa Gelaſio, como atraas fiqua.

CAPITULO XVII.

Como ho Papa, e ElRey de Frãça noteficaraõ ha ElRey D. Diniz eſta condenaçaõ dos Templarios, e de ſua Ordem.

A Quaal condenaçaõ, e cauzas della, ho Papa fez ſaber por ſua Bulla ha ElRey D. Diniz, e cõ moſtranças de grande ſentimento encomendou, que logo fizeſſe em ſeus Regnos prender todolos Freyres da dicta Ordem, e hos remetece ahos Biſpos, e Ordinarios, em cujos Biſpados foſſem prezos, pera delles tirarem inquirições, e ſabeerem de ſeus delictos ha verdade, e averem juſto caſtigo, e aquelles que confeçaſſem hos dictos crimes, e deles ſe arrependeſſem foſſem ha piedozo perdam recebidos, e aſſi tomaſſe todos ſeus beens, e teerras que tiveſſem, e ſobre eſtiveſſe atee ſe determinar no Concilio Geral ho que de todo ſe fizeſſe, ha quaal couza ElRey de Frãça notefiquou ha ElRey de Caſtella, e ha ElRey

D.

D. Diniz, e lhes enviou ho treslado do proceſſo, e ſentença que contra elles foy dada, pedindolhes com razoens, que pareciam teer cor de juſtiça, e oneſtidade que quizeſſem em ſeus Regnos inteyramente cõprir ho que lhe ho Papa encomendava, e elle nos ſeus tinha jaa feyto, e com ha noteficaçaõ deſte maal tam grande, e tam univerſaal, ElRey D. Diniz, e todolos de ſeu Regno foram muy maravilhados.

E porque has cauzas, e fundamentos do Papa, e delRey de Frãça, porque inteyramente foy deſte cazo informado vinhaõ poſtas em taal ordem, e aſſi clarificadas q̃ pareciam muy verdadeyras, crendo ElRey D. Diniz que ha dicta Ordem por eſſo nom eſcuzaria de ſeer desfeyta, e hos beens della perdidos, e dados ha outrem, antes de tudo mandou logo tomar toda ha fazenda, e Lugares da dicta Ordem, e tudo teve em ſy, e na peſſoa do Meſtre, que avia nome Vaſquo Fernandes, e nos Cavalleyros, e Freyres da dicta Ordem nom ſe acha que ElRey, nem outrem fizeſſem alguũa exequçam de mortes, prizoens, nem outra pena alguũa, antes em muitas partes parece claro que muitos deſtes foraõ recolhidos aa nova Ordem de Chriſto, q̃ ſe depois fez, como aho diante direy, e nella viveram beem, e oneſtamente como boons Religioſos, porque ho dicto Vaſquo Fernãdes, Meſtre que era, foy recolhido aa Ordem de Chriſto, e lhe deram ha comenda de Caſtello novo em que viveo, e acabou.

E porque como ha noteficaçaõ deſte desfazimento logo geral, ſe dice que ho Papa determinava atrebuir has teerras, e beens deſta Ordem do Templo aa Ordem do Eſprital de S. Johaõ de Jeruſalem, e ha ElRey D. Diniz pareceo que ſeria grande inconveniente pera ho aſſecego, e obediencia de ſeus Regnos ho que aſſi por iguaal medida tocava ha Caſtella, enviou logo apõtar eſpecificamente ha ElRey D. Fernando ſeu genro, que eſtava no cerquo ſobre Algezira, hos pejos q̃ ha elles, e ha eſtes Regnos neſta conceſſaõ, ſe aa Ordem de S. Johaõ ſe fizeſſe viria, e ambos por eſſo ſe concordaraõ por contrato jurado, com pena de déz mil marcuos de prata, que ſeendo cazo que ho Papa quizeſſe dar, ou atrebuir eſtes beens dos Templarios ha quaalquer Ordem ſem ſuas vontaades, e conſentimento, que elles contra todos ho defendeſſem, e nom conſentiſſem, e que huũ ſem ho outro cõ ho Papa, nem outro quaalquer ſe nom podeſſe ſobre eſte cazo concordar, nem fazer avença, e concerto, por quaalquer maneyra que foſſe ſoo ha dicta pena, ſobre fizeraõ contrato eſcrito, e aſelado com juramentos, e menagens de ſempre aſſi ſe comprir, e que ElRey Daragam ſe quizeſſe, como quiz, foſſe neſta cõcordia, e chegouſe ho tempo do dicto Concilio, que ho dicto Papa Clemente V. atermou ahos

Rex

Rex, e Princepes Chriſtaãos pera determinaçaõ da Ordem do Templo, e de ſuas couzas, e aſſi pera ſabeer ho que ſe determinaria acerqua do Papa Bonifacio VIII. que ElRey de França requeria ha pagamento de ſua memoria, e que ſeus oſſos foſſem queymados, ho quaal ſe celebrou na Cidade de Viena, na Provincia de Narbona,
1311. no mez de Outubro da era de mil trezentos e onze annos, que foram juntos grandes Rex, e Senhores, e aſſi Embayxadores, e Procuradores, e nelle primeyramente ſe determinou que ho requerimento, q̃ ElRey deFrança fazia acerqua de ſe declarar por Erege ho dicto Papa Bonifacio, e ſeus oſſos queymados, e ſua memoria perdida, era injuſto, e taal que por alguũa maneyra por muitas cauzas ſe nom devia comprir.

Do que ElRey de França ſe moſtrou muito anojado, e aggravado do Papa, e no dicto Concilio foraõ pubricamente lidos hos dictos proceſſos fulminados cõtra hos Templarios, e ſua Ordem, pelo quaal depois de muitas amiraçõeſ, e nom menos opinioens ſe confirmou ha ſentença contra elles, ha ſaber que foſſem todos prezos, e aprezentados ha juizo da Sancta Egreja, e aquelles que ſe quizeſſem arrepender daquellas maaldades, e tornar ha devida pendença, nom foſſem prezos, mas que lhe deſſem alguũ remedio ſaudavel pera ſuas almas, e hos que pelo contrayro, foſſem oſtinados, foſſem prezos, e de juſto juizo punidos, e foy poſto por Edicto geral pera ſempre, que dahy em diante alguem nom entraſſe mais na dicta Ordem, e Religiam, nem trouxeſſe Abito della, nem ſe chamaſſe Templario, e que todos ſeus beens, aſſi moveis como de rais, que tinham em toda Chriſtandade foſſem, como foram dados, e aplicados aa Ordem do Eſprital de S. Johaõ, por ſeerem hos Cavalleyros della firmes, fieis, e conſtantes guerreyros pela Fee de Jeſu Chriſto.

Mas ha entrega deſtes beens nom foy inteyramente feyta aa dicta Ordem de S. Johaõ; porque em muitas partes hos Rex, e Senhores ouveraõ pera ſy muitas couzas, e dellas deraõ ha outras peſſoas particulares, q̃ ſempre depois has tiveraõ, e logo na conceſſam deſtes beens, e fazendas foram tirados aquelles, que ha dicta Ordem do Templo tinha nos Regnos de Portugal, e de Caſtella, e Aragaõ, cuja aplicaçaõ, e conceſſaõ, que pelos Embayxadores deſtes Rex foy com muytas cauzas, e razoens empedida ſem ſe nom dar, e fazer ha dicta aa Ordem de S. Johaõ. E mandou ho Papa, e Concilio juntamente que eſtes beens eſtiveſſem aſſi ſocreſtados atee que ho Papa com mayor deliberaçaõ, e mais reſguardo tornaſſe aver has dictas couzas, e razoens que hos dictos Rex Deſpanha tinham alegados, e quizeſſem por ſy mais alegar, pera

hos 'dictos beens nom ſeerem dados aa dicta Ordem de S. Johaõ, porque depois de todo beem viſto, e examinado deteerminaria ho que foſſe juſtiça.

Hos Embayxadores delRey D. Diniz, e DelRey de Caſtella nom partiram da Corte do Papa pera Eſpanha, atee ho negocio dos da Ordem do Templo nom aver final concruzaõ. Ahos quaaes pelo Papa foy mandado, que finalmente apontaſſem hos fundamentos, que faziaõ, e rezoens que davam pera nom ſeerem com hos outros dados aa dicta Ordem de S. Johaõ, e dos fundamentos principaaes, e de moor ſuſtancia, que foram apontados, ho primeyro foy: *Que quando hos Rex Deſpanha ſeus anteceſſores mandaram chamar hos Templarios pera haguerra, e conquiſta dos infieis, que nella avia, tambeem chamaram, e vieram outro ſy da Ordem do Eſprital, e de huũs, e outros por uzarem beem de ſeus officios de Cavallaria, tinham dados em ſeus Regnos, e Senhorios muitas Villas, e teerras, e rendas, com que cada Ordem tinha por ſy grande poder, has quaaes todas juntas aa Ordem de S. Johaõ, ella teria dobrada potencia em cazo, que ſe diceſſe que has da dicta Ordem refariam ha guerra contra hos imigos da fee, e no ſerviço delRey, e do Regno outra tanta gente quanta era ha dos Templarios quando ſerviam, eſto diceram que ſeria quando hos da dicta Ordem de S. Johaõ quizeſſem, cujas vontades por ſuas grandes forças que teriam, ſe nom poderiam forçar, nem ſojugar de que ſe ſeguiria outro tam impoſſivel, e grande inconveniente que nom convinha pera ho beem, e ſegurança dos Regnos, que quando eſtes do Eſprital nom quizeſſem guardar divida lealdade elles ſeguũdo hos muitos Caſtellos, e Fortalezas que tinham nos eſtremos de ſeus Regnos teendo taal deſpoſiçaõ, e poder poderiam meter na teerra, e alevantar no Regno outro novo, e contrayro Senhorio, com que tudo ſe lhe deſpẽdeſſe, e deſtroiſſe, e denegariam ha obediencia ahos Rex, e Prelados, como, e quando quizeſſem ſeguũdo em Aragam hos dictos Templarios em outros tempos por ſeu grande poder jaa fizeram.*

E alem deſtas razoens apontaraõ hos dictos Embayxadores outras caſi ha eſtas conformes que aqui ſaõ eſcuzadas. Durando ho quaal debate, e ante de ſe concruir ho dicto Papa Clemente V. faleceu, e depois de ſua morte ha dous annos, e tres mezes antre hos Cardeaes ouve diſcordia antre ha eleyçaõ do ſoceſſor, e ceſſando ſeus debates, e ſeendo conformes foy em eleyçaõ criado Papa ſeu ſuceſſor, ho Papa Johaõ XXII. no quaal tempo da dicta diſcordia, e vocaçam da Cadeyra de S. Pedro, hos Embayxadores, e Procuradores dos Regnos ſe vieraõ ha Eſpanha, ſem ſe tomar final aſſento ſobre has couzas dos Templarios, que queriaõ, e no meſmo tempo antes da deter-

determinaçaõ ElRey D. Diniz ouve pera ſy todalas rendas dos beens, e propriedades delles, e hos converteo no que lhe pareceu ſerviço de Deos, e beem de ſeus Regnos, aho quaal ho dicto Sancto Padre eſcreveo, que pera determinaçam deſta couza, que ficara ſuſpenſſa enviaaſſe ha elle ſeus Procuradores, hos quaaes logo enviou huũ Pero Martins Conego de Coimbra, e Johaõ Lourenço de Monçaraas Cavalleyro, que eram peſſoas de boom ſaber, e aacerca delRey de booa autoridade.

E chegaados ante ho Papa diceraõ ha Sua Santidade em ſuſtancia, e ahos Cardeaes que eram prezentes has rezoens, e cauzas acima apontadas pera hos beens, e fazendas dos Templarios nom virem aa Ordem de S. Johaõ, ha quaal ſe nom podia ajuntar, e encorporar ſeem grande perjuizo delRey, e do Regno de Portugal, e com eſto diceraõ mais, que pera Sua Santidade, e ho Sagrado Collegio dos Cardeaes muy claramente verem que ElRey D. Diniz nom contrariava taal conceſſaõ por alguũa cobiça q̃ tiveſſe daver hos beens, Lugares, e teerras dos dictos Templarios, mas que antes hos queria pera ſerviço de Deos, e defençaõ, e exalçamento de ſua ſancta Fee, que ſoubeſſem que ho dictoRey tinha no ſeu Regno do Algarve huũ Caſtello muy forte, que diziaõ Craſto Marim, que era na frontaria dos Mouros Deſpanha, e Dafriqua, na quaal Fortaleza ſe podia fazer novo Couvento, e nova Religiaõ, em que entraſſem novos Cavalleyros de Jeſu Chriſto lidadores por defençaõ da ſua ſancta Fee, e por ſeu acrecentamento.

Ho quaal Caſtello lhe aprazia tirar da Coroa de ſeu Regno, e dalo de todo por ſeu iſento aa dicta nova Ordem que ſe fizeſſe em que averia muitos Cavalleyros de continoa, e forçoſa reſiſtencia contra hos imigos da Fee, e que eſtes beens dos Templarios dividamente ſe poderiaõ conceder, e apropriar, e porém pediam ha Sua Santidade em nome delRey D. Diniz, que aſſi ho quizeſſe outorgar, pelo quaal ho Papa, e Cardeaes vendo ha ſancta tençaõ, e boom dezejo delRey aacerca do ſerviço de Deos, e de ſua Fee, ſatisfez em todo ha ſuas oneſtas petiçoens, e ouve por beem de ſe fazer ha nova Ordem de Cavallaria de Chriſto, que agora hee, aa quaal hos dictos beens, e couzas dos dictos Templarios foſſem pera ſempre atrebuidas, e que hos Freyres della fizeſſem ſua profiſſaõ pela Regra, e Eſtatutos da Ordem de Calatrava, e q̃ ho Abbade Dalcobaça, que pelo tempo foſſe vizitaſſe eſta Ordem; com outras mais crauſulas, e ſolenidades que nas Bullas da nova inſtituiçaõ ſaõ conteudas, has quaaes hos dictos Procuradores trouxeram ha ElRey D. Diniz, que era na Villa de Santarem, com que foy muy alegre.

E aly foy feyta, eſtabelecida, e

decrarada ha dicta nova Ordem de Chriſto, e foy logo della ho primeyro Meſtre D. Frey Gil Martins, que entaõ era Meſtre Daviz, e foy eſto feyto, e celebrado na dicta Villa de Santarem no mez de Mayo da era de mil trezentos e vinte annos,
1320. avendo jaa doze annos, q̃ ha dicta Ordem do Templo era jaa deſtroida por cobiça do dicto Rey Felippe de França, ha cujas culpas Deos que hee em todo juſto, nom tardou muito com juſtiça, e pena, porque eſte Rey Felippe correndo monte ho cavallo em que corria arraſtrando como touro ho matou, e delle ficaraõ tres filhos, e huũa filha Dona Iſabel, ha ſaber ho mayor Felippe, e ho ſeguũdo Luis, e ho menor Carlos, e ha filha Dona Iſabel que cazou com ElRey D. Anrique Dingraterra, hos quaaes todos morreram ſem delles ficar erdeyro de França, e ficou deſta vez eſtintalha geraçaõ dos Rex de França, que vieraõ de Ugo capet.

Nos quaaes annos que ha Ordem de Chriſto nom foy feyta, ElRey D. Diniz recolheo pera ſy has rendas da dicta Ordem do Templo como dice, e dellas ouve ſolene quitaçaõ dada, e outorgada pelo dicto novo Meſtre de Chriſto fundada em razoens que pareciaõ aſaas juſtas, e oneſtas, e por compenſaſſaõ deſſo ſe deu aa dicta Ordem ho Caſtello de Craſto Marim, onde primeyramente foy ordenado ho Convento della, e depois ſe mudou aa Villa de Thomar, onde era ho Convento dos do Templo.

Ha quaal Ordem de Chriſto por proprios Meſtes, e com nomes de Meſtres ſe governou, e regeo atee ho tempo do Iſante D. Anrique, filho legitimo delRey D. Johaõ deſte nome ho primeyro de Portugal, que da dicta Ordem foy ho primeyro, e perpetuo adminiſtrador, ho quaal por ſua ſingular devaçaõ, e grandeza de animo por nom ſeer cazado, nem teer filhos, acrecentou muito na dicta Ordem ha que procurou, que foſſem dadas muitas rendas com jurdiçam do Eſpiritaal das Ilhas de Guinee, que elle primeyramente deſcobrio, e depois ha dicta Ordem em rendas, e comendas, e jurdiçoens, e em privilegios, e liberdades foy muito mais ennobrecida, e acrecentada em tempo delRey D. Manuel N. Senhor, que della tambem por autoridade Apoſtolica foy perpetuo Governador ha que creceram reçoens, edeficios, e excellentes Ornamentos, e novas comendas, e ha vintena das grandes riquezas das Indias, Arabia, Perſia, que elle como Princepe virtuozo, e de grande animo, novamente mandou deſcobrir, e achou, como em ſua Coronica mais propria, e largamente hee decrarado.

CA-

CAPITULO XVIII.

Da diſcordia, que ouue antre ElRey D. Diniz, e ho Ifante D. Affonſo ſeu filho erdeyro, e has cauzas porque.

ATraaz fica eſcrito has deficuldades, e trabalhos com que ElRey D.Diniz cazou ho Ifante D. Affonſo ſeu filho, com ha Ifante Dona Breatiz, filha delRey D. Sancho de Caſtella, e por lhe teer grande amor, e afeyçaõ como ha rezaõ requeria, lhe deu ſua caza em Lixboa, com muitas, e graãdes feſtas, pera que de ſeus poovos ouve grandes ajudas, e aſſi ſe acha,que aalem de muitas Villas, e teerras, que tinha lhe ordenou mais de ſeu aſſentamento, em cada huũ anno oytenta mil livras, que eſtimadas ſeguũdo ha valia da prata daquelle teempo, valiam da moeda dagora trinta e dous mil cruzados, ha rezaõ de duas livras,e meya huũ cruzado, que hee verdadeyra conta, e aſaaz aprovada, como outras vezes jaa dice, e aſſi em todalas couzas, que occurriam ſe vio que ho honrava, e eſtimava muito, e tinha cuydado de lhe criar ſeus filhos, porque jaa atee eſte teempo elle ouvera ho Ifante D. Affonſo, que menino faleceu em Penella, e aſſi ouve ho Ifante D. Diniz, que ſeu avoo ElRey D. Diniz com grande amor criava em ſua caza, e nella faleceu moço, porque ElRey foy tam anojado, e triſte que nom ſabia, nem podia com nhuũa couza ſeer ledo, nem conſolado, e em tanto eſtremo ſentio ha morte deſte ſeu neto, que ho Papa lhe eſcreveo ſobreſſo huũ Breve de conſolaçam, cheyo de muita prudencia, e graãdes confortos.

E por eſtas cauzas aalem das outras obrigações naturaaes, e Reaaes que nelle avia,nom hee de duvidar, que ho Ifante D. Affonſo devera ſempre de amar, e obedecer ſobre todos ha ElRey D.Diniz ſeu padre, e aſſi lhe acatar por aver abençam de Deos, e ha ſua, ho que em principio de ſua idade, em ſeendo Ifante nom ſe acha ſeer aſſi, antes ho contrayro, cuja verdade, e declaraçam em cazo, que por ſua graveza nom ſeja doce, nem gracioza couza pera ouvir, porém ha neceſſidade de ſua Eſtoria, que eſcrevo obriga, e conſtrange ami que ho nom cale, principaalmente por moſtrar, que hos lizongeyros, e maaldizentes antre hos padres, e hos filhos nunca ajam lugar, nem ſejam cuvidos, que ſe eſtes nom foram cridos, nom ouvera tantas cauzas de deſavença dantre ElRey, e ſeu filho, e aſſi pera que ſe ſayba quam grande erro hee daar pena, e caſtigo ha alguũas peſſoas por quaalquer maal, que delles ſeja dicto poſto que traga em ſy muita cor de verdade, atee elle ſem payxaõ nom ſeer primeyro ſabido, e juſtificado,

e tam-

e tambem porque nos erros, e graveza, que ſe vir nas deſobediencias, e deſacatamentos que ho Ifante teve ha ElRey ſeu padre ſe vejam, e reſprandeçaõ mais craro has boondades, e merecimentos dos filhos, quando acerqua de ſeus padres uſarem ho contrayro.

E porque neſtas deſavenças delRey, e de ſeu filho ouve, e ſe paſſaraõ muitas, e muy largas couzas, que ſeriaõ muy longas pera eſcrever, eu dellas ſoomente apurarey brevemente has principaaes, e has que pera eſta Eſtoria mais neceſſarias me parecerem. E ſeguũdo ho que acho, e pude comprender, tres rezoens ouve, e todas ſem cauza, nem rezaõ, porque ho Ifante D. Affonſo ſe moveo ha eſta ſua deſobediencia contra ſeu padre, das quaaes ha primeyra foy em Beja, por ſentir que ElRey D. Diniz queria grande beem ha D. Affonſo Sãches, e aho Conde D. Johaõ Affonſo ſeus filhos naturaaes, hos quaaes ſeguũdo ſe acha nom ſerviam, nem catavaõ aho Ifante como elle deſejava, e merecia, e deſte conto nom era ho Conde D. Pedro tambem ſeu irmaão baſtardo, e de todos hos baſtardos ho mais velho, porque ſempre ſeguio ha parte do Ifante, e por eſſo foy ha requerimento de Affonſo Sanches deſterrado de Portugal pera Caſtella, e todas ſuas teerras, e fazenda tomadas, e depois retornado, como aho diante ſe diraa, e ha ſeguũda cauza foy ha grande cobiça, e deſordenado deſejo, que ſempre teeve de aver, e cobrar pera ſy has riquezas, e tezouros delRey ſeu padre, e ha terceyra por querer, que em toda maneyra ElRey deyxaſſe, e tiraſſe deſy ha Juſtiça, e Governança do Regno, e livremente ha deyxaſſe ha elle.

E porém em alguũas deſtas couzas nom avia cauza, nem rezaõ que pera ho Ifante nom foſſe grande erro querellas, e muito mais procurallas, porque ElRey querer beem ha D. Affonſo Sanches, e aho Cõde D. Johaõ era graãde rezaõ, e aſſi por ſeerem ſeus filhos, como por hos achar ſempre em todalas couzas muy conformes aa ſua vontade, e ha ſeu ſerviço muy obedientes, eſpeciaalmẽte que ha afeyçaõ, que ElRey lhes moſtrava nom empedia, nem mingoava ho do Ifante ſeu filho, mas como ho amor, e ſenhorio ſempre querem ſeer ſenhores, por eſſo ſaõ muy amiude muy cheos de ciumes, e ſoſpeyta, pelo quaal ho beem, que ElRey moſtrava ahos outros ſeus filhos cauzava na vontade do Ifante muy duvidoſa tençaõ, com que enganandoſe cuydava, que ElRey ho nom amava tanto, quanto devia, e por eſſo por todalas maneyras, que podia trabalhava, e procurava de apartar, e deſavir eſtes filhos delRey ſeu padre, aſſi como logo fez aho Conde D. Pedro ſeu irmaão, que era ho mayor dos filhos baſtardos, ho quaal por couzas craras, que lhe fez entender, ho tirou da obedien-

cia,

cia, e ſeu ſerviço delRey em que antes andava, e ho recolheo pera ſy, porque favorecia ſua parte, e dizer, e requerer que ho regimento da Juſtiça do Regno devia ſeer todo do Ifante, aho que ElRey contrariava com muitas rezoens aſaaz juſtas, por has quaaes aconſelhava ho filho, que ho taal requerimento ouveſſe por eſcuzado.

E porque ho Ifante vio, que ElRey ſeu padre em nhuũa parte deſtas lhe nom ſatisfazia, aconſelhado, e induzido falſamente de huũ Gomes Lourenço Vogado de Beja, filho de huũ Carpinteyro, que depois foy Freyre de San-Tiago, teve taaes meyos, e inteligencias com ha Rainha Dona Maria de Caſtella ſua ſogra, que ella enviou pedir ha ElRey D. Diniz, que por quanto deſejava ver muito ſua filha, e ſeu genro, e hos Ifantes ſeus netos, que jaa tinha, ouveſſe por beem que elles ha foſſem ver ha Caſtella, e porq̃ ElRey por ſecretos meyos que laa trazia ſoube, e entendeu craramente, que has taaes viſtas naõ eram pera alguũ beem, nem aſecego ſeu, e de ſeu filho antes pera alguña torvaçaõ, e dano dambos, e do Regno, falou ſobreſſo aho Ifante, e lhe rogou, e encomendou que por ſua bençam eſcuzaſſe ſua ida, ha quaal foſſe certo, que ha elles, nem ha Portugal nom trazia proveyto, antes era fundada, e requerida pera ſeu deſerviço, e dano da teerra, e q̃ abaſtava por principaal pera elle deyxar de hir ha Caſtella, em cazo que outro nom ouveſſe dezejar elle, e querer que nom foſſe, ha que elle por aver ſua bençaõ devia mais de obedecer que aa Rainha ſua ſogra.

E com tudo eſto, e com mais outras alegaçoens, e inconvenientes que ElRey lhe poz, ho Ifante nom deſiſtio de ſeu propoſito, e ſem licença, e contra vontade delRey foy todavia, e levou ha Caſtella ha Ifante Dona Breatiz ſua molher, e depois de conſultarem em Cidad Rodrigo has couzas ſobre que foram, que todas eraõ contra ho goſto, honra, e ſerviço delRey, ho Ifante ſe tornou ha Portugal, e nom ſe paſſaram muitos dias, que logo nom veyo ha ElRey D. Diniz em nome da Rainha Dona Maria ſogra do Ifante, huũ Pero Rondel Ouvidor da Juſtiça em caza delRey D. Fernando de Caſtella, e da ſua parte, aa ſua grande inſtancia lhe requereo, e pedio que por alguũas cauzas coradas, que apontou deſſe ho Regimento da Juſtiça aho Ifante D. Affonſo ſeu filho. Do quaal requerimento ElRey cõ grandes eſtranhamentos ſe eſcuzou, maravilhandoſe muito da boondade, e prudencia da Rainha requerer taal couza, e taõ contrayra ha toda rezaõ, e oneſtidade, porque elle quando em cazo de velhice, ou por outro empedimento que tivera, requerera aho Ifante ſeu filho pera tomar ſemelhante regimento, ainda elle como filho obediente ſeendo ſeu pay vivo, e em booa idade

pera

pera reger como era, ſe devera deſſo eſcuzar, quanto mais querer forçar ho que boom filho nunca fizera, e deſta repoſta delRey ha que ho Ifante era prezente, elle como aggravado, e muy anojado ſe deſpedio logo de ſeu pay, e foy ſempre andar apartado delle.

CAPITULO XIX.

Das couzas que ho Ifante capitulou pera matar Affonſo Sãches ſeu irmaão, ou ho deſterrar fóra do Regno.

POrque ha maginaçam, e ſoſpeyta que ho Ifante tinha do beem, que ElRey queria ha Affonſo Sanches ſeu filho, ho trazia em muita door, e cuydado, pera deſto ſeer livre, elle cõtra ho q̃ ha ſeu Real ſangue, e Eſtado devia, fantaziou em ſua memoria huũ engano com que falſamente, e com alguũ achaque ho mataſſe, ou ElRey ho deſterraſſe do Regno, e eſto fez, q̃ ho Ifante falou ſecretamente com huũ Pedro Guilhelme, e com outro Pero Gonçalves, que viviaõ com elle, e em q̃ ſe muito fiava, ahos quaaes mandou que ſoſſem fóra da teerra, e de laa trouxeſſem eſcrituras com ſinaaes, e moſtranças de ſeerem publicas, e muy autenticas, e verdadeyras, porque craramente ſe moſtraſſe, que elles de mandado do Ifante foram buſcar, e acharaõ homens ha que ho dicto Affonſo Sanches peytara porque trouxeſſem, e deſſem peçonha aho Ifante D. Affonſo, de que logo morreſſe. E eſtes paſſado alguũ tempo depois, que manhoſamente partiram do Regno, tornaaraõ ha elle, e trouxeram aho Ifante, que eſtava em Coimbra eſtromentos publicos eſcritos em Caſtelhano, que perante hos Juizes da Cidade, foram logo publicados, e tomados delles autorizados trelados, cuja ſuſtancia era.

Que ahos trinta e huũ dias do mez de Novembro da era de mil trezentos ſincoenta e ſete annos, ante ha porta de Sancta Maria de Magazela, preſente Johaõ Pires, que aquelle anno fora Algoazil, e Diogo Dias, e Vaſco Fernandes Alcaydes, e Johaõ Preto, Tabaliam do Lugar, nove vaqueyros que vinhaõ por ſy nomeados, cõ outros vaqueyros de Ruy Sanches Davilla, trouxeram prezos aho dicto Lugar de Magazela cinco homens do Senhorio de Portugal, antre hos quaaes vinha huũ acavallo, que parecia de rezaõ, e boom entendeer, e que hos dictos vaqueyros diſſeram, que no Lugar que dizem Aguamá termo da Magazela, aquelle homem de cavallo com outros traziam prezo outro homem Portuguez, que tinha feyçaõ Deſcudeyro, ho quaal bradando dizia, homens do Senhorio de Caſtella acorreyme, que Portuguezes me levam prezo pera em ſua teerra me matarem, e que ha eſtes brados hos dictos vaqueyros acoduraõ, e querendo

rendo livrar ho prezo Portuguez daquelles Portuguezes que ho traziam, que ho dicto homem de cavallo dicera apreſſadamente ahos ſeus de pee: Matay eſte tredor porq̃ nom fique com vida. *E que huũ delles lhe dera huũa lançada por huũ braço, e que ho de cavallo ſobreſſo lhe aremeſſara ha lança que trazia, e ho atreveſſara por detraaz atee hos peytos, e que hos vaqueyros vendolhe fazer taal crime lançaram mão logo de quatro homens ſeus, e q̃ ho de cavallo querẽdolhos tirar, e defender, huũ dos vaqueyros arrancou huũ dardo, e ho ferio, e ho Eſcudeyro quando vira hos ſeus homens prezos, dicera ahos vaqueyros, que nom tinham razaõ de prenderem, nem fazerem maal ha elle, nem ahos ſeus, pois nom fizeraõ mais maal, que matar ſeu imigo, e que pera verem que elle demandava razaõ, que ho deyxaſſem, e que elle era contente de ir ha cavallo perante hos Juizes de Maguazela, e que elles depois de ho ouvirem mandariam ho que foſſe juſtiça.*

E que ante de irem pera ho dicto Lugar, que ho Cavalleyro rogou ahos vaqueyros, que pera certidaõ do que dizia, chegaſſem aaquelle lugar onde jazia ho ferido Portuguez, hos quaaes chegando ha elle ho Cavalleyro dicera aho ferido. Amigo eu ſaão Pero Gonſalves, Eſcrivaõ do Ifante D. Affonſo de Portugal, e voos ſabeis beem ha maaldade, e treyçaõ que tendes feyta, cõ Garcia Dalmuche, que eu fiz matar nas manchas Daragam por ambos buſcardes, e ordenardes peçonha pera mataarem ho Ifante meu ſenhor, e agora lembrevos, q̃ eſtais em tempo da rependimento, e de dizerdes ha verdade, por nom perderdes ha alma, pois jaa perdeſtes ho corpo. *E que ho ferido reſpondera, que tudo era verdade, e que por eſto elle tinha tratado, e buſcado contra ho Ifante aquelles Portuguezes que ho traziaõ prezo, ho quaal logo falecera, e que ſobre eſto em chegando ahos Alguazis do lugar, ho dicto Pero Gonſalves moſtrara huũa carta aberta patente do Ifante, porque geraalmente fazia ſabeer, que elle enviava ho dicto Pero Gonſalves contra alguũs que procuravam de fazer maaos feytos contra elle, e que porem ho encomendava aas Juſtiças dos Lugares pera que lhe deſſem ha ajuda, e favor, que elle requereſſe, e aalem deſto, que ho dicto Pero Gonſalves requeria mais ahos dictos Juizes, que perguntaſſem hos vaqueyros aacerqua do que ho Eſcudeyro morto em morrendo confeçara, hos quaaes diceram todo ho que atraaz hee eſcrito, e mais que ho dicto ferido em querendo morrer dicera.*

Eu nacy em na maa hora antre todolos homens da teerra, de que ſaõ naturaal, e aſſi aquelle por cujo concelho eſto fiz, porque certo hee que Garcia Dalmuche, e eu com outros buſcamos, e compuzemos peçonha pera matar ho Ifante, mas quiz ha ſuã booa ventura, que por ella ſe nom obrou couza, que lhe danaſſe. E com tudo diceram, que ho Ifante ſe guardaſſe, e que perguntado ho ferido pelo

nome daquelle do ſangue do Ifante por cujo concelho, e mandado eſta peçonha ſe ordenava, que elle reſpondera, que pera que era perguntar ho que todo ho mundo ſabia, e que mais nom deria, e com eſto pedira confiſſam, e em lhe tirando ha lança, que tinha atraveſſada logo morrera, pelo quaal hos dictos Alguoazis, e Alcayde, viſto eſto mandaram que ho dicto Pero Gonſalves, e hos ſeus ſe foſſem em booa ora, e livres, e lhe mandaram daar hos eſtromentos publicos, com muitas teſtemunhas, que ſobre eſto pediram.

E depois que eſtes eſtromentos em Coimbra ſe pubricaraõ, de que todos foraõ hy eſpantados, ho Ifante mandou moſtrar hũ treslado delles ha ſeu padre, por Nuno Martins Barreto, e por Ruy Garcia do Cazal, e pedirlhe que logo deſſe ha Affonſo Sanches ha emenda, e caſtigo, que em tam feyo cazo merecia. Do que ElRey foy aſaaz maravilhado, e poſto em muy triſtes penſamentos, ainda que logo conheceo, que tudo eram manhozas envençoens, e maal compoſtas, e ahos meſſageyros do cazo, reſpondeo por maneyra, que foraõ elles contentes, e ſobreſto ElRey enviou logo aho Ifante, Fernam Rodrigues Bugalho, e Lopo Eſteves Dalvarengua, peſſoas de que fiava, pelos quaaes lhe enviou certificar ho nojo, e triſteza que do cazo paſſado tinha recebido, ho quaal era de calidade, que fazendoſe contra ho mais pequeno vaſſallo ſeu, elle ho eſtranharia, e punyria muy gravemente, quanto mais contra elle ſeu filho, que elle amava de coraçaõ, e ſuas couzas aſſi lhe doyam, e tocavam como ſe foſſem feytas, e ordenadas contra ſua Real peſſoa, e que foſſe certo, que quaalquer ſeu irmaão lidimo, ſe ho tivera, que contra elle fizeſſe ſemelhante treyçam, que ſeem nhuũa piedade lhe mandaria tirar ho coraçaõ pelas eſpadoas, como aho mais vil homem de ſua teerra, e que porem ElRey lhe rogava, que hos proprios originaes de que vira hos treslados lhe quizeſſe mandar, e que logo lhos tornaria, porque por elles ſe queria beem informar pera ſabeer ha verdade donde tanto maal nacera, e quaaes eraõ hos participantes nelle, pera tudo emmendar, e caſtigar com penas, e riguores que elle viria.

Aho que ho Ifante reſpondeo, que ſe maravilhava muito delRey ſeu padre, huũ feyto tam craro, e de taal importancia querello poor em vagarias, nas quaaes elle nom queria poor ſeu corpo, vida, e honra, porque ſe ElRey tiveſſe vontade de ho eſtranhar, e punir como lhe enviava dizer aſaaz provado eſtava ho erro pera na exequçaõ delle nom procederem interlucutorias nem tantas delongas, e que jaa em cazos, que menos relevavaõ, e comprova que nom era tam abaſtante, mas por ſoo profunçam lhe vira proceder contra muytos, e punillos, e que aſſi ho devia fazer neſte cazo,

e que

e que hos originaes por ſeerem eſcritos em papel, e por ſe nom perderem tinha muy beem guardados antre duas tavoas, e que ha ElRey hos moſtraria quando foſſe neceſſario, e que porém, que ſobreſſo mais ſe avia de fazer com moſtranças da meaça.

CAPITULO XX.

Da diligencia que ElRey fez pera ſaber ha verdade dos eſtromentos de Maguazella.

COm eſta repoſta do Ifante em que poreceo, que elle ſe cerrava pera prefeytamente ſe nom ſaber ha verdade do cazo, que deſejava, ElRey pera tirar de ſy ſoſpeyçoens, e eſcrupulos da vontade, antes de tudo ouve por beem denviar, como enviou, por meſſageyro avizado com ſua carta de rogo ahos do Concelho de Maguazella, encomendandolhes, que do cazo que nos eſtromentos era particularmẽte apontado, lhe mandaſſem dizer ha verdade, e que vieſſe por todos beem autorizada, hos quaaes juntos todos em ſeu conſiſtorio maravilhados primeyramente de taal novidade, reſponderamlhe ſuſtancialmente, que todalas couzas conteudas nos dictos eſtromentos nem ſoomente huũa nom fora, nem era verdade, porque naquella Villa nom avia, nem nunca ouvera taaes homens, que foſſem juſtiças, nem Tabaliaens, nem taaes vaqueyros, nem memoria de taal feyto, como aquelle aconteceſſe em Maguazella, nem em ſeu termo, nem em toda aquella Comarqua, ſobre que fizeram grandes diligencias de que enviaram ha ElRey D. Diniz ſuas certidoens aſinadas por todos, e aſeladas com ho ſelo do Concelho.

E com eſta repoſta de Maguazella, em ha falcidade foy ho Ifante beem compreendido, e ElRey foy muito maravilhado, e recebeo grande nojo, que lhe pareceram começos, e fundamentos que ho Ifante lançava, e fazia pera deſcobertamente lhe deſobedecer, e ho deſſervir, e pera alguũa temperança, e reſguardo deſto ElRey fez ajuntar em ſua Camara ha D. Johaõ Mendes de Briteyros, e Martim Affonſo de Souza, e Gonçale Anes de Berredo, ſeus ſobrinhos, e D. Pedro Eſtaço Meſtre de SanTiago, e D. Gil Martins Meſtre de Chriſto, e D. Vaſquo Meſtre Daviz, e Vaſquo Pereyra, e Vaſquo Martins de Rezende, e outras peſſoas nobres de ſua Corte, e em Concelho, e perante elles todos fez leer ha carta, e titolo que hos de Maguazella lhe enviaram, e acabada de leer, ElRey perante todos logo dice.

Certo hee, que ha alguũs pareceraa eſta minha fala eſcuzada, pois ha faço com payxam, que nom poſſo dizer has muitas mercees, e grandes

beneficios que tenho feytos aho Ifante meu filho, que apoz elles nom diga hos erros, e deſobediencias, e deſagradecimentos, que contra my teem cometidos, e cada dia comete, e porém ha door, que tenho em minha alma, e ha ſanha que encende ho meu coraçam, ſaõ tamanhas, que me forçam meu proprio ſizo, pera que has nom poſſa encobrir, e dellas me fazem que vos diga alguũas, aho menos pera ſaberdes minha fortuna, e minha deſculpa, e ſobreſſo procurardes, e dardes ha eſto alguũ remedio, e concelho pois eu jaa nom ſey, nem poſſo.

Beem ſabeis todos, quam honradamente, e com quanta proſperidade ſempre criey ho Ifante, e quanto de coraçam ſempre ho amey, e por eſte grande amor, q̃ lhe tinha nom ſeendo inda em idade de ſeis annos, lhe dey caza apartada com muita teerra, e grande contia, e com boons, e honrados vaſſallos, ho que hos Rex de Portugal meus anteceſſores, ha ſeus filhos erdeyros de tam pouca idade nunqua coſtumaram fazer, porque cazados, e em moores idades ſempre andavam com ſeus padres em ſua caza, atee que lhe apartavam has ſuas ſem teerem vaſſallos, nem ſervidores proprios, e pera prova deſto ſabeis, que como quer que El Rey D. Affonſo meu avoo, filho del Rey D. Sancho ſendo Ifante, foſſe cazado com ha Ifante Dona Orraqua, e tiveſſe filhos, ſempre porém andou em caza del Rey ſeu padre, e ſe El Rey D. Affonſo Conde de Bolonha ho fez ha my, foy em tempo que eu avia jaa dezoyto annos, e avia catorze que elle jazia em cama ſeem ſe poder ſoſter, e alevantar, de maneyra que depois, que me apartou caza, e aſinou teerra nom viveo mais que dezanove mezes, e quantos trabalhos, perigos, e deſpezas, eu com muitos de minha caza, e teerra paſſey, por ſe fazer ſeu cazamento com ha Ifante Dona Breatis ſua molher, vós todos ho ſabeis pois tambeem ho paſſaſtes comigo e ho conhecimento, que elle deſto teem, e ho galardam que por eſſo me daa, ſam nojos, e deſobediencias que andando em minha caza, e fóra della ſempre me fez, e que todas aqui nom diga alguũas por minha ſatisfaçam ſeraa forçado, que ha aponte.

Primeyramente deſpedindoſe de my, e de meu ſerviço ho Conde D. Martim Gil pela contenda, que antre elle, e Martim Sanches meu filho avia ſobre partilha derança, por ſeerem ambos cazados com duas irmãas poſto, que eu ſoubeſſe que ho dicto meu filho fora maltratado, e deſerdado contra direyto, eu fuy favoravel aho dicto Cõde, por amor do Ifante meu filho por ſeer ſeu, aacuſta do muito dinheyro meu que por compoſiçam, que dey aho dicto Affonſo Sanches, hos concordey, e ſeendo ho Conde meu vaſſallo, e meu Alferes moor, e Mordomo do Ifante, que eram officios pera me teer muito em mercee, e avia por ello obrigaçam pera me lealmente ſempre ſervir, elle antes, que ſe de my eſpediſſe, errando neſſo ha ley de nobreza, e fidalgua, que como nobre devera guardar, ſe foy fa-

zer

zer vaſſallo del Rey de Caſtella, e lhe fez preyto, e menagem contra my ſopena de tredor, que toda ſua vida ho ſerviſſe contra my, quando elle mandaſſe, convocando pera ſy alguũs homens honrados de meu Regno, pera que foſſem contra meu ſerviço.

E como quer, que ho Ifante deſto foſſe beem ſabedor, nom eſtimou ho grande dano, deſſerviço, e deshonra, que ſe deſſo podia ſeguir ha my, que ſam ſeu pay, e aa Coroa de meu Regno de que hee ſocceſſor, mas antes por eſtos erros ho ama, e eſtima, e fia mais delle do que antes fazia, e lhe eſcreve cartas de grande favor, e lhe faas mercees como ſe ha my, e ha elle has mereceſſe, ha quaal couza nom ſey ha quem nom pareça muito eſtranha ſe nom ha elle, que ſendo meu filho, e vaſſallo, e ha quem meus Regnos pertencem de direyto ho aa por beem ſem teer lembrança deſtas obrigaçoens polas quaaes de razam naturaal, e divina, devia querer maal, e deſamar muito ha quem cõtra my uza de tanta treyçam. Tambem ſabeis, q̃ eſtando Affonſo Sanches meu filho, concertado com Dona Iſabel ſobre eſcaybo de Medelim por Aguiar, e ſeendo dia antre elles certo, e aſſinado pera ho dicto concerto ſe fazer ſopena de dous mil marquos de prata, e indo ha eſſo ho dicto Affonſo Sanches por meu mandado, e conſentimento, ho Ifante ſayo ha elle com voos, e tençaõ de ho matar, poſto que lhe eu mandaſſe dizer por Johaõ Rodrigues de Vaſconcellos, que ho nom perſeguiſſe, e ho deyxaſſe, que hia por meu mandado, elle ho nom quiz fazer, e me mandou dizer, que ho que começara havia de acabar, aho que eu por evitar tamanho maal como ſe aparelhava, ſahi fóra em peſſoa, e voos comigo, e porém nom ſe pacifiquou ho cazo ſeem ho dano que viſtes.

E outro ſy Vaſquo Paaes Dazevedo, que em Caſtella contra my, e meu ſerviço dice alguũas couzas, que nom devia, querendoſe dellas alimpar perante my, poz ha culpa de maao ha Martim Reymondo, e porq̃ Affonſo Martins Reymondo ſeu ſobrinho, q̃ era preſente lhe dice que lhe poeria de praça has maãos, e ho corpo, por prova q̃ ſeu tio nunqua taal dicera, e que lhe faria confeſſar, que nom dizia verdade, ho Ifante tomou ha parte de Vaſquo Paaes, e falou por elle palavras deſcompoſtas, e por Affonſo Martins querer alimpar, e eſcuzar ſeu tio, hos do Ifante ho quizeraõ logo matar, e perante my ſeem acatamento de minha peſſoa ho fizeraõ, ſeem meu filho tornar ha eſſo, como devera, conſentindo em tamanha injuria, como ha my era feyta. E ſabeis mais, que dous ſobrinhos do Biſpo de Lixboa confiando, e eſforçandoſe como nom deviam, que pela parte que de my dava, e booa vontade que tinha ha ſeu tio, poderiam por favor eſcapar de quaalquer crime, e maleficio que cometeſſem, e fizeſſem, elles ſobre ſegurança mataram publicamente no meyo do dia, e da Cidade huũ filho do nobre homem, e boom Cavalleyro Eſtevam Eanes, e por

e por ha fieldade, e graveza do cazo ſeer taal hos mandey logo prender, e fazer pubricamente juſtiça, e de todos aquelles que foram em ſua ajuda, e por eſſo ho dicto Biſpo com meu deſamor, porq̃ eu quiz fazer juſtiça, ſe foy ha Roma onde por todalas maneyras que pode procurou ho meu nojo, e deſſerviço, do quaal ho Ifante perdeo toda ſoſpeyta, e ho teem por boom, e leaal ſervidor, e fia delle, e lhe faaz honra, e mercee, e ha todolos ſeus, ſabeendo notoriamente q̃ niſſo me deſſerve, e anoja.

E alèm deſtas couzas q̃ dice, outras mais deſta calidade teem ho Ifante contra my feytas, que atee qui ſoportey, eſperando que cõ crecimento dos dias, e da honra, e eſtado que tinha ſe temperaſſe, e emendaſſe, porque com ha emenda deſſo, que em ſy fizeſſe refreaſſe ha my que nom diceſſe maal de peſſoa de meu ſangue, eſpeciaalmente delle, que depois de minha morte aa eſta teerra de ſoceder em meu lugar: mas porque vejo que elle cada dia, tira ho beem do beem, e acrecenta maal ha maal, ho deſcubro ha voos outros pera que neſſo me deis concelho com remedio.

Aho que cada huũ dos Senhores, que eram prezentes, reſponderaõ com ha door, e triſteza que por eſſo tinha, e pera booa paaz, e concordia antre ElRey, e ho Ifante, deram ſeu voto, e offereceram ſuas forças, e booa vontaade. Mas ho Ifante veendo que has couzas paſſadas pera morte, ou deſterro de Affonſo Sanches ſeu irmaão, nom tinham ſocedido aa ſua vontade pera eſprimentar ſe com ho poovo do Reguo ho podia fazer, ordenou eſtando elle em Coimbra, e aſſi em Santarem onde ElRey era, que ſe diceſſe como por muitos dos ſeus pubricamente ſe dizia, que ElRey com aſinados, e ſelos ſeus, e de trinta, e duas Cidades, e Villas principaaes de ſeus Regnos, enviara cartas de certidaõ aho Papa porque lhe certificava, que ho Ifante D. Affonſo por falecimento de ſizo naturaal, e por outros grandes defeytos que tinha, nom era auto pera ſeer Rey, porque como parvo, e deſmemoriado andava tirando, e comendo has aranhas das paredes, e que por eſſo pedia ha Sua Santidade por mercee, que lhe tiraſſe ha ſoceſſaõ, e abilitaſſe ho dicto Affonſo Sanches pera depois de ſua morte Regnar, porque pera taal ſoceſſaõ era muy pertencente, e que elle das rendas do Regno mantiveſſe ho Ifante ſeu irmaão em ſua vida.

Das quaaes couzas ſeendo ElRey D. Diniz certificado, recebeo por ello grande pezar, e muito ſentimento, e enviou logo Lourence Anes Redondo, e Pero Eſteves ſeus vaſſallos aho Ifante, ha que diceram todo ho paſſado, que hos ſeus diziam, e ho nojo em que por eſſo ElRey eſtava, por difamarem ſeem cauza de ſua boondade, e conciencia, e da lealdade, e boom nome das Cidades, e naturaaes de ſeus Regnos, e ho que deſto mais ſentia

aſſi

aſſi era que ho Iſante ſabeendo que eſtas falcidades aſſi ſe diziam, nom has eſtranhar, e caſtigar com grandes penas, e muita aſpereza, como taal cazo requeria, por onde parecia, que ellas naciam de toda ſua vontade, e conſentimento, mas que pera todos ſabeerem craramente deſſo ha verdade, e que nunqua taal malicia, e treyçaõ por elle, nem pelos ſeus fora, nem ſoomente cuydada, que elle daria por eſſo taaes penas por dezafio, e reto poſeſſem hos corpos, e has vidas, aaquelles que eſto diziam, e aſacavam, e que por ſuas bocas lhe fariam confeſſar que eram muy falſos, e tredores, e que pera mais abaſtança, e moor comprimento elle eſcreuera logo aho Papa em quem nom avia payxam dodio, temor, nem afeyçaõ, pera que por ſuas Bullas, e letras patentes, e com outorgua, e aprovaçam dos Cardeaes, enviaſſem deſto teſtimunho, e dizer ha verdade. E eſto paſſou na era de mil trezentos e vinte annos. Mas ho Iſante reſpondeo que taaes couzas nunqua ouvira, nem ſabia dellas parte, e porém ElRey notificou tudo aas Cidades, e Villas de ſeus Regnos, que ſobre eſto enviaram logo publicos eſtromentos de muita lealdade, afirmando cada huũ que combateriam em campo ha quaaeſquer que contra ElRey, e ſeu Regno taaes treyções, e falcidades aſacaſſem, porque nunqua paſſaraõ aſſi, nem elles por ſua lealdade has conſentiriam.

CAPITULO XXI.

Dalguũas couzas mais, que ho Iſante fez contra vontade, e ſerviço DelRey ſeu padre.

COmo ho Iſante andava poſto em deſobediencia, e com pouquo acatamento delRey, nom olhava has couzas de ſeu ſerviço, e da juſtiça com aquelle reſguardo, que devia, pelo quaal ElRey era poſto em grande cuydado, e muita pena, porque ho Iſante pera mais danamento de ſua boondade ſoltamente trazia, e acolhia em ſua caza muitos maalfeytores obrigados grandemente por ſeus crimes aa juſtiça, com que hos do Iſante tomavam grande cuzadia de fazerem ho maal que queriam, porque nom receavam pena, nem caſtigo dos maales que fizeſſem, nem ElRey podia delles tomar ha emenda, que mereciam, e antre eſtes era huũ Eſtevaõ Gonſalves Leytaõ, vaſſallo do Iſante, e outro ſeu irmãao, e com outro em ſua companhia, partiram da caza do Iſante ſeendo elle aallem do Douro, e foram teer co caminho ha Eſtevaõ Fernandes Cavalleyro, e vaſſallo delRey, e ha Gonſalo Fernandes, vaſſallo de Fernaõ Sanches, e ſeem cauza ha ambos hos mataram, e acolheraõſe aa caza do Iſante, que hos nom quiz entregar ha ElRey, que com gran-

grande inſtancia lhos mandou pedir pera delles fazer juſtiça. Outro ſy, huũ Payo de Meyra, e Johaõ Coelho vaſſallos do Ifante, huũ de huũa parte, e outro de outra, ſeem alguũ temor delRey, e de ſuas juſtiças, fizeram de Cavalleyros, e de outras muitas gentes, huũ grande ajuntamento, e ambos ouveraõ peleja em q̃ morreram muitos, antre hos quaaes foy Lopo Gomes Dabreu, que era huũ dos melhores Cavalleyros, que avia em ſua linhagem.

Pelo quaal inſulto, ElRey por ſeu meyrinho hos mandou deſterrar fóra do Regno, e elles foraõſe logo pera Caſtella, mas dahy ha pouquos dias ſe tornaram pera caza do Ifante, em que acharaõ boom acolhemento, e muita mercee. Outro ſy, huũ Xeres Portel vivendo com ho Ifante, com outro foy roubar ho Moeſteyro do Marmelar de quanto tinha, e elle, e hos ſeus por força ſe lançaram aas molheres cazadas, e virgens, que acharam pela teerra, e quizeraõ matar ho Comẽdador do dicto Lugar ſe nom ſe eſcondera, e cheyos de roubos, e de maleficios ſe foram pera caza do Ifante que hos emparou, e favoreceo. E aſſi depois Affonſo Novaes, e Mem Martins Barreto, vaſſallos do Ifante, e ſeus moradores partiram de ſua caza, e com homens de cavallo, e de pee armados, foram ſeem cauza matar D. Giraldo Biſpo Devora, que era do Concelho delRey, e vivia com elle, e tambeem muitos homiziados, e maal feytores, que por ſeus homizidios, e fogidas de cadeas, e delitos andavam fóra do Regno, vinhaõſe ſoltamente pera caza do Ifante de quem recebiam emparo, e mercee, hos quaaes em grande numero aly aſinou, e hos cazos porque eram obrigados aa juſtiça, cuja mais particular declaraçam nom hee aqui neceſſaria.

E poſto que ElRey por muitas vezes, e por muitos com cauzas evidentes enviaſſe rogar, e mandaſſe eſtreytamente aho Ifante, que lançaſſe de ſua caza hos taaes homens maalfeytores, e que daly em diante nom acolheſſe outros ſemelhantes, elle ho nom queria fazer, antes inſiſtia, e faria tudo contra vontade delRey, pela notificaçam, que ElRey fez aho Papa Johaõ XXII. das deſobediencias, e pouquo acatamento de q̃ ho Ifante aacerqua delle uzava. E aſſi do que neſte Regno falſamente ſe dizia, que ElRey aſaquando defeytos do dicto Ifante lhe ſuplicara pela legitimaçam do dicto Affonſo Sanches pera Regnar, e Sua Santidade em repoſta deſto enviou ha ElRey D. Diniz pera ſy, e aſſi ha todolos Eſtados de ſeus Regnos, ſuas Bullas patẽtes, em q̃ cõ palavras de padre boom, e piedozo ſe doe, e maravilha da diſcordia antre ho pay, e ho filho, e aſſi afirma, e daa teſtemunho da verdade, que aquellas difamaçoens, elle como Vigayro indinho de Chriſto, que do Ceo decendeo

cendeo por dar teſtemunho da verdade, afirmava ſeerem falſas, e que em ſeu tempo taaes requerimentos, e ſuplicaçoens nunqua lhe foram feytos, nem has provizoens de taal couza nom ſe concedaram, nem paſſaram em ſeu tempo, nem dos Papas Clemente V. e Benito XI. ſeus Predeceſſores, cujos regiſtros pera meor juſtificaçam deſto mandara com deligencia buſcar, e porèm que ha todos por muitas, e booas cauzas, que apontou, encomendava que por ſerviço de Deos, e por boom aſſecego do Regno procuraſſem antre todos paaz, e amizade, e concordia, como era rezaõ, ha quaal Bulla ElRey por ſua limpeza mandou moſtrar aho Ifante, e aſſi pubricar em ſua caza, e por todolos Lugares principaaes do Regno, ha que hos poovos reſpondiam conformes aa verdade, de que ſe tiraram eſtormentos pera limpeza delRey, e do Regno.

CAPITULO XXII.

Como ho Ifante ſe partio de Coimbra pera Lixboa, e do que lhe aconteceo com ElRey no caminho.

E eſtas Bullas autentiquas, que ho Papa enviou por certeza que has ſoſpeytas do Ifante contra ElRey, e contra Affonſo Sanches, nom eram verdadeyras, nom aſſocegaram ha vontade do Ifante pera deyxar de ter odio, e deſamor aho dicto Affonſo Sanches, porque quando ho deſamava, e queria matar, e deſterrar, beem ſabia que has cauzas, que contra elle punha, todas eram fingidas; nem abrandou de ſua dureza pera com hos rogos do Papa ſeer obediẽte ha ElRey ſeu padre, como por Prégadores, e grandes homens em pubriquo, e em ſecreto lhe era dicto, antes continuava no que tinha começado, pelo quaal deyxando ha Ifante ſua molher em Coimbra, e com ella ho Conde D. Pedro ſeu irmaõ, partio da y, e levando conſiguo hos maalfeytores, e degradados, e outra gente armada, foy caminho de Leyria com fama de yr ha Lixboa em romaria ha S. Vicente, mas ha verdadeyra tençam de ſua yda, era pera tomar, e teer Lixboa contra ElRey ſeu padre, e ElRey eſtando em Santarem, e ſeendo certifiquado da maneyra em que ho Ifante ya, ouve taal atrevimento por grande ſeu deſprezo, ca parecia nom aver alguũ temor, nem vergonha delle, nem de ſua juſtiça, eſpeciaalmente pelo Ifante vir com tantos omiziados tam junto delle, e como quer que ho ſeu primeyro movimento foy acodir logo ha eſſo com mais trigança, e moor aſpereza, porém ouve por beem enviarlhe primeyro dizer por Pero Eſteves, e Gomes Anes ſeus vaſſallos, que lhe rogava lançaſſe fóra de ſua companhia hos maalfeytores que levava, porque com elles mais parecia

recia yr fazer almogavaria em teerra de imigos, que comprir com devaçaõ ſua romaria em ſua teerra propria.

Aho que ho Ifante nom quiz ſatisfazer, e neſte cazo eſtes meſageyros levaraõ provizoens porque em nome delRey ouveraõ hos dictos maalfeytores por degradados fóra do Regno, ho que com favor do Ifante nunqua quizeraõ fazer, e ha cazo ElRey por eſte cazo em muita ſanha, moveo logo contra Lixboa, e ha Rainha Dona Iſabel ſua molher com elle, e indo jaa ho Ifante diante, em chegando ElRey aho Lumiar, que he huũa legoa de Lixboa, ſoube que ho Ifante ſeendo avizado da ira delRey, com ſeu medo ſe partira pera ha Villa de Cintra, e ElRey dice contra hos ſeus. *Pareceme que ho Ifante meu filho, ſabeendo quanto me anojava por elle trazer eſtes omiziados afaſtado oyto legoas, que agora por me mais deſprazer, e menos acatar ſe foy com elles, e hos tem conſigo nom mais de quatro, e porque ſaõ maales, que pera Deos, e pera ho mundo jaa ſe nom podem ſofrer hee beem, que pera mais nom creccerem, vamos logo ſobreſtes homens, que ſaõ cauza deſto, e trabalhemos polos aver.*

Pelo quaal ElRey mandou logo fazer preſtes ſua gente, que muito ante manhaã armados partiram, e foram contra ho lugar onde eſtava ho Ifante, e dice, que ElRey ordenou eſto ſeer feyto muy cedo, e ſecretamente, porque ha Rainha ho nom ſoubeſſe, e da ſua ida nom avizaſſe ho Ifante. Mas ha Rainha maravilhada por ſentir no Lugar tanta revolta, e veer tanta trigança, e rumores daparelhos darmas, e cavallos, como ſoube que era contra ho Ifante ſeu filho, ſoy poſta em muita anguſtia por taal, que nom ſabia que remedio pozeſſe, e porém ſe diz, que tantos homens mandou aho Ifante, e pera tantos Lugares, e com taal preſſa que ante delRey chegar ha Cintra elle era jaa avizado de ſua ida. E em tanto ha Rainha ſe ſocorria ha Deos, ha que em Miſſas, e oraçõeſ com muitas lagrymas pedia guardaſſe ho Ifante da ira delRey ſeu padre, e por beem de todos hos pozeſſe em paaz, e amor.

E como ElRey chegou ha Cintra onde era ho Ifante, elle como vio ſeu pendaõ, e ſuas gentes, armouſe logo, e mandou armar hos ſeus, e pozeraõſe contra ElRey em dous lugares com moſtrança daſpera peleja, ha quaal nom ouve, porque ho Ifante, e hos ſeus por quaalquer cauza, que foſſe partiraõ daly, e nom eſperaraõ ha ElRey. E eſta ſe acha, que foy ha primeyra vez, que ho Ifante ſe armou contra ElRey ſeu padre pera com elle pelejar em cazo, que nom pelejaſſe. ElRey tomou por ſatisfaçaõ, partiſe ho Ifante, e pera ho ſeguir nom deu lugar ha grande ſanha, que contra elle tinha. ElRey partioſe tambem de Cintra, e em chegando aa Aldea de Bemfiqua, ſoube

que

que ho Ifante eſtava day huũa legoa em huũa Aldea, que dizem Alvogas, de que ElRey foy muito mais anojado, porque lhe pareceo que ha ſoberba do Ifante, e ſeu deſprezo contra elle, ya cada vez em mayor crecimento, pelo quaal ElRey determinou de yr ſobre ho Ifante ho quaal porque deſta determinaçaõ foy logo avizado, tambem com hos ſeus maalfeytores, e com outras gentes com maao concelho esforçado, aſentou logo em ſua vontade eſperar ElRey, e darlhe batalha, como ſe fora a huũ imigo eſtranho.

ElRey como ſoube ha maneyra em que ho Ifante eſtava lhe mandou dizer: *Que pois ho diabo cujas carreyras elle ſeguia, ho punha em taal determinaçaõ contra elle, que era ſeu pay, e ſeu ſenhor, que eſſo nom era ſalvo pera lhe dar ho caſtigo, que por ſeus grandes erros merecia, e que por eſſo eſperaſſe, e nom fogiſſe.* Pelo quaal ho Ifante vendo, que por forças, e por rezaõ tinha contra ElRey, ſeu partido mais fraco, nom eſperou ElRey, e ſe tornou pera Coimbra, e ElRey ha Bemfica, e day ha Santarem, e nom ſeem muitas lamentaçoens, e grandes maravilhas por ver ſeu filho tam ſeem razaõ contra ſy, ſeem nunqua querer amançar.

CAPITULO XXIII.

Como ho Ifante levou ha molher, e hos filhos ha Caſtella, e hos Lugares, que tomou ha ElRey ſeu padre.

COmo ho Ifante foy em Coimbra, logo levou ſua molher, e filhos Alcanizes, que hee em Caſtella, ho quaal tinha huũ Fernam Martins Dafoncequa, e aly ha deyxou acompanhada dalguũs Eſcudeyros, e ſe tornou pera Coimbra, onde por ſuas cartas cheyas de piedades, e palavras, promeſſas, e neceſſidades, que apontou logo fez chamamento de todos ſeus vaſſallos, e ſervidores dizendo, que ho ſocorreſſem, porque ElRey queria vir ſobrelle, e deſtroilo, ou matalo, ſeem cauza. E ElRey que eſtava em Santarem quando ſoube ha mudança, que ſeu filho fizera da molher, e dos filhos pera Caſtella, e percebia ſeem cauza tantas gentes, era por eſſo cada vez mais anojado, porque como prudente ſabia, que nom podia delle tomar vingança, que pera todos nom foſſe muy periguoza, e porém pareceolhe que hos taaes ajuntamentos nom eram ſe nom pera ho Ifante vir ſobre elle incitado de alguũ eſpirito diabolico ho tentar pera batalha, maravilhado de ho Ifante jaa nom cançar de ſeus odios, e perſeguiçoens.

Ha eſto proveo, e atalhou com

cartas geraaes, que logo enviou ha todalas Cidades, e Villas do Regno encomendandolhes,que ſe nom enganaſſem das palavras coradas, que ho Ifante mandava ſemear, cõ que hos enganaſſe, e deſviaſſe de ſeu ſerviço, porque hos afagos, e promeſſas, que em ſuas cartas aas gentes fazia nom era pera com elles conquiſtar, nem guerrear ſe nom ha elle ſeu padre, e com eſto mandou ElRey geraalmente pubriquar por tredores todos aquelles, que pera taal ajuntamento mais acodiſſeem aho Ifante, nem com elle andaſſem, ainda que foſſem proprios ſeus vaſſallos, contra hos quaaes aſſi aſperamente procederia, como contra aquelles, que cometeſſem treyçaõ contra ha Reaal peſſoa de ſeu Rey, e Senhor, e que day por diante mandava ha todos ſeus Alcaydes, e juſtiças, e ha todolos outros ſeus naturaaes q̃ ha todos eſtes que deſobedeceſſem ſeu mandado, mataſſem ſem receo dalguũa pena, que por eſſo ouveſſem, e aſſi mandou, e defendeo que nom acolheſſem ho Ifante, nem hos ſeus nas Villas, e Caſtellos, nem lhes deſſem mantimentos,nem outra couza alguũa, antes aſſi ho eſquivaſſem, e fizeſſem contra elles, como contra imigos delRey, e de ſeus Regnos, e deſto ſe paſſaram muitas provizões, e cartas que foraõ enviadas, e pubriquadas por todo ho Regno.

Mas ho Ifante nos Lugares onde ſe achava nom conſentia darem-ſe taaes cartas, nem ſerem feytas ſuas pubriquaçoens, nem obedecer ha couza que ElRey mandaſſe. E andando has couzas neſte danamento, ElRey apartou de ſy ha Rainha, e ha mandou Alanquer, com fundamento de fazer ſeus negocios ſecretamente ſeem ho ſaber ha Rainha ſua molher, de quem prezomia, que ho Ifante era logo avizado, e logo foy certifiquado, que hos da Villa de Leyria, deram nella entrada aho Ifante, e que tinha jaa ho Caſtello, e irado ElRey por eſte feyto moveo, logo contra Leyria com tençaõ de queymar, e deſtroir todos aquelles, que foram em conſentimento da entrada do Ifante, porque ha pena deſtes foſſe ahos outros exemplo, e quando chegou ha Alcobaça jaa y achou muytos moradores de Leyria, que com medo de ſua ira aly ſe acoutavaõ, como ha Caza ſagrada, que lhes podia valer, hos quaaes poſpoſto todo acatamento Daltares, e das ſepulturas dos Rex ſeus avoos, ha que ſe abraçavam, mandou ElRey logo tirar, e eſtando pera irozamente delles mandar fazer crua juſtiça lhe chegou recado, que ho Ifante por força entrara ho alcacer de Santarem, ha que ElRey com grãde preſſa logo acodio e ho Ifante receozo delRey, e de ſua ira, e poder que trazia, deyxou ha Santarem, e ſe foy ha Torres Novas, onde ſe diz, que foy ho enterramento de Affonſo Vaas Pemintel, que era ſeu Cavalleyro, ha que queria

queria grande beem.

E tanto que ElRey chegou ha Santarem, logo mandou ha Lourence Anes Redondo, que jaa estano alcacer de Leyria, q̃ logo decepasse, e matasse todos aquelles que deraõ ha entrada da Villa aho Ifante, em comprimento do quaal, decepou, e queymou nove homens dos melhores, e mais principaaes da Villa. ElRey mandou tornar aho MoesteyroDalcobaça hos prezos, que da y levara pera justiçar, que depois de sua ira seer temperada, ouve por beem que lhes valesse a Egreja, e mais Alcobaça, em que tinha singular devaçaõ. Ho Ifante nom menos perseguido, que desobediente, e contumaas partio de Torres Novas, e chegou ha Thomar, onde pera sy, nem pera hos seus, e suas bestas nom achou alguũ genero de mantimentos, nem ferragem, porque atee hos moinhos, e acenhas achou de suas ferramentas, e engenhos, de todo desconcertados, por taal que nom podessem moer mantimentos pera ho Ifante, e com esto elle se foy aho Castello da Villa, e seem ho poder tomar tomou por força todolos mantimentos, que nella achou, e da y se foy pera Coimbra.

Da quaal se apoderou, e tomou ho Castello ho derradeyro dia de Dezembro de mil trezentos e vinte huũ annos, e logo da y tomou ho Castello de Monte moor hoVelho, donde mandou dizer aho Cõde D. Pedro seu irmaõ, que andava em Castella desterrado, que se viesse aa Cidade do Porto, porque elle hia pera laa, e no caminho tomou ho Ifante ho Castello da Feyra, q̃ hee em teerra de Sancta Maria, de que era Alcayde por ElRey Gouçalo Rodrigues de Macedo, e da y foy tomar ho Castello de Guaya, do quaal, e assi do outro de Monte moor que jaa fora tomado, era Alcayde por ElRey Gonçalo Pires Ribeyro, e da y se foy aho Porto, e ho tomou, e ali chegou ho Conde D. Pedro, que sempre andou em sua companhia, e da y se foy aa Villa de Guimaraens esforçado de huũ Martim Anes de Briteyros, que fez crer aho Ifante que por inteligencias, que tinha denrro na Villa, lhe faria entregar, mas ho Ifante chegou ha ella, achou defenssor dentro Mem Rodrigues de Vasconcelos, que era nobre homem, e boom Cavalleyro, e com elle boons Escudeyros, e outra gente da Villa, e com quanto foy pelo Ifante grandemente requerido cõ dadivas, e mercees, e ameaçado com morte, e outras penas pera que lhe entregassem ha Villa, e ho Castello, elle ho nom quiz fazer, dizendo que em quanto ElRey seu padre fosse vivo, ha quem tinha feyto menagem, nom entregaria ha Villa, nem ho Castello se nom ha elle, e que atee sobresso morrer ho defenderia.

1321. Ho Ifante mandou combater ha Villa da quaal couza seendo ElRey avizado, ajuntou logo muitas gentes

tes dos Concelhos da Eſtremadura, e das Ordens, e ſe veyo lançar ſobre Coimbra, que eſtava pelo Iſante, e nom entrou logo na cerqua, porque eſtava beem guardada, e lha defenderam, mas paſſou no alcacer, que eſtava acerqua de Saõ Lourenço. E avendo jaa dez dias que ho Iſante jazia em cerquo ſobre Guimaraens, foy avizado, que ElRey tinha cerquada Coimbra, pelo quaal deyxou ho cerquo da Villa, e ſe veyo ha Coimbra pera ha ſocorrer, e com elle ho Conde D. Pedro, e ante que chegaſſe aa Cidade ſe preytejou com ElRey, que ſe alevantaſſe, como alevantou, e ſe foſſe ha S. Martinho do Biſpo, e ho Iſante chegou aa Cidade, e pouzou em Sancta Cruz, e ElRey porque ho Iſante dilatou ha concordia, que prometera, veyo-ſe logo pera S. Franciſquo donde ſe fez muito dano, e grande eſtrago no arrabalde, e nos olivaes, porque de huũa parte, e da outra eram aly juntos hos mais dos Fidalgos, e gẽtes que avia em Portugal, e antre huũs, e outros avia barreyras, e repayros, de que eſcaramuçavam, e pelejavam, em que de huũa parte, e da outra com door de muitos, morria muita gente, porque hos pays ſeem võtade, e certa ſabedoria matavam hos filhos, e hos filhos ahos pays, e huũs irmaãos, e amigos ha outros ſeem alguũa piedade, nem miſericordia.

CAPITULO XXIV.

Como ElRey, e ho Iſante foram concordados por meyo, e interceſſaõ da Rainha Dona Iſabel, e da maneyra que neſſo teve, e das menagens que pera ſegurança deſſo ſe fizeram.

E Por eſta diſcordia, que antre ElRey, e ho Infante avia, ha Rainha Dona Iſabel era triſte, e anojada, e por aver antre elles booa paaz, e amor como era razaõ fazia ha Deos, e mandava fazer muitas oraçoens, e devaçoens, e ſeendo certifiquada deſtas mortes, e maales tam grandes que deſta delaventura ſe ſeguiam, ella de ſua propria, e virtuoza vontade partio Dalanquer donde eſtava, e ſe veyo ha Coimbra, e por ſy falou ha todolos Senhores, que eram com ElRey, e com ho Iſante, e aſſi com ho Conde D. Pedro, e com elles por ſua ſancta interceſſam banhada com piedozas lagrymas, aſentou que era beem fazerſe logo paaz, e concordia, e ha Rainha com ElRey, e com ho Iſante concordou, que ambos ſe partiſſem daly, e ſe foſſem ha outros lugares, dõde por peſſoas ſeem ſoſpeyta ſe veriam has couzas que ho Iſante requeria pera dellas lhe ſerem outorgadas aquellas que foſſem

ſeem de razam, e oneſtidade, e ElRey com prazer, e conſentimento deſto, ſe foy ha Leyria, e ha Rainha, e ho Ifante ſe foram da y ha Pombal, e aly concertaram.

Que ElRey deſſe aho Ifante Coimbra, e Monte moor com ſeus Caſtellos, e ha Fortaleza da See do Porto, porque ha Cidade ainda entam nom era cèrquada, e por ellas fez ho Ifante menagem ha ElRey, pera de todas fazer guerra, e manter paaz, como elle mandaſſe, e aſſi acrecentou aho Ifante pera ſeu ſoportamento, mais contia de dinheiro, e panos aalem do que tinha, e ElRey perdoou aho Ifante, e ahos ſeus todo ho paſſado, e ho Ifante ahos delRey, e ha rogo do Ifante foy tambem perdoado ho Conde D. Pedro, que foy reſtituido ha todo ho que tinha, e lhe era tomado, e deſtas couzas moſtrou ho Ifante ſeer muy ledo, e muy contente, e dice, que nom menos obrigava, e tanta alegria tomava das mercees, e acrecentamentos, que delRey ſeu padre entam recebia, como de ſeer ſeu filho, pera por ellas da y em diante, beem, e leaalmente ho ſervir ſempre ſeem alguũ nojo, nem eſcandalo. E ſobreſto lhe fez pubriqua, e ſolene menagem, e tomou por eſſo juramento dos Sanctos Evangelhos ſobre que poz has mãaos e no Altar de S. Martinho do Pombal prezente ha Rainha, e muitos Fidalgos, que ſobpena de ſeer tredor, e de encorrer na maaldiçaõ de Deos, e na ſua, daly em diante ſempre ho ſerviſſe, e lhe foſſe obediente aſſi como deve ſeer boom filho, e leal vaſſallo ha ſeu padre, e ha ſeu Senhor, e que da y em diante nom acolheſſe mais nhuũs maalfeytores, antes hos que podeſſe aver prenderia, e entregaria ha ElRey, e ha ſuas juſtiças, e hos que trazia lançaria fóra logo de ſua caza, e de ſeu favor.

E pera mais firmeza, e moor ſegurança rogou, e encomendou aho Conde D. Pedro ſeu irmaão, e ha Martim Anes de Souza, e ha Gonçale Anes de Briteyros, e Affonſo Telles, e ha Gonçale Anes de Berredo, e ha Lopo Fernandes Pacheco, e ha Payo de Meyra, todos riquos homens de Portugal, e ha outros nobres ſeus vaſſallos, que fizeſſem, como fizeram outro taal juramento, e menagem, como elle tinha feyto, e ho Ifante tambem pedio aa Rainha por mercee, que pera mayor, e mais ſeguro penhor deſta concordia, e porque ElRey da y em diante mais deſcançaſſe ſobre ello, que tambem ella quizeſſe fazer por elle eſte juramento, e menagem ha ElRey, e ella tambem aſſi ho fez, como cada huũ dos outros. E outro ſy ElRey pera ſatisfaçam do Ifante, e de todos tambem fez no Altar da Capella de S. Simaõ de Leyria, ſolene juramento de nunqua falecer aho Ifante em alguũa deſtas couzas, que lhe prometera, e outorgara. E foram eſtes juramentos feytos no mez de Mayo, no anno de mil trezentos e vinte tres, 1323.

tres, e acabadas eſtas concordias de que todo Regno pareceo, que recebia muito prazer, e deſcanço, ElRey, e ha Rainha, e ho Iſante ſe foraõ ha Santarem, e da y ha Lixboa, onde todos eſtiveraõ atee Sancta Maria Dagoſto, e da y ho Iſante ſe tornou pera has teerras, que lhe ElRey dera.

CAPITULO XXV.

De huũa carta do Papa Johaõ XXII. aho Iſante D. Affonſo filho DelRey D. Diniz, ſobre has dezavenças com ſeu pay.

DEſtas dezavenças, e roturas, que avia antre ElRey, e ſeu filho, ante de aſſi ſeerem concordados, ho Papa por quaalquer maneyra que foſſe, ſoy muito inteyramente informado do que lhe muito pezou, porque tinha grande, e particular afeyçaõ ha ElRey D. Diniz, que ho avia em todo por Rey excellente, e por ha Sua Santidade parecer, que ſeus Sanctos concelhos, e booas amoeſtaçoens podiaõ niſto muito aproveytar, enviou ſua carta de Bulla aho Iſante D. Affonſo, cujo theor tirado por mi fielmente de Latim em lingoagem hee ho que ſe ſegue.

JOANNE BISPO

Servo dos ſervos de Deos.

AHo amado em Chriſto filho D. Affonſo enviamos eſte eſcrito de mais ſaaõ concelho, com muita torvaçam de noſſa alma, muy ameude ouvimos como ho imigo ſemeador de odio, e enveja, por eſtorvar ho boom eſtado, e paaz do Regno, e ſeu louvado regimento com ſua maaldade te poz em coraçaõ de te levantares contra teu pay, e como primeyramente ſoou em noſſas orelhas taal fama de deſobediencia, que por toda ha teerra hee jaa muy eſpargida, fez ha noos grande nojo, e encheo de muita amargura noſſa paternal afeyçam, e pois noos teemos neſta vida taal lugar, e poder porque aho Rey pacifico no dia do grande Juizo, avemos de dar conta das almas, aprazate, e nom te agraves ſe ha tua duramente por ſeu beem reprendermos, e porque ha palavra de Deos nom ſeja atada na noſſa boca, e falemos com eſpirito de liberdade, por eſſo nom podemos encobrir tamanho maal como hee perſeguir aquelle que te criou, e gerou, e eſtragares tam ſeem tento ha teerra

(que

(*que atee eſpargeres por ella ho ſangue*) *devias ſempre defender, quem hee aquelle que ſeem grande torvaçaõ do eſpirito poſſa ouvir, que huũ Rey tam nobre ha juizo do quaal hos Rex izentos doutras teerras com grande vontade ſe ſometem, e obedecem ha ſeu mandado, e concelho, ſeja por ty com injurias ſeem razam, e ſem ſeus merecimentos tam anojado, e perſeguido, e porem nom ſabemos quaal couza agora digamos primeyro, ou quaal recontaremos por derradeyro, nem ſabemos ſe choremos ho beem que perdes, ou ſe nos doamos do maal que fazes, dize em que te errou teu padre, ou de que ho reprendes, e que te nom fez de graças, e beneficios que deveſſe fazer, cremos por ſua confiança, que nhuũa couza de erro te fez, mas afirmamos, que avondança de booa vontade, que te ſempre moſtrou, foy verdadeyra cauza de lhe ſeeres tam deſobediente, mas agora prouveſſe ha Deos, que ainda melhor ſoubeſſes, e entendeſſes com melhor avizo, e eſguardaſſes no que te compria de fazer, quem he aquelle que ſeem grande door, e triſteza poſſa recontar, que hos direytos, e obrigaçoens do parenteſco antre aquelles, que ſam conjuntos com tanta afinidade de ſangue, ſejam aſſi quebrantados, quem conſentiraa ſeem amargozo coraçam, que ho filho ante do tempo, nom ſoomente queyra abreviar hos annos de ſeu padre, mas ainda que com malicioſos cometimentos ſe trabalhe de hos acabar mais cedo, ho quaal tu ſabe, que jaa mais vive por teu proveyto, que pelo ſeu, porque quaalquer couza de beem que faz, e ajunta jaa todo he pera ty, e com muitos trabalhos, e deſpezas afirmou, e acrecentou ſeu Regno, porque tu depois de ſua morte podeſſes viver nelle, grande, e poderoſo, porque te trigas ante tempo por cobrares aquillo, que ha natureza ainda te nom quer dar? Nom ſabes, que diz Salamaõ, que nom averaa ha bençam no fim dos dias, ho que aa erdade ſe atrigar primeyro que deve? Tu juntamente perdes ha alma, e ha fama por averes antes de tempo ho que depois aas de perder, e ſegues ho contrayro deſto nom curando de tua propria ſaude.*

Has lex, e direytos de todalas naçoens mandam, que hos filhos em quaalquer eſtado alto, e baxo ſempre obedeçam ha ſeus padres, e hos amem. Pois dize, onde hee aqui ho amor, onde hee ha reverencia do filho aho padre, onde ha ley de natureza, onde finalmente he ho temor de Deos? Ha elle aprouveſſe ora que ſoubeſſes quam alegre, e quam doce couza hee ho filho obedecer, e honrar ha ſeu padre, e quam maa, e deſaventurada hee ha deſobediencia, e deſprezo, que ho filho contra elle moſtra, de maneyra, que como ſe afaſta de obedecer, logo nom parece filho. Nom ſabes, que Felipo dos Emperadores ho primeyro Chriſtaõ, poſto que deſſe ho regimenco do Imperio ha ſeu filho delle em ſua vida, lhe nom era menos obediente, que cada huũ de ſeus Cavalleyros, e avia por grande prazer teer vivo ſeu pay, e lhe obedecer? E ho Emperador Decio, quiz em ſua vida Coroar ſeu filho, e elle ho refuzou, dizendo:

Receo tomar Coroa, e ho regimento do Imperio, que me póde eſquecer cujo filho ſam, pelo quaal mais quero nom ſeer Emperador, que reger, e ſeer dicto filho deſobediẽte, Reja ho Imperio meu padre, e ho meu ſenhorio, de que me mais contento ſeja em ſua vida ſempre lhe obedecer.

E muitos que ho contrayro deſto uzaram perſeguindo, e nom obedecendo ha ſeus padres, huũs morreram maa morte, outros cayram em taal cativeyro de que nunqua ſayram, porém meu filho muito amado rogote, que ames, e honres ha teu padre, e toma aquillo, que ha igualdade da natureza em ſeu tempo te ofrecer, e nom queyras aver por força deſtroydo ho Regno, que teu aa de ſeer, beem ſabemos que ho arroydo da tempeſtade diaboliqua armou ho filho contra ho pay, e armou huũ irmaão contra outro, alevantou hos ſogeytos contra ho ſenhor, e porém hos beens, e fazendas em deſtroiçam, e hos corpos em eſtrago, e ho que hee mais amargo, que vos poz has almas em deſeſperaçam de ſua ſaude, teu padre moſtra, e chora has injurias, que por ty lhe ſam feytas, e noos em eſpecial avemos compayxam delle, quanto ha opiniam do poovo, elle hee por ty injuſtamente, e contra razaõ aggravado, e perſeguido, que couza hee, que alguũs maaldizentes que contigo vivem avorrecidos de Deos, buſquando palavras prazenteyras, e maliciozas de ſuas lingoas por mordeduras peçonhentas, e concelhos enganozos ſam ouzados de encher tuas orelhas de vento prazenteyro, e agradavel com que ho amor natural, que ha teu padre, e ha teu irmaão devias, hee todo corrompido, quaal he ho entendimento aſſi boom como rudo, que nom entenda quam maa, e quam nojoza couza hee andares armado contra teu padre, e ajuntares ha ty omiziados, e maalfeytores, com que te rebelas contra elle? Quaal couza hee mais contra ha Ley de Deos, e da natureza, que ho padre movido pela injuria de ſeu proprio filho, mover tambem armas contra elle? E que por outra couza nom diziſſes do que fazes, por eſta ho devias fazer.

Sabe, que tu nom combates has Villas, e Fortalezas dos imigos, nem ganhas teerra alhea, mas deſtrues ho Regno, que por direyto te hee devido, ho quaal parece que nom queres, pois nom obedeces aaquelle, que te gerou. O' obra merecedora de gram doeſto! O' mancebia muy dina de ſeer chorada! prouveſſe ha Deos filho meu muito amado, que com lima de melhor razam tu eſquaaldrinhaſſes todas eſtas couzas, mas certamẽte ho teu odoor filial jaa perdeo ſeu boom cheyro, antes hee jaa convertido em fedoranto, ha preſença do padre injuriado, quem poderaa ſofrer ſeem amargura, que huũ irmaão por ſoo odio ſeem outra injuria ſe mova contra outro, ha procurarlhe com todas ſuas forças ha derradeyra queda de ſua morte, com ſua infamia, e deſonra tam publiquada? Ha quem nom avorreceraa muito, que hos ſogeytos ſejam tam ouzados, que cortados hos noos, e rota ha preytezia de ſua leaaldade, ſe trabalhem de ſometer, e derribar ha Reaal Alteza de ſeu ſenhor, que ſeguũdo por fama

fama commuũ, e muy notoria ſomos certifiquados, hos vaſſallos do meſmo Rey, por teu favor ſe alevantaram contra elle, querendo querer tam deſoneſto, que elle nom aja poderio ſobre ſeus Regnos? Pois ſeendo deſto tantas vezes combatido, que queres que neſto façamos, por ventura calarnos-emos, e nom te daremos ho ſaaõ Concelho, que aas miſter? Certamente nom.

Antes eſguardando todas eſtas couzas com muy afiquado dezejo, como ha filho muito amado te rogamos, que ames, e homres teu padre, e lhe obedeças, e por eſſo teus dias ſeram longuos ſobre ha terra, e eſto por teu beem te dizemos, nom te aggraves, porque todo noſſo dezejo, e tençam hee que vivas em paaz, e obediencia com elle, pelo quaal com humildozas preces, rogamos aho muy alto Deos, que ſobre toda ha teerra ſenhorea, em cuja maão ſaão hos poderios dos homens, e hos direytos dos Regnos, que elle preſtes, e beninamente queyra eſguardar ſobre ty, e ſobre hos moradores deſſes Regnos de guiza, que de voos aparte toda dezavença, e hos coraçoens de todos firme em booa concordia, e humildade, e noos de noſſa parte devotamente pediremos aaquelle Senhor, cuja providencia em ſua ordenança hee certa, e nom enganada, que em taal maneyra esforce ha Reaal ſeda deſſe Regno, que aproveyte aſſi, e ahos ſeus, e hos Reja de taal maneyra, que vam pera ſaude perduravel com folgança de paaz.

E ſe ho teu Reaal reſplandor aſſi moſtrado, nom quizer penſſar, e obedecer ha eſto que te avemos dicto, obedecendo em tudo ha teu padre, noos por ha que com toda ha afeyçam dezejamos paaz neceſſaria, e por taal que poſſamos trazer noſſo dezejo ha boom efeyto, em ha noſſa vontade amoeſtamos filho logo ha ty ſopena de excõmunham, e ha todolos outros de quaalquer eſtado que ſejam aſſi peſſoas Eccleſiaſticas, como ſeculares, que torvam, ou anojaõ eſſe Rey, e ſeu Regno como nom devem, ou contra elle em pubriquo, ou em ſecreto te dam ajuda, concelho, ou favor, daqui em diante ſe cavidem, e ho nom façam, porque em outra maneyra ainda, que ſeja com grande door noſſa, ſee certo que paſſados oyto dias da pubriquaçam deſta noſſa carta, noos mandamos aho venerado irmaão Biſpo Devora, que logo excommungue ha ty, e ha todos aquelles, que ſe ha ty ha chegarem, ainda que ſejam Biſpos, e quaaeſquer outras mayores, e ſuperiores peſſoas, que torvem ha paaz de teu padre contiguo, ſeem embargo de quaaeſquer privilegios que tenham, que deſta noſſa carta nom fizerem mençam, paaz, e aſſecego, venha ha ty, e ha eſſes Regnos como dezejamos, por maneyra, que hos perigos das almas ſejam eſcuzados, e ha ty creça titulo de honra acerqua dos homens, e abaſtança de merecimentos ante Deos.

Eſta carta, ou Bulla do Papa foy dada aho Biſpo Devora, que ha fizeſſe pubriquar aho Ifante eſtando ElRey em Lixboa, mas porque ha eſſe tempo ElRey eſtava jaa em alguũa concordia com ſeu filho, nom

foy pubriquada, mas depois em outras voltas, e delobediencias, que ho Ifante cometeu ſe pubriquou com que ha final paaz antre elles ſe comprio, como aho diante direy.

CAPITULO XXVI.

Como ha Rainha Dona Maria de Caſtella depois da morte delRey D. Fernando ſeu filho, teve viſtas com ElRey D. Diniz, ha que trouxe ElRey D. Affonſo menino neto dambos, e do que concertaraim.

ELRey D. Fernando de Caſtella, genro delRey D. Diniz faleceu de morte ſupitanea em Jaem emprazado de dous ſeus vaſſallos, que ſeguũdo ſe diz mandara injuſtamente matar, como atraaz brevemẽte toquey, e por ſua morte fiquou ſeu ſuceſſor, e erdeyro ho Ifante D. Affonſo ſeu filho primogenito em idade de huũ anno, e vinte e ſeis dias, ho quaal fiquou logo em poder da Rainha Dona Conſtança ſua madre, filha delRey D. Diniz, e tambem em poder da Rainha Dona Maria ſua avoo, e porque ha dicta Rainha Dona Conſtança day ha pouquos annos logo faleceu, ho dicto Rey D. Affonſo fiquou principaalmente em poder da dicta Rainha Dona Maria ſua avoo, e ſobre eſtas titurias deſte Rey, ouve antre hos Ifantes, e grandes Senhores de Caſtella, grandes competencias, e muitas differenças, e diſcordias, de que ſe ſeguio muito maal, e eſtrago nos Regnos de Caſtella, e em fim ſe tomou por concruzam, que com ha dicta Rainha Dona Maria foſſem juntamente tutores, como foram, ho Ifante D. Pedro, filho da dicta Rainha Dona Maria, e ho Ifante D. Johaõ, tio delRey, filho que fora delRey D. Affonſo Decimo, ho quaal Ifante D. Johaõ, que em outro tempo eſteve em Portugal, e ſe chamava Rey de Liam durando ſua titoria, e depois da morte da Rainha Dona Coſtança, Dona Maria confiando da muita verdade, e grande poder delRey D. Diniz, e aſſi na razam, que tinha daconcelhar, e ajudar ha ElRey D. Affonſo ſeu neto, concertou em Guinaldo Lugar de Caſtella viſtas cõ elle, aas quaaes contra vontade dos grandes de Caſtella trouxe ho dicto Rey D. Affonſo ſeendo muy moço, e aly pratiquaram ſobre hos deſvayros de Caſtella, em fim dos quaaes ha Rainha lhe pedio, que ſe lembraſſe delRey ſeu neto, e de ſeus Regnos, e que lhos ajudaſſe ha conſervar, e defender polas grandes neceſſidades, que deſſo tinham.

Aho que ElRey reſpondeo: *Que lhe agradecia muito taal confiança, e quando ſuas forças, poder, e ſabeer pera eſſo lhe compriſſem, que nunqua com tudo lhe faleceria, como pelas obras poderia ver.* E com eſto concordado

cordado ha Rainha, e ElRey D. Diniz ſe tornaram pera Portugal, e ſobre eſto paſſado logo da y ha pouquos dias hos dictos Ifantes D. Pedro, e D. Johaõ tutores, e juntamente com grande poder entraraõ na Veyga de Grada, pera fazerem guerra ahos Mouros, onde ſeendo elles perſeguidos ambos dafronta, e deſmayo, e ſeem ſeer feridos morreram em huũa ſoo hora, ha ſaber ho Ifante D. Pedro, e logo ho Ifante D. Johaõ, como atraaz brevemente jaa dice, e na Coronica de Caſtella mais compridamente ſe contem da quaal morte dos Ifantes como ElRey D. Diniz foy ſabedor, moſtrou receber por eſſo ſentimento, porque eram boons Principes, e com elle muito conjuntos em ſangue, e logo enviou ſeus Embayxadores ha ElRey, e aa Rainha de Caſtella, ha notifiquarlhe, que da morte dos Ifantes, lhe pezava muito porque eram boons Cavalleyros, e aviam com elle tam grande divido, e que pois era chegado ho tempo em que lhe compria ſua ajuda, e favor, que lhe tinha ofrecido, lhes pedia que lhe fizeſſem ſabeer ho que delle lhes compria, e que foſſem certos, que elle em peſſoa, e com ajuda, e poder de ſeus Regnos, contra todos hos iria ajudar, e ElRey, e ha Rainha lhe reſponderaõ, que taal lembrança com taal vontade, e ofrecimento lhe gradeciaõ ſingularmente, que eraõ ſinaaes com que ho cazo parecia, que lhes tinha grande amor, e que quando lhes compriſſe ho enviariam requerer. E pera mais favor das couzas delRey D. Fernando, ElRey D. Diniz notifiquou aho Papa ho eſtado perigozo em que has couzas de Caſtella pela morte dos Ifantes eſtavam, pedindo ha Sua Santidade, que ho favoreceſſe certifiquandolhe com eſſo ha vontade com que eſtava pera em tudo ho ajudar, e defender, e ho Papa lhe reſpondeo, dandolhe muitas graças, e louvores por ſua boondade, e manificencia por querer com tam boom dezejo encarregarſe da defenſſaõ, e emparo dos Regnos de ſeu neto.

CAPITULO XXVII.

Como ho Ifante D. Affonſo ſe aparelhou pera pelejar com ho Ifante D. Felipe, que contrariava ho aſecego de Caſtella, e como ho Ifante D. Felipe ſe foy.

POr morte deſtes Ifantes, e tutores, que dice ElRey D. Affonſo, fiquou inda em poder da Rainha Dona Maria ſua avoo, pelo quaal D. Johaõ, que diceram ho Torto, filho do Ifante D. Johaõ, que morreo na Veyga de Grada, e aſſi D. Johaõ Manuel filho do Ifante D. Manuel, e ho Ifante D. Felipe tio delRey, filho da Rainha Dona Maria, todos tres tambem contenderaõ pera ſeer tutores delRey com

com ha Rainha, ſobre que outro ſy ouve graudes diſcordias, debates, e partiçoens de que por ſeus deſvayros, ha que ſe nom achava rezoado meyo, que elles quizeſſem ſe ſeguiram outros muitos maalles, e danos ha Caſtella, porque cada huũ ſojugava, e mandava auſolutamente ha parte do Regno, que podia antre hos quaaes era ho Ifante D. Felipe, que ſeem outorga delRey, e do Regno, e por ſua ſoo vontadẽ, e cobiça procurava ſojugar, e mandar ſua parte do Regno, aſſi como fizera aa Cidade de Badalhouſe, que tinha cerquada, com que ſua teerra eſtragava de todo.

E eſtando ElRey D. Diniz em Santarem, ElRey D. Affonſo ſeu neto lhe enviou pedir q̃ por quanto elle eſtava em Valhadolid donde ainda nom podia ſahir; nem remediar por ſy ho maal, e danos, que ho Ifante D. Felipe fazia, que lhe rogava muy afiquadamente, que ſe lembraſſe da ajuda, e defença que muytas vezes lhe prometera, e que em comprimento della mandaſſe dizer aho Ifante D. Felipe, que ceſſaſſe, e ſe apartaſſe daquella teerra, e dos maalles que nella fazia. E quando por reſpeyto delRey D. Diniz ho nom quizeſſe fazer, que entam ho fizeſſe por aquella Cidade, e por ſeus vizinhos, como em ſimilhante cazo elle faria por outros ſeus naturaaes, que taal padeceſſem.

Aho quaal ElRey D. Diniz reſpondeo, que muy degrado ho faria como elle por obra logo veria, pelo quaal eſcreveo com trigança aho Ifante D. Affonſo ſeu filho, ha que quiz dar eſte cargo por moor autoridade, que elle mandaſſe, como mandou dizer aho Ifante D. Felipe, que por muitas cauzas, que lhe apontou, nom fizeſſe dano, nem maal alhos da Cidade de Badalhouſe, e ſe alevantaſſe de ſobre ella, e que ſe ho fizeſſe, que lho gradeceria muito, e quando nom quizeſſe que elle em peſſoa lho defenderia, e porque ho Ifante D. Felipe reſpondeo aho Ifante, mais duro q̃ temperado, ElRey D. Diniz, que deſta repoſta foy avizado ouve della, e do Ifante D. Felipe grande deſprazer, e mãdou logo ha todos ſeus vaſſalos, que com ſuas gentes, e armas ſe foſſem pera ho Ifante ſeu filho, aho quaal ſe ajũtou grãde poder, cõ ho quaal moveo pera Badalhouſe, e ho Ifante D. Felipe ſabendo de ſua yda, e do poder que levava, alevantouſe forçado, e foy pera Sevilha, e ho Ifante D. Affonſo chegou ha Elvas onde vio alguũas duvidas, que antre hos da Villa, e Badalhouſe ſobre ſeus termos, e tomadias avia, e depois de hos concordar, ſe tornou pera Santarem onde era ElRey, e daý ſe foy pera Coimbra onde tinha ſua molher, e aſento de ſua caza.

CA-

CAPITULO XXVIII.

Como ho Ifante D. Affonſo requereo ha ElRey D. Diniz ſeu padre, que fizeſſe Cortes aas quaaes depois nom quis vir.

AVendo jaa huũ anno, e ſete mezes, que ha concordia antre ElRey, e ho Ifante era feyta por alguũas cauzas, e razoens, que alegou da minguoa de Juſtiça, e outros defeytos, que dizia aver no Regno, lhe pedio, que pera remedio de tudo fizeſſe, e quizeſſe fazer Cortes, has quaaes ElRey por nom aver dellas tanta neceſſidade quizera eſcuzar, em fim por ſatisfazer aho Ifante, e aſſi pera notifiquar ahos fidalgos, e poovos hos aggravos, e nojos, que do Ifante depois de ſuas avenças recebera, prouvelhe fazelas em Lixboa pera onde chamou ſeus poovos, como em taal cazo hee coſtume, onde tambem foy ho Ifante, e ho dia em que ſe ouve de fazer ha fala pubriqua, e propoſiçaõ coſtumada, ElRey mãdou dizer aho Ifante, que vieſſe aas Cortes pera nellas eſtar comoha elle em taal auto convinha, e ho Ifante ſe eſcuzou fazelo, e de tantas delongas, e ſeem razoens uzou aacerqua deſſo, q̃ ElRey ouve por beem cometelas ſeem elle, e porq̃ ElRey vio que ho Ifante em todo ſe deſviava do que lhe tinha jurado, e prometido porque ho Conde D. Pedro ſeu filho, era peſſoa de giãde credito aacerqua do Ifante, e tinha grande caza lhe dice: *Que ſe lembraſſe da menagem, e juramento, que em Pombal fizera, e que hos nom quebraſſe, nem foſſe por alguũ reſpeyto contra ſeu ſerviço.* E eſto lhe dice por alguũs alevantamentos, que no Ifante jaa ſentia. E ho Conde lhe reſpondeo: *Senhor, eu ſey beem ho que ſobreſſo devo fazer, e de my ſe dee ſeguro, que nunqua vos venha nojo, nem deſprazer, nem deſſerviço, porque beem conheço, que nom aa peſſoa neſte mundo ha que tam obrigado ſeja como ha voos.* E ſobreſta ſegurança dice, que com ſua licença, ſe queria yr ha Santarem com ho Ifante, e que na jornada ho nom deſerveria, e que logo ſe tornaria pera elle, e aſſi ho fez.

CAPITULO XXIX.

Como ho Ifante ſobre huũa vinda, que contra vontade delRey quizera fazer ha Lixboa, foram perto de pelejar, e porque ho leyxaram de fazer.

PAſſadas eſtas couzas, e has Cortes acabadas eſtando ainda ElRey D. Diniz em Lixboa foy certifiquado, que ho Ifante ſeu filho de Santarem onde eſtava queria y vir, e porque ſoube que nom vinha com ſam propozito lhe mandou rogar,

rogar, e encomendar por ſua bençam, e ſobpena de maldiçam de Deos, e da ſua, que por aquella vez eſcuzaſſe ſua yda, e ho nom quizeſſe neſſo anojar, pois ſabia que taal yda ha elle nom relevava, e podia cauzar muito maal, e ho Ifante lhe enviou dizer, que nom ſabia razaõ porque lhe pezaſſe ſendo ſeu filho, q̃ vieſſe ha Lixboa, onde elle eſtava pera ho ver, e ſervir, e que por eſſo nom avia de leyxar dyr. E deſta determinaçam que ho Ifante tomou, pezou muito ha ElRey, e foy por eſſo contra elle acezo em grande ſanha, e ſabeendo que ho Ifante toda via proſeguia ſeu caminho, e q̃ era jaa no Lumiar, ſayo contra elle com ſuas gentes armadas, e em ſaindo lhe mandou dizer, que logo ſe tornaſſe por beem, e quando nom que ho faria tornar por maal, e com ſeu pezar. E ho Ifante ho nom quiz fazer, antes abalou, e ſe poz junto com ElRey procurando todavia contra ſua vontade entrar em Lixboa, e hos delRey concertandoſe por ſeu mandado pera lhe defender ha entrada, foram de huũa parte, e da outra poſtas, e ordenadas ſuas azes pera batalha, e nellas alevantadas huũas meſmas bandeyras das Quinas contrayras, e pera eſſo jaa toquadas trombetas, e anafins, que traziam em ſe começando alguũa rotura antre hos homens bayxos, alguũs dambalas partes ſe diz, que morreram de pedras, e dardos, que ſe arremeſſavaõ.

E com eſta triſte nova, que aa Rainha chegou, ella por eſcuzar com ſua ſancta peſſoa outra mayor rotura antre ho pay, e ho filho, com grande pezar cavalgou em huũa mula, e paſſando por meyo das azes ſeem alguũa peſſoa yr diante, nem ha levar pela redea, nem tam pouquo eſperar pela companhia, que ha ella por ſua Reaal peſſoa ſe devia, e ſeem medo dos muitos perigos ha que ſe oferecia, chegou logo aho Ifante ſeu filho, ha que eſtranhou ho cazo muito de taal vinda pois era contra vontade delRey ſeu padre, acuzando-o pela quebra da menagem que dera, e dos grandes juramentos q̃ em Pombal ha Deos fizera, rogandolhe que ſe tornaſſe, e nom anojaſſe ha ElRey em tantas couzas, e aho menos ho fizeſſe por ſeu amor della que por elle, e por ſeu rogo tinha feytos hos juramentos, e prometimentos, que ſabia, hos quaaes porpoſta ha conciencia, e honeſtidade hos via por elle de todo quebrados, e ſobreſto tornou logo ha ElRey cuja ira poz em taal temperança com que outra vez tratou avença antre elles.

Donde ſe diz, que ho Ifante jaà ſobre concordia com ſoo ſeis de cavallo veo falar ha ElRey, e pedirlhe perdam, dizendo, que lhe obedeceria em todo, como ha ElRey ſeu padre, e ſeu Senhor, e q̃ ElRey lhe reſpondera, que ha elle nom agradecia ſua taal obediencia, mas aaquelles ſeus boons, e naturaaes vaſſallos que com elle eſtavam, dizendolhe que ſe partiſſe ſe quizeſ-

ſe,

ſe, e ſeria beem aconcelhado fazello, e que onde quer que foſſe ſe mais lhe dezobedeceſſe laa ho iria tomar pela garganta. E com eſto ho mandou yr ha Santarem, e ElRey ſe tornou ha Lixboa.

CAPITULO XXX.

Como has gentes delRey, e do Ifante pelejaram ſobreſto em Santarem, e do que ſe fez.

PAſſados alguũs dias depois deſte alvoroço, ElRey ſe foy de Lixboa pera Santarem, e entrando no termo da Villa foy avizado no caminho, que hos moradores della por mandado do Ifante que y era, eſtavam pera ho nom acolher na Villa, mas ElRey com quanto avia entam grandes chuvas nom leyxou por eſſo de continuar ſeu caminho, e foy pouzar ha hũas cazas, que foram de Rodrigo Affonſo Redondo, e hos ſeus ſe agazalharam em muy eſtreyto lugar que hos do Ifante lhe leyxaram, e ſobre comer por razoens, que hos do Ifante ouveram com hos delRey, ſe alevantou huũ grande, e perigoſo aroido ha que ElRey, e ho Ifante acodiram em peſſoas cada huũ ha ſeu bando apartado, e porém depois de alguũs mortos, e feridos dambalas partes foy procurada, e poſta tregoa ſobre ha tarde antre ElRey, e ho Ifante, e hos ſeus, e porque hos Cavalleyros, e nobres homens que ſe acharaõ neſtas roturas, e pelejas, vendo ho grãde dano, q̃ delles ſeem cauza ſe ſeguia, pediram ha ElRey por mercee, que por muitas cauzas, e razões muy urgentes, que lhe alegaram lhes deſſe licença pera entenderem finalmente em ſua concordia com ho Ifante.

Aho que ElRey reſpondeo muy aſpero: nom querendo que ſobre tantas paazes, e tantas concordias firmadas, e menagens taõ ſeem cauza quebradas ſe fizeſſem mais outras com tanta quebra, e deſprezo, mas que queria caſtigar ho Ifante como merecia, e como faria ha huũ ſeu imigo mortaal. E porém tanto aprofiaram aquelles Senhores com ElRey, e aſſi terçaram Affonſo Sanches, e ho Conde D. Pedro ſeus filhos, que ElRey aprouve eſtar ha todo boom remedio, e aſſeceguo que antre elles ſe deſſe, polo quaal ſe diz, que hos Cavalleyros, e Eſcudeyros que ElRey conſigo aly tinha, eram por todos quorenta, e hos do Ifante trezentos e vinte, e huns deſtes ſe ajuntaraõ aho Moeſteyro de S. Domingos das Donas, e hos outros em Sancta Maria de Marvilla, e eſtes eſcolheram vinte e coatro peſſoas, homens de beem, e de conciencia, e de booa inclinaçam, ha ſaber, doze por parte delRey, e doze por parte do Ifante, que logo foram nomeados, hos quaaes determinaſſem, e compuzeſſem todolos debates, e contendas, que entam avia antre ElRey,

e ho Ifante, e que ſua determinaçam, e compoſiçaõ foſſe inteyramente guardade, e comprida, e foſſe por maneyra feyta, que della nom ſe ſeguiſſem mais deſvayros, ſeguũdo ſe logo apontaram, e nomearam outras peſſoas, que tudo dentro de ſeſſenta dias tornaſſem logo ha concordar em toda ſua proſperidade, e quaalquer dos delRey, e do Ifante que contrayro foſſe, que pelo meſmo feyto cayſſe em cazo de treyçam, e nom ſe de livrar ſe nom poendo ſeu corpo ha quatro Cavalleyros, que lho quizeſſem combater, e nom ho fazendo, que ficaſſe encartado, e quaalquer do povo ho podeſſe matar ſeem pena.

E aly pedio ho Ifante ha ElRey, por grande mercee, que tiraſſe ha Affonſo Sanches ſeu filho, ha teerra, e has quantias dos maravedis, que delle tinha, e aſſi ho officio de ſeu Mordomo, e ha Mem Rodrigues de Vaſconcellos ho Meyrinhado moor. Ha que ElRey reſpondeo: *Que lhe parecia couza muito contra razaõ, e ſeem juſtiça dar ha eſtes pena ſeẽ culpa, e fazerlhes maal tendolhe beem mercee merecida, e que fazendolho nom ſabia, que conta daria deſſo ha Deos, e aho mundo, aho que por ſua Reaal dinidade era obriguado,* e porém por comprir, e aſegurar ha vontade do Ifante ſeu filho prouvelhe outorgar todo o que quiz, e lhe pedio.

E deſta vez ſe partio Affonſo Sanches pera Albuquerque cujo era, e fiquou vaſſallo delRey de Caſtella. E aſſi foram de huũa parte, e da outra perdoados neſta concordia todos aquelles que ſerviram, e ſeguiram quaalquer partido, e aſſi que ſe fizeſſe entrega das couzas, que nas pelejas foram tomadas. E concordaram mais, que ſe ho Ifante D. Pedro filho do dicto Ifante D. Affonſo, que jaa era nacido vieſſe em taal idade, que ſaindo do mandado de ſeu padre. quizeſſe vir contra ElRey D. Diniz ſeu avoo, que ho Ifante ſeu padre ſempre foſſe contra elle com ElRey ſeu padre, e ſeem elle. E aſſi concordaram, que foſſe dado mais certa contia de dinheyro aho dicto Ifante D. Affonſo, e que nunqua mais lhe podeſſe pedir, nem ElRey dar, e que pera ſegurança de todo ſe pozeſſem de cada parte dous Caſtellos, dos quaaes ho Ifante polla ſua poz ho Caſtello de Gaya, e ho Caſtello da Feyra, e ElRey ho Caſtello de Celorico da Beyra, e ho de Faria.

E foram aſſinados quatro Juizes logo nomeados pera determinaçaõ, ſeem revogaçaõ de todalas duvidas e debates que antre ElRey, e ho Ifante ouveſſe, hos quaaes nom podeſſem eſtar, nem eſtiveſſem nos Lugares onde taaes Juizes ſe ouveſſem de fazer, e que ha parte deſobediente, e danifiquada hos Caſtellos da outra revel foſſem logo entregues, e que ha parte deſobediente pagaſſe mais duzentas livras de pena has quaaes repartiſſem hos Juizes, e Fidalgos do Regno antre ſy, e q̃ hos Fidalgos, e nobres do

Reg-

Regno ſobpena de treyçaõ hos fizeſſẽ pagar inteyramente ha quaalquer, que eſta concordia quebrantaſſe, e com ha dicta pena logo elles ſe vieſſem, e ſerviſſem ha ElRey, ou aho Iſante quaalquer deſtes, que aas determinaçoens dos Juizes foſſe obediente, e eſtas concordias, e convenças foram feytas em Santarem ha vinte e ſinquo de Fevereyro do anno de mil trezentos e vinte e quatro, huũ anno antes da morte delRey, que ſe tornou ha Lixboa, e ho Iſante ha Coimbra.

1324.

CAPITULO XXXI.

Da morte delRey D. Diniz.

DEpois deſtas concordias acabadas, ElRey D. Diniz ſe foy ha Lixboa como dice, e da y ha huũ anno ſe partio da dicta Cidade, e ſe tornou pera Santarem, e indo aacerqua do Lugar, que ſe diz Villa nova adoeceo de infirmidade, que conſigo traaz todalas dores, e accidentes mortaaes de que ſe ſentio mais maal tratado, e hó Iſante ſeu filho, que era em Leyria avizado deſſo por ha Rainha Dona Iſabel ſua mãy, que era com ElRey ho veo logo vizitar, e concordaraõ de ho levarem ha Santarem em andas, e em colos de homens, e ha y jouve doente por alguũ tẽpo ſeem alguũ melhoramento, na quaal ha Rainha ſempre foy prezente, e nas couzas de ſua cura, e remedios era mais deligente, e humildoza que quaalquer outra ſimpres molher, que em ſemilhantes neceſſidades nom teem quem has eſcuze, e vendo ella que has afiquadas dores, e payxoens da doença delRey eram continuas, e pareciam mortaaes, duvidando da vida delRey eſtando em ſua Camara, e prezente alguũs, que y eram, dice ha todos neſta maneyra.

Porque eu tenho grande eſperança em Jeſu Chriſto meu Senhor, e nom menos confiança na Glorioza Virgem ſua Madre, e aſſi ſingular devaçam na Ordem, e Abito de Sancta Clara, aſſi como ſempre ha tiveram aquelles de que deſcendo, ſempre puz em minha vontade, que falecendo primeyro ElRey meu Senhor, e marido, eu acabar ha vida no dicto Abito, e por eſſo ho tenho feyto, e aa muitos dias q̃ comigo ho trago, e em minha arqua, por taal q̃ ſe por ventura aconteceſſe delRey meu Senhor, primeyro que eu falecer, ho que Deos nom queyra, eu veſtiſſe logo ho dicto Abito por lembrança de minha triſteza, e por ſinal de tamanha mudança deſtado, que eu mais nom devo teer, nem por fazer no dicto Abito profiſſam, nem obedecer ha alguũa Ordem que nom hee minha tençam fazello. Eſpeciaalmente porque eu por minha idade, e grandes infirmidades nom poderia ſoportar hos grandes encargos, e trabalhos da Religiam, mas poſto que eu eſte Abito viſta, e traga, por eſſo nom leyxarey minha Caza, nem has Donas, e Donzelas, que comigo vivem, mas prazendo ha Deos, eſpero

eſpero trazer eſtas, e tomar outras como filhas, e irmaãs, e cazallas, e aviallas com ho que eu poder de meus beens, e fazenda, porque como dice, eu proponho nom fazer profiſſaõ neſta Ordem, nem em outra alguũa, nem tenho em alguũa feyto voto pubriquo ſolene, nem ſecreto, e eſto digo porque em cazo, que no meu corpo viſta ho dicto Abito, que minha alma fique livre pera de minha fazenda ſeem alguũ outro cargo, nem obrigaçam de Rellgiam poder deſpoer livremente todo ho que por beem tiver, e aſſi ho tenho dicto, e decrarado muitas vezes aho Ifante D. Affonſo meu filho, e ha Frey Johaõ meu Confeſſor.

E com eſto ſendo ha doença del-Rey cada vez mais perigoza, e mortaal, teendo muy craro conhecimento, que hos dias de ſua vida ſe acabavam, elle como Princepe virtuozo, prudente, e muy catolico, proveo ſeu teſtamento, que tinha feyto cõ grande devaçam, e muito temor de Deos, e ho confirmou, no quaal mandou, que ho ſeu corpo ſe enterraſſe no ſeu Moeſteyro de S. Diniz Dodivellas da Ordem de Ciſtel, ou de S. Bernardo, que elle de novo fundou, e dotou, no quaal entam avia oytenta Freyras de Cogula com voto de ençarramento, que nom teem has dos outros Moeſteyros deſta Ordem, e em que jaa tinha feyta ſua ſepultura, e de ſua fazenda, apartou no dicto teſtamẽto pera ſoos deſcargos de ſua alma, trezentas e ſinquoenta livras, que taxadas pelo preço dagora ha razam da valia da prata, e ouro, que daquelle tempo tinham ho valor, e preço, que agora teem hos ducados, e cruzados douro, como muitas vezes jaa dice, e eſta ſoma mandou q̃ logo ſe tiraſſe da torre do tezouro de Lixboa, que agora hee do Tombo em que tinha grandes tezouros, e ſe entregaſſem ha ſeus teſtamenteyros, de que ho principaal foy ha Rainha Dona Iſabel ſua molher, e ha eſtes mandou, que tiveſſem eſte dinheyro de ſua maão no tezouro da See da dicta Cidade, de que cada huũ tiveſſe ſua chave pera nom aver embargo, nem eſtorvo quando delle quizeſſem deſpender, e comprir hos legados, e couzas, que ordenava, e leyxou ha ſua Capella toda aho dicto Moeſteyro Dodivellas.

E toda outra ſua fazenda, e bayxellas douro, e prata, joyas, e colares, pedrarias, e panos aho Ifante D. Affonſo ſeu filho erdeyro, e deſtes cento e corenta mil cruzados ordenou muitas, e grandes eſmolas repartidas por todolos Moeſteyros, e Eſpritaaes, e Cazas piedozas do Regno, e aſſi certa ſoma pera cazamentos de moças orfaãs, e pera criaçam de meninos engeytados, e tambem dellas ordenou, que huũ Cavalleyro de booa vida, e vergonhoſa eſtiveſſe em Jeruſalem, e ſerviſſe por elle na guerra contra hos infieis dous annos, e pera eſto ordenou tres mil livras, que eraõ mil e duzentos cruzados, e quando ſe

nom

nom achaſſe taal Cavalleyro, ou nom ouveſſe deſpoliçam pera yr ha Ultra-maar, que eſte dinheyro ſe converteſſe em veſtir pobres, e envergonhados, e outro ſy ordenou, que outro boom homem de booa vida, foſſe eſtar em Roma duas quarentenas, e que por elle andaſſe todalas Eſtaçoens em que ganham has Indulgencias plenarias, e ha eſte ordenou mil livras, e depois deſto confeçando ſeus peccados com grande contriçaõ, e arrependimento delles, recebendo ho Corpo de N. Senhor, e todolos outros Sacramentos como Rey muy Catolico, e fiel Chriſtaão acabou ha vida dãdo ſua alma ha Deos em Santarem, ha ſete dias de Janeyro do anno de mil trezentos e vinte ſinquo, em idade de ſeſſenta, e quatro annos, dos quaaes Regnou quorenta e ſeis.

E ha Rainha que era prezente ſe apartou logo em huũa Camara, e das maãos de huũas Freyras ſeculares, que conſigo trazia recebeo logo, e veſtio ho Abito de Sancta Clara, que trazia feyto, como jaa dice, e ſendo nelle veſtida ante de ſe fazer do corpo delRey alguũa mudança, ella prezente muitas que ha ouviam, dice eſtas palavras: *Pois Deos por ſeu grande poder, e profundo Juizo ouve por beem, que ha morte delRey meu Senhor, e marido ante paſſaſſe ha minha, e ſeem ſua vida eu fiquo, e ſam tanto como morta, e de razam eu jaa morri com elle, e por eſſo eu quis logo mudar hos veſtidos, e trajos que vedes, que ſam eſte Abito pardo cingido com eſta corda, e eſte veeo branquo, que ponho ſobre minha cabeça porque ha vida, que ſeem elle viver ſeja com doo, e triſteza pera ſempre, e eſto nom faço por ſeer Freyra, nem teer feyto alguũ voto, e obrigaçam de Religiam como teenho dicto, mas por minha humildade, porque nelle ſirva ha Deos, nas couzas em que ha ſua graça me ajudar.*

E com eſto acabado ho corpo delRey fiquou concertado, como devia, e com muitas tochas acezas, e acompanhado da meſma Rainha, e do Ifante D. Affanſo ſeu filho, e do Conde D. Pedro, e D. Johaõ Affonſo, e doutros Prelados, e riquos, e nobres homens do Regno, que aly eram juntos, e aſſi de muitos Clerigos, e Religiozos que com elle yaõ rezando, e encomendando ſua alma ha Deos, foy levado aho dicto ſeu Moeſteyro de S. Diniz Dodivellas, onde nom ſeem grandes prantos, e lamentaçoens foy metido em ſua ordenada ſepultura, e depois de ſeu enterramento, fiquou y ha Rainha por alguũ tempo comprindo ſeus legados, e fazendo outras muitas eſmolas, devaçoens, e oraçõeſ, por beneficio, e deſcargo de ſua alma. E da vida que depois eſta Rainha, e como acabou, e quantos milagres fez Deos por ſeus rogos, e merecimẽtos, e onde jaas, direy na Coronica delRey D. Affonſo ſeu filho, em cujo tempo, e Regnado ella depois faleceo, que foy onze annos depois da morte delRey D. Diniz, como ſe diraa.

CA-

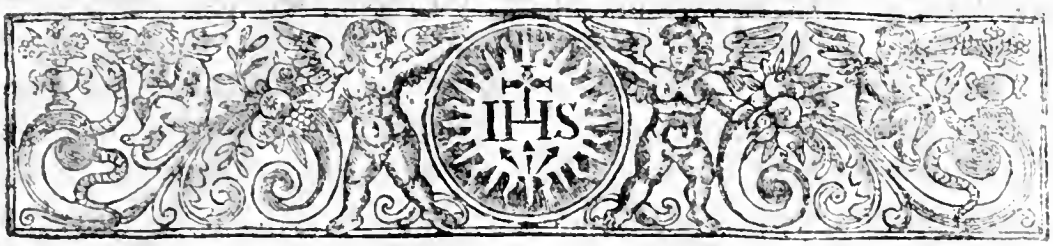
CAPITULO XXXII.

Das obras, e couzas notaveis, que ElRey D. Diniz fez em ſua vida.

HAs obras, e feyçoens, e couzas notaveis que eſte muy excellente Rey D.Diniz fez em toda ſua vida aalem das que neſta Coronica tenho eſcritas, em cazo que por deſvayrados tempos has fizeſſe, e mandaſſe fazer, porque da certidam dos annos, e tempos em que ſemelhantes obras ſe fizeram, eſta Eſtoria que delle eſcrevo, nem hos que ha lerem nom teem alguũa final neceſſidade, e aſſi juntas ſe comprendem, e entendem melhor, por tanto has reſervey pera eſte derradeyro capitolo, e has mais principaaes ſaõ eſtas, primeyramente elle fez muitas Lex, e Ordenaçoens em ſeu tempo, e deu boons foraaes ha muitos Lugares de ſeus Regnos, fez ho Eſtudo de Coimbra, que foy ho primeyro de Portugal, e fez ho primeyro Meſtre de San-Tiaguo izento de Caſtella, e ordenou primeyramente ha Ordem de Chriſto, e fez nella ho primeyro Meſtre, como jaa dice. Eſte Rey em ſeu tempo fez quazi de novo todalas Villas, e Caſtellos de riba Dodiaana, ha ſaber: Serpa, Moura, Olivença, Campo mayor, Ouguella, cujos alcaceres, e Caſtellos fez de fundamento com muitas deſpezas, e aſſi fez na dicta Comarqua dantre Tejo, e Odiana hos Caſtellos de Monforte, e Darronches, Portalegre, e Marvam, Alegrete, Caſtello Davide, Borba, Villa Viçoza, Arrayolos, Evora monte, Veyros, e ho Alandroal, Monçaraas, e Noudar, e acreſcentou ho Caſtello de Jurumenha, e fez ho Redondo, e ho Aſſumar, e fez ha Torre, e Alcacer de Beja, e na Comarqua da Beyra, e riba de Coa, fez de novo eſtes Caſtellos, ha ſaber, Avoo, que agora hee do Biſpo de Coimbra, ho Sabugal, Alfayates, Caſtel Rodriguo, Villar mayor, Caſtel boom Almeyda, Caſtel melhor, Caſtel mendo, Sam Felizes dos Galegos, que tem agora Caſtella, e nom fez ho Caſtello de Monforte de riba de Coa, que tambeem lhe foy dado por eſtar em maa deſpoziçam da teerra, e ſua força pera defençaõ do Regno, nom ſeer muito neceſſaria, fez mais Pinhel, e ſeu Caſtello, e nas Comarquas dantre Douro, e Minho, e Tralos montes fez eſtas Villas, e Fortalezas, ha ſaber, cerquou Guimaraães da cerqua, que agora teem, e Braga, e Miranda de Douro, e ſeu Caſtello, e Monçam, e Craſto Laboreyro, e povoou de novo, e fez hos Caſtellos de Vinhaes, e Villa frol, Alfandega, Mirandella, Freyxo Deſpada Cinta, Villa nova de Cerveyra, e fez de novo, e do primeyro fundamento Villa Real, que fazem numero de corenta, e coatro Villas, Caſtellos, e Fortalezas do Regno, de que alguũas

guũas fez novamente, e outras reformou, e fez de novo hos Caſtellos, e aſſi fez outras muitas povoaçoens, aſſi como Muja, Salvateerra, Atalaya, Ceyceyra, Montargil, e outras ſemilhantes, e fez ha rua nova de Lixboa, e aſſi ho Moeſteyro de Sam Diniz Dodivellas em que jaas, ho quaal logo ha pouquos annos, que Regnou mandou começar, e em ſua vida ſe acabou em dès annos, e foy logo dado aas molheres Monjas, pera que foy ordenado, porque ho Moeſteyro de Sancta Clara de Coimbra fez, e dotou ha Rainha Dona Iſabel ſua molher, e nelle jaas, como aho diante direy.

DEO GRATIAS.



INDEX

DAS COUZAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

ElReyD. Affonſo III. DE Portugal, em que dia, e anno falleceo. p. 1. Fez doaçaõ das Villas de Portalegre, e Marvaõ, e dos Caſtellos da Vide, e Arronches a ſeu filho o Infante D. Affonſo. pag. 16.

D. Affonſo, Chamado o Caſto filho de D. Pedro Undecimo Rey de Aragaõ, naõ cazou mas morreo Religiozo Franciſcano. p. 7.

D. Affonſo, Rey de Caſtella, Avo delRey D. Diniz de Portugal, fez doaçaõ a ſua filha a Rainha Dona Breatriz, mãy do dito Rey D. Diniz, das Villas de Niebla, Serpa, Moura, e Mouraõ. pag. 13

Principe D. Affonſo. Filho herdeiro delRey D. Diniz em que anno, e lugar naceo. pag. 14. Tendo ſete annos, lhe nomeou ſeu pay officiaes para a ſua caza. pag. 35. Em que parte ſe recebeo cõ a Infante Dona Beatriz. pag. 35. Diſcordias, que teve injuſtas cõ ſeu pay. pag. 61. e 62. Parte para Caſtella contra vontade de ſeu pay. pag. 63. Intenta matar a ſeu irmaõ Affonſo Sanches, e quanto machinou para eſte fim. pag. 64. Continua em machinar novas falſidades contra ſeu irmaõ. pag. 70. He avizado pelo Papa Joaõ XXII. a que deziſta do odio contra ſeu irmaõ, e naõ ceſſa de o perſeguir. pag. 73. Intenta batalhar com ſeu pay, mas deziſte deſte intento. pag. 74. Toma os Caſtellos de Coimbra, Montemor, e Feira, e a Cidade do Porto. pag. 77. Faz levantar o ſitio que tinha poſto a Badajos o Infante D. Felippe. pag. 86.

Infante D. Affonſo, Filho delRey D. Affonſo III. de Portugal, cazou

zou cõ Dona Violante, filha do Infante D. Manoel, filho delRey D. Fernando II. de Caſtella, e da Infante Dona Conſtança. pag.16. Que filhos teve deſte matrimonio. pag.16. Deulhe ſeu pay as Villas de Portalegre, e Marvaõ, e os Caſtellos da Vide, e Arronches. ibi. Differenças que teve com ſeu irmaõ ElRey D.Diniz. ibi. Fez guerra a ſeu irmaõ, e mata a D. Lopo Conde, e ſenhor de Biſcaya, e a D. Diogo Lopes de Campos. pag. 17. Cede das contendas, que tinha com ſeu irmaõ por intervençaõ de ſua cunhada Santa Iſabel, pag. 18. Em que anno falleceo, e onde eſtá enterrado. ibi.

Infante D. Affonſo, Filho do Infante D. Affonſo, e Dona Conſtança filha de D. Jaymes primeiro Rey de Aragaõ, e neto delRey D. Affonſo III. de Portugal, foy ſenhor de Leiria, e falleceo ſem filhos. pag. 16.

Affonſo Pires de Guſmaõ, Acompanhado de muitos Capitaens entra em Portugal onde obra algũas hoſtilidades, e priziona novecentos homens. pag.26.

D. Affonſo Sanches, Chamado de Albuquerque, foy filho natural delRey D. Diniz. pag. 14. Seu filho D. Joaõ Affonſo de Albuquerque cazou cõ Dona Iſabel, filha de D. Tello, e Dona Maria neta delRey D. Affonſo III. de Portugal. pag. 16. He notavelmente aborrecido por ſeu irmaõ o Principe D. Affonſo. pag. 64. e 70.

Arronches, O ſeu Caſtello, foy doado por ElRey D. Affonſo III. de Portugal a ſeu filho o Infante D. Affonſo. pag. 16. He cercado por ElRey D. Diniz. pag. 18.

B

Dona Beatriz, Mãy delRey D. Diniz, foy ſenhora das Villas de Niebla, Serpa, Moura, e Mouraõ por doaçaõ que dellas lhe fez ſeu pay D. Affonſo Rey de Caſtella. pag. 13

Benedicto XI. Manda Nuncio para pacificar a ElRey D. Fernando de Caſtella com ElRey D. Jayme de Aragaõ, e o Infante D. Affonſo de Lacerda. pag. 38. Inſinua a ElRey D. Diniz, que ſeja medianeiro neſtas pazes. pag. 37.

Dona Branca, Filha de Pedre Annes de Portel, cazou com D. Pedro filho natural delRey D. Diniz. pap. 14.

C

Carlos, IRmaõ de S. Luis Rey de França, recebe a inveſtidura dos Reynos de Secilia, e Napoles do Papa Urbano IV. e vence na batalha de Benavente a Manfreu Rey de ambas as Sicilias, na qual morreo. pag. 6. Cerca a Cidade de Meſſina, e levanta

vanta o ſitio. pag.7. Queixa-ſe ao Papa Martinho IV. da violencia com que o queria deſpojar de Secilia ElRey D. Pedro de Aragaõ. ibi. Dezafia a eſte Rey para Bordeos. pag.8. Morre em Meſſina. ibi.

Celeſtino V. Confirma o privilegio concedido por ſeu Anteceſſor Niculao IV. de que ſe elegeſſe Meſtre da Ordem de San-Tiago em Portugal independente do de Caſtella. pag.48

Clemente V. Como foy eleito,e das promeſſas, que fez a ElRey Felippe de França chamado o Fermozo. pag. 52.

Rainha Dona Conſtança, Filha de Manfreu Rey de ambas Secilias, mulher delRey D. Pedro de Aragaõ, e mãy da Infante Dona Iſabel, que cazou com ElRey D. Diniz de Portugal. pag.3.

Dona Conſtança, Filha de D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e a Rainha Dona Violante, cazou cõ o Infante dẽ Caſtella D.Manoel, Avo da Infante Dona Conſtança mulher, que foy delRey D. Pedro I. de Portugal. pag. 5.

Dona Conſtança, Filha delRey D. Diniz de Portugal, e a Rainha Santa Iſabel, cazou com D Fernando III. de Caſtella.pag.14.

Dona Conſtança, Filha dos Infantes D.Affonſo, e Dona Violante, foy cazada com Nuno Gonſalves de Lara de quem naõ teve geraçaõ. pag. 16.

D

ElRey D.Diniz, EM que tempo foy aclamado Rey, e que idade tinha. pag. 1. Virtudes, e acções heroicas, que praticou. pag.1. e 2. Hoſpedou magnificamente no ſeu Reyno a peſſoas muito grandes de Caſtella. pag. 2. Prendeo a Joaõ Nunes de Lara, ſenhor de Biſcaya, e o ſoltou fazendolhe grãdes merces. pag.3. Caza com a Infãte Dona Iſabel,filha delRey D. Pedro IV. de Aragaõ, e que idade tinha quando ſe recebeo. pag. 4. Celebraõſe eſtes deſpozorios em Trancozo.pag.10.Filhos legitimos, e naturaes que teve. pag. 14. Diferenças, que teve cõ ſeu irmaõ o Infante D. Affonſo.pag.16. Aviſta-ſe com ElRey D.Sancho de Caſtella, e ajuſta com elle os cazamentos de ſeus filhos D. Affonſo, e Dona Conſtança. pag. 17. Ordena a ſeu irmaõ D. Affonſo, que ſe naõ faça hoſtilidade algũa contra D. Sancho de Caſtella, e lhe naõ obedece. ibi. Manda cercar Arronches, Mouraõ, e Portalegre, onde eſtava ſeu irmaõ. pag. 18. Por intervençaõ de ſua Eſpoza Santa Iſabel ſe pacifica cõ ſeu irmaõ, e eſte lhe entrega as Villas,e Caſtellos,que tinha em ſeu poder. ibi. Manda Embayxadores a ElRey de Caſtella D.

Sancho porque lhe lárgue os Lugares,que lhe tem uzurpado. pag.20. Por morte de D.Sancho manda novos Embayxadores a ſeu filho D. Fernando, e do que lhe diſſeraõ os Embayxadores,e de como ſe concertaraõ eſtes Princepes. pag. 23. Prepara-ſe com exercito para vingar a incõſtancia das promeſſas delRey de Caſtella.pag.24. Recebe por ſeu vaſſallo a D.Sancho de Ledeſma, filho dos Infantes D. Pedro, e Dona Margarida, e lhe aſſima copioza renda. ibi. Entra por Caſtella com exercito, onde faz muitas hoſtilidades. pag.25. Toma o Caſtello de Medina.ibi. Hé ſolicitado por ElRey de Caſtella a q̃ celebre cõ elle pazes, e aſſim o executa. pag.28. Aviſta-ſe em Alcanizes com ElRey de Caſtella para ajuſtar as pazes, e os cazamentos mutuos de ſeus filhos, e de q̃ modo ſe celebrou eſte acto. pag.28. e 29. Parte de Alcanizes donde traz em ſua companhia a Dona Beatriz, filha delRey D.Fernando de Caſtella,para molher de ſeu filho D. Affonſo. pag.35. Das peſſoas q̃ nomeou para officiaes da Caza que fez ao Principe ſeu filho. pag. 35. Eſcrevelhe o Papa Benedicto XI.para que ſeja medianeiro entre as diſcordias delRey de Caſtella, e o de Aragaõ. pag. 39. Parte a Caſtella acompanhado da Rainha Santa Iſabel, e muitos Cavalheiros a compor as diſcordias, que havia entre os Reys de Caſtella,e Aragaõ.pag. 40. Paſſa a Granada com Santa Iſabel, onde he recebido magnificamẽte por ElRey D. Jaymes, e a Rainha Dona Maria.pag.41. He arbitro em Tarraçona entre as contendas que havia entre D. Fernando de Caſtella, e D. Jaymes de Aragaõ ſobre o Reyno de Murcia, e como os compoz. ibi. Voltando de Tarraçona he recebido por ElRey de Caſtella, e a Rainha Dona Maria, onde deu precioſas joyas a D Affonſo de Lacerda. pag. 43. Firma pazes com os Reys de Caſtella, e Aragaõ. pag. 43. Naõ aceyta dés mil dobras de ouro a ElRey D. Jaymes de Aragaõ que lhe tinha empreſtado. pag. 43. e 44. Dá muitas, e precioſas joyas à Rainha Dona Branca, mulher delRey de Aragaõ, e aos Senhores daquella Corte. pag. 44. A meza de prata em que comia mandou dar a hum Fidalgo que por eſquecimẽto naõ tinha ſido premiado como os outros. pag. 44. Que idade tinha, e em que anno fez eſta jornada a Caſtella. ibi. Manda Martim Gonſalves de Souza ſeu Alferes mór com ſetecentos Cavallos a ElRey D. Fernando para ajuda da guerra contra os Mouros, e lhe empreſta dezaſeis mil, e ſeis marcos de prata para o meſmo fim.pag.45. Funda em Coimbra os primeiros eſtudos, que houve em Portugal,

tugal, e como alcançou do Papa Joaõ XXII. privilegios para elles. pag.47. Izenta os Cavalleiros de San-Tiago da obediencia do Meſtre de Caſtella,e inſtitue Meſtre em Portugal por Bulla de Niculao IV. pag.48. Ajuſta com D. Fernando de Caſtella, os bens dos Templarios dos ſeus Reynos naõ foſſem dados pelo Papa a outra Ordem. pag. 56. Repreſenta por ſeus Embayxadores ao Papa Joaõ XXII. naõ ſer conveniente, que as rendas dos Templarios ſe deſſem aos do Hoſpital de S. Joaõ. pag. 59. Inſtitue a Ordem Militar de Jeſu Chriſto a quem aſſina as rendas que eraõ dos Templarios. ibi. Aſſina para gaſto de ſeu filho D. Affonſo quando cazou com a Infante Dona Beatriz, alem de muitas Villas que lhe deu, outenta mil livras de prata.pag.61. Sentimento q̃ teve com a morte de ſeu neto o Infante D. Diniz. ibi. Relataõ-ſe as diſcordias que teve com o Principe ſeu filho. pag.61. e 62. Manda o proceſſo que eſte Principe tinha machinado para matar ſeu irmaõ D. Affonſo Sanches, e acha ſer falſo. pag.67. Pratica que fez na prezença dos ſeus vaſſallos quãdo deſcubrio ſer falſo tudo quãto tinha machinado o Principe ſeu filho contra D. Affonſo Sanches ſeu irmaõ.pag.67. e 68. He buſcado por ſeu filho para lhe dar batalha. pag. 24. Manda a Lourẽço Annes Redondo,q̃ mate a todos os que deraõ entrada em Santarem ao Principe ſeu filho, e aſſim ſe executa. pag. 77. Por intervençaõ da Rainha Santa Iſabel, ſe concerta com ſeu filho D. Affonſo. pag.78. e 79. Aviſtaſe em Guinaldo com a Rainha Dona Maria, e o que aqui paſſou. pag. 84. Significa aos Reys de Caſtella o ſentimento que teve com amorte dos Infantes D.Pedro, e D. Joaõ.pag.85. Pedelhe ſeu neto ElRey D. Affonſo de Caſtella os danos que fazia naquelle Reyno ſeu tio o Infante D. Felippe, e o obriga a levantar o ſitio de Badajos, pag. 86. Celebra Cortes em Lisboa, onde naõ aſſiſte o Principe D. Affonſo ſeu filho. pag.87. Sem embargo de que naõ queria que entraſſe em Lisboa ſeu filho,eſte o executa com gente armada de que ſe ſeguiraõ muitas mortes. pag.88. Em Santarem depois de huma grande contenda, ſe compoem com o Principe. pag. 89. Legados que diſpoz, antes de morrer.pag.92.e 93. Em q̃ lugar dia, e anno morreo.pag.93. Foy levado a enterrar ao Meſteyro de S. Diniz de Odivellas que elle fundara. ibi. Das açoens heroicas que obrou, e das Villas, e Cidades que fundou, e reedificou. pag. 94. e 95.

Diogo Garcia, Chanceller mór do ſello da puridade delRey D. Diniz, e Mordomo mór da Rainha

nha Dona Cõſtança ſua mulher aſſiſte em Tarraçona com o meſmo Princepe para compor as diſcordias, que havia entre D. Fernando de Caſtella, e D. Jaymes de Aragaõ. pag.42.

F

ElRey Felippe de França CHamado o Fermozo, como concorreo para ſer Pontifice Clemente V. a quem pedio que queimaſſe o corpo de Bonifacio VIII. pag. 52. A' ſua inſtancia extinguio o Papa a Ordem dos Templarios, pag.53. Morre deſgraçadamente, e que filhos deixou, pag. 60.

Infante D.Felippe, Tio delRey de Caſtella, cerca a Badajos, e he obrigado a levantar o ſitio pelo Princepe D. Affonſo, filho delRey D.Diniz, pag.85. e 86.

ElRey D. Fernando, Terceiro de Caſtella, cazou cõ Dona Conſtança filha delRey D. Diniz, e Santa Iſabel, pag.14. Com que circunſtancias, e conveniencias foy contratado eſte cazamento, pag. 19. He requerido por ElRey D.Diniz, que largue os Lugares, que lhe tinha uzurpado, e da pratica que lhe fizeraõ Joaõ Annes Redondo, e Mem Rodrigues Rebotim Embayxadores de Portugal, pag. 22. Recebe-ſe por palavras de prezente com a Infante Dona Conſtança, e da pratica que fez aos circunſtantes, pag.34. Sahe a receber a ElRey D.Diniz com o Infante D. Joaõ na Villa de Coelhar, pag. 40. Pede ſoccorro a D. Diniz para continuar a guerra contra os Mouros, e lhe manda ſetecentos cavallos, e lhe empreſta para a meſma empreza dezaſeis mil, e ſeiscentos marcos de prata pag.45. Dalhe em cauçaõ deſte empreſtimo as Cidades de Badalhouſe, Alconchel, e Brugilhos, ibi. Cerca Algezira, e levanta o ſitio, pag.46. Onde morreo, e de que idade, pag.46.

G

Gibraltar FOy tomado aos Mouros por Joaõ Nunes de Lara, pag. 46.

D. Fr. Gil Martins, He eleito primeiro Meſtre da Ordem militar de Jeſu Chriſto, inſtituida por ElRey D.Diniz, pag. 60.

Guimarães, O ſeu Caſtello he defendido por Mem Rodrigues de Vaſconcellos, contra a invaſaõ do Infante D. Affonſo, pag.77.

H

Infante D. Henrique FIlho delRey D. Joaõ o I. de Portugal, foy perpetuo adminiſtrador da Ordem de Chriſto, pag. 60.

Ho-

Honorio II. Deu regra aos Templarios, pag.49.

I

D. Jaymes DEcimo Rey de Aragaõ, e avo paterno da Infante Dona Iſabel, mulher de D.Diniz de Portugal como naceo, e a cauza porque lhe puzeraõ o nome de Jayme, pag. 4. e 5. Tomou ſegunda vez Valença de Aragaõ aos Mouros pag.5. Acabou a vida feito Mõge, ibi. Cazou cõ Dona Lianor filha delRey D. Affonſo Nono de Caſtella, e foy ſeparado pela Igreja deſte matrimonio, ibi. Caza ſegunda vez com Dona Violante, filha de D.André Rey de Ungria de quem teve muitos filhos, ibi.

D. Jaymes, Rey de Malhorca, e Minorca, foy filho de D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e da Rainha Dona Violante, pag.5.

D. Jaymes, Filho de D.Pedro Undecimo Rey de Aragaõ a quem ficou o Reyno de Secilia, foy depois Rey de Aragaõ, pag.9.

Joaõ XXII. Concede privilegios para os Eſtudos que em Coimbra inſtituio ElRey D. Diniz, pag. 47. Expede huma Bulla na qual conſola a D. Diniz nas diſcordias que tinha com o Principe ſeu filho, pag.72. Eſcreve hũa carta a eſte meſmo Principe ſobre as diſcordias, que tinha com ſeu pay, pag. 80.

D. Joaõ, Infante de Caſtella ſendo deſterrado daquelle Reyno, he recebido em Portugal por ſeu tio ElRey D.Diniz, pag.2.

D. Joaõ Affonſo, Foy filho natural delRey D.Diniz, pag.15.

Joaõ Nunes de Lara, Senhor de Biſcaya, foy prezo por ElRey D.Diniz a quem mandou ſoltar, e lhe fez grandes merces, pag.3. e 21. Tomou Gibraltar aos Mouros, pag.46.

Joaõ Velho, Com Vaſquo Pires, e Joaõ Martins ſaõ mandados por Embayxadores a Aragaõ a ajuſtar o cazamento delRey D. Diniz com a Infante Dona Iſabel filha de D. Pedro Rey de Aragaõ, pag. 3.

Rainha Santa Iſabel, Filha de D. Pedro Undecimo Rey de Aragaõ, ſendo pretendida de muitos Principes para Eſpoza, he preferido entre todos ElRey D. Diniz de Portugal, pag.3. Acõpanhada do Biſpo de Valença, e outros Cavalheiros, parte para Portugal, e como della ſe deſpidio ſeu pay, p.9. Sahe a recebella em Caſtella ſeu primo cõ irmaõ, o Infante D.Sancho, e das palavras, que lhe diſſe, pag.10. Chega a Bragança, onde he cortejada pelo Infante D. Affonſo irmaõ delRey D. Diniz, e outros Cavalheyros, ibi. Entra em Trancozo onde ſe recebeo com ElRey D. Diniz, ibi. Virtudes que praticou em toda a ſua vida, e mila-

e milagres que fez, pag. 10. 11. e 12. Por ſua intervençaõ, e deligencia, ſe ajuſtaraõ as diſcordias delRey D. Diniz com o Princepe ſeu filho. pag. 78. e 79. Segunda vez pacifica ao meſmo Princepe com ſeu pay, pag. 88. Por morte de ſeu Eſpozo ſe veſte no habito de Sãta Clara, pag. 93. Edifica o Convento deſta Santa em Coimbra, e o dorou da ſua fazenda, e nelle eſtá ſepultada, pag. 95.

D. Iſabel, Filha do Infante D. Affonſo de Portugal, e a Infante Dona Violante, foy cazada com D. Joaõ o Torto, filho do Infante D. Joaõ chamado Rey de Liaõ, pag. 16.

D. Iſabel, Filha de D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e da Rainha Dona Violante, cazou com o Princepe D. Felippe filho herdeyro de Saõ Luis Rey de França, pag. 5.

L

Rainha Dona Lianor FIlha de Affonſo Nono de Caſtella, irmãa de Dona Urraqua Rainha de Portugal, cazou cõ D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e he ſeparada de ſeu marido pela Igreja, pag. 5.

D. Lopo, Conde, e Senhor de Biſcaya, he morto em Alfaro pelo Infante D. Affonſo irmaõ delRey D. Diniz, pag. 17.

D. Lourenço Annes, He eleyto primeyro Meſtre em Portugal dos Cavalleiro de San-Tiago, pag. 48.

M

Manfreu REy de ambas Secilias de quem foy filho, pag. 6. Foy ſogro delRey D. Diniz de Portugal, pag. 3. Matou com veneno a ſeu pay, e irmaõ, pag. 6. He morto em a batalha junto de Benavente em Italia que lhe deu o Princepe Carlos, irmaõ de Saõ Luis Rey de França, pag. 6.

ElRey D. Manoel, Foy perpetuo adminiſtrador da Ordem de Chriſto, pag. 60.

Dona Maria, Filha natural delRey D. Diniz, foy cazada com D. Joaõ de Lacerda, pag. 15.

Dona Maria, Filha natural delRey D. Diniz, foy Freyra no Moſteyro de Odivellas, pag. 15.

Dona Maria, Filha dos Infantes D. Affonſo, e Dona Violante, foy cazada com D. Tello, filho do Infante D. Affonſo de Molina, pag. 16.

Martim Gonſalves de Souza, Alferes môr delRey D. Diniz, he mandado por eſte Princepe cõ ſetecentos cavallos a ajudar a ElRey de Caſtella na guerra contra os Mouros, pag. 45.

Mem Rodrigues de Vaſconcellos, Suſtenta o Caſtello de Guimaraẽs

rães por D. Diniz contra a invazaõ do Principe D. Affonſo, pag.77.

Meſſina, Cercada pelo Infante Carlos irmaõ de Saõ Luis Rey de Frauça, e levanta o ſitio obrigado por D. Pedro Rey de Aragaõ, pag.7.

Mouros, Ganhaõ as Fortalezas de Queſada, e Alcaudete com outros Caſtellos no arrebalde de Jaen, pag. 27.

N

Nicolao IV. CO Ncede a ElRey D. Diniz, que os Cavalleyros de San-Tiago ſe eximão da obediencia do Meſtre de Caſtella, pag. 48.

Nuno Gonſalves de Lara, Filho de João Nunes de Lara, cazou cõ Dona Conſtança filha dos Infantes D. Affonſo, e Dona Violante, pag. 16.

O

Ordem militar DE Jeſu Chriſto quando foy inſtituida por ElRey D. Diniz, e quem foy o ſeu primeiro Meſtre pag.60.

Orraqua Vaſques, He curada milagroſamente de hum achaque pela Rainha Santa Iſabel, pag. 12.

P

D. Pedro UNdecimo Rey de Aragão, foy filho de D. Jaymes, e a Rainha Dona Violante, e pay da Infante Santa Iſabel, pag. 5. Com quem cazou, pag. 6. Recebe obediencia do Reyno de Secilia, pag. 7. He dezafiado para Bordeos pelo Infante D. Carlos irmão de São Luis Rey de França, ibi. He excommungado pelo Papa, pag. 8. Morreo violentamente ſobre o cerco de Girona, pag. 9. Filhos que teve, ibi. Pratica que fez a ſua filha quando partio para ſe receber com ElRey D. Diniz, ibi.

D. Pedro, Filho natural delRey D. Diniz, cazou com Dona Branca filha de Pedre Annes de Portel, pag. 14.

D. Pedro, Conde de Barcellos filho natural delRey D. Diniz, foy o author das linhagens de Portugal, pag. 15.

S

ElRey D. Sancho DE Caſtella ajuſta com ElRey D. Diniz cazar ſeus filhos D. Fernando, e Dona Beatriz com os Infantes D. Affonſo, e Dona Conſtãça, filhos daquelle Principe, pag. 17. Falta ás condi-

O

condições prometidas para eſtes deſpozorios, pag. 19. Manda hũa armada ſobre o Algarve com que fez muitas hoſtilidades, pag. 20. Manda por ſeu Embayxador o Biſpo de Palença a tratar pazes com D. Diniz, e não conclue o que intenta, ibi. Em que lugar, e anno morreo, pag. 21.

Infante D. Sancho, Primo com irmão da Infante Dona Iſabel, veyo recebella a Caſtella quando vinha deſpozarſe com ElRey D. Diniz de Portugal, pag. 10.

D. Sancho, Arcebiſpo de Toledo, e filho de D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e da Rainha Dona Violante, foy morto na batalha de Andaluzia contra os Mouros, pag. 5.

D. Sancho de Ledeſma, Filho dos Infantes D. Pedro, e Dona Margarida, deſcontente delRey de Caſtella, veyo fazerſe vaſſallo delRey D. Diniz, o qual lhe aſſinou huma grande renda, pag. 24. Volta para Caſtella, pag. 25.

T

D. Tello FIlho do Infante D. Affonſo de Molina, cacou com Dona Maria, filha dos Infantes D. Affonſo, e Dona Violante, e netto de Affonſo III. de Portugal, pag. 16.

Templarios, Quem foraõ os ſeus inſtituidores em Jeruſalem, e que habitos trazião, pag. 49. Açoens heroicas, e virtuozas q̃ obravaõ, pag. 50. Saõ extinctos violentamente por Clemente V à inſtancia de Felippe de França chamado o Fermozo, pag. 52. e 53. No Concilio celebrado em Vianna da Provincia de Narbona ſe promulgou a extinçaõ deſta Ordem, pag. 57. As rendas deſta Ordem ſaõ applicadas à do Hoſpital de S. Joaõ, ibi.

V

Valdovino REy de Jeruſalem manda hoſpedar dentro do ſeu Palacio aos primeyros fundadores da Ordem do Templo, pag. 49.

Vaſco Fernandes, Meſtre dos Templarios em Portugal quando ſe extinguio eſta Ordem, pag. 56.

Dona Violante, Filha de D. Andre Rey de Ungria, caza com D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ de quem teve muitos filhos, pag. 5.

Dona Violante, Filha de D. Jaymes Decimo Rey de Aragão, e da Rainha Dona Violante, cazou cõ D. Affonſo Decimo de Caſtella avó delRey D. Diniz de Portugal, pag. 5.

Dona Violante, Filha de D. Pedro Undecimo Rey de Aragaõ, cazou com ElRey Carlos irmaõ de Saõ Luis Biſpo de Toloza, pag. 9.

Dona Violante, Filha do Infante D. Manoel

Manoel filho delRey D. Fernando de Caſtella, e da Infante Dona Conſtança foy cazada cõ o Infante D. Affonſo filho de Affonſo III, de Portugal, e que filhos teve, pag. 16.

Urbano IV. Dà a inveſtidura dos Reynos da Secilia, e Napoles ao Principe Carlos irmaõ de S. Luis Rey de França, pag. 6.

F I M.